

Muito além da
praça José Bonifácio:
as elites e os "outsiders"
em Cachoeira do Sul
pela voz do Jornal do Povo,

1930-1945



Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
Programa de Pós-graduação em História – Doutorado

Jeferson Francisco Selbach

**Muito além da praça José Bonifácio:
as elites e os “outsiders” em Cachoeira do Sul
pela voz do Jornal do Povo, 1930-1945**

São Leopoldo, março de 2007

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
Programa de Pós-graduação em História – Doutorado

Jeferson Francisco Selbach

**Muito além da praça José Bonifácio:
as elites e os “outsiders” em Cachoeira do Sul
pela voz do Jornal do Povo, 1930-1945**

Tese apresentada
como requisito parcial
para obtenção do grau de
Doutor em História

Orientação
Dr.^a Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos
Co-orientação
Dr.^a Rosemary Fritsch Brum

São Leopoldo, março de 2007

Jeferson Francisco Selbach

**Muito além da praça José Bonifácio:
as elites e os “outsiders” em Cachoeira do Sul
pela voz do Jornal do Povo, 1930-1945**

Esta Tese foi julgada e aprovada
para obtenção do título de Doutor em História
no Programa de Pós-graduação em História
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

São Leopoldo, 30 de março de 2007

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos – orientadora

Prof.^a Dr.^a Rosemary Fritsch Brum – co-orientadora

Prof.^a Dr.^a Heloísa Jochims Reichel

Prof. Dr. Solon Eduardo Annes Viola

Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci

O pior crime para com os nossos semelhantes não é odiá-los,
mas demonstra-lhes indiferença:
é a essência da desumanidade.

Bernard Shaw, *Socialismo para milionários*

Resumo

O intenso processo migratório brasileiro campo-cidade, visto nos anos 30-40, desencadeou impactos profundos no seio das relações sociais e cotidianas da cidade de Cachoeira do Sul (RS), alterando a convivência diária entre a elite moradora do espaço central que, de certa forma, cultuavam carisma grupal distintivo, cerrando fileiras e estigmatizando os não pertencentes ao grupo, os “*outsiders*”, migrantes “subalternos” ou todos aqueles que viviam do “lado de fora”.

Nesta tese, busquei a dinâmica desta mudança no dia-a-dia da elite cachoeirense, considerando as transformações da diferenciação social praticada por esse grupo, procurei ver os estigmas que a elite lançava sobre os forasteiros, como se constituía a sociodinâmica dessa estigmatização, principalmente através das páginas do Jornal do Povo (JP), porta-voz da elite. Tentei compreender como o espaço urbano central da sede do município constituiu-se em campo de enfrentamento das forças simbólicas locais, no momento em que abrigou ou excluiu os habitantes de acordo com sua estirpe. Procurei ver a influência dos fluxos migratórios locais na organização/desorganização desse espaço urbano e de que maneira o fazer diário da elite cachoeirense foi se reafirmando/modificando em contato com os “novos bárbaros”.

Utilizei, como fontes de pesquisa, documentos históricos referentes ao município, edições reunindo dados locais, documentos avulsos, parte do acervo iconográfico constituído de fotos, mapas, planos urbanos e outras imagens do município, organizados e cedidos pelo Arquivo Histórico Municipal e pelo Museu Histórico Municipal. Incluí na pesquisa dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Fundação de Economia e Estatística (FEE/RS), principalmente os referentes aos deslocamentos populacionais e à economia da região de Cachoeira do Sul. A fonte mais presente foram os

fragmentos de notícias, reportagens, crônicas, apêditos, etc., no período de 1929 até 1948, da imprensa local, em especial do Jornal do Povo.

Para alcançar os objetivos a que me propus, estruturei este trabalho em sete capítulos, onde refleti sobre questões teóricas do tema e históricas sobre Cachoeira do Sul e sobre a imprensa; analisei as inter-relações entre aspectos econômicos, urbanos e migratórios locais, na perspectiva de dependência/autonomia com demais níveis; procurei ver a predominância de alguns aspectos econômicos sobre os fluxos migratórios e como essa corrente campocidade, intra-regional ou mesmo inter-estadual, influenciaram na construção, reforma, organização e desorganização do espaço urbano cachoeirense, especificamente sua zona central; e onde procurei ler as práticas cotidianas da elite cachoeirense no período em questão, em especial as rupturas delas decorrentes e que foram significativas para o dia-a-dia dos estabelecidos, em confronto com os *outsiders*.

Palavras-chave: cotidiano – imprensa – nostalgia – elite – *outsiders*

Résumé

L'intense processus migrateur brésilien champ-ville, visa nous années 30-40, il a déchaîné des impacts profonds dans le sein des relations sociales et quotidiennes de la ville de Cachoeira do Sul (RS), en modifiant la convivência quotidienne entre l'élite vivante de l'espace central que, de certain il forme, cultuavam charisme grupal insigne, cerrando rangées et estigmatizando les non appartenant au groupe, les « outsiders », migrants « subalternes » ou « populaires » qui vivaient du « côté de dehors ».

Dans cette thèse, j'ai cherché la dynamique de ce changement dans quotidien de l'élite cachoeirensse, en considérant les transformations de la différenciation sociale pratiquée par ce groupe, j'ai cherché à voir les stigmates que l'élite lançait sur les étrangers, comme se constituer partenaire dynamique de cette stigmatisation, principalement à travers les pages du Jornal do Povo (JP), porte-parole de l'élite. J'ai essayé de comprendre comme l'espace urbain central du siège de la ville s'est constitué dans champ de confrontation des forces symboliques locales, au moment où il a abrité ou a exclu les habitants conformément à sa lignée. J'ai cherché à voir influence des flux migrateurs locaux dans l'organisation-désorganisation de cet espace urbain et comment faire quotidien de l'élite cachoeirensse a été si en réaffirmanten modifiant dans contact avec les « nouveaux Barbares ».

J'ai utilisé, comme des sources de recherche, documents historiques afférents à la ville, éditions en se réunissant données locales, documents douteux, partie de la quantité iconographique constituée de photos, cartes, plans urbains et autres images de la ville, organisés et cédés par Arquivo Histórico Municipal et par Museu Histórico Municipal. Il inclut dans la recherche des données statistiques de la Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) et de la Fundação de Economia e Estatística (FEE/RS). La source le plus

présent ont été les fragments d'observations, reportages, chroniques, etc., dans la période de 1929 jusqu'en 1948, de la presse locale, en particulier du *Jornal do Povo*.

Pour atteindre les objectifs auxquels je me suis proposé, j'ai structuré ce travail à sept chapitres, ils ont reflété sur des questions théoriques du sujet et historiques sur Cachoeira do Sul et sur la presse; j'ai analysé les interrelations entre des aspects économiques, urbains et migrants lieux, dans la perspective de dépendance-autonomie avec autres niveaux; j'ai cherché à voir prédominance de quelques aspects économiques sur les flux migrants et comme ce courant champ-ville, intra-régionale ou même inter-de-l'état, ils ont influencé dans la construction, il reforme, organisation et désorganisation de l'espace urbain cachoeirense, spécifiquement sa zone centrale; et où j'ai cherché à lire les pratiques quotidiennes de l'élite cachoeirense dans la période concernée, en particulier les ruptures d'elles liées et ils qu'ont été significatifs pour quotidien établis, dans confrontation avec les *outsiders*.

Mots-clé: quotidienne – presse – nostalgie – élite – *outsiders*

Lista de figuras, gráficos e tabelas

I. Figuras

1. Charge de Roni Fortes, publicada em 1/11/1994, sobre a decadência do cinema Coliseu, exigindo o tombamento do cinema antes que causasse algum acidente. Fonte: Jornal do Povo 27
2. Charge de Roni Fortes, publicada em 1/6/1998, sobre a decadência da Casa da Aldeia. O abandono da Casa da Aldeia seria devido ao pouco interesse da população. Fonte: Jornal do Povo 27
3. Charge de Roni Fortes, publicada em 10/2/2001, sobre a decadência do cinema Coliseu. A pretensa demolição do cinema não apagaria as lembranças. Fonte: Jornal do Povo 27
4. Charge de Roni Fortes, publicadas em 28/7/1994, sobre a crise econômica cachoeirense, intitulada “progresso”, criticando a concentração econômica no comércio. Fonte: Jornal do Povo 29
5. Charge de Roni Fortes, publicadas em 29/10/1994, mostrando um canguru caminhando pra trás, o que representa o grupo empresarial que ensaiou instalar uma unidade industrial na cidade, mas que nunca se concretizou. Fonte: Jornal do Povo 29
6. Charge de Roni Fortes, publicadas em 28/9/1995, mostrando a crise do setor primário, atolado em dívidas, o que levaria o agricultor ao suicídio. Fonte: Jornal do Povo 29
7. Charge de Roni Fortes, publicada em 14/7/1993, refletindo o “estado de espírito” da comunidade, segundo visão do jornal. A pobreza era sinal de que Cachoeira “ainda” existia. Fonte: Jornal do Povo 29
8. Charge de Roni Fortes, publicada em 3/8/1993, refletindo o “estado de espírito” da comunidade, segundo visão do jornal. A maior miséria cachoeirense foi motivo de vitória sobre o município rival de Santa Cruz do Sul. Fonte: Jornal do Povo 29

9. Charge de Roni Fortes, publicada em 17/8/1993, refletindo o “estado de espírito” da comunidade, segundo visão do jornal. A rasura do “en” no quadro deixa transparecer a decadência, ou o “fim” da cidade. Fonte: Jornal do Povo . 29
10. Escritora Célia Maria Maciel. Fonte: Jornal do Povo [disponível em <http://www.jornaldopovo.com.br/default.php?arquivo=materia.php&intIdEdição=961&intIdConteudo=60462> – acessado em 30/8/2006] 34
11. Escritor Liberato Vieira da Cunha. Fonte: Jornal do Povo [disponível em http://www.jornaldopovo.com.br/default.php?arquivo=_materia.php&intIdEdicao=589&intIdConteudo=43789 – acessado em 30/8/2006] 34
12. Engenheiro Chulipa Möller. Fonte: Jornal do Povo [disponível em http://www.jornaldopovo.com.br/default.php?arquivo=_materia.php&intIdEdicao=156&intIdConteudo=8499 – acessado em 30/8/2006] 34
13. Médico Carlos Eduardo Florence. Fonte: Jornal do Povo [disponível em http://www.jornaldopovo.com.br/default.php?arquivo=_materia.php&intIdEdicao=848&intIdConteudo=55559 – acessado em 30/8/2006] 34
14. Chargista Roni Fortes. Fonte: Jornal do Povo [disponível em http://www.jornaldopovo.com.br/default.php?arquivo=_materia.php&intIdEdicao=1053&intIdConteudo=64848 – acessado em 30/8/2006] 35
15. Empresário Paulo Sanmartin. Fonte: Jornal do Povo [disponível em http://www.jornaldopovo.com.br/default.php?arquivo=_materia.php&intIdEdicao=1053&intIdConteudo=64848 – acessado em 30/8/2006] 35
16. Professora Vera Beatriz Machado de Freitas. Fonte: Jornal do Povo [disponível em http://www.jornaldopovo.com.br/default.php?arquivo=_materia.php&intIdEdicao=1053&intIdConteudo=64848 – acessado em 30/8/2006] 35
17. Colunista social Helena Vieira da Cunha. Fonte: Jornal do Povo [disponível em http://www.jornaldopovo.com.br/default.php?arquivo=_materia.php&intIdEdicao=214&intIdConteudo=11095 – acessado em 30/8/2006] 35
18. Mapa da sede de Cachoeira do Sul, início do século, feito por Joaquim Vidal. No detalhe, a zona baixa ou central, com o Largo do Colombo (estação de trem) à esquerda, a praça do José Bonifácio ao centro e o paço municipal e a igreja (praça Balthazar de Bem) à direita. Fonte: Arquivo Público Municipal de Cachoeira do Sul 61
19. Frontispício do jornal A Idéia, que circulou em Cachoeira do Sul. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 74
20. Frontispício do jornal O Commercio, que circulou em Cachoeira do Sul. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 74
21. Frontispício do jornal Oku, que circulou em Cachoeira do Sul. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 74
22. Frontispício do jornal Avenida, que circulou em Cachoeira do Sul. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 74
23. Tipografia de O Commercio, que editou jornal de mesmo nome, em 1922. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 74

24.	Tipografia de O Comercio, que editou jornal de mesmo nome, em 1922. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	74
25.	Prédios do teatro e da Câmara, Júri e Cadeia, construídos entre 1831-33. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	94
26.	Ponte de pedra, construída em 1848. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	97
27.	Ponte de pedra, construída em 1848. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	97
28.	Planta da cidade da Cachoeira, em 1850, do engenheiro João Martinho Buff. Na parte esquerda superior, a leste, em destaque o Pelourinho, atual praça José Bonifácio. Na parte direita inferior, a oeste, o paço municipal e o rio Jacuí. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	98
29.	Trilhadeira acionada pelo motor Lanz, trilhando arroz na lavoura Santa Maria, de Neves & Cia., 1916. Acervo Achylles Figueiredo, anos 20-30. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	103
30.	Locomóvel na colheita do arroz na lavoura de Jorge Franke, 1916. Acervo Achylles Figueiredo, anos 20-30. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	103
31.	Secadores de arroz. Acervo Achylles Figueiredo, anos 20-30. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	103
32.	Calha de água em lavoura de arroz. Acervo Achylles Figueiredo, anos 20-30. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	103
33.	Cachoeira no início do século XX: transporte das mercadoria vindas das colônias Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	106
34.	Empregados do Paredão da Charqueada, que, apesar da origem colonial alemã, utilizava a mão-de-obra de ex-escravos. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	106
35.	Vista parcial de Cachoeira do Sul em 1922. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	107
36.	Casa Bandeira Branca. Fonte: CAMOZATO, Benjamin C. (org.) <i>Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil</i> , Cachoeira de Sul: Município de Cachoeira, 1922	109
37.	Atelier de modas Helena B. Lauer. Fonte: CAMOZATO, Benjamin C. (org.) <i>Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil</i> , Cachoeira de Sul: Município de Cachoeira, 1922	109
38.	Depósito do Engenho Brasil, no centro da cidade, em 1922. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul e CAMOZATO, Benjamin C. (org.) <i>Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil</i> , Cachoeira de Sul: Município de Cachoeira, 1922	110
39.	Interior da fundição Mernak & Cia. Ltda., em 1922. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul e CAMOZATO, Benjamin C. (org.) <i>Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil</i> , Cachoeira de Sul: Município de Cachoeira, 1922	110

40. Mercado Público construído na praça do pelourinho em 1881. CAMOZATO, Benjamin C. (org.) *Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil*, Cachoeira de Sul: Município de Cachoeira, 1922 112
41. Mercado Público construído na praça do pelourinho em 1881. CAMOZATO, Benjamin C. (org.) *Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil*, Cachoeira de Sul: Município de Cachoeira, 1922 112
42. Rolo compressor usado na macadamização da rua Sete de Setembro, no Centro, anos 10-12. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 115
43. Postes de luzes na rua Sete de Setembro, anos 10-12. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 115
44. Largo do Colombo, contíguo à estação ferroviária, anos 10-12. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 116
45. Bairro Rio Branco, calçamento de ruas com paralelepípedo, anos 20. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 118
46. Residências do bairro Rio Branco, final dos anos 20. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 118
47. Praça José Bonifácio, no início do século XX, antes das modificações. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 119
48. Praça José Bonifácio, no início do século XX, antes das modificações. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 119
49. Bar Cachoeirense, na avenida das Paineiras, centro da cidade, anos 20. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 119
50. Chalé Ponto Chic construído na praça José Bonifácio. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 119
51. Praça Almirante Tamandaré, posterior Balthazar de Bem, murada Ao fundo vê-se o prédio do Teatro Municipal, destruído nos anos 50 para dar lugar a uma escola. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 120
52. Leste da Almirante Tamandaré, não murada. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 120
53. *Chateau d'Eau*, anos 20. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 124
54. Início das obras de instalação da rede de esgoto, vendo-se o intendente, capitão Francisco Fontoura Nogueira da Gama, de sobretudo, com uma picareta na mão, fevereiro de 1924. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 124
55. Inauguração do reservatório R2, em janeiro de 1927. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 126
56. Praça Borges de Medeiros (ou praça da caixa d'água) em 1928. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 126
57. Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, nos anos 1920, antes das modificações da fachada em estilo colonial. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 127

58. Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, vista interna do altar, em estilo renascentista, antes da remodelação completa. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 127
59. Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, remodelação da fachada com a colocação de estátua entre as torres, em 1927-29. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 127
60. Calçamento da rua Sete de setembro, 1927. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 129
61. Calçamento da calçada da Praça José Bonifácio, 1927. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 129
62. Inauguração da primeira bomba de gasolina da marca *Standard Oil*, na rua Júlio de Castilhos esquina Juvêncio Soares. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 131
63. Ônibus com bancos transversais e laterais. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 131
64. Remodelação da praça José Bonifácio, testada sudoeste, com a derrubada das paineiras no canteiro central, construção de balaustradas e canteiros e instalação de postes de ferro fundido e bancos de concreto com assento de madeira, em 1928. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 133
65. Remodelação da praça José Bonifácio, construção da pérgula, passeio feito com duas séries de colunas paralelas para suportar vegetação, construída no lado noroeste da praça em 1928. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 133
66. Rua Sete de Setembro, tendo à direita a praça José Bonifácio, em tomada noturna, no final dos anos 20. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 134
67. Rua Sete de Setembro, tendo à direita a praça José Bonifácio, em tomada diurna, no final dos anos 20. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 134
68. Festa das Flores, em novembro de 1913. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 136
69. Festa das Flores, em novembro de 1913. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 136
70. Cena interna do Café Carioca, anos 20. Fonte: CAMOZATO, Benjamin. *Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil*. Cachoeira: Município de Cachoeira, 1922 e Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 142
71. Bar Cachoeirense, na avenida das Paineiras, centro da cidade, anos 20. Fonte: CAMOZATO, Benjamin. *Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil*. Cachoeira: Município de Cachoeira, 1922 e Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 142

72. Olavo Bilac em reunião na residência de João Neves da Fontoura, anos 20. Fonte: CAMOZATO, Benjamin. *Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil*. Cachoeira: Município de Cachoeira, 1922 e Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 142
73. Destilaria Cachoeira Ltda., anos 30. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 149
74. Grande Engenho Central, anos 30. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 149
75. Motor Lanz, de 100 HP, anos 30. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 149
76. Parte interna do Engenho Central, anos 30. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 149
77. Casa Fialho, em frente a praça José Bonifácio. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 150
78. Açougue de Ernesto Krieguer. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 150
79. Edifício do Banco Pelotense, posteriormente sede do Banco do Rio Grande do Sul. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 151
80. Edifício do Banco Agrícola Mercantil. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul 151
81. Ponte sobre o Trombudo, em 1930. Fonte: Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. Cachoeira: Oficinas graphics d'O Commercio, 1930 155
82. Passo do Cerro Chato, em 1930. Fonte: Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. Cachoeira: Oficinas graphics d'O Commercio, 1930 155
83. Ponte no Formoso sobre o arroio Trombudo, em 1930. Fonte: Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. Cachoeira: Oficinas graphics d'O Commercio, 1930 156
84. Ponte sobre o arroio Prochnow, em 1930. Fonte: Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. Cachoeira: Oficinas graphics d'O Commercio, 1930 156
85. Aspectos da inauguração da ponte do Sítio, em 1930. Fonte: Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. Cachoeira: Oficinas graphics d'O Commercio, 1930 156
86. Aspectos da inauguração da ponte sobre o arroio dos Dottos, em Vale Vêneto, em 1930. Fonte: Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. Cachoeira: Oficinas graphics d'O Commercio, 1930 156

87.	Assoreamento do rio Jacuí, nos anos 10. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	158
88.	Antigo porto, quando da enchente de maio de 1941. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	158
89.	Avani Cordeiro de Farias, esposa do Interventor, coroando a rainha Luci Ribeiro, em 1941. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	163
90.	Desfile da I Festa do Arroz, em 1941. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	163
91.	Mecanização da lavoura de arroz de João Anceto de Moraes, em 1955. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	166
92.	Mecanização da lavoura de arroz de João Anceto de Moraes, em 1955. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	166
93.	Pinguela ligando o centro da cidade ao bairro Santo Antônio, em meados dos anos 40. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	171
94.	Vila Marina, subúrbio a noroeste do centro, em 1953. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	171
95.	Fachada do antigo Hospital de Caridade. Fonte: Hospital de Caridade e Beneficência, Amigo HCB e Exposição do Arquivo Histórico Municipal “HCB, 100 anos de história”	177
96.	Fachada do Hospital de Caridade, construído na praça Itororó, anos 60, em frente ao Antigo hospital. Fonte: Hospital de Caridade e Beneficência, Amigo HCB e Exposição do Arquivo Histórico Municipal “HCB, 100 anos de história”	177
97.	Residências do bairro Rio Branco, final dos anos 20. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	189
98.	Prédio da Agência Ford, anos 20. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	189
99.	Planta original da igreja católica Santo Antônio, assinadas pelo arquiteto José Lutzemberg em 1926. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	194
100.	Planta original da igreja católica Santo Antônio, assinadas pelo arquiteto José Lutzemberg em 1926. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	194
101.	Cine-teatro Coliseu Cachoeirense, construído na praça José Bonifácio, no ano de 1911. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	196
102.	Cine-teatro Coliseu Cachoeirense, na rua Sete de Setembro, em estilo <i>art decó</i> , deteriorado nos anos 90. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	196
103.	Instantâneo da festa íntima na residência de Balthazar de Bem, pose do belo sexo, em 1922. CAMOZATO, Benjamin C. (org.) <i>Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil</i> , Cachoeira de Sul: Município de Cachoeira, 1922	200
104.	Quadra de tênis construída na praça Borges de Medeiros. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	220

105.	Espaço de descanso construído na praça Borges de Medeiros. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	220
106.	Cena interna do Café Paulista, nos anos 20. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	223
107.	Cine-teatro Coliseu, na praça José Bonifácio, em 1922. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	226
108.	Trânsito intenso na rua Sete de Setembro, fim dos anos 20. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	247
109.	Estação ferroviária na zona central da cidade, anos 20-30. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	257
110.	Estação ferroviária na zona central da cidade, anos 20-30. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	257
111.	Aviões no aeroporto, anos 40-50. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul	259
112.	Anúncio da <i>Pensão Nova</i> de Joana Grehs. Fonte: PORTELA, Vitorino; PORTELA, Manoel de Carvalho. <i>Cachoeira Histórica e Informativa</i> . Cachoeira: Tipografia Portela, 1940	271

II. Gráficos

1.	Produção de arroz em Cachoeira do Sul - 1906-1940. Fonte PIMENTEL, Fortunato. <i>Aspectos Gerais de Cachoeira</i> . Porto Alegre: Tipografia Gundlach, 1941, p.18-39	105
2.	Quantidade da produção nacional de arroz em casca 1920-1940. Fonte: Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1950 a 1988. 2. ed. rev. e atual. do v. 3 de Séries estatísticas retrospectivas. Rio de Janeiro, IBGE, 1990	160

III. Tabelas

1.	Movimento industrial do município de Cachoeira, em 1937. Fonte: PIMENTEL, Fortunato. <i>Aspectos Gerais de Cachoeira</i> . Porto Alegre: Tipografia Gundlach, 1941, p.101-103	148
2.	Gastos com melhorias nas estradas do interior, em 1929. Fonte: Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. Cachoeira: Oficinas graphicas d'O Comercio, 1930, p.27-38	153

3. Passos, arrendatários e valor do arrendado anualmente, em 1929. Fonte: Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. Cachoeira: Oficinas graphicas d'O Commercio, 1930 155
4. Comparativo de mortes na cidade de Cachoeira do Sul, em 1919 e 1929, discriminadas por moléstia. Fonte: *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa*, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. Cachoeira: Oficinas graphicas d'O Commercio, 1930 170
5. Consumo de água encanada e valor arrecadado com o serviço, nos anos 1926-1930. *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa*, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. Cachoeira: Oficinas graphicas d'O Commercio, 1930 180
6. Balanço Geral dos Empréstimos Municipais em 28 de fevereiro de 1930. Fonte: *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa*, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. Cachoeira: Oficinas graphicas d'O Commercio, 1930, p.40 e 55 185

Abreviaturas

- AMICUS – Associação Cachoeirense dos Amigos da Cultura
- CEEE – Comissão Estadual de Energia Elétrica do Rio Grande do Sul
- CEEE – Companhia Estadual de Energia Elétrica do Rio Grande do Sul
- CMPU – Conselho Municipal do Plano de Urbanismo
- CRT – Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações
- DAC – Departamento de Aviação Civil
- DAER – Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem do Rio Grande do Sul
- DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo
- ESASC – Escola Superior de Artes Santa Cecília
- FEE/RS – Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul
- FENARROZ – Festa do Arroz ou Feira Nacional do Arroz
- FUNVALE – Fundação Educacional do Vale do Jacuí Centro
- HCB – Hospital de Caridade e Beneficência
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IRGA – Instituto Rio-Grandense do Arroz
- IT&T – *International Telephone and Telegraph*
- JP – Jornal do Povo
- LBA – Legião Brasileira de Assistência
- MAN – *Maschinenfabrik Augsburg-Nürnberg*
- PC – Partido Comunista
- PIB – Produto Interno Brasileiro
- PRL – Partido Republicano Liberal
- PRR – Partido Republicano Rio-Grandense

PSD – Partido Social Democrático

R2 – Reservatório de água na praça Borges de Medeiros

RMPA – Região Metropolitana de Porto Alegre

SAVAG – S.A. Viação Aérea Gaúcha

SCAN – Secretaria de Assistência

SIE – Serviços Industriais do Estado

SUC – Sociedade União Cachoeirense

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil

VARIG – Viação Aérea Rio-grandense

Sumário

Prólogo: nostalgia do tempo perdido	22
1. Reflexões e inflexões	59
1.1. Os descaminhos do cotidiano	59
1.2. Autoridade e legitimidade da escrita	68
1.3. Jornal do Povo, para a elite	71
2. O vir-a-ser cachoeirense: do espaço construído ao espaço habitado	88
2.1. Das disputas fronteiriças à formação da vila	88
2.2. Independência e alterações urbanas	93
2.3. Os colonos plantam arroz irrigado e colhem fortunas	99
2.4. Metamorfose do espaço habitável	111
2.5. Refinamento de hábitos: a prática cotidiana da elite cachoeirense	135
3. A economia e a chegada dos novos bárbaros	144
3.1. Abundância e crise	144
3.2. Os novos bárbaros estão chegando!	167
3.3. O entrincheiramento da elite frente à invasão bárbara	179
4. Civilidade e convivência	198
4.1. Regramento de conduta como fortalecimento e diferenciação da elite	198
4.2. Até que a morte os separe	211
5. Deleite: gozo íntimo, prazer pleno	216
5.1. Lazer ao ar livre: entretenimento em público	216
5.2. Ociosidade, alienação, elevação de espírito	222
5.3. Diversão reservada só nos bailes e eventos sociais	231
6. Transitando no espaço público	237
6.1. Praças ajardinadas: lócus da sociabilidade	237
6.2. <i>Trottoir</i> do passante	245
6.3. Nas ondas dos céus	258

7.	A classe perigosa deve ser contida	263
7.1.	Influência nefasta dos <i>outsiders</i>	263
7.2.	Canalhada ébria de vinho, tonta de fumaça	272
7.3.	Chame a polícia!	278
7.4.	Estado policiesco para manter os “de baixo” afastados da elite	281
7.5.	Tipos urbanos: a invenção da subalternidade miserável	289
	Considerações finais: nostalgia ontem e hoje	296
	Bibliografia	302
	Anexos	318
I	Fragmentos do Jornal do Povo 1929-1948 e 1980-2001	318
II	Proprietários das primeiras casas de alvenaria no núcleo urbano de Cachoeira, no início do século XIX	433
III	Relação de compradores das terras da Quarta Colônia em 1880	433
IV	Relação das lavouras de arroz irrigado em 1911	433
V	Sobrenomes de lavoureiros, industriais, comerciantes e moradores de Cachoeira, da zona urbana, no centro e na zona alta, no final dos anos 20.....	434
VI	Relação nominal dos fundadores e presidentes do Clube Comercial, dos fundadores, das madrinhas no batismo dos barcos e tripulação do Grêmio Náutico Tamandaré	434
VII	Relação nominal de profissionais liberais cachoeirenses em 1940	434
VIII	Relação nominal dos doadores para a construção da igreja São José, em 1915	435
IX	Relação nominal dos doadores para reformas na igreja São José, entre 1938 e 1941	435
X	Relação nominal dos doadores do púlpito para a igreja de Santo Antonio, em 1940	435
XI	Relação nominal dos doadores para a construção da capela de Santa Terezinha, na vila Barcelos, em 1940	436
XII	Relação nominal das eleitoras de Cachoeira, cartório eleitoral da 9ª zona, em 1933, com número do título	436
XIII	Adeptos do tênis nos anos 1920-40	436

Prólogo: nostalgia do tempo perdido

Nos anos 1980-90, a imprensa de Cachoeira do Sul/RS, em especial o Jornal do Povo (JP),¹ potencializou fortemente certa nostalgia ao passado perdido, implicitamente os anos 20, período pelo qual a cidade passara por transformações urbanas que modificaram profundamente as feições da sua zona central, consequência do enriquecimento produzido pela cultura do arroz irrigado, tempo tido pela elite local como pujante.

Foi essa nostalgia que me fez voltar os olhos para a Cachoeira dos anos 30-45, porque nas décadas subsequentes a 20, a cidade recém-urbanizada começou a sofrer fortemente o impacto da chegada dos imigrantes subalternos, fruto do êxodo rural em curso. No curto período que compreende a instauração do governo Vargas até o término da Segunda Guerra Mundial, transformaram-se muitas das relações entre a elite moradora da área central de Cachoeira e a população pobre que vinha do campo e instalava-se nos subúrbios da cidade.

O episódio que ficou conhecido por *Tira o Chapéu*, publicado na Revista Aquarela em 1957, exemplifica os limites explícitos que a elite cachoeirense, mônada da brasileira, traçava para demarcar as diferenças sociais na alvorada do século XX.² Em meados dos anos 1920, a praça José Bonifácio, outrora praça do Pelourinho, zona central de Cachoeira do Sul, acabou servindo de palco da brincadeira que acabou tragicamente. Neste tempo, era clara a divisão entre elite “branca”, de origem lusa, germânica ou mesmo ítala, e os subalternos, o povo ou a população pobre, constituída principalmente por negros e mestiços. No logradouro central, o marco divisório para a prática do *footing*, passeio que se fazia a pé para espairar e aparecer, era a confluência das ruas Sete de Setembro, ex-rua do Loreto, com a então 24 de Maio, ex-travessa do Ilha, denominada também de rua Cantagalo, atual Silvio Scopel, face sul da praça.

¹ Utilizarei daqui pra frente, em alguns momentos, a abreviatura JP para designar o Jornal do Povo, não só por questão de repetição mas porque comumente a comunidade cachoeirense refere-se ao jornal dessa maneira.

² GUIDUGLI, Humberto Attilio. *Tira o chapéu*. Revista Aquarela, outubro de 1957.

O espaço da elite era à direita, a leste, e o da população pobre à esquerda, a oeste. O sujeito “de cor” que tivesse a “petulância” de “entrar na seara alheia” era prontamente retirado.

Um novo modelo de chapéu feminino havia sido lançado no Rio de Janeiro e já causava frisson na capital gaúcha. Antes de ser vendido nas lojas locais, o conhecido cachoeirense Balthazar Patrício de Bem, que tinha residência bem em frente à praça, encomendou certa quantidade e distribuiu-os em segredo para suas serviçais, todas mulheres negras, com a condição de exibirem-no na praça do “belo sexo branco”, o que foi feito.³ Em resposta a iniciativa, a elite local protestou com gritos de “não pode”, “abaixo os chapéus” e “fora, fora da praça”. Algumas noites depois, a persistência das mulheres negras de usar o chapéu no espaço destinado às brancas fez exaltar os ânimos. A Revista Aquarela descreveu o fatídico momento da seguinte forma: “Toldaram-se os horizontes e a chuva de pau desandou sobre a praça com violência, onde além da madeira, correu o relho, o rabo de tatu e o facão, enquanto se viam roupas cortadas, chapéus espedaçados e gente ferida”. A luta assumiu aspecto de maior violência, sendo necessário intervenção policial.

Embora as diferenciações mostradas nesse episódio tenham-se tornado mais implícitas nos anos seguintes, nem por isso desapareceram completamente. Muitas, na verdade, assumiram novas roupagens, como o sentimento de nostalgia desencadeado pelos descendentes dessa elite cachoeirense. Os escritos jornalísticos dos anos 1980-90, em especial os do Jornal do Povo, ao remeterem a narrativa ao tempo da segregação social explícita que marcou o fazer urbano até a explosão da subalternidade referida, reivindicavam tacitamente o desejo do seu retorno, como pretendo mostrar daqui pra frente.

Quando conheci Cachoeira do Sul, no início de 2001, comumente ouvia frases do tipo “nós éramos...” ou “naquele tempo é que era bom, era diferente...”. Essa busca do passado idealizado é presentificada em muitas rodas de conversa atuais. Posteriormente, descobri que esse saudosismo dos “bons tempos”, de lembrar nostalgicamente o passado como o tempo perfeito e idealizado, foi consequência do crescimento, na segunda metade do século XX, em menor grau do que outras cidades, o que tirou dela muito do prestígio econômico de outrora. Saltava aos olhos durante as primeiras inserções na pesquisa ao jornal o fato de muitos textos – reportagens, editoriais, crônicas ou mesmo as charges – explicitarem incessantemente em seu conteúdo o tempo passado como “perfeito” e “idealizado”.⁴ Coincidentemente, remetiam-

³ O autor da brincadeira foi omitido na Revista Aquarela, mas o Arquivo Histórico Municipal de Cachoeira do Sul/RS, revelou-me essa informação em 2004.

⁴ Esta tese nasceu da idéia desenvolvida no projeto de pesquisa intitulado *Jornal do Povo 1929-2001: a influência do discurso jornalístico na construção da identidade de Cachoeira do Sul/RS*, desenvolvido em parceria com o filósofo Paulo Ricardo Tavares da Silveira, desde 2001, em parte financiada pela

se a um período onde os indivíduos sabiam o seu lugar na sociedade, onde os territórios espaciais e simbólicos tinham zonas limítrofes bem demarcadas, de certa forma segregadas, e onde a elite transitava com a liberdade de quem comanda o espetáculo da rua.

Chamo de nostálgico esse retorno ao passado porque é feito de forma distorcida, mitificada e seletiva, enxerga o ontem em acontecimentos desconexos, resgatando somente partes do ocorrido, normalmente as mais favoráveis, retirando essas partes de seu contexto original de tal maneira que desvirtua a história do momento em questão. Esse olhar nostálgico é feito efusivamente pelo Jornal do Povo, a quem intitulo porta-voz da elite cachoeirense, tanto a dos anos 30-45, quanto sua remanescente dos anos 80-90.

Comparo essa nostalgia da elite local, potencializada pela imprensa, ao que Walter Benjamin denunciou de historicismo, olhar histórico que carrega os despojos do passado dos vencedores no cortejo triunfal do presente, espezinhando “os corpos dos que estão prostrados no chão”, dos vencidos na batalha. É o olhar que traz consigo somente os bens culturais dos dominadores ao contar a história, banindo os dos dominados. Para Benjamin, realizar a contra-leitura seria olhar o passado de forma a detectar as falhas que estruturam o presente, única maneira que permitiria a “redenção”. Dar uma espécie de “salto de tigre em direção ao passado”, para buscar o “tempo-do-agora”, saturado de experiências e orientado para a construção das condições de emergência do presente. Ao detectar essas pequenas falhas que estruturam o sentido do passado, o crítico que lança o olhar retrospectivo corrigiria decisivamente a concepção historicista, nesse caso também a nostálgica.⁵

O olhar nostálgico que impera no Jornal do Povo dos dias de hoje prende-se, ao meu ver, a uma concepção distorcida da realidade porque remete-se ao passado para nele buscar a parte valorizada, as lembranças de determinado grupo social. Na leitura que faço do JP, procuro entender o que esses nostálgicos buscam no passado e o porquê dessa busca. No meu entender, resgatar os chamados tempos áureos no presente dá-se em razão da inconformidade

ULBRA/Cachoeira do Sul. Por esta razão, o banco de dados de notícias de jornal totalizou 8.017 fragmentos (1.633 páginas) de 1929 a 2001.

⁵ BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In: _____. *Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. Ver ainda: PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. Rio de Janeiro: O Globo, 2003; RICKES, Simone Moschen. *A construção da memória e a condição da perda*. In: Revista Horizontes, v.23, n.1, jan/jun 2005, p.39-46 [disponível em <http://www.saofrancisco.edu.br/edusf/revistas/horizontes/Horizontes-2005-1/horizontes-5.pdf> – acessado em 10/1/2006]; POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: Revista Estudos Históricos, v.2, n.3, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989, p.3-15 [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf> - acessado em 10/1/2006] e ENNE, Ana Lucia; TAVARES, Cristine. *Memória, identidade e discurso midiático: uma revisão bibliográfica* [disponível em <http://www.castelobranco.br/pesquisa/vol1/docs/memoria2.doc> - acessado em 18/3/2006]. Interessante ainda a concepção de MORIN, Edgar KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2000, para quem a nostalgia surge com muita força no fim do século XX, em razão da perda das certezas no futuro.

da presença dos “bárbaros” ou *outsiders* no meio urbano, que na época a que se referem estava livre da sua presença. Sem os pobres ou subalternos, a área central era higienizada e limpa. Acredito que essa busca do tempo perdido esconde no íntimo sentimento elitista, segregacionista e excludente, típico da sociedade dos anos 20-40.⁶

Em vários momentos dos anos 1980-90, a nostalgia aparece com muita força nas páginas do Jornal do Povo. No início da década de 80, por exemplo, a coluna *Opinião* elogiou a iniciativa de promover o carnaval “anos 30”, através da enquete realizada com presidentes de clubes, como José Noeli Lopes, da Sociedade União Cachoeirense (SUC), para quem “reviver o passado é uma das coisas mais lidas que se pode fazer”.⁷ A coluna *Panorama* defendeu a feira-livre, algo que deveria ser preservado “com muita carinho”, encarado com “mais ternura”, pois era a “fotografia sempre presente do nosso passado”, quando “a vida era calma, pacata e civilizada”, “gostosa de ser vivida”.⁸ A mesma coluna desejava a volta do passado glorioso, incentivando os cachoeirenses a mudar o dito popular de “terra do já teve” para “terá de novo e muito mais”, respeitando o passado mas sempre pensando no futuro, sem “contemplações amorfas de um tempo que já está sepultado”.⁹

A coluna social *Helena*, assinada por uma das proprietárias do jornal, também contribuiu para este resgate, ao destacar os encontros das senhoras cachoeirenses residentes no Rio de Janeiro, para lembrar “os tempos vividos em Cachoeira do Sul, sua terra natal”.¹⁰ Refutou a idéia de que debutar estaria fora de moda, ultrapassado, *démodé*. Para ela, seria a forma mais elegante de dar notícia para a sociedade de que a jovem passou a constituir o grupo social: “sempre haverá debutantes, enquanto houver sociedade e civilização. Enquanto houver poesia e amor”, ponderou.¹¹

As matérias e editoriais do Jornal do Povo dos anos 90 acentuaram esse apego ao passado. Em 1991, a reportagem *Desemprego é a maior preocupação dos cachoeirenses* trouxe pesquisa de opinião pública realizada com 347 cachoeirenses da zona urbana, apontando o desemprego como o maior problema da cidade (82,4%). Segundo opinião expressa no texto, Cachoeira sofria com “erros do passado, quando centrou sua economia num comércio e indústria dependentes exclusivamente do setor primário, liderado pela

⁶ Me apropriado, ao longo deste trabalho, do conceito de “estabelecidos” e “outsiders” de ELIAS, Norbert. SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000

⁷ JP, 6/1/1980 Opinião. Carnaval “Anos 30”, p.2

⁸ JP, 20/5/1982 Panorama, p.4

⁹ JP, 3/3/1983 Panorama, p.3

¹⁰ JP, 22/7/1984 2º caderno. Helena. As cachoeirenses no Rio, p.3

¹¹ JP, 30/6/1985 2º Caderno. Helena. Debutantes 85, p.3

agricultura”.¹² No mesmo ano, a coluna *Panorama Geral* destacou a opinião dos vereadores Natalício Morais, para quem Cachoeira do Sul teve no passado representatividade política que nenhum outro município de porte médio jamais alcançou, “só que os cachoeirenses não souberam tirar proveito”, e Henrique Möller, que culpou o fato da cidade ter ficado ilhada em meios às rodovias federais.¹³

Em junho de 1992, o jornal publicou *Um Roteiro do passado ao presente*, destacando os sinais que “restam” do passado. No itinerário, a Aldeia, núcleo primário do povoamento cachoeirense, a praça Itororó, local da primeira hidráulica, o hospital, o cemitério das Irmandades, o prédio da prefeitura municipal, construído para abrigar cadeia civil, Câmara Municipal e Justiça, o *Chateau d’Eau*, a catedral Nossa Senhora da Conceição, a praça Balthazar de Bem, o teatro que desabou, a rua Sete de Setembro, cenário de vários prédios históricos, como a sede da União dos Moços Católicos, Clube Comercial, Jornal do Povo, Banco da Província e da Escola Superior de Artes Santa Cecília (ESASC), a praça José Bonifácio, antiga praça do Pelourinho, que abrigou o Mercado Público, o cinema Coliseu e a fonte das Águas Dançantes, a praça Honorato de Souza Santos, local da estação férrea, os bairros Rio Branco e Santo Antônio, e o Parque Municipal da Cultura, com museu, zoológico e jardim botânico.¹⁴

Neste resgate nostálgico, as ruínas do Coliseu – o desabamento do telhado ocorreu em 1985 – estariam encobrendo as glórias do passado. Poucos cachoeirenses lembravam-se do tempo em que o prédio abrigara o cinema “mais glamouroso” da região. A reportagem de 1994 resgatou parte de sua história, desde a inauguração em 1938, com “toda a pompa que merecia a então progressista cidade de Cachoeira do Sul”, a sua infra-estrutura sofisticada, com projetores, microfones e eletrola importados, o perfume borrifado pelo auditório, as poltronas de “estilo moderníssimo”, as escadarias de mármore, os lustres, espelhos, galerias e palco, as apresentações teatrais, como a de Procópio Ferreira, até a perda de encanto nos anos 80.¹⁵

Três charges de Roni Fortes, publicadas nos anos 90 no Jornal do Povo, mostram a decadência do cinema Coliseu e da Casa da Aldeia. A primeira [fig.1], em 1º de novembro de 1994, exigia o tombamento do cinema antes que causasse algum acidente. A segunda [fig.2], de 1º de junho de 1998, leva a crer que o abandono da Casa da Aldeia seria devido ao pouco interesse da população. Na terceira [fig.3], publicada em 10 de fevereiro de 2001, insinua que

¹² JP, 25/8/1991 Desemprego é a maior preocupação dos cachoeirenses, p.8

¹³ JP, 12/11/1991 Panorama Geral. Verdades, p.6

¹⁴ JP, 4/6/1992 Um Roteiro do passado ao presente, p.7

¹⁵ JP, 19/11/1994 Ruína do Coliseu encobre a glória do passado, p.8

a pretensa demolição do Coliseu não apagaria suas lembranças.



Figuras 1, 2 e 3 – Charges de Roni Fortes, publicadas no Jornal do Povo, sobre a decadência do cinema Coliseu e da Casa da Aldeia. Fonte: Jornal do Povo.

Outros dois ícones deste passado perdido foram o porto e o Rota 21. Em 1999, foi lançada a idéia de transformar o porto em centro de lazer e cultura, semelhante à Usina do Gasômetro de Porto Alegre.¹⁶ Já em 2000, o jornal fomentou o Rota 21, projeto importado de outras cidades que chegou a ser considerado pelo JP a redenção de Cachoeira do Sul. A proposta era uma espécie de agenda política-empresarial firmada por segmentos da comunidade para atacar temas mais urgentes para desenvolver o município e a região. O jornal considerou que os cachoeirenses teriam de decidir entre “ficar presos a esperanças do passado” ou “buscar novas soluções”.¹⁷ O evento mais serviu para destacar os nomes dos dirigentes empresariais do que qualquer outra coisa. Basta ver a forma como foi organizado: coordenadorias temáticas elaboravam propostas e posteriormente apresentavam para a “comunidade”, que estaria, conforme o próprio jornal, “representada” no jantar realizado na Sociedade Rio Branco.¹⁸

Nos anos 90, o editorial *Bom dia, leitor!* foi usado em várias ocasiões para explorar as mazelas cachoeirenses, quase sempre num misto de fim definitivo, renascimento e resgate da pujança do passado, olhar histórico impregnado da condição simplista que caracteriza o fazer da imprensa. Em 1992, criticou a banalização do festejo farroupilha, que não ensinava a história “do que foi realizado por nossos antepassados”, limitando-se à cachaça, dança e comilança, relegado a segundo plano o aspecto cultural da festa.¹⁹ Em 1993, afirmou que o

¹⁶ JP, 6/11/1999 Cultura no Paredão, p.1

¹⁷ JP, 15/1/2000 Bom dia leitor. A rota e o Rota 21, p.2 e 11/4/2000 Bom dia, leitor!, p.2

¹⁸ JP, 11/4/2000 Cachoeira dá hoje passo decisivo para o futuro, p.1. Nas coordenadorias, aparecem: Rosinha Cunha, Augusto de Lima, Sheila Boustany e Eládio Vieira da Cunha (Motivação e Imagem); Homero Tatsch, Paulo Sanmartin, Antônio Trevisan (Economia); Fábio Figueiredo, Cláudio Petrucci, George Schreiner e Glênio Altenbernd (Infra-estrutura); Hilton De Franceschi (Política); Erli Calvet, Marta Caminha, Gilvan Dockhorn, Angela Schuh, Nelson Schirmer, Samir Boustany, Lya Wilhelm, Rosita Bulsing e Milton Kelling (Saúde e Educação). JP, 12/4/2000 Suplemento Especial Rota 21, p.4

¹⁹ JP, 17/9/1992 Bom dia, leitor! Uma semana para o comércio, p.2

episódio da federalização das faculdades cachoeirenses garantiriam o “resgate histórico de um erro de interpretação do passado recente”.²⁰ A promoção do concurso Rainha do Arroz do Rio Grande do Sul, em 1995, proporcionaria a Cachoeira do Sul manter “elevado o moral” da comunidade, funcionando “como impulso” para o município.²¹

Em 1996, três episódios foram marcantes nesta lembrança mitificada. A Praia Nova, área do antigo passo do Jacuí que foi dotada de infra-estrutura, era exemplo da especialização humana: “Cachoeira do Sul, pela antiguidade de sua existência e pelo subsídio deixado pelos antepassados de alguns séculos, situa-se entre os núcleos humanos capazes de liderar esta especialização. Por isso a liderança regional e sua importância estadual”.²² A não inclusão da BR 481 no plano viário do Estado – “aglomeramento de erros e negligências do passado” – foi “duro golpe para a intenção da comunidade cachoeirense em fazer funcionar o porto do Jacuí”, transformando o município em “corredor da produção”.²³ O engavetamento do projeto da segunda subestação urbana da CEEE mostrou como a cidade tinha perdido sua “força econômica”, era “lerda no crescimento” e estava “parada no tempo”, um lugar onde “o futuro não chegou”.²⁴ Numa das edições do projeto *JP na Sala de Aula*, o jornal fez retrospecto do passado cachoeirense, iniciativa que considerou “ótimo subsídio para estudos na sala de aula”.²⁵

Nos anos seguintes, o editorial abordou temas conflitantes, sempre na perspectiva do passado mitificado. O fato de José Otávio Germano ter sido nomeado Secretário de Transportes do Estado foi algo “absolutamente inesperado e altamente positivo para Cachoeira”, ainda mais que o município tivera simultaneamente o vice-governador do Rio Grande do Sul e o chefe da Casa Civil do Presidente da República.²⁶ Essa condição poderia transformar a cidade em “pólo de transportes no Rio Grande do Sul”, trazendo “dias de otimismo fácil e de confiança absoluta”, “novas pitadas de luz” que distanciariam “Cachoeira de uma de passado recente e derrotista”.²⁷ Nesta perspectiva, reascendeu o debate em torno do porto e da hidrovía, exaltando a figura do secretário, único que poderia encontrar empresários que percebessem a “vantagem” de utilizar a hidrovía, ao invés da rodovia, “trazer gente para ver o cais, propor sua utilização, mostrar a boa vontade da cidade”. Para fazer o “casamento”

²⁰ JP, 24/9/1993 Bom dia, leitor! O caminho certo da incorporação, p.2

²¹ JP, 30/8/1995 Bom dia, leitor! Rainha do arroz, p.2

²² JP, 4/1/1996 Bom dia, leitor! A Praia da Cidade, p.2

²³ JP, 18/1/1996 Bom dia, leitor! A estrada e o porto, p.2

²⁴ JP, 6/9/1996 Bom dia, leitor! Energia e desenvolvimento, p.2

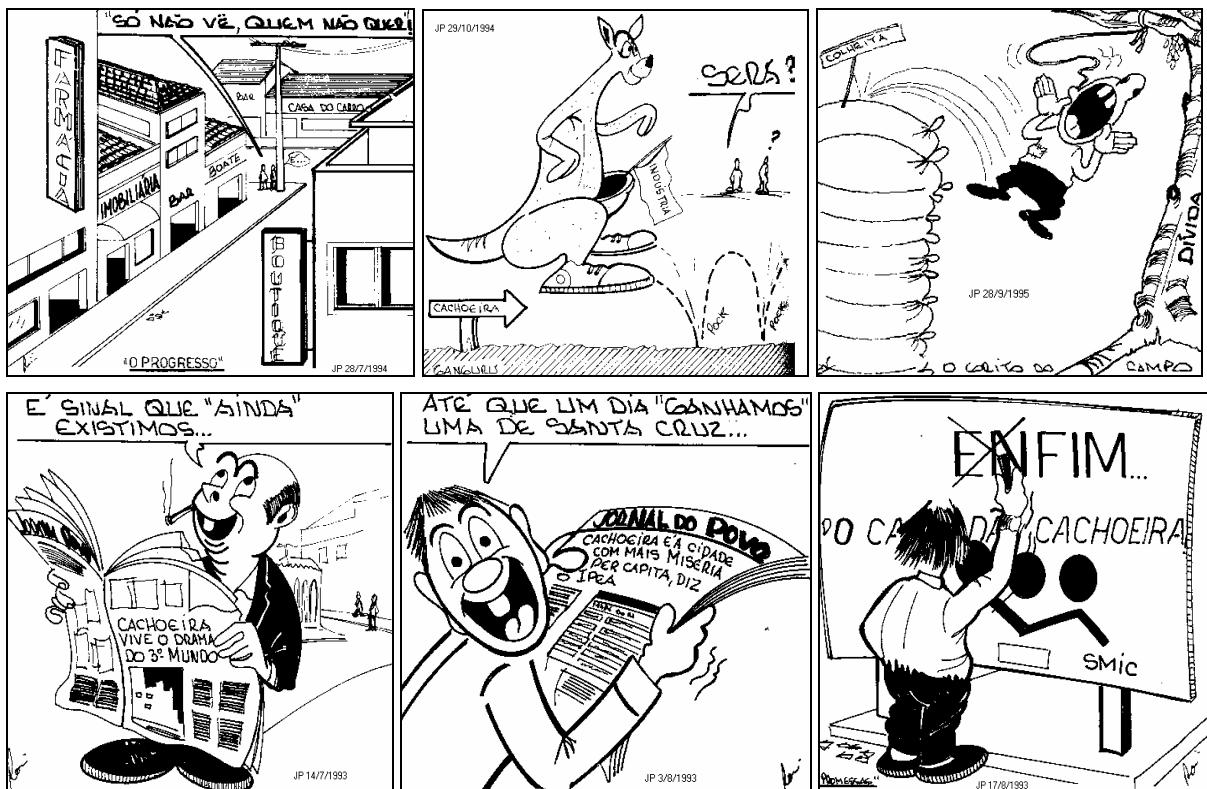
²⁵ JP, 27/4/1996 Bom dia, leitor! A Cachoeira de dez anos na sala da aula, p.2

²⁶ JP, 8/2/1997 Bom dia, leitor! O momento e a oportunidade, p.2 e 5/5/1998 Bom dia leitor! Os vices de Cachoeira, p.2

²⁷ JP, 5/3/1997 Bom dia, leitor! Transporte e iniciativa, p.2

do “longo noivado” entre Cachoeira do Sul e o rio Jacuí era preciso “padrinhos ricos e fortes”.²⁸

Nesse sentido, algumas charges publicadas no JP contribuíram para mitificar a situação. Numa delas [fig.4], publicada em 28 de julho de 1994, intitulada “progresso”, critica a concentração econômica no comércio. Noutra [fig.5], de 29 de outubro de 1994, a figura de um canguru pulando para trás representa o grupo empresarial que ensaiou instalar unidade industrial na cidade, propósito nunca concretizado. Na terceira [fig.6], de 28 de setembro de 1995, a crise do setor primário, atolado em dívidas, leva o agricultor ao suicídio pelo enforcamento, utilizando como trampolim sacos de arroz. Outras três charges procuraram refletir o “estado de espírito” da comunidade, segundo a visão do jornal. Na primeira [fig.7], publicada em 14 de julho de 1993, a pobreza seria sinal de que Cachoeira “ainda” existia. Na segunda [fig.8], em 3 de agosto de 1993, a maior miséria cachoeirense foi motivo de vitória sobre o município rival de Santa Cruz do Sul. Na terceira e última [fig.9], de 17 de agosto de 1993, a rasura do “en” no quadro deixa transparecer a decadência, ou o “fim” da cidade.



Figuras 4, 5, 6, 7, 8 e 9 – Charges de Roni Fortes, publicadas no Jornal do Povo, sobre a crise econômica cachoeirense e o “estado de espírito” da comunidade. Fonte: Jornal do Povo

²⁸ JP, 28/10/1997 Bom dia, leitor! O porto e o Jacuí, p.2

Este retorno ao passado era feito seguidas vezes e de várias maneiras: publicação das memórias de cachoeirenses que participaram da “tarde de lembranças e resgates de uma sociedade cachoeirense que não existe mais”, organizada pelo Museu Municipal; bricolagem de imagens da cidade presente e passada; projetos *Memória*, *Grandes Temas* e *JP/Sesc na Sala de Aula*; coluna *Páginas do Passado*, etc. Para o jornal, essa era sua missão: reportar fatos passados, recuperar o pensamento das lideranças em épocas passadas, trazer para o presente o que os mais antigos viveram, encontrar gerações, fazer um “*feed back* comunitário viável de aproveitamento para o presente”. Rever o passado seria a “melhor maneira de começar a trabalhar os problemas mais presentes”, pois o passado ofereceria “referenciais e dados sobre os erros cometidos”. Os erros históricos comporiam a base para o acerto.²⁹

A rememoração mistificada do passado cachoeirense também aparece de forma contundente entre cronistas. Geraldo Hasse foi exemplo por lembrar facetas do cotidiano passado ao longo dos anos 80. A alma cachoeirense seria fugidia, às vezes localizando-se num local, às vezes noutra: habitara o estádio Joaquim Vidal até o Guarani parar de jogar; alegrara o hipódromo do Amorim, o cinema Coliseu, a estação ferroviária, até que todos esses espaços deixaram de ser usados. Parte desta alma estaria “alojada entre as pedras irregulares que constituem o calçamento de algumas ruas”, outra na praça José Bonifácio, nos sinos da igreja, nas partidas de bocha e bolão dos clubes Náutico e Rio Branco, ou ainda no “ruído surdo dos engenhos de arroz”. Se fosse possível inventariar Cachoeira do Sul, a lista seria grande: Bar América, Café Frísia, a *bonbonnière* na esquina da Sete de Setembro com a General Portinho, a Casa das Sombrinhas, Casa Alaggio, Casa Augusto Wilhelm, União dos Moços Católicos, Salão Maidana, Tipographia d’O Commercio, os plátanos do bairro Rio Branco, os pardais que infestavam as ruas próximas ao Engenho Roesch, os paralelepípedos das ruas tradicionais, a ponte do Fandango, o barro que sustentava as olarias, o sino maior da igreja de Santo Antônio, os cavalos no bairro Amorim, os freqüentadores habituais do Bar Petersen, a Casa Matte, as paineiras da rua Major Ouriques.³⁰ Para Hasse, muitos cachoeirenses sentiam saudades da antiga “Princesa do Jacuí”, que deixara de ter circulando o jornal O Commercio ou o trem na zona central da cidade. Muitos haviam se mudado para outras paragens, como ele mesmo havia feito.³¹ O retorno à terra natal propiciava ver a própria fisionomia, “no rosto dos parentes, nos olhos dos amigos e também nas envelhecidas casas, árvores, placas e letreiros que ocupam a invernada mais distante de nossa memória”. Curtir a cidade não

²⁹ JP, 19/5/1999 Bom dia, leitor! O encontro de gerações, p.2 e 15/7/2000 Bom dia, leitor! Volta ao passado, p.2

³⁰ JP, 30/11/1982 Geraldo Hasse. A alma da cidade, p.2 e 7/6/1983 Geraldo Hasse. Inventário de Cachoeira, p.2

³¹ JP, 17/1/1984 Geraldo Hasse. E a princesa do Jacuí!, p.2

estando nela era a forma de levá-la dentro de si.³² Escreveu em 1985:

Sempre que fico um longo período sem rever a minha cidade, passo a ter a sensação de ter virado outra pessoa. É como se eu fosse apenas uma lembrança de mim mesmo, uma sombra, o negativo de uma fotografia cuja cópia em positivo se perdeu. É isso, voltar a Cachoeira é remexer nas gavetas em busca de fotografias. Há gente que não precisa disso. Eu, de vez em quando, preciso ciscar no passado para me ver melhor no presente. Até dói um pouco, mas é saudável. É como livrar-se de uma doença. A gente se sente mais forte. Mais vivo. Menos transitório.³³

A memória da cidade seria, para ele, o maior patrimônio da comunidade, a primeira coisa a se defender, pois “nela repousa sua alma, sua identidade, seu charme”. Por isso Cachoeira do Sul deveria assumir seu passado e orientar seu destino, ou então “voltar a fazer parte de Rio Pardo”.³⁴

Na coluna de artigos, foram publicados escritos de vários leitores em tom nostálgico. Salita Abreu lembrou das bonecas de trapo confeccionadas por “velhinhas da Cachoeira antiga”, que moravam na Sete de Setembro “com entrada por um corredor estreito e comprido”, e faziam a alegria das meninas da época que as compravam por 200\$000 e 500\$000 réis, “conforme a roupagem”.³⁵ Carlos Dini, escreveu suas reminiscências sobre as transformações na “Princesa do Jacuí”. O primitivo e demorado transporte em balsas no Passo da Seringa contrapunha-se a ponte do Fandango e o progresso do asfalto. Em nome do canal navegável acabou-se com os banhos de praia na “bela ilha encascalhada”. A mudança da estação ferroviária desafogou o tráfego da Júlio de Castilhos mas também levou para longe a chegada dos trens Maria-Fumaça e os flertes que rendiam futuros romances. O tradicional Mercado Público cedeu lugar à fonte das águas dançantes. O surto de novas construções fez desaparecer prédios de firmas tradicionais, como o Hotel do Comércio, Alaggio S.A., Hotel América, Foto Breitman. A televisão acabou com o cinema e, conseqüentemente, com o tradicional *footing* nas noites de fim-de-semana.³⁶

Carlos Bacchin lembrou dos “grenais” que ocorriam no início dos anos 60, quando o Bar América lotava de torcedores; das missas de domingo pela manhã na igreja Santo Antônio, quando todos rezavam acompanhando a prece do Padre Pessi e depois iam passear na praça José Bonifácio (“As moças comentavam, ansiosas, as últimas novidades: tinham chegado na cidade os rapazes do CPOR e outros oficiais do Exército. Ótima oportunidade para um bom casamento”); as sessões no cinema Coliseu quase sempre lotadas; os bailes regados a

³² JP, 24/7/1984 Geraldo Hasse. O último dos moicanos, p.2

³³ JP, 6/6/1985 Geraldo Hasse. Álbum de fotografias, p.2

³⁴ JP, 20/6/1985 Geraldo Hasse. Memória curta de Cachoeira (I), p.2 e 25/6/1985 Geraldo Hasse. Memória curta de Cachoeira (II), p.2

³⁵ JP, 13/1/1980 A boneca de Azul. Salita Abreu, p.3

³⁶ JP, 20/3/1980 Reminiscências transformações na princesa do Jacuí... Carlos Dini, p.4

cuba-livre e som da orquestra Cassino de Sevilha; o “Expressinho” ligando Cachoeira do Sul a Porto Alegre; a estrada sem asfalto que fazia o ônibus balançar “mais do que sota-capataz dançando um vaneirão, em dia de fandango no Bonifácio Gomes”.³⁷

Affonso Kury lembrou que recostava-se nas pilastras do *Chateau d’Eau*, esperando horas a fio os ônibus a gasogênio. “Nada mudou. Essas estátuas de mulheres gregas, semi-despidas, a despejar no lago bicas e jarras d’água, me despertaram, na adolescência, pensamentos eróticos”.³⁸ Paulo Gouveia recordou da “velha cancha do Amorim” transformada em hipódromo, que entrou em decadência e que pretendia-se reativar, “fazendo-o voltar à sua prometida e privilegiada situação”.³⁹ Dalila Fonseca escreveu sobre a praça Honorato. Lembrou com saudades de sua infância, quando ainda menina, debruçava-se sobre o muro da estação ferroviária para ver e ouvir a chegada da Maria-fumaça.⁴⁰ Jorge Franco escreveu sobre o futuro do passado de Cachoeira do Sul, cidade “bonita, misteriosa e paradoxal”, onde as ruas tinham “seu ar de mistério” e onde enorme massa de pessoas desejavam transformar a realidade, mas o negativismo quase sempre estava “sentado num dos bancos da praça a dizer que aqui nada dá certo”.⁴¹

Entre 1993-94, Augusto César Mandagaran de Lima refletiu sobre a Cachoeira que conheceu na infância, com o Mercado Público, a Fonte das Águas Dançantes, as casas comerciais que se abriam para a calçada através de portas altas e estreitas e que tinham um cheiro característico de mercado como cereais, salames, azeitonas, bacalhau, misturados ao odor de peixe fresco e verduras, e os passeios de domingo, de fatiota de linho branco, gravata de nó duplo e pose para as gurias que passeavam após a missa das 10 h. Sugeriou modificações na cidade, como chafarizes a funcionar permanentemente na praça – “Tudo poderia ser uma homenagem para o nosso passado, a nossa arquitetura perdida e trocada pela atual amorfa e despersonalizada” – ou isenção de impostos sobre imóveis considerados de valor histórico.⁴² Comparou a sugestão de cobrir os seios das ninfas do *Chateau d’Eau*, dada por alguns tempos depois da inauguração, com a destruição ou modificação das fachadas históricas. Ambas foram feitas em nome do progresso.⁴³

Numa crônica, lamentou o desaparecimento dos “valentes caudilhos”, “corajosos que transformaram pequenas forjarias nas potentes indústrias do nosso orgulho”. O espírito

³⁷ JP, 3/9/1981 Panorama. Carlos Bacchin, p.4

³⁸ JP, 29/8/1982 Segundo Caderno. Relembrações. Affonso Kury, p.1

³⁹ JP, 5/9/1982 Terceiro Caderno. A velha cancha do Amorim. Paulo Gouveia, p.3

⁴⁰ JP, 10/10/1982 Segundo Caderno. Minha cidade. Dalila Fonseca, p.7

⁴¹ JP, 27/6/1985 Panorama. Futuro do Passado. Jorge Franco, p.3

⁴² JP, 23/10/1993 Pequena crônica da cidade. Augusto César Mandagaran de Lima, p.2

⁴³ JP, 30/10/1993 Nossas ninfas. Augusto César Mandagaran de Lima, p.2

empreendedor que havia feito a Cachoeira de sua infância perdera-se.⁴⁴ E noutra oportunidade, relatou a conversa tida numa festa à beira da piscina, onde a nostalgia prendeu a atenção de todos, pois as lembranças eram de uma Cachoeira “próspera, invejada pela vizinhança”. Foi falado no Clube Comercial, cujo teto ameaçava ruir pela quantidade de cupins. O assunto voltou-se para os bailes de sábado,

quando as expectativas dos rapazes que se lançavam na sociedade local era a dos grandes feitos, embora pontilhados dos embaraços naturais que premiam os iniciantes. Ficavam parados à porta do Salão, junto ao degrau da pista. Agrupados, tímidos, com olhares disfarçados para as ocupantes das mesas. Aguardavam um sinal incentivador ou um rasgo de coragem para atravessar a pista e tirar para dançar aquela da escolha ou predileção.

Não era nada fácil um imposição pessoal aos 15 ou 16 anos, quando metidos em “fatiotas” e em ajustados colarinhos para gravatas de “nó duplo” deviam mostrar intimidade com a audácia, a galanteria e mesmo com alguns passos de danças. As mãos eram o primeiro embaraço. Ora estavam nos bolsos, ora gesticulando em apoio a teses intermináveis, ignoradas por todos. Alguns, com estudada afetação brincavam com o isqueiro da moda, enquanto o cigarro queimando na boca lançava fumaça sobre o rosto, em poses “bogartianas” e disfarçadamente procuravam sua Lauren Bacall. A maioria buscava o óbvio: as mais lindas, nem tão tímidas e de olhos profundos, ternos e sonhadores. Esta era a busca de toda uma noite.

Após o Augusto Choaire e a Helaine Meneghello abrirem o baile, estavam todos convidados a desempenhar o papel para o qual haviam sido convocados. A “Cassino Sevilha”, os vestidos, os “ateliers de costuras”, os alfaiates, os barbeiros e os salões de beleza, haviam sido o alvo das atenções de toda a semana. Faltava só o desempenho na iniciante arte da dança e da conquista, conjugadas a uma boa conversa sobre amenidades ou mesmo aquele prelibado romance.

Hoje isso não aconteceria, a juventude é mais rápida. Tudo que adquiriu em celeridade perdeu em ternura. Dançava-se boleros, tangos, rumbas, sambas e mesmo valsas. Mas isso não bastava. A procura era pela princesa mais bela e dos mais belos olhos. Eram todos príncipes, pois estavam num dos melhores clubes que aquela juventude já havia pisado. À porta ficavam, até o acaso, a decisão ou o descuido maldoso projetar para a pista. Não tendo como disfarçar, tomavam a direção do alvo. Tudo então podia acontecer. A aproximação a pretendida ignorava, mantendo conversa interminável com a companheira do lado.

Havia ainda o olhar inquisitivo da mãe que sonhara com um Grão Duque D'Áustria para a sua Sissi e não aquele assustado projeto de cavalheiro. O olhar do pai, então. Este sonhara com um Rockefeller neto ou sobrinho e não aquele estudante sem qualquer profissão. Ainda se estivesse fazendo concurso para o Banco do Brasil! Mas ali estando, coisas desagradáveis podiam acontecer. A frente era cortada pelo zeloso e tardio namorado, quando ela, todo sorriso, se erguia e deslizava enlaçada por outro. Ou então a vitória da rapidez pertencia a um aspirante, em seu impecável uniforme, o que fazia luzir os olhos dos guardiões e o cenho dos papais descontraíam como por encanto. Como elas adoravam fardas! Aliás, comentava-se à época, que tenentes, em Cachoeira, não eram transferidos solteiros. Eram a alegria das mães e o alívio dos papais. Havia, no entanto, os momentos em que tudo dava certo. Ela era linda, sabia eliminar os silêncios constrangedores com a pergunta salvadora: - Que faculdade pretendes cursar? Medicina? Direito? Engenharia? - Não, pretendo Arquitetura. Tudo estava salvo.

O assunto inevitável era a beleza do Clube, recém inaugurado, com suas salas de recepção, de jogos, sua biblioteca e claro, o salão de bailes, com seus caríssimos ornamentos, sancas e luzes indiretas. Rebuscado, mas ainda assim impressionante. O Clube foi construído pela iniciativa de homens dedicados, com largueza de espírito, que acreditavam em suas causas e principalmente nessa terra. Devoção, honestidade e muito trabalho, estes os adjetivos para seus construtores. Éramos todos aprendizes de uma cidadania consciente e responsável. Encontrávamos ali naquelas paredes, naqueles tetos, os

⁴⁴ JP, 20/11/1993 Pequena Crônica da cidade. Augusto César Mandagaran de Lima, p.2

exemplos que expressavam a convicção e os anseios de muitos cachoeirenses ilustres. Não precisávamos estudar longe para aprendermos de que argila eram feitos os homens de verdade. Tínhamos em nossa cidade módulos bastante expressivos. Mais do que isso, só era necessário um olhar profundo, terno, meigo, de um roçar de rosto ao som de “*Tender is the Night*”, de uma mão que se demorasse mais quando a música terminasse, um prelúdio de promessas que encheriam a noite e atravessariam dias, semanas talvez.

A noite se tornava gloriosa, quando já na madrugada do domingo o restaurante era o indicativo. A dois, entre lógicas “*cubas-libres*”, “filés com fritas” eram ordenados, para a reposição do desgaste de tantos embates. Na saída, já à porta do grande hall, aguardando o carro, ela se volta e com a estudada casualidade, que só a certeza permite, pergunta: - Que filme passa no Coliseu? – “Ladrão de Casaca”, dizem que é muito bom! A afirmação é sem muita convicção, mas guarda a chama tímida da esperança. - O lugar ao meu lado vai estar vago. Não te atrases para a primeira sessão! O sorriso, menos tímido, é o assentimento. O clarão do amanhecer anunciava o fim da noite, mas aqueles olhos, mais profundos agora, anunciavam o início de muitas outras belas noites, nesse nosso Comercial, ou naquele Coliseu de tantas promessas. Mas isso é assunto para outra conversa.⁴⁵

Outra leitora, Elizabeth Feijó Marcuschi, poucos anos depois, em 1997, lamentou algumas contradições vividas pela cidade: o aspecto de abandono da Escola João Neves, outrora sinônimo de ensino público de qualidade; o fechamento do cinema Coliseu, do qual só restava a fachada; o número de lojas de R\$ 1,99.⁴⁶

Na década de 90, as crônicas rememorando Cachoeira do Sul com nostalgia aumentaram de frequência, principalmente entre articulistas que habitualmente publicavam seus escritos, como o engenheiro Chulipa Möller, o empresário Paulo Sanmartin, os escritores Célia Maria Maciel e Liberato Vieira da Cunha e a professora Vera Beatriz Machado de Freitas, esses dois últimos ligados à família proprietária do jornal, além do mais nostálgico de todos, o médico com pretensões intelectual, Carlos Eduardo Florence, coincidentemente um dos colunistas mais lidos do jornal.



Figuras 10, 11, 12 e 13 – Formadores de opinião habituais nas décadas de 80 e 90: Célia Maria Maciel, Liberato Vieira da Cunha, Chulipa Möller e Carlos Eduardo Florence. Fonte: Jornal do Povo

⁴⁵ JP, 15/1/1994 Opinião. Pequena crônica da cidade. Augusto César Mandagaran de Lima, p.2

⁴⁶ JP, 28/2/1997 Artigo. Que encantos tem Cachoeira? Elizabeth Feijó Marcuschi, p.2



Figuras 14, 15, 16 e 17 – Formadores de opinião habituais nas décadas de 80 e 90: Roni Fortes (chargista), Paulo Sanmartin, Vera Beatriz Machado de Freitas e Helena Vieira da Cunha (colunista social). Fonte: Jornal do Povo

Para Chulipa Möller, era impossível evitar a comparação da Cachoeira do passado com a do presente.⁴⁷ Em 1997, escreveu a crônica *Bons tempos*, onde enumerou manchetes que estariam resgatando a auto-estima dos cachoeirenses: conquista da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), conclusão do porto, pavimentação da estrada da Ferreira e do aeroporto e perspectiva de duplicação da Marcelo Gama. Todas elas estariam indicando novos ventos a soprar em direção de Cachoeira, “afastando a poeira de pessimismo que insistia em permanecer”.⁴⁸ O próprio cronista, adepto desportista do basquete, construiu o ginásio de esportes auto-denominado “Chulipão”, onde destinou espaço para o “Hall do Esporte”, reunindo fotografias e currículos daqueles que construíram a história esportiva cachoeirense, que divulgaram o nome da cidade além de suas fronteiras.⁴⁹

Eventualmente, o engenheiro escrevia sobre a vida cultural da cidade, mas sempre do ponto de vista da elite. Em 98, destacou a importância da cultura para o resgate da auto-estima dos cachoeirenses. As dificuldades enfrentadas pelos setores econômicos haviam esvaziado a cultura, restringindo-a ao brilho pessoal e esforço isolado de poucos. A criação da Associação Cachoeirense dos Amigos da Cultura (AMICUS) poderia trazer de volta parte do encanto passado,⁵⁰ mesmo tratando-se de entidade que direcionava seus interesses para a chamada alta-cultura ou cultura erudita. Em 2000, ele próprio foi eleito presidente desta associação.⁵¹

Em algumas crônicas, Paulo Sanmartin destacou o passado glorioso de Cachoeira, tempo em que todos tinham orgulho da cidade, “uma das melhores do Estado”. Em sua

⁴⁷ JP, 7/8/1997 Chulipa Möller. Amigos velhos, p.2

⁴⁸ JP, 15/5/1997 Fórum JP. Chulipa Möller. Bons tempos, p.2

⁴⁹ JP, 19/3/1998 Chulipa Möller. Hall do Esporte, p.2

⁵⁰ JP, 22/10/1998 Chulipa Möller. A feira, p.2

⁵¹ JP, 24/6/2000 Painel. Missão cumprida, p.4

memória, estavam marcados fatos como: comemorações do centenário de Cachoeira, em 1959; poeira na estrada para Porto Alegre; o Expresso Cachoeirenses que “não chegava nunca”; as “tias” e “primas” que eram visitadas com frequência.⁵² Como empresário, recordou em 2000 dos maiores empregadores de Cachoeira do Sul, lista publicada pelo jornal sete anos antes. Das grandes empresas, genuinamente cachoeirenses, poucas existiam.⁵³ Essa situação gerou o quadro do êxodo de “conterrâneos que deixam nossa terra nas últimas décadas em busca de trabalho, renda e realização profissional em outras paragens”, “muitas vezes pessoas talentosas, que fazem falta à sua comunidade”.⁵⁴ Era a recíproca duma cidade que, segundo ele, se havia perdido não se sabia exatamente onde, que condenava os que faziam sucesso.⁵⁵

Célia Maria Maciel cavoucava suas memórias recônditas de forma pastoral, romanceada, poética e suave. Via Cachoeira como água de melissa, da qual precisava beber de “quando em vez”, pois a água adocicada acalmava o tremor de suas mãos. Em ocasiões em que visitava a cidade, aproveitava para passear pelos lugares que auxiliavam a rememorar seu passado perdido: as escadas da escola João Neves; a casa onde residiu na rua General Osório; a praça onde a mãe observava os termômetros na estação meteorológica diariamente; o apogeu e glória do cinema Coliseu. Para a escritora, o passado era pássaro que podia ser acalmado. “E o terei bonito, a cada vez que voltar à Cachoeira”.⁵⁶

Vera Beatriz Machado de Freitas freqüentemente lembrava em seus textos da Cachoeira do passado. Numa de suas primeiras crônicas, publicada ainda em 1966, fez o contra-ponto entre o antigo e o novo. A cidade de sua infância assemelhava-se a “grande família”, onde todos se conheciam e colocavam cadeiras nas calçadas à noite para conversar, enquanto as crianças brincavam despreocupadamente. Encantava-se com os peixes coloridos do *Chateau d’Eau* e com as tradicionais matinês do cinema Coliseu. Num tom de saudosismo, escreveu: “os anos foram passando, Cachoeira foi crescendo e quase tudo mudou”.⁵⁷

Duas décadas depois, reforçou o caráter nostálgico de seus escritos ao resgatar particularidades da cidade, minudências que explicitavam o desejo de reviver seu passado perdido, na bela cidade de outrora. Mesmo passando por dificuldades, Cachoeira era “faceira”, “orgulhosa” e “bela”, “feiticeira” e “sedutora”, mostrava “face morena, enfeitada de rosado insinuante, vestido roupagem luxuosa e atraente”, procurava criar “beleza” e

⁵² JP, 22/10/1997 Paulo Sanmartin. Eu também lembro, p.2

⁵³ JP, 19/4/2000 Paulo Sanmartin. Empresas, p.2

⁵⁴ JP, 14/2/2001 Paulo Sanmartin. Êxodo de Cachoeira, p.2

⁵⁵ JP, 10/5/1997 Opinião. Ética. Paulo Sanmartin, p.2

⁵⁶ JP, 10/1/1997 Água de Melissa. Célia Maria Maciel, p.2. Ver ainda JP, 27/7/1980 2º Caderno. Minha mãe doceira. Célia Maria Maciel, p.3, 24/11/1985 2º Caderno. Nasce um fantasma. Célia Maria Maciel, p.11 e 21/7/2000 Crônica. Célia Maria Maciel. Maravilha, p.2

⁵⁷ JP, 29/9/1966 Cachoeira da minha temura. Vera Beatriz Machado de Freitas, p.2

“aconchego”. Dentre as qualidades cachoeirenses estava o “impenetrável” e “cauteloso” rio Jacuí, “símbolo real da própria cidade”, cujas águas deveriam ser melhor aproveitadas, trazer “intenso progresso”.⁵⁸ Nos anos 90, muitos de seus escritos tenderam para o passado glorioso de Cachoeira ou para a exaltação das peculiaridades locais, dois valores que mitificam o presente. Para ela, não era correto esquecer o passado. Era preciso lembrar os fatos, as pessoas, os pedaços de história que fizeram o “canto” e “encanto” dessa “terra dadivosa e terna”.⁵⁹ Neste sentido, a cidade não poderia ficar sem memória.⁶⁰

Os escritos de Liberato Vieira da Cunha eram menos idílicos e mais críticos. Nem por isso as lembranças mais amargas deixaram de ser consideradas com gosto “de arroz doce com canela em pó”.⁶¹ Em 1988, escreveu sobre o *Chateau d'Eau*, alçando-o a símbolo máximo de Cachoeira, comparando-o ao *Empire State Building* de Nova Iorque, o *Big Ben* de Londres e o *Coliseu* de Roma. Por ser marcante em sua infância, o monumento cachoeirense remetia o escritor ao tempo da tranquilidade, tinha “poder calmante”, pois enquanto a cidade crescia e multiplicavam-se rostos desconhecidos, o *Chateau d'Eau* mantinha-se como representação da cidade pequena de seus tempos de criança, “sede” dos seus sonhos.⁶²

Dois outros textos de sua autoria apontam em direção semelhante. Em 96, na crônica intitulada *Jardins de Abril*, Liberato Vieira da Cunha discorreu sobre o crescimento de Cachoeira em relação a outras cidades. Para ele, era positivo o fato da cidade continuar pitoresca, no “sábio ponto de equilíbrio em que as pessoas conhecem umas às outras e se cumprimentam pelo nome”, no “sóbrio limite dentro do qual ainda é possível, aos cavalheiros que se entregam ao hábito civilizado da conversação nas mesas de café, estar em dia com os pequenos escândalos municipais, sejam estes de ordem financeira, política ou romântica”, na “sensata fronteira depois da qual existir deixa de ser branda convivência para se transformar numa corrida ao trabalho, ao dinheiro, ao desamor, ao analista de plantão”. Os poucos edifícios existentes não chegavam a “roubar a vista do Jacuí” nem ameaçavam a “majestade das torres da Matriz”. Enquanto outras cidades cresciam, Cachoeira do Sul continuava com seu “encanto ancestral”.⁶³ Dois anos depois, em 98, escreveu *A casa desconstruída*, onde

⁵⁸ JP, 8/1/1987 Palavra de cachoeirense. A Cachoeira de 86. Vera Beatriz Machado de Freitas, p.4

⁵⁹ JP, 21/5/1994 Ponto de vista. Vera Beatriz Machado de Freitas, p.7, 12/7/1997 Segundo Caderno. Vera Beatriz. A caminho do Uruguai a memória de Cachoeira, p.7 e 18/4/1998 Vera Beatriz. Alguém chega no outono, p.7

⁶⁰ JP, 19/9/1998 Vera Beatriz. Cidade sem memória, p.7

⁶¹ JP, 18/9/1999 Crônica. Carlos Urbim. Doce Cachoeira, p.2

⁶² JP, 10/1/1988 2º Caderno. Château d'Eau. Liberato Vieira da Cunha, p.1

⁶³ JP, 4/5/1996 Opinião. Jardins de Abril. Liberato Vieira da Cunha, p.2

apontou o espanto que teve ao ver demolida a casa que vivera sua infância, modificações que turvavam suas memórias, que “roubaram” o menino que nele ainda habitava.⁶⁴

Mostra de como esse espírito nostálgico pairava no imaginário cotidiano dos anos 90, eventualmente alguns cronistas habituais, como Eliseu Torres, Ronaldo Tonet, Telmo Padilha, Luiz Antônio Caminha e Silvestre Silva Santos, apontavam aspectos sobre o passado cachoeirense. Em 1993, os dois primeiros articulistas criticaram esse retorno insistente ao passado. Eliseu Torres escreveu sobre a necessidade de novos diagnósticos das causas que estariam emperrando o progresso de Cachoeira, detendo-a num “insuportável marasmo”. Ao invés dos tradicionalmente enunciados ausência de liderança forte, de união ou de diversificação na produção, propôs a suspensão da visão curta, estreita, insuficiente e mesquinha de somente procurar a “grandeza perdida”, algo que estreitava os horizontes locais. Segundo ele, os cachoeirenses temiam tudo o que era novo, sofriam com o rompimento da mesmice, detestavam quando algo se movia, porque tudo isso obrigava a levantar o olhar para o alto, para o futuro incerto e não para o passado de glórias.⁶⁵ Ronaldo Tonet comparou os fuscas que o então presidente da República, Itamar Franco, insistia em incentivar a produção, com o apoio cachoeirense às promoções que resgatavam o passado perdido, sempre apagando as más lembranças. Sua intenção era criticar a federalização do ensino superior, com a incorporação da FUNVALE pela UFSM, pois apoiava a vinda da ULBRA.⁶⁶

Luiz Antônio Caminha comparou esse sentimento que se havia enraizado na mentalidade local e seria a razão explícita do “fracasso de Cachoeira como comunidade”, como o daqueles que comiam galinha e arrotavam peru ou, ainda mais grave, sequer comiam galinha. Para ele, a cidade transpirava arrogância indevida e rançosa, “provavelmente herança gasta de um passado de fausto que um dia viveu” e a mais “concreta e fatal prova da decadência em que mergulhou há muito tempo”.⁶⁷ Na opinião de Telmo Padilha, a decadência local era fruto da convivência, do apadrinhamento e do “acompadramento” típicos de comunidades menores, onde os “caciques” ou “lideranças” locais monopolizavam ditatorialmente as decisões mais importantes, para conseguir “bons acordos” e “trocas de favores”, sufocando aqueles que desejariam o novo. O atraso era furto desses oportunistas,

⁶⁴ JP, 7/2/1998 Artigo. A casa desconstruída. Liberato Vieira do Cunha, p.2. Em 2000, Liberato Vieira da Cunha lançou o livro *A companhia da solidão*, seleção de 60 crônicas escritas nos anos 90, com lirismo, humor e nostalgia, onde Cachoeira aparece em importante papel. Ver JP, 7/10/2000 Segundo Caderno. A companhia da solidão, p.1

⁶⁵ JP, 6/2/1993 Eliseu Torres. Calçadão, p.2

⁶⁶ JP, 20/10/1993 Ronaldo Tonet Fuscas, p.2

⁶⁷ JP, 12/4/1999 Luiz Antônio Caminha. Cachoeira do Sul tem coisas incompreensíveis, p.2

“geradores” e “mantenedores” da incompetência.⁶⁸ Citou o exemplo da falta de projetos em infra-estrutura, únicos capazes de alavancar o futuro e “deixar para trás o passado de derrotas e crises”.⁶⁹ Silvestre Silva Santos chegou a profetizar a Cachoeira do futuro, quando inexisteriam os pessimistas, porque tudo estaria ao alcance das vontades das pessoas.⁷⁰

Dentre os cronistas, o que melhor representa a atitude nostálgica é o médico Carlos Eduardo Florence, com textos que remetem sistematicamente ao passado perdido cachoeirense. Em certo período durante 1993-94, publicou crônicas com títulos sugestivos, inspirados no livro *Cidades invisíveis* de Ítalo Calvino: *A cidade e as calçadas*, *A cidade e as árvores*, *A cidade e a memória*, *A cidade e a depressão*, *A cidade e as migrações*.⁷¹ Analisando algumas de suas publicações, nota-se explicitamente a clara divisão entre passado valorizado e presente/futuro depreciado, principalmente no que se refere aos aspectos urbanos. Como ele mesmo escreveu, Cachoeira haveria de ser a “fênix ressurgindo das cinzas”.⁷²

Coincidência ou não, o tempo passado que ele prestigia é o das grandes transformações urbanas desencadeadas no fim dos anos 20, quando a parte central da cidade recebeu melhorias para servir de palco à elite. Compara as feições urbanas daquele período com as dos anos 80-90, que julga de aspecto lúgubre e decadente. Quando sugere modificações, pretende que se assemelhem às do passado. Numa de suas crônicas, chegou a evocar a volta do intendente João Neves da Fontoura para que a cidade passasse por novas e profundas transformações.⁷³

Num típico olhar de quem esquece as mazelas do passado e remete-se somente aquilo que causa simpatia, Florence limita-se a retratar a Cachoeira de outrora com pinceladas homogêneas, revelando somente parte da realidade passada e encobrendo a segregação espacial da época. Em 98, afirmou textualmente que a memória era seletiva, “recorda-se do agradável e do tempo que ainda tínhamos esperanças na cidade”.⁷⁴ As ruas centrais dos anos 20-40, por exemplo, obedeciam traçado geométrico civilizado; as calçadas do centro eram normatizadas, com piso quadriculado em preto e branco, sinônimo de que a cidade

⁶⁸ JP, 3/2/1996 Opinião. Convivência e decadência. Telmo Padilha, p.2

⁶⁹ JP, 28/5/1997 Fórum JP. Telmo Padilha. Me engana que eu gosto!, p.2

⁷⁰ JP, 10/6/1995 Segundo Caderno. Crônicas. Loucuras Futuras. Silvestre Silva Santos, p.4

⁷¹ CALVINO, Ítalo. *As cidades Invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Ver JP, 27/11/1993 Carlos Eduardo Florence. A cidade e as calçadas, p.2, 8/1/1994 Carlos Eduardo Florence. Opinião. A cidade e as árvores, p.2, 19/3/1994, Carlos Eduardo Florence. A cidade e a memória, p.2, 30/4/1994 Carlos Eduardo Florence. A cidade e a depressão, p.2 e 2/7/1994 Carlos Eduardo Florence. A cidade e as migrações, p.2

⁷² JP, 23/9/1999 Carlos Eduardo Florence. Dias melhores virão, p.2

⁷³ JP, 8/1/1994 Carlos Eduardo Florence. Opinião. A cidade e as árvores, p.2

⁷⁴ JP, 17/9/1998 Carlos Eduardo Florence. Os sons da cidade, p.2

“evoluiu”.⁷⁵ A administração pública mandava varrer essas ruas todas as manhãs e as pessoas varriam suas próprias calçadas.⁷⁶ No coração da cidade, a praça José Bonifácio ostentava pérgula, alamedas e recantos floridos, dando à cidade ares modernos.⁷⁷

No quesito sonoridade, a cidade da sua infância podia ser lembrada pelo apito dos engenhos ao meio-dia, “acalmado” a cidade; do badalar dos sinos das igrejas, que podia ser “choroso” ou “festivo”, mas sempre chamava para a “atemporalidade da vida”; dos tiros de canhões do quartel, avisando sobre os “limites do pensamento”; do trotar das ferraduras dos cavalos que puxavam as carroças dos padeiros cedo da madrugada; do vento “Minuano” assobiando pelas ruas; do trem que separava a cidade, “espantava os espíritos”, levava e trazia pessoas e ligava Cachoeira com o mundo; da “encrenca” nas tardes de sábado; dos “boleros” antes das sessões cinematográficas.⁷⁸ Para Florence, a Cachoeira de “outros tempos” eram importante no cenário estadual. O porto era viável, chegando a ter mais de 30 barcos transportando produtos, e escritores renomados visitavam a cidade, como Érico Veríssimo.⁷⁹

A fisionomia da Cachoeira do passado, valorizada pelo médico-cronista, em muito se diferenciaria dos aspectos do presente, para ele depreciativos. Dos trilhos ferroviários, por exemplo, formou-se corredor ocupado ilegalmente, como “prova de improbidade e descaso com o bem público”.⁸⁰ A Igreja Matriz que “centralizava a vida de Cachoeira”, como “réquiem” da “individualidade” de cada fiel, foi reformada e fez “Cachoeira perder sua identidade”.⁸¹ O aumento populacional provocou o crescimento desordenado, fazendo das novas ruas verdadeiro “labirinto de incongruências”.⁸² Caminhar pela zona central transmutou-se em “aventura surrealista”, com buracos, lajotas soltas, paralelepípedos e terra empilhados, lixo acumulado, troncos de árvores cortadas, camelôs, cachorros, papéis no chão, tapumes trancando a passagem, “pivetes” e “ladrões”, cadeiras nas calçadas, etc. Segundo Florence, este caos urbano transformou Cachoeira num “lugar sofrível para viver”.⁸³

Nas ocasiões em que utiliza seus escritos para valorizar a cidade, Florence refere-se a coisas herdadas do tempo em que a cidade provocava orgulho em seus moradores. Resgata a

⁷⁵ JP, 23/3/2000 Carlos Eduardo Florence. Asfalto na paisagem, p.2 e 27/11/1993 Carlos Eduardo Florence. A cidade e as calçadas, p.2

⁷⁶ JP, 8/2/2001 Carlos Eduardo Florence. Paisagem urbana, p.2

⁷⁷ JP, 24/4/1997 Fórum JP. Carlos Eduardo Florence. A praça da cidade, p.2

⁷⁸ JP, 17/9/1998 Carlos Eduardo Florence. Os sons da cidade, p.2

⁷⁹ JP, 25/3/1999 Carlos Eduardo Florence. Outros tempos, outras pessoas, p.2 e 13/7/2000 Carlos Eduardo Florence. O dia em que Érico Veríssimo visitou Cachoeira, p.2

⁸⁰ JP, 8/4/1999 Carlos Eduardo Florence. O caminho dos trens, p.2

⁸¹ JP, 30/7/1998 Carlos Eduardo Florence. A igreja que eu perdi, p.2

⁸² JP, 23/3/2000 Carlos Eduardo Florence. Asfalto na paisagem, p.2

⁸³ JP, 27/11/1993 Carlos Eduardo Florence. A cidade e as calçadas, p.2, 25/1/2001 Carlos Eduardo Florence. Manual para procurar responsabilidade, p.2 e 8/2/2001 Carlos Eduardo Florence. Paisagem urbana, p.2

arborização efetuada nos anos 20, “verde” e “sombra” que seriam o “aspecto mais civilizado e de bem-estar” do município: ipês, ciprestes, palmeiras, tipuanas, jacarandás, seringueiras, plátanos, “árvores para qualquer tempo, qualquer afeto, qualquer escolha”.⁸⁴ Para ele, nada seria mais civilizado do que essa flora diversificada.⁸⁵ Também o *Chateau d’Eau* – o “mais importante ícone” da cidade – deveria ser constantemente cuidado, com iluminação e ajardinamento especiais, uma vez que atraía as pessoas quando ligavam-se suas luzes e sua fonte, produzindo “magia” e “emoções”. Mantê-lo ligado seria a coisa mais sensata em “qualquer lugar civilizado do mundo”.⁸⁶

Outro aspecto de que a comunidade poderia se orgulhar era da cultura, não a popular e multifacetada, decorrente do aumento populacional de subalternos, mas da erudita, fortaleza inexpugnável da tradicional elite cachoeirense. Foi o incentivo desse tipo de manifestação que rendeu-lhe o apelido de “Dr. Cultura” nos meios elitistas. Em 1997, elogiou a inauguração da Casa de Cultura, instalada na antiga residência de Balthazar de Bem, em frente à praça José Bonifácio. Evocou suas reminiscências de infância, quando era fascinado pelas fotografias, prédios, ruas, eventos e pessoas da cidade, para enaltecer o local onde seria guardada a história da comunidade, não de toda, mas de parte dela.⁸⁷ No ano seguinte, incentivou o Clube de Cinema, iniciativa de pequeno grupo que se propunha manter em funcionamento o Cine Astral, grupo que o cronista chamou de “sonhadores” e “lutadores”, de pessoas que acreditavam na existência de tempo para “transbordar cultura e emoção”, que ofereciam “dotes culturais e democráticos para a maioria da população”.⁸⁸

Na área das letras, Florence teceu comentários favoráveis a Liberato Vieira da Cunha, no lançamento do livro *Um visto para o interior – Viagens a Cachoeira e outros mundos*, porque o escritor havia colocado a cidade no mapa cultural e literário brasileiro. Chamou a publicação de “manual de sobrevivência”, capaz de recuperar a identidade cachoeirense, de conscientizar a auto-estima local.⁸⁹ Ao Jornal do Povo denominou “espelho de Cachoeira, às vezes claro, às vezes embaçado, mas totalmente reflexivo da nossa vida e da nossa cultura”. No entender do cronista, a história da cidade se fundia com a do jornal, unindo gerações, “memória e futuro”.⁹⁰

⁸⁴ JP, 8/1/1994 Opinião. Carlos Eduardo Florence. A cidade e as árvores, p.2

⁸⁵ JP, 24/4/1997 Fórum JP. Carlos Eduardo Florence. A praça da cidade, p.2

⁸⁶ JP, 29/5/1997 Fórum JP. Carlos Eduardo Florence. O *Chateau d’Eau*, p.2

⁸⁷ JP, 17/4/1997 Fórum JP. Carlos Eduardo Florence. A cidade e a Casa de Cultura, p.2

⁸⁸ JP, 19/3/1998 Carlos Eduardo Florence. O Titanic e o Astral, p.2

⁸⁹ JP, 28/9/1996 Carlos Eduardo Florence. A cidade e o escritor, p.2

⁹⁰ JP, 10/7/1997 Carlos Eduardo Florence. Jornal do Povo, p.2

Paradoxalmente, em várias ocasiões o cronista tece severas críticas à cidade, posta de maneira generalizada, quando ele mesmo deprecia as coisas presentes ao prestigiar o passado mitificado. Afirma que os cachoeirenses (e aqui inclui todos, sem distinção) não valorizam o que é seu. Segundo ele, a “autofagia social” – que tenta destruir tudo aquilo que faz sucesso, que adora e cultua os fracassados – se tornou implícita na cidade, vista no “pessimismo crônico” e na “falta de criatividade”. Assim, Cachoeira seria duas em uma só: a “auto-destrutiva” e aquela que “tenta fazer o seu caminho”.⁹¹ Esta atitude depreciativa seria a própria imagem da cidade que “vive, fala e respira depressão”, “pessimismo doentio”, “mecanismo de auto-destruição patológico” que estaria desintegrando e desanimando toda população.⁹²

Num mesmo sentido contraditório, Carlos Eduardo Florence critica a mania de grandeza dos cachoeirenses, mas fomenta a volta do passado glorioso. Escreveu sobre o “bonde errado” que a cidade teria pego, continuando sua “longa jornada em busca da insensatez”.⁹³ Cachoeira seria a cidade dos “êxodos” e das “migrações”, situação que teria criado dois tipos de cidadãos: os que saíram em busca de oportunidades e os que resistiram.

Existem cidades cuja finalidade se esgota no fato de que ali se vive sem nenhuma forma de identidade cultural que as defina e existem outras que transcendem o modo de vida para uma marca, um orgulho, uma raiz. Isto é cachoeira. Não apenas se nasce aqui. Crias um arquétipo que te marcarás por toda vida. Sempre serás o cachoeirense que se civilizou antes das outras cidades, que sentas na praça, caminhas pela Moron e pela Sete e tem fascinação pelo *Chateau d'Eau*, nem que seja como moldura para fotografias de filhos, de netos, guardadas no afeto e na mente.

Agora todos estes ritos de ir embora, viver em outros lugares e continuar se sentindo e sonhando com as nossas estrelas desenvolveram uma nova forma de cidade. A descentralizada. Nestas margens do Jacuí temos o centro político cultural, o resto: habitacional, comercial, industrial, universitária, de serviços espalhamos por este Brasil afora. E hoje podemos dizer que Porto Alegre é a maior cidade cachoeirense do RS. Não nos esgotamos num mapa urbano com limites definidos. E talvez por sermos planície e pampa os horizontes são infinitos e as estradas também e daí fica tão fácil sair e procurar outros trabalhos e outros sonhos.

Os que saíram de vez em quando voltam, fazem planos para o retorno definitivo e caminham pelas nossas ruas em busca de si mesmos. Os que resistiram carregam e mantêm o espírito da cidade e a sua preservação. E lançam um ultimato com prazos definidos. Ou retornam todos e começamos de novo ou então embrulharemos o *Chateau d'Eau*, as palmeiras, a Matriz, a Prefeitura e acabaremos de vez com inspirações, energias, plenitudes e forças interiores. E daí prá frente fica só a saudade.⁹⁴

A nostalgia dos anos 80-90 não é algo inédito. Compartilha algumas nuances com sentimento parecido dos anos 30-40. Já naquela época, as práticas cotidianas da elite cachoeirense foram impregnadas de uma mentalidade cujo resultado foi um conservadorismo

⁹¹ JP, 16/7/1998 Carlos Eduardo Florence. Antropofagia cachoeirense, p.2

⁹² JP, 30/4/1994 Opinião. Carlos Eduardo Florence. A cidade e a depressão, p.2

⁹³ JP, 27/5/1999 Carlos Eduardo Florence. O bonde errado, p.2

⁹⁴ JP, 2/7/1994 Opinião. A cidade e as migrações. Carlos Eduardo Florence, p.2

que a imprensa local potencializou intensamente. Tal atitude não era privilégio da elite cachoeirense nem dos jornais locais. Os ideais do romantismo – que procurava suporte nas coisas da natureza – mantinham relação ambígua com o conservadorismo, na medida em que ambos redundavam na mitificação e no reencantamento do mundo moderno, impregnado pelo racionalismo utilitarista.⁹⁵

O hábito sistemático de opor-se ao novo foi explicitado nas páginas do Jornal do Povo. Em 1931, por exemplo, foi publicada nota intitulada *Pela moralidade*, onde se anunciava o filme *Vício e beleza*, em exibição no cinema Coliseu. O jornal emitiu sua opinião conservadora, na expectativa de estabelecer os parâmetros da moral e da boa conduta. Afirmou que se tratava de “fita imoral, grosseiramente confeccionada, sem arte alguma, que não deve interessar à população”.⁹⁶ Esse regramento social impunha alguns procedimentos de praxe na época, como mandar publicar apedidos declarando que nada se devia na praça ou sugerir que as professoras ensinassem “preceitos elementares de conduta” para as crianças respeitarem os jardins públicos.⁹⁷

Ingrediente típico do conservadorismo foi o racismo, evidente nas edições do jornal em períodos diversos. Em 1931, a coluna *Notas policiais* descreveu um fratricídio da seguinte maneira: “Depois de ter o referido crioulo, se retirado, ali chegou A., perguntando onde ele achava o negrão...”.⁹⁸ Posteriormente, o sentimento segregacionista da elite tornou-se moderado, mas nem por isso desapareceu. Em 1945, a coluna *O público reclama* noticiava a “maloca” montada por ciganos no Alto dos Loretos. Segundo o texto, as famílias vizinhas aos ciganos acampados procuraram a redação para reclamar providências no sentido de mudar o acampamento dos “beduínos”, para outro lugar mais afastado da cidade. O argumento utilizado foi da limpeza: “alegam os reclamantes que a sujeira que se vem verificando naquele local, torna-se impossível transitar-se por perto do abarracamento, tal o mau cheiro que exala”.⁹⁹

⁹⁵ Ver FONSECA, Francisco. *O conservadorismo patronal da grande imprensa brasileira*. In: Revista Opinião Pública. Campinas/SP: Unicamp, vol.9, no.2, out/2003, p.73-92 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762003000200004&lng=pt&nrm=isso – acessado em 9/3/2006], ROMANO, Roberto. *Conservadorismo romântico, origem do totalitarismo*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1997, _____. *Reflexões sobre impostos e Raison d’État*. In: Revista de Economia Mackenzie, ano 2, n.2, 2003, p. 75-96 [disponível em http://www.mackenzie.com.br/editoramackenzie/revistas/economia/eco2n2/reveco2n2_art2.pdf – acessado em 9/3/2006] e DUTRA, Eliana de Freitas. *O Não Ser e o Ser Outro. Paulo Prado e seu Retrato do Brasil*. In: Revista Estudos Históricos, vol. 14, n. 26, Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2000, p.233-252 [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/20.pdf> – acessado em 9/3/2006]

⁹⁶ JP, 26/2/1931 Pela moralidade, p.3

⁹⁷ JP, 21/1/1934 Despedida. Olivera Mesquita, p.1 e 17/1/1943 Notas locais, p.4

⁹⁸ JP, 15/11/1931 Noticiário. Fratricídio, p.3

⁹⁹ JP, 15/11/1945 O público reclama, p.4

A nostalgia frutificou desse conservadorismo e permeou durante décadas seguidas a vida da elite cachoeirense. Era, em certa medida, a recíproca da crise do espaço público que se avizinhava com a chegada dos subalternos. A nostalgia apareceu em muitos textos opinativos que abordavam temas relativos à vida cotidiana. Em 1930, por exemplo, A.V. escreveu sobre moços jovens que admiravam velharias e rendiam culto às coisas antigas. Elogiou a atitude de conhecido seu que optou por plantar mudas de arruda e de manjerição em casa, ao invés de roseiras finas, porque era a vegetação preferida de seus avós. Para ele, feliz era o tempo em que se chamava beijo de “bicota” e anel de “mamoria”.¹⁰⁰

Em 1934, Aurélio Lyra escreveu *Recuerdos...*, lamentando a perda de peculiaridades que Cachoeira deixava para trás, como serenatas, churrascos e carretas “compridas e morosas afinando as rodas lá para os lados do matadouro”. Seu medo era que a cidade prosperasse em demasia, mudando o cenário que lhe permitia reviver tempos de outrora.

Já ouço falar de avenidas, hotéis novos, clubes, etc.,— escreveu ele — e isso, de certa forma, vem me atormentando. Eu quero rever a Cachoeira que deixei aí. Que haja progresso, mas sem o sacrificio deste quadro que já vai ficando raro por estas alturas da civilização. Eu quero encontrar em Cachoeira tudo o que me prendeu à sua vida: a terra calma, e a gente boa.¹⁰¹

Usando o pseudônimo “X” em 1937, um cronista fomentou esta nostalgia do passado perdido ao desvelar liras à Cachoeira, “graciosa cidade camponesa, banhada por um rio de águas morenas, encaixilhada no verde das coxilhas e das várzeas”. O Jacuí, outrora rodeado por “lindas matas que orlavam de um verde escuro suas margens” fora desfigurado pelo “machado destruidor e progressista”. A cidade que conhecera na infância, com o “índio, velho tocador de rabeça, a sua palhoça e o grande parreiral”, havia sumido. A praça defronte à igreja matriz, que recordava como profusamente arborizada com ipês, cedros, jacarandás, cinamomos e cerejeiras, com “copas dando sombra e frescura à praça”, fora substituída pelo cutelo urbanista, de “aspecto civilizado, moderno...” Próximo dela, lembrou do teatro municipal, cujas paredes estremeciam com as companhias teatrais e líricas de renome, e que acabou desabando com um grande temporal e foi transferido para o “barracão” próximo do Mercado Público. Na Cachoeira de sua memória, não havia doentes ou mendigos, não se morria “senão de morte natural e de moléstias antigas”. As ruas não eras calçadas nem iluminadas, mas a “água não tinha micróbios nem cloratos”, “os impostos não arrochavam o povo” e “a vida corria sem tropeços eleitorais”.¹⁰² A crônica publicada na semana seguinte

¹⁰⁰ JP, 21/12/1930 Velharias. AV, p.1

¹⁰¹ JP, 5/7/1934 Recuerdos... Aurelio Lyra, p.1

¹⁰² JP, 24/1/1937 Crônicas. X, p.1

resumiu a percepção nostálgica do mesmo autor: “Decididamente, Cachoeira está bonita, está moderna, mas... acabou-se o que era bom!”¹⁰³

Esse sentimento de nostalgia aparecia muitas vezes como oposição à tendência mundial de exaltar os novos tempos como tempos das inovações e do progresso, do desenvolvimento tecnológico e científico, visto prioritariamente na acumulação de aquisições materiais e de conhecimentos objetivos capazes de transformar a vida social e de conferir-lhe maior significação e alcance no contexto da experiência humana, na maioria das vezes sem o menor senso crítico que tal posição acarretava.¹⁰⁴ A imprensa foi tida como cama de salto capaz de permitir a concretização desses ideais, no que tange a sua capacidade de insuflar no imaginário social a idéia ilusória e ingênua de progresso ou de nostalgia, de acordo com as circunstâncias econômicas, sociais, políticas e culturais da época.¹⁰⁵

Imbuído do espírito conservador, pano de fundo da nostalgia, o Jornal do Povo criticou o progressismo num editorial de janeiro de 1932, julgando-o como “gigantesca e tortuosa escada do mundo hodierno”, colossal embarcação onde “os passageiros se espremem e se atropelam, ansiosos por desembarcarem no porto das utopias”. Em outras palavras, multidão atônita caminhando em trajeto tortuoso, num rumo oposto à verdade e à justiça. Para o jornal, os progressistas abandonavam as virtudes da tradição ao despirem-se “das vestes dos preceitos gravados naqueles intangíveis e austeros templários, de onde culminavam e se difundiam os mais puros princípios de sãs virtudes”. Além disso, arvoravam-se em

¹⁰³ JP, 31/1/1937 Crônicas. X, p.1

¹⁰⁴ Como vozes dissonantes dessa tendência, Walter Benjamin e Theodor Adorno, já alertavam para o fato de que os anseios progressistas redundavam numa confusão entre progresso das técnicas e dos conhecimentos com progresso da humanidade em si. O progresso material, das técnicas emancipacionistas e o dos saberes resultavam em satisfações das necessidades humanas, tornando-se, assim, marcas indeléveis do processo progressivo, mas o progresso moral da humanidade não seguia imediatamente estas conquistas materiais. Este conceito de progresso humano repousava na constituição social global e no sujeito consciente de si mesmo, únicas armas capazes de afastar o desastre total que se avizinhava em fins dos anos 30. O verdadeiro progresso consistiria na guerra contra o triunfo do nazi-fascismo, na resistência ao constante perigo de regressão à barbárie que o totalitarismo representava e na possibilidade de evitar a catástrofe integral. Nesta lógica, se pelo progresso intelectual seria compreensível o discernimento entre o certo e o errado, mas que o desenvolvimento moral não o acompanharia concomitantemente, a inteligência humana, a técnica e as conquistas materiais poderiam ser postas a “serviço das trevas”. Ver ADORNO, Theodor. *Progresso*. Tradução de Gabriel Cohn. In: *Revista Lua Nova*, nº 27, 1992. BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*, tradução de Heindrun Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tania Jatobá, série *Estudos Alemães*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. op.cit., 1987. BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II*, tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho de José Carlos Barbosa, 5ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1995. BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, tradução de José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista, São Paulo: Brasiliense, 1989. BENJAMIN, Walter. *Paris, capital do século XIX*, In: KOTHE, Flávio (org.), *Walter Benjamin: sociologia*, São Paulo: Ática, 1985

¹⁰⁵ Interessante a análise de VENEU, Marcos Guedes. *O flâneur e a vertigem, metrópole e subjetividade na obra de João do Rio*. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1990, p.229-243, que mostra através de contos, reportagens, crônicas e conferências de Paulo Barreto, sob pseudônimo João do Rio, acerca do progresso metropolitano ameaçador.

“representantes da sensatez coletiva”, ostentando perante “os olhos dos bococos e inscientes”, a “falsa aparência de dignidade”, de forma “hipócrita”. As aspirações de desenvolvimento eram “caprichosas” e “egoístas”, enveredavam por caminhos “espinhosos” e “intermites”, esqueciam os mais fracos, faziam-se surdas “ao clamor das turbas esfarrapadas, alheia a desventura da pobreza”, indiferentes à “gratidão dos favores recebidos”, irreverentes ao “respeito da velhice e do lar alheios”, prepotentes “para com os fracos”, desdenhosas “para com os modestamente trajados”.¹⁰⁶

Apesar desta posição conservadora, o jornal eventualmente abria espaços em suas edições, nos anos 30-45, para cartas de leitores exaltando o progresso de Cachoeira e o patriotismo dos munícipes. Cely Adel Guarani de Bem escreveu que o município avançava em “magníficas arrancadas” e progredia sob “influxos de um labor inteligente e constante”. Como “pedaço mágico de terra”, tinha “fertilidade”, “beleza” e “opulência”, permitindo aos “heróis que a povoam” os “grandes empreendimentos”.¹⁰⁷ Para outro leitor, a cidade precisava submeter-se “pacientemente” aos “sacrifícios impostos pelo progresso”.¹⁰⁸ O tenente-coronel Francisco Pessoa Cavalcanti registrou suas impressões positivas, destacando os “vales alcantilados e fertilíssimos”, o rio Jacuí e o saneamento urbano, exemplos que mostravam, segundo ele, o progresso e a florescência da cidade.¹⁰⁹ Para J.D.L., Cachoeira havia sido gerada no advento do modernismo, não precisaria destruir nada, somente edificar.¹¹⁰ Bidico Turco chegou a escrever uma oração para abençoar os avanços materiais do município:

Benditas sejam tu, pelas tuas casas, quietas que sorriem num riso claro de bondade; pelas tuas igrejas erguidas que vivem num namoro eterno com o azulamento imaculado do firmamento. Benditas sejam tu, pelas tuas avenidas amplas e ensombradas; pelas tuas fábricas potentes que vomitam anelões azulados de fumaça denunciando o progresso dos teus filhos. Benditas sejam tu, pelas tuas calçadas mudas e pensativas; pelas tuas árvores verdes e bonitas que lembram as copas fartas aonde repousavam da jornada os patriarcas bíblicos. Benditas sejam tu, Cachoeira progressista, pela glória de seres mãe de Virgílio de Abreu, a personificação esplêndida da cultura e da inteligência. Cachoeira, eu me orgulho de ser teu filho, porque a tua história é nimbada por uma auréola luminosa de paz, de ordem e de labor. Recebe, pois, cá de meu carinho e do amor a reverência profunda da minha saudação.¹¹¹

Em 1945, Wilson B. da Silva imprimiu na crônica *Para ti, Cachoeira do Sul* lirismo verdadeiramente apaixonado pela cidade. A pequena Cachoeira de outrora havia se transformado. A “aurora do progresso” dissipara as “trevas do esquecimento” em que se encontrava. No lugar das “velhas casas” foram construídos edifícios; indústrias e engenhos

¹⁰⁶ JP, 21/1/1932 Editorial, p.1

¹⁰⁷ JP, 5/8/1937 Cachoeira, seu progresso e o patriotismo de sua gente. Cely Adel Guarani de Bem, p.1

¹⁰⁸ JP, 12/12/1937 A anunciadora “Voz de Cachoeira”, p.6

¹⁰⁹ JP, 8/5/1938 Cachoeira impressões. Tent. Cel. Francisco Pessoa Cavalcanti, p.1

¹¹⁰ JP, 12/5/1940 Cachoeira! J.D.L., p.3

¹¹¹ JP, 20/2/1938 Vida Social. Oração à Cachoeira. Bidico Turco, p.2

floresceram; estradas foram alongadas; surgiram colégios, igrejas, quadras de esporte, linhas aéreas e demais melhoramentos. Conquistas devidas aos “filhos entusiastas”, que “tudo fizeram”, com sacrifícios e trabalho extasiado. Para ele, isso não bastava: “Precisas ir mais para frente, em busca de novos progressos”.¹¹² No mesmo ano, Fúlvio da Silveira Bastos escreveu de forma semelhante. Sob o título *Curvo-me, reverente...*, destacou os jardins, as praças, a mocidade exuberante, os salões sociais, o colorido das ruas nos fins de tarde, o intenso movimento no bairro comercial, as fornalhas escaldante nas fábricas e a pujança dos arrozaís que desencadeavam vertiginosa onda de progresso e vida.¹¹³

Paradoxalmente, conservadorismo e exaltação do progresso apresentavam-se como faces da mesma moeda. Ambos traziam consigo em comum a idéia de troca. Por um lado, se ela fora justa, não ocorreria progresso, dada a permanência no mesmo patamar. Por outro, a necessidade em manter a relação de troca desigual para conservar o *status quo* dos estabelecidos. Na dinâmica capitalista, estas questões foram colocadas de forma extraordinária. Na apropriação de poucos em detrimento de muitos, residia este princípio, que longe de ser estático, tornou-se extremamente dinâmico. Por esta razão, o conservadorismo e o progresso da época resultaram em tipos semelhantes de dominação social por parte da elite.

A partir do exposto, depreende-se que a nostalgia potencializada pela imprensa cachoeirense, a partir da década de 80, tenha relação direta com as condições sócio-econômicas da cidade. O crescimento em menor medida de Cachoeira, quando comparado a outras cidades, fez com que se perdessem valores considerados fundamentais para a elite local. Contudo, acredito que o ímpeto nostálgico é fruto da perda do espaço público por parte da elite, principalmente a zona central, onde materializaram-se muitos dos ideais urbanos elitistas nos anos 20, época em que os subalternos mantinham-se nos limites espaciais/simbólicos que lhes eram impostos. Conforme o historiador Jacques Le Goff, o futuro aparece, nesta perspectiva, de duas formas: o fim talvez definitivo ou inserido num ciclo cuja morte é seguida de renascimento, visões históricas que se traduzem sob forma de periodização e provocam querelas, em especial a dos “antigos” versus a dos “modernos”.¹¹⁴

Desta maneira, quem fomenta o olhar nostálgico, acaba criticando o período em que vive, em nome de valores do passado, e critica o progresso, realçando suas marcas mais derradeiras. Mesmo o desejo de progredir reveste-se da condição de resgatar a pujança que se tinha anteriormente. A resposta da elite cachoeirense caminha no sentido de acentuar o apelo

¹¹² JP, 4/2/1945 Para ti, Cachoeira do Sul. Wilson B. da Silva, p.3

¹¹³ JP, 20/11/1945 Curvo-me, reverente... Fúlvio da Silveira Bastos, p.2

¹¹⁴ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1990, p.422

mitificado ao passado, visto freqüentemente nas publicações das crônicas, reportagens e editoriais evocando memórias, os tempos áureos ou o passado glorioso, como foi mostrado anteriormente.

Frente a essa situação dos anos 80-90, a resposta da elite cachoeirense foi justamente apegar-se aos feitos passados, como se eles pudessem trazer de volta aquela época, considerada progressista, mesmo que num sentido muito mais de competição com relação a outras cidades do que comparando as épocas passadas. Por isto na Cachoeira do Sul dos dias de hoje é muito presente essa questão da nostalgia, esse apego às glórias de outrora. É nesse sentido que a elite parece acomodar-se, “deitar em berço esplêndido”.

Cabe ressaltar que a nostalgia presente no discurso da imprensa é posta de forma generalizada, como se fosse algo de toda comunidade. Embora não discuta aqui a trajetória das pessoas que migraram do campo para a cidade, é natural pensar que elas vieram em busca de melhores condições, pensar quanto a cidade atraía, legítimo canto de sereia que prometia uma vida melhor estruturada, maiores oportunidades de crescimento e ganhos. Mesmo que tais promessas não foram cumpridas, o fluxo migratório campo-cidade não se inverteu, tampouco as pessoas deixaram de fugir do campo. Mas, através da imprensa cachoeirense, não é possível saber o que pensavam esses migrantes, pela simples ausência da fala dos subalternos nos jornais. Estudos apontam a existência de certa nostalgia no campesinato brasileiro, representação idealizada tendo o passado como “estável” frente às incertezas do futuro.¹¹⁵ A diferença reside na busca daquilo que se “perdeu”: para os subalternos, a estabilidade; para a elite cachoeirense; o domínio simbólico do espaço urbano homogeneizado.

Mostra dessa diferença é o fato do jornal ser o porta-voz da chamada crise, mas levar a crer que não passa por privações econômicas dela decorrentes. Remete para fatos aos quais parece estar imune. O artigo *O nosso jornal*,¹¹⁶ assinado pelo diretor do Jornal do Povo, Eládio Vieira da Cunha, exemplifica essa questão, ao mostrar o jornal numa imagem progressista, diferente da imagem negativa e retrógrada de Cachoeira, comumente evocada nas edições do jornal, tanto nas reportagens quanto nos artigos opinativos. Ele usa abundantemente superlativos – instrumento de amplificação das idéias, defensor dos interesses, vigoroso incentivador de iniciativas, estimulador da cidadania, promotor de

¹¹⁵ GARCIA, Afrânio. *A sociologia rural no Brasil: entre escravos do passado e parceiros do futuro*. In: Sociologias. Porto Alegre: PPG Sociologia/UFRGS, n.10, 2003 p.154-189 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222003000200006&lng=pt&nrm=iso – acessado em 20/12/2006]

¹¹⁶ JP, 28/6/1997 Artigo. Eládio Vieira da Cunha. *O nosso jornal*, p.2

desenvolvimento, sétimo maior diário do interior do Estado em número de exemplares e qualidade gráfica e editorial – para marcar as diferenças entre o jornal e a cidade. Em resumo, o JP seria vencedor numa cidade perdedora. Se para o jornal a decadência da região passaria ao largo, a mesma lógica pode ser aplicada aos demais membros da elite local. Desta forma, o mote da nostalgia elitista não reside na perda da liderança econômica do município, mas no fato do espaço público ter sido invadido pelos *outsiders*.

É partindo dessa idéia de nostalgia e idealização do passado pela elite cachoeirense e tomando em conta, entre outros, o episódio descrito logo no início, que penso a cidade de Cachoeira do Sul para este trabalho. De que cidade falam as elites do final do século XX quando se voltam para o passado através das páginas do jornal? O que as reportagens, editoriais e cronistas habituais rememoram? O que caracteriza esta cidade (re)lembrada para despertar tal sentimento de forma generalizada entre a elite cachoeirense? O que se fazia na época e se deixou de fazer posteriormente a ponto de despertar tanta saudade? Considero que essa reconstituição não parte exclusivamente das próprias memórias de quem as escreveu, visto que muitos necessariamente não viveram naquele período, mas estão baseadas em lembranças de quem conta a história local. Essa nostalgia, portanto, não parece ser de toda comunidade cachoeirense, mas de uma elite, leitora e dirigente do jornal, que sonha com seu paraíso perdido e faz de suas memórias as memórias de todos os cachoeirenses.

Para responder essas questões, nesta tese – *Muito além da praça José Bonifácio: as elites e os “outsiders” em Cachoeira do Sul pela voz do Jornal do Povo, 1930-1945* – procuro ver a dinâmica da vida da elite cachoeirense, considerando as transformações da diferenciação social praticada por esse grupo, através de suas práticas cotidianas, no período histórico entre as décadas 30 e 40, buscando compreender como o espaço urbano central da sede do município constituiu-se em campo de enfrentamento das forças locais, no momento em que abrigou ou excluiu determinados tipos de habitantes. Procuro ver também qual a influência dos fluxos migratórios locais na organização/desorganização desse espaço e de que maneira as práticas urbanas do dia-a-dia da elite cachoeirense foram se reafirmando/modificando em contato com esses “novos bárbaros” ou *outsiders*.

Muito além da praça José Bonifácio porque esse logradouro pode ser considerado, para a época, epicentro onde impunham-se as barreiras sociais entre a elite moradora do centro e os *outsiders* que literalmente invadiram o espaço urbano, gerando conflitos como o episódio narrado logo no início desta introdução. A partir da praça, ampliavam-se tais práticas discriminatórias. E para narrar o momento, o Jornal do Povo, veículo porta-voz dos ideais elitistas, reafirmando continuamente, através do texto impresso, aquilo que a parcela da

população mais abastada desejava estabelecer como verdadeiro e correto, portanto, como o que deveria ser seguido por todos.

A praça José Bonifácio aparece como símbolo de lugar da elite no período estudado, mas as práticas excludentes impregnavam muitas das relações além dos limites espaciais do logradouro central, perpetuando-se em praticamente toda área urbana, quiçá na suburbana, com intensidades semelhantes. Por esta razão, a análise estende-se para a zona central, saneada no fim dos anos 20, e, em raros momentos, avança até os arredores da cidade, os subúrbios onde vivia a população subalterna.

De certa maneira, tento mostrar o enfrentamento simbólico entre a elite cachoeirense e os subalternos que passaram a ocupar o espaço urbano central nas décadas subseqüentes a 1929-30. Como esse novo quadro sócio-econômico-espacial modificou a paisagem urbana, advindo daí novas relações, urbanidade afetada pelo modo de agir diário. Essas modificações no cotidiano da urbe acentuaram-se nas décadas seguintes. Nos anos 80-90, a transição parece ter-se completado. Os tempos áureos do arroz irrigado e dos investimentos recebidos pelas colônias circunvizinhas, época em que poucos privilegiados viviam na zona urbana central, deram lugar ao perfil econômico baseado na agricultura monocultora, somado a diminuta capacidade de gerar emprego e renda para a massa populacional que passou a habitar a zona urbana, características das cidades localizadas fora dos eixos metropolitanos que acabaram por distanciar-se do empuxo econômico decorrentes das grandes aglomerações informacionais, sociais, culturais, políticas, econômicas, etc., no fim do século XX. Desta forma, o que ocorreu em Cachoeira do Sul é algo muito parecido ao de outras cidades que mantiveram esse perfil. Como não lembrar de cidades outrora pujantes, como Pelotas e Rio Grande, só para ficar em dois exemplos gaúchos? E o sonho daqueles que migraram para outras regiões, deixando para trás a falta de perspectiva que essas cidades ofereciam? Saudades da terra? Vontade de retorno algum dia? Retorno na velhice?

No período que circunscrevi, as mudanças político-econômicas brasileiras resultaram na transformação paulatina do perfil populacional do município. Até os anos 30, a população cachoeirense era predominantemente rural. Em 1920, por exemplo, o município tinha 53 mil habitantes para uma população urbana estimada em pouco mais de 10 mil, algo em torno de 18%. Nos anos 40, a população urbana da sede tinha simplesmente dobrado de tamanho, passando para 20 mil habitantes, o que representava 24% do total de 83 mil, mesmo que na zona rural ainda vivessem 63 mil pessoas (76%). Todavia, o intenso processo migratório campo-cidade, visto neste interstício, desencadearia os primeiros impactos no seio das relações sociais e no cotidiano da cidade, alternando principalmente a convivência diária entre

a elite e os *outsiders*, abalos que se tornariam muito mais profundos, fulminantes e avassaladores nas décadas seguintes. Mostra disso é o aumento populacional verificado nos anos do pós-guerra. Se até 1950, a população da sede cachoeirense manteve-se próxima dos 25%, 24 mil habitantes para os mais de 95 mil em todo município, no início dos anos 60 a população urbana saltou para 40 mil, 47% dos 84,5 mil habitantes. As décadas seguintes veriam o agravamento do inchaço populacional, com a elevação para 60 mil (64%) habitantes na zona urbana, de um total de 93,3 mil, em 1980, e 70 mil na zona urbana (78%) de um total de 90 mil habitantes, em 1990.¹¹⁷

Nesse contexto, levanto a seguinte tese: no interstício dos anos 30-40, os *outsiders*, ao ocuparem o espaço urbano central de Cachoeira do Sul, desorganizaram a ordem imposta na cidade pela elite, segundo a visão do Jornal do Povo.

Para comprovar essa tese procuro responder aos questionamentos de como o Jornal do Povo construiu uma dada imagem da cidade de Cachoeira do Sul no período focado e das elites que nela habitavam? Como o JP narrou a organização e a desorganização da cidade neste breve período de tempo? De que forma a distinção social, explicitada nas páginas do jornal, foi se refletindo nas práticas cotidianas da elite cachoeirense em contato com os grupos subalternos que aos poucos migravam para a cidade, ao longo do período aqui enfocado, entre os anos 1930 e 1945?

Entendo que os fluxos migratórios internos fortemente impulsionados pelo êxodo rural, responsáveis pelo aumento da população no entorno da sede do município de Cachoeira do Sul, permitiram/influenciaram na desorganização/reorganização do espaço urbano central e essa dinâmica organizacional, por conseguinte, provocou mutações/permanências nas práticas cotidianas da elite cachoeirense.

Como nas primeiras duas décadas do século XX, principalmente nos anos 1925-28, o espaço urbano central da sede de Cachoeira do Sul foi pensado e produzido pela elite agrária, comercial e, em parte, industrial, de descendência principalmente portuguesa, alemã e

¹¹⁷ A diminuição de habitantes totais, em 1959, deveu-se a emancipação do distrito de Agudo, de origem alemã. Nos anos 70-90, além das emancipações, muitos cachoeirenses migraram para outras regiões. A mudança do perfil demográfico cachoeirense acompanhou o do Rio Grande do Sul. Em 1950, a porcentagem da população urbana do Estado era de 34,14%; em 1960, 44,89%; em 1970, 53,33%; em 1980, 67,53%; em 1991, 76,56%; em 2000, 81,65%. Fonte: CAMOZATO, Benjamin C. (org.) *Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil*, Cachoeira de Sul: Município de Cachoeira, 1922. Anuário estatístico do Brasil 1936. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, 1936. Anuário estatístico do Brasil 1941/1945. Rio de Janeiro: IBGE, v. 6, 1946. Anuário estatístico do Brasil 1950. Rio de Janeiro: IBGE, v. 11, 1951. Anuário estatístico do Brasil 1961. Rio de Janeiro: IBGE, v. 22, 1961. Anuário estatístico do Brasil 1973. Rio de Janeiro: IBGE, v. 34, 1973. Anuário estatístico do Brasil 1983. Rio de Janeiro: IBGE, v. 44, 1984. Anuário estatístico do Brasil 1986. Rio de Janeiro: IBGE, v. 47, 1987. Anuário estatístico do Brasil 1995. Rio de Janeiro: IBGE, v. 55, 1995. Em 1930 não foi feito censo nacional, por essa razão a inexistência de dados concretos, somente estimativas.

italiana, sofrendo intervenções profundas, com alterações em seus aspectos infra-estrutural e estético, trabalhei com a hipótese de que nos anos seguintes, 1930-1945, a elite estabelecida buscou, através de práticas cotidianas próprias, cultivar certo “verniz civilizador”, na tentativa de marcar diferenças no intuito de manter afastados de seu convívio os migrantes.

Durante essa fase, que coincide com a Era Vargas, a economia da região continuou tendo no campo sua maior fonte de riqueza, principalmente através da lavoura de arroz, pujança que permitiu o desenvolvimento de casas comerciais e pequenas indústrias instaladas no município. Todavia, em fins dos anos 20 e início dos 30, os atrativos de maiores ganhos no trabalho industrial e de serviços na zona urbana cachoeirense, bem como a incipiente mecanização do campo e a utilização de novos insumos agrícolas – tudo isso tendo como pano de fundo a própria reorganização das forças econômicas nacionais e internacionais devido ao *crash* da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929 – intensificaram o êxodo rural, desencadeando o inchaço da periferia urbana do município numa ocupação tida por desordenada, processo que acabou subtraindo paulatinamente da elite os espaços públicos da zona central, em contraposição à ocupação da maioria subalterna. De forma residual, esse contexto exigiu mudanças nas práticas cotidianas, num fluxo marcado pelo deslocamento da elite para atividades em espaços privados e dos populares para efetuar a ocupação do vácuo deixado no espaço público. Ao longo do trabalho busco comprovar essas hipóteses.

Entendo como práticas cotidianas tudo aquilo que os indivíduos fazem no espaço urbano em que vivem, que pode ser tanto aberto, como praças e ruas, quanto de uso restrito, como clubes, lojas ou até residências. Cotidianas porque são práticas do dia-a-dia, que se sucedem ou se praticam habitualmente. Assim, envolvem infinitudes de questões triviais, como andar, falar, comer e vestir. Excluo destas práticas aquilo que os indivíduos fazem na intimidade, sozinhos ou entre grupo muito restrito de pessoas, normalmente de confiança, como familiares ou amigos íntimos. Isto porque nas práticas cotidianas, os indivíduos se auto-disciplinam mas também agem por vezes de forma incoerente, não uniforme nem estaticamente, onde, ao contrário de padronização e generalização daquilo que fazem usualmente, promovem rupturas que modificam seus padrões de comportamento.¹¹⁸

Na intimidade, os indivíduos podem comportar-se de formas diferentes de quando em público, contraditórias muitas vezes, que não interessam-me aqui analisar, a não ser em casos esporádicos que possam reforçar a análise. A linha que divide algumas destas ações

¹¹⁸ Parto dos princípios apontados por CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Tradução de Ephraim Alves. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994 e _____. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996, os quais explorei mais adiante.

corriqueiras da vida particular não é delimitada de forma precisa, exata, fazendo com que essas ações particulares possam ser tornadas públicas em certos momentos. Além disso, as práticas cotidianas dos diversos grupos sociais – sejam eles estabelecidos ou *outsiders* – não podem ser tidas de forma generalizada, em que pese o fato delas permitirem certo reconhecimento e fazerem que, por isso mesmo, os grupos construam sua auto-imagem e procurem ser vistos como tal. Há determinadas práticas observadas para que se produza a sensação de pertencimento, de fazer parte de determinado grupo. Assim, incluem não só ações auto-disciplinadoras que aproximam os indivíduos, que fazem com que entendam-se e vejam-se como grupo, mas também os desacordos existentes internamente, que promovem as rupturas que modificam comportamentos corriqueiros.

Para entender como as práticas cotidianas da elite cachoeirense nos anos 30-45 foram afetadas pela organização, desorganização e reorganização do espaço urbano central, que, por sua vez, tiveram relação visceral com o aumento da população urbana da sede do município, parto do princípio de que o arranjo físico dos espaços urbanos torna-se agente ativo na realização de determinadas práticas. Neste raciocínio, a ordem espacial é concebida como condição para que tais práticas se produzam e que estas são, em certa medida, dependentes de dada distribuição ou arrumação das coisas no espaço. Tal entendimento não é estanque ou mecanicista, a ponto de se concluir que as formas espaciais podem explicar completamente as maneiras de ser de determinada sociedade ou grupo social. Nem o inverso, que o espaço seja simples reflexo da sociedade. Entendo que o espaço urbano é, ao mesmo tempo, o terreno onde as práticas cotidianas se exercem, a condição necessária para que elas existam e o quadro que as delimita e lhes dá sentido.¹¹⁹ Assim, num duplo imperativo, as composições do espaço urbano afetam as práticas cotidianas da mesma maneira em que estas afetam a organização física do lugar.

A justificativa para este recorte histórico dá-se pelo entendimento de que as tendências demográficas neste período, e por conseguinte suas relações sócio-políticas-econômicas-culturais, contrastam em aspectos importantes com os fenômenos até então vistos. Como divisor de águas, o início dos anos 30 foi profundamente marcado pela crise econômica norte-americana que influenciou praticamente todo mundo ocidental, quiçá mundial, permitindo, inclusive, a ascensão de regimes totalitários como o nazi-fascismo europeu e o populismo getulista no Brasil. Esta reorganização mundial de forças afetou o crescimento demográfico, o

¹¹⁹ Esses princípios são explorados detalhadamente por GOMES, Paulo César da Costa. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002 e FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p. 71-104

ritmo econômico e as transformações urbanas; conseqüentemente, as práticas cotidianas sofreram mudanças profundas e radicais em alguns aspectos; em outros, ganharam nova roupagem. Nas décadas seguintes, foram gestadas algumas das características que se tornariam predominantes no Brasil e no mundo, tais como urbanização e industrialização intensas, com o aparecimento das periferias vistas como problemáticas, do operariado, das políticas públicas, da miséria exposta, da violência urbana, etc. Não que elas inexistissem antes de 1929, mas sua intensidade seria sentida deste período em diante. Essas dicotomias agravaram-se profundamente com o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

Em termos de tempo histórico, tais relações tiveram forte influência em Cachoeira do Sul, dado o aumento populacional verificado no interstício 1930-1945. Este aumento deu-se pelo êxodo rural, agricultores autônomos ou empregados das lavouras que migraram para a zona urbana, migrações intra-districtais, moradores dos núcleos districtais sob jurisdição de Cachoeira do Sul que se deslocaram para a sede do município, e intra-municipais, habitantes de outros municípios que migraram para Cachoeira. Pensar no contexto deste período remete para mudanças fundamentais nele engendradas: de ambiente muito mais próximo do homogêneo, pasteurizado, livre dos incômodos dos subalternos, ocupado preferencialmente pela elite, principalmente com as reformas urbanas de 1925-28, para ambiente heterogêneo, onde co-existe a multiplicidade de formas espaciais urbanas e de práticas cotidianas que decorrem desta diversidade, imagem e semelhança fisionômica dos *outsiders*, dos migrantes subalternos que invadiram Cachoeira nas décadas subseqüentes a 30-40.

Se até então a simultaneidade das práticas cotidianas e do próprio espaço urbano cachoeirense ainda era muito delimitada, o que possibilitava definir-se qual espaço ocupava a elite e qual os subalternos, a partir da afluência migratória as imagens do urbano começaram a tornarem-se díspares, fazendo com que, de certa maneira, a elite passasse a repugnar a convivência com os não-civilizados, revigorando a incapacidade de lidar com o diferente e o estranho. Estudar a simultaneidade das práticas cotidianas e do urbano no intervalo proposto é partir duma perspectiva polifônica, onde a comunicação urbana é vista como conjunto heterogêneo de significados e significantes, que cruzam-se entre si, relacionam-se, sobrepõem-se, isolando-se e contrastando-se ao mesmo tempo e no mesmo espaço. Compreender a cidade e as relações nela existentes significa colher esses fragmentos, lançando pontes entre eles, caminho possível para encontrar sua pluralidade de significados.¹²⁰

¹²⁰ Sobre a perspectiva polifônica, ver CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica. Ensaio sobre a Antropologia da comunicação urbana*. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1993

Seguindo esta lógica, estruturei o trabalho em sete capítulos e respectivos sub-capítulos, além dessa introdução e das considerações finais. Os dois primeiros capítulos são reflexões teóricas sobre o tema e históricas sobre Cachoeira do Sul e sobre a imprensa, a principal das fontes que utilizei ao longo deste trabalho. No terceiro capítulo, procurei analisar a imbricada teia de inter-relações entre os aspectos econômicos, urbanos e migratórios locais. Procurei ver a predominância de alguns aspectos econômicos sobre os fluxos migratórios e como essa corrente campo-cidade, intra-regional ou mesmo inter-estadual, influenciaram na construção, reforma, organização e desorganização do espaço urbano cachoeirense, especificamente sua zona central.

À luz dessas constatações, nos capítulos quatro a sete, procurei ler as práticas cotidianas da elite cachoeirense no período em questão, em especial as rupturas delas decorrentes e que foram significativas para o dia-a-dia dos estabelecidos, em confronto com os *outsiders*. Estruturas cotidianas que revelam-se no fazer diário, no transitar em público, no passear nas ruas e praças, nas relações de civilidade e convivência, no regramento social, no trato de questões como vida e morte, nos lazeres, divertimentos e distrações, nos esportes ou deleites dos cafés e confeitarias, nos cinemas e teatros, nos clubes e bailes, no carnaval, e no trato com os “indesejáveis”, “subalternos” “incivilizados” e “desordeiros”: mendigos, vagabundos, prostitutas, jogadores, beberrões, menores delinquentes, presidiários, mendigos, todos aqueles que a elite tratava como resíduo social, espécie de subproduto da invasão da subalternidade vista no período.

No conjunto da análise, utilizei como fontes de pesquisa alguns documentos históricos referentes ao município, como livros de Aurélio Porto, Ângela Schuh e Ione Sanmartin Carlos,¹²¹ Tupinambá Pinto de Azevedo, Liberato Vieira da Cunha, Geraldo Mário Rohde e João Carlos Mor;¹²² de edições reunindo dados locais, como o Grande Álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil, organizado por Benjamin Camozato, o Álbum do Sindicato Arrozeiro, o Relatório da Prefeitura Municipal de Cachoeira, na gestão de Cyro da Cunha Carlos, as duas edições de Cachoeira Histórica e Informativa, de Vitorino Portela e

¹²¹ PORTO, Aurélio. *Cachoeira. Resumo Histórico*. In: CAMOZATO, Benjamin C. (org.) *Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil*, op.cit, 1922; _____. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/RS: Martins Livres, 1996 [edição original de 1934]; SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartin. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. Porto Alegre: Martins Livres, 1991

¹²² AZEVEDO, Tupinambá Pinto de. *Cachoeira do Sul, comarca: 150 anos de história*. Cachoeira do Sul: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul, 1985; CUNHA, Liberato Vieira da. *Um visto para o interior. Viagens a Cachoeira e meus outros mundos*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1996, ROHDE, Geraldo Mário. *Cachoeira do Sul: uma perspectiva ambiental*. Canoas: ULBRA, 1998 e MÓR, João Carlos Alves. *A minha Cachoeira*. Porto Alegre: Martins Livres, 2001

Manoel de Carvalho Portela, Aspectos Gerais de Cachoeira, de Fortunato Pimentel,¹²³ o Álbum Comemorativo a passagem do primeiro centenário de Cachoeira do Sul, o Guia Geral do Município de Cachoeira do Sul, de José Pacheco de Abreu, a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, do IBGE,¹²⁴ o Centenário de Cachoeira do Sul e parte da coleção da revista Aquarela, relatos pitorescos, alegres e otimistas do passado cachoeirense, publicados por Humberto Attilio Guidugli;¹²⁵ outros livros como a Fundação do Município de Cachoeira do Sul: documentos históricos, os 100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996, o Cachoeira em Jornal e o Levantamento histórico da industrialização de Cachoeira do Sul,¹²⁶ ambos organizados pelo Museu Municipal de Cachoeira do Sul, além de documentos avulsos organizados e cedidos pelo Arquivo Histórico Municipal de Cachoeira do Sul,¹²⁷ incluindo algumas leis municipais.

O maior peso da minha pesquisa foi na imprensa local, principalmente no Jornal do Povo, que circula na região de Cachoeira do Sul ininterruptamente desde 29 de junho de 1929. Selecionei 782 fragmentos de notícias, entre reportagens, crônicas, apêditos, etc., no período de 1929 até 1948, para tentar enxergar como o jornal constrói uma imagem de cidade e daqueles que nela habitam ou estão ligados de alguma maneira, mesmo que essa imagem refira-se à parte que lê o jornal e, por conseguinte, forma alguma opinião acerca do narrado, mas que, de alguma forma, por força do poder simbólico que carrega, muitas vezes impregna

¹²³ CAMOZATO, Benjamin. *Grande Álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil*. op.cit., 1922; *Álbum do Sindicato Arrozeiro*, 1935, *Relatório da Prefeitura Municipal de Cachoeira, relativo ao exercício de 1939, apresentado pelo Snr. Cyro da Cunha Carlos, sub-prefeito da sede no exercício de prefeito*, Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940; PORTELA, Vitorino. PORTELA, Manoel de Carvalho. *Cachoeira Histórica e Informativa*. Cachoeira: Tipografia Portela, 1ª ed, 1940, 2ª ed., 1943, e PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. Porto Alegre: Tipografia Gundlach, 1941

¹²⁴ *Álbum Comemorativo a passagem do primeiro centenário de Cachoeira do Sul*, Cachoeira do Sul: Município de Cachoeira do Sul, 1959; ABREU, José Pacheco de. *Guia Geral do Município de Cachoeira do Sul*. Cachoeira do Sul: Município de Cachoeira do Sul, 1963; FERREIRA, Jurandyr Pires. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, vol. XXXIII, 1959

¹²⁵ Humberto Attilio Guidugli (pseudônimo Eliseu) publicou *O Centenário de Cachoeira do Sul* em 1959. A revista *Aquarela* circulou entre o final dos anos 50 até início dos anos 70, um pouco depois do falecimento de Humberto, em 23/2/1971. Parte da coleção da revista encontra-se no Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul.

¹²⁶ *Fundação do Município de Cachoeira do Sul: documentos históricos*. Cachoeira do Sul: Museu Municipal de Cachoeira do Sul, 1987, *100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996*, Cachoeira do Sul: Gráfica Jacuí, 1996, *Cachoeira em jornal – catálogo*, 1982 e *Levantamento histórico da industrialização de Cachoeira do Sul*, Cachoeira do Sul: Museu Municipal e Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul, 1983

¹²⁷ Por exemplo: exposição do Arquivo Histórico Municipal HCB, *100 anos de história*; Código de Posturas Municipais, 1853; Livro de Atas do Grande Conselho do HCB, 1936-1968; Livro de Atas de Sessões da Câmara Municipal (1830-1864), entre outros.

a visão de toda comunidade, ou mesmo passa a valer como se fosse de todos; mas também, numa retroação, como a comunidade alimenta os acontecimentos narrados no jornal.¹²⁸

Entendo que tal documento, como fonte historiográfica, permite radiografar as práticas cotidianas, principalmente as rupturas ou mudanças nos padrões de comportamento da elite da época. Com a missão diária de forçar a atenção do leitor, “em mergulhar seu enfado na torrente ininterrupta de acontecimentos confusos que faz a atualidade”, o jornal acaba simplificando e desfigurando a realidade ao mediá-la.¹²⁹ Uma leitura atenta dessa fonte, contrapondo-a às outras fontes históricas, permite revelar o processo de doutrinação simbólica que se constrói através de pressupostos impostos como óbvios e inevitáveis, não de forma arbitrária mas tornados reconhecidos de forma natural.¹³⁰ Como documento que enxerga e descreve a micro-história¹³¹ espacial e temporal, o jornal abre possibilidades de revelar em determinados momentos, nos fatos aparentemente irrelevantes, os confrontos de idéias e a própria relação de força existente no entrecruzamento do mundo social. Embora minha finalidade não fosse fazer uma análise comparativa dos discursos produzidos pela imprensa local, trabalhei também com alguns dados organizados e disponibilizados pelo Arquivo Municipal do jornal local O Comercio (1900-1966).

Outro material levantado foi parte do acervo iconográfico do Museu Histórico Municipal e do Arquivo Histórico Municipal, constituído de fotos, mapas, planos urbanos e outras representações gráficas do município. Tais imagens do passado “evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente”.¹³²

Além desses documentos históricos, utilizei como fonte de pesquisa dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Fundação de Economia e

¹²⁸ No Anexo I, na íntegra, os 782 fragmentos de notícias do Jornal do Povo, entre 1929 e 1948, utilizados neste trabalho.

¹²⁹ RIOUX, Jean-Pierre. *Entre história e jornalismo*. In: CHAUVEAU, Agnes. TETÁRT, Philippe. *Questões para a história do presente*. Tradução Ika Cohen. Bauru/SP: EDUSC, 1999, p.120-122.

¹³⁰ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar o que dizer*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 1998; BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

¹³¹ Ver, sobre a micro-história: BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989). A revolução francesa da historiografia*. Tradução Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997

¹³² BOURDIEU, Pierre apud LE GOFF, Jacques. *História e memória*. op.cit., 1990, p.466. Mapas e planos urbanos foram cedidos pelo Arquivo Histórico. As fotografias foram cedidas tanto pelo Arquivo quanto pelo Museu. Sobre o uso de imagens na história, ver ainda BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Imagem e história: as fotografias escolares no estudo da escola primária curitibana (1903-1971)*. In: Edição eletrônica do XXII Simpósio Nacional de História, João Pessoa/PB: UFPB, 2003, e FLORES, Élio Chaves. *Representações cômicas da República no contexto do Getulismo*. In: Revista Brasileira de História. v.21 n.40 São Paulo, 2001 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000100007&lng=es&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 27/3/2005]

Estatística (FEE/RS), principalmente os referentes aos deslocamentos populacionais e à economia da região de Cachoeira do Sul.

Acima de tudo, parti da concepção de que nenhuma comunidade é uma ilha, sendo necessário fazer emergir algumas de suas conexões, que situações particulares podem mostrar a maneira como os indivíduos produzem seu meio social, entendendo que os sistemas de relações que organizam o mundo social são tão reais quantos os dados materiais. Estudando o caso de Cachoeira do Sul, é possível depreender um pouco desses efeitos que se mostram semelhantes no interior de sociedades bastante afastadas no tempo e no espaço. Assim, Cachoeira do Sul é o recorte espaço-temporal do estudo, mas é, ao mesmo tempo, espaço que retrata, que exemplifica a situação por que passaram muitas outras cidades congêneres, no Rio Grande do Sul, no Brasil e até em outras partes do mundo.

Toda pesquisa é sempre uma construção coletiva daqueles que colaboraram direta ou indiretamente. Para a consubstanciação deste trabalho foi necessário o auxílio de várias pessoas e entidades: a começar pelo meu irmão Carlos Henrique, a quem devo a indicação para trabalhar na ULBRA e o abrigo em Cachoeira do Sul nos primeiros dois anos, junto com sua família, Eliane, Carol e Filipe; a ULBRA que financiou o início desta pesquisa, cedendo a Andressa Bordignon, monitora deveras importante, além das outras que trabalharam comigo de forma voluntária: Carina, Chana, Isabel, Liziane, Renata, Talita; não posso esquecer o Paulo Ricardo, companheiro de pesquisa, nem as moças que fizeram parte do Arquivo Histórico Municipal até meados de 2005, Eliane, Gorete, Lucinha, Loveli, em especial, a entusiasta pela história cachoeirense Ione Sanmartim Carlos, por tirar muito das minhas dúvidas, e as do Museu Histórico Municipal, Mirian e Márcia; a orientação primorosa da Eloísa Capovilla; as conversas com a Rosemary Brum, minha eterna debatedora e co-orientadora, que me animou quando tudo parecia perdido; meus familiares, minha mãe Penalva, meus irmãos Vevertton e Graziela, sogros Renualdo e Naura; e minha esposa Paula, que apesar da jovialidade, conseguiu entender as privações materiais e espirituais necessárias para concretizar este trabalho. A você, meu eterno amor...

1. Reflexões e inflexões

1.1. Os descaminhos do cotidiano

Existe uma diferença marcante entre a produção dos espaços urbanos, os discursos que os precedem e o uso ou consumo que o público dá a eles. Supostamente entregues à passividade e à disciplina, essas operações dos usuários assumem o aspecto da indisciplina, uma vez que não aceitam passivamente nem repelem de súbito o que lhes é imposto. Analisar o cotidiano é, como objetivou Michel de Certeau, explicitar as combinatórias de operações que compõem dada cultura, exumando os modelos de ação característicos dos usuários, dos quais se esconde o estatuto de dominados, entendendo-os de forma não passíveis nem dóceis.¹

O objetivo deste trabalho não foi exatamente pensar as práticas cotidianas da população em geral, como fez Certeau, vendo como essa interage no espaço pensado e construído por um pequeno grupo, mas foi ver, em determinado período de tempo, como a elite da cidade de Cachoeira do Sul construiu o espaço urbano para si, como produziu os discursos que subsidiaram esta construção, como diferenciou-se através do fazer cotidiano nesse espaço urbano e, acima de tudo, como lidou, repugnando ou cedendo, com as interferências de outros usuários no espaço em que predominava. De forma indireta ou mesmo residual, comparei semelhanças e diferenças entre produção da linguagem e do espaço urbano, das práticas cotidianas da elite local e do uso que os subalternos fizeram desse espaço. Isto porque, no momento em que os discursos de repulsa e cedência de determinadas práticas cotidianas, contrárias às esperadas, foram colocados em público, principalmente através do veículo de comunicação que assumiu seu papel de porta-voz da elite, como foi o Jornal do Povo nas décadas que se seguiram ao seu aparecimento, abriu-se a possibilidade de tornar

¹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. op.cit., 1994

mais claro o embate simbólico, a interação que o usuário subalterno fez do espaço urbano apropriado da elite.

Delimitei como recorte espacial a zona urbana central da sede do município de Cachoeira do Sul. Não se trata de analisar da periferia ao centro, em toda sua complexidade, mas de apontar o espaço que a elite cachoeirense organizou e que foi, de certa forma, apropriado pelo público subalterno, originário das zonas circunvizinhas, essencialmente agrícolas. Circunscrevi para a análise a área central da cidade, compreendida entre o entorno da praça Balthazar de Bem – já denominada em outros tempos como praça do Prestes, da Igreja, da Matriz, da Conceição e Tamandaré – a leste, onde se localizam a Prefeitura e a Igreja Nossa Senhora da Conceição, e a antiga estação ferroviária do Largo do Colombo, atual praça Honorato de Souza, que limitava a parte baixa da cidade pelos trilhos do trem, a oeste. As delimitações norte-sul variaram em função do desenvolvimento urbanístico, desde poucas quadras até bairros como o elitista Rio Branco ou mesmo o Santo Antônio. A marcação desta fronteira imaginária possibilita a verificação das relações de forças materiais e simbólicas que se digladiaram dentro de seus limites. Pierre Bourdieu sugere fronteira como produto de divisão a que se atribuiu maior ou menor fundamento da realidade, segundo elementos que ela reúne, tenham semelhanças mais ou menos numerosas e mais ou menos fortes. A fronteira, como ato jurídico de delimitação, produz diferenciação cultural do mesmo modo que é produto deste ato.² No caso de Cachoeira do Sul, a fronteira proposta para esta análise foi limitada por leis que estabeleceram determinados serviços urbanos e que criaram, por isto mesmo, linhas limítrofes materiais e simbólicas.

A escolha desse espaço se dá em razão de que nele foram postos por primeiro os equipamentos urbanos, tais como iluminação e luz elétrica, serviços de água e esgoto, telefone, calçamento e pavimentação, teatro e cinemas, praças arborizadas, ativo comércio, prédios imponentes, estações rodoviária e ferroviária, etc., podendo-se afirmar que tratava-se de local privilegiado, diferente dos demais, enfim, espaço elitista ou moderno. Entendo espaço moderno como local que se constrói modificando radicalmente as feições tradicionais, num confronto permanente em que o novo e a novidade substituem o velho e ultrapassado. Neste sentido, tem-se a contínua mudança e transformação das coisas, com velocidade e ritmo avassaladores, fazendo do homem moderno ser perplexo frente a tamanhas e intensas mutações. Estas contínuas transformações são normalmente desencadeadas pela “elite revolucionária”, conforme afirmou Marshall Berman ao estudá-las no contexto europeu, que

² BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. op.cit., 2002, especialmente capítulo V, *A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região*, p.114-115

apresenta-se como destruidora daquilo que representa o passado.³ Em Cachoeira do Sul, João Neves da Fontoura, intendente entre 1925 e 1928, consubstanciou tais ideais modernos, ao promover reformas urbanas radicais na zona central da cidade, identificando este espaço com a noção de progresso de sua época, que via as transformações como processo de desenvolvimento ininterrupto e linear, conceito atualmente estrito por não englobar demais interações e conseqüências desencadeadas por intervenções urbanas modernizadoras como essa.

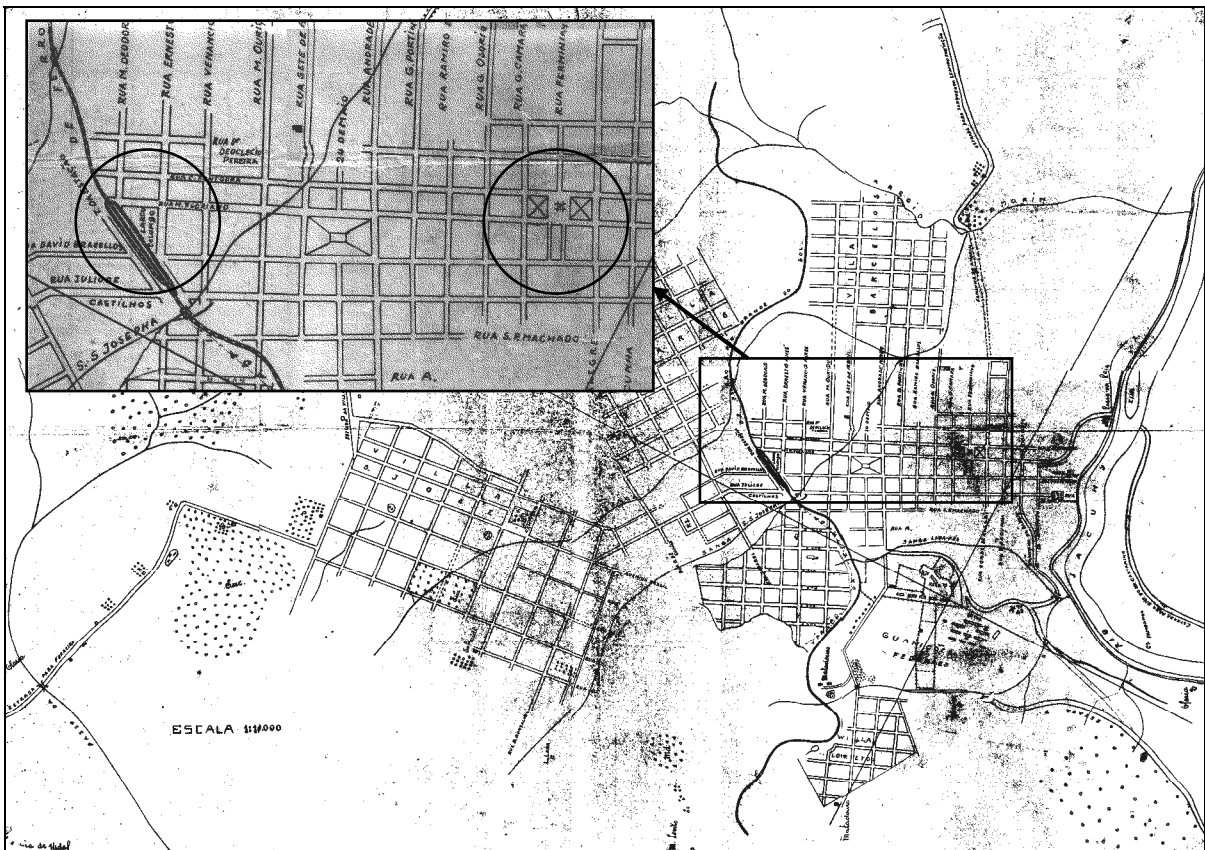


Figura 18 – Mapa da sede de Cachoeira do Sul, início do século, feito por Joaquim Vidal. No detalhe, a zona baixa ou central, com o Largo do Colombo (estação de trem) à esquerda, a praça do José Bonifácio ao centro e o paço municipal e a igreja (praça Balthazar de Bem) à direita. Fonte: Arquivo Público Municipal de Cachoeira do Sul.

Nessa lógica, denomino elite os que moravam neste espaço central, os que, guardadas as devidas proporções, tiveram acesso ao que havia de moderno em sua época, como vestuário, automóvel, trem, rádio, jornais, telégrafo, telefone, luz elétrica, cinema, teatro, etc.⁴

³ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés, São Paulo: Companhia das Letras, 2002

⁴ TRUSZ, Alice Dubina. *O papel da publicidade na informação e assimilação cotidianas da modernidade na Porto Alegre dos anos 1920*. In: Revista História Hoje, revista eletrônica de História, v.1, n.3, ANPHU, março, 2004 [disponível em www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol1n3 – acessado em 10/3/2006], analisando o papel da publicidade comercial na informação e estimulação cotidiana do processo de modernização da sociedade porto-alegrense na década de 1920, mostra como a cidade foi objeto de marcantes transformações de caráter

Essa elite cachoeirense assemelha-se aqueles que Norbert Elias chamou de “estabelecidos”, habitantes duma pequena cidade inglesa que cultuavam carisma grupal distintivo, cerrando fileiras e estigmatizando os que não pertenciam ao grupo, os que viviam do “lado de fora”, chamados de *outsiders*, pessoas que consideravam de menor valor devido a falta de virtudes humanas superiores. Neste contexto, procurou ver os estigmas que os habitantes tradicionais lançavam sobre os forasteiros, como se constituía a sociodinâmica dessa estigmatização. Ele estudou as múltiplas tensões existentes entre os dois grupos, a natureza de sua interdependência, através de fatos cotidianos, como a sociabilidade que excluía os estrangeiros que não partilhavam dos valores e do modo de vida vigentes, mantidos distantes e afastados dos locais de decisões comunitárias, como clubes, igrejas ou mesmo praças. Essa auto-imagem que o grupo estabelecido fazia de si tornava-se seu diferencial nas relações de poder, condição para que ocorresse a estigmatização social. A arma para manter a superioridade social era impetrar aos outros a condição ou rótulo de “valor humano inferior”.⁵

Tento mostrar como esse estigma, visto por Elias, assemelha-se ao da elite em relação aos “novos bárbaros”, na Cachoeira dos anos 30-45. Algo muito próximo à imagem do caboclo indolente e atrasado representado na literatura da época por Jeca Tatu, personagem de Monteiro Lobato, que expressou muitas das questões centrais presentes no pensamento social brasileiro na década de 1930 em diante.⁶ Nesse sentido, é semelhante a diferenciação produzida pela elite cachoeirense em relação aos migrantes oriundos das zonas de colonização ou de outras áreas agrícolas, na medida em que produz uma auto-imagem do moderno em oposição ao atrasado.

Importa ressaltar que nem todos que habitavam a zona central de Cachoeira tinham condições sócio-econômicas-culturais privilegiadas, assim como nem todos que moravam em outras zonas urbanas ou rurais eram subalternos. Fugindo do estigma que tal generalização desencadeia, procurei ver as nuances que têm como palco a zona que delimitei. Por essa

urbanístico e, simultaneamente, operou-se a diversificação da produção industrial, com o lançamento de novos produtos no mercado, principalmente aqueles produzidos a partir da adaptação para uso doméstico de novas fontes energéticas, como a eletricidade. Os anúncios analisados divulgaram e promoveram comercialmente tais produtos, apresentados como índices de civilidade.

⁵ ELIAS, Norbert. SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. op.cit., 2000, p.19

⁶ Ver LIMA, Nísia Trindade. *Jeca Tatu e a Representação do Caipira Brasileiro*. In: Anais eletrônicos do XXII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu/MG, 27 a 31 de outubro de 1997. [disponível em <http://www.anpuh.uepg.br/anpuh/complemento.htm> - acessado em 15/10/2005] e RODEGHERO, Carla Simone. *Campo x cidade: o discurso católico frente à modernização da agricultura no Rio Grande do Sul*, In: *Anos 90. Revista do PPG em História*. Porto Alegre/RS: UFRGS, n.7, julho de 1997, p.148-170, que analisa os posicionamentos sobre campo e cidade, na década de 50, tendo como foco principal a realização das Semanas Ruralistas pela Igreja Católica, no RS, que, segundo ela, tinham como pressuposto a idéia de que a mudança tecnológica garantiria a permanência das populações no campo, preservando aí o espaço de influência da igreja. Sua análise revela o cruzamento dos discursos que constroem a relação campo-cidade.

causa, a análise debruçou-se, em determinadas ocasiões, para espaços periféricos na razão em que serviam para contrapor algumas das questões aqui discutidas. Além do mais, não reduzo a idéia de elite como classe homogênea, que tem consciência absoluta de grupo e atua mobilizada em determinado sentido. Embora agregue indivíduos em posições semelhantes e que tenham provavelmente atitudes e interesses semelhantes, tal relativismo anularia suas diferenças sociais.⁷

Procuro entender esse espaço social conforme Pierre Bourdieu, como algo multidimensional construído na base de princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto das propriedades que atuam no universo social e que conferem, ao detentor destas diferenciações, força ou poder neste universo. Desta forma, os sujeitos são definidos pelas suas “posições relativas” neste espaço. Segundo Bourdieu, “cada um deles está acatonado numa posição ou numa classe precisa de posições vizinhas”. E na medida em que estas propriedades são atuantes, o espaço pode ser descrito como um “campo de forças”, “conjunto de relações de força objetivas impostas a todos os que entram nesse campo e irredutíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo às interações diretas entre os agentes”, enfim, “espaço de relações”, tão real quanto o material, relações essas regidas por determinado habitus, definido como conhecimento adquirido, haver ou capital que indica a disposição incorporada, quase postural, funcionamento sistemático do corpo socializado, atitude perante os demais.⁸

Parto do princípio de que o arranjo físico do espaço urbano influencia determinadas práticas cotidianas, mas que há dinamicidade nesta relação que desencadeia mudanças no fazer cotidiano e, por conseqüência, na desorganização/reorganização do espaço. Considero, assim, espaço como instância da sociedade, portanto de essência social, conforme definiu Milton Santos. Como instância econômica-cultural-ideológica, o espaço contém e é contido

⁷ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. op.cit., 2002, p.136. Tais processos de diferenciação ocorrem de forma semelhante em todo Brasil. Ver, por exemplo, RENK, Arlene. *Etnicidade e itinerários de grupos étnicos no Sul do Brasil*, que trabalha a questão da etnicidade e da identidade étnica, no Oeste Catarinense, a partir de dados levantados em diferentes momentos entre os anos de 1988 e 1997, junto a grupos de raízes camponesas. Ela discute o campesinato, sob o prisma da diferenciação étnica, tomando como ponto de partida o processo de colonização no oeste catarinense. Este significou diferentes itinerários: aos brasileiros representou a expropriação das terras, dos recursos materiais e foi o momento da construção de sua identidade étnica; aos colonos de origem a aquisição das terras em Santa Catarina era uma estratégia de reprodução social camponesa; e VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. *Territorialidade e cidadania em tempos globais: imigrantes em São Paulo*, que busca caracterizar a presença estrangeira e a configuração de territórios dos grupos mais expressivos, contribuindo para a compreensão da dinâmica urbana em seus componentes socioculturais. Ela pretendeu entender a questão da alteridade na metrópole, a partir das dimensões reais e da compreensão da vivência na cidade, com suas oposições, conflitos e formas de sociabilidade. Ambos textos disponibilizados nos Anais eletrônico do XXII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu/MG, out/1997 [disponível em <http://www.anpuh.uepg.br/anpuh/complemento.htm> – acessado em 15/10/2005]

⁸ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. op.cit., 2002, em especial o capítulo III, *A gênese dos conceitos de habitus e de campo*, p.61-62 e VI, *Espaço social e gênese das classes*, p. 134-136

por várias instâncias. Não é formado tão somente por coisas palpáveis, naturais ou construídas, mas engloba a sociedade que atua neste espaço. Por um lado, a paisagem; por outro, o que dá vida a ela. A dinamicidade das mudanças reside nesta imbricação entre as instâncias, na medida em que as mudanças do fazer cotidiano implicam em sua permanente alteração.⁹

Paulo César da Costa Gomes entende que determinada ordem espacial pode influenciar sobretudo as práticas, fazendo com que elas dependam, num dado momento, da distribuição espacial. Assim, o espaço urbano é, ao mesmo tempo, o terreno onde as práticas cotidianas se exercem, a condição necessária para que elas existam e o quadro que as delimita e lhes dá sentido. Numa ordem em que as formas espaciais explicam parte das maneiras de ser de determinado grupo social e que estas maneiras de ser, inversamente, afetam a composição do espaço.¹⁰

Princípio semelhante é explorado por Lucrecia D'Aléssio Ferrara, para quem a imagem urbana, visual e polissensorial, é representação construída cotidianamente, a partir de informações inferidas da vivência de variáveis contextuais consideradas como elementos de informação urbana. “Estas variáveis contextuais urbanas são fontes de informação – explica ela – e moldam comportamentos, ações, valores, usos, hábitos, crenças e expectativas, ou seja, são fatores de uma percepção urbana que se sabe situada, localizada, sem querer insinuar, com isto, qualquer perspectiva determinista ou positivista no processo de percepção ambiental urbana”.¹¹

Como recorte temporal delimitei o período entre as décadas de 30 e 40. Nos anos que antecedem este período, a zona urbana analisada recebeu enormes melhorias na sua infraestrutura, melhoramentos materiais que não cessaram no período analisado nem posteriormente. Portanto, os espaços urbanos construídos nos anos anteriores ao analisado permitiram o reforço de determinadas práticas cotidianas elitistas, por consequência, excludentes, como passear na praça bem vestido ou mesmo freqüentar confeitarias. Todavia, em fins dos anos 20, o crescimento demográfico urbano fora do comum desencadeou mudanças significativas. O número de habitantes residentes na sede passou de 10 mil em 1920 para 20 mil em 1940, 24 mil em 1950 e 40 mil em 1960. Desta forma, tais práticas

⁹ SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. 3ª ed. São Paulo: Nobel, 1992, p.1-2 e 46

¹⁰ GOMES, Paulo César da Costa. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. op.cit., _____. *Geografia fin de siècle, o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões*. In: CASTRO, GOMES e CORREA (org.) *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p.13-42, e _____. *O espaço da modernidade*. In: *Terra Livre 5. O espaço em questão*. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros; Marco Zero, 1988, p.47-67

¹¹ FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. op.cit., 1993, p.71-104

cotidianas sofreram interferências externas que as mudaram profundamente, obrigando-as a adaptarem-se ou assumirem novas roupagens. Interessei-me por este contexto de mudanças das práticas cotidianas porque foi desencadeado a partir da chegada desses migrantes pobres que trouxeram consigo novas relações de articulação interurbanas, de natureza completamente diversa das até então conhecidas e cujo ápice encontra-se no período em questão. Nos anos que se seguiram ao pós-guerra, espécie de esfarelamento das práticas cotidianas elitistas no espaço urbano redundou em verdadeiro encastelamento da elite em espaços privados. Com novos atores se apropriando da cena cachoeirense, transubstanciou-se não só o espaço público como as próprias práticas cotidianas. O âmago destas transformações podem ser vistas justamente no intervalo selecionado. Daí a razão da interrupção da análise em meados da década de 40.

Ao aprofundar a análise nas práticas cotidianas da elite cachoeirense, num dado momento histórico (1930/45) e numa delimitação espacial (zona urbana central cachoeirense), não é possível imaginar que tais práticas sejam disciplinadas a ponto de permitir generalização. Assim como o uso que os consumidores subalternos fazem dos espaços produzidos pela elite não é dado de forma passiva ou dócil, há a antidisciplina, para usar a expressão de Certeau, no modo de proceder no seio da própria elite. As maneiras de fazer determinadas práticas cotidianas assumem, nesta lógica, duplo sentido. Por um lado, são regidos por estruturas disciplinadoras, como queria Michel Foucault,¹² que fazem com que os indivíduos, em ambientes sociais próximos, se auto-disciplinem através de determinados dispositivos e procedimentos, “instrumentalidades menores” que são capazes de transformar a multiplicidade humana em sociedade “disciplinar”, através da organização dos “detalhes”. Por outro lado, alguns destes procedimentos escapam à disciplina sem serem excluídos do campo onde se exercem, levando a concluir que as práticas cotidianas sugeridas por Certeau são vívidas e inquietantes.¹³ Certeau distingue as maneiras de fazer as práticas cotidianas, andar, falar, comer ou vestir. “Esses estilos de ação – escreve ele – intervêm num campo que os regula num primeiro nível, mas introduzem aí uma maneira de tirar partido dele, que obedece a outras regras e constitui como que um segundo nível imbricado no primeiro”.¹⁴ Dito de

¹² CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. op.cit., 1994, trabalha com a idéia de Michel Foucault de estruturas auto-disciplinadoras, mas não se limita a ela. Sugere como contra-ponto, as rupturas cotidianas. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987

¹³ Fora do poder panóptico, sobrevivem movimentos contraditórios que compensam-se e combinam-se. Assim, nas práticas urbanas cotidianas, os indivíduos se auto-disciplinam ao mesmo tempo que agem de forma incoerente, fora do padrão normalizado. Desviar-se das regras é promover rupturas que possibilitam modificar os padrões de comportamento.

¹⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. op.cit., 1994, p.92

outra forma, as práticas cotidianas operam em dupla direção: a das regulações ou da auto-disciplina de Foucault e a das distorções ou indisciplina que provocam as rupturas.

Mesmo constatando que muitos espaços participam da geração de micro-poderes onde a ordem disciplinar cotidiana tem lugar, que determinadas formas espaciais ou arquitetônicas servem de mecanismos de disciplinarização do fazer cotidiano elitista, há maior complexidade por trás do caráter meramente produtivista dos espaços, surgidos nos “contra-poderes” que resistem à disciplina. Desta forma, torna-se impossível apreender a complexidade do processo de territorialização de determinado grupo social sem conhecer estas múltiplas interações que fazem do espaço algo não unidimensional, mas um labirinto com complexas redes de ações recíprocas que permitem a apropriação sucessiva de significações diversas, típico da dinâmica multiespectral da modernidade. Ininterrupta migração e rearranjo de valores, formas, funções e significados, celebrados cotidianamente através da permanente organização, desorganização e reorganização do espaço urbano.¹⁵

Delimitar espacial e temporalmente tal análise é partir da concepção de que nenhuma comunidade é uma ilha, sendo necessário fazer emergir suas conexões. É partir do entendimento que, conforme Roger Chartier, situações particulares, em dado espaço e tempo histórico, são capazes de revelar as maneiras como os indivíduos produzem e reproduzem seu meio social, “por meio de suas alianças e seus confrontos, através das dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem”.¹⁶ É, também, pensar nos “fenômenos reticulares” apontados por Norbert Elias, no processo de individualização, na interação social inerente aos seres humanos. “É justamente o fato das pessoas mudarem em relação umas às outras e através de sua relação mútua, de estarem continuamente moldando e remoldando em relação umas às outras, que caracteriza o fenômeno reticular em geral”.¹⁷

Um estudo de caso permite, ainda segundo Chartier, atingir o essencial, “o esclarecimento das condições que tornam possível a emergência e perpetuam a existência de uma tal forma social”. Para tanto, deve distinguir funcionamentos diferentes da mesma forma social; mostrar seus efeitos idênticos no interior das sociedades bastante afastadas no tempo e no espaço; e contrastar as formas e os funcionamentos sociais.¹⁸ Chartier aponta o caminho: “o objeto fundamental de uma história cujo projeto é reconhecer a maneira como os atores

¹⁵ Ver GOMES, Paulo César da Costa. *O espaço da modernidade*. op.cit., 1988, p.47-67

¹⁶ CHARTIER, Roger. *A História hoje: dúvidas, desafios, propostas*. In: Revista *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC, vol. 7, n. 13, 1994, p.101-102

¹⁷ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p.28-29

¹⁸ CHARTIER, Roger. Prefácio do livro de ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte: investigações sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Tradução Pedro Sússekind. [tradução do prefácio André Telles]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p.9

sociais investem de sentido suas práticas e seus discursos” reside na “tensão entre as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e os constrangimentos, as normas, as convenções que limitam o que lhes é possível pensar, enunciar e fazer”. Ele resgata a idéia de Paul Ricoeur, de que os procedimentos explicativos da história seguem ancorados “no modelo de compreensão que, no cotidiano ou na ficção, permite dar conta das decisões e das ações dos indivíduos”.¹⁹

Isto significa dizer que esse trabalho também pode ser inscrito na perspectiva da micro-história já que é só através dela que podemos observar fenômenos ainda não observados. Conforme Giovanni Levi, apesar da delimitação, a micro-história não micro-dimensiona seu objeto de estudo pois pela observação microscópica temos possibilidades de revelar fatores previamente não observados. Para ele, os fenômenos previamente considerados como bastante descritos e compreendidos assumem significados completamente novos, quando se altera a escala de observação, resultando na possibilidade de utilizar tais resultados para dele extrair generalizações mais amplas, mesmo que as observações iniciais tenham sido realizadas em dimensões relativamente estreitas e mais como experimentos do que como exemplos.²⁰

Nesse capítulo pretendo lançar um olhar interrogativo para a cidade e perguntar como era essa Cachoeira do Sul dos anos 30-45? Como era a zona urbana da cidade que chegou a ser considerada uma das principais do Rio Grande do Sul? Para responder a estas perguntas, analiso o contexto histórico da ocupação da Vila Nova de São João da Cachoeira, mostrando que a região não era “terra de ninguém”, como afirmado por muitos, mas que foi palco de disputas sanguinolentas entre portugueses e espanhóis, a partir do século XVIII. Procuro ver as implicações políticas e econômicas envoltas ao longo de sua história, sua importância estratégica de ocupação fronteiriça e sua inclusão dentro da perspectiva nacional. Ver as influências das migrações alemãs e italianas ao longo do século XIX, impulsionando a economia de toda região: as casas comerciais, a incipiente industrialização, a agricultura baseada no arroz, os engenhos e tudo o mais que contribuiu para o desenvolvimento urbano da sede do município até fins dos frementes anos 20. Faz-se mister, neste contexto introdutório, abordar também o uso do jornal como fonte metodológica que permite lançar um

¹⁹ CHARTIER, Roger. *A História hoje: dúvidas, desafios, propostas*. op.cit., 1994, p.103-106

²⁰ LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p.141

olhar ao passado, com os devidos filtros, uma vez que é a principal fonte de pesquisa deste trabalho.²¹

1.2. Autoridade da escrita e legitimidade

O uso do jornal, como fonte historiográfica, possibilita revelar, em determinados momentos e nos fatos que publica, os confrontos de idéias e a própria relação de força existente no entrecruzamento do mundo social. Apesar de ter disposição multidimensional da escrita, num estilo lingüístico que prima pela novidade, concisão e inteligibilidade, e *layout* espacial onde as notícias são dispostas numa nítida falta de conexão, num “caos de informações” que impede ao leitor incorporar à sua própria experiência as informações noticiadas,²² através do jornal é possível resgatar pequenas pistas que revelam práticas cotidianas, objeto deste estudo.

Como fonte histórica que não se limita a narrar os grandes feitos, o jornal coloca-se no âmbito do deslocamento da produção histórica para o pólo de tensão que privilegia os sujeitos em detrimento às estruturas, como preconiza a Nova História Cultural,²³ levando sempre em consideração a idéia de “indivíduo” e “sociedade” colocada por Norbert Elias, para quem todas as mudanças têm origem, não na natureza dos indivíduos isolados, mas na estrutura da vida conjunta de muitos. “A história é sempre história de uma sociedade – escreve –, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos”.²⁴

O historiador Carlo Ginzburg alerta para o fato de que o material narrativo – aqui se inclui o jornal como fonte que narra determinados acontecimentos a partir de certa visão – age durante todas as etapas da pesquisa, criando interdições e possibilidades. Segundo ele, é rudimentar a idéia de que as fontes, “se dignas de fé”, oferecem acesso imediato à realidade

²¹ Analisei algumas das questões a seguir em SELBACH, Jeferson. *Maîtres de plaisir [construtores de imagens]*. Cachoeira do Sul/RS: Ed. do Autor, 2006

²² Sobre a identidade construída pela imprensa, ver BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p.91, e BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, op.cit., 1989, p.106-107, ALVES F., Aluizio. *A América Latina na Folha e no Clarín - Um Estudo Sobre a Construção da Identidade da América Latina nos Noticiários dos Jornais a Folha de São Paulo e o Clarín de Buenos Aires*. Tese de Doutorado [orientadora Lia Zanotta Machado], Brasília/DF: Universidade de Brasília, 1997 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=19974553001010029P1> – acessado em 25/3/2005] e DANTAS, Antônio Ribeiro. *A representação da homossexualidade: a leitura da imprensa escrita*. Dissertação de Mestrado [orientadora Jacira Galvao Gondim Safieh], Natal/RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1990 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=1990623001011004P0> – acessado em 25/3/2005]

²³ Ver BURKE, Peter. *A escola dos Annales – 1929-1989. A revolução francesa da historiografia*. op.cit., 1997, BOUTIER, Jean. JULIA, Dominique (org.) *Passados recompostos. Campos e canteiros da História*. Tradução Marcella Mortara. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1998 e D’ALLESSIO, Márcia Mansor. *Os Annales no Brasil. Algumas reflexões*. In: Revista Anos 90. Revista do PPG em História. Porto Alegre/RS: UFRGS, n.2, maio de 1994, p.127-142

²⁴ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. op.cit., 1994, p.45

ou a algum aspecto dela. Como “espelhos deformantes”, elas não são janelas escancaradas nem muros intransponíveis. Analisar esta distorção implica num elemento construtivo, que não é incompatível com a prova. Para ele, “a projeção do desejo, sem o qual não há pesquisa, não é incompatível com os desmentidos infligidos pelo princípio de realidade”. Assim, o jornal é, como parte da realidade passada, sujeito a contestações. Como fonte que não fala sozinha, se interrogada de maneira apropriada, exige o preenchimento das lacunas. Trabalho para o historiador que se move no âmbito do verossímil, nunca do certo ou completamente verdadeiro, mas que preenche tacitamente tais lacunas com o que lhe parece natural ou óbvio e, conseqüentemente, certo ou verdadeiro.²⁵

Analisando a história da leitura, Roger Chartier entende ser necessário levar em conta a existência de técnicas ou de modelos de leitura que organizam as práticas da comunidade e o princípio de organização da diferenciação.²⁶ Segundo ele, “o objeto fundamental de uma história cujo projeto é reconhecer a maneira como os atores sociais investem de sentido suas práticas e seus discursos” reside na “tensão entre as capacidade inventivas dos indivíduos ou das comunidades e os constrangimentos, as normas, as convenções que limitam o que lhes é possível pensar, enunciar e fazer”. Na análise da construção deste “laço social” entre produção e recepção, cabe ao leitor-receptor papel importante. Em princípio, toda história da leitura supõe a liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que lê, o que o livro, ou neste caso o jornal, lhe pretende impor. Todavia, a liberdade leitora jamais é absoluta: “ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas da leitura”. Mesmo entendendo que as representações coletivas estruturam esquemas de percepção e de apreciação, a partir dos quais os indivíduos classificam, julgam e agem, a linguagem é investida, conforme define Chartier, de “significações plurais e móveis, construídas nas negociações entre uma preposição e uma recepção, no encontro entre as formas e motivos que lhes dão sua estrutura e as competências ou expectativas dos públicos que dela se apoderam”.²⁷ Assumir tal postura implica numa constatação de que “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros”. Para

²⁵ GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.45 e 57-58. Ver ainda FERRARINI, Sebastião Antônio. *A imprensa e o arcebispo vermelho (1964-1984)*. Dissertação de Mestrado [orientadora Leda Maria Pereira Rodrigues], São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PPG/História, 1989 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=1989933005010010P8> – acessado em 25/3/2005]

²⁶ CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p.92

²⁷ CHARTIER, Roger. *A História hoje: dúvidas, desafios, propostas*. op.cit., 1994, p.77 e 106

Chartier, na recepção da leitura, o texto lido ganha sentido com o leitor: muda com ele, ordena-se conforme seu código de percepção.²⁸

Já a autoridade da escrita repousa sobre certa adesão, conforme escreveu Michel de Certeau, “acordo espiritual” que confere legitimidade ao exercício do poder. O uso autorizado da palavra reside assim na legitimidade daquele que a pronuncia, neste caso o jornal. Usar o jornal como documento histórico é partir do princípio que ele permite revelar a posição do grupo editor, que pode ser ou não pertencente a elite, no momento que assume-se como seu porta-voz.²⁹ Por esta razão Certeau afirma: “ler é peregrinar por um sistema imposto”.³⁰ O que não pode é pretender impor-se o discurso daqueles que escrevem e lêem como história de toda sociedade.

Apesar deste cuidado para fugir da generalização, não é possível negar que quando o discurso elitista é veiculado pelo jornal, atinge os *outsiders* ou subalternos em maior ou menor grau. Pierre Bourdieu denomina esta relação produtor-receptor como processo de doutrinação simbólica, trabalho de “gota-a-gota simbólico”, pois leva tempo para tornar-se evidente e aceitável. As armas são o léxico comum, os eufemismos e os pressupostos impostos como óbvios e inevitáveis. Ele entende ser necessário analisar a produção e circulação desse discurso, descrevendo de modo preciso seus procedimentos a partir do qual dada visão de mundo é produzida, difundida e inculcada.³¹

Neste sentido é que existem relações que servem como instrumento de dominação, pois são poderes de construção da realidade que tendem a estabelecer certa ordem em seu conhecimento. A cultura dominante, segundo Bourdieu, contribui para a integração da classe dominante, para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, desmobilizando as classe dominadas, e para a legitimação da ordem estabelecida pelas distinções hierárquicas.³² Neste caso, o uso do jornal como veículo de dominação da linguagem, pensamento e ação ocorre na medida em que a opinião impressa em suas páginas, embora não seja consenso, legitima-se não por ser a única linguagem mas por ser aquela que chega quase com exclusividade aos leitores e pode, conseqüentemente, generalizar-se para toda comunidade, mesmo a não-leitora.

²⁸ CHARTIER, Roger. *Práticas Culturais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p.17

²⁹ CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas/SP: Papirus, 1995, Ver prefácio de Luce Giard, p.7, 38, 126-127 e 157

³⁰ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. op.cit., 1994, p.264

³¹ BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.42-44

³² Ver BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. op.cit., 2002, p.9-15 e _____. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar o que dizer*. op.cit., 1998, especialmente a Introdução de Sérgio Miceli, p.11, e Parte I, p.23-24

É o sentido que Bourdieu dá para a competência dominante que opera como capital lingüístico capaz de assegurar “lucro de distinção”, desde que sejam continuamente preenchidas as condições necessárias para impor essa competência como a única legítima. Assim, ao se buscar a linguagem como fonte, deve-se tomar como objeto de estudo “a relação capaz de unir sistemas estruturados de diferenças lingüísticas sociologicamente pertinentes e sistemas igualmente estruturados de diferenças sociais”. Em outras palavras, procurar ver o que se fala e como se fala, em diferentes contextos sociais. Na perspectiva da imprensa, a aceitabilidade social do que se publica toma o caminho da resposta ou do silêncio do leitor.³³ Por esta razão, a leitura do jornal como fonte permite privilegiar aspectos ou esquemas existentes abaixo da transparência dos fenômenos.³⁴

Nessa complexa teia de transmissão de “verdades”, o jornal, como veículo produtor e reproduzidor da cultura dominante, ensina como pensar, falar e agir em sociedade. Edgar Morin entende que a cultura de massa – na qual o jornal se inclui – orienta, desenvolve e domestica certas virtudes humanas, enquanto inibe e proíbe outras.³⁵

Portanto, ler o jornal de ontem com olhos de hoje é fazer a releitura do passado escrito pela casta local sobre ela mesma, sobre seus próprios sonhos e desejos coletivos, materializados ou não, anseios estes que, não raro, tornam-se comuns aos demais integrantes da comunidade. É preciso desencantar esta ordem e realizar a contraleitura, quebrar em pedaços o caleidoscópio que reflete de forma distorcida a imagem de “ordem” da elite.³⁶ O Jornal do Povo de Cachoeira do Sul é exemplo do que falo.

1.3. Jornal do Povo, para a elite

Peter Burke diz que vivemos numa sociedade do conhecimento, sob a égide da economia da informação, mas que a confiabilidade das comunicações tornadas públicas é questionada. Para ele, as notícias já eram vistas como mercadorias desde o século XVII.³⁷ O jornalismo ocidental, como atualmente é reconhecido pela sociedade, tem sua gênese no mundo moderno europeu, especificamente na fase mercantilista do capitalismo. Jürgen

³³ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar o que dizer*. op.cit., 1998, p.37-38 e 41-44

³⁴ BOURDIEU, Pierre. CHAMBOREDON, Jean-Claude. PASSERON, Jean-Claude. *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Tradução de Guilherme Teixeira. 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999

³⁵ MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo. Volume 1: neurose*. Tradução Maura Ribeiro Sardinha. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1990, p.13-21 e MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo. Volume 2: necrose*. Tradução Agenor Soares Santos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986

³⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O desfazer da ordem fetichizada: Walter Benjamin e o imaginário social*. In: *Revista Cultura Vozes*, n.5, volume 89, set-out, 1995, p.37

³⁷ BURKE, Peter. *Uma história do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.152

Habermas situa o aparecimento da imprensa no século XVII, a partir da ampliação das correspondências privadas trocadas entre comerciantes, sistematizadas e divulgadas através de jornais manuscritos produzidos por escritórios locais que possibilitavam este intercâmbio de informação. Foram tais escritórios ou agências noticiosas que providenciaram maior tiragem de exemplares e que ampliaram a divulgação das informações, a contra-gosto dos próprios comerciantes. Habermas explica que os jornais, chamados de “jornais políticos” por noticiarem assuntos públicos de interesse dos comerciantes – tais como guerras, atos parlamentares, colheitas, impostos e comércio internacional – não existiam para os comerciantes, mas, ao contrário, os comerciantes é que existiam para os jornais. Os próprios comerciantes eram conhecidos como “guardiões das novidades” devido à dependência que tinham do noticiário público para seu intercâmbio privado de informações. “A troca de informações – escreve ele – desenvolve-se não só em relação às necessidades do intercâmbio de mercadorias: as próprias notícias se tornam mercadorias”.³⁸ Nos séculos seguintes, a incipiente imprensa européia tornou-se sistematicamente útil aos governos, fazendo com que muitos jornais informativos noticiassem boletins oficiais.

A par destas modificações, passou a ser interesse do público-leitor assuntos que davam o caráter da novidade ao jornal: vida social da corte, festas, solenidades, nomeações, ou cataclismos, ocorrências policiais, além de picuinhas e mexericos urbanos. Segundo Walter Benjamin, a introdução da informação curta e brusca, concorrendo diretamente com o relato comedido das notícias oficiais e dos editoriais políticos, proporcionavam ao jornal o aspecto do sempre-novo mas sempre-igual. Na paginação, inteligentemente variada, residia parte de seu encanto. Desta maneira, as fontes precisavam ser constantemente renovadas, caracterizando os jornais com “peculiar elegância barata”.³⁹

No Brasil, o desenvolvimento econômico agrário permitiu a elite buscar certo “verniz civilizador”, através do refinamento de hábitos, usos e costumes importados da Europa. Eram corriqueiras as viagens ou mesmo o envio dos filhos para estudar no continente europeu, contribuindo para o aprimoramento do “arcabouço cultural” nas principais cidades brasileiras. Além do mais, quando Dom João VI chegou em terras brasileiras, revogou a proibição das atividades editoriais, criando a Imprensa Régia e mandando publicar a Gazeta do Rio de Janeiro, em 1808. Com a independência, em 1822, surgiram publicações ladeadas por forças políticas que empregaram a imprensa na formação de opinião. Por esta razão muitos políticos

³⁸ HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p.35

³⁹ BENJAMIN, Walter. *Paris do Segundo Império. A boêmia*. In: _____. *Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, op.cit., 1989, p.24

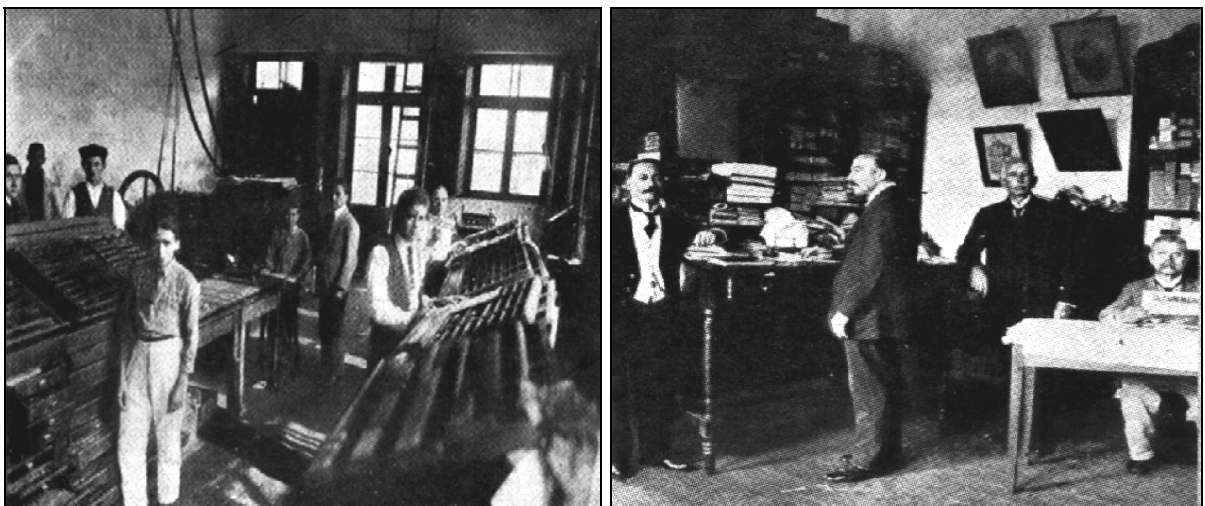
ligaram suas carreiras às atividades jornalísticas. Francisco Rüdiger situa o nascimento da imprensa gaúcha no contexto político que desembocaria na Revolução Farroupilha. O primeiro folhetim publicado na capital Porto Alegre em 1827, O Diário de Porto Alegre, foi uma tentativa do Imperador para conter o avanço das idéias de contestação da oligarquia pastoril sul-riograndense. Como resposta, surgiram muitos periódicos oposicionistas, verdadeiros pasquins, com textos de “linguagem extremamente virulenta, não poupando idéias, nem pessoas”.⁴⁰

No terceiro quartel do século XIX, após a Revolução Farroupilha, as facções políticas gaúchas assumiram progressivamente a responsabilidade nas redações, tornando os jornais legítimos porta-vozes dos partidos. Exemplos como A Reforma (1869), O Conservador (1879), Diário de Pelotas (1867), O Diário do Rio Grande (1848), O Echo do Sul (1856) e o ícone da imprensa republicana, A Federação (1884), dirigido por Júlio de Castilhos, líder do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). A mola propulsora para o desenvolvimento da imprensa foi justamente a “complexificação social”, dada através da educação pública desencadeada pelos castilhistas. Os textos jornalísticos da imprensa assumiram forte cunho doutrinário, com matérias opinativas sobre questões públicas, comentários ideológicos e polêmicas com adversários. O número de leitores, limitado pela baixa escolaridade e poder aquisitivo, faziam dos jornais veículos de “formação doutrinária da opinião pública”. As publicações acabavam dependendo de número mínimo de assinantes para manterem-se em circulação. Sua viabilidade era problema político, não financeiro. As tipografias, empresas que editavam os jornais, concorriam pelos favores oficiais. O Estado exercia o controle através de auxílios e subsídios.⁴¹

⁴⁰ RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993, p.11-30. Sobre a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Ver ainda FACHADA, Tereza Maria Rolo. *A Gazeta do Rio de Janeiro: subsídios para a história da cidade (1880-1821)*. Dissertação de Mestrado [orientadora Célia Freire D’Aquino Fonseca], Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPG/História, 1989 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=19891031001017023P8> – acessado em 25/3/2005], onde analisa como o primeiro jornal publicado no Brasil auxiliou na construção da imagem da capital federal.

⁴¹ ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande/RS: Editora da FURG, 2002, p.126; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O cotidiano da República. Elite e povo na virada do século*. 3ª ed. Porto Alegre/RS: Editora da Universidade/UFRGS, 1995; ISAIA, Artur Cesar. *A imprensa liberal riograndense e o regime eleitoral do império. 1878-1889*. Dissertação de Mestrado [orientador Earle Diniz Moreira], Porto Alegre/RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PPG/História, 1988 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=1988542005019005P6> – acessado em 25/3/2005]; JARDIM, Jorge Luiz Pastoriza. *Comunicação e militância a imprensa operária no RS 1892-1923*. Dissertação de Mestrado [orientador Sérgio Capareli], Porto Alegre/RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PPG/História, 1990 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=1990142005019005P6> – acessado em 25/3/2005]

O golpe de Estado, desencadeado por Getúlio Vargas em 1930, modificou a estrutura de sustentação dos jornais brasileiros. A abolição dos partidos políticos obrigou-os à adaptação. Ou adotavam a linha “noticiosa” ou a postura “oficialista”. Por esta razão, passaram a ser freqüentes declarações de imparcialidade, seguidos do engajamento político, com textos baseados em comentários opinativos. Tais manifestações de neutralidade visavam demonstrar a subtração das conveniências partidárias em prol dos interesses gerais da sociedade.⁴² O aparecimento de jornais em Cachoeira do Sul nasceu no contexto da amálgama entre imprensa e política-partidária. Dos extintos que circularam na cidade: Independente (1864), Cachoeirense (1879), O Pharol (1883), Clarim (1886), A Idéia (1889), Liberdade (1890), XV de Novembro (1890), O Federalista (1891), O Governo (1898), O Commercio (1900), Rio Grande (1904), OKU (1905), O Cachoeirense (1915), Avenida (1914) A Palavra (1915), O Parlamentarista (1916), Cachoeira Jornal (1928), A notícia (1928), entre outros.



Figuras 19, 20, 21, 22, 23 e 24 – Frontispícios dos jornais A Idéia, O Commercio, Oku e Avenida, alguns dos que circularam em Cachoeira do Sul. Tipografia de O Commercio, que editou jornal de mesmo nome, em 1922. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul.

⁴² RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. op.cit., 1993, p.11-51. Ver ainda: LOPES, Cleide. *A Revolução de 30 e a imprensa paulista*. Dissertação de Mestrado [orientadora Estefania Knotz C. Fraga], São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PPG/História, 1984 [disponível em http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=19881330050_10010P8 acessado em 25/3/2005]

De forma geral, os jornais locais ofereciam poucas matérias redacionais. Publicavam-se anúncios de venda, correspondências recebidas, chegadas e partidas de visitantes ou moradores ilustres, desavenças políticas, participações sociais e outros acontecimentos comunitários. As notícias estaduais ou nacionais eram transcritas de outros periódicos, utilizando-se a técnica da “tesoura”, recortando a matéria de interesse, colando-a no papel e encaminhando-a para a oficina tipográfica. A periodicidade semanal ou bi-semanal revelava a própria precariedade econômica do setor, que subsistia basicamente com a benesse da agremiação político-partidária que o sustentasse, com receitas oriundas dos poucos anúncios ou apedidos e dos assinantes ou “subscritores”, que recebiam o jornal e só depois pagavam a assinatura. Dos jornais extintos, o que circulou por mais tempo na cidade foi O Commercio, fundado em 1º de janeiro de 1900 por Henrique Möller Filho e apoiado pelo major Virgílio Carvalho de Abreu. Nos cinco primeiros anos, era impresso bilíngüe (português e alemão); circulava semanalmente até 1966, sempre às quartas-feiras.⁴³ Através do jornal, o major sustentou diversas campanhas políticas para o Partido Republicano Liberal (PRL), do general Flores da Cunha. Por razões desconhecidas, ele fundou em 29 de junho de 1929, junto com Mário Godoy Ilha, o bi-semanário Jornal do Povo.

Desde seu surgimento, o Jornal do Povo adotou a postura “oficialista”, com freqüentes declarações de imparcialidade e comentários opinativos revelando o engajamento político. Na revolução de 30, o major Virgílio Carvalho de Abreu solidarizou-se com Getúlio Vargas, então chefe do Governo Provisório, ao estalar o movimento revolucionário. Cinco anos depois, era presidente do Poder Legislativo Municipal. Seu sócio foi nomeado prefeito por curto espaço de tempo, de 7 de abril a 8 de dezembro de 1947.⁴⁴

O editorial do primeiro número de 30 de junho de 1929 já trazia as modificações pró-Vargas, afirmando que o aparecimento do novo jornal corresponderia “a aspiração de ocupar um lugar, bem que obscuro, entre os dignos órgãos da imprensa riograndense, que, em geral, se amoldaram às exigências do estado evolucionar a que chegou o nosso Estado, manifestado

⁴³ Dados extraídos de *Cachoeira em jornal – catálogo*, op.cit., 1982. Ver também CARVALHO, Mirela Vieira da Cunha. *Às margens do Jacuí: literatura e imprensa em Cachoeira do Sul (1879-1930)*. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre/RS: Pontifícia Universidade Católica, Faculdade de Letras, 1999, que estudou a imprensa e a literatura em Cachoeira do Sul, durante o período de 1887 a 1930, através de 28 periódicos publicados no período, enfocando a produção literária, com preferência pelo gênero poético.

⁴⁴ JP, 4/7/1929 Aparecimento do JP, p.1, 17/10/1935 Cel. Virgilio Abreu, p.1, 9/5/1937 Coronel Virgilio de Abreu, p.1 e SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.43-49 e p.177-182. As principais mudanças administrativas do Jornal do Povo, de 1929-1963, foram as seguintes: 1929, diretores Virgílio Carvalho de Abreu e Mário Godoy Ilha; 8/5/1937, falecimento do Coronel Virgílio Carvalho de Abreu; 1945, proprietário Manoel de Carvalho Portella & Cia., diretores Manoel de Carvalho Portella e Liberato Salzano Vieira da Cunha; 23/5/1948, gerente Paulo Salzano Vieira da Cunha; 10/6/1951, falecimento de Manoel de Carvalho Portella; 9/4/1957, falecimento de Liberato Salzano Vieira da Cunha; 1963, diretor Paulo Salzano Vieira da Cunha.

no seu duplo aspecto: político e administrativo”. Desejosos de fazer crer que o espírito combativo das paixões partidárias não mais teria voz, que era chegada a hora da “ação construtiva” e da “devotada cooperação política e administrativa”, escreveram que o jornal nascia “do povo e para o povo”, não sendo, portanto, “jornal de partido”. Adotando no nome o verbete “povo”, o jornal procurava passar a idéia de conjunto, de indivíduos que falam a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, afinidade de interesses, história e tradições comuns, portanto algo que uniria os desiguais da elite, os militantes de diferentes agremiações, nas mesmas páginas impressas. Contrariando seu próprio discurso de independência partidária, o editorial explicitava que seguiria a “corrente liberal”, a mesma que o major Virgílio de Abreu levantava no PRL local.⁴⁵ Assim, o JP defendeu ideais que se coadunavam com o exigido pelo governo Vargas, que se instalara a partir do golpe de 1930.

Junto ao nome do Jornal do Povo, foi colocada a alcunha de “independente”, numa clara pretensão de diferenciar-se dos jornais partidários, como o próprio rival O Commercio. Nos editoriais, freqüentemente vinculava expressões do tipo “ser fiel ao seu programa de se bater em defesa da população cachoeirense”, de ser “jornal livre, que tudo desvenda”, “que jamais falseou ao seu programa de periódico inteiramente consagrado aos interesses gerais, para o que se fazia mister colocar-se, à margem dos partidos políticos”. Apesar da repetição sistemática, reafirmando preceitos de independência e liberdade, com a ditadura getulista houve alinhamento oficial, mostrado em suas próprias páginas: “apressou-se em ir, de pleno agrado, ao encontro do lema desfraldado pelo sr. Getulio Vargas, ao assumir a suprema administração do Estado, de mais administração e menos política”. Partindo do princípio expresso pelo editorial – “a imprensa não é julgadora: é preparadora dos julgamentos”, aquela que separa “do trigo o joio” – o Jornal do Povo disse filiar-se à “confluência da corrente democrática com a corrente getulista”.⁴⁶ Embora os editores desejassem passar a idéia de que estavam acima das picuinhas político-partidárias, visando somente os interesses da comunidade, algo que o jornal pretendeu construir desde seu aparecimento, estas passagens mostram a que grupos servia.

Nos editoriais de aniversários, era indelével a marca do discurso favorável a Getúlio Vargas. “Nascido para a Revolução de Outubro – escreveram os editores no sexto aniversário – diz-lhe a consciência que a esse movimento de reconstrução política e social prestou o concurso inalterável de sua boa vontade”. Era comum declarações explícitas de apoio, com

⁴⁵ JP, 30/6/1929 Editorial, p.1

⁴⁶ JP, 14/12/1930 Editorial, p.1, 8/1/1931 Poesia. Que é que há. ACB, p.2, 22/1/1931 E foi assim que o Jornal do Povo, p.2 e 30/6/1931 Editorial. Terceiro ano, p.1

uso de palavras denotando simpatia e proximidade com o grupo no poder. O JP declarava com “satisfação” a cooperação, com seu “modesto concurso”, na “grande obra iniciada pelo iminente chefe do governo brasileiro”. A idéia que se quer passar é da unidade no discurso da imprensa em geral, o verdadeiro papel seria de “orientadora serena”. Sem isso, se estaria marchando a passos largos para a confusão, anarquia e caos.⁴⁷

O privilégio de espaço das reportagens e artigos sobre a publicidade exemplifica o uso político do jornal. Em 1934, o grande número de anúncios, aliado a impossibilidade de rodar mais de duas páginas, obrigou os editores a preterir para o próximo número a publicação regular de matéria paga. Como muitos outros jornais, conquistavam-se assinantes de forma inusitada, distribuindo-se exemplares indistintamente na cidade e região. Quem não devolvesse, passava a ser subscritor. Em caso de inadimplência, ameaçava-se com a publicação dos nomes dos devedores.⁴⁸

Em 1937, a Constituição Federal brasileira legalizou a censura prévia aos meios de comunicação. À imprensa coube a função de caráter público, instrumento oficial da ideologia do Estado Novo. A nova Lei da Imprensa obrigou os jornais a publicarem “comunicados” do governo, exigiu que todos os artigos opinativos fossem assinados e possibilitou a prisão dos diretores. O artigo 1.222 prescreveu a censura prévia e facultou às autoridades a proibição da circulação dos jornais que fizessem críticas ao regime. Maria Helena Capelato, analisando jornais alinhados ao getulismo, aponta o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) como peça fundamental para controle e repressão dos atos e idéias, com amplos poderes sobre os meios de comunicação e organização da propaganda oficial. Segundo ela, Vargas “lançou mão de todos os recursos das novas técnicas de persuasão que estavam sendo usadas em diversos países, especialmente na Alemanha de Goebbels”. Criado em 1934, o departamento respondia diretamente ao Ministério da Justiça, colocando assim os meios de comunicação de massa diretamente ligados ao Poder Executivo, modelo inspirado no Ministério de Propaganda da Alemanha nazista. Entretanto, diferente do modelo alemão onde o rádio foi prioritário, os esforços para calar vozes dissonantes no Brasil de Vargas foram realizados de forma semelhante à Itália fascista de Mussolini, através da imprensa periódica.⁴⁹

⁴⁷ JP, 30/6/1935 Editorial. O nosso aniversário, p.1, 7/7/1935 O papel da imprensa. Mucio Scolvola, p.1 e 30/6/1936 O nosso oitavo aniversário, p.1

⁴⁸ JP, 1/1/1930 Jornal do povo, p.3 e 29/4/1934 Noticiário. “Jornal do Povo”, p.3

⁴⁹ CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas/SP: Papyrus, 1998, p.69-75. Segundo ela, o DIP tinha como função elucidar a opinião pública sobre as diretrizes doutrinárias do regime e estava estruturado da seguinte forma: Divisão de Divulgação, Divisão de Radiodifusão, Divisão de Cinema e Teatro, Divisão de Turismo, Divisão de Imprensa e Serviços Auxiliares. Tal organização funcional revelava um alto grau de centralização. Além disso, os cargos de confiança eram atribuídos diretamente por Getúlio Vargas.

Mesmo no contexto da “política do silêncio” do Estado Novo, as declarações parciais do *Jornal do Povo* estavam longe de ser impositivas. Tratava-se de apoio explícito ao regime que sutilmente simpatizava com o fascismo europeu. O próprio jornal elogiara o caráter fascista ainda no início dos anos 30. No artigo *Legionários da revolução*, os redatores valorizam o governo de Mussolini, afirmando que ele teria remodelado “gloriosamente” a Itália, levando a crer tratar-se de atuação esplêndida, deslumbrante ou mesmo magnífica. Além do mais, o apoio do JP ao governo revolucionário de Vargas era posto de forma generalizada, como se os ideais de 30 fossem compartilhados por toda população:

Cachoeira, que foi a primeira a pular na estrada, abrindo caminho a arremetida fulminante contra o principal baluarte da devastação da República, sente-se no dever imprescindível de enfileirar-se entre as forças que montam guarda vigilante à consecução dos objetivos finais da jornada de 3 de outubro. É preciso portanto confessar, desde já, que Cachoeira é partidária ardorosa da constituição eficiente dessa milícia cívica.⁵⁰

Assim, se o DIP projetava as estratégias de Getúlio Vargas e legitimava o Estado Novo via meios de comunicação, esses ideais getulistas apareciam em Cachoeira pela voz do *Jornal do Povo*, que os apresentava como algo que estava no sangue da maioria dos cachoeirenses. Esse tipo de linguagem adotada prestavam-se à eliminação das posições contrárias porque justamente apresentavam-se como a fala do todo, não admitindo contestações. Aquilo que Andréa Petry, analisando o papel desempenhado pelo *Correio do Povo* durante o Estado Novo, chamou de “efeito ideológico de uma unidade no discurso”.⁵¹ No JP, estes preceitos seriam mantidos décadas a fio, mesmo findo o primeiro período varguista em 45, embora com outras conotações.

A contribuição política do jornal para o governo Vargas era de não direcionar ataques a partidos específicos, a essa ou aquela facção. Sob argumento de que visavam auxiliar na consolidação do prestígio do regime, sustentavam em Cachoeira a estratégia política de Vargas de aglutinar posições ambíguas para manter o poder. Para os editores do JP, a estabilidade não dependia propriamente da vitória deste ou daquele candidato, mas da maneira com que se conduzissem as forças democráticas.⁵² Em outras palavras, a construção do discurso único corroborando com o regime autoritário instalado em 1937. Por conta desse apoio explícito a Vargas, foi concedido ao JP o registro no DIP em 1941.⁵³

⁵⁰ JP, 5/3/1931 *Legionários da revolução*, p.1

⁵¹ PETRY, Andréa Helena. *O papel desempenhado pelo Correio do Povo durante o Estado Novo* In: DREHER, Martin; RAMBO, Arthur; TRAMONTINI, Marcos Justos (org.). *Imigração & imprensa*. Porto Alegre: EST, São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004, p.427

⁵² JP, 30/6/1937 *Mais um passo*, p.1

⁵³ JP, 9/2/1941 *Noticiário*. Concedido registro no D.I.P ao “*Jornal do Povo*”, p.3

Em termos de linguagem jornalística, foi marcante o abandono gradual do estilo liberal, caracterizado pela retórica pomposa, característica que perdurou no JP pelo menos até o falecimento do major Virgílio Carvalho de Abreu, em maio de 1937, visto sua ligação com o PRL local. Semelhante a imprensa europeia fascista, o jornal aos poucos passou a adotar a escrita precisa, séria, direta e energética.

Em outubro de 1944, o jornal foi adquirido por Manoel de Carvalho Portella e Liberato Salzano Vieira da Cunha, jovens intelectuais ligados ao catolicismo cooptados pelo regime varguista. Segundo Boris Fausto, os dirigentes do Estado Novo procuraram desde cedo atrair setores letrados a seu serviço. Como a Igreja Católica foi uma das bases de sustentação do governo, era natural o apoio ao regime por parte de jovens como Liberato Viera da Cunha, católico fervoroso, membro da União dos Moços Católicos de Cachoeira do Sul, fundador e presidente do Centros de Ação Católica, que fez carreira política no Partido Social Democrático (PSD).⁵⁴

Embora se afirmasse que o JP não era um jornal religioso, sua orientação era verdadeiramente católica, imprimindo no feitio do jornal sua idéia e atitude firme em defesa dos princípios católicos e dos costumes cristãos. Frequentemente, os editoriais evocavam a proteção divina: “O Jornal do Povo, considerado a importância da missão do jornalismo, ao iniciar mais um ano de trabalho, quer reafirmar à família cachoeirense que vai continuar informando, informando tudo e informando só a verdade, com a ajuda de Deus e a Virgem Medianeira”.⁵⁵

O anúncio publicado no JP do porto-alegrense *Jornal do Dia*, que teve como redator-chefe, por determinado período, o próprio Liberato Vieira da Cunha, afirmava textualmente que ajudar um jornal católico significava defender a moralidade dos indivíduos e das famílias. Resgatando as palavras de Pio XII, a imprensa podia trazer paz ou guerra: “Sempre tem conseqüências o que diz o papel impresso. Pela imprensa se pode profetizar o futuro de um povo ou de uma civilização”. Por isso não podia faltar nos lares católicos um jornal católico: “Leia, assine e propague o Jornal do Dia”, dizia o anúncio.⁵⁶

⁵⁴ FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002, p.186-208. Liberato Salzano Viera da Cunha (20/12/1920-7/4/1957) nasceu em Cachoeira do Sul, filho de Antônio Peixoto Vieira da Cunha e Angelina Salzano Vieira da Cunha. Casou com Jenny Conceição Figueiredo Vieira da Cunha. Era advogado e professor. Prefeito de Cachoeira (1947-1950), deputado estadual (1950-1954) e Secretário de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul (1955-1957). Diretor do Jornal do Povo (1944-1957) e redator-chefe do Jornal do Dia (católico). SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.62-64

⁵⁵ JP, 2/7/1950 Editorial. Mais um aniversário, p.2

⁵⁶ JP, 17/1/1954 Anúncio, p.1

Como fundador e presidente do Centro de Ação Católica e como membro do PSD, ligado à Liga Eleitoral Católica, Liberato Vieira da Cunha trabalhava para que os postulados católicos fossem incorporados tanto nas leis estaduais quanto na própria comunidade cachoeirense.⁵⁷

A mudança administrativa em 1944 não modificou o sentido político-partidário do jornal; ao contrário, solidificou. Como escreveu a leitora Carina Pessoa: “Nada sofreu o jornal com a mudança de redatores e proprietários. Continuou a sua rota, traçada pelos fundadores, de bem servir ao público cachoeirense, defendendo os interesses municipais, a boa orientação política e administrativa e política geral, dentro dos princípios de lealdade, justiça e tolerância”.⁵⁸ Os novos editores seriam “dignos continuadores de Virgílio de Abreu”.⁵⁹ Liberato Vieira da Cunha freqüentemente redigia artigos ardorosos pró-Vargas, preocupando-se em ressaltar a personalidade do presidente.

E quando fizermos, em Cachoeira do Sul, um comício festejando a anistia ou festejando alguma vitória democrática, não cometamos a injustiça que muitos patrícios nossos estão cometendo: a de levarem, como líderes democráticos, as fotografias de Roosevelt e Stalin, deixando no olvido [esquecido] a de Getúlio Vargas.⁶⁰

Mesmo com o armistício em 45 e a deposição de Vargas, Liberato Vieira da Cunha foi fiel, passando a defender o sucessor Eurico Gaspar Dutra, a quem chamou de “figura ímpar” que teria “larga folha de serviços prestados ao país”, alguém que teria a capacidade de ampliar e completar a “política de alta visão do grande Getúlio Vargas”, fazendo com que o Brasil consolidasse seu “prestígio entre as grandes potências do mundo”.⁶¹ Todos esses superlativos usados nos escritos denotam a vontade do diretor do JP em valorizar não a gestão, mas a figura do presidente, indício do paternalismo que caracterizou o período em questão.

O uso político do jornal mostrava-se na forma como narrava acontecimentos político-partidários. A instalação do diretório do PSD, ao qual Liberato Vieira da Cunha pertencia, foi descrito em efusivas loas. A solenidade teria sido “magnífica”, revestida de “grande

⁵⁷ JP, 30/6/1946 “Jornal do Povo”. Carina Pessoa, p.17 e 10/1/1947 Política local, p.1

⁵⁸ JP, 30/6/1946 “Jornal do Povo”. Carina Pessoa, p.17

⁵⁹ JP, 30/6/1948 Uma visão retrospectiva. Carina Pessoa, p.10

⁶⁰ JP, 19/4/1945 Getúlio Vargas. Liberato S.V. da Cunha, p.2

⁶¹ JP, 22/4/1945 Incoerência. Liberato S.V. da Cunha, p.2 e 4/10/1945 Partido Social Democrático: força política em marcha para a vitória. Liberato Salzano Vieira da Cunha, p.2. Sobre a imprensa no período, ver, por exemplo: DUARTE, Celina Rabelo. *Imprensa e redemocratização no Brasil: um estudo de duas conjunturas, 1945 e 1974-1978*. Dissertação de Mestrado [orientadora Maria Teresa S. R. de Souza] São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PPG/Ciências Sociais, 1987 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=19871233005010006P0> - acessado em 25/3/2005]

brilhanço”, decorrido sob “intensa vibração cívica”. O número de pessoas demonstrariam que o partido contaria com “a maioria do eleitorado cachoeirense”.⁶²

O sentido populista que caracterizou o governo federal neste período influenciou sobremaneira o Jornal do Povo. O editorial de 1º de julho de 1945 explicita essa conotação popular ao afirmar que viver o jornal era viver “para o povo, sofrer com o povo, desejar com o povo”; como o próprio nome dizia, o JP deveria ser “intérprete exato das aspirações e do pensamento da população”, num jornalismo que batalhava pela “verdade”, lutava pela “justiça”, defendia os “oprimidos”, engrandecendo o Brasil; que o jornal lutava pelos “superiores e impessoais interesses da coletividade cachoeirense”. O dever de informar tinha de ser feito com “isenção e coragem, divulgando todas as notícias de interesse geral”.⁶³ A necessidade de afirmar e reafirmar sistematicamente essas questões escondia, em seu âmago, a verdadeira ideologia dos seus editores.

Aos adversários políticos, o jornal reservava grandes espaços em suas páginas para denegri-los. Exemplo disso foram os escritos do católico Liberato Vieira da Cunha na tentativa de contribuir para soterrar a ameaça comunista. As páginas do JP foram inundadas com textos repudiando a propaganda pública de idéias que chamou de “russificadoras”. O comício público pró-constituente, organizado na praça José Bonifácio por seguidores do comunista Luiz Carlos Prestes, foi dissolvido, naquilo que Liberato Vieira da Cunha intitulou “vibrante manifestação de brasilidade”, discurso que denotava a idéia de que a luta de Prestes era por tornar o Brasil apêndice dos comunistas russos. Na ocasião, populares contrários invadiram o local, pondo termo à reunião. Depois dirigiram-se ao largo da Igreja Matriz, onde Liberato Vieira da Cunha, após fazer oração em público, pronunciou “eloqüente discurso profligando a ação dos emissários de Moscou, que pretendiam implantar no Brasil o credo desagregador da Rússia Soviética”. O modo que o jornal descreve o momento revela a tendência política adotada. A reportagem ressalta que, após as manifestações, os populares visitaram a redação para darem “vivas ao jornal e aos seus diretores que energicamente vem combatendo aqueles que querem fazer da nossa terra um paraíso de adeptos do credo moscovita”. Para Liberato Vieira da Cunha, foi uma formidável manifestação de repúdio ao comunismo e aos que chamou de “lacaio de Stalin”, “exploradores do povo”. Para ele, foi acontecimento de “puro cristianismo, brasilidade e democracia”, que servia de exemplo ao

⁶² JP, 26/6/1945 Magníficas as solenidades da instalação do PSD, p.1,

⁶³ JP, 1/7/1945 Jornal do Povo, p.1 e 29/6/1952 23º aniversário do Jornal do Povo, p.1

Rio Grande do Sul, ao Brasil e à Rússia. A edição do JP contando os pormenores da manifestação comunista teria tido tamanha procura que ocasionara filas na redação.⁶⁴

A visita do próprio Prestes a Cachoeira, em outubro de 1945, foi descrita como acontecimento memorável, célebre, notável, digno de permanecer na memória coletiva da cidade, não por seu enredo espetacular, mas pelo modo como foi dissolvido. Ao discursar da sacada do Partido Comunista (PC) local, teria sido “estrepitosamente acuado” por vaias e gritos de “Abaixo Prestes”, “Morra o Comunismo”, “Viva o Brasil”. Um momento, para o jornal, “de rara emoção que o repórter teve a felicidade de viver”. O título da matéria revela o embate ideológico presente no discurso do jornal: “Luiz Carlos Prestes e seus sequazes fugiram de Cachoeira do Sul como verdadeiros gangsteres, dando tiros para trás”.⁶⁵

No ano seguinte, o outro editor, Manoel de Carvalho Portella, escreveu ser preferível entregar os elementos “sangue-sugas” – assim se estaria fazendo justiça – do que defenestrá-los publicamente através do jornal, com palavras de “mata, esfola, dependura, fuzila”.⁶⁶

Os ventos democráticos do pós-guerra possibilitaram que a imprensa não mais forçosamente se alinhasse ao governo federal centralizador, permitindo o abandono gradual do jornalismo noticioso e parcial que a caracterizara desde seus primórdios. A destituição de Getúlio Vargas abriu caminho para eleição e não mais nomeação dos prefeitos. Cyro da Cunha Carlos governara o município a maior parte dos anos de guerra, assumindo pela primeira vez em 29 de outubro de 1939 até 17 de novembro de 1945 e de 10 de março de 1946 a 7 de abril de 1947. Neste ínterim, assumiram Alfeu Escobar e Jacinto Dias Filho. Após o último período de Cyro da Cunha Carlos, o prefeito nomeado foi Mário Godoy Ilha até 1947.⁶⁷

Entretanto, muitos jornais do interior perpetuaram o uso político, como o próprio Jornal do Povo. A circulação dos jornais é indício desse uso. A iniciativa de aumentar a periodicidade tinha sido feita em maio de 1939, quando intentava-se passar de bissemanal para diário. As expectativas foram frustradas frente à crise mundial que se avizinhava.⁶⁸ Na

⁶⁴ JP, 1/9/1945 Decisivo repúdio ao comunismo, p.1, 21/9/1945 Lição impressionante. Liberato Salzano Vieira da Cunha, p.2, 23/9/1945 Edição extraordinária do “Jornal do Povo”, p.1, 4/10/1945 Partido Social Democrático: força política em marcha para a vitória. Liberato Salzano Vieira da Cunha, p.2. Ver AZEVEDO, Luiz Vitor Tavares de. *Carlos Lacerda e o discurso de oposição na tribuna da imprensa (1953-1955)*. Dissertação de Mestrado [orientador Francisco Falcon], Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, PPG/História, 1988 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=1988331003010005P6> - acessado em 25/3/2005]

⁶⁵ JP, 7/10/1945 Luiz Carlos Prestes e seus sequazes fugiram de Cachoeira do Sul como verdadeiros gangsteres, dando tiros para trás, p.1

⁶⁶ JP, 5/8/1946 Um por dia. Manoel de Carvalho Portella, p.2.

⁶⁷ SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.46

⁶⁸ JP, 7/5/1939 O Jornal do Povo passará, em breve, a nova fase, p.1

virada de 1946 para 1947, a circulação passou a ser segundas, quartas, sextas e domingos. Para os editores, a finalidade publicitária do jornal possibilitaria a execução da “mais importante das finalidades da imprensa: a colaboração no desenvolvimento do progresso das cidades, através do noticiário e da defesa dos interesses das suas populações”. No ano seguinte, foi anunciado o matutino diário, fazendo crer que o fato seria motivo de orgulho para toda comunidade, embora pequena parcela fosse leitora assídua: “Cachoeira do Sul poderá, doravante, orgulhar-se por possuir o seu diário, acontecimento que irá contribuir, sem dúvida, para elevar mais ainda o conceito e o nível cultural já atingidos pela nossa terra, entre as principais cidades do Rio Grande do Sul”.⁶⁹ Todavia, o aumento da circulação tinha como finalidade eleger o diretor do JP, Liberato Vieira da Cunha, para prefeito.

Em 1947, Liberato Vieira da Cunha foi eleito prefeito de Cachoeira do Sul pelo PSD, o que, de certa forma, representou a continuidade da política local, visto que o prefeito eleito alinhara-se efusivamente a Getúlio Vargas, quando de sua deposição em 1945. Parte da campanha municipal de Liberato Vieira da Cunha foi baseada na xenofobia ao se apresentar em grandes anúncios publicados em seu jornal como “o único candidato cachoeirense”.⁷⁰ Elegeu-se com expressiva votação, tendo como vice Frederico Gressler.⁷¹

Após a vitória eleitoral, o JP, ainda sob sua responsabilidade, parou de circular diariamente, com o argumento de que não podia manter durante o dia a sua “máquina-composição pela absoluta falta de força motriz, que não atinge o grau de calor necessário para o derretimento do chumbo”.⁷² Na verdade, garantida a eleição, não se justificava a circulação diária deficitária.⁷³ Conseqüentemente, as críticas do jornal foram direcionadas para atos falhos dos cachoeirenses e não para a administração municipal. Exemplo foi a coluna assinada pelo articulista de pseudônimo *Roseteur*, a flor com espinhos pronunciada de forma afrancesada.⁷⁴ Também sob o anonimato do pseudônimo *Chinês*, o diretor do JP Manoel Carvalho Portella, assinou a coluna *Pingos nos ii...*, de 1947 até seu falecimento em junho de

⁶⁹ JP, 15/12/1946 Jornal do Povo, p.8, 1/1/1947 Nova fase. Manoel de Carvalho Portella e Liberato Salzano Vieira da Cunha, p.2, 21/10/1947 Cachoeira já possui o seu jornal diário. Sylvio Dutra de Albuquerque, p.1 e 2/12/1947 Jornal do Povo, p.1

⁷⁰ JP, 15/11/1947 Anúncio. Partido Social Democrático. Para prefeito: o único candidato cachoeirense. Liberato Salzano Vieira da Cunha (3/4 de página), p.1

⁷¹ JP, 20/11/1947 Expressiva vitória do Partido Social Democrático, p.1

⁷² JP, 2/12/1947 Jornal do Povo, p.1

⁷³ JP, 31/8/1950 Diretor: Liberato Salzano Vieira da Cunha, p.1

⁷⁴ JP, 7/1/1948 O que há com tudo isso? Roseteur. A Praça de Santo Antônio, p.4, 11/1/1948 O que há com as calçadas? Roseteur, p.4, 14/1/1948 O que há com os mocinhos? Roseteur, p.4 e 16/1/1948 O que há com a morte? Roseteur, p.6

1951, quase sempre com críticas aos cachoeirenses, poupando a administração municipal sob responsabilidade do sócio.⁷⁵

Através das páginas do jornal, Liberato Vieira da Cunha alcançou vãos maiores, como a eleição a deputado estadual em 1950, a reeleição em 1954 e o cargo de Secretário Estadual da Educação e Cultura em 1955. Em todas as oportunidades, usou das páginas do JP para divulgar suas idéias, procurando sempre demonstrar que havia sido dinâmico gestor municipal. O jornal era o seu cartão de visitas que mostrava a cidade bem administrada, com estradas patroladas, escolas abertas e obras de assistência social cuidando dos menos favorecidos, tudo isto representando motivo para que o “eleitorado consciente de sua terra” votasse nele, pois seria “intransigente defensor dos interesses coletivos”. Na primeira eleição a Assembléia Legislativa, foi eleito com mais de 15 mil votos.⁷⁶

A atitude benevolente do JP com a administração municipal perdurou somente até o fim do mandato do vice-prefeito, Frederico Gressler (1950-1951). À visão romanceada e parcial, contrapôs-se um olhar menos ameno, mais crítico e severo, quando foram eleitos Virgilino Jayme Zinn e Henrique Fonseca Ghignatti (1952-1955). Indício da razão dessa mudança de postura foi a publicação das leis, feitas exclusivamente no Jornal do Povo, quando Liberato Vieira da Cunha era prefeito e quando assumiu seu vice, Frederico Gressler. O monopólio durou até o início da administração seguinte. De agosto a novembro de 1952, o prefeito Virgilino Zinn publicou as leis somente no Livro de Registro de Leis da Prefeitura Municipal. Depois, voltou a publicar no JP até maio de 1953, quando as publicações oficiais foram feitas no jornal O Comercio durante dois meses. Após, passou a ser alternado nos dois jornais.

⁷⁵ JP, 21/1/1948 Pingos nos ii... Chinês. E elas se pegaram, p.2, 25/1/1948 Pingos nos ii... Chinês. Precisa-se de uma empregada, p.2, 26/1/1948 Pingos nos ii... Chinês. Carnaval, p.3, 14/3/1948 Pingos nos ii... Chinês. Terreno para presídio, p.2, 12/4/1948 Pingos nos ii... Chinês. Parafuso, p.2, 16/5/1948 Pingos nos ii... Chinês. Ecos da destruição dos aparelhos do Aero, p.2, 21/5/1948 Pingos nos ii... Chinês. Com a brusca caída da temperatura..., p.2, 7/6/1948 Pingos nos ii... Chinês. Saias cumpridas, p.2, 13/6/1948 Pingos nos ii... Chinês. Com os fiscais de menores, p.2, 18/6/1948 Pingos nos ii... Chinês. Com os bondes, p.2, 23/6/1948 Pingos nos ii... Chinês. Começou a fuzilaria, p.2, 31/8/1948 Pingos nos ii... Chinês. Bicletas de aluguel, p.2, 3/10/1948 Pingos nos ii... Chinês. Baile, p.2, 24/1/1950 Pingos nos ii... Chinês. Bem feito, p.2, 26/1/1950 Pingos nos i... Chinês. Sirene de alarme, p.2, 7/2/1950 Pingos nos ii... Chinês. Carnaval, p.2, 19/3/1950 Pingos nos ii... Chinês. Bixaredo, p.2, 28/3/1950 Pingos nos ii... Chinês. Telefones, p.2, 23/4/1950 Pingos nos ii... Chinês. Destoante, p.2, 7/5/1950 Pingos nos ii... Chinês. Triste espetáculo, p.2, 7/5/1950 Pingos nos ii... Chinês. Correrias e descargas abertas, p.2, 25/6/1950 Pingos nos ii... Chinês. Divórcio, p.2, 4/7/1950 Pingos nos ii... Chinês. Pouca vergonha, p.2, 9/7/1950 Pingos nos ii... Chinês. Trem maluco, p.2 e 31/12/1950 Pingos nos ii... Chinês. Adivinhação, p.2

⁷⁶ JP, 31/8/1950 Diretor do JP: Liberato Salzano Vieira da Cunha, p.1, 7/9/1950 Para Deputado Estadual Liberato Salzano Vieira da Cunha, p.4, 17/9/1950 Manifesto aos meus conterrâneos. Liberato Salzano Vieira da Cunha, p.2 e 2/10/1950 Hoje a proclamação dos resultados oficiais do pleito neste município, p.1

A perda das benesses públicas obrigou o jornal a buscar anunciantes. Em face do partidarismo, a maioria dos jornais do interior tinham número limitado de leitores e, em consequência, dispunham de escassos recursos advindos da publicidade. Data desta época as primeiras iniciativas de explicar aos leitores que parte das despesas do JP era paga pelos anunciantes que prestavam duplo serviço, fornecendo informações sobre produtos que o leitor necessitava e pagando parte do jornal. Os anúncios do próprio jornal ressaltavam a necessidade do leitor preferir os produtos dos patrocinadores.⁷⁷

Com o falecimento de Manoel Carvalho Portella em 1951 e a morte num acidente trágico de Liberato Vieira da Cunha em 1957,⁷⁸ o Jornal do Povo passou às mãos do irmão Paulo Salzano Vieira da Cunha, gerente desde 1948. A troca acelerou a mudança de jornal político para noticioso, o que exigiu novos investimentos tecnológicos, desenvolvimento do departamento comercial e a guinada para a regionalização das notícias e o envolvimento comunitário, sem por isso abandonar a parcialidade da informação.

Seria a resposta frente ao avanço dos jornais da capital, que ampliavam a concentração e o monopólio da informação, com a modernização da redação e a prevalência da publicidade sobre a política. Conforme Rüdiger, a imprensa porto-alegrense avançando rumo ao interior gaúcho graças ao desenvolvimento dos meios de transporte, das novas técnicas de distribuição dos exemplares e do recolhimento das notícias.⁷⁹ Para sobreviver, o Jornal do Povo precisou acelerar o movimento de reorganização, através de grandes investimentos que possibilitariam aumento da circulação e regionalização da notícia. Ao invés de jornalismo político-partidário-religioso, encontraria saída na tirania do departamento comercial. Embora fosse essa a tendência do jornalismo na época, as mudanças administrativas e redacionais foram, de certa forma, postergadas pelo uso que Liberato Vieira da Cunha fez do JP.

Neste contexto ideológico, algo que perpassou e sobreviveu as mudanças administrativas do Jornal do Povo foi o fato dos editores defenderem veemente os ideais da elite. Ao longo de sua história, o jornal seria reconhecido pelo discurso em favor dos interesses de uma minoria, moradora do centro urbano. Nos próximos capítulos, pretendo mostrar como essa luta pôde ser vista nos mais diferentes aspectos: instalação dos telefones automáticos, necessidade de maior força motriz, melhoria da infra-estrutura rodoviária, ferroviária e fluvial, como a plena navegação do rio Jacuí e o porto para escoar a produção

⁷⁷ JP, 18/1/1951 Alguém paga parte deste jornal para você!, p.1, 15/7/1951 A partir do dia 1º de Julho – primeiro do 23º ano de existência do Jornal do Povo – tencionávamos introduzir algumas modificações na apresentação do Jornal, p.1 e 15/9/1953 Bom dia, leitor! Fazer jornal, no interior..., p.1

⁷⁸ JP, 10/6/1951 Manoel Carvalho Portella, p.1, 10/4/1957 Tremenda Catástrofe, p.3

⁷⁹ RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. op.cit., 1993, p.55-69

dos rizicultores, exigência da intervenção estatal para financiamento da produção de arroz, promoção da *Festa do Arroz*, cujos festejos tiveram caráter eminentemente elitista, como o concurso da escolha da rainha. Em críticas como a falta de espaço na zona central que, devido ao crescimento populacional, resultou na expansão dos subúrbios, exigindo terraplanagem e encascalhamento das ruas, construção de pontilhões para o acesso e infra-estrutura como água, esgoto e luz elétrica. Algo que, na visão do JP, tornaria “muito feio” o município, além de acarretar aumento de impostos. Por isso comumente denunciar a higiene das vilas, assunto tratado como caso de polícia por conta da desordem e conflitos, exigir a remoção de animais que estivessem sendo criados para consumo nos domicílios, imputar aos moradores dos subúrbios a responsabilidade na utilização de terrenos baldios e sangas para depósito de lixo, mesmo que inexistisse a coleta nos subúrbios. Mesmo quando defendia melhorias para os pobres, o jornal o fazia com um fundo elitista. Exemplo foi o aspecto da saúde curativa, com a construção do novo hospital.

Essa interposição aparecia fortemente nas questões urbanas, manutenção do espaço cidadão frente ao êxodo dos subalternos, algo que desencadeou reclames sobre os aspectos fisionômicos, como praças e construções, a beleza arquitetônica da zona central. O JP defendeu ardorosamente, nesses quinze anos analisados, a manutenção de serviços como varrição das ruas, iluminação pública e ordenação do espaço. Fez distinção social através da religião, tratando de forma diferente outras congregações, preocupou-se com a estética das duas praças centrais, com as regras de convívio e etiqueta, exigindo elegância dos frequentadores, valorizou as recepções oferecidas em ambientes privados, o empolamento aristocrático dos eventos sociais, deu sobrevida e perpetuou a diferenciação social através dos relacionamentos afetivos, condenou as desonradas ao fazer campanha em nome da moralidade da sociedade cachoeirense para combater a prática do aborto, exigiu reverência aos mortos, mesmo noticiando os falecimentos de formas distintas, incentivou o banho ao ar livre e os esportes praticados em público, como tênis, vôlei, basquete, o jôquei e a patinação, o lazer em público nos cafés e confeitarias, nos cinemas, teatros e recitais, nos clubes e sociedades, distinguiu claramente os bailes e carnavais, criticou o entretenimento dos subalternos, como os circos e parques de diversões, culpou os *outsiders* pela desordem e turbulência, imputou aos moradores suburbanos pechas de toda ordem.

Antes de empreender essa análise, porém, procuro entender os avanços e recuos na ocupação e demarcação do território gaúcho. Campo onde multiplicaram-se rebanhos bovinos em tal abundância que serviu de alavanca no processo de ocupação luso-brasileira da futura Província Cisplatina e da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em especial de São

João da Cachoeira. Ocupação essa feita através da distribuição de grandes áreas cedidas aos que defendiam a faixa litorânea ou mesmo de pequenos lotes a famílias açorianas para alimentar as tropas. Contexto onde forjou-se o desenvolvimento do charque, produto que colocaria em lados opostos estancieiros e charqueadores, e desencadearia o confronto farroupilha. Ocupação também feita por imigrantes alemães e italianos, que exploraram gêneros alimentícios destinados ao mercado interno, algo que desencadeou profundas mudanças no desenvolvimento econômico do sul do país, em especial para Cachoeira, com a introdução da cultura rizícola, que serviu de base para a emergência da ordem urbano-industrial no município, concentrado na sede, através de investimentos privados e públicos. O marco das transformações urbanas seria alcançado em fins dos anos 20, numa verdadeira revolução que fez da zona central palco do confronto simbólico entre a elite, que buscava diferenciação social através do refinamento dos hábitos praticados no dia-a-dia, e os subalternos, que passaram a ocupar o espaço de forma fremente nos anos 30 em diante.

2. O vir-a-ser cachoeirense: do espaço construído ao espaço habitado

2.1. Das disputas fronteiriças à formação da vila

A ocupação do Rio Grande do Sul – em especial o centro do Estado onde se localiza Cachoeira do Sul – é fruto do desenrolar histórico iniciado a partir do desejo de conquistar um quinhão das riquezas geradas pelas minas andinas de Potosí, através do Rio da Prata, no início da presença espanhola e portuguesa no sul das Américas, no século XVI e seguintes. Os avanços e recuos na ocupação e demarcação territorial fizeram da região austral verdadeira zona de litígio. O caráter fronteiriço que a caracterizaria, de certa forma aberto e extremamente volátil e flexível, resultaria num campo de enfrentamento de forças. Daí as inúmeras batalhas, vorazes pelejas, atrozes combates e sanguinolentas lutas que tiveram como palco as terras ao sul da Serra Geral, o que levou Aurélio Porto a afirmar que Cachoeira nasceu da caserna, sentido adequado ao enfatizar as disputas fronteiriças, mas errôneo ao dar a entender que tratava-se de “terra de ninguém” antes da conquista portuguesa.¹

Fabrizio Prado ressalta a característica de fronteira múltipla do território meridional, ao mesmo tempo limite e ponto de contato, interação e trocas recíprocas entre luso-brasileiros, castelhanos, índios e jesuítas, onde autoridades, homens de negócio e contrabandistas

¹ Afonso Aurélio Porto nasceu em Cachoeira do Sul, em 25/01/1879. Era funcionário público e escrevia romances, poemas, peças teatrais, ensaios e estudos sobre a história gaúcha e cachoeirense (por ex.: *Município de Cachoeira – Histórico*, 1910; *Cachoeira, o território*, 1926; *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*, 1934; *O colono alemão: notas sobre a imprensa no Rio Grande do Sul*, 1934; *Primitivos habitantes do Rio Grande do Sul*, 1936; *Antecedentes históricos do Rio Grande do Sul*, 1937; *História das missões orientais do Uruguai*, 1943). Foi redator do jornal *O Rio Grande*, órgão do Partido Republicano, diretor do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, entre outras funções. Por esta aproximação com a política, recebeu o título de Coronel. Faleceu no Rio de Janeiro, em 11/09/1945.

confundiam-se nos papéis sociais.² A ocupação do território austral foi feita através da distribuição de sesmarias. O conseqüente desenvolvimento de praças de negócio interessava sobremaneira aos negociantes do Rio de Janeiro, que viam a região como possibilidade de abertura de novas oportunidades de lucro.³

Com a assinatura do Tratado de Madrid (1750), acordando que Sacramento pertenceria doravante à Espanha e os territórios ocupados pelas missões jesuíticas, até então sob domínio espanhol, passariam à Portugal, Gomes Freire de Andrade foi destacado, em 1752, para pôr marcos que estabelecessem os limites do domínio português, mas foi barrado em Santa Tecla (Bagé/RS). Por esta razão, recuou até as margens do rio Pardo, construindo o forte Jesus Maria José, que entraria para a história oficial como domínio mais ocidental da Coroa Portuguesa na época. A fortificação serviu para derrotar índios missioneiros revoltos, que negavam-se a entregar as terras ocupadas nas missões jesuíticas, período que ficou conhecido como Guerra Guaranítica (1754-1756). Nesta ocasião, foram distribuídas sesmarias aos oficiais nas imediações da bacia do Jacuí. Em 1759, guarda avançada do forte, composta por 110 soldados, foi destacada para o Passo do Fandango (Cachoeira), estabelecendo depósito de armas e munições.⁴

Duas décadas depois, em 1778, o capitão de infantaria do regimento de Estremos, Domingos Alves Branco Muniz Barreto, passou pela região e ressaltou a quantidade de gados, bestas e cavalos da povoação de São João da Cachoeira. Nas campinas da região, o gado era tanto que não podia-se ferrar nem saber quem era o dono.⁵ Foi neste contexto que o povoado subiria na hierarquia administrativa. A gênese e a evolução usual das cidades luso-brasileiras neste período seguiam determinada graduação urbana: de povoado ascendiam à freguesia e posteriormente alcançavam status municipal de Vila.⁶ Dez anos antes, em 1769, o governador

² PRADO, Fabrício Pereira. *Colônia do Sacramento: a situação na fronteira platina no século XVIII*. In: Revista Horizontes Antropológicos. v.9 n.19 Porto Alegre, julho, 2003 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000100004&lng=pt&nrm=isso&tlng=pt#volta9 – acessado em 20/4/2006]

³ OSÓRIO, Helen. *Comerciantes do Rio Grande de São Pedro: formação, recrutamento e negócios de um grupo mercantil da América Portuguesa*. In: Revista Brasileira de História. v.20 n.39 São Paulo, 2000 [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-1882000000100005&lng=pt&nrm=iso.htm&tlng=pt – acessado em 19/4/2006]

⁴ JACQUES, João Cesimbra. *Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul (1883)*, Porto Alegre: Erus, s/d, p.40-41, PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. op.cit., 1941, p.5-16; SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.19-20; PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. op.cit., 1996, p.9 e MÜLLER, Alba Letícia et al. *Aspectos da constituição sócio-cultural do Rio Grande do Sul – Brasil* [disponível em <http://grupomontivideo.Edu.uy/mesa4/Muller%20et%20al.pdf> – acessado em 30/3/2006]

⁵ BARRETO, Domingos Alves Branco Muniz. *Observações relativas à agricultura, comércio e navegação do continente do Rio Grande de São Pedro no Brasil - 1778*. In: SANTOS, Corcino M. *O Rio Grande do Sul no século XVIII*. São Paulo: Nacional; Brasília/DF: UNB, 1984, p.181-182

⁶ MARX, Murillo. *Cidade no Brasil, Terra de quem?*, São Paulo: Nobel/ EdUsp, 1991, p.141

e comandante militar, José Marcelino de Figueiredo, mandara aldear índios aculturados que haviam sido instalados nas proximidades do Botucarai ao final da Guerra Guaranítica, nas proximidades do Passo do Fandango, onde ergueram pequena capela no local chamado Aldeia, sob a invocação de São Nicolau. Em 10 de julho de 1779, o povoado de São João da Cachoeira foi elevado à categoria de freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira, e o orago da capela foi mudado para Nossa Senhora da Conceição.⁷

Neste período, foi realizada a *Relação de moradores que tem campos e animais nesse Continente*, a pedido do Vice-rei do Brasil. Helen Osório, analisando os dados dessa fonte, mostra o perfil da freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira em 1784. Dos 239 registros encontrados, 60 (25,10%) eram da região cachoeirense. Destes, 52 (86,7%) eram considerados somente criadores, proprietários de terras que exclusivamente criavam animais, sem conjugar pecuária e agricultura, perfil que a autora considera exceção na Província. Em relação à distribuição das propriedades por sua extensão, a dimensão média das terras na região cachoeirense era entre 1.090 e 10.891 hectares (38,4%) e acima de 10.891 hectares (61%). Dos 60 proprietários, 36% eram grandes, com 61% das terras; 56,2% eram médios, com 38,4% das terras; e 7,8% eram pequenos, com 0,6% das terras. A extensão média das propriedades era 9.386 hectares, perfil da maioria dos “somente criadores” da região. O tamanho médio dos rebanhos, dos 52 criadores, era de 695 cabeças. Em relação às outras localidades analisadas pela autora (Santo Amaro, Serro Pelado e Encruzilhada), Cachoeira era a que tinha as maiores propriedades. Dado sua condição de distrito fronteiriço e distante de Porto Alegre e Rio Grande, os principais núcleos urbanos da época, era a que melhor representava a imagem típica do Rio Grande do Sul colonial, com grandes propriedades exclusivamente dedicadas à pecuária, que ficariam conhecidas como “estâncias”. Diferente das demais regiões, onde, segundo Osório, predominavam menores propriedades e maior existência de produtores que combinavam criação de animais com lavouras.⁸

⁷ AZEVEDO, Tupinambá Pinto de. *Cachoeira do Sul, comarca: 150 anos de História*. op.cit., 1985, p.9. A campanha para a construção da nova igreja seria lançada somente em 1792, pelo padre Matheus da Silveira e Souza. A pedra fundamental do novo templo foi lançada em 6 de outubro de 1793. A construção levou mais duas décadas para ser terminada e ficou a cargo das irmandades de Nossa Senhora da Conceição, a Padroeira, e do Santíssimo Sacramento, em estilo colonial, com duas apumadas torres, espaçosos consistórios e sacristias, ampla capela-mór e altar de estilo renascentista. Desde essa época, os mortos eram enterrados ao redor da igreja e mesmo dentro do templo, de acordo com suas posses.

⁸ OSÓRIO, Helen. “*Estancieiros*” e “*lavradores*”: *Rio Grande do Sul, século XVIII*. In: *Anos 90. Revista do PPG em História*. Porto Alegre/RS: UFRGS, n.4, dezembro de 1995 (p.31-44). A linha de raciocínio estabelecida pela autora é justamente que este conceito de “estancieiro” (criador de gado em grandes extensões de terras), que marca a imagem do Rio Grande do Sul colonial, não é coerente com o perfil agrário da época. Neste caso, Cachoeira era a exceção da região.

O domínio português na região era limitado espacialmente pelas vilas, freguesias e povoados dispostos a oeste da linha imaginária acordada em 1777, entre os quais o de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira. Por ser zona de passagem de contingentes oriundos das guerras de demarcação, a freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira pôde manter intenso mercado com a capital da Província, Porto Alegre, e com a capital colonial, Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, a localização fronteiriça, de certa forma aberta e litigiosa, maldiria os moradores. Em carta enviada em 1808 a Dom Fernando José de Portugal, Manoel Antônio de Magalhães descreveu a região cachoeirense como habitada por homens que, por viverem separados de comunicação, estariam “mais aptos a poderem sair ao campo fazer roubos de gados (a que chamam arreadas), sendo estes homens havidos por desembaraçados, e resolutos campistas, dignos de qualquer empresa”. Para ele, tratava-se de “pestes”, “perturbadores da paz e sossego público”. Sugeria tirá-los da zona fronteiriça, “não deixando estabelecidos em fronteiras homens que não sejam conhecidos por quietos, sossegados e sem inclinação a se enriquecerem pelo meio de arreadas”. Se isso fosse acatado, alertava para que se tomasse o cuidado de conter os que ficassem de não estender suas posses em “uma, duas e mais fazendas, que entretém com poucos gados, e só com o destino de as poderem vender”.⁹

A vinda da família real mudou as relações internacionais portuguesas com relação ao continente latino-americano, como a concentração de forças na área do Prata. Reflexo disto foi a criação pela Provisão Real da vila de Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo em 1809, na qual se incluía a freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Cachoeira. É dessa época o aparecimento das primeiras casas de alvenaria no incipiente núcleo urbano.¹⁰

O relativo desenvolvimento regional fez com que a freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira fosse desmembrada da vila de Rio Pardo em 26 de abril de 1819, passando à denominação de Vila Nova de São João da Cachoeira.¹¹ O alvará assinado por Dom João VI, argumentava que os moradores de Cachoeira sofriam incômodos e prejuízos

⁹ MAGALHÃES, Manoel Antônio de. *Almanack da Vila de Porto Alegre*. In: FREITAS, Décio. *O capitalismo pastoril*. Porto Alegre/RS: Escola Superior de Teologia São Lourenço; Caxias do Sul/RS: Universidade de Caxias do Sul, 1981, p. 145

¹⁰ Provisão de 7/1/1809, criando a vila de Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo, na qual foi incluída a freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Cachoeira. A afirmação sobre as primeiras casas de alvenaria foram retirados de GUIDUGLI, Humberto Attilio. *Centenário de Cachoeira do Sul*, op.cit., 1959. No Anexo II, relação dos proprietários das primeiras casas de alvenaria no núcleo urbano de Cachoeira, no início do século XIX

¹¹ Ver Resolução Régia de 13/9/1815, criando a freguesia de São Sebastião de Bagé, que é separa da de Cachoeira; Alvará de 26/4/1819, criando uma vila na freguesia da Cachoeira, com a denominação de Vila Nova de São João da Cachoeira, com os mesmos limites que tinha como freguesia, a qual é desmembrada do município de Rio Pardo. Alvará de 26/8/1819, criando um Juiz de Fora do Cível, Crime e Órfãos para as vilas de Rio Pardo e Cachoeira. Dados em BORGES FORTES, Amyr. WAGNER, João Baptista Santiago. *História administrativa, judiciária e eclesiástica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1963, p.177-181

para demandar seus recursos em Rio Pardo, distante dez léguas, “sendo-lhes necessário atravessar dois rios, a maior parte do ano invadeáveis, e deixar por muito tempo ao desamparo as suas casas e negócios”. O território do novo vilamento foi constituído nos mesmos limites da antiga freguesia.¹² A solenidade de levantamento do pelourinho, “com as insígnias competentes que denotam a Jurisdição Real”, em 5 de agosto de 1820, marcou oficialmente a criação da Vila Nova de São João da Cachoeira.¹³ Neste mesmo ano, foram finalizadas as obras da capela-mór da igreja, iniciadas em 1793.¹⁴

O viajante francês Auguste de Saint-Hilaire descreve a incipiente aglomeração urbana da Vila Nova de São João da Cachoeira em abril de 1821: “Esta vila, recém criada, é ainda pequena; a praça pública está indicada por algumas casas esparsas. Entre a vila e o rio, sobre o declive da colina, as miseráveis palhoças separadas umas das outras, cuja reunião toma o nome de Aldeia. Estas choupanas são habitadas por índios”. Em seu relato, ressalta a posição estratégica de entreposto comercial da cidade, “primeiro povoado que se encontra na rota das missões e do Paraguai”.¹⁵ Outro viajante estrangeiro, Nicolau Dreys, descreveu a região nesta época como “campinas férteis, avivadas de agradáveis habitações e de estâncias onde se criam numerosas manadas de gado”. Entretanto, para ele, o núcleo urbano da vila ainda mostrava-se pouco importante.¹⁶

Com status municipal, o uso e a distribuição do solo urbano cachoeirense passaram a ser preocupação, assim como a conseqüente organização política, social e administrativa. Como uma típica cidade luso-brasileira, a configuração urbana seguiria o traçado enxadrezado,¹⁷ a partir da estrada que ligava a parte sul de Cachoeira a Rio Pardo e ao Passo

¹² “Pelo Leste o Arroio Botucaraí até a sua entrada na Serra Geral, pela qual se divide; pelo Norte até o lugar onde é atravessado pelo Arroio Toropi imediato à picada de São Vicente, que limita a Vila de São Luiz da Leal Bragança; pelo Oeste o mesmo Arroio Toropi até a sua reunião no Rio de Santa Maria, e até a entrada deste Rio no Uruguai, pelo qual segue a divisa até encontrar o Rio Quarai, que também serve de divisa até a Coxilha de Santa Ana, onde tem origem a sua maior vertente, seguindo a dita coxilha, pela qual se divide; e pelo Sul até encontrar a primeira vertente do Arroio Ponche, e por este abaixo entrando em o Rio Santa Maria, braço principal do Ibicuí, até encontrar a barra do Jaguari, e por este acima servindo-lhe de divisa a sua principal vertente, que nasce ao pé do marco Espanhol estabelecido na extinta Demarcação de Limites, atravessando a Coxilha da dita Demarcação para entrar na que divide águas a Jacuí, e Camaquã, seguindo por esta a primeira vertente do Arroio Piquiri, que serve de divisa entrando no dito Jacuí até a barra do predito Arroio Botucaraí, que fica servindo de limites a referida nova Vila, e à do Rio Pardo, da qual ficará desde logo desmembrada a sobredita Freguesia com o Território da mesma Vila nela criada, e Seu Termo”, In: PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. op.cit., 1941, p.7-8

¹³ Auto de Criação desta Vila Nova de São João da Cachoeira e levantamento do Pelourinho, 5 de agosto de 1820. Dados fornecidos pelo Arquivo Histórico Municipal

¹⁴ Fonte: IG/001, 1818, 2r. IG/001, 1820, 9r e v. IG/001

¹⁵ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820 -1821)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUsp, 1974, p.338-353.

¹⁶ DREYS, Nicolau. *Notícias descritivas da província do Rio Grande de São Pedro do Sul (1781-1843)*. 4ª ed. Porto Alegre: Nova Dimensão/ EDIPUCRS, 1990, p.124

¹⁷ MARX, Murillo. *Cidade no Brasil, Terra de quem?* op.cit., 1991

da Praia no rio Jacuí, tendo como pontos principais a igreja, a sudeste, e a praça do pelourinho, algumas quadras a noroeste.

2.2. Independência e alterações urbanas

Nos anos subseqüentes à independência do Brasil em 1822, grande parte do território cachoeirense, então quinto município da Província do Rio Grande do Sul, foi desmembrado, perdendo terras para Alegrete, Livramento, Caçapava, São Gabriel, São Sepé e Santa Maria.¹⁸

Na sede da Vila Nova de São João da Cachoeira, duas alterações significativas marcariam a nova fase urbana: a demarcação da praça do pelourinho, com “quatrocentos palmos de frente a norte”, em 1830,¹⁹ e a proibição de enterrar mortos no entorno da igreja e dentro do templo, em 1831.²⁰ O premente desejo de afastar doença e morte dos olhos da comunidade era uma necessidade devido aos contágios, principalmente de cólera e tifo, nos idos do século XIX. Na época, oficiou-se a Irmandade do Sacramento Nossa Senhora Rosário e Almas, para murar o cemitério existente na Praça da Aldeia. Da escolha à construção do novo cemitério da Irmandade do Rosário, levou-se alguns anos (1856-1863). Por esta razão, os sepultamentos no local perduraram por mais duas décadas.²¹

As chamadas “posturas municipais” também marcaram a organização da vida urbana cachoeirense – tamanho dos lotes, alinhamento das construções, traçado e abertura das vias públicas, regras de edificações, normas de higiene, comportamento dos indivíduos e ordem pública. Nesta época, a Assembléia Provincial da Vila de São João da Cachoeira regulava o desenrolar da vida urbana local. As leis especificavam limites urbanos, licença para

¹⁸ Ver Decreto Regencial s/n., de 25/10/1831, criando as vilas de Alegrete e Caçapava, com territórios pertencentes ao município de Cachoeira; Lei n. 400, de 16/12/1857, criando o município de Santa Maria da Bôca do Monte, no qual foi incluído parte de Cachoeira; Lei n. 1.029, 29/4/1876, criando o município de São Sepé, com territórios dos municípios de Caçapava e Cachoeira, In: BORGES FORTES, Amyr. WAGNER, João Baptista Santiago. *História administrativa, judiciária e eclesiástica do Rio Grande do Sul*. op.cit., 1963, p.177-181

¹⁹ Fonte: Ata da Câmara Municipal, 21/1/1830. CM/OF/A, 002, 28v. Ata da Câmara Municipal, 1/2/1830. CM/OF/A, 002, 38 r. Ata da sessão da Câmara Municipal, 13/5/1848. CM/OF/A, 004, 128 v. Ata da sessão da Câmara Municipal, 15/5/1848. CM/OF/A, 004, 129 r. Ata da sessão da Câmara Municipal, 23/5/1848. CM/S/SE/RE -006 -160 v. Ata da sessão da Câmara Municipal, 1/8/1848. CM/S/SE/RE, 006, 168 r.

²⁰ Em 15/4/1831, a Câmara proibiu o enterro nos cemitérios que ficavam no entorno da Igreja e dentro do templo. Decidiu-se também oficial-se às Irmandades do Sacramento Nossa Senhora Rosário e Almas, para murar o cemitério na Praça da Aldeia. Fontes: IM/EH/AS/RL, 001, 2r.; CM/OF/H, 002, 141r.; CM/OF/A, 002, 143r.; CM/OF/A, 002, 168r e v.; CM/OF, A, 002, 169v.; CM/S/RPL, 002, 11v e 15v. 30/1/1832; CM/S/SE/RE, 002, 73v

²¹ Fonte: IM/EH/AS/RL, 001, 2r.; CM/OF/H, 002, 141r.; CM/OF/A, 002, 143r.; CM/OF/A, 002, 168r e v.; CM/OF, A, 002, 169v.; CM/S/RPL, 002, 11v e 15v. 30/1/1832; CM/S/SE/RE, 002, 73v 12/8/1852; CM/S/SE/RE, 002 107 v e 108r, 13/8/1853; CM/S/RPL, 002, 21r 22/8/1853; CM/OF/TA, 002, 96r e v. 97r.; CM/S/SE/RE, 002 180v, 19/6/1856; CM/OF/TA, 002, 121v, 122r e v.; CM/S/SE/RE, 002, 201v , 11/6/1857; CM/S/SE, RE, 002 279 r e v., 17/01/1863. Em 17/1/1863, já se observava ser de grande conveniência a mudança do cemitério para local mais distante e elevado para evitar o desenvolvimento de certas enfermidades nos habitantes. Fonte: CM/S/SE-RE, 002, 279 r e v. , 17/01/1863.

edificações, largura e nivelamento das ruas, altura do pé-direito das construções, calçamento dos passeios, acúmulo de materiais nas ruas, concessão e alinhamento dos terrenos, planta da cidade e registro dos lotes, denominação das ruas, locais para construção de edifícios públicos e praças.²²

Nesta estruturação urbana, entre 1828-35, foram construídos o prédio da Câmara, Júri e Cadeia²³ e o Teatro com salão e camarotes para 500 pessoas. O prédio do teatro era refinado, com pinturas no teto e cenário requintado. A obra, iniciativa de Joaquim Corrêa de Oliveira e Jozé Joaquim da Graça, contou com apoio pecuniário dos moradores mais abastados.²⁴

Pelas imagens depreende-se a pujança dos dois prédios. O teatro tinha fachada ornamentada, inclusive com estátua na parte frontal. O prédio da Câmara, Júri e Cadeia era mais simples, mas nem por isso deixava de se destacar no cenário.



Figura 25 – Prédios do teatro e da Câmara, Júri e Cadeia, construídos entre 1831-33. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

²² SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.138-142

²³ Prédio da Câmara, Júri e Cadeia. Fonte: IM/EA/AS/RL, 001, 2r., 1831. Cadeia. Sessão extraordinária de 20 de maio de 1831. CM/OF/A, 002, 144r., 20/5/1831. Sessão do dia 7 de outubro de 1831. CM/OF/A, 002, 160v, 07/10/1831. Sessão do dia 12 de outubro de 1831. CM/OF/A, 002, 163 r., 12/10/1831. Sessão Extraordinária de 5 de junho de 1832. CM/OF/A, 002, 195 r. Cadeia. Manoel Antonio Galvão. Documento avulso da Caixa de Documentos selecionados, 14/5/1833. Câmara e Cadeia. Edital. Documento avulso da Caixa de Documentos selecionados, 1834. Cadeia. José Mariani. Documento avulso da Caixa de Documentos selecionados, 15/01/1834. Cadeia. Edital. Documento avulso da Caixa de Documentos selecionados, 14/5/1835.

²⁴ GUIDUGLIO, Humberto Atílio. *Teatro*. Revista Aquarela, 1957

Apesar da expectativa da inauguração, a primeira sessão teatral foi malograda, pois um dos atores adoeceu gravemente e somente foi encenada um entremez, pequena cena jocosa em ato único. Na sessão seguinte, foi representada a tragédia romana *Virgínia*, seguido de *A Filha teimosa com os livros*. A narrativa documental da época descreve o aristocrático ambiente:

os camarotes ornados só de senhoras, ornadas de grande riqueza, a platéia ocupada pelas autoridades e pelo povo nobre, subiu o pano, deixando ver uma Sala Imperial entapetada, no fundo da qual estava o retrato de Sua Majestade Imperial, debaixo do precioso Dossel, e sobre um iluminado e rico trono, fazendo a guarda do retrato, os tenentes José Gomes Porto, e Tristão da Cunha e Souza: a um lado estava o alferes Antonio Xavier da Silva com o estandarte rico da Câmara abatido, e os flancos da sala eram ornados pelos atores; apenas se viu esta cena, eis que da platéia o Juiz de paz João Nunes da Silva, rompeu os Vivas à sua Majestade A Imperatriz, à constituição, à Assembléia, aos Brasileiros. Logo depois os atores, acompanhados da orquestra entoaram um hino dedicado ao consórcio da nossa Majestade Imperial, findo o qual um dos atores recitou um elogio assaz elegante à Vossa majestade Imperial, à sua Majestade, a Imperatriz, e à sua digna prole; e depois uma atriz recitou ao mesmo assunto um canto e terminou com os vivas.²⁵

Em 1834, Arsène Isabelle enxergou crescimento urbano em Cachoeira. Chamou de “linda cidadezinha, recentemente construída, situada sobre uma colina, à margem esquerda do Jacuí”. As casas eram brancas por fora, feitas de tijolos e pedras “grés quartzoso argéntífero, de grandes grãos, contendo fragmentos volumosos de argila bolar avermelhada”. A cobertura era de telhas vermelhas.²⁶

A prosperidade urbana cachoeirense, assim como nas demais comunidades sul-brasileiras, foi interrompida durante a década do conflito Farroupilha, que colocou estancieiros e charqueadores em lados opostos. Por um lado, criadores de gado das estâncias dispostas na região fronteira tinham fortes ligações com os castelhanos, levando e trazendo suas manadas conforme oscilava o preço nos mercados da carne salgada. Os estancieiros queixavam-se dos pesados impostos cobrados e pretendiam acabar ou reduzir a taxaço de gado na fronteira com o mundo platino, estabelecendo livre circulação do rebanho que possuíam em ambos os lados. Por outro lado, produtores do charque, localizados na área lacustre da Província sul-rio-grandense, em cidades como Pelotas e Rio Grande, alimentavam a população pobre e os escravos do Centro-Sul brasileiro, tendo, por esta razão, grandes interesses com a capital imperial, Rio de Janeiro. A livre circulação dos rebanhos nas fronteiras não interessava aos charqueadores, pois diminuía seu poder de ditar preços e condições. Além disso, para ambos os lados, a política do governo federal de cobrir despesas das províncias deficitárias com fundos das superavitárias, como a sul-riograndense, desagradava tanto estancieiros quanto charqueadores. Neste contexto, os estancieiros, no

²⁵ Fonte: CM/OF/A, 002, 75v 76 r., 1830

²⁶ ISABELLE, Arsène. *Viagens ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. Porto Alegre: Museu Julio de Castilhos, 1946, p.44-45

comando de milícias armadas particulares, deflagraram o conflito que duraria de 1835 a 1845.²⁷

A região de Cachoeira foi palco importante do conflito farrapo, dado sua localização intermediária entre a planície pampeira, onde se localizavam as estâncias e a criação do gado, a oeste, e a zona lacustre, onde eram feitas as charqueadas, a leste. Com ocupação territorial feita eminentemente através de grandes áreas destinadas a pecuária, a região naturalmente tendeu para o apoio aos estancieiros rebelados. Três dias após eclodir o conflito na capital Porto Alegre, em 20 de setembro de 1835, a Guarda Nacional aquartelada em Cachoeira rumou para Rio Pardo, a fim de auxiliar forças revolucionárias contra legalistas que negavam-se a reconhecer o novo governo republicano farrapo. Ao retornarem, foram recebidos festivamente, incluindo a celebração do *Te Deum* na Igreja Matriz. Entretanto, Cachoeira foi assolada por incursões armadas nos anos seguintes, ora por forças legalistas, ora por revolucionários, alternando-se entre governos leais ao Imperador (1836-37, 1840-45) e sob regime republicano farroupilha (1835, 1838-39).²⁸

O fim do conflito possibilitou a viagem do Imperador Dom Pedro II ao sul. Em 1846, ele passou por Cachoeira. Dois anos após sua visita, foi dado início à construção da ponte de pedra no Passo Real do rio Botucaraí, a primeira da província de São Pedro do Rio Grande do Sul construída neste estilo, atestando o grau de desenvolvimento da economia local. Na época, era o único acesso entre a fronteira oeste-sudoeste da Província e a região de Porto Alegre, melhorando o trânsito por Cachoeira, de tropas militares, tropeiros e comerciantes. A obra fora cogitada desde 1832, mas ficou somente no projeto por causa do conflito farrapo. O engenheiro responsável pela elaboração da planta foi João Martinho Buff. O custo da obra atingiu 46:800\$000 réis e foi construída pelo empreiteiro Manoel Fialho de Vargas Filho. Já em 1849, a Câmara registrava denúncia de abusos na cobrança da taxa de passagem (pedágio).²⁹

²⁷ Ver PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A revolução farroupilha*. São Paulo: Brasiliense, 1985 [coleção Tudo é História] e FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. op.cit., 2002, p.92-94

²⁸ Ver SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.26-27, PORTELA, Vitorino. PORTELA, Manoel de Carvalho. *Cachoeira Histórica e Informativa*. op.cit., 1940, p.18-21 e *Álbum Comemorativo a passagem do primeiro centenário de Cachoeira do Sul*. op.cit., 1959. Ver também Atas de Sessões da Câmara da Vila Nova de São João da Cachoeira. Sessão extraordinária de 24 de setembro de 1835. Fonte: CM/OF/A, 003, 149v. Sessão extraordinária de 30 de setembro de 1835. CM/OF/A, 003, 150r. Sessão Extraordinária de 1º de outubro de 1835. CM/OF/A, 003, 150v. Sessão Extraordinária de 3 de outubro de 1835. CM/OF/A, 003, 150v. Sessão de 19 de outubro de 1835. CM/OF/A, 003, 157r

²⁹ Ver SCHUH, Ângela. RITZEL, Mirian. *Princesa do Jacuí*. Cachoeira do Sul: Museu Municipal, s/d, e Livro de Atas das Sessões da Câmara Municipal e JP, 25/12/1983



Figuras 26 e 27 – Ponte de pedra, construída em 1848. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Apesar do conflito farrapo ter atingindo as rendas do município, fazendo decrescer a arrecadação do erário, a sede municipal começou a receber melhorias na segunda metade do século XIX. Em 1850, o mesmo engenheiro da ponte de pedra, João Martinho Buff, elaborou o mapa da zona urbana central. No sentido sudeste-noroeste, eram três ruas principais: Ladeira, Igreja e Passo do Jacuí (ambas atual rua Moron), do Loreto (rua 7 de Setembro, antes rua Direita) e dos Paulistas (rua 15 de Novembro); e duas ruas secundárias: Santo Antônio (rua Saldanha Marinho, outrora rua da Aldeia e rua dos Cachorros) e do Vigário (rua Santa Helena, rua 1º de Março, rua Liberato Salzano Vieira da Cunha). No sentido sudoeste-nordeste eram doze travessas paralelas: São João (rua Félix da Cunha), Corpo da Guarda (rua São José, atual Conde de Porto Alegre), do Amorim (rua Ferminiano, rua Gabriel Leon), Matriz (rua Mons. Armando Teixeira), Tapera (rua Gal. Câmara), dos Soeiros (rua Catalan, rua Gal. Osório), dos Pecados (rua Carombé, rua Ramiro Barcelos), da Lagoa (rua Inhanduy, rua Gal. Portinho), do Ourives (rua Andrade Neves), do Ilha (rua Cantagalo, rua 24 de Maio, rua Sílvio Scopel), Lava-pés (rua 7 de Abril, rua Milan Krás) e do Matadouro (rua Major Ouriques). Pelo levantamento da época, existiam em torno de 500 prédios construídos em aproximadamente 42 quadras.³⁰

³⁰ Fonte: Mapa de 1850 [original] e GUIDUGLI, Humberto Attilio, *Acontecimentos em Cachoeira do Sul*, Revista Aquarela, 1957

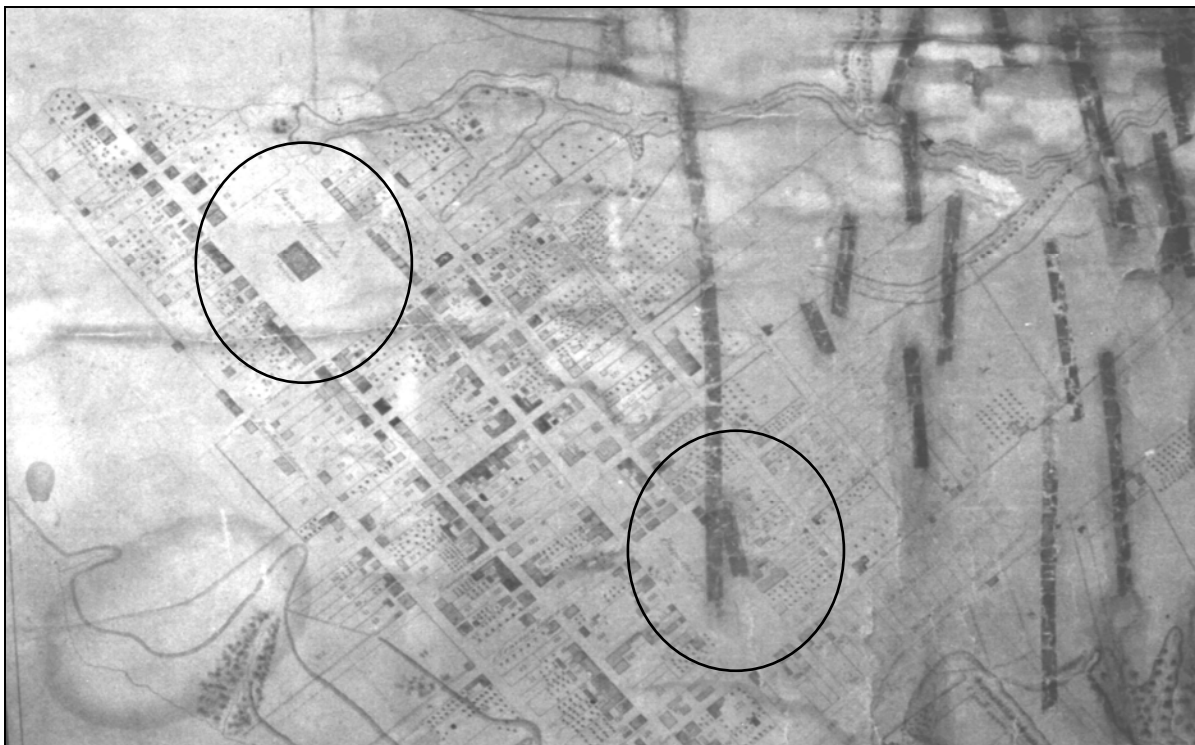


Figura 28 – Planta da cidade da Cachoeira, em 1850, do engenheiro João Martinho Buff. Na parte esquerda superior, a leste, em destaque o Pelourinho, atual praça José Bonifácio. Na parte direita inferior, a oeste, o paço municipal e o rio Jacuí. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Datam desta época as primeiras iniciativas de aterrar as sangas, quando a Câmara Municipal determinou que fossem realizadas obras nos valos da Aldeia, da Bica, na estrada que ia até o arroio Amarin, e principalmente nas sangas Micaela e Lava-pés. Em 1851, a Câmara autorizou o nivelamento da praça em frente a igreja, serviço concluído no ano seguinte, permitindo o uso do espaço para feiras livres.³¹ Em 1856, Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, que fora vice-presidente da Província, descreveu a vila como desprovida de bons edifícios mas com bom comércio e bastante populosa. As ruas eram largas e cortadas em ângulos retos. A igreja era mais espaçosa do que a Catedral de Porto Alegre, tendo cinco altares e duas capelas fundas, além da Capela-Mor e de bons consistórios. Estava em construção o edifício do Império do Espírito Santo próximo da igreja. A população urbana girava em torno de 2,5 mil habitantes nesta época.³²

Pelo desenvolvimento do município, pela posição estratégica da região e por dispor de terras devolutas, a Vila Nova de São João da Cachoeira abrigaria levas de colonos de origem

³¹ 12/8/1852; CM/S/SE/RE, 002 107 v e 108r, 13/8/1853; CM/S/RPL, 002, 21r 22/8/1853; CM/OF/TA, 002, 96r e v. 97r.; CM/S/SE/RE, 002 180v, 19/6/1856; CM/OF/TA, 002, 121v, 122r e v.; CM/S/SE/RE, 002, 201v, 11/6/1857; CM/S/SE, RE, 002 279 r e v., 17/01/1863, e SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., p.124-127

³² OLIVEIRA BELLO, Luiz Alves Leite. *Diário de uma viagem no interior da Província de São Pedro em 1856* apud SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.37

germânica a partir de 1857. Esse contexto engendrou a elevação de Vila para a categoria de cidade, em 15 de dezembro de 1859, através da lei n. 443.³³

2.3. Os colonos plantam arroz irrigado, colhem fortunas

Diferente da imigração ocorrida no centro do país, que objetivava a consecução de “braços livres” para a cafeicultura em substituição gradativa da mão-de-obra escrava, a colonização na região sul do Brasil teve como objetivo estratégico povoar zonas desocupadas através da fixação de famílias em lotes cedidos pelo governo imperial, numa exploração da suinocultura e agricultura voltada a produção de gêneros destinados ao mercado interno. As áreas de assentamento dos imigrantes localizavam-se a relativa distância dos centros urbanos, na Encosta da Serra ou em suas proximidades, começando por São Leopoldo em 1824 e seguindo em direção oeste. Intentava-se com isso, de certa maneira não romper com a hegemonia política e econômica instituída.³⁴

As primeiras migrações oficiais de colonos alemães para a região pertencente ao município de Cachoeira datam da segunda metade do século XIX, embora o cadastro imobiliário já registrasse propriedades urbanas de pessoas com sobrenome teuto: Hölz, Rachfite, Jüntze, Heintze, Pohlmann, Borowsky, Koch e Wagner.³⁵ Em 1857, o governo da Província enviou o agrimensor Frederico Guilherme Waedlestäedt para demarcar e medir lotes em terras devolutas na margem esquerda do rio Jacuí – lugar denominado Agudo – e construir galpões para acomodar os primeiros colonos.³⁶ Os imigrantes provinham da

³³ A Lei n. 443, de 15/12/1859, elevou à categoria de cidade as vilas de São Gabriel, Cachoeira e Bagé. O Ato s/n., de 18/3/1872, subdividiu os termos da Província em distritos especiais. O Ato s/n., de 22/4/1872, retificou a divisão do termo de Cachoeira em distritos especiais. Dados extraídos de BORGES FORTES, Amyr. WAGNER, João Baptista Santiago. *História administrativa, judiciária e eclesiástica do Rio Grande do Sul*. op.cit., 1963, p.177-183. Somente em 1944, o município passou a denominação de Cachoeira do Sul, conforme Decreto-Lei nº 720, de 29 de dezembro. Dados fornecidos pelo Arquivo Histórico Municipal de Cachoeira do Sul.

³⁴ Ver LANDO, Aldair Marli. BARROS, Eliane Cruxêm de. *Capitalismo e colonização – os alemães no Rio Grande do Sul*. In: DACANAL, José Hildebrando (org.). *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980; SEHN, Pedro Selomar. ILHA, Adayr da Silva. *Aspectos históricos da ocupação e evolução da estrutura fundiária no Rio Grande do Sul no período de 1940 a 1996*. In: Revista Economia e Desenvolvimento, nº 12, novembro/2000 [disponível em http://coralx.ufsm.br/eed/e5_%20Artigo%20Pedro.PDF – acessado em 29/7/2006], MÜLLER, Alba Letícia et al. *Aspectos da constituição sócio-cultural do Rio Grande do Sul – Brasil*, op.cit., e DALMAZO, Renato Antonio. *As relações de comércio do Rio Grande do Sul - do século XIX a 1930*. Porto Alegre/RS: FEE, 2004 [disponível em http://www.fee.tche.br/sitefee/download/documentos/documentos_fee_60.pdf - acessado em 16/1/2006]

³⁵ Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul. *100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996*, op.cit., 1996, p.16

³⁶ Aurélio Porto afirma que os primeiros 119 colonos foram enganados pois pensavam que iam desembarcar em Rio Pardo, com destino à colônia de Santa Cruz. Ao se aproximarem do porto foram informados que, devido à cheia, deveriam seguir viagem até um passo sobre o Jacuí, chamado Cerro Chato. Ao chegarem neste local, alguns colonos se revoltaram, obrigando a tripulação do vapor a retirá-los à força e deixando-os ali, sozinhos. Do passo para o lugar do barracão foram transportados em carretas. PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. op.cit., 1996, p.169. William Werlang aponta uma segunda versão, escrita por Edwald

Pomerânea, Silésia, Saxônia, Bohemia, Província do Reno e ducados de Holstein e de Birkenfeld. Muitos eram ex-soldados da legião alemã chamados Brummer, como o mais importante diretor da colônia, Barão von Kahlden, angariados na Europa para a guerra contra o ditador argentino Dom Juan Manuel Rosas. A colônia foi chamada de Santo Ângelo.³⁷ O médico alemão Robert Avé Lallemand visitou a região em março de 1858, registrando que “enquanto Rio Pardo retrograda, Cachoeira desenvolve-se cada vez mais”.³⁸ Além dos colonos alemães, a região de Cachoeira fez parte da migração oficial de italianos em 1880, embora também registrasse no município estrangeiros com sobrenome ítalo antes desse período: Calcagno, Ambauer, Brandi, Scordillia, Aldronda, Curto, Montano, Alário.³⁹ Os primeiros imigrantes desta etnia foram direcionados para a chamada Quarta Colônia, atual Silveira Martins.⁴⁰

Estima-se que, no ano de 1872, a renda *per capita* dos municípios gaúchos tenha ficado em 150 mil réis. Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande lideravam, sendo os únicos a ultrapassar a faixa dos 200 mil réis. Os 28 municípios mais importantes economicamente tiveram renda superior a 67 mil contos de réis. Cachoeira ocupava a décima-sétima posição, com renda de 1.562.359,74 réis, para uma população de 11,7 mil habitantes, ou 132,9 mil réis *per capita*.⁴¹

A chegada dos imigrantes alemães e posteriormente dos italianos na Quarta Colônia impulsionou a economia da região, principalmente através da suinocultura e das culturas do feijão, milho, cana-de-açúcar, alfafa, amendoim, linho e do arroz, esse que se tornaria

Bruhm em 1932 para os 75 anos de imigração, tentando amenizar a tragédia. Nela, não teria havido brigas entre a tripulação e os colonos. WERLANG, William. *História da Colônia Santo Ângelo*. Vol. 1 Santa Maria/RS: Pallotti, 1995, p.48-49

³⁷ Dados extraídos de PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. op.cit., 1941, p.17-18; OBERACKER Jr., Carlos Henrique. *A colonização baseada no regime da pequena propriedade agrícola*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II. O Brasil Monárquico. 3º volume. Reações e Transações. 5ª ed. São Paulo: Difel, 1982, p.231 e WERLANG, William. *História da Colônia Santo Ângelo*. op.cit., 1995. O primeiro diretor da colônia foi Floriano Zurowski, de outubro a dezembro de 1857. O segundo foi o Barão von Kahlden, de 19/12/1857 a 1882, passando a administrador até 1885. Com a saída do Barão, assumiu Cicinato Sampaio Ribeiro, até 1889. Paulo Roberto Magnus administrou de 1890 a 1896

³⁸ AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela província do Rio Grande do Sul*. Tradução Teodoro Cabral. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUsp, 1980, p.178-179

³⁹ Dados fornecidos pelo Arquivo Histórico Municipal. Ver também <http://www.cachoeirasul.rs.gov.br/perfil/index.asp>, acessado em 20/10/2005

⁴⁰ No Anexo III, relação de compradores das terras da Quarta Colônia em 1880. Sobre a colonização italiana na Quarta Colônia, ver ainda MORTARI, Elisângela Carlosso Machado. *Minorias transformadoras* [disponível em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18084/1/R1365-1.pdf> - acessado em 16/1/2006]

⁴¹ MONASTERIO, Leonardo M. ZELL, Davi Coswig. *Uma estimativa de renda per capita municipal na província de São Pedro do Rio Grande do Sul em 1872*. [disponível em <http://ich.ufpel.edu.br/economia/monasteriozell2004.pdf> - acessado em 16/1/2006] e MONASTERIO, Leonardo M. *Capital social e a região sul do Rio Grande do Sul*. Tese de doutorado [orientador José Gabriel Porcile Meirelle]. Curitiba/PR: Programa de Pós-graduação de Desenvolvimento Econômico, Ciências Sociais Aplicadas, UFP, 2002 [disponível em <http://www.unijui.tche.br/~dcre/monasteriotese.pdf> - acessado dia 16/1/2006]

posteriormente o principal produto cachoeirense. Os alemães consideravam o arroz indispensável como base da alimentação, junto com o feijão e a carne. Embora fosse considerado cultura secundária, plantando-se o arroz do seco, já em 1878 a zona de colonização alemã de Santo Ângelo, quinto distrito de Cachoeira do Sul, liderava a exportação regional, com 2.050 sacos (102,5 toneladas). Nesta época, sete dos dezesseis engenhos de descascar arroz existentes na metade sul do Estado localizavam-se na região cachoeirense.⁴² Na década seguinte, a zona colonial já tinha 825 habitantes e cultivava 4.912.830 braças quadradas.⁴³ Em 1885, a Câmara Municipal de Cachoeira dividiu a colônia alemã de Santo Ângelo em distritos, entre eles Agudo, Paraíso, Cerro Branco e Dona Francisca.⁴⁴

Muita da força da economia colonial alemã e italiana estava também no comércio dos gêneros alimentícios, produzidos nas propriedades familiares. O incremento da produção disseminou as “vendas”, como ficaram conhecidas as casas comerciais que serviam de elo de ligação entre o produtor rural e as grandes casas comerciais das cidades maiores. Instaladas nas picadas e linhas, esses estabelecimentos compravam toda a produção e a trocavam por produtos manufaturados, como tecidos, louças, ferragens, sal, chapéus, e outros, para serem revendidos aos colonos. Os “bodegueiros” regulavam o transporte, determinavam o preço de compra e venda, adiantavam produtos manufaturados aos colonos para posterior ressarcimento com produtos agrícolas. Aos poucos, os próprios colonos passaram a instalar vendas nas cidades, muitas vezes em sociedade com outros comerciantes, eliminando assim os intermediários, razão pela qual as principais firmas comerciais em Cachoeira do Sul, já no início do século XX, tinham sobrenome de origem alemã e italiana.⁴⁵

A importância da região colonial para o comércio de gêneros alimentícios pode ser medido pela construção do ramal ferroviário, ligando o rio Taquari ao rio Pardo e ao município de Cachoeira, em 1883, e Santa Maria, em 1885. Nesta época, outras ferrovias foram construídas, ligando a capital a Rio Grande, Bagé, Uruguaiana e Itaqui.⁴⁶

⁴² BALDUÍNO RAMBO, S. J. *A imigração alemã*. In: *Enciclopédia Rio-grandense. O Rio Grande antigo*. V.1 Canoas/RS: La Salle, 1956, p.99

⁴³ PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. op.cit., 1941, p.17

⁴⁴ A Lei n. 1.529, de 4/12/1885, elevou à categoria de freguesia a ex-colônia de Santo Ângelo. Dados extraídos de BORGES FORTES, Amyr. WAGNER, João Baptista Santiago. *História administrativa, judiciária e eclesiástica do Rio Grande do Sul*. op.cit., 1963, p.177-183 e WERLANG, William. *História da Colônia Santo Ângelo*. op.cit., 1995, p.69

⁴⁵ WERLANG, William. *História da Colônia Santo Ângelo*. op.cit., 1995

⁴⁶ LOVE, Joseph. *O Rio Grande do Sul como fator de instabilidade na República Velha*. In: FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. O Brasil Republicano. 4º vol. Economia e Cultura (1930-1964). São Paulo: Difel, 1984, p.102

Em termos econômicos, o arroz despontaria como base de sustentação do crescimento da região somente com a introdução das primeiras lavouras irrigadas por gravidade, em fins do século XIX e, principalmente no início do XX, com a utilização de irrigação mecanizada. O aumento da produtividade, e conseqüentemente dos lucros, fez com que muitos estancieiros luso-brasileiros diminuíssem seu preconceito com a lavoura rizícola. Segundo Orlando Valverde, exploraram através de parcerias, arrendamentos aos agricultores das colônias de imigração circunvizinhas, que tinham seu sustento na pequena propriedade, ou ainda através de colonos que aceitavam o trabalho temporário assalariado nas incipientes lavouras de arroz.⁴⁷

As primeiras experiências com arroz irrigado por gravidade datam de 1892, quando Gaspar Barreto plantou pequena área na região cachoeirense, auxiliado por Lotário de Vasconcelos, que fazia os serviços de irrigação. Em 1894, Marcelino Gonçalves da Fonseca represou água do arroio Capanezinho, local onde plantava cerca de dez quadras de arroz. Em 1899, foi a vez de João Jorge Krieger plantar na margem direita do arroio. Em 1887, João Frederico Pohlman instalou o primeiro engenho na sede do município, à rua Sete de Setembro. Tratava-se de uma “engenhoca, uma máquina a vapor para descascar arroz por meio de monjolos”. No ano seguinte, Guilherme Franke instalou um engenho hidráulico na rua Ramiro Barcelos. Mais tarde, Eurípides Mostardeiro, Isidoro Neves da Fontoura, Frederico Dexheimer e a firma porto-alegrense João Aydos & Cia Ltda., instalaram o Engenho Central no Passo da Praia, fim da atual rua Moron.⁴⁸

A técnica de irrigar lavouras de arroz não foi privilégio de Cachoeira do Sul. Em Taquara e Pelotas, vários agricultores plantaram o arroz irrigado nos anos 1903-05. Estas regiões dispunham de infra-estrutura propícia ao progresso do cultivo do arroz, como as várzeas nas bacias fluviais do Sinos e do Guaíba, que possibilitaram a irrigação, eliminando a ação negativa do clima e garantindo rentabilidade e maiores lucros.⁴⁹

Todavia, o maior incremento ocorreu por conta da irrigação mecanizada por meio de locomóveis, motores a vapor montados sobre rodas, e bombas centrífugas. Os pioneiros da tecnologia de irrigação mecanizada em Cachoeira do Sul foram Jorge Frank e João Jorge Krieger, da firma Frank, Krieger & Cia. Eles utilizaram a técnica pela primeira vez em 1906,

⁴⁷ VALVERDE, Orlando. *Estudos de geografia agrária brasileira*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1985, p.210

⁴⁸ Dados extraídos de PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. op.cit., 1941

⁴⁹ BALDUÍNO RAMBO, S. J. *A imigração alemã*. op.cit., 1956, p.99

plantando nas terras de Fidélis Prates e colhendo 10 mil sacos de arroz, cerca de 500 toneladas.⁵⁰

Assim, numa região cuja economia baseava-se na agricultura, o arroz seria o grande produto cachoeirense. Diferente de outras *commodities* tradicionais, a orizicultura irrigada foi a primeira a surgir em bases capitalistas, usando maior mão-de-obra assalariada, arrendamento de terras, tecnologia e, principalmente, produzindo para o mercado ao invés de limitar-se a exportar o excedente.⁵¹

As imagens registradas por Achylles Figueiredo, em meados dos anos 20, revelam essa diferença da produção rizícola, principalmente no quesito tecnologia. Destacam-se o uso de trilhadeiras, locomóvel, secadores de arroz e o uso da calha de água:



Figuras 29, 30, 31 e 32 – Trilhadeira acionada pelo motor Lanz, trilhando arroz na lavoura Santa Maria, de Neves & Cia. Locomóvel na colheita do arroz na lavoura de Jorge Franke, 1916. Secadores de arroz. Calha de água em lavoura de arroz. Acervo Achylles Figueiredo, anos 20-30. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul.

O desenvolvimento e a própria modernização da lavoura rizícola somente foi possível graças a forte influência da política protecionista do Governo Federal, elevando substancialmente as tarifas sobre o arroz importado na virada do século XIX e primeiras

⁵⁰ Dados extraídos de PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. op.cit., 1941, p.27-28 e *Levantamento Histórico da industrialização de Cachoeira do Sul*. op.cit., 1983

⁵¹ MÜLLER, Carlos Alves. *A história econômica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/RS: Banrisul/Gazeta Mercantil RGS, 1998, p.57-62

décadas do século XX. O produto fazia parte dos hábitos alimentares brasileiros e seu consumo fora intensificado pelo processo de urbanização incipiente. Buscava-se a auto-suficiência alimentar do arroz devido ao peso que ele passava a representar na balança comercial de pagamentos. Argemiro Brum enumerou fatores de desenvolvimento da cultura do arroz, entre os quais destacou a alta rentabilidade dada pelo mercado consumidor urbano ascendente e protegido pelas barreiras alfandegárias, a existência de capital e trabalho e as condições naturais favoráveis.⁵² Além desses elementos, a região cachoeirense contava com transporte ferroviário desde 1883, o que possibilitava escoar parte da produção quando a via fluvial não permitia.⁵³

Neste contexto, o município de Cachoeira pôde despontar como um dos principais a investir na cultura rizícola. Alguns fatores sustentaram a expansão da lavoura orizícola em grande escala: consumo intensificado pelo processo de urbanização em curso no país inteiro; forte política protecionista do Governo Federal; existência de capital disponível entre comerciantes e profissionais liberais, principalmente os provenientes das áreas coloniais; mão-de-obra colonial através de trabalho temporário assalariado; condições geográficas favoráveis; ineditismo em plantar arroz irrigado, de 1892 em diante; e introdução do levante mecânico, por meio de locomóveis, em 1906.

Pouco mais de dez anos depois das primeiras experiências com irrigação através de locomóveis, o número de lavouras de arroz com levante mecânico aumentou sobremaneira, ultrapassando mais de uma centena. Em 1908, eram onze. Em 1911, o *Esboço de Geographia Agrícola e Industrial do Município de Cachoeira* enumerou 67 lavouras de arroz irrigado.⁵⁴ Em 1916, já eram 129. Em 1920, o arroz constituía a principal cultura do município, representando metade do valor da produção geral de todos os cereais. As variedades que predominavam nas plantações eram Carolina, Agulha e Japonês (introduzida em 1918).⁵⁵

O gráfico a seguir mostra a evolução da produção de arroz cachoeirense com irrigação mecanizada, desde sua introdução em 1906 até 1940, em mil toneladas:

⁵² BRUM, Argemiro Jacob. *Modernização da agricultura (trigo e soja)*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1988, p.64-65

⁵³ Em 7/3/1883 começou a funcionar a linha de trem Porto Alegre-Uruguaiana, passando por Cachoeira. Fonte: GUIDUGLI, Humberto Atílio. *Revista Aquarela*, abril de 1957.

⁵⁴ *Esboço de Geographia Agrícola e Industrial do Município de Cachoeira*, Organizado pela Seção de Estatística, 1911. No Anexo IV, relação das lavouras de arroz irrigado em 1911

⁵⁵ Dados extraídos de PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. op.cit., 1941, p.27-28

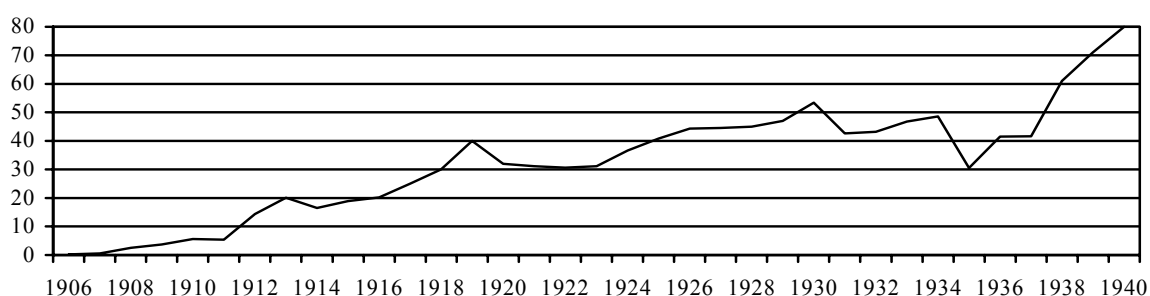


Gráfico 1 - Produção de arroz em Cachoeira do Sul - 1906-1940. Fonte PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. Porto Alegre: Tipografia Gundlach, 1941, p.18-39

Concomitantemente, o aumento da área plantada passou a exigir, nas décadas seguintes, a expansão da rede de transporte rodoviário e a construção de barragens para facilitar a ligação fluvial com o porto de Rio Grande, caminho que permitiria escoar a produção cachoeirense para outros mercados consumidores. A liderança agrícola fez com que o município se outorgasse, posteriormente, o título de Capital Nacional do Arroz.

Neste fértil período, o território cachoeirense dividia-se em oito distritos, além da sede: primeiro, Ferreira, São Lourenço e Três Vendas; segundo, Cordilheira, Irapuá, Piquiri, Capané e Irapuazinho; terceiro, Barro Vermelho, Sanga Funda, Santa Bárbara, Durasnal e Palmas; quarto, Restinga Seca, Estação Jacuí e Pertile; quinto, Dona Francisca, Faxinal do Soturno e São João do Polêsine; sexto, Agudo; sétimo, Cerro Branco e Rincão dos Cabrais; oitavo, Paraíso, Cortado e Rincão da Porta.

Além dos alemães e italianos, árabes e judeus instalaram-se na sede do município no início do século XX, principalmente no ramo comercial e industrial: Bruno Jalfin, como engenheiro da Prefeitura Municipal; Boris Zilbermann, com tinturaria, construção de edifícios e fábrica de móveis; Natan Breitmann e Ida Breitmann, no Stúdio Aurora; Jorge Kutz, com tinturaria, livraria, agência de loteria estadual e lancheria; Samuel Behar, na loja Primavera; David e Hertes Sklar, na fábrica de móveis A Novidade; Clara Weisfeldt, a primeira médica na cidade; Isaac Saffer, com fabricação de móveis; David Jalfino, com comércio de tecidos; Maurício Krimberg, com comércio de gêneros diversos; além de outros sobrenomes como Maltz, Faermann e Axelrud.⁵⁶

Dessa forma, num processo semelhante ao que ocorria na capital do Estado, o dinamismo da acumulação de capital que serviu de base para a emergência da ordem urbano-industrial em Cachoeira do Sul proveio de setores coloniais e não do complexo da pecuária

⁵⁶ Dados fornecidos pelo Arquivo Histórico Municipal. Ver também <http://www.cachoeirasul.rs.gov.br/perfil/index.asp>, acessado em 20/10/2005

tradicional.⁵⁷ O acúmulo da riqueza na região cachoeirense se daria por conta muito mais dos alemães e italianos e demais migrantes do que propriamente pelos estancieiros de origem luso-brasileira. A força da economia teria por base a cadeia produção-comercialização-industrialização dos gêneros alimentícios das pequenas e médias propriedades familiares: criação de aves, porcos e gado confinado; plantio de vários produtos; casas comerciais de propriedade dos colonos e seus descendentes; pequenas indústrias artesanais. Os luso-brasileiros aceitavam a presença dos imigrantes provenientes da zona colonial na medida em que esses proporcionavam lucros, não só através da arrecadação de impostos mas também pelas sociedades agrícolas contratadas, comerciais ou mesmo industriais.

O pioneirismo da Charqueada do Paredão em Cachoeira é prova disso. Fundada em 1878 por Jorge Claussen, ocupava-se na elaboração de carnes, preparação de línguas em conserva, charque, extrato de carne e graxa refinada. No primeiro ano abateu 9.860 rezes; dez anos depois abateu perto de 50 mil.⁵⁸ Outro pioneiro da industrialização local foi Johaneshenrich Kaspar Gerdau, imigrado da Alemanha em 1860 para a colônia de Santo Ângelo, vindo a fundar uma pequena ferraria em Cachoeira do Sul conhecida como Fundação Jacuí. Em 1901, ele se transferiu para Porto Alegre, onde adquiriu uma fábrica de pregos, origem do grupo siderúrgico Gerdau.⁵⁹

Cenas como as das fotografias a seguir eram comuns nas ruas de Cachoeira: o transporte das mercadorias vindas das colônias e empregados do Paredão da Charqueada que, apesar da origem colonial alemã, utilizava a mão-de-obra de ex-escravos.



Figuras 33 e 34 – Transporte das mercadorias e empregados do Paredão da Charqueada. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

⁵⁷ PESAVENTO, Sandra. *Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano*. In: MAUCH, Cláudia [et al.]. *Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Porto Alegre, Canoas, São Leopoldo: Ed. da Universidade, UFRGS, Ed. Ulbra, Ed. Unisinos, 1994, p.137

⁵⁸ Dados extraídos de PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. op.cit., 1996, p.218 e *Levantamento Histórico da industrialização de Cachoeira do Sul*. op.cit., 1983

⁵⁹ WERLANG, William. *História da Colônia Santo Ângelo*. op.cit., 1995, p.236. Outra Fundação, criada em 1947 por João Batista Barros e sócios, seria denominada “Jacuí”.

A sede do município acabou concentrando parte do lucro gerado pelos excedentes agrícolas de seus territórios, principalmente os da zona colonial, por ser passagem natural para embarcar a produção agrícola, entre elas a de arroz. Além disso, o maior direcionamento dos rendimentos do capital colonial para a sede do município deu-se por conta dos investimentos diretos dos descendentes de alemães e italianos, principalmente através da abertura de casas comerciais, oficinas, moinhos, construção de residências, organização de clubes, etc., acarretando excepcional crescimento da zona urbana. A diversidade de etnias podia ser vista nos sobrenomes de moradores da zona urbana, no centro e na zona alta, no final dos anos 20, como resgata João Carlos Alves Mór, em *A minha Cachoeira*, seu livro de memórias sobre Cachoeira do Sul.⁶⁰ Em instantâneo registrado em 1922 pode-se observar o desenvolvimento de Cachoeira:



Figura 35 – Vista parcial de Cachoeira do Sul em 1922. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

No primeiro quartel do século XX, a indústria e o comércio em franca expansão refletiram positivamente na ampliação da infra-estrutura produtiva. A eletrificação iniciou em janeiro de 1912, com a instalação de motores no Engenho Central, às margens do rio Jacuí. O excedente era fornecido ao município. Em outubro do mesmo ano, a geração de energia elétrica passou a ser feita pela Usina Municipal, localizada na esquina das ruas Moron e Milan Krás, na parte baixa da praça José Bonifácio, que utilizava máquinas a vapor e geradores de corrente contínua. Em 1914, Carlos Boer passou a fornecer paralelamente energia em usina própria, especificamente para a rua Júlio de Castilhos. Em 1918, o coronel Juan Ganzo Fernandez ganhou concorrência para instalar usina particular, sendo-lhe cedido terreno na margem esquerda do rio Jacuí. Três anos depois, a Companhia Telefônica Rio-Grandense

⁶⁰ No Anexo V, relação dos sobrenomes de lavoureiros, industriais, comerciantes e moradores de Cachoeira, da zona urbana, no centro e na zona alta, no final dos anos 20. Fonte: MÓR, João Carlos Alves. *A minha Cachoeira*. op.cit., 2001.

assumiu a concessão, instalando geradores de energia em engenhos de arroz da cidade, “a fim de promover o fornecimento de energia por 24 horas ininterruptas”. Em 1924, a concessão e a própria usina foram transferidas para a Companhia Rio-Grandense de Usinas Elétricas.⁶¹

Na telefonia, a situação não diferiu muito. Em 1908, Emílio Guardiola instalou um centro telefônico nas imediações da igreja matriz.⁶² Desde os anos 10, o município contava com ligação entre a sede e os distritos. Em 1914, o intendente Balthazar Patrício de Bem foi autorizado a modificar o contrato com o concessionário, fazendo cessão de toda renda das linhas municipais dos distritos coloniais, mediante obrigação de manter serviço de comunicações ininterruptas. No ano seguinte, o vice-intendente Francisco Fontoura Nogueira da Gama foi autorizado a conceder, por prazo não excedente a vinte anos, sob concorrência pública, para empresa ou indivíduo que se obrigassem a reformar o serviço telefônico local, estabelecendo serviço de comunicações “aperfeiçoado” e “permanente”, ramificando-o para todos distritos do município e com a condição de gratuidade do serviço respectivo para todas repartições da administração municipal. Em 1916, assinou contrato com a Companhia Telefônica Rio-Grandense, concedendo subvenção anual de 1:800\$000 réis.⁶³

Outros setores atestavam o desenvolvimento de Cachoeira: estabelecimentos de crédito como o Banco da Província (1911), o Banco Pelotense (1916), o Banco Nacional do Commercio (1917) e o Banco do Brasil; instrução pública e privada com 125 instituições e mais de cinco mil alunos em todo município; Hospital de Caridade (1910); cine-teatro Coliseu Cachoeirense de Henrique Camassetto; Mercado Público na praça central; bares, restaurantes, cafés como o Frísia e o Carioca; barbearias, dentistas; banda musical Estrella Cachoeirense do maestro Miguel Iponema; associações comerciais, recreativas, religiosas, esportivas e beneficentes, entre eles a Associação Comercial (1917) que tinha na diretoria nomes como Paulo Rosek, Haguel Botomé, Fábio Leitão, Júlio Castagnino, Augusto Wilhelm, Pedro Breyer, João Pereira Lemes, Ernesto Müller, Reinaldo Roesch, Antônio Ribeiro e Achylles Figueiredo.⁶⁴

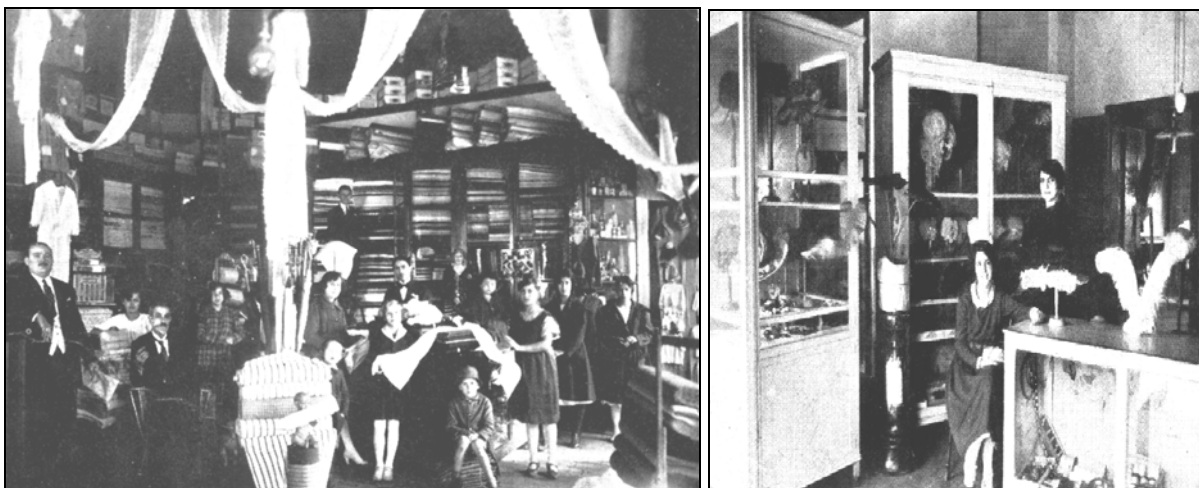
⁶¹ SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.106-111. Fonte citada do Jornal O Commercio, 10/01/1912, p.2 e 23/10/1912, p.1.

⁶² GUIDUGLI, Humberto Attilio, *O Centenário de Cachoeira do Sul*, op.cit.,1959

⁶³ Leis n.36, de 28 de setembro de 1914, n.44, de 24 de setembro de 1915, n.47, de 20 de outubro de 1916. Leis do Conselho Municipal promulgadas em 1916, orçamento para o exercício de 1917. Dados cedidos pelo Arquivo Público Municipal de Cachoeira do Sul.

⁶⁴ Além destes, o álbum contém fotos: esculturas de Torquato Ferrari; Escritório Olívio H. Costa (secos e molhados, artigos para confeitaria); Granja Anna Maria, de Carlos Pereira Krieger (criação de porcos Duroc-Jersey e cascos de burro, puros e mestiços, vacas leiteiras, potrilhos e gado Jersey, Suisso e Hollandez); J. Ilha & Cia (armazém de secos e molhados); além dos anúncios de J. Lima & Cia. (fazendas, barraca de couros); Figueiredo & Neves (gasolina, querosene, peças para automóveis, fazendas, miudezas, secos e molhados); João Minssen (seguros contra fogo). Fonte: CAMOZATO, Benjamin. *Grande álbum de Cachoeira no*

O *Grande Álbum de Cachoeira*, editado em 1922 por Benjamin Camozato, reflete este desenvolvimento. Ele reuniu fotos que procuravam representar a pujança cachoeirense. A cidade tinha importantes casas comerciais, como no ramo de tecidos e fazendas, entre elas a Casa Fialho, A Avenida, Casa da Bandeira Branca e Casa Ideal. A elite ascendente mandava confeccionar as roupas em atelier de moda, como o de Helena B. Lauer, o primeiro a se instalar na cidade, em 1904, na rua Sete de Setembro. Os chapéus eram comprados da Alfaiataria e Chapelaria Santos ou de Álvaro da Cunha. A Casa J. Bidone & Cia Ltda. vendia arreios e calçados e a Casa Viúva José Müller & Cia Ltda. tinha ferragens. No ramo de livraria, papelaria, miudezas e utensílios domésticos, tinha a Casa Krahe, e a Casa Augusto Wilhelm, além da Typografia O Commercio, que publicava o jornal semanal de mesmo nome.

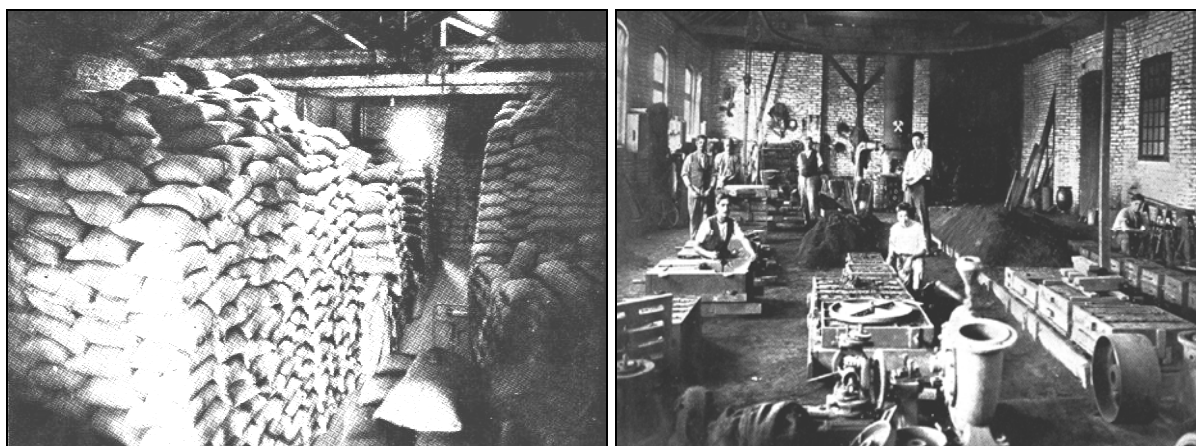


Figuras 36 e 37 – Casa Bandeira Branca e atelier de modas Helena B. Lauer. Fonte: CAMOZATO, Benjamin C. (org.) *Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil*, Cachoeira de Sul: Município de Cachoeira, 1922

No ramo industrial, destacavam-se os engenhos de arroz, como o Engenho Brasil de Reinaldo Roesch, com produção diária de 800 sacos das marcas Micado e Oriente, o Engenho Central de Ernesto Pertilli & Filho, com capacidade de dois mil sacos diários, o Engenho Cachoeirense de Felipe Roberto Matte, o de Antônio Cauduro & Cia Ltda. e o de E. Stracke & Cia Ltda, além da Mernak & Cia. Ltda., que fabricava bombas centrífugas e locomóveis a vapor para uso na irrigação das lavouras de arroz, da Fábrica de Máquinas e Fundação de Ferro e Metais de Germano Treptow, e a Trilhadeiras Tigre de Ângelo Bozzetto em Faxinal do Soturno, então 6º distrito de Cachoeira.

Em outras áreas da indústria alimentícia se destacavam a torrefação de café de Manoel Fialho de Vargas, os moinhos de trigo Vidal, as padarias e fábricas de massas alimentícias de Nicolau Salzano, de João Dreyer (Nova), Ritter & Cia. Ltda. e de Mário Nostrani (Padaria do

Comércio); a Fábrica de Caramelos, de Paulo Breuer e Guilherme Spohr; a Alimentos Fabini, que enlatava a polpa muscular bovina junto com glúten; as cervejarias e fábricas de gasosa e soda, como a Moderna de Pedro Port & Cia., a Leonel Friederich & Cia Ltda., a Homrich de Rudolpho Homrich (fundada em 1883, fabricante das marcas Crystal, Preta e Dragão); a Fábrica de Licores de Júlio Vahle. Nas demais áreas industriais destacavam-se as fábricas de sabão de Arthur Goltz e a de Willy Tesch & Cia., A Industrial Madeireira Wilhem S.A. de Emílio Wilhem, a oficina de carpintaria e marcenaria de Alberto Gappmayer, a fábrica de móveis de Ernesto Hipp & Cia Ltda., a Serraria Gauss de Louis Gauss, a Fábrica de móveis-estofados Suzete de Fogliatto Irmão & Cia. Ltda., a Fábrica de Beldosas-Mosaico de Fernando Rodrigues, as olarias de Antônio Ferreira Neves, de João Augusto Christoff, e de Chrétien Hoogenstraaten & Cia Ltda (Primor), a Fábrica de Louças de Barro de José Herbstrith & Cia. Ltda.; os curtumes Scheidt & Beskow, Fontanari Irmãos & Cia., a Fábrica de sacos de aniagem e algodão de Campos, Nunes & Cia., entre outras.



Figuras 38 e 39 – Depósito do Engenho Brasil e interior da fundição Mernak & Cia. Ltda., em 1922. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul e CAMOZATO, Benjamin C. (org.) *Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil*, Cachoeira de Sul: Município de Cachoeira, 1922

Foi neste contexto que Cachoeira prosperou economicamente, devido em grande parte ao sistema agropecuário colonial, gerador da expansão do setor exportador gaúcho. A incipiente industrialização do Rio Grande do Sul se consolidaria pela disponibilidade de matérias-primas, como a banha, farinha de trigo, mandioca, vinho e o próprio arroz, oriundos da região colonial. Soma-se o capital acumulado nas atividades comerciais das principais praças e o estímulo dado pelo governo republicano em todo país, desvalorizando a moeda, facilitando o crédito e protegendo as tarifas alfandegárias, o que resultaria no surgimento deste grande número de estabelecimentos industriais.⁶⁵

⁶⁵ Ver ARAÚJO, Nilton Clóvis Machado de. *Origens e evolução espacial da indústria de alimentos do Rio Grande do Sul*. [disponível em http://www.fee.tche.br/sitefee/download/eeg/1/mesa_10_araujo.pdf – acessado

Essa intensa atividade econômica alterou profundamente o perfil da elite cachoeirense. Aos de origem luso da pecuária tradicional praticada nas grandes estâncias somaram-se os imigrantes da agropecuária colonial e da manufatura; ambos grupos heterogêneos com atividades nas casas comerciais. Embora oriundos de contextos diferentes, teriam em comum o fato de se diferenciar dos demais habitantes não só pelas riquezas adquiridas no período, mas por hábitos e costumes próprios, algo que os caracterizaria como grupo distinto, construindo peculiar personalidade e identidade. Ambos passariam a comungar práticas sociais distintivas semelhantes, fortalecendo-se como grupo. Se não compartilhavam afazeres diários comuns, tinham no fazer cotidiano seu fator de identificação.

Algo de interesse comum a esta elite heterogênea foi a modificação do espaço urbano, principalmente para os que enriqueceram devido ao comércio e a indústria, pois era na cidade que desenvolviam-se tais atividades econômicas, portanto era natural que desejassem melhorar o ambiente em que atuavam. O enriquecimento da elite foi o fator direto que permitiu a construção da infra-estrutura urbana, visto nos equipamentos como água, luz e calçamento e na estética das construções, materializado nos prédios comerciais e residências.

2.4. Metamorfose do espaço habitável

O desenvolvimento agrícola desencadeado pelos imigrantes (1857 e 1875) e a própria elevação da Vila Nova de São João da Cachoeira à categoria de cidade, em 1859, acarretaram significativas melhorias no último quartel do século XIX, intensificando-se as obras de infraestrutura urbanas, direcionadas prioritariamente para a sede do município cachoeirense. Até a proclamação da República, em 1889, tais melhorias não tinham fundo eminentemente estético, no sentido de provocar significativas rupturas no modo de ver e construir o espaço urbano.

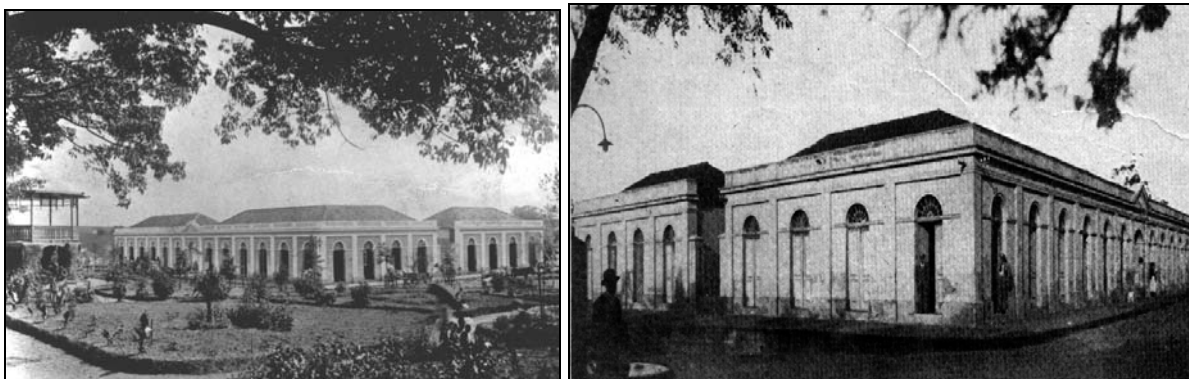
Em 1858, houve a preocupação de denominar oficialmente as ruas. Aos poucos, foi preciso organizar o espaço urbano, de forma condizente com o desenvolvimento do município. O código de posturas de 1862, aprovado pela Lei Provincial n.539, de 30 de abril de 1863, ordenava o arruamento, o passeio e a construção de prédios, com altura mínima de pé direito, simetria nas portas e janelas, além da exigência de cumeeiras e soleiras.⁶⁶ Em 1875,

em 16/1/2006] e PESAVENTO, Sandra Jatahy. *RS: Agropecuária colonial e industrialização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983

⁶⁶ Procedimentos organizado as construções urbanas e regulando os comportamentos de ordem pública foram elaborados pela Câmara nos anos 1830, 1832, 1853, 1862 e 1895. Ver SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.138-142. GUIDUGLI, Humberto Atílio. *Centenário de Cachoeira do Sul*, op.cit., 1959, enumera algumas ruas que mudaram de denominação: a Saldanha Marinho era conhecida por rua da Aldeia e dos Cachorros; a Sete de Setembro era rua Direita e do

a torre da igreja ganhou relógio, adquirido por subscrição iniciada por Polycarpo Pereira da Silva. Um ano antes, fora instalado meridiano na praça em frente.⁶⁷

Na praça do pelourinho, foi dado início à construção do prédio para abrigar o Mercado Público, a partir de 1881. O contrato especificava os materiais que deveriam ser utilizados, como tijolo comuns de superior qualidade, “bem queimados e com o comprimento de trinta centímetros”, paredes rebocadas “com argamassa de um volume de cal para dois de areia e caiadas com três mãos de cal”, escoamento das águas feito por meio de calhas, bandeiras de grade de ferro próprias para envidraçar, portas de louro, etc. A obra seria paga pela Câmara Municipal em três prestações: 9:500\$000 réis quinze dias após a assinatura do contrato, 7:000\$000 réis, após cinco meses, se verificado que a obra estivesse “aproximadamente em metade de sua construção, isto é, coberta com telhado”, 6:100\$000 réis, ao final dos dez meses, depois de entregue e aceita a obra.⁶⁸



Figuras 40 e 41 – Dois momentos do Mercado Público construído na praça do pelourinho em 1881. Fonte: CAMOZATO, Benjamin C. (org.) *Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil*, Cachoeira de Sul: Município de Cachoeira, 1922, e Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul.

Em 1887, solucionou-se definitivamente o problema dos sepultamentos, com a construção do cemitério no Alto dos Loretos, zona alta da cidade, administrado pela municipalidade. Em 1890, a comissão administrativa dos negócios do município solicitou o emprego de presos da cadeia para remoção da ossada humana descoberta devido ao nivelamento da praça da igreja.⁶⁹ Em 1892, foi promulgada a primeira *Lei Orgânica do Município*, quando as atribuições de organização urbana passaram para a Intendência

Loreto; a Moron, era rua da Igreja; a Quinze de Novembro era rua dos Paulistas; a 1º de Março era rua do Vigário; a General Câmara era rua da Tapera; a Conde de Porto Alegre era rua Corpo da Guarda.

⁶⁷ Sessão extraordinária, 18/12/1851. Fonte: CM/OF/A, 005 4r. Nivelamento da Praça: Ata da sessão ordinária da Câmara Municipal, 2/3/1852. CM/OF/A, 005, 7v. Meridiano, 22/10/1874. IM/EA/AS/RL, 001, 8r. Relógio na igreja, 10/9/1875. IM/EA/SA/RL, 001, 8r. Feiras livres na praça, Registro de Posturas da Câmara Municipal, 22/8/1853. CM/S/SE/RPL/002.

⁶⁸ Contrato da Construção de um mercado na praça José Bonifácio, 5/12/1881. Fonte: CM/OF/TA, 007, p. 20r.

⁶⁹ Em 16/3/1887, foi definitivamente resolvida a mudança do cemitério para o Alto dos Loretos. Fonte: IM/EA/AS/RL-001-10r. Ver ainda SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.89-95

Municipal. Em 1895, as posturas determinavam, entre outras coisas, novos limites urbanos, licença prévia e planta para construir ou reformar, largura mínima de 15 metros e traçado retilíneo para novas ruas, obrigação de muros para residências localizadas nas principais vias, exigência do calçamento com mínimo de 1,8 metro de largura com sarjetas empedradas, etc.⁷⁰

A nova situação política brasileira a partir de 1889, com a proclamação da República, deu novo sentido ao urbano, procurando prover as cidades dos ares modernos, inspirada na Europa, em especial, Paris. As rendas oriundas do setor produtivo, com grande ênfase para o colonial, incluiu os descendentes de alemães, italianos, árabes e judeus entre a elite local. O chamado aburguesamento da cidade de Cachoeira seria promovido neste contexto, influenciado pela *belle époque* europeia, tendência seguida pelas principais capitais estaduais brasileiras, como Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Belo Horizonte e São Paulo, além da então capital federal, Rio de Janeiro.⁷¹

A administração de Cachoeira pelo coronel Davi Soares de Barcellos (1893-1904) foi marcada pela abertura e demarcação de ruas, bem como pelo aterramento de sangas, de modo a expandir a ocupação, ganhando novos lotes. A praça da igreja recebeu melhorias a partir de 1896, com a demolição definitiva do adro, posterior calçamento, ajardinamento e muramento.⁷²

João Neves da Fontoura, intendente entre os anos 1925-28, criticou em suas memórias a administração de Davi Barcellos, imputando o emperramento da administração pública ao partidarismo vigente na época: “A maioria dos contribuintes se eximia de pagar impostos. Ou os pagava quando queria. As listas de dívidas eram enormes”. Para ele, Cachoeira era, nesse tempo, cidade estacionária, “vila triste e desconfortável”, com lampiões de querosene pendurados nas esquinas, parecendo “mortiços e bruxuleantes faróis cortando a escuridão das noites, sobretudo as longas e chuvosas noites de inverno, que principiam às cinco da tarde”.

⁷⁰ SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.138-142

⁷¹ Entendo aburguesar como dar modos, hábitos ou aspecto elitistas, tanto aos espaços urbanos como às práticas cotidianas. Sobre transformações urbanas no Brasil ver, por exemplo, MAUCH, Cláudia [et al.]. *Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Porto Alegre, Canoas, São Leopoldo: Ed. Da Universidade, UFRGS, Ed. Ulbra, Ed. Unisinos, 1994, SÁ, Cristina [et al.], *Olhar urbano, olhar humano*. São Paulo: IBRASA, 1991, FERNANDES, Ana. GOMES, Marco Aurélio A. de Figueiras (org.). *Seminário de História Urbana*. Salvador/BA: UFBA/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, ANPUR, 1992 e SOLLER, Maria Angélica. MATOS, Maria Izilda (orgs.). *A cidade em debate*. São Paulo: Olho d'Água, 2004

⁷² Correspondência Recebida. Intendência, 22/8/1896. Fonte: 2ª diretoria nº 1841, PG/CE. Recibo, 30/11/1896. IM/RP/SF/D, 031. Recibo, 1/3/1897. IM/RP/SF/D, 034, nº 236. Recibo, 5/6/1897. Documento avulso, caixa de documentos selecionados, 05/6/1897, nº 684, 61. M/S/SE/RE 011, p.114 r. Documentos avulsos, caixa 18/6/1898, nº 411, 11/11/1898, nº 824, 17/12/1898, nº 834 e 838. IM/RP/SF/D, 044, 6/5/1899. IM/RP/SF/D, 041, nº 3. IM/RP/SF/D, 042, nº 287, 1899. IM/RP/SF/D, 042, nº 399, 1899. IM/RP/SF/D, 042, nº 433, 1899. IM/RP/SF/D, 042, nº 449, 1899. IM/RP/SF/D, 042, nº 449, 1899. IM/RP/SF/D, 042, nº 500, 1899. IM/RP/SF/D, 044, nº 639. IM/RP/SF/D, 045, nº 185.

As comodidades eram coisa de “pessoas abonadas”. Tal situação de atraso não seria exceção no Estado.⁷³ Embora na última década do século XIX e nos primeiros anos do XX, muitas intervenções urbanas tivessem sido concretizadas – quase sempre de maneira esporádicas e limitadas à área central – a crítica de João Neves da Fontoura foi muito mais no sentido de querer exaltar as transformações pela qual a cidade passou nas administrações posteriores, como a de seu pai, coronel Isidoro Neves da Fontoura (1908-1912), e a sua própria, na segunda metade dos anos 20, ambas reformas também centradas essencialmente na zona central, para servir de cenário à elite em ascensão.

O apogeu econômico cachoeirense, bastante visível no início do século XX, oriundo da ascensão econômica colonial baseada principalmente na cultura rizícola, foi prioritariamente destinado à transformação da zona urbana central. Obras de nivelamento e denominação das principais ruas e praças já vinham ocorrendo desde o último quartel do século XIX. Mas nada comparado ao que seria feito nas duas primeiras décadas de 1900. Um dos efeitos mais imediatos foi a construção do prédio destinado ao Hospital de Caridade, próximo do cemitério da Irmandade do Rosário, em 1903-1904. Com Viriato Gonçalves Vianna (1904-1906), a rua Júlio de Castilhos, caminho de acesso aos que chegassem das regiões coloniais circunvizinhas, foi nivelada. Cândido Alves Machado de Freitas (1906-1908) arborizou e empedrou parte de suas calçadas, “a fim de evitar que estas viessem a ser danificadas pela ação das águas pluviais que ali correm, com impetuosidade, por se tratar de um terreno declivoso”.⁷⁴ Em 1906, foram colocados bancos e construído o quiosque no centro do jardim da praça da igreja, posteriormente colocado em frente ao Teatro Municipal, que ficava ao lado do prédio da Intendência.⁷⁵

Os limites urbanos da sede foram dados pelas sangas, escavações profundas no terreno, produzidas pelas chuvas ou por correntes de água subterrâneas. Estes acidentes geográficos naturais limitaram durante muito tempo a expansão urbana, fazendo com que a ocupação do solo cachoeirense fosse contida pelo próprio curso das sangas. Na zona central existia a sanga da Inês, a sudeste, que acabava diretamente no rio Jacuí, e a sanga da Santa Josepha (também conhecida por Micaela, em sua metade final), a nordeste, que seguia em direção até o arroio Amorim.⁷⁶

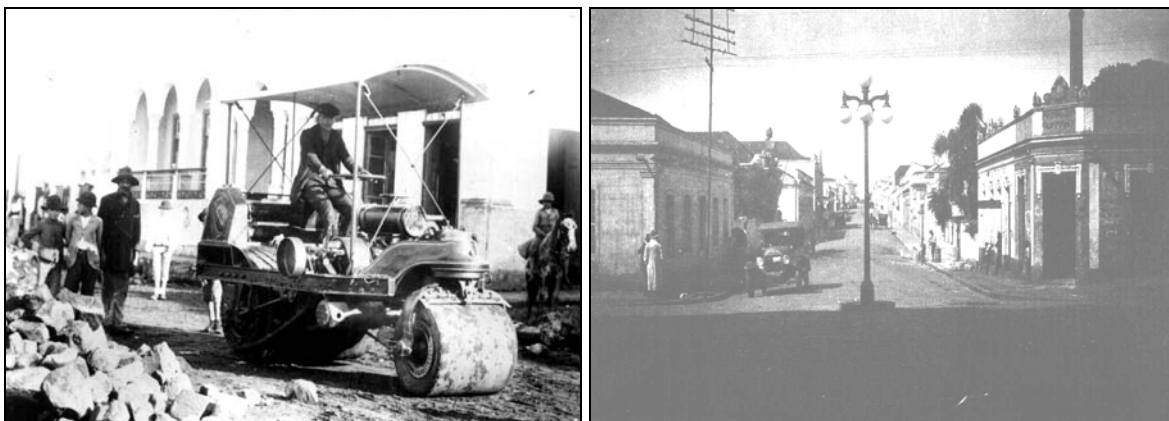
⁷³ FONTOURA, João Neves da. *Memórias. 1º volume. Borges de Medeiros e seu tempo*, Porto Alegre/RS: Globo, 1958, p.149-164

⁷⁴ Jornal Rio Grande, 28/9/1908, órgão do Partido Republicano em Cachoeira do Sul, p.1 In: SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.134

⁷⁵ Jornal O Commercio, 9/5/1906, p.2,

⁷⁶ Uma crença envolvendo as duas sangas centrais (Santa Josepha/Micaela e Inês) foi relatada no jornal O Commercio, em 1918. Da história restou o mito popular de que “quando as sangas se encontrarem, Cachoeira

Assim como as sangas, durante muitas décadas, a estrada ferroviária limitou o crescimento urbano da zona central a noroeste. Em funcionamento desde 1883, os trilhos corriam no sentido nordeste-sudoeste. A transposição de veículos se dava pela Júlio de Castilhos, rua que ligava o centro ao Alto dos Loretos. Na administração de coronel Isidoro Neves da Fontoura (1908-1912),⁷⁷ a zona central sofreu importantes intervenções.⁷⁸ Deram-se início aos trabalhos de iluminação elétrica da cidade e fornecimento de força motriz durante o dia, do incipiente serviço de água e esgoto e de melhoria das estradas e comunicações entre os distritos e a sede. Em 1910, parte da Sete de Setembro, rua central da cidade, recebeu macadamização, camada de brita socada com trator de rolo compressor cilíndrico. Como mostram as fotografias:



Figuras 42 e 43 – Macadamização e postes de luz na rua Sete de Setembro, no Centro, anos 10-12. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul.

acabará”. *Jornal O Commercio*, de 14/8/1918, das “Crônicas”, publicado no JP, 29/6/1979, Sangas, p.2

⁷⁷ O Coronel Isidoro Neves da Fontoura foi Membro do Clube Republicano de Cachoeira (1882) e da Junta Governativa Municipal (1890-1892). Ascendeu como líder local em Cachoeira na crise de hegemonia (1903-07) do Partido Republicano Riograndense (PRR), após a morte de Júlio de Castilhos, em 1903, graças ao apoio do presidente do Estado, Borges de Medeiros. Foi Intendente Municipal no período 1908-1912. No fim do mandato, insurgiu-se contra Borges de Medeiros porque este havia indicado um desafeto de Neves da Fontoura para a composição da chapa republicana para a Assembléia. O Coronel recorreu à fraude eleitoral para obstaculizar a ascensão de inimigos políticos, furando a chapa oficial ao distribuir cédulas eleitorais que suprimiam o nome dos adversários. Acabou sendo punido, obrigado a renunciar e deixar o mandato ao adversário. Este fato local fez com que o então jovem deputado estadual Getúlio Vargas também renunciasse ao cargo na Assembléia, em solidariedade ao amigo João Neves da Fontoura, filho de Isidoro, cf. AXT, Gunter. *O governo Getúlio Vargas no Rio Grande do Sul (1928-1930) e o setor financeiro regional*. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 29, 2002, p.2 [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/324.pdf> – acessado em 30/3/2006] e _____. *A emergência da liderança política de Getúlio Vargas no Rio Grande do Sul coronelista e o seu Governo no Estado* [disponível em http://www.lasercom.jor.br/getulio/leitura/Gunter_Axt.pdf – acessado em 30/3/2006]

⁷⁸ Na administração de Isidoro Neves da Fontoura começaram os trabalhos de nivelamento, reforma de calhas e colocações de novos cordões e passeios na rua Sete de Setembro, pagando o proprietário a quantia de 15\$000 réis por metro de laje colocada, além das obras de macadamização das ruas da cidade, utilizando-se, para tanto, de um trator com compressor cilíndrico, cf. SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.123-138

Na mesma época, foi construído o Largo do Colombo, contíguo à estação ferroviária.⁷⁹ O instantâneo registra espetacular imagem do local. O calçamento da rua, o alinhamento do meio-fio, os postes de iluminação e as mudas de árvores plantadas nas calçadas, conjunto que materializa o desejo de Cachoeira ter um espaço, ainda que circunscrito, modernizado.



Figura 44 – Largo do Colombo, contíguo à estação ferroviária, anos 10-12. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Neste período, a municipalidade desapropriou grande área na parte nordeste da cidade, próximos da estação férrea, loteando e vendendo os terrenos à elite, principalmente de origem teuta. A proprietária, herdeira do General Gomes Portinho, morava na capital e nunca aproveitara o lote. Chegou a mover ação judicial contra a prefeitura, alegando que sofrera lesão enorme, mas acabou perdendo. A denominação de bairro Rio Branco foi dada pelo próprio coronel Isidoro Neves da Fontoura.⁸⁰

⁷⁹ O Ato n.125, de 7/4/1912, nomeou a praça fronteira à estação férrea. Isidoro Neves da Fontoura. Fonte: IM/GI/DA/ADLR, 002, 59r e 60r.

⁸⁰ O bairro Rio Branco foi criado pelo Ato n. 125, de 7 de abril de 1912, na gestão de Isidoro Neves da Fontoura. Foi constituído pelo desdobramento da cidade no sentido norte, compreendido entre as ruas 7 de Abril (atual Milan Krás) e 7 de Setembro, linha da Estrada de Ferro e demais terrenos pertencentes aos herdeiros do General Portinho. O Cel. Isidoro Neves da Fontoura denominou as ruas de: Marechal Floriano, continuação da rua Moron, a partir da rua 7 de abril; Comendador Fontoura, continuação da rua 15 de Novembro; Ernesto Alves, rua paralela a Venancio Ayres, a partir da rua 7 de Setembro; Marechal Deodoro, a rua paralela a Ernesto Alvese; e Cristovão Colombo, a praça defronte à Estação Férrea Cachoeira. Ver também FONTOURA, João Neves da. *Memórias. 1º volume. Borges de Medeiros e seu tempo*, op.cit., 1958, p.164-168

Muitas das residências foram construídas em estilo germânico. Podiam ser vistos torres com acentuada inclinação das águas do telhado (*Zeltdach*), sofisticados adornos metálicos de arremate (*Membron*), consoles inspirados na sustentação de balcões ou beirados alsacianos (*Kopfbänder*), reboco externo lembrando enxaimel, decoração nos postigos inspirada na caixilharia bávara, sótão habitável com janelas ou lucarnas no frontão, corte no vértice conforme telhado *Krippelwalmdach*, avarandados, arremates de falsas tesouras aparentes, ornamentos metálicos lembrando suportes de cabos telefônicos e elétricos em edificações européias, entre outros.⁸¹

O prédio do Colégio Barão do Rio Branco, construído na rua Venâncio Aires (atual Presidente Vargas), era exemplar, assim como a Igreja Evangélica de Confissão Luterana, inaugurada em abril de 1934. Erguida em estilo gótico na esquina da Venâncio Aires com a Deoclécio Pereira (atual Isidoro Neves), tinha arcobotantes (escoras), janelas ogivais com trabalho de vidro e forro com inspiração gótica flamejante e torre e torreão.⁸² A sede da *Schützen-Verein Eintrach*, fundada pelos teuto-brasileiros em 1896, foi transferida para o bairro em 1914.⁸³

Duas fotografias dos anos 20 mostram o calçamento das ruas do bairro e algumas casas ali construídas. Interessante é que as ruas foram projetadas com largura maior que as do centro, o que permitiu calçadas também mais largas. Além disso, os lotes maiores possibilitaram o recuo das construções, tanto na parte frontal quanto nos lados, diferentes das portas-janela habituais do centro, cuja fachadas eram limítrofes às ruas. O bairro Fialho (Santo Antônio), predominantemente de descendentes italianos, teve ocupação semelhante. As peculiaridades em termos de arquitetura e disposição das residências nos lotes caracterizariam os moradores do centro antigo e os dos novos bairros adjacentes.

⁸¹ Informações do Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul. Exposição Residências alemãs em Cachoeira do Sul.

⁸² JP, 26/4/1931 Comunidade Evangélica de Cachoeira, p.2 e GUIDUGLI, Humberto Attilio, *Fundação da Igreja Evangélica*, Revista Aquarela, 1957

⁸³ Jornal O Commercio, 17/4/1912, p.2 In: SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.136 e *100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996*, op.cit., 1996



Figuras 45 e 46 – No bairro Rio Branco, calçamento das ruas com paralelepípedo e residências, já nos anos 20. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul.

Nas administrações posteriores, muita das intervenções restringiram-se à antiga praça do Pelourinho, rebatizada de praça José Bonifácio meio século antes: construção e remodelação do galpão para abrigar o cinema, pela empresa Figueiró; construção de chalés para abrigar os bares de Luiz Leão, Manoel da Costa Junior, Joaquim Rosa e de Henrique Fey, este último destinado “unicamente às retretas em domingos e dias feriados e que doravante poderá ser utilizado para restaurante e vendas de bebidas”. O contratante deveria envidraçar e embelezar o pavilhão da música, na parte baixa, reconstruir e pintar a parte superior destinada à música, reconstruir e conservar os canteiros do jardim, o caramanchão e o terraço. Em contrapartida, teria direito a utilizar a parte alta para serviços de restaurante, “quando a mesma não tiver de ser ocupada pela banda de música que der retretas em dias determinados”. A partir de 1917, foram concessionários: Carlos Klüsener, Alberto Trommer e Willy Trommer.⁸⁴

⁸⁴ Ato nº 34, de 12/6/1913. Fonte: IM/GI/DA/ADLR, 002, 68 v. Ato nº 135, de 15/8/1912. IM/GI/DA/ADLR, 002, 61v. Contrato que fazem a Intendência Municipal de Cachoeira representada pelo Dr. Balthazar P. de Bem e o sr. Manoel da Costa Junior, como abaixo se declara, 4/8/1914. IM/GI/AB/C, 003, 1v. Contrato que fazem a Intendência Municipal de Cachoeira representada pelo Dr. Balthazar de Bem e o sr. Manoel da Costa Junior, como abaixo se declara, 11/8/1914. IM/GI/AB/C, 003, 2r. Contrato que fazem a Intendência de Cachoeira representada pelo Dr. Balthazar P. de Bem e o sr. Francisco de Almeida, como abaixo se declara, 12/8/1914. IM/GI/AB/C, 003, 2 v. Contrato de Arrendamento que faz a Intendência Municipal como cidadão Henrique Fey, do Pavilhão cito à Praça José Bonifácio, 20/12/1915, IM/GI/AB/C, 003, 12 v. Termo de transferência de contrato feito por Henrique Fey a favor de Carlos Klüsener. 23/3/1917. IM/GI/AB/C, 003 p. 24v e 25r. Termo de transferência de contrato feito por Carlos Klüsener a favor de Alberto Trommer, 4/1/1918. IM/GI/AB/C, 003 37 V. Termo de Transferência de Contrato que, perante a Intendência Municipal, faz Alberto Trommer a favor de Willy Trommer como abaixo se declara, 13/9/1920. IM/GI/AB/C, 003, p.62r. Contrato que faz o sr. Joaquim Rosa com a Intendência Municipal, como abaixo declara, 22/12/1919. IM/GI/AB/C, 003 54r -



Figuras 47, 48, 49 e 50 – Praça José Bonifácio, no início do século XX, antes das modificações. Bar Cachoeirense e Chalé Ponto Chic ambos construídos na praça José Bonifácio. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

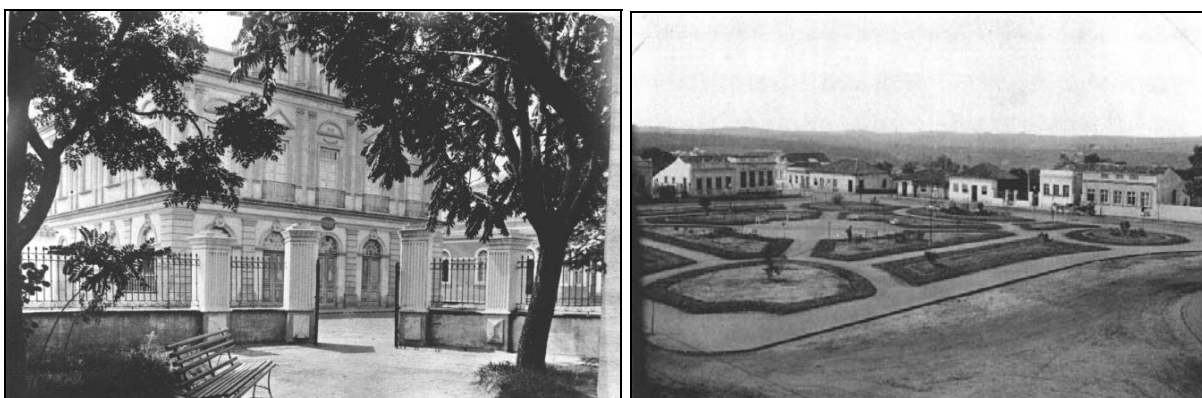
Neste período, assumiram o município: Alfredo Xavier da Cunha (09/1912), Horácio Gonçalves Borges (10/1912), Balthazar Patrício de Bem (1912-1916) e Francisco Fontoura Nogueira da Gama (1916-1920).⁸⁵

O Mercado Público localizado na praça foi reformado na administração de Annibal Lopes Loureiro (1920-1924), pelo arquiteto porto-alegrense José Mariné. Os termos do contrato, assinado em 1921, dispunham que deveria ser feita a caiação do prédio, pintado com cor de cimento as fachadas internas e externa, portas e portões, colocado vidros e bancas, além de construídos sanitários, bebedouro para animais, “dotado de uma coluna com uma torneira de mola e uma caneca de ferro presa com corrente”, e fonte pública no centro do Mercado, “provida de duas torneiras de mola, com base para colocação de baldes, uma caneca de ferro com corrente, sifão para escoamento da água ligado ao poço”, sendo o escoamento ligado na sarjeta da via pública.⁸⁶

⁸⁵ SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.22-23 e 43

⁸⁶ Contrato que fazem a Intendência Municipal de Cachoeira e o Sr. Jose Mariné para a execução de diversos melhoramentos no Mercado Público, 28/7/1921. Fonte: IM/GI/AB/C, 003, p.73v. Termo de transferência de contrato feito por Joaquim Rosa a favor da firma Kern Homrich, como abaixo se declara, 12/1/1922.

As reformas atingiram também a praça em frente a igreja católica. Os muros que cercavam a praça foram demolidos sob argumento de que eram desnecessários porque vacas e cavalos não mais vagavam pelas ruas da cidade. Parte do material foi aproveitada para murar o reservatório de água da hidráulica municipal, construído nos anos 20 nas imediações do Hospital de Caridade. As modificações foram consideradas de sensível melhoramento do aspecto, por permitir que “os transeuntes, vejam, mesmo de longe, as frentes das casas construídas nas diversas ruas da praça”.⁸⁷ Com a reforma, rebatizaram a praça de Almirante Tamandaré.⁸⁸



Figuras 51 e 52 – Praça Almirante Tamandaré, posterior Balthazar de Bem, murada. Ao fundo vê-se o prédio do Teatro Municipal, destruído nos anos 50 para dar lugar a uma escola. A parte leste não foi murada. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

O início dos anos 20 foram marcados pela interferência direta dos Estados na saúde da população, através do saneamento urbano e dos serviços de higiene, ocorrendo nas principais cidades do país. Para Gilberto Hochman, com o processo de industrialização e urbanização em curso, foi a resposta para as epidemias de massa que atingiam indistintamente tanto imigrantes do campo – pobres doentes – quanto moradores mais antigos – ricos saudáveis. Era, de certa forma, a concretização do “paradigma da interdependência”, cujos efeitos externos das adversidades individuais alcançavam todos membros da comunidade, independente de terem ou não contribuído para o surgimento da doença e sua disseminação, impossibilitando o simples isolamento ou segregação espacial. A gripe espanhola de 1918 – uma “gripe democrática” que tornou-se experiência coletiva singular – teria sido o fator

IM/GI/AB/C, 003, p.77

⁸⁷ Jornal O Commercio, 19/1/1921, Jardim da Praça Conceição, p.3 e 8/11/1922, Pelos Jardins, suplemento.

⁸⁸ A praça em frente a igreja teve várias denominações, oficiais e populares: praça da Matriz, da Igreja ou da Conceição, praça do Prestes (em homenagem ao primeiro morador, João Prestes dos Santos), praça Almirante Tamandaré (de 1921 a 1925) e praça Balthazar de Bem (intendente morto na localidade do Barro Vermelho, em 1924). JP, 4/6/1992 Um Roteiro do passado ao presente, p.7 A praça passou a atual denominação com o decreto nº 196, de 16/3/1925, assinado por João Neves da Fontoura. Fonte: IM/GI/DA/ADLR, 009, 147 V.

decisivo que desencadeou as demandas do movimento de saneamento.⁸⁹

Madel Terezinha Luz esclarece que, devido principalmente às idéias dos médicos-sanitaristas Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, da capital federal Rio de Janeiro, amparados no decreto-lei 3.987/1920, o Departamento Nacional de Saúde Pública passou a ser responsável por ações de saneamento tanto no meio urbano quanto rural, pela propaganda sanitária, higiene infantil, industrial e profissional, pela supervisão em hospitais públicos, e por separar suspeitos de portar doenças contagiosas da população, requisitando força policial caso fosse necessário.⁹⁰ Entretanto, segundo Beatriz Weber, a intervenção sanitária no Rio Grande do Sul foi peculiar devido ao ideário positivista assumido pela administração republicana que perpetuou-se no poder até a década de 1930. Sem paralelo no restante do país, os princípios e práticas no Estado não permitiram a organização sanitária tão fundamentada na medicina, ocorrendo diversos conflitos entre perspectivas defendidas pelos médicos e a do governo, especialmente no que se refere à liberdade profissional.⁹¹

Durante a gestão de Annibal Loureiro foram efetuadas várias reformas sanitárias. Em sua administração, as pipas d'águas que abasteciam a população, recolhidas diretamente das fontes de água ou compradas em latas de 28 litros pelo valor de 0\$100 réis, foram substituídas pela água encanada fornecida pela primeira hidráulica municipal. Até o advento desta obra, em épocas de calor as pipas não eram suficientes para atender a demanda da população que crescia, obrigando muitos pipeiros a racionar a porção vendida, atitude que gerava conflito. Construída na praça Itororó (rua Saldanha Marinho), em frente ao Hospital de Caridade, a hidráulica foi inaugurada em dezembro de 1921.⁹² A contratação dos estudos iniciais do projeto foi feita em 1918, na administração de Francisco Fontoura Nogueira da Gama. A Lei nº 78, de 26 de agosto de 1918, autorizou o executivo a despender a importância de 20:000\$000 réis, inclusive buscando a verba através de empréstimos bancários, caso necessitasse, a fim de contratar o renomado engenheiro Saturnino de Britto para o estudo

⁸⁹ HOCHMAN, Gilberto. *Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado (Brasil 1910-1930)*. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.6, n.11, 1993, p.40-61 [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/113.pdf> – acessado em 13/1/2006]

⁹⁰ LUZ, Madel Terezinha. *Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p.95

⁹¹ WEBER, Beatriz Teixeira. *Positivismo e ciência médica no Rio Grande do Sul: a Faculdade de Medicina de Porto Alegre*. In: Revista História das Ciências da Saúde - Manguinhos v.5 n.3 Rio de Janeiro nov/1998-fev/1999 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000100003&lng=es&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 1/4/2006]

⁹² GUIDUGLI, Humberto Atílio, *Inauguração da Hidráulica Municipal*, Revista Aquarela, 1957. Alguns pipeiros da época: Aristides, César Ribeiro, Custódio, Horácio, Antônio Ribeiro, Zacarias, Pitan, Bernardino e Adelino. GUIDUGLI, Humberto Atílio. *As pipas da Cachoeira antiga*, Centenário de Cachoeira do Sul, op.cit., 1959

completo.⁹³

Embora o hospital cachoeirense tenha sido construído no início do século, era muito comum a figura do médico da família que atendia nas residências dos enfermos. Em janeiro de 1918, os médicos Balthazar de Bem, Sílvio Scopel, Alberto Gradim e Milan Krás organizaram tabela de preços dos serviços oferecidos: consulta no consultório, 5\$000 réis; visitas a domicílio de dia, 10\$000; chamados a noite, depois de estar o médico acomodado, 30\$000; chamados para a campanha (condução por conta do cliente), por légua, de dia, 100\$000; de noite, por légua, 150\$000; injeções hipodérmicas ou musculares, simples, no consultório, 5\$000; em domicílio, 10\$000; conferências médicas, para cada médico, 50\$000 réis.⁹⁴ Nesta época, foi estimado em 10 mil o número de habitantes, morando em aproximadamente 1,3 mil edificações na zona urbana central de Cachoeira.⁹⁵ O hospital servia para as intervenções cirúrgicas mais complexas. Mesmo assim, em meados de 1925, sob a presidência de Ernesto Muller, a Diretoria do hospital aventava sobre a necessidade da construção de novo prédio, sonho concretizado somente nas décadas seguintes.⁹⁶

Ainda que ocorressem conflitos ideológicos na organização sanitária estadual, o fato de Cachoeira ter realizado obras de saneamento e abastecimento hidráulico, quase ao mesmo tempo dos grandes centros urbanos do país, demonstra sua pujança econômica e seu destaque no cenário regional e nacional. Através do Decreto nº 98, de 27 de setembro de 1920, o intendente Annibal Loureiro desapropriou o terreno pertencente a sucessão de Belmira Cândida Pereira, situado à rua D. Luiza, com área total de 4.845 m², pelo valor de 2:000\$000 réis.⁹⁷ A água era captada para o lado da nascente do rio Jacuí, com primeiro recalque em pré-filtros e segundo recalque num reservatório de cimento, sendo distribuída pelas ruas Saldanha Marinho, Félix da Cunha e Sete de Setembro, com ramais para as travessas Firminiano, Sete de Abril e Venâncio Aires. A quantidade de líquido que podia ser fornecida, em 12 horas de

⁹³ Lei nº 78, de 26 de agosto de 1918. Fonte: IM/CM/AL/L – 005. Ver ainda ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. *A cidade como um corpo são e belo: o pensamento urbanístico do engenheiro Saturnino de Brito*. In: FERNANDES, Ana. GOMES, Marco Aurélio de Figueiras (org.) *Seminário de História Urbana*. op.cit., 1992, p.77-81, e ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. *O plano de Saturnino de Brito para Santos e a construção da cidade moderna no Brasil*. In: Espaço & Debates. Revista de Estudos Regionais e Urbanos. São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, 1991, p.55-63

⁹⁴ GUIDUGLI, Humberto Attilio, *Preços de outrora!*, Revista Aquarela, 1957

⁹⁵ GUIDUGLI, Humberto Attilio, *Estatísticas da Cachoeira antiga*, Revista Aquarela, 1957

⁹⁶ Fonte: Hospital de Caridade e Beneficência, Amigo HCB; Exposição do Arquivo Histórico Municipal HCB, *100 anos de história*; Código de Posturas Municipais, 1853; PORTELA, Manoel de Carvalho. *Cachoeira Histórica e Informativa*. op.cit., 1940; Livro de Atas do Grande Conselho do HCB, 1936-1968 (acervo HCB) e Jornal O Commercio, 5/2/1918. Cf. o Livro de Atas de Sessões da Câmara Municipal (1830-1864), em 15/10/1846, o vereador José Pereira da Silva Goulart propôs que a Câmara, em atendimento ao artigo 69 da Lei Imperial de 1/10/1828, promovesse a criação de um Hospital de Caridade na Vila da Cachoeira, com a denominação de “São João”, para criação de expostos (crianças abandonadas), tratamento de doentes necessitados e vacinação, tendo médico ou cirurgião à disposição.

⁹⁷ Decreto nº 98, de 27 de setembro de 1920. Fonte: IM/GI/DA/ADLR - 007 - 76v e 77r.

funcionamento das bombas de recalque, atingia 2,17 mil litros. A rede de distribuição ficou dividida em 4 zonas e 16 distritos, com o desenvolvimento total de 20.285 metros de encanamentos. O custo total da obra ficou em 172:314\$278 réis.⁹⁸

As obras da segunda hidráulica foram iniciadas em 20 de setembro de 1923, por Francisco Fontoura Nogueira da Gama, prolongando-se durante aproximadamente 18 meses.⁹⁹ Pelo contrato, o vencedor da licitação receberia 11,5% sobre o custo do material e da mão de obra, para administrar a obra.¹⁰⁰ O engenheiro carioca Saturnino de Britto projetou o sistema para captar a água no rio Jacuí, próximo à cachoeira do Fandango, levar até o tratamento e a filtragem, onde tornava-se potável, sendo então direcionada para o *Chateau d'Eau*, construído em 1924-25, no centro da praça fronteira à igreja. O reservatório recebeu a denominação francesa por conta da influência européia vigente na época. O projeto arquitetônico foi assinado pelo engenheiro Walter Jobim, que cercou a escultura central com estátuas de ninfas, divindades do mar, segurando cântaros que jorravam água. No topo do monumento, colocou a escultura pagã de Netuno, semi-deus dos mares, de frente para a igreja. As esculturas foram esculpidas na oficina de J. Vicente Friedrichs, em Porto Alegre, sob a direção do professor Giuseppe Gaudenzi. “A finalidade do *Chateau d'Eau* era de levar a água, por gravidade, ao reservatório R2 e regular ao mesmo tempo a pressão da água nas zonas mais elevadas”. Ao redor do monumento, foram plantadas palmeiras imperiais.¹⁰¹

Paralelamente, foram construídos 18,5 quilômetros de rede de esgotos nas ruas principais, especificamente na área edificada do centro da cidade. O sistema utilizado foi de separar rede pluvial e tratamento de efluentes, que recolhia os dejetos e enviava-os a tanques de decantação, separando-os em parte seca (lama sólida) e parte líquida, desembocando no arroio Amarin e dali para o rio Jacuí, abaixo e longe do ponto de captação da hidráulica.¹⁰²

⁹⁸ Relatório apresentado ao Dr. A. A. Borges de Medeiros pelo engenheiro Ildefonso Soares Pinto, Secretário de Estado dos Negócios das Obras Públicas em 15 de agosto de 1923, referente aos trabalhos da Secretaria no ano de 1922. Fonte: IM/S/SE/Re- 025 - pág. XVI e XVII.

⁹⁹ O capitão Francisco Fontoura Nogueira da Gama foi intendente entre 1916 e 1920, vice-intendente de Annibal Loureiro entre 1920-1924 e novamente intendente entre 1924 e 1925.

¹⁰⁰ Fonte: Relatório apresentado ao Dr. A. A. Borges de Medeiros pelo Engenheiro Ildefonso Soares Pinto, Secretário de Estado dos Negócios das Obras Públicas, em 15 de agosto de 1923, relativo aos trabalhos da Secretaria, no ano de 1922, IM/S/SE/Re, 025, p. XVII e XVIII.

¹⁰¹ SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.116. Ver ainda: Decreto nº 98, de 27/9/1920, IM/GI/DA/ADLR, 007, 76v e 77r., Relatório apresentado a A. A. Borges de Medeiros pelo engenheiro Ildefonso Soares Pinto, Secretário de Estado dos Negócios das Obras Públicas em 15 de agosto de 1923, referente aos trabalhos da secretaria no ano de 1922. IM/S/SE/Re, 025, p.15-16

¹⁰² Relatório apresentado a A. A. Borges de Medeiros, por Sérgio Ulrich de Oliveira, Secretário de Estado dos Negócios das Obras Públicas em setembro de 1926, referente aos Serviços de Saneamento do estado executados durante o ano de 1925 e 1926, até maio. IM/S/SE/Re., 025, p.56 a 63; Protocolo de Correspondência, 1924, 8v e 19r. (janeiro a dez); IM/GI/AB/Re, 005 p.15, 1925. JP, 15/12/1959, Inauguração da fonte luminosa, p.1 e 27/12/1959, Fonte luminosa, p.1



Figuras 53 e 54 – *Chateau d'Eau* e início das obras de instalação da rede de esgoto, vendo-se o intendente, capitão Francisco Fontoura Nogueira da Gama, de sobretudo, com uma picareta na mão, fevereiro de 1924. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Com o andamento das obras, foi aprovado o *Regulamento Sanitário*, através do decreto municipal n.179, de 1º de julho de 1924, obrigando as ligações domiciliares com a rede. Embora mais de 500 prédios tivessem sido ligados à rede, dois terços dos domicílios continuava a utilizar os serviços da carroça dos cubos, que recolhia os dejetos em recipientes e depositava-os no prédio do Asseio Público, localizado na rua Conde de Porto Alegre esquina Esperanto, distante aproximadamente 1 quilômetro da zona urbanizada. A remoção de “matérias excrementícias através de cubos removíveis” datam de 1909, na gestão de Isidoro Neves da Fontoura. Sua implementação impôs, como medida profilática, o fechamento das latrinas com fossas fixas. O recolhimento dos dejetos através do sistema de cubas, utilizado em residências ainda não ligadas à rede de esgoto, durou até meados dos anos 40.¹⁰³

O marco maior das transformações urbanas seria alcançado na gestão do vice-intendente João Neves da Fontoura (1925-1928).¹⁰⁴ Com projeto de Acylineo Carvalho, sub-

¹⁰³ SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.95-98 e 116-117

¹⁰⁴ João Neves da Fontoura descende de João Carneiro da Fontoura, vindo de Portugal em 1737, indo morar em Rio Grande. Seu avô era João Fontoura (bisneto de João Carneiro) um coronel do Exército e proprietário da Fazenda das Palmas, distante 10 milhas (66 quilômetros) da sede do município de Cachoeira, hoje área pertencente a São Sepé. Sua avó descendia de mineiros (Figueiredo Neves). Era filho do coronel Isidoro Neves da Fontoura e Adalgisa Godoy da Fontoura. Nasceu no município em 16/11/1887. Estudou na escola Cândida Fortes, no Ginásio Cachoeirense e, posteriormente, no Colégio dos Jesuítas (ginásio de N. S. da Conceição), em São Leopoldo. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Porto Alegre, foi Promotor Público na capital gaúcha durante um ano; prefeito de Cachoeira, de 1925 a 1928; deputado estadual, de 1921 a 1928, e vice-presidente do Estado do Rio Grande do Sul, eleito em 1927. Deputado federal pelo mesmo Estado, de 1928 a 1930 e de 1935 a 1937. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi nomeado embaixador do Brasil em Lisboa, cargo que exerceu desde 1943, tendo resignado a 30 de outubro de 1945. Ministro de Estado das Relações Exteriores, no ano de 1946, chefiou a Delegação do Brasil à Conferência de Paz, em Paris. Em 1948, foi o chefe da Delegação do Brasil à IX Conferência Internacional Americana, reunida em Bogotá. Pela segunda vez João Neves da Fontoura foi nomeado Ministro das Relações Exteriores, empossando-se no cargo em 31 de janeiro de 1951 e exercendo a pasta até 19 de julho de 1953. Faleceu no Rio de Janeiro, em 31 de março de 1963. Fonte: SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione

diretor de Obras Públicas do Estado, 42 quadras da zona central, entre a praça da igreja e a estação ferroviária do Largo do Colombo, receberiam melhorias, como passeios, meio-fios, paralelepípedos nas ruas e até relógio público, montado em colunas de degraus em mármore cor-de-rosa, na confluência das ruas do Loreto (Sete de Setembro) e 24 de Maio (Silvio Scopel).¹⁰⁵

A condução de João Neves da Fontoura ao cargo de intendente deu-se em circunstâncias excepcionais. Em 1924, o comando da municipalidade estava a cargo de Francisco Fontoura Nogueira e Balthazar Patrício de Bem,¹⁰⁶ companheiros seus de partido. Com a revolução, o vice-intendente acompanhou o corpo expedicionário que pôs-se em movimento em 9 de novembro, contra o 2º Batalhão de Engenharia de Cachoeira, liderado pelo capitão Joaquim do Nascimento Távora, na localidade de Barro Vermelho, vindo a falecer no dia seguinte, aos 47 anos de idade. João Neves da Fontoura homenageou o companheiro de partido falecido, dando seu nome à praça em frente da igreja matriz.¹⁰⁷

Em janeiro de 1925, o intendente Francisco Nogueira da Gama afastou-se por problemas cardíacos. O Conselho Municipal reuniu-se para conceder-lhe licença e dar posse no cargo de vice a João Neves da Fontoura. Três meses depois, o intendente teve melhora súbita e retornou ao posto, ali ficando por mais três meses. Em agosto, piorou e, desta vez, o vice ficou definitivamente no mandato até fins de 1928.¹⁰⁸

Quando João Neves da Fontoura assumiu, as obras de água e esgoto em andamento estavam sendo executadas pela empresa administrada por Antônio Soares. O engenheiro

Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.54 e 59-62 e <http://www.biblio.com.br/ Templates/ biografias/joaonevesda fontoura.htm> – acessado em 2/12/2005.

¹⁰⁵ Ver SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p. 97-98, 116-117 e 146-149

¹⁰⁶ Balthazar Patrício de Bem foi sucessivamente vice-intendente, intendente e diretor de Higiene Municipal, deputado da Assembléia Legislativa e diretor-médico do HCB, além de colaborador dos jornais O Comercio, de Cachoeira do Sul, e A Federação, de Porto Alegre. Sua morte é narrada com ares de heroísmo. Segundo dados oficiais, na revolução de 1924, teria organizado um corpo expedicionário que entrou em combate na localidade de Barro Vermelho. Faleceu no dia 10 de novembro, aos 47 anos de idade, em consequência de ferimento, quando à frente da força militar, pretendia impedir o alastramento da sublevação do 3º Batalhão de Engenharia, aquartelado em Cachoeira, que havia se revoltado, ameaçando, assim a causa da legalidade. Cf. ata transcrita por Ione Sanmartin Carlos, no Cartório de Registro Civil, “às doze horas, em caminho do Passo São Lourenço, faleceu o Balthazar Patrício de Bem com 47 anos de idade, médico, casado com Dona Marina Mattos de Bem. Causa da morte foi por hemorragia por ferida de arma de fogo penetrante na cavidade peritoneal”. Existem divergências na versão do assassinato de Balthazar de Bem, principalmente no que se refere a sua heroicidade de ter tomado frente na força militar em combate no Bairro Vermelho. A versão não-oficial é de que ele teria ido à zona de conflito por sua atividade médica e morrido por motivos banais. Como habitualmente vestia terno branco, postou-se de pé para olhar o campo inimigo, quando foi alvejado por um tiro efetuado por franco-atirador, sem estar em nenhum combate direto.

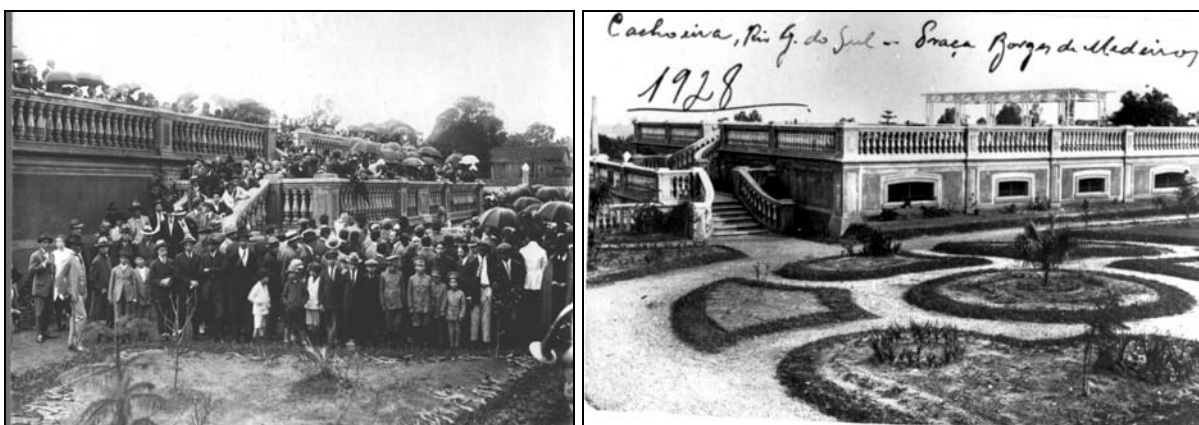
¹⁰⁷ A praça passou a atual denominação com o decreto n.196, de 16/3/1925. Fonte: IM/GI/DA/ADLR, 009, 147V

¹⁰⁸ FONTOURA, João Neves da. *Memórias. 1º volume. Borges de Medeiros e seu tempo*, op.cit., 1958, p.250-251/323-339. Na intendência, João Neves da Fontoura abandonou a advocacia. Como apoiou a revolta paulista, em 1932, foi exilado por dois anos.

responsável era Paulo Felizardo. A deficiência dos empréstimos fizeram com que João Neves da Fontoura recorresse ao governador Borges de Medeiros, que contraiu empréstimo de cerca de US\$ 10 milhões, distribuído a vários municípios, cabendo a Cachoeira US\$ 970 mil. Ele escreveu em suas memórias: “Principalmente a ele é que tem de atribuir-se a transformação não só na fisionomia de Cachoeira, a qual, de burgo triste e desconfortável, se converteu numa das melhores cidades do Rio Grande”. Por essa razão, denominou a praça do reservatório de água (R2) de Borges de Medeiros, inaugurando-a em janeiro de 1927.

No tocante ao asseio público, João Neves colocaria carros motorizados para recolher lixo, instituiria a cobrança de taxas para custeio das despesas e exigiria que cada prédio tivesse seu vasilhame próprio. Em relação ao abastecimento e saneamento, inauguraria a segunda hidráulica levando água para a zona alta da cidade e concluiria a rede principal para tratamento dos efluentes de esgoto sanitário, abrangendo a maior parte da área edificada da zona central, com aproximadamente 535 prédios.¹⁰⁹

Nas fotografias da inauguração é possível perceber como muitas das obras eram marcadas pela estética, além da função estrutural. No reservatório R2, ao invés de simples caixa de concreto para servir de recipiente da água, os engenheiros projetaram área de lazer na parte superior, com balaústre de madeira, escadaria e parapeito feito de colunas, além dos bancos e canteiros por toda área. O próprio ato inaugural rendia cerimônias que valorizavam os administradores públicos perante a população.



Figuras 55 e 56 – Inauguração do reservatório R2, em janeiro de 1927, e praça Borges de Medeiros (ou praça da caixa d’água) em 1928. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Na parte baixa da cidade, a praça em frente a igreja matriz, que passou a ser denominada Balthazar de Bem, permaneceu sem grandes modificações estruturais após a inauguração do *Chateau d'Eau*, em 1925. Entretanto, a escultura de Netuno, a mitológica

¹⁰⁹ Ver SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p. 97-98, 116-117 e 146-149

figura greco-romana que presidiria os mares, colocada no topo do reservatório, de frente para o templo, foi considerada afronta entre pagãos e religiosos, gerando certo descontentamento. A resposta dos católicos foi remodelar completamente a fachada principal da igreja Nossa Senhora da Conceição. A reforma foi iniciada somente em 1927. Em junho de 1929, foi inaugurado o novo altar.¹¹⁰

Para completar as obras, foram feitos apelos para que a comunidade doasse verbas: “Urge completar a cúpula das torres, a fim de se poder arriar os andaimes, pedimos o concurso devotado de todos os habitantes, para essa obra de culto religioso e embelezamento da sede do nosso município”. Foi sugerido aos moradores das zonas rurais, como colonos ou criadores, o envio do “óbolo para as obras em espécie”.¹¹¹ Em dezembro, foi inaugurada a estátua votado à Nossa Senhora da Conceição, erigido no frontispício remodelado da igreja, entre as duas torres.¹¹²



Figuras 57, 58 e 59 – Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, nos anos 1920, antes das modificações da fachada em estilo colonial. Vista interna do altar, em estilo renascentista, antes da remodelação completa. Remodelação da fachada, com a colocação de estátua entre as torres, em 1927-29. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Com a estátua de Nossa Senhora da Conceição posta propositadamente entre as torres da igreja, de frente para o Netuno do *Chateau d'Eau*, surgiu a idéia-força, presente no imaginário popular, de que o bem e o mal estariam em permanente confronto simbólico, devido à divindade pagã estar afrontando, com seu tridente, o poder cristão, materializada na

¹¹⁰ Jornal O Commercio, 21/9/1927, p.1, 13/6/1928, p.3, 24/10/1928, p.1

¹¹¹ JP, 4/7/1929 Apelo ao povo da cidade e do município, p.1, 19/9/1929 Inauguração de um monumento, p.1, 15/12/1929 A pedido. Para as obras da matriz, p.2

¹¹² JP, 19/12/1929, p.1, 26/12/1929, p.3. Ver ainda SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.67-71.

imagem da padroeira do município. O fato de ambas estátuas estarem de frente uma para a outra, praticamente na mesma altura, serviria para justificar a desaceleração econômica do município e as conseqüentes mazelas sociais, na segunda metade do século XX, espécie de força divina castigando a cidade.¹¹³

Em 1927, a praça Balthazar de Bem já se achava encantada, gramada e com árvores e arbustos, além da canalização de água para o serviço de irrigação e de “abundante iluminação elétrica, distribuída por oito combustores de uma lâmpada e seis de cinco lâmpadas”. Foram construídas duas pequenas fontes ornamentais, colocadas “treliças” de ferro por detrás dos bancos que circundavam o largo central dos dois jardins e pequenos postes de ferro galvanizado, unidos entre si com correntes de ferro, para entrelaçar as trepadeiras, além de grandes vasos e bancos de cimento e mudas de *ligustrum* para formar pequenas cercas vivas. A rua ao redor da praça foi calçada com paralelepípedos e uma bomba de gasolina foi instalada defronte à igreja.¹¹⁴ Em poucos anos, a deterioração exigiu reformas, pois reclamava-se que o *Chateau d’Eau* destoava “chocantemente” com a praça ajardinada. Na administração seguinte, do intendente José Carlos Barbosa (1928-1930), foi nomeada comissão para promover a remodelação do monumento”.¹¹⁵

Ainda na gestão João Neves da Fontoura, a mais visível das melhorias urbanas realizadas foi o calçamento das ruas centrais com paralelepípedos fornecidos pelas pedreiras do Estado, transportados para Cachoeira em grandes chatas. A seção de obras da capital Porto Alegre, através do prefeito Otávio Rocha, forneceu técnicos. O engenheiro Acelino Carvalho supervisionou os serviços. Para o intendente cachoeirense, era necessário muita paciência para presidir a transição de pequena cidade atrasada para “o gozo dos melhoramentos com que foi dotada”. Com as ligações domiciliares, foram instituídas exigências higiênicas das residências, como quarto de banho, chuveiro e pia de cozinha. Quando a fiscalização começou a notificar os moradores, verdadeira romaria de viúvas e pessoas pobres acorreu ao gabinete de João Neves da Fontoura. Por essa razão, instituiu a política do mandar fazer as obras e receber quando as pessoas pudessem pagar, lançando em dívida ativa, esperando que, com a morte dos proprietários, fosse possível resgatar as dívidas no inventário. O braço direito do intendente era o delegado de polícia, Major Carlos Gama, filho do ex-prefeito Francisco Nogueira da Gama. O secretário do município era Emiliano Carpes, que assinava colunas no

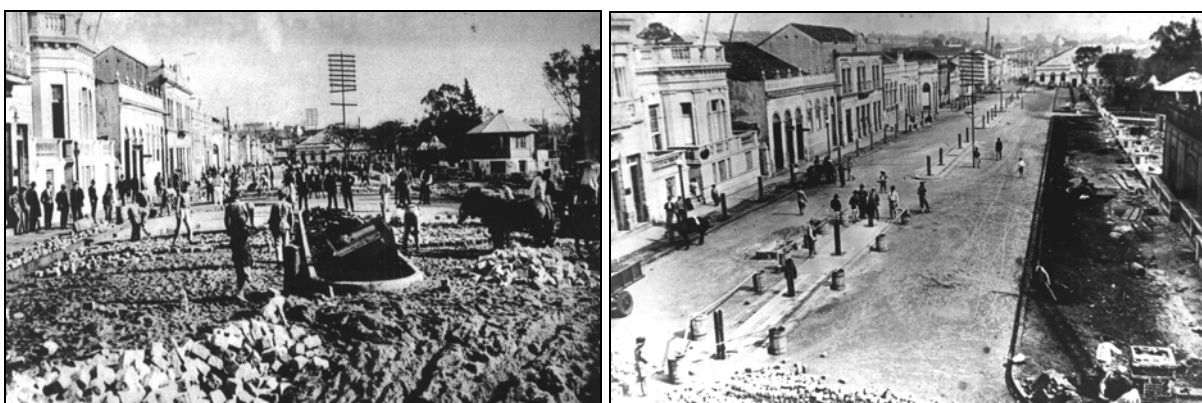
¹¹³ Exploro essa idéia no artigo SELBACH, Jeferson Francisco, SILVEIRA, Paulo Ricardo Tavares. *Tridente divino: progresso e nostalgia se enfrentam na Capital do Arroz* In: Revista LOGOS, Canoas/RS: ULBRA, v.14, n.1, jun/2002, p.83-90

¹¹⁴ Jornal O Commercio, 9/11/1927 Praça Balthazar de Bem, p.1, 7/12/1927 Praça Balthazar De Bem, p.1 e 23/3/1927 Bomba de Gasolina, p.4

¹¹⁵ Jornal O Commercio, 17/10/1929 Memorial ao Ex.mo. Sr. Presidente Getúlio Vargas, p.1

jornal Rio Grande, órgão do partido, do qual João Neves da Fontoura era diretor. A Secretaria de Obras estava a cargo do engenheiro Arno Bernhardt, auxiliado por Joaquim Vidal. Na Contadoria estava Nestor Terra. Na Tesouraria, Diamantino Carvalho, com auxílio de Ângelo Ricardi e João de Araújo Bastos, “um velho propagandista, a quem me coube dar aquele modesto emprego, o único que lhe tocou, depois de uma vida de fidelidade ao Partido, que ele contribuía para fundar”, escreveu João Neves da Fontoura em suas memórias.¹¹⁶

As obras tiveram tamanha importância que foram registradas em fotografias, com destaque para a parte principal da rua Sete de Setembro, no trecho em frente a praça José Bonifácio.



Figuras 60 e 61 - Calçamento da rua Sete de setembro e da calçada da praça José Bonifácio, 1927. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Para uma cidade que queria apresentar-se como moderna aos olhos externos, tornava-se imprescindível o calçamento. Além de melhorar a estética, aproximando sua feição urbana das capitais européias, a intervenção nas ruas de Cachoeira, na segunda metade da década de 20, teve como fator de impulso o crescimento do trânsito de veículos automotores, que atingiam velocidades maiores do que as carroças e, conseqüentemente, levantavam mais poeira.¹¹⁷

O primeiro automóvel a circular pelas ruas de Cachoeira data de 1907, de propriedade do rizicultor Eurípedes Mostardeiro. O Daymler, com dois cilindros e 15 cavalos de potência, foi adquirido usado em Buenos Aires e chegou ao município por via fluvial. Sua chegada causou frisson. Com rodas altas e imbricado jogo de alavancas, saiu funcionando do porto no passo da praia, atraindo atenção no trajeto, dada a fumaceira que levantava do escapamento. O segundo automóvel a rodar em Cachoeira foi da marca Umber, de propriedade do mecânico Albino Pohlmann, que utilizou o veículo como táxi no ano de 1912.¹¹⁸ A existência de carro

¹¹⁶ FONTOURA, João Neves da. *Memórias. 1º volume. Borges de Medeiros e seu tempo*, op.cit., 1958, p.340

¹¹⁷ Ainda nos anos 30, os residentes em ruas não calçadas, como na Júlio de Castilhos e travessas e no bairro Rio Branco, reclamavam da poeira, solicitando sua irrigação. Ver JP 19/2/1931 Noticiário. O pó das ruas, p.2

¹¹⁸ GUIDUGLI, Humberto Attilio, *O 1º e o 2º automóveis que circularam nesta cidade*, Revista Aquarela, 1957

de praça em Cachoeira do Sul já nesta época, fez com que a distinção social atingisse o modo de se transportar, pois não eram todos que podiam pagar pelo valor cobrado. Além do mais, circulava desde 1909 a linha de bonde, de Guilherme Döring, entre o porto (zona sul), a estação férrea (noroeste do centro) e a parte alta da cidade.¹¹⁹

Em 1919, Rodrigo Martinez colocou em circulação os auto-bondes que faziam praticamente o mesmo trajeto. O preço da passagem era de 0\$200 réis, valor correspondente a um exemplar avulso de jornal. As viagens eram feitas a cada meia hora, desde manhã cedo até a hora em que terminavam os espetáculos do cinema. O jornal *O Commercio* escreveu que tratava-se de importante melhoramento, que resultaria em considerável economia para a população, “que até aqui era obrigado a fazer a pé, quando não se utilizam os carros e automóveis, veículos estes que, pode-se dizer, somente são permitidos aos ricos, tal o seu preço”. Na primeira viagem do auto-bonde, constatou-se que o veículo só poderia transportar cerca de 18 a 20 passageiros, por seu motor não ter força suficiente.¹²⁰

Esporadicamente, outros empreendedores passaram a oferecer transporte nos anos 20. Roldão Barcelos da Costa tinha um ônibus com bancos transversais e laterais abertas e fazia o itinerário Praça da Matriz-Alto dos Loretos. Ele também transportava pessoas para o interior do município. Em depoimento oral, sua filha afirmou que “o negócio não dava lucro porque como todo mundo se conhecia em Cachoeira e eram amigos, não pagavam passagem”.¹²¹ Em 1925, João Noronha de Bem disponibilizou dois auto-bondes, “um com os bancos comodamente acolhoados”, que conduziam passageiros entre os extremos norte e sul de Cachoeira, entre os cemitérios Municipal e o da Irmandade, ao preço de 1\$600 réis a viagem de ida e volta. O jornal noticiou que o “empreendimento tem sido muito bem acolhido pelo nosso público, tendo os bondes boa frequência de passageiros, notadamente aos domingos e à noite”.¹²²

Em 31 de março de 1924, foi inaugurada a Agência Ford, sendo concessionário Prudêncio Schirmer.¹²³ Com isso aumentou consideravelmente o número de automóveis em circulação nas ruas cachoeirenses, exigindo toda infra-estrutura de abastecimento de gasolina,

¹¹⁹ Ato nº 83, de 12/10/1909, IM/GI/ DA/ADLR, 002, 53v. O Conselho Municipal, em 17/10/1909, através da Lei nº 22, dispensou a empresa de todos impostos pelo prazo de cinco anos. Lei nº 22, de 17/10/1909. IM/CM/ AL/L, 002, p.87 v. Ato nº 85, de 20/11/1909. IM/GI/DA/ ADLR, 002, 54r

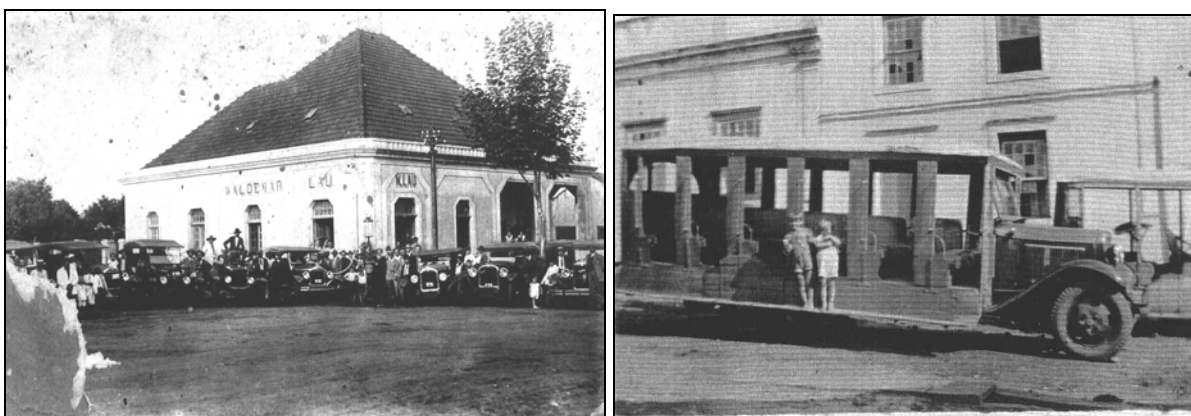
¹²⁰ *Jornal O Commercio*, 8/10/1919, p.2, 22/10/1919, p.3 e 29/10/1919, p.1. A Lei nº 95 e o Ato nº 490, ambos de 12/12/1919, isentaram de pagamento de impostos os auto-bondes. Fonte: IM/CM/AL/L, 007 e IM/GI/DA/ADLR, 007, 30 r.

¹²¹ Depoimento oral fornecido à assessora técnica do Arquivo Histórico do Município de Cachoeira do Sul, Ione Sanmartin Carlos, no dia 1º de agosto de 2001, às 18h. Nome: Maria Costa Correa. Nascimento: 1913 [filha]. Nome: Gilda da Cunha Costa. Nascimento: 1917 [sobrinha]

¹²² *Jornal O Commercio*, 2/12/1925 e 7/12/1927, p.4

¹²³ JP, 31/3/1949 *O Transcurso do 25º aniversário de fundação da “Agência Ford” desta cidade*, p.1

até então vendida em galão nas casas comerciais, como a de Guilherme Preussler, na rua David Barcellos.¹²⁴ Em 1926, o intendente João Neves da Fontoura instituiu a obrigatoriedade de instalar-se o “sistema de fornecimento de gasolina a varejo por meio de aparelhos modernos, de segurança e perfeição que melhor correspondam ao interesse público, instalados no sub-solo dos logradouros públicos, sem prejuízo do trânsito de pedestres e do tráfego de veículos”.¹²⁵ Pelo decreto n.256, de 16 de fevereiro de 1927, as bombas de gasolina só poderiam ser instaladas com distância mínima de “três quadras edificadas, contadas em linha reta, para cada rua”.¹²⁶ A primeira bomba de gasolina foi inaugurada defronte à Bromberg & Cia, na rua Saldanha Marinho, vendendo a marca Atlantic, em 21 de março de 1927. No dia seguinte, foi inaugurada outra bomba, mas defronte à Igreja Matriz, na praça Balthazar de Bem.¹²⁷ Um mês depois, foi inaugurada o terceiro ponto de venda de gasolina, a primeira da bandeira Standard Oil Co. of Brazil, na rua Júlio de Castilhos esquina Juvêncio Soares, tendo como agente João Minssen.¹²⁸ O ato de inauguração, realizado às 16 h 30 min do dia 9 de abril de 1927, foi registrado na fotografia dado seu caráter festivo, com assistência de muitos motoristas, representantes da imprensa local, comerciantes e industriais. Foi oferecido na ocasião abundante chope aos presentes. Em julho, o mesmo agente instalou uma segunda bomba da marca, na rua Sete de Setembro.¹²⁹



Figuras 62 e 63 – Inauguração de bomba de gasolina e Ônibus com bancos transversais e laterais. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Outra visibilidade dada pelo intendente João Neves da Fontoura foi no re-ajardinamento das praças centrais. Na praça José Bonifácio, as paineiras foram substituídas

¹²⁴ Jornal O Commercio, 2/6/1920 Bombas de gasolina, p.3

¹²⁵ Decreto n. 223, de 25 de janeiro de 1926, art.1º, Fonte: IM/GI/DA/ADLR, 010, Actos e Resoluções do Intendente, p.99, 100, 101,102 e 103. Ver também decreto n ° 250, de 18 de janeiro de 1927, publicado no Jornal O Commercio, em 19/1/1927, p.2.

¹²⁶ Artigo 1º do Decreto n° 256, de 16 de fevereiro de 1927. Fonte: IM/G/DA/ADLR - 010 - 195 r.

¹²⁷ Jornal O Commercio, 23/3/1927 Bomba de gasolina, p.4

¹²⁸ Jornal O Commercio, 13/4/1927, Bomba de gasolina p.1

¹²⁹ Acto n° 1194, de 22 de julho de 1927. Fonte: IM/GI/DA/ADLR, 010, p.212

por novas mudas, sob o argumento que “mais enchiam as ruas de folhas caídas do que de sombras”. O novo Horto Municipal passou a fornecer mudas de flores e de árvores das mais variadas espécies. A responsabilidade estava por conta do engenheiro-agrônomo Guilherme Gaudenzi, cedido pelo município de Porto Alegre.¹³⁰ Em 1926, a Intendência abriu concorrência para construção e exploração do teatro-cinema, prédio que duraria poucos anos no local,¹³¹ e para colocação de piso mosaico tipo *trottoir*, na cor cimento, com desenhos semelhantes aos usados em Porto Alegre, nos passeios.¹³²

No mesmo ano, houve remodelação em seus jardins, foi construído o ringue de patinação, “de forma circular, com piso de cimento e circundado por um parapeito de cimento armado, com várias entradas para a pista” e bancos de cimento com assento de madeira, foi aberta a concorrência para a construção de um bar, demolido o chalé Ponto Chic de Luiz Leão, instalado uma bomba de gasolina por João Minssen, derrubadas as “velhas” paineiras, construídas “elegantes balaustradas” e canteiros, plantadas roseiras trepadeiras, instalados postes de ferro fundido e iluminação elétrica, tudo isso para dar “ao conjunto geral da praça um cunho característico de modernismo”.¹³³ Em 1928, foi construída a “elegante” pérgula, passeio feito com duas séries de colunas paralelas para suportar as tumbergias e roseiras-trepadeiras. Também o bebedouro de animais foi transferido para a praça São João, no bairro Fialho.¹³⁴

A remodelação da praça José Bonifácio foi fartamente fotografada. Nas imagens a seguir aparecem a testada sudoeste, com a derrubada das paineiras no canteiro central, construção de balaustradas e canteiros e instalação de postes de ferro fundido e bancos de concreto com assento de madeira e da pérgula, construída no lado noroeste.

¹³⁰ FONTOURA, João Neves da. *Memórias. 1º volume. Borges de Medeiros e seu tempo*, op.cit., 1958, p.245

¹³¹ Acto nº 1.105, 21/9/1926. Fonte: IM/GI/DA/ADLR, 010, p.167

¹³² Contrato que faz a Intendência Municipal de Cachoeira com o sr. Guilherme Paulo S. Felizardo, para o fornecimento de mosaicos destinados ao calçamento de passeios da Praça José Bonifácio, 17/6/1926. Fonte: IM/GI/AB/C, 004, p.24 v. Jornal O Commercio, 26/1/1927, Passeio da Praça José Bonifácio, p.2. Jornal O Commercio, 23/2/1927 Praça José Bonifácio, p.1.

¹³³ Intendência Municipal. Edital de concorrência para a construção e exploração de um bar na praça José Bonifácio, 18/4/1927. Jornal O Commercio, 20/4/1927, p.4 e 27/04/1927, p.4. Jornal O Commercio, 4/5/1927 Ao redor da Praça José Bonifácio, p.4. Acto nº 1.194, de 22/7/1927. Fonte: IM/GI/DA/ADLR, 010, p.212. Jornal O Commercio, 31/8/1927 Edital Intendência Municipal. Concorrência Pública, p.2, 26/10/1927 Ponto Chic, p.4, 9/11/1927 Praça José Bonifácio, p.1, 9/11/1927 Iluminação Pública, p.3 e 30/11/1927 Praça José Bonifácio, p.1. Ver ainda JP, 29/11/1983 Museu faz mostra sobre história do José Bonifácio, p.1

¹³⁴ Jornal O Commercio, 7/11/1928 Jardins e praças Públicas, p.2



Figuras 64 e 65 – Remodelação da praça José Bonifácio, em 1928. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Ainda na remodelação estética, João Neves da Fontoura mandou instalar, em novembro de 1927, na parte central e no bairro Rio Branco, 228 postes de iluminação Nova Lux, fabricados em ferro fundido pela General Electric norte-americana. Os postes tinham globo opalino de 30 centímetros de diâmetro e variavam de uma, três ou cinco lâmpadas, numa intensidade luminosa de 33.185 velas. Até as melhorias, o centro da cidade tinha luminosidade de 19.195 velas, concentradas em poucas ruas centrais. O custo da obra foi de 116.748\$598 réis, média de 297\$828 réis por lâmpada instalada. Os locais que receberam maior quantidade de postes foram, respectivamente: praça José Bonifácio (49); rua Sete de Setembro (43); praça Balthazar de Bem (37); rua Saldanha Marinho (36); rua Moron (16); rua Venâncio Aires (13) e praça Borges de Medeiros (10). Os demais logradouros receberam menos de 8 postes: Firminiano, General Câmara, General Osório, Ramiro Barcellos, General Portinho, Major Ourique, 24 de maio, 7 de Abril, Deoclécio Pereira, Largo Colombo, Andrade Neves e Ernesto Alves.¹³⁵

O aspecto estético da arquitetura e do espaço urbano da zona central, em fins dos anos 20, aproximaram Cachoeira dos centros mais desenvolvidos do Estado e do país. A fotografia noturna materializa o desejo da elite civilizar a área urbana, aproximando-a do que havia de mais moderno em termos de infra-estrutura para o uso da cidade à noite: a iluminação. No lado esquerdo e no canteiro central predominavam os postes com um globo. No lado direito, da praça José Bonifácio, foram colocados postes de um e cinco globos, iluminando os bancos de concreto dispostos na calçada de extraordinária largura. A predominância da luz na zona central revela para quem fora feito tais melhorias. Se o centro ficou bem iluminado, as demais áreas da cidade continuaram às escuras.

¹³⁵ Jornal *O Commercio*, 9/11/1927 Iluminação Pública, p.3

Já a fotografia diurna registra o visual que aproximou a cidade deste modernismo progressista. O calçamento de pedra na rua era impecável; nas calçadas, o piso quadriculado destacava-se; o meio-fio retilíneo dava mostras da padronização e organização desejáveis; a arborização cuidadosamente disposta quebrava a frieza das pedras; os prédios, mesmos os mais antigos, auxiliavam na harmonia do ambiente.



Figuras 66 e 67
Rua Sete de Setembro,
tendo à direita
a praça José Bonifácio,
em tomada
noturna e diurna,
no final dos anos 20.
Fonte:
Museu
Histórico
Municipal
de Cachoeira do Sul



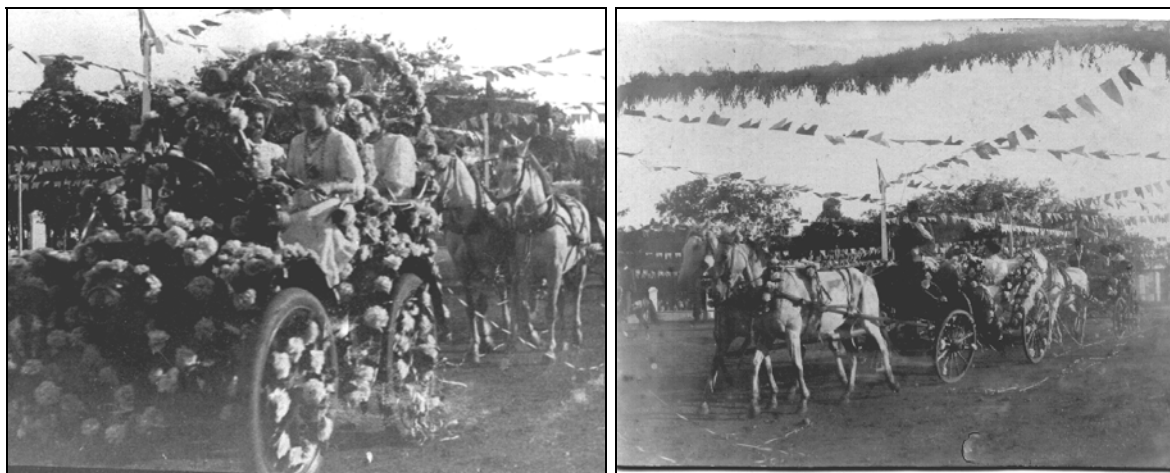
Se a relativa pujança econômica do primeiro quartel do século XX, advinda da cultura rizícola, propiciou a modificação do espaço urbano central do município, paulatinamente, os novos-ricos buscariam sua diferenciação social através do refinamento dos hábitos praticados no dia-a-dia. Ironicamente, esse ambiente moderno, construído como palco para a encenação da elite cachoeirense, serviria de arena do confronto simbólico entre a elite e os subalternos que, nos anos 30-40, passaram a ocupá-lo de forma fremente.

2.5. Refinamento de hábitos: a prática cotidiana da elite cachoeirense

Como visto, mesmo antes da grande intervenção urbana de 1925-28, a zona central cachoeirense passara por modificações pontuais – macadamização das ruas, colocação de postes de luz, ajardinamento e bancos na praça. Na medida em que o ambiente urbano modernizava-se, a elite moradora do centro procurava sua diferenciação social através de determinadas alterações nas práticas cotidianas, na tentativa de mostrar que eram possuidoras do tão desejado verniz civilizador.

Em solenidades públicas que promoviam, eram comuns festejos que lembrassem a distinção entre os estabelecidos e os *outsiders*. Exemplo foi o carnaval, apropriado pela elite desde 1900, data do início dos festejos na cidade. Na época, a diversão ocorria principalmente na praça José Bonifácio, através de desfiles de charretes floridas e blocos como o dos Pirilampos e Os Diabos. Da mesma forma que nos demais dias do ano, limites simbólicos dividiam as comemorações carnavalescas na praça, mantendo elite e subalternos separados. Outro evento segregacionista foi a Batalha das Flores, que consistia no desfile de carros organizados na avenida das Paineiras, trecho da rua Sete de Setembro que ladeava a praça José Bonifácio, onde moças e rapazes da elite, empunhando cestos com pétalas de flores, divertiam-se jogando-as uns contra os outros. Na revista *Aquarela*, Humberto Guidugli enumerou algumas das famílias que participavam dessa diversão: Isidoro Neves da Fontoura, Balthazar de Bem, Horácio Gonçalves Borges, Antunes de Araújo, Franklin Ferreira, Luiz Pinheiro, Arlindo Leal, Virgílio de Abreu, David Soares de Barcelos, Augusto Priebe, Jaques Bidone, Frederico Ortiz, Zimmer, Fialho, Rodolfo Mota, Francisco Nogueira da Gama, Francisco Timóteo da Cunha e Nicolau Rooss Homrich.¹³⁶ As fotografias de 1913 revelam o empolamento do evento, com a ornamentação das carroças.

¹³⁶ GUIDUGLI, Humberto Attilio. *Centenário de Cachoeira do Sul*, op.cit., 1959



Figuras 68 e 69 – Festa das Flores, em novembro de 1913. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Nesse contexto de diferenciação social, era comum as moças da elite selecionarem futuros pretendentes a partir do status social, não permitindo aproximação ou contato dos que não possuíssem posição elevada. Exemplo disso foi o caso publicado na Revista *Aquarela*, reportando-se a época. Na ocasião, um visitante chamou a atenção do belo sexo, por intermédio do qual ia infiltrando-se nos ambientes elitizados. Sempre com o nome em foco, aparecia principalmente na praça José Bonifácio, onde, “metido em seus trajes bem talhados, encantava o mundo feminino”. Decorreram semanas até descobrir-se tratar de embusteiro, quando passou a ser ignorado pelas mesmas donzelas que tanto encantou.¹³⁷

Muitas moças da elite namoravam visando unicamente desbancar a rival, demonstrando que por detrás do véu aristocrata, fervilhavam os ânimos mais apaixonados.¹³⁸ Os rapazes não deixavam por menos. Aos sábados de madrugada, grupos percorriam as casas das pretendentes para fazer serenatas. Por várias vezes, os pais delas terminavam a homenagem despejando “água que não se bebe” sobre os cantadores. Numa ocasião, atrevido rapaz segurou à força senhorita da alta elite que fazia seu *footing* na praça José Bonifácio, beijando-a prolongadamente. O ato causou indignação e tumulto entre os freqüentadores. Em outra, senhor de idade avançada, porém riquíssimo, namorava linda moça de 19 anos, sem aprovação da família que chegou a trancá-la em casa, num quarto escuro. A comunidade protestou e levou o caso ao conhecimento das autoridades. Manifestações pró e contra foram feitas. Mais tarde ambos se casaram. A solenidade foi realizada debaixo de extraordinária

¹³⁷ GUIDUGLI, Humberto Attilio. *Verso e reverso da vida*, Revista *Aquarela*, novembro de 1957, n.2

¹³⁸ GUIDUGLI, Humberto Attilio. *Cenas da vida da antiga Cachoeira*, Revista *Aquarela*, dezembro de 1963. n.14

aclamação, tendo sido despejado nas pessoas presentes “grande vidro do mais fino extrato de Paris”.¹³⁹

Se algumas diferenças sociais podiam causar alvoroço ou constrangimento, era na delicada questão da divisão racial que mostrava-se a verdadeira fronteira da lógica civilizacional. Como bem atestam os episódios do *Tira o chapéu* ocorrido na praça José Bonifácio – onde os ânimos se conturbaram porque mulheres negras e pobres, vestindo fino chapéu, avançaram no espaço da elite branca – ou num outro que envolveu cançonetista negro que veio fazer espetáculo na cidade e, após a apresentação, procurou o melhor hotel de Cachoeira, sendo negado-lhe hospedagem dada sua etnia.¹⁴⁰

Nos eventos sociais promovidos em espaços restritos, exigia-se comportamento adequado. Nos bailes, reuniam-se elementos da fina sociedade. As matronas, em seus lugares estratégicos, dirigiam as moças com o olhar, ora carrancudo ora suave, corrigindo eventuais falhas, repreendendo modos, enquanto a orquestra recebia ordens para repetir a mesma música a fim das danças tornarem ao seu verdadeiro andamento.¹⁴¹ Nos salões dos quartéis do Exército, antes da Revolução de 30, promoviam-se festas e horas de arte, comparecendo famílias da sociedade, cavalheiros, artistas amadores e musicistas.¹⁴²

Mas foi na formação de associações que mais refletiram-se tentativas sistemáticas de construção de identidades próprias de cada grupo social, mesmo considerando-os pertencentes à elite cachoeirense. No espaço de trinta anos, vários clubes foram fundados em Cachoeira: Sociedade Atiradores Concórdia (fundado como *Schützen-Verein Eintrach*, em 1896); *Società Italiana Principe Umberto* (1913), Tiro de Guerra n.254 (1916), Sociedade União Cachoeirense (1920), Clube Comercial (1924) e Sociedade Israelita Cachoeirense (1926).¹⁴³

As agremiações cachoeirenses que podiam ser consideradas eminentemente aristocráticas eram, primeiramente, o Clube Comercial e, residualmente, a Sociedade Atiradores Concórdia. Aceitava-se os teuto-brasileiros nessa categoria muito mais por sua importância econômica em Cachoeira. O processo de admissão ao quadro de sócios do Concórdia dificultava o ingresso de todos aqueles que não tivessem descendência germânica.

¹³⁹ GUIDUGLI, Humberto Attilio. *Moça beijada*. Revista Aquarela, dezembro de 1963, n.14, e *O destino é quem decide*. Revista Aquarela, abril de 1964, n.16

¹⁴⁰ GUIDUGLI, Humberto Attilio. *Negou hospedagem*. Revista Aquarela, outubro de 1957

¹⁴¹ GUIDUGLI, Humberto Attilio. *O Centenário de Cachoeira do Sul*, op.cit., 1959

¹⁴² GUIDUGLI, Humberto Attilio. *Belos tempos*, Revista Aquarela, dezembro de 1968. n.27

¹⁴³ Dados fornecidos pelo Arquivo Histórico Municipal. Ver também <http://www.cachoeirasul.rs.gov.br/perfil/index.asp>, acessado em 20/10/2005, Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul. *100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996*, op.cit., 1996. A *Schützen-Verein Eintrach*, mudou de nome durante a I Guerra Mundial, para Sociedade Atiradores Concórdia. Em 1939, suprimiu Atiradores, ficando Sociedade Concórdia. Na Segunda Guerra Mundial, em 1943, para Sociedade Rio Branco.

A solicitação dava-se através de pedido escrito à Diretoria, que colocava o nome em exposição pública durante quatro semanas. Para o candidato ser aceito, tinha de obter a maioria dos votos dos demais, através de escrutínio secreto.¹⁴⁴ No Clube Comercial, a casta tinha razão de ser por agregar membros do alto comércio ou indústria locais, de origem luso ou não. A sociedade italiana aparecia em segundo plano devido a menor presença dos ítalo-brasileiros na cidade. Da mesma forma, o Grêmio Náutico Tamandaré (1936) agregou praticantes do remo que já tinham ligações com outros clubes. Somente após a Segunda Guerra Mundial, quando os remadores incorporaram o patrimônio dos italianos, é que o Náutico passou a promover eventos sociais de maior destaque, sendo alçado à nata da sociedade cachoeirense.¹⁴⁵

Na busca pela diferenciação, os esportes assumiram papel preponderante, na medida em que possibilitaram materializar a racionalidade do corpo saudável, tão em voga no período.¹⁴⁶ Entre a elite cachoeirense, o tênis teve grande preferência pois, além do aspecto físico, permitia a “convivência em ambiente de elevada expressão social”.¹⁴⁷ Antes da construção da primeira quadra da Sociedade Atiradores Concórdia em 1920, as partidas eram jogadas na cancha particular de Emílio Barz, localizada na esquina das ruas Saldanha Marinho e Milan Krás (centro), ou numa cancha improvisada nas imediações da rua Júlio de Castilhos, esquina com Juvêncio Soares (entre o centro e a zona alta da cidade). Em 1922, adeptos fundaram o Tênis Clube Cachoeira, posteriormente transformado em departamento da Sociedade Atiradores Concórdia. No ano seguinte, surgiu uma segunda agremiação, o Rio Branco Tênis Clube, fundado por torcedores do Cachoeira Futebol Clube. A procura pelo esporte trouxe a necessidade de construção de novas quadras. Em fins dos anos 20, foi construída a quadra de tênis na parte dos fundos da praça Borges de Medeiros.¹⁴⁸

Em menor grau, o ciclismo contou com adeptos desde fins do século XIX, chegando a ser fundado um clube em 1896. Entre os aficionados, constavam nomes das famílias Batista, Fetter, Guardiola, Guidugli, Homrich, Lang, Leusin, Lübke, Muller, Pohlman, Riccardi,

¹⁴⁴ Ver *100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996*, op.cit., 1996, p.52

¹⁴⁵ Ver Jornal O Commercio, 9/7/1913 Festa Inaugural Italiana Príncipe Umberto. Diversas Notas, p.1, SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartin. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p. 155-173 e *100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996*, op.cit., 1996. No Anexo VI, a relação nominal dos fundadores e presidentes do Clube Comercial, e dos fundadores, das madrinhas no batismo dos barcos e tripulação do Grêmio Náutico Tamandaré

¹⁴⁶ SILVA, Ana Márcia. *Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional*. In: Cadernos CEDES v.19 n.48 Campinas, agosto. 1999 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621999000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 20/3/2006]

¹⁴⁷ PORTELA, Vitorino; PORTELA, Manoel de Carvalho. *Cachoeira Histórica e Informativa*. op.cit., 1943, p.326

¹⁴⁸ Dados extraídos de *100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996*, op.cit., 1996, p.95-97

Sabseverino, Schaurich, Treptov, Wolff, Xavier e Zimmer.¹⁴⁹ No mundo ocidental, o ciclismo virou atração quando os fabricantes conseguiram alçá-lo à condição de símbolo máximo da liberdade individual, dado sua grande mobilidade, algo equivalente a voar e capaz de livrar o indivíduo da preguiça e depressão.¹⁵⁰ A primeira prova ciclística foi realizada somente em 1934, na Volta da Charqueada.¹⁵¹ Junto com o ciclismo, a corrida atlética conquistou muitos adeptos. O Clube Ginástico organizou o Campeonato do Passo em 1903, que consistia em percorrer a pé, em grupos de quatro integrantes, os dezesseis quilômetros da Volta da Charqueada. Participaram da corrida Arnoldo Neujahr, Emilio Matte, Francisco Schroeder, Osvaldo Rother, Henrique Lauer, Otávio Simões, Ricardo Voigt Filho e Adolfo Schumacher.¹⁵²

Entre os alemães da Sociedade Atiradores Concórdia, o tiro e a ginástica foram as principais das modalidades esportivas. O tiro ao alvo foi a razão da denominação inicial: *Schützen-Verein Eintracht*. Na Primeira Guerra Mundial, o Tiro de Guerra se apropriou das estandes de tiro e confiscou as armas dos alemães. Com o término do conflito bélico, o esporte não conseguiu reviver seus adeptos. A organização da Sociedade de Ginástica, o *Turnverein*, é posterior, data de 1908. As modalidades praticadas eram exercícios de barra, paralelas, cavalos e argola, ginástica sueca, marchas e evoluções rítmicas, salto em altura e distância, arremesso de bola, disco e dardo, e corridas de 100 m e 400 m. Com a Segunda Guerra Mundial, a ginástica e o atletismo deixaram de lado seu caráter competitivo, sendo incorporados ao Atlético Rio Branco, que priorizava esportes coletivos em detrimento ao praticado individualmente, como o basquete e o vôlei. Além do tiro e da ginástica, destacava-se entre os de origem germânica o bolão, praticado inicialmente em canchas de terra batida, improvisadas ao lado de pequenas casas comerciais germânicas, servindo de atrativo para a freguesia.¹⁵³

A prática do esporte estendeu-se em pouco tempo aos subalternos. Aqueles que não faziam parte da alta sociedade cachoeirense, acabaram por aderir ao futebol, que rapidamente rompeu círculos aristocráticos para ganhar as ruas e tornar-se entretenimento popular de largo alcance. Segundo Gilmar Mascarenhas de Jesus, a prática futebolística introduziu-se na vida urbana brasileira justamente no momento em que se vivia a conjuntura de acirramento das

¹⁴⁹ Segundo GUIDUGLI, Humberto Attilio. *Centenário de Cachoeira do Sul*, op.cit., 1959

¹⁵⁰ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro*, 1998 [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/257.pdf> – acessado em 20/3/2006]

¹⁵¹ JP, 28/1/1934 Vida desportiva. Ciclismo, p.2

¹⁵² Segundo GUIDUGLI, Humberto Attilio. *Centenário de Cachoeira do Sul*, op.cit., 1959

¹⁵³ Dados extraídos de *100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996*, op.cit., 1996, p.39-47 e 79-80

tensões raciais, ainda mais no Rio Grande do Sul, onde o afluxo de imigrantes europeus foi particularmente maciço, fazendo com que a situação do negro ganhasse contornos dramáticos, terreno fértil para a ideologia anti-negro.¹⁵⁴ O futebol foi trazido para Cachoeira pelos ingleses que assumiram o estabelecimento industrial Charqueada do Paredão, em fins do século XIX. Nas décadas de 10-20, surgiram os primeiros clubes, Cachoeira Futebol Clube e Sport Clube Cachoeirense (transformado em Guarany Futebol Clube). Os jogos ocorriam em campos fora da zona urbana central: bairro Fialho (Santo Antônio), Coxilha do Fogo (Soares), Vila Tibiriçá (zona do meretrício), Vila Militar, Castagnino, Chácara dos Portinho, Mauá, Tabajara, Alto dos Loretos ou mesmo entre o centro e a zona alta, na rua Júlio de Castilhos. A exceção era o campo próximo dos engenhos de arroz, mesmo assim, fora da visão da elite.¹⁵⁵

Na busca pelo corpo saudável, ganhou força o hábito de banhar-se publicamente, nada novo nem local. Na Europa, a partir da metade do século XVIII, o banho de mar e nas estâncias termais viraram moda entre a elite ao mudar radicalmente sua concepção, de ameaçador para algo terapêutico, capaz de curar as moléstias, sendo prescritos por médicos e higienistas. A nova ordem era fortificar e repor a energia que a vida urbana exauria.¹⁵⁶

Pela grande distância do litoral, a elite cachoeirense adotou a moda dos banhos terapêuticos no próprio rio. Desde o século XIX, famílias usavam o rio para recreação. Muitas chegavam a passar a temporada acampadas, principalmente próximo da cachoeira. Além das ninfas que se banhavam quase diariamente, idosos com reumatismo procuravam as águas do Jacuí. Suas margens eram consideradas local pitoresco e aprazível, com árvores copadas fornecendo sombra perfeita para os piqueniques. Organizavam-se bailes ao som de violas, violões, acordeonas e instrumentos de sopro regidos pelos musicistas locais. Os pescadores forneciam piavas e dourados para os veranistas intercalarem com os churrascos. Os adultos aproveitavam a queda da água sentados em pedras retilíneas, enquanto as crianças brincavam nas piscinas naturais, sob olhares maternos. Os olhos masculinos ficavam atentos nas mulheres que se banhavam vestidas de longos camisões.

Nos anos 1910-20, o veraneio nas margens do rio diminuiu, dando lugar à temporada de praia. Uma das causas teria sido porque uma jovem da alta sociedade acidentou-se na

¹⁵⁴ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre*. In: Revista Anos 90, Porto Alegre/RS: UFRGS/PPG História, n.11, julho, 1999 [p.144-160]

¹⁵⁵ JP, 22/12/2005, Entrevista com Sérgio Engel. *Futebol dos anos dourados na zona norte* [disponível em http://www.jornaldopovo.com.br/default.php?arquivo=_materia.php&intIdEdicao=898&intIdConteudo=57924 – acessado em 22/3/2006]

¹⁵⁶ CORBIN, Alain. *O território do vazio: A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p.81

cascata em 1912, escorregando nas pedras e sendo levada pelas corredeiras.¹⁵⁷ Todavia, a razão mais concreta foi a construção de vários trechos ferroviários em todo Estado, em fins do século XIX e início do XX, melhorando consideravelmente o acesso ao litoral, permitindo que parte da elite se deslocasse para as praias. Da estação de Cachoeira era possível ir de trem até Santo Amaro (atual Amarópolis), seguir de vapor até Porto Alegre e de lá rumar para o litoral norte, principalmente para praias como Cidreira e Tramandaí. Outra possibilidade era seguir para Cacequi e de lá embarcar para Bagé, Rio Grande e Cassino, balneário pioneiro do sul do Brasil, estruturado em 1890. Inspirado nos balneários europeus, Cassino tornou-se espaço de lazer das elites gaúchas. O hotel Cassino, administrado pela Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar, dispunha de 136 quartos, grandes salões de concertos, baile, bilhar, tiro ao alvo, ciclismo, atletismo, hipismo, camarotes na praia e barracas para banhistas. Era comum hóspedes divertirem-se com passeios na praia, serenatas, concertos musicais e mesmo bailes organizados no verão.¹⁵⁸

Afora os espaços eminentemente públicos, os requintados ambientes privados ganharam notoriedade com a pujança econômica e as reformas urbanas dos anos 1910-20. No contexto desse crescimento e prestígio social e político, os estabelecidos recebiam em suas residências ilustres visitantes, como o poeta Olavo Bilac em 1916, ocasião entre tantas onde podiam mostrar refinamento, conforme mostra a fotografia da época. Recitais e concertos ocorriam em espaços variados, como no Clube Comercial, na Sociedade Atiradores Concórdia ou mesmo em salões particulares. As peças teatrais foram encenadas no prédio ao lado da intendência somente até 1911, quando passaram para o galpão do cine-teatro da praça José Bonifácio. Antes disso, o prédio de 1831 havia passado por reformas, mas a parte frontal acabou desabando em fevereiro de 1906. Dois anos depois, a intendência efetuou alguns reparos. O prédio acabou sendo doado para o Estado instalar o Colégio Elementar e o Fórum, em 1913-14.¹⁵⁹ Havia também os cafés, reduto quase exclusivo aos do sexo masculino, como

¹⁵⁷ JP, 24/1/1935 Praia de Banhos. Seutonio, p.1 e 27/1/1935 Praia de banho. Seutonio II, p.1

¹⁵⁸ BARCELLOS, João. *Cassino história e ambientes: a educação e a sua preservação*. In: Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Fundação Universidade de Rio Grande, s/d [disponível em <http://www.sf.dfis.furg.br/mea/remea/congress/artigos/comunicacao14.pdf> – acessado em 20/3/2006]

¹⁵⁹ Fonte: CM/OF/A, 002, 75v 76 r. CM/OF/A, 002, 75v 76 r, IM/RD/SF/D, 042, n.312, IM/RD/SF/D, 043, n.841, IM/RD/SF/D, 043, n.826, IM/RD/SF/D, 043, n.838, IM/RD/SF/D, 043, n.868, IM/RD/SF/D, 043, n.1091, IM/RD/SF/D, 043, n.938, IM/RD/SF/D, 043, n.1086, IM/RD/SF/D - 043 - nº 1150, 1830. IM/D/S/SE/CR, 009. IM/S/SE/CR, 009, 23/2/1908. IM/GI/AB/C, 001, 58 r e v, 28/3/1908, Livro de Lançamento de Contratos celebrados com a Intendência Municipal, 1902 a 1914. IM/GI/AB/RE, 007, p.5, 1913. IM/GI/AB/RE, 007, p.43, 1913. Jornal Rio Grande, 24/8/1913 Doação do Teatro Municipal, p.2. e IM/GI/AB/Re, 002, p.20, Relatório apresentado pelo Intendente Capitão Francisco Fontoura Nogueira da Gama ao Conselho Municipal em sessão ordinária de 20 de setembro de 1917. Dados fornecidos pelo Arquivo Histórico Municipal de Cachoeira do Sul. Ver também GUIDUGLIO, Humberto Atílio. *Teatro*. Revista Aquarela, 1957

o Carioca. Além de servirem a tradicional bebida, atraíam assíduos frequentadores por causa dos jogos como carteados e roleta. O instantâneo batido nos anos 20 revela a predominância dos homens, embora no lado esquerdo, quase despercebida, esteja sentada uma mulher. Outra opção era o Bar Cachoeirense, localizado na praça, que usava o espaço público para pôr suas mesas e cadeiras.



Figuras 70, 71 e 72 – Cena interna do Café Carioca. Bar Cachoeirense, na avenida das Paineiras, centro da cidade, e de Olavo Bilac em reunião na residência de João Neves da Fontoura, anos 20. Fonte: CAMOZATO, Benjamin. *Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil*. Cachoeira: Município de Cachoeira, 1922 e Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul.

O surgimento dos cinemas é desta época. Embora tenham sido pensados para as massas, misturaram estabelecidos e *outsiders*. As primeiras salas de Cachoeira datam dos anos 10, quando Pedro Fortunato Batista Alegri e Vitório Livi abriram o Cinema Parque, funcionando ao ar livre num terreno da zona central. Em 1911, os irmãos Pohlmann assumiram e transferiram o negócio para a praça José Bonifácio, batizando-o de Cinema Familiar. O novo galpão recebeu cobertura de lona, palco, camarotes e cadeiras modernas. Em 1912, Felipe Moser juntou-se a Renoardo Pohlmann, vendendo as instalações para a empresa Figueiró. Em 1913, o novo proprietário passou a ser Manoel Costa Junior, que batizou o estabelecimento de Coliseu Cachoeirense após reformar a fachada e o palco e instalar dez ventiladores turbinados importados da Argentina. Neste mesmo ano, Carlos Keil pôs em

funcionamento, por curto período de tempo, sala de projeção na esquina das ruas Sete de Setembro e Major Ouriques.¹⁶⁰

No início da década de 20, Henrique Comassetto, da firma Comassetto & Carvalho Ltda., adquiriu o Coliseu Cachoeirense, transformando-o oficialmente em cine-teatro. Em 1926, a intendência exigiu a construção de novas instalações em substituição ao “velho barracão” da praça José Bonifácio. Como forma de pressionar, abriu nova concorrência para exploração do cinema. Comassetto venceu mas não cumpriu o contratado. Entre os anos 1927-28, dois outros cinemas funcionaram em Cachoeira, mas logo fecharam suas portas. O primeiro deles, de propriedade de Arthur Freitas e João Antonio Fortes, foi instalado no salão do Clube União Familiar, no Alto dos Loretos, e vinha suprir o público da zona alta da cidade. Estreou em 10 de outubro de 1927, com o filme *O Rio Envenenado*, drama policial em seis atos, atraindo “numerosa assistência de espectadores”.¹⁶¹ Apesar de ser entretenimento destinado ao grande público, o cinema cachoeirense não conseguiu manter-se somente com a venda de ingressos aos moradores da periferia. Com exceção dos trabalhadores dos engenhos de arroz, não existia na cidade grande massa de operários, como nas capitais. Em menos de um mês, Heitor Gomes Martins, Viera da Cunha e Costa Junior adquiriram a aparelhagem e mudaram para o centro da cidade, em terreno na esquina das ruas Saldanha Marinho com Andrade Neves, numa tentativa de aproximar-se do público elitista. Por ser ao ar livre, algo incômodo para quem podia pagar ingressos de maior valor, também teve vida efêmera.¹⁶²

A característica de distinção social, predominante entre as elites de Cachoeira, começaram a sofrer profundas modificações nos anos que se seguiram a 1930, devido ao considerável aumento do fluxo de migrantes que, pouco-a-pouco, deixariam de respeitar os limites simbólicos impostos na ocupação do espaço central, gerando protestos por parte da elite e modificações em suas práticas cotidianas. Para compreensão desse processo, analiso no próximo capítulo os aspectos econômicos e urbanos de Cachoeira, sem perder de vista sua inserção no contexto externo.

¹⁶⁰ Jornal Rio Grande, 28/9/1913 Melhoramentos no Coliseu, p.2. Dado fornecido pelo Arquivo Histórico Municipal de Cachoeira do Sul.

¹⁶¹ Jornal O Commercio, 10/8/1927 Cine União, p.4 e 31/10/1927 Cine União, p.1

¹⁶² Jornal O Commercio, 23/1/1927 Cinema ao ar Livre, p.1 e 11/1/1928 Cine Brasil, p.1

3. A economia e a chegada dos novos bárbaros

3.1. Abundância e crise

Porque as pessoas migram? O ditado em latim *Ubi bene ibi patria* (Onde estás bem, aí está tua pátria) resume a questão do deslocamento populacional de forma contundente. Herbert Klein estabelece como impulso inicial da imigração a constatação da impossibilidade de sobrevivência nos meios tradicionais nas comunidades de origem. Para ele, a condição econômica constitui fator de expulsão mais importante, sendo essencial entender as mudanças responsáveis pelo agravamento da situação crítica que afeta a capacidade potencial que os dispostos a migrar têm de enfrentar. Nos grandes deslocamentos populacionais ocidentais nos séculos XVIII, XIX e XX importaria, predominantemente, o acesso à terra e ao alimento, a variação da produtividade e o desequilíbrio populacional, crescimento do número de membros da família não acompanhada *pari passu* pela produtividade da terra.¹

A evolução populacional européia, conforme Neide Patarra, deu-se em três etapas distintas. A primeira, com alto crescimento potencial, na fase pré-industrial, onde as taxas de natalidade e de mortalidade permanecem altas. A segunda, com crescimento transitório, acompanhando o processo de industrialização de meados do século XVIII, onde a taxa de mortalidade teve declínio sem contrapartida inicial da diminuição da natalidade. A mortalidade decresceu lenta e progressivamente, provocada por melhorias médico-sanitárias, como vacinação, saneamento e alimentação. Em contrapartida, a natalidade, que até então assegurava pequeno crescimento populacional, manteve-se alta, gerando desequilíbrio populacional e colocando em marcha grande número de pessoas, principalmente para as

¹ KLEIN, Herbert S. *Migração internacional na história das Américas*. In: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 13-31

Américas, que atraíam o excedente populacional europeu dada as oportunidades aventadas em termos de abertura de fronteiras e ocupação territorial para a própria manutenção das colônias. Nesta fase, que se prolongou até meados do século XX, deram-se os ajustes específicos ao modo de vida urbano-industrial. Na terceira etapa, houve declínio incipiente, quando a taxa de natalidade caiu a ponto de tornar-se menor que a de mortalidade, ocasionando declínio da população e, posteriormente, seu envelhecimento.²

O contexto populacional da América Latina concentrou sobremaneira as etapas da chamada transição demográfica vista na Europa. Thomas Merrick ressalta para o fato que a região passou de 110 milhões para 450 milhões de habitantes em pouco mais de um século, crescimento ocorrido prioritariamente nas zonas urbanas.³ Até o primeiro quartel do século XX, a expansão econômica produzida pelas exportações estimulou o crescimento de cidades portuárias ou administrativas, mas a maior parte da população latino-americana ainda encontrava-se no campo. A economia de exportação gerou prosperidade, mas somente para a elite que promoveu melhorias urbanas a fim de sobreviver às doenças. A América Latina continuou sendo predominantemente rural até fins dos anos 20, com somente 17% da população residindo em cidades com mais de 20 mil habitantes.⁴

A partir da década de 30, o mundo ocidental começou a sofrer profundas modificações que resultaram na Segunda Guerra Mundial, conflito bélico que marcaria os rumos da civilização humana. A América Latina sentiu os reflexos dessas mudanças através das modificações estruturais políticas, populacionais, econômicas e urbanas. No Brasil, o autoritarismo dos coronéis se transmudaria em populismo, a economia de exportação primária e importação de bens manufaturados da Primeira República sofreria significativas mudanças com a incorporação paulatina de novas tecnologias, obrigando verdadeiras multidões a deixarem o campo rumo às cidades, provocando intensa desorganização no modo de viver de todos. No quinquênio 1930-35, a população brasileira foi estimada em 40 milhões. No Rio Grande do Sul eram 2,1 milhões, 180 mil somente na capital Porto Alegre. O município de Cachoeira do Sul contava com aproximadamente 84 mil habitantes, 20 mil na zona urbana e

² PATARRA, Neide. *Dinâmica populacional e urbanização no Brasil: o período pós-30*. In: FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. op.cit., 1984, p.249-268. Entende-se *transição demográfica* como as transformações populacionais que operam ao mesmo tempo que as transformações globais (econômicas, sociais, políticas, culturais) e que conduzem uma sociedade a outro modo de vida.

³ MERRICK, Thomas W. *La población de América Latina, 1930-1990*. In: BETHELL, Leslie (ed). *História de América Latina. Economía y sociedad desde 1930*. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1993, p.165-215

⁴ BETHELL, Leslie (ed). *História de América Latina. Economía y sociedad desde 1930*. op.cit., 1993, p.165

vilas e 64 mil na zona rural (76,2%), proporção próxima à gaúcha e à brasileira. O perfil rural mostrava-se pelos 94% de municípios brasileiros com menos de 75 mil habitantes.⁵

Desta maneira, a reorganização mundial das forças sócio-político-econômicas, a incipiente mecanização do campo, o aceno de melhores condições de vida na cidade e a expectativa de emprego proporcionada pela industrialização nos decênios seguintes, puseram em marcha milhões de pessoas, resultando na necessidade de ampliação das fronteiras agrícolas para áreas pouco povoadas ou na migração para centros urbanos maiores, fazendo com que a população das cidades aumentasse exponencialmente, gerando necessidades de melhorias nos serviços urbanos e, conseqüentemente, transformando as relações sociais. Nas décadas que se seguiram a 1930, o perfil demográfico se transformaria gradativamente, com a prevalência do urbano sobre o rural. De quarta parte de moradores urbanos passou à metade nos anos 50-60, tendência agravada nas décadas seguintes.⁶ O processo de urbanização decorrente dessas mudanças econômicas-demográficas mundiais marcaram a sociedade brasileira, por conseqüência a gaúcha e a cachoeirense.

O carro-chefe que marca a mudança populacional brasileira, de predominantemente rural para predominantemente urbana, foi o processo de industrialização iniciado em fins do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, mas consolidado no primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Num primeiro momento, a industrialização deu-se como forma de substituir as importações, a partir da formação e ampliação do mercado interno. Esta etapa estendeu-se até meados dos anos 50, quando a industrialização passou a fase da internacionalização do mercado e aprofundamento do caráter monopólico da economia.⁷

No período em questão, estabeleceram-se as condições necessárias para a adoção do modelo econômico de desenvolvimento capitalista com forte participação estatal. Tanto no cenário nacional quanto no internacional, o Estado passou a definir diretrizes de investimento, financiar o desenvolvimento de áreas de interesse público e mesmo assumir total responsabilidade em alguns setores estratégicos, originando os monopólios estatais.

⁵ Anuário estatístico do Brasil 1936. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, 1936. Anuário estatístico do Brasil 1947. Rio de Janeiro: IBGE, v. 8, 1948. Anuário estatístico do Brasil 1937. Rio de Janeiro: IBGE, v. 3, 1937. Anuário estatístico do Brasil 1938. Rio de Janeiro: IBGE, v. 4, 1939. Anuário estatístico do Brasil 1939/1940. Rio de Janeiro: IBGE, v. 5, 1941. Anuário estatístico do Brasil 1941/1945. Rio de Janeiro: IBGE, v. 6, 1946. Anuário estatístico do Brasil 1946. Rio de Janeiro: IBGE, v. 7, 1947. Anuário estatístico do Brasil 1946. Rio de Janeiro: IBGE, v. 7, 1947.

⁶ Fonte: CAMOZATO, Benjamin C. (org.) *Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil*, op.cit., 1922. Anuário estatístico do Brasil 1936. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, 1936. Anuário estatístico do Brasil 1941/1945. Rio de Janeiro: IBGE, v. 6, 1946. Anuário estatístico do Brasil 1950. Rio de Janeiro: IBGE, v. 11, 1951. Anuário estatístico do Brasil 1961. Rio de Janeiro: IBGE, v. 22, 1961.

⁷ Esta divisão é dada por LOPES, Juarez Rubens B. *Redistribuição regional-urbana da população brasileira*. In: Estudos CEBRAP 20, s/d. apud PATARRA, Neide. *Dinâmica populacional e urbanização no Brasil: o período pós-30*. In: FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. op.cit., 1984, p.254-255

Subsidiada politicamente pelo golpe militar de 30, a industrialização brasileira cresceu em ritmo acelerado, atraindo cada vez mais migrantes para as cidades, dando origem ao nascimento de grupos sociais antagônicos: a burguesia ou elite industrial e o proletariado urbanos, além dos intermediários ligados às atividades periféricas da economia agrícola exportadora, como comércio, transporte e bancos.⁸

A industrialização do Rio Grande do Sul ocorreu de forma peculiar, voltada essencialmente aos mercados locais, atendendo consumidores através de diversificada produção. De certa forma, o dinamismo das exportações agrícolas do Estado – também diversificada devido ao fornecimento de gêneros alimentícios e matérias-primas provenientes das zonas de colonização, exportadas para o centro do país – ditavam o volume industrial produzido para o mercado regional. No cerne da industrialização gaúcha estavam as manufaturas artesanais, de caráter doméstico ou mesmo comercial. Foram essas manufaturas, de origem colonial em sua maioria, que transformaram-se em pequenos e médios estabelecimentos febris. Da mesma forma, o mercado de trabalho no Estado proveio essencialmente da expansão demográfica da zona colonial, em atividades manufatureiras operadas por pequenos proprietários, familiares e eventuais empregados. Todavia, ao lado desses empreendimentos menores, crescia a quantidade de estabelecimentos ocupando maior número de operários assalariados, com processos de trabalho definidos pela ampla utilização da maquinaria.⁹

Cachoeira do Sul foi beneficiada pelo contexto econômico dos anos 30-45, tendo crescimento industrial elevado, impulsionada que fora por abastecer o mercado interno, em grande parte regional. O parque industrial do município, no segunda metade dos anos 30, já contava com substantivo número de fábricas, principalmente na produção de gêneros alimentícios. Em 1937, dados oficiais apontam 160 fábricas ou oficinas com capital de 3.200:000\$000 réis e produção no valor de 9.200:000\$000 réis, empregando 500 operários e consumindo 446 HP de força motriz. Em 1938, o número de fábricas aumentou para 238, empregando 942 operários, utilizando força motriz de 1,3 mil HP e produzindo

⁸ Ver BENETTI, Viviana. *A corrente desenvolvimentista e o projeto político no Rio Grande do Sul: 1950/1962*. Dissertação de Mestrado [orientador Marcos Justo Tramontini], São Leopoldo/RS: UNISINOS/PPG-História, 2002 [disponível em http://www1.capes.gov.br/teses/pt/2002_mest_unisinos_viviana_benetti.PDF – acessado em 14/1/2006]

⁹ Ver HERRLEIN Jr., Ronaldo. *Desenvolvimento industrial e mercado de trabalho no Rio Grande do Sul: 1920-1950*. In: Revista de Sociologia e Política. n.14 Curitiba jun. 2000 [disponível em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782000000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 16/1/2006], PESAVENTO, Sandra Jatahy. *RS: a economia & o poder nos anos 30*. op.cit., 1983 e PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História da indústria sul-rio-grandense*. Guaíba/RS: Riocell, 1985

29.000:000\$000 réis. A tabela a seguir mostra os principais produtos fabricados no município e os respectivos produtores, em 1937:

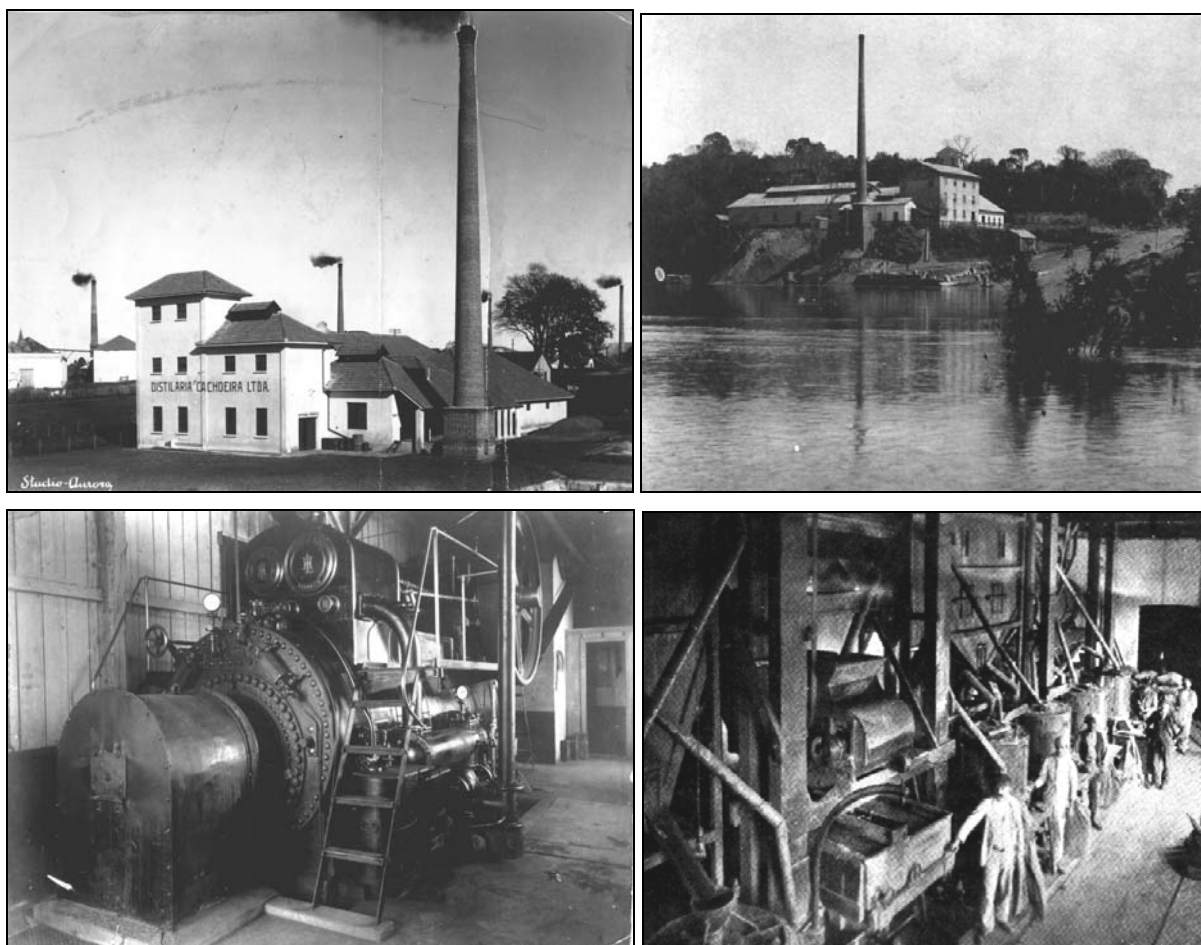
Produto	Principais firmas produtoras
Artefatos de couro	Fontanari, Irmão & Cia e mais 15 produtores menores: Evaldo Bender, Emilio Rohde, Arthur Plautz, Celeste Cassol, Teófilo Rohde, Eduino Ruppenthal, Lindolfo Friedrichs e Ervino Hörbe, entre outros.
Aguardente	Hugo Sório, Reinoldo Wachholtz, Vergilino Moreira, Carlos Milbradt, Alexandre Rosato e Roberto Woll.
Banha e Manteiga	Schiefelbein & Prade e mais 50 produtores menores: Orlindo Martini Filho, Emilio Friedrich, José Burmann, Arthur Hintz, José Frantz, Alexandre Cantarelli, Ernesto Procknow, Adolfo Puffer, Tancredo Strassburguer e Emilio Stieler, entre outros.
Bebidas	João Carlos Schroeder e outros 39 produtores menores: Slvio Scopel, Zanconi & Giacomeli, Vergilino Morais, Luiz Sob, Teodoro Raddatz, Otto Kirsch, Germano Lütke, Bernardo Bartz, Augusto Wachholtz, Francisco Bevilaqua, João Schroeder, Arnaldo Halberstadt, Leopoldo Heller, Bernardo Ehrhardt, Arnaldo Petzhold e Francisco Simon, entre outros.
Café	Ivo Beck & Cia., Artur Tesch, Vasconcelos & Cia., Emílio Nagel Filho, Norberto Wolf, Alfredo Leipzig e outros 5 produtores menores
Calçados e Tamancos	Fontanari, Irmão & Cia., Sperb, Kaempff & Cia. e mais 14 produtores menores: Juvêncio Cardoso & Silva, José Kilian, Albano Stumpf, Margarida Scherer, Wantuil de Araújo, Emilio Ludwig, João Taglapetra, Emilio Schönfelde, Ervino Hoerbe, Teófilo Streck e Eva Bittencourt, entre outros.
Conservas	Osmar Bidone e mais 6 produtores menores
Fumo	De Franceschi & Cia
Jóias	Alfredo Diefenbach e mais 4 produtores menores
Móveis	Wilhem & Rohde, David Sklar e mais 20 produtores menores: David Sklar, Otto Strasburguer, Ricardo Lütke, João Frederico Bock, José Hipp, Barchet & Cassol, Luz Emilio Fenner e Carlos Sthal, entre outros.
Máquinas agrícolas	Carlos Kerber (bombas centrífugas, trilhadeiras, secadores, caldeiras) e Mernak & Cia. (locomóveis, caldeiras a vapor, bombas centrífugas, descascadores, brunidores e prensas hidráulicas)
Perfumarias	Artur A. Goltz (sabonetes)
Vinagre	Valdemar Lau
Outros	Ladrilhos (3), artefatos de tecidos (7), bijuterias (2), inseticidas (1), chapéus para senhoras (4), caramelos (1), velas (1), fogos de artifício (1), artefatos de ferro (4), tintas (1) e artefatos de papel (1)

Tabela 1 – Movimento industrial do município de Cachoeira, em 1937. Fonte: PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. op.cit., p.101-103

A principal atividade industrial na zona urbana ligava-se às lavouras de arroz, principal produto cachoeirense. Destacavam-se, o Grande Engenho Central, de propriedade de Matte, Gaspary & Cia até 1937, quando foi vendido para a Brasil Arroz Ltda, de Porto Alegre; o Engenho Brasil, de Reinaldo Roesch & Cia, inaugurado em 1921, movido a força motriz de um locomóvel Lanz de 115 cavalos, podendo descascar 800 sacos de arroz por dia; o Engenho Cachoeirense, de Willy Tesch, destruído em incêndio em fevereiro de 1948; o São João, de João Garibaldi Santos e João Radünz, na rua da Aldeia; o Bacchin Lewis & Cia Ltda., inaugurado em novembro de 1943 por Odino, Gentil e Euclides Bacchin, Álvaro Lewis

e João Batista Barros, na rua Otto Mernak (além de beneficiarem trigo e arroz, fabricavam rações e calcário); e o engenho de Irmãos Trevisan S.A., instalado no final dos anos 40, na avenida Brasil.¹⁰

As fotografias registram a atividade industrial do período, como os prédios relativamente novos e o uso do maquinário, utilizados principalmente no beneficiamento do arroz. Nos anos 30, o Grande Engenho Central utilizava o motor Lanz, de 100 HP.



Figuras 73, 74, 75 e 76 – Destilaria Cachoeira Ltda. Grande Engenho Central. Motor Lanz, de 100 HP e parte interna do Engenho Central, anos 30. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Com exceção dos engenhos, a zona central da cidade abrigava poucas indústrias, que localizavam-se principalmente na avenida Brasil, na parte alta da cidade, e na Júlio de Castilhos, rua que ligava a parte baixa da cidade com a parte alta. Tal divisão industrial era reflexo da ocupação urbana. Da parte alta da cidade até as proximidades da parte baixa, incluindo aí o loteamento Santo Antônio, os moradores eram predominantemente oriundos das zonas coloniais, do município ou de outras partes do Estado. De forma natural, a

¹⁰ *Levantamento Histórico da industrialização de Cachoeira do Sul*. op.cit., 1983

diversificação industrial, vista principalmente em pequenos empreendimentos, ocorreu no entorno dessa região.

Nas ruas centrais da parte baixa da zona urbana cachoeirense concentrava-se o comércio. Na Sete de Setembro, Saldanha Marinho, Moron e XV de Novembro e mesmo na Júlio de Castilhos, que ligava as zonas baixa e alta, localizavam-se agência de automóveis, alfaiatarias, armazéns de frutas, bancas de jornais e revistas, barbearias, bares, bazar, bombas de gasolina, cafeterias, engraxaterias, escritórios, estúdios de fotografia, farmácias, ferragens, ferrarias, funerária, hotéis, joalherias, livrarias, loja de rádios e “frigidaires”, lojas de calçado, de fazendas e tecidos, de gêneros diversos, lotéricas, oficinas de máquinas de costura, oficinas mecânicas, padarias, pensões, restaurantes, sapatarias, selarias, tinturarias, tipografias, vidraçaria, entre outros ramos.¹¹

Nas fotografias a seguir aparecem dois estabelecimentos que ficavam em frente a praça José Bonifácio: a Casa Filho, que vendia tecidos, fazendas e miudezas em geral; e o açougue de Ernesto Krieguer, que aparece de chapéu na imagem. Este estabelecimento mudou-se para o compartimento n.5 do Mercado Público em abril de 1930, tendo sido remodelado de acordo com as exigências da Seção de Higiene Municipal, com a colocação de ladrilhos de mosaico e azulejos da altura de 2 metros.



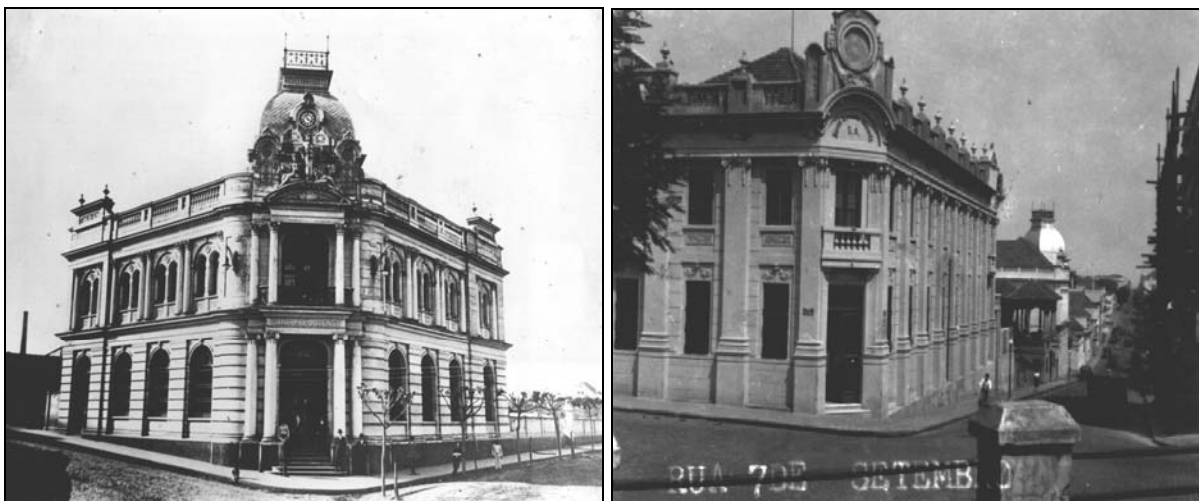
Figuras 77 e 78 – Casa Fialho e açougue de Ernesto Krieguer, ambos em frente a praça José Bonifácio. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Os profissionais liberais instalados no município igualmente atestava seu desenvolvimento: dezessete médicos, com especialidades diversas, como cirurgias, parteiros, doenças de crianças, de olhos, ouvidos, nariz, garganta, de pele, tuberculose, moléstia de

¹¹ PORTELA, Vitorino; PORTELA, Manoel de Carvalho. *Cachoeira Histórica e Informativa*. op.cit., 1940, p.159-161

senhoras; treze dentistas, entre cirurgiões e práticos licenciados, com especialidades em pontes, dentaduras, extração de nervos e dentes com anestesia; quatro parteiras; quatro engenheiros e construtores; doze advogados em causas criminais, civis, comerciais.¹²

A pujança da economia local mostrava-se nas seis agências de bancos, todas localizadas na zona baixa: Banco do Brasil, Banco Nacional do Comércio, Banco do Rio Grande do Sul, Banco da Província do Rio Grande do Sul, Banco Agrícola Mercantil e Banco Pfaiher. As fotografias a seguir mostram a fachada dos edifícios do Banco Pelotense, posteriormente sede do Banco do Rio Grande do Sul, e do Banco Agrícola Mercantil, ambos erguidos em esquinas do final da rua Sete de Setembro, próximo da Estação Ferroviária, no Largo do Colombo.



Figuras 79 e 80 – Edifícios dos bancos Pelotense, posteriormente sede do Banco do Rio Grande do Sul, e Agrícola Mercantil. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

A crescente industrialização e a relativa pujança econômica, vistas a partir de 30, aumentaram a necessidade de prover o município com infra-estrutura compatível, como rodovias, telefonia e energização elétrica. No caso da força motriz gaúcha, a situação de abastecimento foi precária até o *Plano de Eletrificação do Rio Grande do Sul*, concebido pelo governo estadual de forma pioneira em 1945. Até então, a geração de energia no Estado se dava prioritariamente pela queima do carvão (85%) e hidráulica (15%), num verdadeiro “mosaico de usinas” devido as mais de 130 empresas que operavam (12,88% do total no Brasil) no início dos anos 30.¹³

Gunter Axt, num estudo sobre a formação da empresa pública no setor elétrico gaúcho, ressalta para o fato de que até a implantação do Estado Novo, em 1937, a política do

¹² PORTELA, Vitorino; PORTELA, Manoel de Carvalho. *Cachoeira Histórica e Informativa*. op.cit., 1940, p.152 e 266-274. Nos Anexos VII, a relação nominal de profissionais liberais cachoeirenses em 1940.

¹³ MÜLLER, Carlos Alves. *A história econômica do Rio Grande do Sul*. op.cit., p.119-121

governo estadual para com o setor elétrico foi ambígua, uma vez que sustentava discurso intervencionista e sensível à utilização dos potenciais hídricos, ao mesmo tempo que não apoiava os municípios, maiores operadores públicos na época, não tinha nenhum tipo de plano de investimentos no setor e chegava a obstruir, mediante a negação de incentivos, projetos para construção de centrais hidrelétricas pela iniciativa privada nacional.¹⁴ Em Cachoeira, foi construída às margens do rio, no final dos anos 30, a Usina Nova na Chácara Carvalho. Devido ao racionamento imposto pela escassez de óleo diesel durante a guerra, ela utilizava motor a gás e lenha como combustível.¹⁵

Na telefonia, a precariedade foi semelhante. O sistema não mudou praticamente nada desde os primeiros telefones instalados na primeira década do século. Em 1938, o *Jornal do Povo* anunciava a assinatura de contrato entre a concessionária e a municipalidade para instalação de serviço telefônico automático. Mesmo com a pretensão, as críticas foram ferrenhas, chegando a afirmar-se que a utilização de telefone em Cachoeira era só em casos extremos: “Só se lança mão dele quando não há, mesmo, outro jeito. Está se tornando parecido com aquelas bombas de incêndio colocadas nos grandes prédios e de que só se lança mão em caso de fogo”.¹⁶ Apesar disso, acreditava-se que, em 1940, a Companhia Telefônica Riograndense em muito contribuía para o “crescente desenvolvimento do progresso do município”. Neste ano, a cidade possuía 340 telefones instalados, entre sede e distritos. A linha ligando Cachoeira a Restinga Seca era de cobre tipo standard; entre Cachoeira e Caçapava e São Sepé as linhas eram ligadas em circuito duplo.¹⁷

As maiores preocupações não estavam na necessidade de maior força motriz ou na precariedade dos serviços telefônicos, mas na melhoria das precárias redes de tráfego rodoviário, ferroviário e fluvial. Em termos de rodovias, a quase totalidade das estradas em solo cachoeirense eram de terra. A construção e conservação de estradas ligando a sede aos distritos do interior ou a municípios circunvizinhos, incluindo aí pontilhões, bueiros e muros

¹⁴ AXT, Gunter. *A formação da empresa pública no setor elétrico gaúcho*. In: Revista Anos 90. Revista do PPG em História. Porto Alegre/RS: UFRGS, n.4, dezembro de 1995, p.77-86

¹⁵ JP, 25/12/1932 Noticiário. Pagamento efetuado pela Prefeitura, p.3. Ver ainda CORRÊA, Maria Leticia. *O setor de energia elétrica e a constituição do Estado no Brasil: o Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica (1939-1954)*. Tese de Doutorado [orientadora Sônia Regina de Mendonça], Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, PPG-História, 2003 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200334631003010005P6> – acessado em 25/3/2005]. Neste trabalho a autora analisou as diferentes alternativas para a promoção do desenvolvimento do setor de energia elétrica, face à etapa da industrialização brasileira daquele momento, como parte de uma discussão mais ampla acerca dos rumos e da consolidação do capitalismo no Brasil.

¹⁶ JP, 8/9/1938 Noticiário. Telefones automáticos para a nossa cidade, p.3 e 12/3/1939 A companhia telefônica em Cachoeira do Sul, p.4

¹⁷ PORTELA, Vitorino; PORTELA, Manoel de Carvalho. *Cachoeira Histórica e Informativa*. op.cit., 1940, p.126

de arrimo, foram preocupação presente em várias administrações. Frequentemente, o Jornal do Povo publicava a coluna *Noticias do interior do município*, trazendo principalmente o estado das estradas, que tornavam-se intransitáveis após o período de chuvas. O transporte de passageiros e cargas pelo interior era verdadeira “aventura”.¹⁸ As obras de conservação limitavam-se aos meses mais quentes e secos.

O item “Estradas, pontes e pontilhões” ocupa boa parte do *Relatório da Intendência de 1930*. O consenso da edilidade era de que melhorias nas estradas, ligando a sede aos distritos, trariam aumento da riqueza municipal, visto que seria possível escoar a produção da zona de colonização alemã e italiana. Para tanto, foi adquirida a máquina niveladora Adams-Caterpillar. Somado aos serviços de mão-de-obra, a intendência gastou um total de 28:727\$152 réis, sendo 6.616\$750 réis com a conservação das estradas, 4.457\$500 réis com despesas alfandegárias da máquina niveladora, 3.169\$902 réis com materiais e 14:483\$000 réis com seis meses de conservação da estrada Cachoeira-Jacuí, visto que no segundo semestre a conservação desta estrada passou para responsabilidade do governo estadual. Desta forma, o gasto total, entre mão-de-obra e outras despesas, foi de 131:027\$152 réis. No ano de 1929, para o 4º, 5º, 6º, 7º e 8º distritos, foram contratados 3.410 funcionários, por seis dias semanais, com gastos salariais na ordem de 102:300\$000 réis, conforme tabela a seguir.¹⁹

Distritos	n. de operários	n. de dias de serviço	Salários pagos (réis)
4º	410	2.514	12:300\$000
5º	900	5.400	27:000\$000
6º	1.036	6.216	31:080\$000
7º	292	1.752	8:760\$000
8º	772	4.632	23:160\$000
Totais	3.410	20.514	102:300\$000

Tabela 2 – Gastos com melhorias nas estradas do interior, em 1929. Fonte: *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930*. op.cit., 1930, p.27-38

Os trabalhos eram organizados por capatazes e fiscalizados pelos sub-intendentes de cada distrito, além do engenheiro da seção de obras. A mão-de-obra utilizada na conservação das estradas das chamadas zonas agrícolas era composta, em sua maioria, pelos próprios moradores das localidades. A fórmula utilizada permitia que o contribuinte optasse em pagar o valor estabelecido ou trabalhasse no serviço durante seis dias.

¹⁸ JP, 30/6/1929 *Noticias do interior do município*. As estradas do inverno, p.6 e 15/12/1932 *Noticiário*. A Ponte sobre o arroio Nicolau, p.5

¹⁹ *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930*. Cachoeira: Oficinas graphicas d’O Commercio, 1930, p.27-38

O preço cobrado inicialmente pela municipalidade era de 30\$000 réis por propriedade, independente do seu tamanho. Isso gerava distorção de pagamento entre grandes e pequenas propriedades. Em 1929, a intendência tentou modificar esse desequilíbrio. Nas zonas coloniais, aumentou o valor para 42\$000 réis e limitou o pagamento em trabalho para quatro dias. A diferença, 14\$000 réis, deveria ser paga em dinheiro, para cobrir gastos nas estradas principais, nas pontes, bueiros e pontilhões. Para os chamados distritos pastoris, a contribuição aumentou para 100\$000 réis para estâncias com mais de duas quadras de sesmarias.²⁰

Pelo cálculo, um estancieiro que possuísse 50 quadras pagava 100\$000, enquanto 25 contribuintes que possuíssem até duas quadras de sesmarias cada um, pagariam um total de 250\$000. A alteração gerou poucas modificações em termos de arrecadação, visto que as propriedades nesses distritos tinham poucas sub-divisões, redundando em prejuízos para a municipalidade que se via obrigada a gastar mais com o melhoramento das estradas onde predominavam as grandes propriedades, diferente das propriedades coloniais, onde o predomínio era de pequenas propriedades que, conseqüentemente, arrecadavam mais contribuições. Conforme o demonstrativo da receita, foram arrecadados 122:772\$000 réis na rubrica “conservação de estradas”, um prejuízo de 8:255\$152 réis no ano de 1929. Nos seis meses seguintes, de 1º de janeiro a 30 de agosto de 1930, a receita aumentou para 145:023\$000 réis e as despesas para 165:943\$867 réis, gerando prejuízo de 20:920\$867 réis.

A maior parte dos pontilhões, pequenas pontes com vãos menores a uma dezena de metros, era construído em madeira de lei com parte em alvenaria, normalmente a sustentação. O custo desse tipo de obra era relativamente baixo, quando comparado a pontes maiores que exigiam melhores estruturas. Para exemplificar, a reconstrução de sete pontilhões na estrada de Restinga a Dona Francisca (4º distrito) consumiu 5:093\$800 réis, ou 727\$685 réis para cada uma delas; um pontilhão de quatro metros, na localidade de Várzea do Meio (2º distrito), custou 1:500\$000 réis, semelhante a de outro pontilhão construído na estrada do Vale Vêneto, sobre o Arroio Só (5º distrito). Já as pontes maiores custavam bem mais. A ponte metálica construída em Faxinal do Soturno (5º distrito) consumiu 553:087\$102 réis; a reconstrução da ponte do Piquiri (2º distrito), 18:800\$000 réis.

Em vista dos valores elevados para construção de pontes, muitos passos eram transpostos por barcas rebocadas por lanchas a vapor, gasolina ou ainda por meio de cabos de

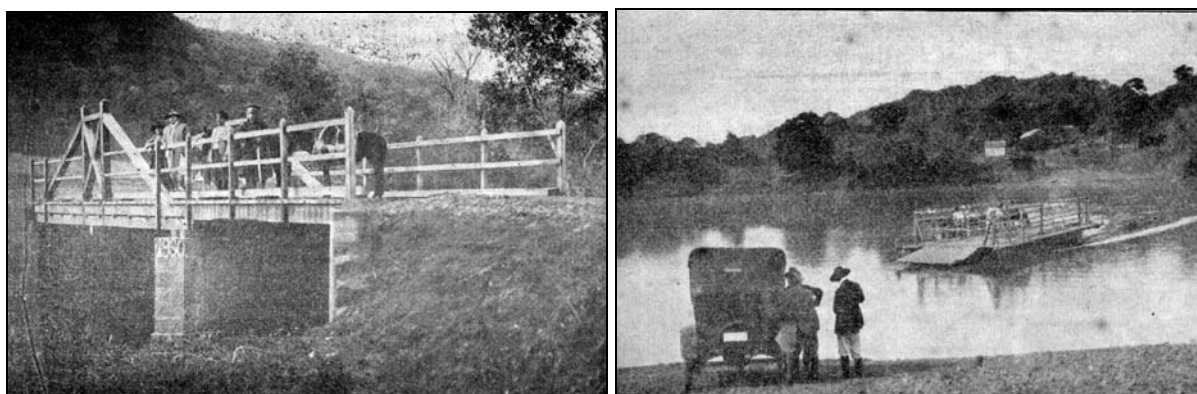
²⁰ Sesmaria é, originariamente, o lote de terra inculto ou abandonado, que os reis de Portugal cediam a sesmeiros que se dispusessem a cultivá-lo. No Brasil, essa antiga medida agrária é ainda hoje usada no Rio Grande do Sul, para áreas de campo de criação. Uma légua de sesmaria de campo tem 3.000 braças, ou 6.600 metros.

aço, denominados “vai-vem”. Os serviços eram arrendados a terceiros. Os passos de maior movimento de Cachoeira eram o do Porto da cidade, Seringa e São Lourenço, todos no rio Jacuí. Conforme explicações do relatório, os passos sem obrigação de pagamento se davam por conta do pouco movimento. A tabela seguir enumera os passos existentes, os respectivos arrendatários e o valor do arrendamento anual:

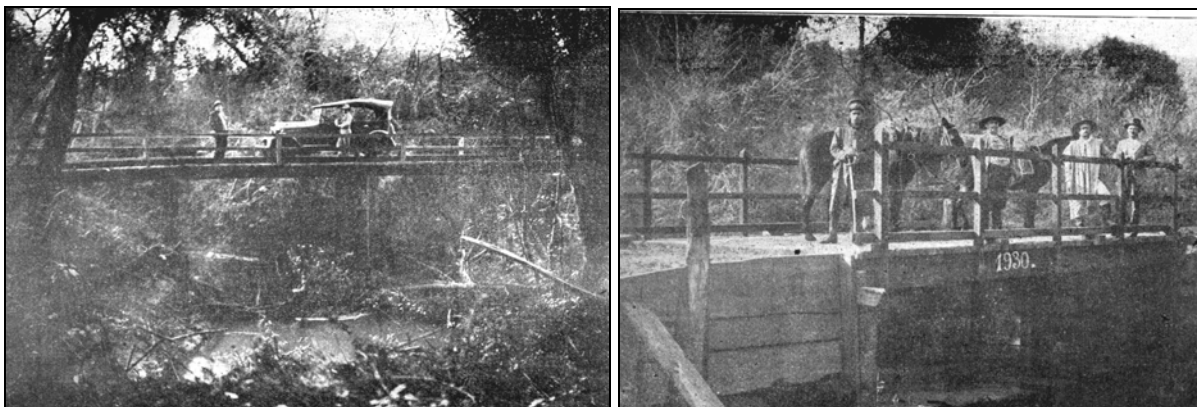
Passos	Arrendatários	Arrendamento anual (réis)
Porto da cidade	João Alves Oliveira	1.000\$000
Seringa	H. Jacob Mallmann	200\$000
São Lourenço	Ricardo M. Lopes	2:666\$666
Cerro Chato	Leopoldo Hentschke	1.000\$000
Saint-Clair	Beltrão M. Lima	633\$333
Porto Magno	Roberto Pfüller	200\$000
Dona Francisca	Benjamin Segabinazzi	2:250\$000
Passo do Jacuí	José Carlos Machado	-
Passo do Macaco	Arthur Geiss	100\$000
Imigrantes	Arthur Röpke	125\$000
Faxinal do Soturno	João Pasetto	500\$000
Passo do Mello	Paulo Bortoluzzi	150\$000
Vacacaí-Mirim	Serafim P. de Castro	-
	Total	8.824\$999

Tabela 3 – Passos, arrendatários e valor do arrendado anualmente, em 1929. Fonte: *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930.* op.cit., 1930.

O *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa*, de setembro de 1930, é farto nas fotografias das estradas do interior, principalmente com as pontes de madeira, decerto por serem elas o item mais custoso na ligação das vias. Também destacam-se os passos.

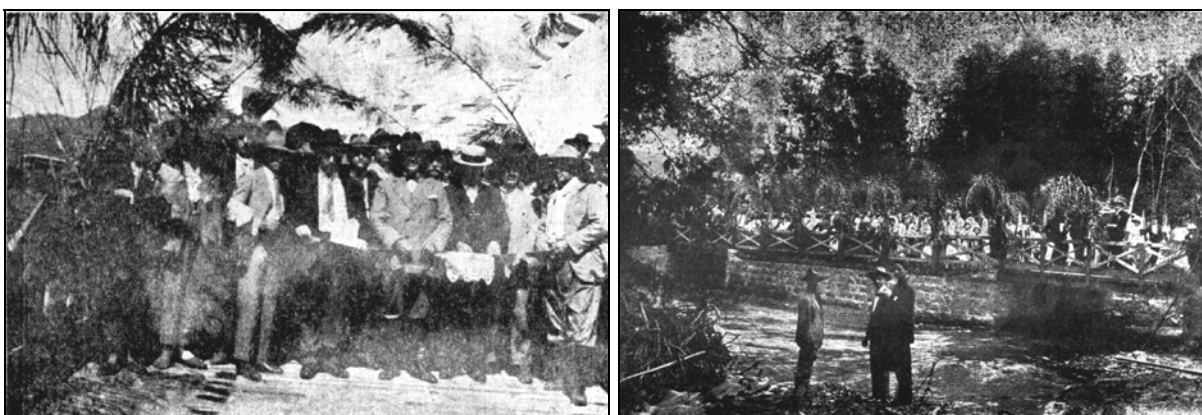


Figuras 81 e 82 – Ponte sobre o Trombudo. Passo do Cerro Chato, em 1930. Fonte: *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930.* op.cit., 1930



Figuras 83 e 84 – Ponte sobre o Arroio da Divisa. Ponte sobre o arroio Prochnow, em 1930. Fonte: *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. op.cit., 1930*

A inauguração de obras no interior do município rendia eventos festivos, com discurso de políticos e autoridades locais.²¹ Isso explica em parte a utilização de materiais com vida útil menor, opção que perdurou por décadas. Nas duas fotografias a seguir é possível ver a festividade que englobava uma inauguração.



Figuras 85 e 86 – Aspectos da inauguração das pontes do Sítio e do arroio dos Dottos, em Vale Vêneto, em 1930. Fonte: *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. op.cit., 1930*

Quase dez anos depois, nos relatórios de 1938 e 1939, aparecem gastos com serviço de remoção de terra, abertura de valetas e abaulamento do leito das estradas, além dos reparos e construções de pontes, bueiros e pontilhões. Mesmo com a aquisição da escavadora *Gradebuilder* para remover terra e dois caminhões *Chevrolet* para o serviço de encascalhamento e transporte de pessoal, foram gastos em obras, no exercício de 1939, em torno de um quinto das despesas totais do município, perfazendo 675:348\$100 réis, nos aproximadamente 600 quilômetros de estradas existentes no interior cachoeirense, algo que se justificava porque proporcionava circulação das riquezas entre as colônias e a sede. Ao

²¹ JP, 1/5/1930 Discurso na inauguração de ponte, p.2

mesmo tempo, permitia a vinda cada vez maior dos subalternos que literalmente invadiriam a Princesa do Jacuí a partir nos anos 30.²²

A situação das rodovias cachoeirenses não diferia das demais do Estado. Desde 1938, o Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER) tinha como missão executar o Plano Rodoviário Estadual, que, até 1943 absorveu 22% das receitas tributárias do Rio Grande do Sul, colocando o Estado na segunda posição do sistema de estradas no Brasil. Até então, as estradas de rodagens gaúchas eram verdadeiramente “antigos caminhos para carroças e cavalos, que, muito precariamente, eram usados por caminhões”. Nesta época, o Rio Grande do Sul possuía 4.760 km de estradas, dos quais apenas 193 km eram de “trânsito garantido”.²³

Reflexo desse contexto era a distância horária média para viajar. Entre a sede de Cachoeira a outros municípios levava-se: 8 h 30 min para Porto Alegre; 5 h 30 min para Júlio de Castilhos; 7 h para Encruzilhada; 14 h para Passo Fundo; 8 h para Cruz Alta; 2 h 30 min para Candelária; 2 h 50 min para Rio Pardo; 7 h para Soledade; 3 h 30 min para Caçapava; 12 h para Pelotas; 3 h 30 min para Santa Maria; 3 h para Santa Cruz; 3 h para São Sepé e 12 h para Bagé.²⁴

A necessidade de rodovias contrapunha-se pela precariedade das estradas de ferro, construídas no Rio Grande do Sul no final do século XIX, e pelo valor superior no frete via trem com relação ao transporte fluvial. Mesmo com a depreciação das ferrovias e a falta de aprimoramento tecnológico, como a substituição das “Marias-Fumaça” por novas locomotivas a vapor ou diesel-elétricas, o transporte ferroviário era bastante utilizado. O movimento da estação de Cachoeira, em 1940, foi de 2.837:705\$800 réis, valor superior aos 2.182:250\$000 réis arrecadados em impostos e taxas municipais no mesmo ano. Além dela, existiam as estações de Ferreira, Estiva e Restinga Seca, esta última já próximo da zona de colonização alemã. Passavam diariamente e diuturnamente trens por Cachoeira, de Porto Alegre em direção a Santa Maria e vice-versa, nos horários das 2 h 47 min, 9 h 57 min, 13 h 17 min, 14 h 3 min e 23 h 22.²⁵

²² Ver *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Coronel Oswaldo Cordeiro de Farias, D.D. Interventor Federal, pelo Prefeito Municipal de Cachoeira, Sr. Reinaldo Roesch, e correspondente à sua administração durante o exercício de 1938*. Prefeitura Municipal de Cachoeira/RS: Impresso nas oficinas gráficas do Jornal do Povo, 1939, p.11-13 e *Relatório da Prefeitura Municipal de Cachoeira, relativo ao exercício de 1939, apresentado pelo Snr. Cyro da Cunha Carlos, sub-prefeito da sede no exercício de prefeito*. op.cit., 1940, p.87-89

²³ MÜLLER, Carlos Alves. *A história econômica do Rio Grande do Sul*. op.cit., 1998, p.160

²⁴ PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. op.cit., 1941, p.114

²⁵ PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. op.cit., 1941, p.124, PORTELA, Vitorino; PORTELA, Manoel de Carvalho. *Cachoeira Histórica e Informativa*. op.cit., 1940, p.152-154

Embora existindo linhas férreas, os rizicultores sonharam, durante várias décadas, com a plena navegação do rio Jacuí e com um porto moderno que escoasse sua produção. Por seu perfil essencialmente agrícola, tais anseios cachoeirenses eram postos como sendo de toda comunidade. Reduzir o valor das tarifas da estrada de ferro aos preços dos fretes da navegação fluvial era “velha aspiração do comércio e da indústria cachoeirense”, um “dos mais palpantes problemas” locais, como definiu o *Jornal do Povo*, ao noticiar a resolução de tais dificuldades em abril de 1933.²⁶ Dois instantâneos registram os extremos a que se sujeitava quem dependia da navegação fluvial. O assoreamento do rio, já nos anos 10, contrapunha-se às enchentes periódicas, como a de maio de 1941, a mais intensa delas.



Figuras 87 e 88 – Assoreamento do rio Jacuí, nos anos 10, e porto, quando da enchente de maio de 1941. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul.

Além da discrepância entre os valores tarifários do transporte ferroviário e fluvial e a época das vazantes, quando o rio apresentava seu menor volume de água e ocasionava a paralisação de grande parte do escoamento da produção rizícola local, os produtores tinham de lutar contra medidas que julgavam infundadas, como o monopólio na navegação fluvial do Jacuí, instituído em 1934 pelo Sindicato de Navegação Fluvial de Porto Alegre, assim noticiada: “Essa associação de classe ao invés de vir em auxílio de todos e principalmente dos mais fracos, fim e objetivo de todas as instituições dessa natureza, veio dar um golpe de morte, nestes últimos, pois conseguiu do Governo do Estado o privilégio da navegação fluvial no Rio Grande”. Para o JP, o sindicato havia imposto cláusulas “verdadeiramente proibitivas” em seus estatutos, impedindo a inscrição dos pequenos barcos, que ficaram impossibilitados de navegar. No auge da crise, 58 barcos ficaram amarrados no porto de Cachoeira. Para combater os privilégios exclusivos dos porto-alegrenses, formou-se a Sociedade Cooperativa

²⁶ JP, 23/4/1933 Noticiário. Solucionado um problema de vital interesse para a indústria arroseira deste município, p.3

Cachoeirense de Navegação Fluvial.²⁷ Em 1940, operavam no rio Jacuí as companhias de navegação Becker, Mallmann, Cachoeira, Soberba e Moderna.²⁸

O contexto de urbanização e industrialização brasileiros, visto a partir dos anos 30, desencadeou condições propícias para que o Brasil abandonasse seu perfil essencialmente agrícola. Todavia, na consolidação do processo industrial, o setor agrícola continuou recebendo incentivos e proteções governamentais, transformando a economia brasileira em agrário-industrial.²⁹

Em Cachoeira, o arroz sempre constituía a principal cultura do município, representando metade do valor da produção geral de todos os cereais durante o período e tendo grande peso posteriormente. As variedades predominantes na lavoura arrozeira eram Carolina, Agulha e Japonês. Em 1931, o Blue Rose substituiu o Agulha, por ter melhor preço, maior rendimento e pequena quebra; sua desvantagem era o plantio tardio e a exigência de maior fertilidade da terra. A baixa na produção em 1931 deu-se pela maior quantidade de grãos quebrados. A produção foi de 5,3 inteiros para cada 1 quebrado, no início dos anos 20, para 1,5 grão inteiro para 1 quebrado, dez anos depois. Outra queda foi verificada em 1935; de 48,6 mil toneladas para 30,5 mil (37,2%). A razão foi a praga do arroz vermelho. Em estudo realizado naquele ano, o engenheiro agrícola Bonifácio Bernardes previu “futuro pouco promissor” para a lavoura arrozeira, devido a falta de amparo técnico oficial, com estações experimentais de arroz, “verdadeiros” técnicos para fazer aclimação e estudo, para que o agricultor tivesse sementes puras e selecionadas, além de ensino de técnicas adequadas.³⁰

O gráfico a seguir mostra a evolução da produção nacional do arroz em casca, entre 1920 e 1940, em mil toneladas:

²⁷ JP, 25/3/1934 Uma grave crise no seio da Navegação fluvial cachoeirense, p.4, 29/3/1934 Sem solução ainda, a crise que atravessa a Navegação fluvial Cachoeirense, p.3 e 12/4/1934 S. Cooperativa Cachoeirense de Navegação Fluvial, p.2

²⁸ PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. op.cit., 1941, p.113-114 e 124

²⁹ BENETTI, Viviana. *A corrente desenvolvimentista e o projeto político no Rio Grande do Sul: 1950/1962*. op.cit., 2002

³⁰ Dados extraídos de PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. op.cit., 1941, p.18-39. O arroz vermelho trazia prejuízos e tornava as terras impróprias para a cultura do arroz; ocorria por conta das sementes de baixa qualidade. A porcentagem do arroz vermelho era de no máximo 2 a 3 %; acima disso o produto deixava de ser considerado como semente. O arroz deste tipo amadurecia mais rápido. Uma semente produzia touceira de 20 a 30 hastes, cada haste uma espiga de 130 grãos em média. O amadurecimento se dá da ponta pa o pé da espiga. A debulha dos grãos se dava com a menor agitação e à medida que amadurecia. Quando o pé da espiga estivesse maduro, metade dos grãos caíam na lavoura, na colheita e no transporte. O restante era debulhado. Os que caíam germinavam na safra seguinte. Mais rústico e mais precoce e menos exigentes de fertilidade e água, matavam os pés das variedades cultivadas ao seu lado. Em três anos, a terra tinha de ser abandonada.

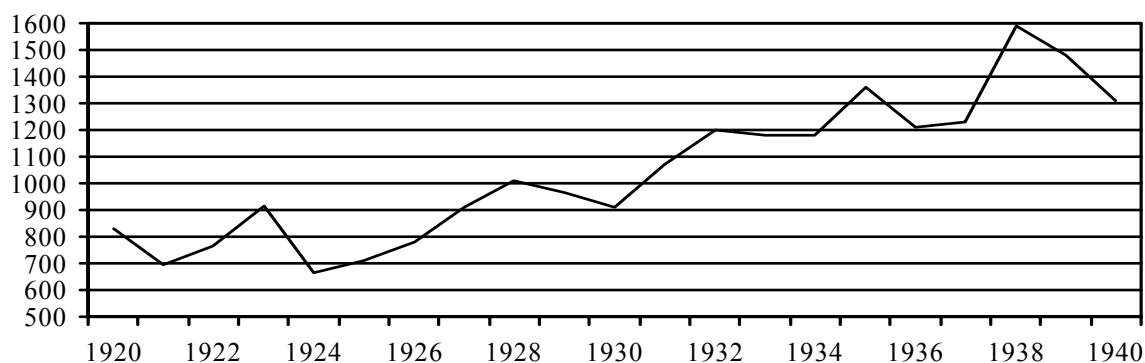


Gráfico 2 – Quantidade da produção nacional de arroz em casca 1920-1940. Fonte: Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1950 a 1988. 2. ed. rev. e atual. do v. 3 de Séries estatísticas retrospectivas. Rio de Janeiro, IBGE, 1990

Em decorrência da crise mundial de 1929, muitos rizicultores passaram a exigir intervenção imediata e pronta do Estado, atuando diretamente no financiamento da produção. Eles reivindicavam um instituto que defendesse os interesses da lavoura arrozeira. Isto porque os altos e baixos típicos da monocultura provocavam instabilidade no mercado, necessitando de “assistência benévola do poder público”, nas palavras do próprio editorial do *Jornal do Povo*, em mensagem ao Ministro da Agricultura, Assis Brasil.³¹ A União Central de Rizicultores, associação que poderia unir os interesses a ponto de tornar os rizicultores mais fortes para pleitear subsídios ou crédito agrícola para o principal ramo cachoeirense, só foi fundada no final da década, em 1939, quando da deflagração da guerra na Europa, coincidentemente quando a produção local apresentou seus primeiros sinais de queda acentuada.

Foi a associação quem abraçou a idéia de promover a Festa do Arroz. A primeira vez em que cogitou-se fazer a exposição para aproximar exportadores e plantadores foi em 1933. Isto porque, além das questões de promoção do nacionalismo, a alta do preço do arroz em 1931-32 animara os negócios. As transações efetuadas alcançavam somas há muito não vistas. Havia semanas em que eram negociados 45 mil sacos do produto descascado. Partindo da idéia que outras regiões gaúchas tinham suas feiras para comemorar o término da safra, como Caxias do Sul com a uva, a festa para o arroz tornava-se ótima oportunidade para propagar a “principal fonte de riqueza e de vida” cachoeirense.³² O poeta Lisboa Estrazulas questionou:

³¹ JP, 8/6/1930 Editorial. A lavoura de arroz, p.1, 1/1/1931 Mensagem ao dr. Assis Brasil (ministro da agricultura), p.1 e 9/4/1931 A situação da lavoura do arroz, p.2

³² JP, 5/7/1931 Editorial. A realidade cachoeirense, p.1, 17/9/1931 Noticiário. A alta do preço do arroz, p.3 e 4/9/1932 Noticiário. O Mercado de arroz, p.2

“E não traria grandes vantagens para todos os outros ramos de negócio, estagnados, a afluência anual de forasteiros à pérola do Jacuí?”³³

Combatida a praga do arroz vermelho e substituída a variedade na metade final da década de 30, a produção cachoeirense voltou a crescer. Em 1938, a produção mundial foi estimada em 91,4 milhões de toneladas. O Brasil ocupava a nona posição, com 1,53 milhão de toneladas. São Paulo liderava com 516 mil, seguido do Rio Grande do Sul com 270 mil e Minas Gerais com 258 mil. Neste contexto, a produção do município de Cachoeira foi de 68 mil toneladas, um quarto (25%) da gaúcha. Das exportações de arroz no Estado, no ano de 1939, 70% era do tipo Japonês (0\$057 réis o quilo) e 28% do Blue Rose (0\$070 réis o quilo). O restante era das variedades Agulha, Cangica, Pardo e Quirela. A estimativa, no final dos anos 30, era de que 25 mil pessoas trabalhavam nas lavouras de arroz cachoeirenses, sendo 15 mil efetivos. Um número considerável frente aos 83 mil habitantes do município, 20 mil na zona urbana e 63 mil nas zonas agrícolas. A capacidade de beneficiamento (descasque) dos engenhos cachoeirenses era de 9 mil sacos, em torno de 450 toneladas, em 24 horas, o que exigiria aproximadamente 157 dias ininterruptos para processar a produção total, razão pela qual exportava-se parte da colheita rizícola *in natura*, com perda de valor agregado (26\$000 réis por tonelada em relação ao Blue Rose). O valor do frete entre Cachoeira e Porto Alegre era 1\$700 réis o saco, via ferrovia, e entre 1\$000 a 1\$400 réis via fluvial. Até a capital federal, Rio de Janeiro, o valor do frete, taxas e impostos elevava a saca de arroz em quase 50%, descontentando muitos produtores.³⁴

Com a intensificação do conflito bélico europeu, o preço dos produtos agropecuários brasileiros tiveram relativa estabilização. No início dos anos 40, a valorização da produção praticamente esgotou os excedentes gaúchos. O arroz teve forte incremento nos volumes produzidos, passando de 222,4 mil toneladas em 1937 para 392,7 mil toneladas em 1942 e 628,2 mil toneladas em 1946.³⁵

Foi na conjuntura da deflagração da guerra que Cachoeira do Sul organizou sua primeira Festa do Arroz. O evento ocorreu entre os dias 9 e 16 de março de 1941. Um ano antes havia ocorrido o I Congresso dos Rizicultores do Rio Grande do Sul, evento organizado

³³ JP, 19/3/1933 A festa do arroz. Lisboa Estrazulas, p.2

³⁴ Dados extraídos de PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. op.cit., 1941, p.18-39. Segundo MÜLLER, Carlos Alves. *A história econômica do Rio Grande do Sul*. op.cit., 1998, p.115, a economia rizícola passou por um novo ciclo de expansão iniciado em 1933, com o valor dos embarques dobrando entre 1935-36. Ao mesmo tempo, o charque apresentava queda no valor. Em Cachoeira do Sul, o estabelecimento *Charqueada do Paredão* fechou no início dos anos 30.

³⁵ Dados extraídos do Departamento Estadual de Estatística, conforme Relatório da Diretoria do Banco do Rio Grande do Sul, correspondentes aos anos de 1938-47, apud MÜLLER, Carlos Alves. *A história econômica do Rio Grande do Sul*. op.cit., 1998, p.132

pela União Central dos Rizicultores, entidade representativa dos lavoureiros. Dentre as solicitações ao poder público (federal, estadual e municipal), destacaram-se: fixação do preço mínimo para assegurar ao produtor lucro razoável; aquisição por preço compensador do estoque de arroz; exclusão do arroz no tabelamento oficial; fornecimento de crédito agrícola, redução dos juros, dilatação dos prazos de pagamento e facilitação de empréstimos; isenção de taxas e impostos; redução do preço dos fretes; assistência técnica; entre outras. Nas sugestões de interesse geral dos rizicultores, destacava-se a mecanização progressiva da lavoura. Naquele ano, a safra teve produtividade média de 2,9 mil quilos por hectare, numa área plantada em torno de 22 mil hectares.³⁶

Os festejos da I Festa do Arroz tiveram início com a programação oficial acertada entre o interventor federal, Cel. Cordeiro de Farias, e o prefeito municipal, Cyro da Cunha Carlos. O Jornal do Povo anunciou que “o Interventor Oficial atendendo ao apelo que lhe dirigiu o Prefeito, em nome da Comissão Central, permanecerá em Cachoeira durante o período de festas, participando, pessoalmente, de todas as cerimônias”.³⁷

Deixando transparecer o caráter elitista da festa, o jornal dirigiu “veemente apelo” para que as senhoritas comparecessem em trajes camponeses. Algo notório para uma sociedade urbana que procurava afastar-se, nos demais dias do ano, do estereótipo rural. Através da máscara campestre, a elite justificaria seu interesse e participação no evento.³⁸ Lia-se na reportagem que “a ostentação de trajes típicos do campo daria ao ambiente da festa uma nota bizarra e interessante, numa reunião em que se procura realçar a glória da lavoura”.³⁹

Na onda nacionalista que assolava a Europa e se refletia no Brasil, apelou-se para que a comunidade em geral hasteasse em frente às residências e estabelecimentos comerciais a bandeira nacional e que iluminasse e ornamentasse as fachadas, principalmente na Sete de Setembro e Júlio de Castilhos, as duas principais ruas da cidade por onde passaria o cortejo. Desfilaram carros alegóricos das empresas Alaggio & Cia e Mernack & Cia, assim como da Associação do Comércio e Indústria de Cachoeira e do Club União Familiar, ambos confeccionadas pelos cenógrafos porto-alegrenses Américo Azevedo e Luiz Borba e não por agricultores, a quem, afinal, o evento dizia representar.⁴⁰ O JP considerou vitoriosa a realização da festa, imputando elogiosamente a iniciativa ao grupo de cachoeirenses

³⁶ Resumo das conclusões aprovadas pelo Congresso dos Rizicultores do Rio Grande do Sul, realizado na cidade de Cachoeira do Sul, em 7 e 8 de março de 1940. In: PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. op.cit., 1941, p.41-44

³⁷ JP, 9/3/1941 Festa do Arroz, p.6

³⁸ Ver CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990

³⁹ JP, 13/3/1941 Festa do Arroz do Rio Grande do Sul. Festa campestre. Apelo às senhoritas cachoeirenses, p.4

⁴⁰ JP, 9/3/1941 Noticiário. Visitas, p.5

“empreendedores” e “dinâmicos”. Esta atitude procurava mostrar falsa unanimidade entre população e poderes públicos.⁴¹

O articulista do jornal, Braz Camilo, ironizou a questão de forma simples: “Come-se arroz, bebe-se arroz, dorme-se arroz, compra-se arroz, vende-se arroz, enfim, só dá arroz na caixa. Para que não digam que eu não sou patriota, já decretei lá em casa, seis dias de arroz. Quer isto dizer que de hoje ao próximo sábado, nenhum outro alimento grosseiro maculará o lustre alvinitante das brunidas panelas que ornem a minha farta cozinha”.⁴² A festa era o principal assunto da cidade que a imprensa, obviamente, explorava.

Na programação oficial constaram: partida de futebol entre Brasil de Cachoeira versus Internacional de Santa Maria e entre os porto-alegrenses Internacional versus Rio Branco, retretas, concurso de vitrines, espetáculo de teatro, recepção solene para o interventor federal no Estado, inauguração de monólito comemorativo, missa e cerimônias religiosas, homenagens diversas, discursos, brindes, distribuição de medalhas, coroação das eleitas, bailes para convidados de honra nos clubes Comercial e Concórdia, congresso rizícola, circuito automobilístico, visitas oficiais e desfile de carros.⁴³

A visão elitista também impregnou o concurso da escolha da rainha da I Festa do Arroz. A coroação de Luci Ribeiro, com as princesas Emérita Carvalho Bernardes, Ruth Neves de Oliveira e Leda Duarte, todas elas filhas da elite cachoeirense, foi registrada em fotografia, assim como a parada militar evocando o nacionalismo do momento. Era possível ver nas faixas slogans que exaltavam a nação, como palavras do tipo “grandeza” e “nobreza” para se referir ao acontecimento.



Figuras 89 e 90 – Avani Cordeiro de Farias, esposa do Interventor, coroaando a rainha da I Festa do Arroz, Luci Ribeiro, e desfile em 1941. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

⁴¹ JP, 16/3/1941 Festa do Arroz, p.1

⁴² JP, 9/3/1941 Braz Camilo, p.1 e 16/3/1941 Braz Camilo, p.1

⁴³ PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Cachoeira*. op.cit., 1941, p.49-52, e SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p.189-200

Apesar do propagado sucesso, a segunda edição sairia somente 28 anos depois, em 1968. Neste meio tempo, foi realizada uma das edições da Festa do Trigo em Cachoeira, em 1956. Parte do motivo desse longo intervalo foi imputado ao fato dos festejos terem dado vazão a impulsos de desperdício de arroz por todos participantes, como jogar grãos uns nos outros e depois pisotear. A grande enchente que atingiu o Estado, poucos meses após a realização da festa, teria provocado no imaginário popular a idéia de castigo divino, razão pela qual não se promoveu festejos antes de fins dos anos 60. Em momento posterior, essa idéia de força divina castigando a cidade serviu para justificar o menor crescimento econômico em relação a outros centros.

O fim dos conflitos na Europa delineou novo perfil de divisão regional do trabalho no Brasil, concentrando no entorno das capitais estaduais a maioria das indústrias e, conseqüentemente, atraindo mão-de-obra dos municípios do interior, essencialmente agrícolas. Isoladas no centro do Estado, as indústrias cachoeirenses não conseguiriam alavancar seu próprio desenvolvimento por causas endógenas, como as sistemáticas crises na lavoura do arroz, e exógenas, como a precariedade em termos de infra-estrutura cujos investimentos essenciais foram monopolizados pelas áreas metropolitanas.

Esses investimentos públicos em obras de infra-estrutura, como as estradas de rodagem e os serviços de fornecimento de energia e de telefonia, foram realizados prioritariamente nas regiões metropolitanas, no Rio Grande do Sul foi em Porto Alegre e Caxias do Sul, em detrimento aos municípios do interior do Estado, agravando o quadro de concentração de mão-de-obra e industrialização. Conseqüentemente, a economia cachoeirense acabou limitada em seu perfil agrícola original, calcada principalmente na lavoura rizícola, cultura que apresentaria sinais de queda já na década de 50.

Segundo Cláudio Accurso, a estagnação ocorreu devido ao esgotamento da base física, com mais de três quartos da área total ocupada por estabelecimentos rurais. Contribuiu para esse quadro o aumento dos custos de produção a taxas superiores aos do aumento da produtividade. No caso do arroz, a irrigação artificial e a necessidade de adubação face ao desgaste das terras foram os responsáveis pelo maior custo sem melhor produtividade na mesma proporção, implicando a longo prazo numa inviabilidade econômica. Além disso, o valor dos equipamentos agrícolas necessários à mecanização da lavoura arrozeira não acompanhou o valor da saca de arroz. Para agravar, a política de crédito agrícola subsidiado para as lavouras de exportação ou substitutivas de importações no início dos anos 50, como a de arroz e trigo, não foi suficiente para bancar o aumento dos custos de produção e a

diminuição de produtividade nas décadas seguintes. Esta teria sido a razão fundamental do agravamento do quadro da lavoura de arroz no Estado.⁴⁴

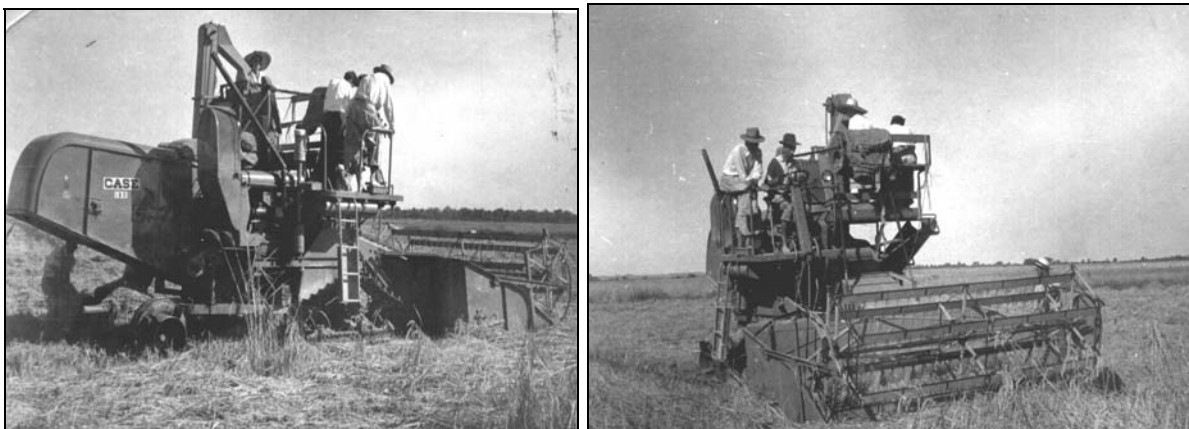
A criação do Instituto Rio-Grandense do Arroz (IRGA), órgão regulador da produção no Estado, é fruto deste contexto. Seu surgimento deu-se a partir do Sindicato Arrozeiro, representante dos produtores. Constituído por força da Lei Estadual n.533, de 31/12/1948, tinha como objetivo desenvolver atividades ligadas ao arroz, desde a seleção e o preparo das sementes até estudos em laboratório que determinassem o grau de fertilidade da terra, a qualidade da água, a identificação de pragas que atacavam a gramínea, a correção do solo, a fim de proporcionar maior rendimento e qualidade na produção.⁴⁵

O município de Cachoeira do Sul sentiu os reflexos da mudança de perfil econômico quando a mecanização do campo entrou em ritmo frenético, expulsando do campo grande parte do contingente populacional, trabalhadores considerados desqualificados para as exigências das cidades. Parte dos migrantes engrossaria as fileiras da marcha rumo à ocupação do interior do Brasil, em curso desde fim dos anos 20, famílias que partiam em busca de novas áreas plantáveis, como Uruguaiana, oeste catarinense e paranaense, até ocuparem o centro-oeste e parte do norte brasileiros.⁴⁶ Outra parte dos migrantes seriam inicialmente atraídos pelas ofertas de emprego nas indústrias locais. Quando também elas passaram a não comportar a mão-de-obra, o fluxo migratório direcionou-se para zonas metropolitanas, como Porto Alegre e cidades circunvizinhas. O quadro agravou-se no momento em que as indústrias locais diminuíram seu ritmo produtivo, muitas cessando por completo suas atividades, face à concorrência das indústrias localizadas nas áreas metropolitanas, que podiam produzir com menores custos devido ao acesso à infra-estrutura, como rodovias, energia elétrica e telecomunicação.

⁴⁴ ACCURSO, Cláudio [et al]. *Análise do insuficiente desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul*. In: Boletim da Comissão de Desenvolvimento Econômico, n.16, Porto Alegre: Assembléia Legislativa, 1965, p.31-89 apud MÜLLER, Carlos Alves. *A história econômica do Rio Grande do Sul*. op.cit., 1998, p.171-175

⁴⁵ Fonte: ABREU, José Pacheco de. *Guia Geral do Município de Cachoeira do Sul*. op.cit., 1963, p.55-64

⁴⁶ Sobre essas migrações, ver, por exemplo, DIAS, Hugo Pina. *Imigração rural no município de Uruguaiana a partir da modernização da agricultura - caso das vilas de São Marcos e Barragem Sanchuri*. In: Revista Faculdade de Zootecnia, Veterinária e Agronomia de Uruguaiana, v. 4, n. 1, p. 27-33, jan./dez. 1997 [disponível em <http://revistas.campus2.br/fzva/vol%204/05-4.pdf> - acessado em 16/1/2006], GAZOLLA, Marcio. *Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas: Uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS*. Dissertação de mestrado [orientador Sergio Schneider]. Porto Alegre/RS: PPG Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS, 2004 [disponível em http://www.ufrgs.br/pgdr/dissertacoes/mestradopgdr/mpgdr_gazolla_n045.pdf - acessado em 16/1/2006] e BAVARESCO, Paulo Ricardo. *Ciclos econômicos regionais. Modernização e empobrecimento no Extremo Oeste catarinense*. Chapecó/SC: Argos, 2005



Figuras 91 e 92 – Mecanização da lavoura de arroz de João Anceto de Moraes, em 1955. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

A resposta frente à crise foram leis municipais concedendo vantagens fiscais para incentivar indústrias novas a se estabelecerem no município, prática comum no fim dos anos 40 e início dos 50. Por exemplo, as leis municipais n.33, de 30/11/1948, e n.39, de 14/5/1949, concederam isenção de emolumentos referentes à licença para construção do engenho de arroz de propriedade de Frederico Carlos Fritz e do prédio da Fundação Barros Ltda., que também foi isentada de imposto predial durante dois anos e do imposto de Indústrias e Profissões e de Licença, através das leis municipais n.42, de 17/5/1949, e n.204, de 28/12/1951.⁴⁷ O modelo de industrialização que acabou sobrevivendo foi o ladeado ou direcionado para a agricultura, calcado quase exclusivamente na produção arrozeira.

De forma geral e sistemática, o período subsequente a 30-45 foi marcado por essa concentração espacial e industrial em torno das áreas metropolitanas, principalmente das capitais estaduais nas mais diversas regiões brasileiras. Convergência industrial que seria responsável pelo aumento do fluxo migratório intra-municipais. Durante as décadas seguintes, as migrações internas forneceram a mão-de-obra necessária para as indústrias, num típico modelo de desenvolvimento econômico espacialmente densificado nas metrópoles. Residualmente, tal fluxo debilitou determinadas regiões, inviabilizando as pequenas fábricas locais, através da penetração de produtos fabris das zonas industriais concentradas nas capitais metropolitanas, principalmente as da região Centro-Sul.

A economia cachoeirense acabaria intensificando o processo de migração e urbanização já em curso, conjuntura econômica responsável pelos grandes deslocamentos populacionais nas décadas subseqüentes, fenômeno ocorrido não só no município mas em

⁴⁷ Lei Municipal n.33, de 30/11/1948, n.39, de 14/5/1949, n.42, de 17/5/1949, n.204, de 28/12/1951. Ver ainda Lei Municipal n.206, de 28/12/1951, n.254, de 22/10/1952, n.255, de 22/10/1952, n.770, de 13/8/1959, n.918, de 29/11/1961 e n.946, de 10/7/1962, anunciada em ABREU, José Pacheco de. *Guia Geral do Município de Cachoeira do Sul*. op.cit., 1963, p.66,

todo país, onde o caráter de população rural seria substituído pelo predomínio da população urbana. No cenário de divisão do trabalho industrial do pós-guerra, Cachoeira do Sul assumiria definitivamente seu perfil agrícola, razão pela qual declinou seu prestígio econômico em relação aos demais municípios industrializados do Estado.

O deslocamento da população de cidades como Cachoeira contribuíram para a explosão demográfica na capital e em seu entorno, como Canoas, Cachoeirinha, Sapucaia do Sul e Novo Hamburgo, naquilo que ficaria conhecido como Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA).⁴⁸

3.2. Os novos bárbaros estão chegando!

Em que medida o ritmo das mudanças econômicas e populacionais, que afetaram Cachoeira do Sul nas décadas de 30 e 40, influenciaram as modificações do espaço urbano cachoeirense, não só suas alterações físicas mas os discursos que as acompanharam? De que forma o Jornal do Povo constitui-se no “espelho deformante” que narrou o urbano cachoeirense de forma distorcida, sob a visão da elite local?⁴⁹

O núcleo urbano inicial, surgido no fim do século XVIII, não passava de poucas quadras circunvizinhas ao templo católico e a praça do pelourinho. No século seguinte, sua forma era praticamente idêntica; aumentara longitudinalmente de tamanho, resultado da vinda para a cidade dos descendentes de imigrantes alemães e italianos, muitos dos quais instalados na zona alta da cidade ou nos bairros Rio Branco e Santo Antônio, mas também de negros alforriados em 1888 e demais subalternos, nas cercanias do centro, como na vila Barcelos.

A pujança agrícola advinda das regiões coloniais, em especial as lavouras de arroz irrigado nos anos 1900-1920, possibilitou consideráveis melhorias no espaço urbano. Entretanto, tais intervenções não foram pensadas para o aumento populacional em curso, principalmente de subalternos provenientes do campo. Junto com as modificações urbanas

⁴⁸ Sobre as transformações ocorridas em Novo Hamburgo, cidade de origem germânica próxima a Porto Alegre, ver minha dissertação de mestrado: SELBACH, Jeferson Francisco. *Novo Hamburgo 1927-1997: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade*. [orientadora Sandra Jatahy Pesavento], Porto Alegre/RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PROPUR, 1999 e adaptação: SELBACH, Jeferson Francisco. *Pegadas urbanas: Novo Hamburgo como palco do flâneur*. Cachoeira do Sul/RS: Ed. do Autor, 2006. Ver também, BATISTA, Sheille Soares de Freitas. *Buscando a cidade e construindo viveres relações entre campo e cidade*. Dissertação de Mestrado [orientadora Heloísa Helena P. Cardoso], Uberlândia/MG: Universidade Federal de Uberlândia, PPG-História, 2003 [disponível em http://www1.capes.gov.br/teses/pt/2003_mest_ufu_sheille_soares_de_freitas_batista.pdf – acessado em 12/10/2005], que discutiu as tensões que se estabeleceram na vida de pessoas saídas do meio rural para a cidade de Uberlândia, analisando as vivências, incorporações, lutas, valores e experiências que se formulam ao longo da trajetória desses migrantes, vendo as tramas da disputa social por pertencimento à cidade e os territórios que foram sendo construídos pela população pobre local.

⁴⁹ Ver GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. op.cit., 2002

viria a sobrecarga dos serviços e da própria infra-estrutura, resposta que o poder público tardou em dar. No contexto da ocupação desordenada, os subalternos pouco-a-pouco assentavam-se nas vilas, pesando cada vez mais no orçamento municipal, incorrendo na desproporção paulatina entre montante arrecadado e despesas com manutenções diversas, fazendo aumentar o peso da dívida do município, rodada desde seus primeiros amorfoseamentos, esgoelando as possibilidades da administração pública.

As reformas concretizadas em fins dos anos 20 fizeram com que Cachoeira iniciasse a década de 30 com uma fisionomia diferente, progressista para os padrões da época, algo como se industrialização e urbanização completassem a interligação com os fluxos irresistíveis da modernidade.⁵⁰ Assim como em diversas cidades brasileiras, as feições renovadas na Primeira República limitavam-se às áreas centrais, espaço prioritariamente elitista. Sem mola propulsora interna, o progresso materializava-se na forma simbólica dessas transformações urbanas.⁵¹

Tais reformas lançaram as bases do urbanismo moderno “à moda” da periferia, com obras de saneamento básico e embelezamento paisagístico, mas com a exclusão da população subalterna desse processo, numa verdadeira segregação territorial, o que resultaria, após os anos 30, num rearranjo fortemente caracterizado pela desigualdade regional.⁵²

Ao mesmo tempo, o movimento sanitaria das primeiras décadas legou ao período varguista estrutura administrativa com amplos poderes de intervenção sobre a população, transformando a saúde em bem coletivo, evidenciando os problemas da dependência mútua e ampliando o senso de responsabilidade ou consciência social.⁵³ A adoção de medidas preventivas e próprio desenvolvimento econômico seriam chaves para a mudança no padrão epidemiológico brasileiro.⁵⁴

Em Cachoeira, as obras de saneamento e abastecimento de água da década de 20 foram feitas somente em pouco mais de 40 quadras do centro. Contudo, foi considerada pela

⁵⁰ PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Urbes industrializada: o modernismo e a paulicéia como ícone da brasilidade*. In: Revista Brasileira de História. v.21 n.42 São Paulo 2001 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000300009&lng=es&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 12/10/2005]

⁵¹ MORSE, Richard M. *As cidades “periféricas” como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina*. In: Revista Estudos Históricos, v.8, n.16, Rio de Janeiro, 1995, p.205-225 [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/174.pdf> – acessado em 13/1/2006]

⁵² MARICATO, Ermínia. *Urbanismo na periferia do mundo globalizado. metrópoles brasileiras*. In: Revista São Paulo em Perspectiva. v.14 n.4 São Paulo out./dez. 2000 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-8839200000400004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 12/10/2005]

⁵³ HOCHMAN, Gilberto. *Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado (Brasil 1910-1930)*. op.cit., 1993, p.40-61

⁵⁴ PRATA, Pedro Reginaldo. *A transição epidemiológica no Brasil*. In: Cadernos de Saúde Pública. v.8, n.2, Rio de Janeiro abr./jun, 1992 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1992000200008 – acessado em 10/3/2006]

imprensa local como “modelo digno de imitar-se”, face ao aparelhamento de serviços como água, esgotos e calçamento e a “perfeição com que foram executadas essas obras”.⁵⁵

Apesar do saneamento, a saúde pública da área central sentia os efeitos do processo de “ruralização” em curso, com a fixação na periferia urbana de pessoas advindas das áreas rurais, trazendo consigo hábitos do campo e adaptando-os para a cidade,⁵⁶ demonstrando como rural e urbano caracterizavam-se por pólos opostos do mesmo *continuum*.⁵⁷

Os dados estatísticos da saúde pública, divulgados em princípios da década de 30 no *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa*, apontam crescimento populacional na ordem de 1,5 mil pessoas/ano (2.008 nascimentos para 531 óbitos), para o ano de 1929 em todos os oito distritos do município. No 1º distrito, que abrangia a zona central, o índice ficou em torno de 296 pessoas/ano (575 nascimentos para 279 óbitos). A diferença entre esses dois índices (48,52% de óbitos no 1º distrito e 26,53% para o município em geral) são resultados da própria situação insalubre da área urbana, visto que, dos 531 óbitos totais, 481 ocorreram em residências, somente 50 fora de casa; semelhante situação ocorria entre os nascidos, em sua maioria através de parteiras que realizavam o serviço nas casas das próprias famílias.⁵⁸

Tais números, entretanto, mostram enormes melhorias em termos de saúde pública, quando comparados aos dois primeiros decênios. Os dados comparativos de 1919 e 1929 corroboram com esse quadro. O número de óbitos em 1919, somente na cidade, foi de 353, contra 279 em 1929, fazendo a mortalidade diminuir de 33,2 por mil/habitantes para 15,5. As maiores *causas mortis*, em 1919, foram: tuberculose (30), entero-colite (26) meningite (21), gastro-enterite (14), câncer (13), broncopneumonia (13), febre tifóide (12), gripe epidêmica

⁵⁵ JP, 18/7/1929 A Cachoeira atual, p.1

⁵⁶ De acordo com FERRAZ, Sônia Terra. *Pertinência da adoção da filosofia de cidades saudáveis no Brasil*. [disponível em <http://www.redeamericas.org.br/br/Site/doc/pertinencia.html> – acessado em 1/10/2004], “ruralização” significa a permanência de hábitos rurais entre aqueles que migram para o meio urbano. Segundo ela, a combinação de urbanização com pobreza leva a uma acumulação de problemas nas cidades, delineando um perfil epidemiológico particular no qual as doenças próprias do subdesenvolvimento convivem com um padrão epidemiológico de países desenvolvidos tais como altos índices de violência, stress, câncer, consumo de drogas e poluição ambiental.

⁵⁷ COGGIOLA, Osvaldo. *Buenos Aires, Cidade, Política, Cultura*. In: Revista Brasileira de História. v.17 n.34 São Paulo 1997 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881997000200005&lng=pt&nrm=iso – acessado em 12/10/2005]. Ver também CAIADO, Aurílio Sérgio Costa; SANTOS, Sarah Maria Monteiro dos. *Fim da dicotomia rural-urbano? Um olhar sobre os processos socioespaciais*. In: Revista São Paulo em Perspectiva. v.17 n.3-4 São Paulo jul/dez 2003 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392003000300012 – acessado em 12/10/2005], que discutem processos socioespaciais em curso em municípios do Estado de São Paulo, tais como a conurbação, metropolização e a expansão da ocupação urbana em áreas oficialmente definidas como rurais, para mostrar a fragilidade da dicotomia urbano-rural.

⁵⁸ *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930*. op.cit., 1930, p.17 e JP, 13/4/1930 A margem do relatório. Saúde pública, p.1. Dos 2.008 nascimentos, 214 (10,65%) eram filhos ilegítimos.

(11) e produzidas por causas exteriores (11). Dez anos depois, em 1929, os cachoeirenses morreram de: tuberculose (28), afecções produzidas por causas exteriores (20), doenças mal definidas (17), gastro-enterite (15), síncope (11), arteriosclerose (11), miocardite (10), meningite (10), atrepsia (10) e pneumonia (9). O maior número de mortos em ambos não teve declaração de causa, ocorreram sem assistência médica: 103 em 1919 e 33 em 1929. O número de falecimentos entre crianças até 2 anos de idade também decresceu de 158 (44,75% de 353), em 1919, para 82 (29,64% de 279).⁵⁹ Alguns anos depois, em 1937, o *Boletim Demográfico Sanitário* apontou 1.660 nascimentos contra 576 falecimentos, 135 destes de crianças entre 0 e 1 ano, número considerado baixo na época, mas que ainda refletia a precária condição urbana de Cachoeira.⁶⁰

A tabela com dados extraídos do relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, mostra as doenças que acometeram os cachoeirenses:

Moléstias	Anos:	
	1919	1929
GERAL. Febre tifóide, Febre paratípica, Septicemia, Tétano, Tuberculose, Gripe epidêmica, Raquitismo, Difteria e crupe, Sífilis, Disenteria, Sarampo, Diabetes, Câncer e outros tumores	78	62
SISTEMA NERVOSO. Embolia cerebral, Congestão cerebral, Convulsões das crianças, Meningite, Hemorragia cerebral, Paralisia, Eclampsia (não puerperal), Apoplexia cerebral e outros	36	22
SISTEMA CIRCULATÓRIO. Hemorragia, Angina do peito, Síncope, Insuficiência aórtica, cardíaca, mitral, cardio-renal, Arteriosclerose, Miocardite, Endocardite e outros	28	49
SISTEMA RESPIRATÓRIO. Bronquite, Broncopneumonia, Pneumonia, Edema do pulmão e outros.	19	24
SISTEMA DIGESTIVO. Enterite, Gastro-enterite, Entero-colite, Colite, Peritonite, Atrofia intestinal, Atrepsia, Hepatite, Apendicite e outros.	66	41
GENITO-URINÁRIO. Nefrite, Uremia, Mal de Bright e Pielite	3	9
EST-PUERPURAL. Hemorragia por placenta prévia, Eclampsia puerperal e Infecção puerperal	1	2
Moléstias da velhice	2	-
Causas exteriores	11	20
Sem declaração de causa	103	33
Mal definidas	6	17
TOTAL GERAL	353	279

Tabela 4 – Comparativo de mortes na cidade de Cachoeira do Sul, em 1919 e 1929, discriminadas por moléstia. Fonte: *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930*. op.cit., 1930

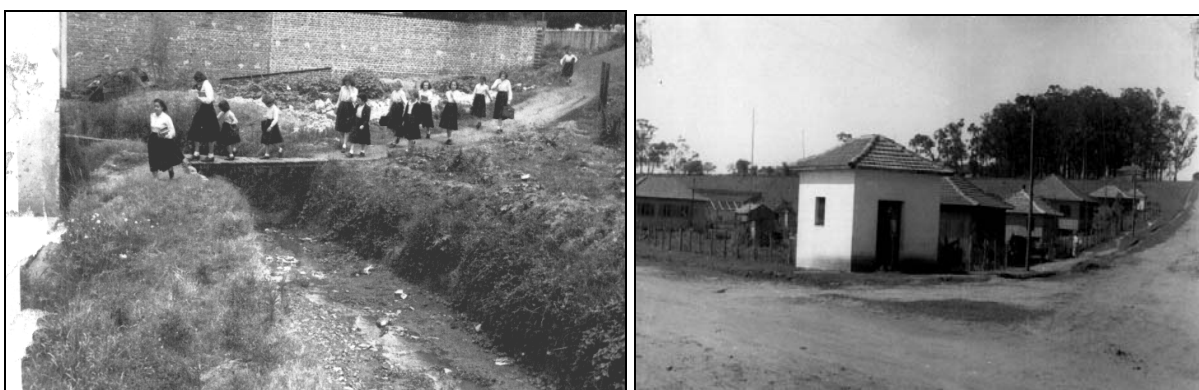
Mesmo com a diferença entre nascimentos e falecimentos ser menor na sede de Cachoeira do Sul, o crescimento populacional dava-se pelas migrações que modificavam a

⁵⁹ *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930*. op.cit., 1930, p.10-13. Em 1936, as principais causas de óbitos no Rio Grande do Sul foram: total 4.834; Tuberculose do aparelho respiratório 19,13%; Diarréia e enterite (abaixo de 2 anos) 12,26%; Doenças do aparelho circulatório 9,45%; Doenças do aparelho respiratório, exceto tuberculose 8,70%; Causas não especificadas ou mal definidas 8,52%; doenças do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos 5,44%; Doenças do aparelho urinário e do aparelho genital 5,13%; Doenças do aparelho digestivo 4,79%; Câncer e outros tumores malignos 4,46%; Morte violenta ou acidental 2,42%. Fonte: Anuário estatístico do Brasil 1937. Rio de Janeiro: IBGE, v. 3, 1937

⁶⁰ JP, 29/4/1937 Delegacia de Saúde. Boletim demógrafo sanitário, p.3

fisionomia da cidade e sobrecarregavam os serviços urbanos. Nesta reorganização e ampliação da infra-estrutura, o fluxo migratório acentuado potencializou o olhar crítico sobre o crescimento. A falta de espaço na zona central, delimitado pelas sangas, aliado ao crescimento populacional, resultou na expansão dos subúrbios, dado pela divisão de chácaras e terrenos de maior extensão em lotes menores com vendas em prestações mensais. As incipientes aglomerações urbanas exigiam que a prefeitura fizesse nessas novas áreas terraplanagem e encascalhamento das ruas, além da construção de pontilhões para o acesso, mas a escassez de recursos dificultava dotá-las de infra-estrutura como água, esgoto e luz elétrica.⁶¹ Esse modelo de desenvolvimento acarretaria nas décadas subseqüentes o chamado contra-desenvolvimento social, responsável por formas perversas de miséria, constituindo-se em enclaves rurais no mundo urbano, com modos de sobreviver desumanos.⁶²

Duas imagens registradas na época mostram o cenário desse crescimento desestruturado. A pinguela ligando o bairro Santo Antônio ao centro da cidade é marca do período. Na década seguinte, crescia a noroeste do centro a vila Marina.



Figuras 93 e 94 – Pinguela ligando o centro da cidade ao bairro Santo Antônio, em meados dos anos 40. Vila Marina, subúrbio a noroeste do centro, em 1953. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Como veículo ideológico da elite, o *Jornal do Povo* responsabilizava a prefeitura pelos efeitos de crescimento suburbano. Segundo editorial de 1932, tornara “muito feio” o município. A razão imputada teria sido o aumento de impostos das construções prediais.⁶³ Em 1938, foi anunciada a venda de uma chácara, localizada na zona urbana, com mais de um hectare de terra, com “finíssimo arvoredo, chalet tipo bangalow, com 7 peças”, e instalações elétrica e sanitária, ao preço de 22.000\$000 réis.⁶⁴ O anúncio demonstra que a zona urbana era

⁶¹ JP, 11/10/1931 Noticiário. Zonas Sub-urbanas, p.3, 3/5/1934 Noticiário. Uma medida inadiável, p.3 e 17/12/1942 Notas locais, p.4

⁶² MARTINS, José de Souza. *O futuro da Sociologia Rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural*. In: Revista Estudos Avançados, v.15, n.43, São Paulo, set-dez, 2001 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142001000300004&script=sci_arttext&tlng=en – acessado em 15/1/2006].

⁶³ JP, 18/12/1932 Editorial. Orientação Urbanista, p.1

⁶⁴ JP, 20/1/1938 Imóveis à venda. Chácaras, p.1

entremeada por espaços tipicamente rurais, característica local que perdurou nas décadas seguintes.

Exemplo da dificuldade de trânsito entre periferia e centro, devido às sangas, foi a vila Barcelos, primeiro subúrbio cachoeirense. Até meados da década de 50, a única forma de transitar dela a zona central era através da rua Andrade Neves. As primeiras leis editadas para conectá-la através de outras ruas datam de 1953.⁶⁵ Também, somente nesta época que foi estendida até o local linha de ônibus e dado início à ampliação da rede hidráulica.⁶⁶

Em tempos de chuva muitas das sangas transbordavam, causando enormes prejuízos, cobrindo de lama ruas e calçadas. Nas vilas e bairros da periferia, a falta de canalizações da água pluvial, sem valetas e entrecortada por sangas, abriam verdadeiros sulcos nas ruas. A ampliação da população suburbana e a falta de infra-estrutura correspondente fariam com que hábitos deletérios dos moradores fossem mantidos. Muitas das sangas, canalizadas ou não, eram utilizadas como depósitos de lixo doméstico. Como consequência, provocavam entupimento no escoamento da água, agravado nos dias de chuvas torrenciais. No discurso do jornal nota-se a imputação da responsabilidade aos moradores, que deveriam proceder de maneira diferente, e não a falta das mínimas condições.

Entrementemente ao discurso carregado da imprensa cachoeirense, relacionando a chegada dos *outsiders* com problemas urbanos, o fluxo de construção e ampliação dos subúrbios também podia ser visto como indício de progresso, mas somente no momento em que a modernização progressista da elite atingia os moradores pobres das cercanias da cidade. Em 1946, um leitor escreveu no JP que era possível notar Cachoeira progredindo em todos seus recantos. Na zona suburbana, as “ruazinhas pedregosas, enjoadas e tortas” tinham ganho novo aspecto com o emparelhamento e o arruamento.⁶⁷

Em que pese a construção de todo o complexo sanitário nos anos 20, a questão sanitária e o abastecimento de água tornavam-se relevantes dada a febre tifóide e outras

⁶⁵ A Lei Municipal n.306, de 30/5/1953, autorizou a permuta de terreno necessário à ligação da Estrada do Passo Novo com a Vila Barcelos. Publicada no jornal O Commercio, 3/6/1953, p.4. A Lei Municipal n.343, de 27/10/1953, abriu crédito especial de Cr\$ 1.500,00 para a construção de uma pinguela sobre a Sanga das Pedras ligando a Vila Barcelos com a chamada Rua do Carvão. Publicada no jornal O Commercio, 4/11/1953, p.4

⁶⁶ Contrato de concessão para a exploração exclusiva do serviço de transporte coletivo de passageiros em auto-ônibus no perímetro urbano da cidade, que fazem a Prefeitura Municipal de Cachoeira do Sul e João Carlos Schmidt, de acordo com o Edital de concorrência pública n.5, de 13/8/1947. A ampliação da linha se deu através de requerimento protocolado sob n.512, em 23/2/1951. Jornal O Commercio, 14/7/1954 Ampliação da rede hidráulica, p.1

⁶⁷ JP, 30/6/1946 Cachoeira progride. Cachoeirense, p.15

epidemias comuns na primeira metade do século XX.⁶⁸ Contudo, o acesso à água para quem morava fora da zona central dava-se exclusivamente por poços de baixa profundidade, o que implicava na escassez em muitas épocas do ano e mesmo na contaminação por conta da proximidade dos dejetos de esgoto.

A ampliação da rede para além do centro somente foi feita quando o Estado pôs em prática o Plano Estadual de Estadualização dos Serviços de Água e Esgoto, durante o governo Valter Jobim (1947-1951), na pretensão de assumir os serviços nos municípios.⁶⁹ Em 1949, a rede foi prolongada até o fim da avenida Brasil, na zona alta.⁷⁰ O percentual de prédios servidos por água encanada era crítico. Mais da metade, 55%, não tinha ligação. Via de regra, os prédios abastecidos com água pública não eram casas de moradia, mas estabelecimentos comerciais e industriais. Como não existiam verbas específicas para ampliar a rede, proliferou o uso de bicas públicas na periferia.⁷¹ O esgoto teve semelhante trajetória. Não havia nos subúrbios sistema cloacal nem pluvial, somente a exigência de fossas sépticas, fazendo com que, na maioria das vezes, os resíduos residenciais corressesem a céu aberto.

O péssimo estado de higiene das vilas era tratado, sistematicamente, como caso de polícia. Em janeiro de 1930, o *Jornal do Povo* noticiou a denúncia da seção de higiene para que o intendente tomasse providência e mandasse desocupar todos os casebres e chalés de determinada rua na periferia da cidade, sob a justificativa que, além do péssimo estado de higiene, estaria oferecendo sério perigo à saúde dos seus habitantes, pessoas pobres. Por trás da denúncia estava o fato de frequentemente ocorrerem no local desordens e conflitos.⁷²

No final deste mesmo ano e em outras oportunidades nos anos seguintes, fiscais da seção de higiene municipal percorriam toda cidade, visitando pátios e quintais para verificar o estado de limpeza e determinar as medidas necessárias, como remoção de lixo e de animais que estivessem sendo criados para consumo nos domicílios.⁷³ A irregularidade na coleta do lixo dos subúrbios – feita pelas carroças dos cubos – incentivava os moradores a fazer dos terrenos baldios ou das sangas seus depósitos.⁷⁴ Era comum animais mortos putrificarem nas

⁶⁸ Ver LUZ, Madel Terezinha. *A saúde e as instituições médicas no Brasil*, In: GUIMARÃES, Reinaldo (org.). *Saúde e medicina no Brasil: contribuição para um debate*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p.157-174

⁶⁹ JP, 8/1/1952 Água para os bairros, p.2

⁷⁰ A Lei Municipal n.68, de 19/7/1949, autorizou uma contribuição do Estado, para completar o prolongamento da rede de água até o término da Avenida Brasil. Fonte: JP, 19/7/1949, p.3

⁷¹ JP, 29/6/1952 Revelação impressionante: 55% do prédio da cidade não são servidos pela rede de água, p.1 e 3/4/1952 Instalação de bicas públicas nas zonas urbanas não servidas pela rede de água, p.1

⁷² JP, 19/1/1930 Seção de higiene, p.3

⁷³ 21/12/1930 Noticiário. Visitas domiciliares, p.3, 28/3/1937 Noticiário. Visitas domiciliares, p.3

⁷⁴ *Relatório da Prefeitura Municipal de Cachoeira, relativo ao exercício de 1939, apresentado pelo Snr. Cyro da Cunha Carlos, sub-prefeito da sede no exercício de prefeito*. op.cit., 1940, p.86

vias públicas até o cheiro insuportável fazer os próprios moradores enterrá-los.⁷⁵ Este contexto demonstra o quanto o poder público local fazia-se portador dos ideais da elite moradora da área central, que exigia padrões de limpeza semelhantes ao do centro sem contrapartida.

A escassez de gasolina nos anos de guerra agravou a situação da higiene pública. Com os veículos automotores estacionados, a circulação de veículos de tração animal aumentou consideravelmente, proliferando a quantidade de insetos no meio urbano.⁷⁶ O comércio informal também sofreu revés com medidas higiênicas desde os anos 30. A venda de gelados, sorvetes e refrescos passou a ser permitida somente nas casas que tivessem maquinário adequado. Foi proibida a venda de pastéis, doces ou biscoitos em balaios, cestas ou outros recipientes que não estivessem de acordo com o regulamento.⁷⁷ As medidas atingiram carrocinhas frutas e legumes e os terrenos das zonas urbanas e suburbanas em que se cultivavam gêneros alimentícios.⁷⁸

Na mesma medida em que agravavam-se os problemas higiênicos, de saneamento e abastecimento de água, aumentava a preocupação com o aspecto curativo, através da construção de novo hospital que pudesse abrigar os enfermos. Até então, era comum o oferecimento de préstimos em saúde através de anúncios publicados no jornal, destacando as qualificações do profissional: “Dr. Milan Krás. Médico, operador e parteiro, ex-assistente das clínicas de Berlim e Viena”; “Dr. David F. de Barcellos. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Com prática dos Hospitais de Paris”; “Sophia Schimidt. Parteira diplomada”.⁷⁹ Os anúncios publicados no jornal visavam atingir o público leitor, que era quem podia pagar pela saúde.

Para os enfermos sem condições econômicas, anualmente a municipalidade repassava subvenções ao hospital para que fossem atendidos gratuitamente. Em 1929, a verba foi de 16:000\$000 réis. Entretanto, esses recursos não eram exclusivos aos pobres. Dos 419 hospitalizados neste ano, 152 fizeram operações cirúrgicas, sendo 116 de “1ª classe” e 36 “praticadas em doentes pobres”. A desproporção reflete o tratamento segregacionista do período. Enquanto a elite contava com saúde de maior complexidade, pagos com recursos da própria comunidade através dos repasses do poder público, aos subalternos eram aviadas

⁷⁵ JP, 13/9/1951 Um por dia. Protesto de proprietários a rua 7 de Setembro sobre o serviço de recolhimento de lixo, p.1

⁷⁶ JP, 13/5/1943 Noticiário. Fiscalização de pátios e quintais, p.3

⁷⁷ JP, 9/10/1932 Noticiário. Higiene Municipal, p.3

⁷⁸ JP, 25/3/1934 Quitandeiros. João da rua, p.1

⁷⁹ JP, 22/12/1932 Anúncio, p.1, 25/12/1932 Anúncio, p.11, 17/9/1932 Anúncio, p.3 e 5/9/1929 Noticiário. intervenção cirúrgica, p.3

receitas médicas, 4.360 somente em 1929. Assim, intervenções complexas limitavam-se aos que pudessem pagar, enquanto curava-se os doentes pobres com medicamentos.⁸⁰

O crescente êxodo dos subalternos desencadeou reclames sobre a infra-estrutura hospitalar. Através do *Jornal do Povo*, justificavam-se as péssimas condições do hospital da cidade, que estariam piores do que as dos distritos. Com poucas acomodações disponíveis, falta de laboratórios e indispensável aparelhamento cirúrgico, dizia-se que o estabelecimento não preenchia suas finalidades, “estando muito aquém do que exige uma cidade adiantada e próspera como a nossa”.⁸¹

Mesmo que, de tempos em tempos o hospital recebesse melhorias, como a aquisição de camas hospitalares automáticas em 1932, que permitiam mudar a posição do doente sem tocar nele,⁸² não fazia frente ao aumento dos atendimentos, principalmente dos subalternos. Em 1936 foram internadas no hospital 595 pessoas para 303 operações de alta cirurgia, 215 intervenções menores, 2.005 curativos e 3.015 injeções diversas, “tendo sido aviadas 96 receitas para pensionistas e 3.126 para os pobres”.⁸³

Também foram regulamentadas as profissões da área da saúde, como médico, dentista, farmacêutico, parteiro e enfermeiro, e o comércio de medicamentos, passando a ser autorizado exclusivamente em farmácias e drogarias.⁸⁴ Assim como várias outras cidades no país, Cachoeira do Sul iniciava seu processo de medicalização social através da substituição de chás e ervas caseiras por remédios industrializados.⁸⁵

Tanto na construção dos grandes blocos hospitalares quanto nas reformas subseqüentes, a comunidade era chamada a contribuir periodicamente. Para a construção do novo prédio, a elite organizou um *garden-party*. A festa ao ar livre nos jardins das praças constituía-se na outra ponta do problema da saúde, permitindo a elite pousar de benemérita frente aos empobrecidos.

Nesse contexto foi lançada a campanha em prol da construção do hospital modelo, “condizente com as necessidades da população cachoeirense”. Em 1936, Luiz Diefenbach doou um terreno no Bairro Rio Branco, a fim de Cachoeira do Sul ter “um hospital à altura de

⁸⁰ *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. op.cit., 1930, p.15*

⁸¹ JP, 16/7/1936 Cachoeira vai ter um hospital, p.1 e 6/12/1934 Hospital de caridade, p.1

⁸² JP, 28/8/1932 Noticiário. Hospital de Caridade, p.3

⁸³ JP, 14/1/1937 Hospital de caridade, p.1

⁸⁴ JP, 9/1/1938 Noticiário. Delegacia de Saúde, p.3

⁸⁵ Ver, neste contexto, TEMPORÃO, José Gomes. *A propaganda de medicamentos e o mito da saúde*. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p.68. Para ele, no processo de estruturação da indústria farmacêutica no Brasil, a função educativa através da publicidade e propaganda, ajudou a construir um consumidor de medicamento, através dos anúncios alienantes e biologicistas, numa estrutura determinada pela falsa consciência urbana sobre saúde, medicina e terapêutica.

suas condições de cidade culta e progressista”. Mas o local escolhido foi a praça Itororó, em frente ao prédio já existente, em terreno doado pela municipalidade.⁸⁶

A sessão da Assembléia Geral de 11 de dezembro de 1936, onde foi eleito o primeiro grande conselho do hospital, constituiu como membros Arnoldo Fürstenau, Achylles Figueiredo, Alvino Dickow, Attilio Mainieri, Camilo Ache, Edwino Schneider, Erwino Wilhelm, Frederico Gressler, Ivo Becker, Julio Castagnino, João Minssen, Maximiliano De Franceschi e Filhos, Nicolau Salzano, Orlando Carlos, Reinaldo Roesch, Theobaldo Burmeister, Cyro da Cunha Carlos e Ernesto Strohschoen. Em 16 de dezembro de 1937, foi lavrado contrato com a firma Schuetz Matheis, de Santa Cruz, para construção do novo edifício. Os auxílios recebidos eram os mais diversos: oferta de sacos de arroz por proprietários de empresas arroseiras, promoção de chás de caridade e doações pessoais. A Companhia Rio-Grandense de Usinas Elétricas converteu a dívida que o hospital tinha em doação.⁸⁷ A pedra fundamental foi lançada em 9 de janeiro de 1938.⁸⁸ Em 4 de dezembro do mesmo ano, foi festejado o levantamento da cumeeira do Hospital de Caridade e Beneficência (HCB). Em 19 de maio de 1940, Monsenhor Armando Teixeira, vigário da Paróquia, celebrou a missa e Orlando da Cunha Carlos fez o discurso inaugural.⁸⁹

Apesar da contribuição da comunidade em geral, na inauguração destacou-se o esforço do seletto grupo de “abnegados” cachoeirenses, entre eles Edwino Schneider, “pela fé inabalável que sempre manteve no bom resultado desse grandioso empreendimento, e pelo seu dinâmico trabalho, na execução do mesmo”. Os demais contribuintes ganharam destaque de forma genérica: do “humilde operário” ao “mais rico habitante do município”.⁹⁰ Era a forma natural de computar as conquistas a poucos quando muitos auxiliaram em sua consubstanciação.

Para o término da obra, para Cachoeira poder contar “com um dos mais modernos e completos hospitais do país”, era necessário que a comunidade continuasse ocorrendo em auxílio. A reportagem do JP destacava a falta de recursos para ser ultimada a construção e

⁸⁶ JP, 18/1/1931 Garden-party em beneficio do hospital de caridade, p.1, 26/5/1935 Ditador de Cachoeira. Foi um sonho, nada mais. O. M., p.1, 16/7/1936 Cachoeira vai ter um hospital, p.1. Ver também Decreto-Lei nº 2, de 3/7/1940, através do qual a prefeitura fez doação do terreno que abrangia a antiga praça Itororó, limitado pela rua 7 de Setembro, Felix da Cunha, Saldanha Marinho e travessa Tuiuti. Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

⁸⁷ Fonte: Hospital de Caridade e Beneficência, Amigo HCB, e Exposição do Arquivo Histórico Municipal *HCB, 100 anos de história*

⁸⁸ JP 13/1/1938 O lançamento da pedra fundamental do Hospital de Caridade, p.1 e jornal O Commercio, 12/1/1938, p.1-4

⁸⁹ Fonte: Hospital de Caridade e Beneficência, Amigo HCB, e Exposição do Arquivo Histórico Municipal *HCB, 100 anos de história*

⁹⁰ JP, 11/1/1940 Hospital de Caridade, p.2

serem pagos os compromissos assumidos pela Diretoria. Muitas pessoas que haviam subscritos parcelas de doações em prazos determinado não cumpriram com suas obrigações, ocasionando sérios embaraços aos realizadores da “grandiosa obra”. A diretoria viu-se obrigada a contrair empréstimos e assumir os encargos.⁹¹

A inauguração das novas instalações, limpas e dentro das mais “modernas exigências da higiene”, suscitou dúvidas quanto ao atendimento da população carente. O hospital garantiu que manteria a terceira classe para os pobres, gratuitamente, e que a qualidade dos serviços seria a mesma. Em reportagem, os responsáveis esclareceram: “Não se pode confundir luxo com higiene. Pode, pois, estar tranqüila a classe pobre de Cachoeira. Dentro em breve, poderá receber assistência gratuita, em hospital dotado do que há de mais moderno em matéria de higiene e conforto”.⁹² Em tese, os deserdados não mais passariam pelas provações a que estavam acostumados, visto que o atendimento até então era prioritariamente destinado aos que podiam pagar.

A construção do novo edifício do hospital foi considerado símbolo do dinamismo e da “capacidade realizadora” cachoeirense, algo que destacaria o município entre os demais do Estado e do país.⁹³ As imagens dos dois prédios ajudam a entender toda essa euforia da época. O antigo prédio – destinado ao isolamento dos portadores de moléstias infecciosas – era minúsculo frente ao novo, com quatro andares.



Figuras 95 e 96 – Fachada do antigo hospital, em fotografia atual, e do novo prédio do Hospital de Caridade, construído na praça Itororó, em fotografia dos anos 60. Fonte: Hospital de Caridade e Beneficência, Amigo HCB e Exposição do Arquivo Histórico Municipal *HCB, 100 anos de história*.

Iniciado o funcionamento no novo prédio, o problema a ser atacado era da desproporção entre o montante arrecadado e as despesas com manutenção que aumentaram gradativamente à medida que mais doentes pobres acorriam à casa de saúde. O cronista Braz

⁹¹ JP 25/7/1940 Hospital de Caridade, p.1. Ver também jornal *O Commercio*, 22/5/1940, p.1

⁹² JP, 13/4/1939 Hospital de Caridade. Um esclarecimento necessário, p.1

⁹³ JP, 14/4/1940 O que nos falta, p.1

Camilo alertou para o fato de que muitos doentes que podiam pagar diárias, acabavam ficando em suas casas, ou em hotéis e pensões.⁹⁴ Essa atitude ajudava a desequilibrar o orçamento. Além disso, a infra-estrutura exemplar atraía doentes pobres de municípios vizinhos, pesando ainda mais no desequilíbrio financeiro e exigindo novas ampliações, postergadas face à escassez provocada pela guerra. A comunidade auxiliava na medida do possível e do necessário, mas tendo o assistencialismo – doar eventualmente aos pobres e não diminuir a pobreza através de mecanismos eficazes – como idéia subjacente. Para adquirir a ambulância motorizada em 1941, senhoras da sociedade organizaram um espetáculo cinematográfico no Cine-Teatro Coliseu. No intervalo da sessão *Não se amam por encomenda*, com Anabela e Robert Young, foram sorteados prêmios.⁹⁵

Assim, se a construção do novo prédio do Hospital de Caridade deveria garantir boas condições hospitalares para várias décadas, seriam consideradas novamente precárias em pouco tempo porque o “modelar hospital”, dada sua estrutura exemplar, atraía doentes de outros municípios, tornando-se pequeno para abrigar a todos. Nesse primeiro quinquênio, a maioria dos hospitais do Estado localizavam-se no interior, mas tinham limitado número de leitos. Em 1945, o Rio Grande do Sul tinha 389 estabelecimentos hospitalares, 87% (345) deles no interior, com 12 mil (69%) leitos. Desta forma, o hospital cachoeirense tornava-se referência para a região, atraindo mais e mais pessoas, resultando na necessidade de sua ampliação. Eventualmente, o Estado auxiliava. Em 1946, doou 300 mil cruzeiros para terminar as obras da ala esquerda do edifício.⁹⁶

O município viu agravar a crise hospitalar nos anos subseqüentes, exigindo que o poder público municipal repassasse cada vez mais verbas ao hospital, por conta da assistência prestada aos pobres, sempre consideradas aquém do necessário dado o êxodo rural em curso. Para fazer frente ao perfil epidemiológico decorrente da rápida urbanização, o poder público responderia com a ampliação sistemática dos serviços hospitalares, processo que ficaria conhecido como “medicalização social” ao alinhar campanhismo e curativismo com centralização e concentração do poder institucional. A Era Vargas marcaria os programas e serviços de auxílios e de atenção médica durante a décadas subseqüentes, devido às práticas

⁹⁴ JP, 13/7/1941 Braz Camilo, p.1

⁹⁵ JP, 25/9/1941 Noticiário. Cachoeira terá uma ambulância automóvel, p.3

⁹⁶ Fonte: A.E.B. 24 Serviço de Estatística da Educação e Saúde. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil 1948. Rio de Janeiro: IBGE, v. 9, 1949. Ver JP, 20/6/1946 O governo do Estado doou 300 mil cruzeiros para o Hospital de Caridade de Cachoeira do Sul, p.1

clientelistas típicas do regime populista.⁹⁷

Da mesma forma que o hospital, os cemitérios passaram a grande preocupação devido ao aumento populacional. Até os anos 50, a prefeitura autorizava arrendamentos perpétuos de túmulo no Cemitério Municipal, na zona alta. Várias leis municipais foram editadas nesse sentido.⁹⁸ As autorizações foram suspensas quando o número de defuntos pobres enterrados na zona urbana aumentou de tal maneira que o espaço dos cemitérios não comportaria mais ninguém. A solução foi deixar o corpo decompor-se por certo período e depois utilizar a mesma cova para outro caixão.

Ainda no período de 30-45, era mais comum a participação da comunidade na morte dos indivíduos, embora não houvesse grandes preocupações comunitárias com relação aos defuntos, dado o número de habitantes ser relativamente pequeno.⁹⁹ A diferença nos atos fúnebres atingia os grupos sociais com a mesma intensidade que na vida cotidiana. Enquanto a elite era enterrada com pompas – nos anúncios fúnebres da época se colocava, na relação das covas, o nome das pessoas que enviaram os buquês – os subalternos seguiam para sua última morada na carroça fúnebre da municipalidade, vulgarmente conhecida por “Maria Creola”.¹⁰⁰

3.3. O entrincheiramento da elite frente à invasão bárbara

No interstício dos anos 30-45, a elite preocupou-se especialmente em manter as conquistas frente à invasão dos *outsiders*, que traziam consigo hábitos rurais não condizentes com a urbanidade tão desejada. O Jornal do Povo foi o porta-voz desses anseios, ao exigir sistematicamente a manutenção dos espaços públicos.

A insalubridade da água e a própria falta do precioso líquido nas torneiras cachoeirenses motivava, de tempos em tempos, reclames da elite através do jornal. Nos anos 30, noticiava-se o fornecimento de água suja e barrenta. As más condições da água geravam complicações gastro-intestinais nos consumidores. O Delegado de Saúde em 1934, Henrique Barros, justificou na época que para limpar os filtros da hidráulica era preciso cortar o

⁹⁷ LUZ, Madel, *Notas sobre as políticas de saúde no Brasil de transição democrática – anos 80*, In: Physis, Revista de Saúde Coletiva; Rio de Janeiro: UERJ, 1991 e LUZ, Madel Terezinha. *Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930)*. op.cit., 1982

⁹⁸ Ver Lei Municipal n.60, de 14/7/1949, n.79, de 20/10/1949, n.81, de 25/10/1949, n.89, de 29/11/1949, n.108 e n.109, de 25/5/1950, n.118 e n.119, de 4/6/1950, n.120 e n.121, de 4/6/1950, n.126 e n.127, de 20/6/1950, n.129, de 20/6/1950. Toda essas leis foram publicadas no Jornal do Povo. A última das leis concedendo carneira perpétua foi a de n.780, em 18/9/1959, publicada no jornal O Commercio, em 30/9/1959, p.7

⁹⁹ Ver ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos. Envelhecer e morrer*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p.23-36

¹⁰⁰ JP, 3/11/1929 Reclamações, p.3, 6/5/1934 Relação das covas dos bouques, p.3 e 6/12/1942 Noticiário. Campanha em prol do enterro de pobres, p.5

abastecimento por vários dias, “o que viria trazer uma série de complicações para a população”.¹⁰¹ O editorial do JP de julho de 1931 trazia que Cachoeira estava “rouca de gritar” pelas águas que corriam debaixo de seus pés, “mas o seu grande recurso tem sido só desapertar para a esquerda, ficando cada vez mais em dívida com a prefeitura”.¹⁰²

Existiam, no início da década de 30, 954 domicílio ligados à rede de água, de um total de 1.562, mas apenas 346 possuíam hidrômetro. De acordo com o relatório do intendente, essa era a principal causa do aumento desproporcional do consumo de água, comparando-se a três anos antes, em mais de 50%, aumento esse não acompanhado pelo montante arrecadado, pouco mais da metade, 24,8%. As despesas com os serviços de água, no ano de 1929, somaram 150:705\$758 réis, divididas em pagamento de funcionários administrativos (18:582\$788 réis), operários (22:217\$750 réis), energia elétrica (95:059\$020 réis) e lubrificantes e sulfato de alumínio (14:846\$200 réis). Além disso, em torno de 25% do total de lançamentos anuais era valores não pagos por usuários, inscritos na dívida ativa.¹⁰³ Por conta disso, a prefeitura mandou cortar, em 1931, o fornecimento de água de diversos prédios que estavam em atraso no pagamento das taxas de saneamento.¹⁰⁴ A tabela com dados extraídos do relatório mostra a diferença entre o consumo, lançamento, arrecadação e dívida ativa:

Especificação	anos	1926	1927	1928	1929
Consumo de água (m ³)		348.331	475.477	512.905	529.171
Lançamento (réis)		286:560\$000	297:845\$200	307:593\$225	345:210\$230
Arrecadação (réis)		225:935\$105	218:907\$300	238:647\$000	281:642\$805
Dívida ativa consumidores (réis)		60:624\$895	78:937\$900	68:946\$225	63:568\$000

Tabela 5 – Consumo de água encanada e valor arrecadado com o serviço, nos anos 1926-1930. *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. op.cit., 1930*

Já em fins de 30 o jornal apontava a necessidade de construção de outro depósito de decantamento da água, pois os existentes não estariam sendo suficientes.¹⁰⁵ O problema do abastecimento hidráulico cachoeirense agravava-se em face do aumento populacional na área urbana. O peso da dívida municipal, contraída nos anos 20 quando da construção da primeira

¹⁰¹ JP, 29/11/1931 Noticiário. Com a Hidráulica Municipal, p.3, 21/12/1934 A água da Hidráulica Municipal, p.1, 8/12/1935 A água da hidráulica Municipal, p.3 e 6/12/1931 Noticiário, p.3. A Lei Municipal n.º 68, de 19/7/1949, autorizou contribuição ao Estado, para completar o prolongamento da rede de água até o término da Avenida Brasil.

¹⁰² JP, 26/7/1931 Editorial, p.1

¹⁰³ *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. op.cit., 1930, p.27-29*

¹⁰⁴ JP, 6/12/1931 Noticiário, p.3

¹⁰⁵ JP, 6/1/1938 Problemas da cidade, p.1

e segunda hidráulica, nas administrações de Annibal Loureiro e João Neves da Fontoura, postergaram a solução dessa questão para os anos 50, quando os serviços de abastecimento passara definitivamente para o Estado, através do órgão Serviços Industriais do Estado (SIE), ligado ao Departamento de Saneamento da Secretaria de Obras Públicas do Estado.¹⁰⁶

Paralelamente aos problemas de abastecimento de água, o aumento do número de construções sobrecarregou o sistema de esgotos. Desde os anos 20, sua ampliação foi paulatina, concentrada nas ruas de maior fluxo. As reclamações que aparecem na imprensa, contudo, restringem-se às áreas urbanizadas do centro ou em suas proximidades. Em épocas de calor intenso, o cheiro era insuportável. Já com fortes chuvas, os bueiros entupidos alagavam, fazendo emergir detritos das “águas servidas” que invadiam passeios e residências.¹⁰⁷

A cobrança dos serviços de esgoto na zona central data dos anos 30, quando o município passou a exigir pagamento mesmo daqueles domicílios não ligados à rede, conforme disposto no *Regulamento dos Serviços de Higiene e Assistência Pública*, promulgado em 1926. Era uma forma de exercer pressão para que todos se adequassem às exigências estabelecidas de instalações sanitárias. Os prédios não dotados dessas melhorias, quando desabitados, não poderia ser novamente ocupados sem que fosse providenciado o serviço.¹⁰⁸ No ano de 1929, foram feitas 153 vistorias em prédios, com 21 desinfecções e 5 intimações para limpeza.¹⁰⁹

Os serviços de asseio público no centro, que consistia na coleta diária dos cubos por carroça puxada à tração animal, sobreviveram até o Estado assumir os serviços de água e esgoto. Para o articulista Jota de Lima, da coluna *Fatos em foco*, o processo de recolhimento dos detritos em carroças transitando nas vias públicas não coadunava com a “movimentada metrópole de vida trepidante”. A passagem dos cubos causava “ânsia de vômito” e “falta de apetite”. Era algo vergonhoso para Cachoeira possuir serviços dessa espécie, “humilhante” e

¹⁰⁶ JP, 5/12/1954 Falta de água na cidade, p.1 e 14/12/1954 Já foi restabelecido o fornecimento de água à cidade, p.1. Ver ainda ARAGÃO, Walter Morales. *Formas da Ação Política Administrativa do Estado Capitalista: o saneamento urbano no Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado [orientadora Eva Machado Barbosa Samios], Porto Alegre/RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PROPUR, 2000

¹⁰⁷ JP, 12/12/1950 Qual é a sua reclamação? Um esgoto furado, p.4 e 4/9/1952 Um açude na rua Júlio de Castilhos, p.1

¹⁰⁸ *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930*. op.cit., 1930, p.29

¹⁰⁹ *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930*. op.cit., 1930, p.15

“nauseoso”, “degradante” tanto para sua população quanto para os forasteiros. Era “vexatório” para os que recolhiam e para as famílias que usavam o serviço.¹¹⁰

Na zona central, terrenos baldios passaram a ser motivo de preocupação, pelo capinzal que crescia e porque muitos moradores simplesmente depositavam lixo nesses locais, trazendo conseqüências desagradáveis para a vizinhança.¹¹¹ No recolhimento do lixo eram empregadas duas carroças. A grande distância entre a coleta e o depósito impossibilitavam que elas atendessem com pontualidade toda o perímetro urbano, ocasionando críticas da imprensa: “Assim, há ruas onde o lixo só é retirado de quando em quando e, outras, onde não é retirado nunca, revelando no tour que mesmo nos pontos centrais esse serviço é feito com a irregularidade que já se tornou praxe”.¹¹² Em 1938, a edilidade substituiu as carroças do lixo por um caminhão com carroceria apropriada, adquirido na Agência Chevrolet,¹¹³ mas a substituição foi somente para a área saneada.

Mesmo no Mercado Público, em plena praça José Bonifácio, formavam-se verdadeiras montanhas dos resíduos ali comercializados, por causa do recolhimento ser semanal. Em algumas ocasiões, o lixo acabava misturando-se com o esgoto cloacal. Tais situações ameaçava o título que Cachoeira do Sul tanto se orgulhava: de cidade limpa e bem saneada.¹¹⁴

Na preocupação com a higiene urbana, a varrição das ruas foi aspecto indispensável. O edital da Prefeitura Municipal de 29 de dezembro de 1930 delimitava a área central como aquela que deveria ser varrida:

Varrer diariamente as ruas Saldanha Marinho, 7 de Setembro e Moron e respectivas travessas calçadas, largo Colombo, bairro Rio Branco e praças Baltazar de Bem e José Bonifácio. Conservar estas ruas em perfeito estado de limpeza, capinando as ervas daninhas todas as vezes que isso se tornar necessário. Varrer duas vezes por mês as ruas Júlio de Castilhos, 15 de novembro e 1º de marco, e respectivas travessas.¹¹⁵

O vencedor da concorrência foi Manoel da Fontoura Xavier, que assinou contrato pelo prazo de três anos para fazer o serviço de remoção do lixo e matérias fecais da zona urbana da cidade.¹¹⁶

¹¹⁰ JP, 29/10/1953 Fatos em foco. Jota de Lima, p.2. Embora a Lei Municipal n.287 tenha extinto o serviço de asseio público em 28/11/1952, os serviços cessaram somente em 1/1/1954. Fonte: JP, 4/12/1952, p.3

¹¹¹ JP, 23/12/1934 Noticiário. Com a higiene, p.5

¹¹² JP, 2/12/1934 Limpeza Pública, p.1

¹¹³ *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Coronel Oswaldo Cordeiro de Farias, D.D. Interventor Federal, pelo Prefeito Municipal de Cachoeira, Sr. Reinaldo Roesch, e correspondente à sua administração durante o exercício de 1938.* op.cit., 1939, p.12

¹¹⁴ JP, 4/2/1951 Efes & Erres. Izar de Santandr . Lixo, p.3 e 5/12/1956 Escutando & Comentando, p.2

¹¹⁵ JP, 29/12/1930 Edital Prefeitura Municipal. Concorrência pública. Limpeza de ruas, p.1. Ver também JP, 26/12/1929 Limpeza das ruas, p.3

¹¹⁶ JP, 26/2/1931 Noticiário. Remo o do lixo, p.3

A falta de iluminação pública foi outro dos problemas urbanos que afligiu a elite cachoeirense, beneficiária dos serviços. A potência instalada em 1929 era de 640 HP, servindo tanto para iluminação pública quanto para suprir residências, casas comerciais e indústrias. Somente a despesa com iluminação das ruas da cidade atingiu a cifra de 37:122\$840 réis, em torno de 96% do valor pago pela municipalidade à Companhia Rio Grandense de Usinas Elétricas. A diferença, 1:517\$180 réis (4%), foi para pagar as contas dos prédios públicos do município. Além disso, foram gastos 18:644\$017 réis em materiais para concerto ou extensão da rede e 2:860\$949 réis com o pagamento do encarregado por acender e apagar as luzes, totalizando 60:144\$986 réis, ou 3,36% dos 1.786:343\$018 réis arrecadados em receitas ordinárias no período.¹¹⁷

Por motivos de economia, durante muito tempo as luzes dos postes foram apagadas após as 3 h da madrugada, atitude que, para o JP, “favorecia a ação dos gatunos que, nos últimos dias, protegidos por ela, infestaram a cidade”.¹¹⁸ Nesta época, a concessionária sistematicamente negava-se a ampliar a rede elétrica e instalar novos postes, mesmo com os moradores pagando pelo serviço.¹¹⁹ Em fins de 1934, o horário de escuridão aumentou, devido ao desligamento da iluminação à 1 h da madrugada. O jornal noticiou da seguinte forma: “Os cidadãos, (e não precisam ser retardatários para andarem aquela hora na rua em época de verão) que são surpreendidos fora de casa depois da uma hora são obrigados a saírem riscando fósforos pelas esquinas para darem com suas moradas”.¹²⁰ Nos anos 38-39, a rede de cabos de chumbos foi substituída por cabos arados, visto que o sistema até então utilizado freqüentemente apresentava defeitos e gerava sobrecarga de energia.¹²¹

Em 1939, foi anunciada iluminação em tempo integral, mas durou somente até 1942, quando os blecautes passaram a ser constante sob justificativa da guerra, precaução contra possíveis ataques aéreos inimigos. Começava com o sinal de alarme aéreo pelas sirenes, seguido do badalar de sinos e apitos. Logo a seguir, a cidade mergulhada na mais completa escuridão, durante aproximadamente 40 min, quando novo sinal fazia a cidade voltar ao seu estado habitual. O articulista Braz Camilo ironizou a situação: “O que me chateou foi esse

¹¹⁷ *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930.* op.cit., 1930, p.38-39

¹¹⁸ JP, 28/7/1929 Iluminação pública, p.3

¹¹⁹ JP, 27/11/1930 Noticiário. Iluminação pública, p.3

¹²⁰ JP, 13/12/1934 Noticiário. Iluminação pública, p.3

¹²¹ *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Coronel Oswaldo Cordeiro de Farias, D.D. Interventor Federal, pelo Prefeito Municipal de Cachoeira, Sr. Reinaldo Roesch, e correspondente à sua administração durante o exercício de 1938.* op.cit., 1939, p.12 e *Relatório da Prefeitura Municipal de Cachoeira, relativo ao exercício de 1939, apresentado pelo Snr. Cyro da Cunha Carlos, sub-prefeito da sede no exercício de prefeito.* op.cit., 1940, p.86

exercício de defesa passiva. Há dias que vinha me preparando, e, quando chegou a ocasião, também não vi níquel. Escuridão completa. Se isso é blecaute, há tempo que estou nocaute”.¹²²

Para quem morava nas vilas e mesmo próximo das principais artérias, essa falta de luz era a regra. Como nessas zonas os moradores eram, em sua maioria, empregados do comércio e da indústria, a escuridão das ruas ameaçava o ir-e-vir diário.¹²³

A questão dos custos administrativos que o município tinha que carregar servia para justificar a falta de ampliação da infra-estrutura urbana. Das reclamações mais correntes, expressas nas páginas da imprensa, despontava o peso da dívida do município, face às obras de melhoramento realizadas nas administrações passadas. Em editorial intitulado *A dor dos melhoramentos*, em agosto de 1931, o *Jornal do Povo* escreveu que o peso da dívida seria tamanho a ponto de espremer “todos os líquidos, choráveis, e, por isso, apresenta agora o aspecto de uma laranja chupada”.¹²⁴ A cidade estaria em “estado de abatimento e de opressão”, com “ar morno, parado e pesado” a envolver.¹²⁵

O município de Cachoeira estava envolto num dilema: se pagava as prestações de juros e amortizações com a pontualidade exigida pelos contratos, ficava reduzida à situação do “saco vazio, não podendo parar em pé”; se não pagasse com pontualidade, não conseguiria restaurar a saúde e as finanças.¹²⁶ Setembrino Melo escreveu que a enorme despesa de conservação das monumentais obras de calçamento, água e esgotos haviam matado Cachoeira e que novos gastos só se “as gentis damas da nossa alta e culta sociedade, de picareta em punho, saíssem para as praças e ruas, a tratar do seu aformosamento”.¹²⁷

No balanço contábil referente ao exercício de 1929, as receitas do município somaram 4.140:343\$018 réis, incluindo nesse valor o empréstimo feito no Banco do Rio Grande do Sul, na importância de 2.000:000\$000 réis, quase 50% do valor da arrecadação anual. As despesas no mesmo período foram de 2.879:370\$466 réis, afora o pagamento dos juros da

¹²² JP, 6/4/1939 Noticiário, p.3, 22/10/1942 Cachoeira teve, ante-ontem, o seu primeiro exercício de “black-out”, p.2 e 22/10/1942 Braz Camilo, p.1

¹²³ Em 1954, a usina local foi encampada pelo Governo do Estado. Entretanto, não cessou o racionamento em residências, comércio e indústrias, nem mesmo com a integração ao sistema elétrico estadual, em 1961. A questão da luz era freqüente nas páginas dos jornais. A fisionomia da cidade às escuras representava aspectos lúgubres. Reclamava-se por causa dos bicos de luz quebrados ou queimados e pela falta de lâmpadas nos postes das mais diversas zonas da cidade. Segundo o JP, havia contenda entre prefeitura e a *Companhia Estadual de Energia Elétrica* (CEEE), para saber quem era responsável pela reposição e concerto.

¹²⁴ JP, 9/8/1931 Editorial. A dor dos melhoramentos, p.1

¹²⁵ JP, 7/4/1932 O aspecto econômico-financeiro de Cachoeira, p.1

¹²⁶ JP, 13/10/1932 Nova Mentalidade – Novos Moldes II, p.1

¹²⁷ JP, 2/6/1935 Administração de Cachoeira. Setembrino Melo, p.1

dívida, na ordem de 1.261:616\$936 réis. A dívida total do município beirava a casa dos 9.983:871\$960 réis, equivalente a cinco anos de arrecadação, assim distribuídos:¹²⁸

TÍTULOS	DÉBITO (réis)	CRÉDITO (réis)
1 Empréstimo de 1900 para a construção do Teatro Municipal, 68 apólices de 1:000\$000 réis cada uma		68:000\$000
2 Empréstimo de 1922 par aquisição de terrenos para as obras dos quartéis do Exército Nacional, 36 apólices de 1:000\$000 réis cada uma		36:000\$000
3 Empréstimo externo contraído com os banqueiros J.G. White and Company, Incorporated, de Nova Iorque, para os serviços de remodelação da cidade e o resgate de empréstimos		7.893:999\$960
4 Empréstimo feito com o Banco do Rio Grande do Sul, para o resgate da dívida e outros serviços municipais		1.985:872\$000
5 Empréstimo feito com a Caixa Cooperativa Santa Cruzense, para as obras de saneamento da cidade		1.360:000\$000
Importância emprestada para a Intendência Municipal de Porto Alegre e que deve ser descontado do total dos empréstimos	1.360:000\$000	
Saldo líquido do débito do empréstimo da Intendência	9.983:871\$960	
	11.343:871\$960	11.343:871\$960
Balço		9.983:871\$960

Tabela 6 – Balço Geral dos Empréstimos Municipais em 28 de fevereiro de 1930. Fonte: *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa*, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. Cachoeira: Oficinas graphicas d'O Commercio, 1930, p.40 e 55

Em 1938, o peso das dívidas ainda era tamanho que obrigou o prefeito Reinaldo Roesch a solicitar suspensão do pagamento de juros e amortizações dos empréstimos pelo período de quatro anos ao Interventor Federal no Estado, General Daltro Filho. A receita orçada foi de 1.800:100\$000 réis para uma despesa orçada em 2.697:797\$500 réis ou, caso fosse aceito a moratória, 1.898:801\$700 réis. Outra medida adotada foi o controle fiscal e a reorganização do órgão arrecadador. Desta forma, a arrecadação municipal no exercício de 1938 foi recorde, 2.372:662\$150 réis. As despesas, excluído os serviços de juros e amortizações dos empréstimos, também subiram para 2.197:788\$550 réis.¹²⁹ No ano seguinte, a receita total arrecadada foi de 2.823:002\$000 réis para uma despesa de 2.675:390\$300 réis, excluídas as dotações orçamentárias de 874:631\$000 réis para pagamento dos juros das dívidas externa (595:178\$600 réis) e interna (279:452\$400 réis).¹³⁰

¹²⁸ *Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente José Carlos Barbosa*, em sessão ordinária de 20 de setembro de 1930. op.cit., 1930, p.40 e 55

¹²⁹ *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Coronel Oswaldo Cordeiro de Farias, D.D. Interventor Federal, pelo Prefeito Municipal de Cachoeira, Sr. Reinaldo Roesch, e correspondente à sua administração durante o exercício de 1938*. op.cit., 1939, p.1-10

¹³⁰ *Relatório da Prefeitura Municipal de Cachoeira, relativo ao exercício de 1939, apresentado pelo Snr. Cyro da Cunha Carlos, sub-prefeito da sede no exercício de prefeito*. op.cit., 1940, p.5-10

A par das dívidas, o crescimento desmedido da cidade ressuscitou o discurso de ordenação do espaço urbano.¹³¹ Até a primeira metade do século XX, as posturas municipais delineavam o rumo que a cidade deveria seguir. O *Código de Posturas Urbanas do Município* fora decretado e promulgado através da Lei n.222, de 19/9/1926. Através da Lei n.302, de 2/1/1929, o intendente José Carlos Barbosa o reformou parcialmente.¹³²

Para muitos da elite, a evolução urbana frenética do município nos anos 30 não poderia ser feito sem harmonia. Aurélio Lyra escreveu no jornal em 1934 que era preciso separar as zonas comerciais e residenciais, controlando as novas edificações nos locais mais adequados. A praça deveria ser o centro de diversões, com cafés, cinema e alamedas preparadas para “conduzir os pedestres ou automobilistas que acoressessem, na hora habitual das diversões, até a porta principal de um edifício de fachada bem iluminada, com sirenes tocando, rodeados de grupos que palestram, criaria assim o núcleo de diversões da cidade”. Os hotéis deveriam instalar-se no Rio Branco, não só pelo charme do bairro, mas pela tranquilidade, calçamento, arborização: “aí se acha o lugar que está desejando a pessoa que acabou de trabalhar ou divertir-se, na zona central da cidade, para repousar, para receber uma visita, para viver”. Para tanto, sugeria que a municipalidade tomasse a iniciativa e desapropriasse os lotes que fossem necessários, mesmo que a época fosse de contenção de gastos e as dívidas abocanhassem parte das receitas municipais.¹³³

O problema da falta de ordenamento perdurou nas décadas seguintes, produzindo edificações muitas vezes sem a menor orientação, situação que engendrou o desejo de aplicação do plano diretor, sob a justificativa que somente “dentro de uma previsão de urbanismo uma cidade pode se desenvolver segundo a melhor harmonia e de acordo com as maiores facilidades”.¹³⁴ Em 1948, chegou a ser cogitada a elaboração do plano diretor,¹³⁵ iniciativa não levada adiante antes da criação oficial do Conselho Municipal do Plano de Urbanismo (CMPU), em 28 de maio de 1957.¹³⁶ O zoneamento da cidade seria somente na década de 60, tardiamente para fazer frente ao inchaço populacional visto de forma fremente nos anos 55-60,¹³⁷ quando o número de habitantes na zona urbana da sede passou de 23.286,

¹³¹ Ver AZEVEDO, Ricardo Marques de. *Uma Idéia de Metrópole no Século XIX*. In: Revista Brasileira de História. v.18 n.35 São Paulo 1998 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100007&lng=es&nrm=iso – acessado em 16/1/2006]

¹³² Lei n.222, de 19/9/1926 e Lei n.302, de 2/1/1929

¹³³ JP, 21/6/1934 A cidade. Aurélio Lyra, p.1

¹³⁴ JP, 1/1/1939 O urbanismo em Cachoeira do Sul, p.12 e 21/1/1943 Notas locais, p.4

¹³⁵ JP, 8/2/1948 Em elaboração o “Plano Diretor da Cidade”, p.1 e 20/5/1952 Posturas. Lauro Schirmer, p.2

¹³⁶ A Lei Municipal n.602, de 28/5/1957, criou o Conselho Municipal do Plano de Urbanismo C.M.P.U. Fonte: JP, 1/6/1957, p.2

¹³⁷ A Lei Municipal n.1059, de 17/8/1964, criou o Plano Diretor da cidade de Cachoeira do Sul. Fonte: JP, 20/8/1964, p.3 e 5. A Lei Municipal n.1084, de 19/11/1964, criou a Comissão de História para regular a

num total de 96.633 nas zonas sub-urbana, rural e nos distritos, em 1945-50, para mais de 39 mil no quinquênio 1955-60.¹³⁸

Na questão da ordenação propriamente dita, destacava-se o aspecto estético das construções de residências e casas comerciais. Na virada dos anos 20 a 30, a questão do crescimento urbano cachoeirense estava sendo debatida com bastante alvoroço. Casas velhas, de fisionomia esdrúxulas e fora do alinhamento eram chamadas de pardieiro, afronta à beleza urbana local.¹³⁹

Para um leitor, era doloroso ver na cidade “casas velhíssimas”, “enfeitando” as ruas, causando “má impressão” aos visitantes. A fama de Cachoeira, segundo ele, era de uma das mais belas cidades do interior gaúcho, embora a existência de velhas edificações destoassem o visual. Se a praça Baltazar de Bem tinha belos jardins, havia casas seculares em seu redor para enfeitar; o próprio edifício do Fórum, na testada oeste da praça, parecia mais um pardieiro e não o local da justiça. Em seu entendimento, melhorias poderiam, inclusive, fazer com que muitas pessoas se mudassem para Cachoeira, se não fosse pelo aspecto precário de várias edificações centrais: “muita gente se mudaria para cá se houvesse edifícios em condições de serem habitados e não se visse mais casas em ruínas, o que daria novo aspecto a cidade, diferente do que se nota em todas as ruas”.¹⁴⁰ O aspecto de habitações no entorno da praça Baltazar de Bem foi criticado também por outro leitor. No seu entender, três casas abandonadas, “uma delas sem janelas, onde a ratazana passeia impunemente e em cujos fundos demora toda a sorte de imundícies”, geravam triste contraste com a “encantadora” praça.¹⁴¹

O decréscimo do número de edificações passou a ser preocupação discutida através da imprensa como forma de pressionar o poder público a subvencionar a reformulação estética tão desejada na arquitetura local. A reportagem publicada no Jornal do Povo, em 21 de julho de 1929, deu a entender que o número de novas construções na zona urbana havia diminuído

nomenclatura de ruas e logradouros públicos. Fonte: JP, 22/11/1964, p.7. Ver também JP, 25/10/1964 Plano diretor. João Minssen, p.6

¹³⁸ JP, 12/12/1950 96.633 habitantes é o que acusa o resultado final do Censo de 1950 com referência ao Município de Cachoeira, p.1, 6/1/1954 2.338 registros de nascimentos nesta cidade em 1953 - número de óbitos: 539, p.4, 18/3/1955 Cachoeira conta 100.730 habitantes, p.1, 29/11/1960 Cachoeira do Sul cresceu em 70%, p.1, 14/3/1961 Cachoeira deixou de ser o terceiro município do R.G.S, p.1 e 17/8/1961 Decrescem os nascimentos neste município, p.3. As emancipações dos distritos de Faxinal do Soturno (Dona Francisca), Restinga Seca e Agudo, ocorridas no ano de 1958, suprimiram do cálculo demográfico 38.198 habitantes, fazendo com que o município de Cachoeira do Sul deixasse de ser o terceiro mais populoso do Estado, com 84.512 habitantes.

¹³⁹ JP, 11/7/1929 Pardieiro, p.1 e 13/10/1929 Alinhamento predial, p.2

¹⁴⁰ JP, 14/5/1931 Pela cidade. AV, p.1

¹⁴¹ JP, 11/2/1932 Pela Urbs. Contrastes. Petrônio, p.1

em razão do alto valor das taxas de construção cobradas pela prefeitura.¹⁴² Em outra reportagem, publicada na semana seguinte, em 4 de agosto, o jornal defendeu a redução dos impostos e taxas que recaíam sobre prédios urbanos, atitude que poderia incrementar e estimular novas edificações: “naturalmente que, menos onerados, os construtores, ao invés de irem fazer seus prédios nos arrabaldes, procurariam os terrenos centrais, que, infelizmente, nos sobejam dando a cidade uma aparência triste e feia, de longos muros que se seguem a longos muros”. Entretanto, o próprio jornal alertou para os construtores levianos, que conseguiam do município isenções e regalias mas construíaam ao “bel prazer, com prejuízo aos interesses coletivos”, que faziam o contrário do contratado, que apresentavam “plantas orçadas em grandes somas” mas construíaam “simples galpões anti-estéticos”.¹⁴³

Para um leitor que escreveu em fins de 1929, a evolução cachoeirense fora diferente de outras localidades. A iniciativa pública precedera a iniciativa privada. Se nos demais centros, o poder público iniciava obras apenas quando havia progresso econômico privado, que exigiria o desenvolvimento de infra-estrutura urbana, em Cachoeira, deu-se o contrário. Por esta razão o choque entre a cidade “civilizada” no espaço público mas “amorfa” nas construções privadas. Segundo ele, “Cachoeira, engana ao que chega, dá-lhe a idéia de um centro de trabalho ativo e intenso, mas, na verdade, os nossos capitalistas só sabem plantar arroz e, por isso, os que poderiam ser aproveitados à frente de um grande estabelecimento fabril, se estiolam, vegetando eternamente à sombra dos balcões”. O município assemelhava-se a “moça rica sem dinheiro” que qualquer “velha endinheirada põe no barro”.¹⁴⁴

Para o jornal, o maior responsável por esse estado de coisas era a própria administração municipal. O aspecto de ruínas ostentado por muitas habitações, algumas inclusive incendiadas, gerava a impressão de decadência para a cidade.¹⁴⁵

Neste contexto, os loteamentos davam mostra de que a cidade crescia também em tamanho. Se a vila Barcelos fora local escolhido para moradia de operários e pessoas pobres, que não podiam pagar os alugueis elevados das casas do centro, o loteamento denominado Soares, localizado nas proximidades do Rio Branco, estação ferroviária e rua Júlio de Castilhos, tinha os lotes “mais futurosos da cidade”. O anúncio publicado em 1933 explorava essa vantagem. Segundo o vendedor do loteamento, Ari Pilar Soares, o prolongamento da rua

¹⁴² JP, 21/7/1929 Por que decresce a edificação urbana?, p.1

¹⁴³ JP, 4/8/1929 Edificação urbana, p.1

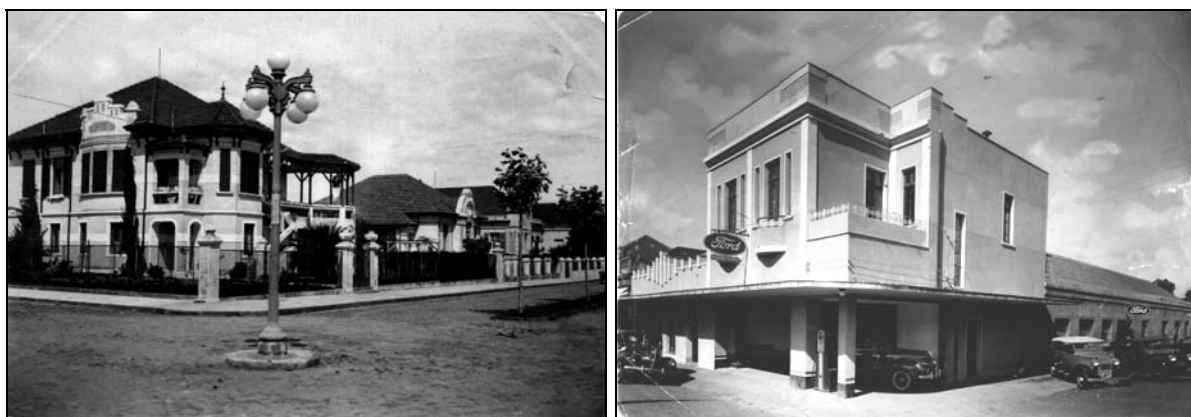
¹⁴⁴ JP, 8/9/1929 A iniciativa particular. S., p.1

¹⁴⁵ JP, 18/2/1932 A nossa cidade, p.1

1º de Março ligaria a Soares com o Rio Branco, valorizando ainda mais os terrenos daquela zona.¹⁴⁶

Nas construções da zona central, anúncios de grandes investimentos privados eram comemorados pela imprensa: o do grande hotel, com “vasto salão para refeições” e 60 quartos com “todos os requisitos necessários”; o da reforma de antigo hotel, “dotando-o de todas as instalações modernas, para o maior conforto de seus hóspedes”; o do belo edifício em estilo moderno; o da nova construção no Rio Branco.¹⁴⁷ O aristocrático bairro, ocupado principalmente pela elite de origem teuta, era considerado a parte mais linda da cidade, dada às novas e imponentes edificações. A proibição de construir prédios abaixo de determinado valor, o traçado largo e retilíneo das ruas, a farta arborização, a iluminação, os encanamentos de água e esgoto, faziam do bairro modelo para os demais munícipes, ponto preferido para passeio dos habitantes de outras partes da cidade.¹⁴⁸

Muitos anúncios de venda de imóveis passaram a se adequar às novas exigências, como a colocação da expressão “requisites de higiene” no corpo do texto.¹⁴⁹ Imagens de construções modernas, como as da fotografia a seguir, demonstram esse desejo da elite pela mudança fisionômica da área urbana.



Figuras 97 e 98 – Residências do bairro Rio Branco e prédio da Agência Ford. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

¹⁴⁶ JP, 15/5/1930 Vila Barcelos, p.2 e 14/12/1933 Anúncio. Os terrenos da “Vila Soares”.p.3 Nas décadas seguintes, os lotes seguiriam sendo vendidos no bairro pela família Soares. Ver, por exemplo, a Lei Municipal n.277, de 17/11/1952, que autorizou o cancelamento de Fabrício Pillar Soares, como “vendedor de terrenos”, e a devolução da importância indevidamente cobrada pelo município. Fonte: Livro de Registro de Leis da Prefeitura Municipal, 1952; a Lei Municipal n.324, de 21/7/1953, que autorizou a aquisição de um imóvel de Fabrício Pillar Soares, no bairro Juvêncio Soares, destinado a construção de uma praça. Fonte: JP, 23/7/1953, p.4; e a Lei Municipal n.340, de 27/10/1953, que concedeu isenção de impostos ao casal Ari Pillar Soares, mediante doação de faixa de terras necessárias ao prolongamento da Travessa Domiciana. Fonte: JP, 1/11/1953, p. 2

¹⁴⁷ JP, 6/10/1929 Um grande hotel nesta cidade, p.3, 31/10/1929 Moderno hotel, p.3, 22/1/1933 Noticiário. Novo Prédio, p.3 e 3/11/1929 Nova construção, p.3,

¹⁴⁸ JP, 14/11/1929 Do meu canto. Justa pretensão, p.1

¹⁴⁹ JP, 7/6/1931 Anúncios econômicos, p.3 e 17/9/1931 Anúncios econômicos, p.4

Com a diminuição dos impostos municipais para construção, ainda na administração de Aldomiro Franco (1932-1937), aumentou o número de novas edificações.¹⁵⁰ Os reflexos da iniciativa foram descritos no jornal: “O movimento construtivo é intenso. Edifícios novos e de estilo moderno erguem-se a cada passo, como a mostrar que a cidade, por seus filhos, busca, na renovação dos prédios, ostentar uma eterna mocidade”.¹⁵¹ Mesmo assim, problema que tornou-se grave foi de residências para alugar. Muitos dos que chegavam para instalar-se em Cachoeira, encontravam dificuldade em termos de moradia. A febre das construções tinha limitado-se a residências para moradias dos próprios proprietários e não como fonte de renda. A justificativa alegada era que a renda auferida no aluguel do imóvel não cobriam os altos custos da construção, agravado pela incidência do imposto predial e taxas de água e esgoto, cobertas pelo locatário.¹⁵²

Em 1938, o prefeito Reinaldo Roesch (1938-1939) baixou novo decreto isentando do pagamento de décimas urbanas, por até 10 anos, prédios que fossem construídos com dois ou mais andares. O número de licenças solicitadas para construção subiu de 132, em 1937, para 173, em 1938.¹⁵³ No ano seguinte, o número de licenças baixou para 127, sendo 46 para prédios de alvenaria, 47 para prédios de madeira, 26 para reformas em geral, 5 para reparos e 3 para demolições. A justificativa para a diminuição do número de obras foi devido ao baixo valor do arroz, principal fonte de renda do município.¹⁵⁴

O número de edificações em Cachoeira teve outro aumento no início da década de 40. Se no período de junho de 1938 a junho de 1939, totalizou 206, no período seguinte, de junho de 1939 a junho de 1940, aumentou para 295. Os prédios existentes na cidade somavam 3.723, praticamente o triplo do verificado em meados dos anos 10, embora grande parte desse crescimento ter verificado-se nas vilas que surgiam na cidade e ampliavam a malha urbana.¹⁵⁵ Mesmo assim, o problema das casas destinadas a aluguel não foi resolvido. Se o preço dos imóveis para venda estava baixa, o mesmo não ocorria com os imóveis destinados para locação, considerados “estratosféricos”.¹⁵⁶

¹⁵⁰ JP, 22/10/1933 O movimento construtivo nesta cidade, p.1

¹⁵¹ JP, 30/3/1939 Caveira de burro, p.1

¹⁵² JP, 25/11/1937 Problemas da cidade. Casas de aluguel, p.1

¹⁵³ *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Coronel Oswaldo Cordeiro de Farias, D.D. Interventor Federal, pelo Prefeito Municipal de Cachoeira, Sr. Reinaldo Roesch, e correspondente à sua administração durante o exercício de 1938.* op.cit., 1939, p.12

¹⁵⁴ *Relatório da Prefeitura Municipal de Cachoeira, relativo ao exercício de 1939, apresentado pelo Snr. Cyro da Cunha Carlos, sub-prefeito da sede no exercício de prefeito.* op.cit., 1940, p.86-87

¹⁵⁵ JP, 18/8/1940 Cachoeira progride!, p.1

¹⁵⁶ JP 28/4/1940 Braz Camilo. Casa para alugar, aqui, é um caso sério, p.1

Em janeiro de 1941, o engenheiro Nelson Aveline escreveu no *Jornal do Povo* sua opinião a respeito das construções prediais. Para ele, o progresso da cidade era avaliado pelo número de construções em andamento: “Há momentos em que as construções prediais assumem aspectos de verdadeiros surtos de progresso, representados pelo movimento das novas construções que surgem por todos os cantos, enriquecendo o patrimônio urbano, fechando os espaços baldios nas quadras e embelezando as ruas”. Por trás desses surtos progressistas estaria a expansão econômica local que, em época de carência, fazia com que as cidades estacionassem, “retardando seu desenvolvimento normal, à espera das épocas de prosperidade”.¹⁵⁷

O aspecto estético da arquitetura predial crescia em importância em épocas festivas, como na I Festa do Arroz, quando a prefeitura pediu aos proprietários de imóveis que caiassem as fachadas para causar “aspecto agradável” aos visitantes.¹⁵⁸ Era considerada moderna aquelas residências particulares que tivessem divisão interna adequada aos novos tempos, com peças maiores e melhor distribuídas, luz direta nos quartos e que atendesse aos preceitos de higiene.¹⁵⁹

Nos anos do pós-guerra, a concepção estética brasileira passou a ter o mote das construções norte-americanas, vista principalmente através do desejo de erguerem-se edifícios com vários andares. A comunidade em geral e a imprensa em especial tentaram aproximar Cachoeira do Sul do modelo *downtown*, com arranha-céus *yankees*. Um exemplo foi o edifício do Clube Comercial, cogitado desde 1944. Sua pedra angular foi lançada em julho de 1948, na esquina das ruas Sete de Setembro com General Portinho. Na ocasião, o JP publicou esboço da planta de construção, visando atrair mais pessoas para as festas em prol de seu erguimento.¹⁶⁰

Justificando a nova tendência de destruir antigas residências particulares para construir nos lotes novos os imponentes prédios, o diretor-articulista do JP, Manoel Carvalho Portella, vulgo *Chinês*, ironizou, em 1947, a simples reforma das fachadas ao invés da substituição completa: “na cidade de *Cachoeira*, na *Conchinchina*, os velhos prédios que depõem contra a estética urbanística, podem ser reformados, ainda que estes pardieiros estejam localizados

¹⁵⁷ JP, 9/1/1941 À margem das construções prediais. Eng. Nelson Aveline, p.1

¹⁵⁸ JP, 20/2/1941 Anúncio: Prefeitura Municipal de Cachoeira, p.1

¹⁵⁹ JP, 8/10/1944 Diversas. Moderna casa de apartamentos, p.5. Ver ainda VALADARES, Jorge de Campos. *Qualidade do espaço e habitação humana*. In: Revista Ciências, Saúde Coletiva, v.5, n.1, Rio de Janeiro, 2000 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-8123200000100008 – acessado em 15/1/2006, que discorre sobre a evolução da habitação humana como tarefa de construir, habitar e compreender o mundo.

¹⁶⁰ JP, 27/7/1944 Noticiário. Construção de novo edifício para o Clube Comercial, p.3 e 30/6/1948 O grande e imponente edifício do Clube Comercial, p.10

bem no coração da supradita cidade. Essas coisas são injustificáveis, em todo o caso, isso é lá com eles”.¹⁶¹

A construção de prédios maiores, materializando as transformações arquitetônicas tão desejadas na zona central, ocorreria somente na década de 50 e principalmente com edifícios públicos: Fórum, Correios e Telégrafos, Exatoria Estadual, Rodoviária e pavilhão na escola João Neves da Fontoura. Cogitou-se, inclusive, a construção da Biblioteca Pública no lugar do prédio do Mercado Público, no centro da Praça José Bonifácio.¹⁶² Os clubes sociais acompanharam essa tendência, ampliando suas instalações. Assim como o Clube Comercial, a Sociedade Rio Branco construiu sua nova sede, agregando restaurante, salão de bailes, pista de bolão e cancha coberta.¹⁶³

As novas construções despertaram manifestação de religiosos, para quem caberia às igrejas “o primeiro lugar em matéria de gosto artístico nas construções”.¹⁶⁴ Essa idéia esteve subjacente em todo processo de mudança da arquitetura local.

Desde o final dos anos 20, o prédio da Igreja Matriz passava por reformas sistemáticas, pois era tido como obra de embelezamento para todo município, razão pela qual comumente solicitava-se o “concurso devotado de todos os habitantes”. A reforma de 1928-29 atingiu a cúpula das torres e a colocação de uma estátua de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, erigida no frontispício remodelado da igreja, sobre o corpo avançado da fachada. Através de apedido publicado no jornal, a paróquia apelou para que os cachoeirenses contribuíssem conforme suas possibilidades:

Pedimos aos moradores de fora, da campanha, que nos enviem, sempre que puderem, um óbolo para as obras, sendo que os que não dispuserem de dinheiro podem fazer os seus donativos em espécie. Isto facilitará o auxílio dos colonos que aqui fazem negocio e também dos pequenos lavradores ou criadores deste grande e rico município.¹⁶⁵

¹⁶¹ JP, 16/10/1947 Pingos nos ii... Chinês, p.2

¹⁶² JP, 30/7/1950 Uma lacuna inadiável de Cachoeira do Sul. Pe. Abílio Sponchiado, p.2, 7/11/1950 Entrega do novo edifício do Fórum, p.1, 15/11/1950 Serão inaugurados hoje os novos edifícios do Fórum, Exatoria Estadual e Pavilhão da E. João Neves da Fontoura, p.1, Jornal O Comercio, 8/11/1950, Fórum, p.1, JP, 4/12/1954 Em construção as dependências da futura Rodoviária, p.1, 1/11/1955 Inaugurada a nova Rodoviária, p.1

¹⁶³ JP, 1/7/1951 A nova imponente sede da Sociedade Rio Branco será a concretização de uma esperança por muitos acalentada, p.3. Ver também *100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996*, op.cit., 1996

¹⁶⁴ JP, 1/4/1952 Cachoeira e suas igrejas. Frei Solitário, p.2

¹⁶⁵ JP, 4/7/1929 Apelo ao povo da cidade e do município, p.1, 19/9/1929 Inauguração de um monumento, p.1 e 15/12/1929 Apedido. Para as obras da matriz, p.2

Em janeiro de 1930, a comissão de remodelação da Igreja Matriz resolveu organizar festas mensais em benefício das obras em andamento, patrocinadas por senhoras da elite cachoeirense.¹⁶⁶

Através de cartas publicadas no jornal, fiéis discorriam sobre a necessidade do restauro arquitetônico. Paulo de Hipona escreveu que a Matriz constituía “nota dissonante” no “dinamismo progressista” da cidade. Era necessário, segundo ele, reformar o interior e completar as obras no exterior, para que a igreja acompanhasse o progresso do município.¹⁶⁷ Outro fiel, Patrício Albuquerque, escreveu que o templo católico não estava mais à altura do desenvolvimento da povoação, sendo necessário a mesma “unção religiosa” dos antepassados, “erigindo, no mesmo local”, “a Matriz digna de Cachoeira dos nossos dias”.¹⁶⁸

Além das obras da Matriz, a igreja católica havia erguido, tempos antes, no Alto dos Loretos, zona alta da cidade, a capela São José, entre 1913-1915.¹⁶⁹ O prédio passou por grandes reformas no início da década de 40.¹⁷⁰ Mais próximo do centro, no Santo Antônio, foram construídos na década de 30 a igreja e o convento dos ppredemptoristas, com projetos assinados pelo arquiteto José Lutzemberg. Grande parte das doações destas duas igrejas veio da comunidade italiana.¹⁷¹

¹⁶⁶ JP, 5/1/1930 Obras da matriz, p.3

¹⁶⁷ JP, 4/10/1936 A nossa velha matriz. Paulo de Hipona, p.1

¹⁶⁸ JP, 26/9/1937 Cachoeira e a sua nova Igreja Matriz. Patrício Albuquerque, p.1

¹⁶⁹ Sobre a fundação da igreja São José, ver: Jornal O Commercio, 10/9/1913 Capela de São José, p.2, 25/8/1915 Capella de São José, p.2, 13/10/1915 Capella de São José, p.2, 3/11/1915 Balancete de despesas e receitas da Capella de São José, p.3, 22/12/1915 Pequena Loteria em benefício da Capella de São José, p.2, 8/3/1916 Festa de São José, p.2, 22/3/1916, Culto Catholico, p.2, 5/4/1916, Donativos ultimamente feitos à Capella de São José, p.3, 24/5/1916 Ereção da Via Sacra, p.2 e Bênção da Capella. Livro Tombo da Paróquia Nossa Sra. da Conceição da Cachoeira, 24/2/1915, p.6v. No Anexo VIII, a relação nominal dos doadores para a construção da igreja São José, em 1915

¹⁷⁰ Jornal O Commercio, 17/8/1938 Ampliação e Reforma da Igreja de São José, p.1, 21/2/1940 Ampliação e Reforma da Igreja de São José, p.4, 6/4/1938 Igreja de São José, p.2, 28/2/1940 Igreja de São José, p.4, 27/3/1940 Obras da Igreja de São José, p.3, 6/3/1940 Pró-ampliação e reforma da Igreja de São José, p.1, 24/4/1940 Pró-ampliação e reforma de um templo, p.1, 8/5/1940 Mais contribuições em prol da Igreja de São José, p.1, 15/5/1940 Igreja de São José, p.1, 5/6/1940 Pró obras da Igreja de São José, p.2, 26/6/1940 Em prol do levantamento da Cumieira da Igreja de São José, p.1, 24/7/1940 Legionários de São José, p.1, 31/7/1940 Em prol da Igreja de São José, p.1, 14/8/1940 Para melhoramentos da Igreja de São José, p.2, 4/9/1940 Legionários de São José, p.2, 18/9/1940 Legionários de São José, p.1, 5/2/1941 Remodelação e ampliação da Igreja São José, p.1, 9/7/1941 Igreja de São José, p.2, 23/7/1941 Imagem de São José, p.1, 12/11/1941 Igreja de São José, p.3. Dados da exposição “Fundação da Capela de São José”, Arquivo Histórico Municipal de Cachoeira do Sul. No Anexo IX, relação nominal dos doadores para reformas na igreja São José, entre 1938 e 1941.

¹⁷¹ Sobre a igreja Santo Antônio, ver: JP, 28/1/1934 A Igreja de Santo Antônio, p.1, 7/6/1936 Festival em honra de Santo Antonio, p.3, 11/6/1936 Festa de Santo Antonio, p.3, 21/6/1936 Igreja de S. Antonio, p.2, 10/9/1936, A nossa igreja de Santo Antonio, p.2, 27/9/1936, Vitrais para a Igreja de Santo Antônio, p.4, 14/2/1937 Catecismo, p.2, 28/2/1937, Piso da Nova Igreja, p.2, 4/3/1937 Dia do Mosaico pró Igreja de Santo Antônio, p.2 e 21/3/1937 Programa da Semana Santa, p.2 e Jornal O Commercio, 27/3/1940 A Igreja de Santo Antonio. Um púlpito oferecido á Igreja de Santo Antonio, p.1. Jornal O Commercio, 10/4/1940, Púlpito à Igreja de Santo Antonio, p.3. Dados da exposição “Fundação da Capela de São José”, Arquivo Histórico Municipal de



Figuras 99 e 100 – Plantas originais da igreja católica Santo Antônio, assinadas pelo arquiteto José Lutzemberg em 1926. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Na vila Barcelos, habitada pelos mais pobres, a capela de Santa Terezinha foi erguida em 1940, tendo os moradores doado o terreno e administrado a construção, que ficou sob responsabilidade de Baptista Carvalho.¹⁷²

No aspecto de manter a ordem estabelecida pela elite, as praças eram importantes trincheiras, visto serem consideradas espaços de sociabilidade por excelência. Por esta razão, na manutenção do espaço urbano, a elite cachoeirense não descuidou delas. A atenção dos moradores estava focada nas duas praças centrais: Balthazar de Bem e José Bonifácio.

Na primeira delas ficava o *Chateau d'Eau*, que viria a tornar-se símbolo de Cachoeira, verdadeiro cartão-postal da cidade. Em 1933, foram construídos passeios em concreto, “a fim de evitar as erosões produzidas no terreno pelas águas pluviais, o que ocasionava uma despesa avultada de conservação contínua”, terminadas a instalação da nova rede de iluminação pública subterrânea, com “elegantes” e “modernos” postes de ferro.¹⁷³

Em 1935, pequeno busto foi construído em homenagem ao centenário de Antônio Vicente da Fontoura. Anos antes, em 1929, já havia sido construído memorial a Getúlio Vargas. Ambas homenagens tinham função didática, eram convites à imaginação do passante, na medida em que ataçavam seletivamente a lembrança.¹⁷⁴

Na praça José Bonifácio, a grande preocupação da edilidade foi com a vegetação que

Cachoeira do Sul. No anexo X, relação nominal dos doadores do púlpito para a igreja de Santo Antonio, em 1940

¹⁷² JP 10/7/1940 Capella de Santa Therezinha, p.1, 10/7/1940 Balancete da receita e despesa das obras de construcção da Capella de Santa Theresinha na Villa Barcellos. Doações, p.2, Jornal O Commercio, 11/9/1940 Capella de Sta. Therezinha, p.4, 18/9/1940 Capella de S. Therezinha, p.1 e 16/10/1940 Capella de Santa Therezinha, p.4. No Anexo XI, a relação nominal dos doadores para a construção da capela de Santa Terezinha, na vila Barcelos, em 1940

¹⁷³ JP, 15/1/1933 Noticiário. “*Chateau d'Eau*”, p.3

¹⁷⁴ JP, 17/10/1929 Memorial ao Ex.mo. Sr. Presidente Getúlio Vargas, p.1 e 22/9/1935 Busto existente na Praça Dr. Balthazar de Bem, p.1

crecia nos canteiros. Para a elite cachoeirense, as flores tinham de ter cuidado especial pois eram, afinal, “o prazer e a alegria da vida”, como escreveu um leitor no *Jornal do Povo* em 1933. Havia necessidade de afastar as vacas que procuravam a praça à noite para pastar por entre os canteiros floridos, “comendo com um grande apetite animalesco a folhagem e os mais tenros rebentos das roseiras, dos jasmineiros, das azaléas, etc.”¹⁷⁵ Para os articulistas habituais do jornal, as praças deveriam ser cuidadas pelas próprias famílias que dela faziam uso.¹⁷⁶

Essa preocupação estética com a José Bonifácio desencadeou a polêmica, que perpassou praticamente as décadas de 20-30, envolvendo a demolição do chamado “velho barracão” e construção de novo prédio para abrigar o cinema Coliseu Cachoeirense. Ainda na gestão de João Neves da Fontoura, foi aberta concorrência para exploração do cinema, prevendo a construção de um novo prédio,¹⁷⁷ mas permaneceu “no plano aéreo e irreal dos projetos e das hipóteses”. O vencedor foi Henrique Comassetto, proprietário do Coliseu desde 1921. Com o término do contrato, a empresa Comassetto & Carvalho Ltda., reavivou a idéia da construção do novo cinema, a fim de renovar a concessão. Caso contrário, a prefeitura demoliria o “velho barracão” da praça. Por esta razão, em meados de 1931, foi feito novo anúncio. Dois anos depois, em outubro de 1933, em resposta ao ofício enviado pelo administrador do Coliseu Cachoeirense, o Conselho Consultivo do município abriu concorrência para construção do novo cinema na praça José Bonifácio, no mesmo lugar do antigo prédio. Para o *Jornal do Povo*, o barracão de tábuas e zinco destoava e imprimia “flagrante contraste” na “harmonia e no bom gosto dos melhoramentos levados a efeito durante o período da administração João Neves”.¹⁷⁸

Pelo edital de concorrência pública, publicado em março de 1934, o novo teatro-cinema deveria ser construído na praça José Bonifácio, com 30,5 metros de frente e 60 metros de fundo, num total de 1,83 mil m².¹⁷⁹ Embora a firma Comassetto & Carvalho tivesse ganho a concorrência, postergou a construção até fins de 1937. Em fevereiro de 1938, o novo prédio, construído na rua Sete de Setembro ao invés de na praça, foi inaugurado com a exibição do

¹⁷⁵ JP, 25/6/1933 As nossas praças públicas, p.1

¹⁷⁶ JP, 26/5/1935 Ditador de Cachoeira . Foi um sonho, nada mais O.M., p.1

¹⁷⁷ No Ato nº 1105, de 21/9/1926, João Neves da Fontoura determinou ao Secretario do Município que abrisse concorrência para a construção e exploração de um Teatro Cinema nos terrenos situados na Praça José Bonifácio, pertencentes à Municipalidade. Fonte: IM/GI/DA/ADLR-010, 1926, p.167

¹⁷⁸ JP, 30/6/1931 Noticiário. Novo teatro, p.7, 15/10/1933 Noticiário. Uma velha aspiração que, parece, vai se tornar realidade, p.3, 1/1/1934 Cachoeira terá, ainda este ano, um novo cinema, p.3 e 22/2/1934 Noticiário. Um novo cinema, p.3

¹⁷⁹ JP, 4/3/1934 Edital. Concorrência para a construção de um Teatro-Cinema, p.4, 17/6/1934 Projeto da Construção do Cine Teatro, p.3 e 3/5/1936, Ainda o Novo teatro, p.3

filme *Cidade do Pecado*, com Jeanette Mc. Donald e Clark Gable.¹⁸⁰



Figuras 101 e 102 – Cine-teatro Coliseu Cachoeirense, construído na praça José Bonifácio, no ano de 1911, e posteriormente transferido para a rua Sete de Setembro, em estilo art decó, já deteriorado, nos anos 90. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

No início da década de 40, foram construídos na praça José Bonifácio o coreto para a Banda Musical do maestro Horn, as canchas para basquete e voleibol, “possivelmente das melhores do Estado”, e o novo quiosque-bar, explorado por Alberto Tromer, com “belíssimo aspecto pela exigência de suas linhas, o que equivale dizer que muito contribuirá para o embelezamento do mais central e mais bonito logradouro público da cidade”. Neste conturbado período, o antigo cinema foi substituído pela seção recreativa para crianças, com diversos aparelhos infantis, o café A Carioca foi remodelado e o terreno ao redor do Mercado foi aplainado com cascalho e terra, para servir de estacionamento.¹⁸¹

Todas essas questões dizem respeito ao próprio crescimento urbano em curso e são imagens que metaforizam positivamente a modernidade, “como fruto e casa de chegada do progresso”, estabelecendo pontes entre o moderno e o urbano.¹⁸²

Como escreveu um articulista do *Jornal do Povo*, em fins de 1930, “hoje, Cachoeira é outra, está mudada, nova e com outra gente”. Ou o olhar do visitante que viu a “beleza estética da cidade, aparelhada, como as principais cidades do mundo de tudo que é necessário

¹⁸⁰ JP, 26/5/1935 Ditador de Cachoeira. Foi um sonho, nada mais, p.1, JP, 17/10/1937 Que nome deverá ser dado ao novo cinema?, p.5, 12/12/1937 Ainda não foi escolhido o nome para o novo cinema, p.1 e 17/2/1938 Cachoeira terá hoje em diante, um dos melhores Cine-teatros do Estado, p.2

¹⁸¹ *Jornal O Comercio*, 6/3/1940 Construído um coreto para a Banda Musical, p.1 e 14/8/1940 Embelezamento da Praça José Bonifácio, p.1. JP, 5/7/1942 Reabertura do café “A Carioca”, p.5, 13/12/1942 Vida desportiva. Canchas para basquete e voleibol, p.2, 4/2/1943 Inaugurado o Estádio de Basquet-ball, p.2, JP, 7/2/1943 Edital de Concorrência Pública para a construção e exploração de um quiosque e bar na Praça José Bonifácio, p.3 e 14/3/1943 Noticiário. Será iniciada dentro de breve tempo a construção do quiosque bar da Praça José Bonifácio, p.3. Termo de abertura de proposta para construção de um Quiosque à Praça José Bonifácio, 16/2/1943. Fonte: PM/D, 003, p.8

¹⁸² SCHPUN, Monica Raisa. *Luzes e sombras da cidade (São Paulo na obra de Mário de Andrade)*. In: *Revista Brasileira de História*. v.23 n.46 São Paulo, 2003 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000200002&lng=es&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 12/10/2005]

ao conforto, à salubridade, ao aperfeiçoamento físico e moral de um povo”.¹⁸³ Para o poeta cachoeirense Lisboa Estrazulas, a cidade tinha “movimento urbano”, “bons automóveis, cafês, restaurantes chiques, boa luz, bom calçamento”.¹⁸⁴ Para outro leitor, Cachoeira era “alegre como um salão de baile e acolhedora como um jardim”. A impressão, ao vê-la, era de que havia chegado-se a grande cidade. Era como os “maridos que se orgulham, intimamente, de que as suas mulheres sejam elegantes e cobiçadas, enquanto, de público, se lastimam das despesas que elas lhes acarretam”.¹⁸⁵

Tentei até aqui elucidar os elementos que caracterizaram os processos de formação econômico-urbana de Cachoeira, em especial sua sede. Procurei entender a dinâmica da construção desse espaço central; como aumentaram os reclames dado o êxodo populacional de subalternos, ora em curso. A partir desta radiografia urbana, de sua constituição e conformação, procuro remontar daqui pra frente o cotidiano cachoeirense, reconstituindo-o historicamente, tentando ver a cidade como resultado das relações de poder entre os sujeitos da história,¹⁸⁶ entre estabelecidos e *outsiders*.

Nestes últimos capítulos, persigo as rupturas ou mudanças nos padrões de comportamento vistas nas práticas cotidianas da elite local, no período em questão. Procuro entender os fluxos e refluxos originados pela dinâmica das modificações urbanas, especialmente no que se refere às práticas cotidianas da elite cachoeirense. Procuro mostrar que, com a colisão entre grupos heterogêneos, este ambiente coletivo que propiciava práticas cotidianas que buscavam apresentar o “verniz civilizador” tão desejado pela elite local, ambiente que significava segurança familiar, dado seu pequeno círculo social, passou a sofrer modificações profundas e avassaladoras.

¹⁸³ JP, 23/11/1930 Recordações. De tudo me recordo com saudades... AV, p.1 e 19/1/1930 O Rio Grande visto por um yankee, p.1

¹⁸⁴ JP, 16/7/1931 Sol – engenheiro-mór. Lisboa Estrazulas, p.1

¹⁸⁵ JP, 6/8/1931 Cachoeira, cidade-coxilha, p.1

¹⁸⁶ SCHAAF, Mariza, GOUVÊA, Regina. *Significados da urbanização: traços e fontes do historiador*. In: SÁ, Cristina [et al.], *Olhar urbano, olhar humano*. op.cit., 1991, p.57

4. Civilidade e convivência

4.1. Regramento de conduta como fortalecimento e diferenciação da elite

A convivência da elite com os subalternos no espaço urbano cachoeirense mostrava-se de forma peculiar no regramento social imposto simbolicamente pela e para a nata da sociedade cachoeirense dos anos 30-45. Conforme Norbert Elias, o “processo civilizador” do comportamento dá-se na busca de unidade de determinado grupo social. Seguir ou não as regras adotadas é o que permite pertencer ou não ao grupo. As regras formam a auto-imagem que permitem estabelecer as diferenças dos de dentro e dos de fora, dos de cima e dos de baixo. Para Elias, “o fato de uma dada classe em uma fase ou outra do desenvolvimento social formar o centro de um processo e, desta forma, fornecer modelos para outras classes, e de que estes modelos sejam difundidos e aceitos por elas já pressupõe uma situação social e uma estrutura especial de sociedade como um todo, em virtude da qual a um círculo é cometida a função de criar modelos e a outro de difundir-los e assimilá-los”. Ele mostra em detalhes algumas destas mudanças na integração social que detonaram as mudanças de comportamento, tais como usar garfo e faca, assoar o nariz, escarrar, etc.¹

Assim, a razão da elite estabelecer determinadas regras de comportamento ou etiqueta ocorre pela vontade de diferenciar-se da plebe. Só assim, assenta e mantém certo distanciamento. Por outro lado, é muito forte a vontade popular de aproximar-se cada vez mais desta elite, o que o faz por meio da assimilação das regras de comportamento. É o perpétuo movimento de estabelecer regras para distanciar e assimilar regras para pertencer. Na medida em que determinadas regras de comportamento são assimiladas, outras regras são

¹ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador volume 1: uma história dos costumes*. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p.124

criadas para restabelecer e impor novamente as diferenças sociais. Todavia, este processo civilizador não segue movimento mecanicista nem autômato. Pode que as regras não sejam assimiladas por completo, por questões econômicas e culturais, ou assimiladas de forma distorcida, adaptadas, permitindo à elite reafirmá-las, resgatando o aspecto tradicional das regras ou mudando sua roupagem, reconfigurando-as. Pode ainda que as regras de comportamento impostas sejam repelidas de súbito, repudiadas inteiramente, como forma a estabelecer identidade grupal dos que não fazem do grupo que busca diferenciação social.

Nos anos 30-40, as regras da fina flor da sociedade cachoeirense eram influenciadas e identificavam-se, em certa medida, com o cosmopolitismo porto-alegrense e o da capital federal, Rio de Janeiro. Estes, por sua vez, também frutos da *belle époque* européia, em especial a parisiense.² A *Crônica da moda*, escrita por B.L. em 1939, assinala bem essa questão ao registrar que Cachoeira, “graças ao seu desenvolvimento”, progredia em termos de moda feminina: “o belo sexo da elite cachoeirense acompanha a moda dos grandes centros”. O texto lembrava que o chapéu completava os trajés chiques da época, tornando-se indispensável em qualquer ocasião. De tamanho pequeno se fosse à noite ou com o vestido “*soirée*” e de aba média com “*tailleur*”.³ A nota *Gesto gentil*, publicada em 1931, expõe condição idêntica. O Bureau Pelotense de Informações ofertou, na época, a senhorita Nair Corrêa, rainha cachoeirense da Primavera, com uma “*Petite Renarde*”, enfeite feminino para toaletes, “o *chic* da moda”.⁴ O uso de expressões francesas em ambos textos denota a forte influência européia

As reformas urbanas, tidas como a “regeneração da cidade”, tinham semelhante gênese e comungavam com ideais parecidos, legando prodigiosas novidades para a elite, na medida em que construíram ou melhoraram significativamente o espaço público da zona central. Calçamento de ruas e passeios, ajardinamento das praças, iluminação pública e aterramento de esgoto, isso tudo significou mudanças no fazer e proceder no urbano.

As regras de civilidade em Cachoeira foram forjadas neste contexto. Em 1935, por exemplo, a coluna *Vida Social* publicou periodicamente regras de etiqueta, de como sorrir, passar pelas portas, dar gorjetas, usar maquiagem, portar-se no teatro, nos cafês ou em jantares dançantes, montar a cavalo, receber convidados, comer e palitar os dentes, discursar ou fazer brindes à mesa, pagar honorários, usar o telefone, aspectos das cartas, como escrevê-

² Ver PAULILO, André Luiz. *Os artifices da metrópole: anotações sobre a transformação da vida urbana carioca depois da Belle Époque*. In: Revista Educação e Sociedade. Vol.25 n.87 Campinas/SP: CEDES, Maio/Ago 2004 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000200010 – acessado em 13/03/2006]

³ JP, 26/3/1939 Crônica da moda. B.L., p.2

⁴ JP, 15/10/1931 Noticiário. Gesto gentil, p.3

las e perfurá-las, qual tipo de papel e caligrafia a usar, etc.⁵ Tais regras deveriam ser observadas nos encontros desta elite, principalmente os festivos. Em 1929, o chique da cidade era a Confeitaria Central, na rua Sete de Setembro. O anúncio publicitário destacava a elegância do estabelecimento: “V.S. quer passar algumas horas distraído, ouvindo boa música num lugar confortável e chique? Vá todos os dias na Confeitaria Central. Rua Sete de Setembro n.141”.⁶ Nesta época era comum festejar o Dia da Flor, quando senhoras da “melhor sociedade” vendiam flores por todos os recantos da cidade, em benefício de alguma obra assistencial, como a remodelação da Igreja Matriz.⁷

Desde os anos 20, a recepção oferecida em ambientes privados estava em voga. A festa íntima realizada na residência de Balthazar de Bem, em 1922, já dava mostras do quanto esses encontros seriam importantes para a elite cachoeirense. O fato da festa ter sido registrada em fotografias demonstra a estirpe dos convidados. O vestuário do “belo sexo” é outro indício forte de como a elite local estava em plena sintonia com o que havia de mais chique na moda européia.



Figura 103 – Instantâneo da festa íntima na residência de Balthazar de Bem, pose do belo sexo, em 1922. CAMOZATO, Benjamin C. (org.) *Grande álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil*, op.cit., 1922

Nas chamadas “reuniões íntimas” eram servidos “gelados” e “doces finos”, ao som de jazz, como o Melodia de Ouro, dirigido pelo maestro Henrique Horn, que fazia “sucesso de arromba”, ou o Treme-Terra, sob a direção de Darci Schaurich e Darci Carvalho. O que havia de “*chic* em Cachoeira” comparecia. Os jantares eram considerados “opíparos” (esplêndidos),

⁵ JP, Coluna Vida Social, p.2, edições das seguintes datas: 1/8/1935, 8/8/1935, 11/8/1935, 15/8/1935, 22/8/1935, 25/8/1935, 29/8/1935, 8/9/1935, 12/8/1935, 19/9/1935, 22/9/1935, 3/10/1935, 10/10/1935, 13/10/1935, 17/10/1935, 24/11/1935, 28/11/1935, 5/12/1935 e 8/12/1935

⁶ JP, 22/8/1929 Anúncio, p.3

⁷ JP, 7/7/1929 Noticiário: o dia da flor, p.2

compostos de finos “acepipes” (petiscos). E mesmo que os aniversários não tivessem organização prévia, o grande número de pessoas que aparecia para felicitar o aniversariante já permitia fazer-se de improviso animadíssimo “sarau dançante” que prolongava-se “até altas horas da noite entre as mais expansivas demonstrações de alegria”. Em muitas festas, os amigos “assaltavam” a residência do aniversariante que oferecia, logo em seguida, “fina mesa de chá” no clube ou sociedade.⁸

Esse empolamento aristocrático nos eventos sociais foi, inclusive, uma das formas encontradas para dar sobrevida e perpetuar a diferenciação social, atitude considerada necessária e mesmo desejada pela elite local frente à desorganização provocada pelo intenso fluxo de subalternos chegados na zona urbana. Nos anos subseqüentes à guerra, as confraternizações sociais da elite não seriam descritas de maneira diferente. Em 1945, o colunista Ruy Porto relatou a festa de quinze anos de Mafalda Schneider, filha de Edwino e Corina Cunha Schneider. A recepção dos convidados na entrada, os salões engalanados, a mocidade de “rara beleza” nos sofás, gabinetes, copas, “grupos alegres de senhoritas e rapazes” aguardando o início do baile, a banda de jazz. Sob acordes de valsa, o pai deu início aos festejos, dançando com a aniversariante. Para o comentarista social, ele irradiava alegria e orgulho por ver “coroados de êxito todos os seus esforços entregando agora à sociedade cachoeirense mais um fino ornamento”. Esta concepção denota o quanto aquele momento deveria ser sublime para a jovem, mas que também ela era coisificada, tratada como objeto de propriedade do pai, que a adornava a seu modo, entregando-a para a sociedade e, posteriormente, para o marido.⁹

Como passaporte para o pertencimento à minoria cachoeirense, essas regras de civilidade necessitavam ser observadas também nos relacionamentos afetivos, nas ligações sentimentais de gênero, entre homens e mulheres. A começar pela separação social, fruto dum segregacionismo racial implícito. Em 1929, por exemplo, um homem negro e bem vestido chamava a atenção de senhoritas brancas. De certa maneira, o jornal incita os homens a insurgirem-se contra o que denomina “atentado”. Em nota publicada, informa sobre “rumores” de que os homens não compreendam a “nobreza de certos sentimentos”. Prevê ainda que o “D. Juan” termine “a beleza de seu romance” na cadeia. De forma natural, conclui

⁸ JP, 2/2/1933 O lado cor-de-rosa da vida, p.2, 21/5/1933 Vida social. Aniversário festejado, p.2, 16/3/1933 Vida Social. Aniversário festejado, p.2, 22/6/1933 Vida Social. Aniversários festejados, p.2 e 24/12/1936, Vida Social. Recepção, p.2

⁹ JP, 30/12/1945 Inesquecível festa social. Ruy Porto, p.2

que a sociedade era assim mesmo, não admitia “almas brancas, a não ser em corpos brancos”.¹⁰

Nessa sociedade exclusivista, onde os cavalheiros trajavam branco, as damas deveriam ser tratadas com galhardia e os hóspedes com acolhimento.¹¹ Atitudes cotidianas motivavam debates. O articulista E.R. criticou aquilo que designou de “demonstração de incivildade” quando homens ocupavam o passeio para fazer palestras, obrigando senhoras e senhoritas a fazer a volta ou mesmo descer da calçada. Segundo ele, a não ser que fosse adotada a praxe das capitais, de se andar pelo lado direito, indistintamente, as “boas maneiras” asseguravam o lado da parede ao “belo sexo”.¹² Braz Camilo polemizou sobre a melhor forma de saudação e despedida pessoais, que variavam conforme a situação. Chamou de pastrana a senhorita que despediu-se com um “passe bem”, recebendo, como resposta para tal atitude desavergonhada, um “e vice-versa”.¹³

A pretensa elegância e gentileza que os homens deveriam ter com o sexo feminino escondia, em seu âmago, relações de profunda desigualdade. É o sentido que Pierre Bourdieu dá para a história das mulheres, vista como a história de uma relação de dominação, entre mulheres (dominados) e o olhar histórico (dominantes) que, de certa forma, alicerça a dominação masculina. Para ele, “a relação de dominação exerce-se essencialmente através da violência simbólica, através da imposição de princípios de visão e divisão incorporados, naturalizados, que são aplicados às mulheres e, em particular, ao corpo feminino”. Desta maneira, a violência simbólica, campo da relação de dominação, reside na perspectiva de como enxergar a mulher e o corpo feminino, em sua fragilidade, no trabalho afeito às coisas leves, como o doméstico.¹⁴ Uma história feminina em que os direitos de igualdade foram

¹⁰ JP, 28/7/1929 Um homem negro, p.1

¹¹ JP, 8/11/1931 Noticiário. Confeitaria Central, p.3 e 22/6/1933 Bilhetes urbanos. A Zizi. Marinha Noronha, p.1

¹² JP, 14/4/1938 Luz! Mais luz! E.R., p.1

¹³ JP, 14/4/1940 Braz Camilo, p.1

¹⁴ Segundo Bourdieu, o fundamento da dominação masculina é que ela se reproduz a partir da incorporação da legitimidade do princípio da dominação nas percepções femininas. Ver BOURDIEU, Pierre. *Observações sobre a história das mulheres*. In: DUBY, G., PERROT, Michelle. *As mulheres e a história*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995, p.57-59; BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999 e CHARTIER, Roger. *Pierre Bourdieu e a história. Debate com José Sérgio Leite Lopes*. In: Revista *Topoi*, Rio de Janeiro: PPG História Social/UFRJ, mar. 2002, pp. 139-182 [disponível em <http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/topoi4a5.pdf> – acessado em 17/3/2006]. Ver ainda VELOSO, Renato. *Relações de gênero: notas introdutórias*. In: Enfoques On-line. Revista eletrônica dos alunos do programa de Pós-graduação em Sociologia. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/PPGSA, v.1, n.1, dez/2002. [disponível em <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/pdfs/julho2003.pdf> – acessado em 17/3/2006], GALSTER, Ingrid. *Cinquenta anos depois de O segundo sexo, a quantas anda o feminismo na França? Uma entrevista com Michelle Perrot*. In: Revista Estudos Feministas. Vol. 11, n.2, Florianópolis/SC, jul-dez, 2003. [disponível em http://www.scielo.Br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200010 - acessado em 18/4/2005]

forjados numa lenta e prolongada enunciação.¹⁵

Na imprensa cachoeirense, o papel feminino no relacionamento era posto de maneira pontual. A mulher solteira que sustentasse a casa era considerada grande “abacaxi”, pois o pretense noivo, como futura “cabeça do casal”, teria de assumir a responsabilidade pela família da esposa.¹⁶ As jovens tidas por feias e que descuidavam das aparências, dificilmente arranjariam casamento, visto que na apresentação visual residia a atração dos rapazes.¹⁷ Era bastante comum homens publicarem anúncios procurando moças para casamento. O cronista Juvenal relatou o desfecho duma destas situações. O cidadão, após anunciar suas pretensões, recebeu correspondência nos seguintes termos:

Cachoeira, 4.9.36. Sr. Cupido. Consoante seu anúncio no Jornal do Povo e julgando-me em condições de satisfazer os requisitos exigidos pelo mesmo, pretendo casar-me, apresento-me dando o seguinte perfil e dados: residência própria, com garagem, atualmente nesta cidade; fortuna em dinheiro e jóias, para mais de oitocentos contos de réis (800:000\$000); moça, airosa (modéstia à parte), cor clara, cabelos e olhos negros, sinalzinho preto acima da covinha da face, regular cultura espiritual e física. Quanto à 1ª qualidade, a de ser bela, só vendo pra crer; e a respeito da 2ª qualidade, a de ser estúpida, isto não resta a menor dúvida, porque, apesar de bem jovem, sou viúva, em segunda núpcias, e aqui estou para lhe fazer uma contra-proposta de casamento. Para consumação do ato, basta que o anunciante preencha os seguintes requisitos: que além de jovem, esbelto, belo, cor clara, cabelos e olhos castanhos, tenha cultura espiritual e física; quanto á espiritual não exijo que seja muito aprimorada, porque, como diz o ditado: “quanto mais burro, mais peixe”, que além dos 800:000\$000 mensais, deva possuir um bom auto, afim de que a vida afetiva e efetiva do lar, tenha o seu prolongamento ao ar livre. Como não exibiu fotografia, pode o proponente aparecer em carne e osso e contratar com o original, no Alto dos Loretos, travessa da Avenida Brasil, casa térrea, uma porta e duas janelas na frente, três janelas e jardim de amor perfeito ao lado. Jeannette

O perfil da mulher que respondeu ao anúncio é de alguém pertencente a círculos sociais distintos, com bens particulares, apesar de jovem, medianamente culta mas bem apessoada. E de personalidade forte, a ponto de fazer contra-proposta, impondo alguns pré-requisitos, como beleza física e boas condições sócio-econômicas. Como cupido, o cronista narrou a resposta do pretense noivo, que desconsiderava a oferta, afirmando que o “negócio” não poderia concretizar-se, sob o argumento de que “seu delicado paladar repele, instintivamente, manjares que já foram servidos e tocados por defuntos”. O fato da pretendente ser viúva traria a ele outra desvantagem. Como nunca casara, teria de enfrentar “adversária extremamente experiente nas pugnas matrimoniais”. Para terminar, sugeriu a ela

¹⁵ Ver BRUM, Rosemary Fritsch. *Uma cidades que se conta. Imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre (1920-1937)*. Tese de Doutorado [orientadora Nuncia Santoro Constantino], Porto Alegre/RS: Pontifícia Universidade Católica/RS, PPG-História, 2003, onde objetivou o olhar perspectivo, o estranhamento do estrangeiro; e BRUM, Rosemary Fritsch. *Mulheres imigrantes: a lenta enunciação dos direitos*. In: SELBACH, Jeferson (org.). *Mulheres: história e direitos*. Cachoeira do Sul/RS: Ed. do Autor, 2005, p.33-46, onde aprofunda a análise das italianas chegadas nas primeiras décadas do século XX, em Porto Alegre, e sua condição histórica de exercício dos direitos que acompanham a condição democrática.

¹⁶ JP, 3/4/1938 Bilhetes urbanos. E.R., p.1

¹⁷ JP, 24/3/1938 É obséquio tirar o chapéu E.R., p.1

que procurasse as agências Prudêncio Schirmer ou Werlang, a fim de obter o tão desejado automóvel para pôr em sua garagem vazia.¹⁸

Mostra da profunda desigualdade estabelecida simbolicamente entre as comunhões afetivas era a idéia de que, para os casados, a vida conjugal matava a paixão. O anúncio do estúdio fotográfico Aurora, em 1933, retrata parte desta questão ao tentar vender seus serviços. A melhor recordação do casamento seria o retrato.¹⁹ De forma semelhante, Braz Camilo apontou em crônica escrita em 1941, o arrefecimento do casamento, a perda de energia e entusiasmo dos enlaçados. Num certo baile, em ambiente de grande animação, com todos querendo “penetrar nos umbrais do ano novo dançando”, a moça triste e solitária não despregava os olhos de certo homem. O amigo deste, notando o fato, comentou com ele que o gesto pedia apresentação, ouvindo como resposta: “Não pede, é minha mulher”.²⁰ Nos processos judiciais envolvendo litígios conjugais prevalecia essa discriminação. Em 1931, o juiz da Comarca, Dionisio Marques, julgou improcedente a ação de desquite proposta por Miguelina de Moraes Lima contra seu marido Ataliba Chaves de Lima, procedendo a reconvenção oposta por este, para decretar o desquite e mandar que a criação e educação dos filhos do casal ficasse a cargo do marido.²¹

Essa prevalência masculina podia ser encoberta, em certa medida, por nuances específicas, como o romantismo atribuído a geração dos homens nas décadas de 20-40. O papel masculino, nesse sentido, aproximava-se da melancolia e saudosismo pela amada, amor muitas vezes não correspondido. Em momentos como esse, em que o coração derretia-se no mais desconsolador dos prantos, em que a garganta apertava, afirmava-se que o sujeito podia optar em tomar estricnina para envenenar-se, comprar uma vitrola para ouvir música deprimentes ou escalar o amigo para discorrer em lástimas.²² Assim como em outras cidades brasileiras, era comum as serenatas dos “vagabundos líricos”, “poetas anônimos da rua”, que erravam na noite com violão em punho, entoando “descantes amorosos para dulcinéias desdenhosas”.²³

Todavia, para além do confronto de atribuições sociais nessas relações de gêneros, o papel feminino da mulher cachoeirense até os anos 40 ultrapassa o estereótipo da fragilidade, meiguice e simpatia feminina, em contraposição ao imbatível, indócil, rude ou mesmo melancólico do macho. No seio do universo feminino residiam conflitantes relações sociais,

¹⁸ JP, 10/9/1936 Instantâneo. “Endereço errado” Juvenal, p.1

¹⁹ JP, 22/1/1933 Anuncio econômico. Noivos!, p.3

²⁰ JP, 1/1/1941 Braz Camilo. O Baile, p.1

²¹ JP, 10/12/1931 Noticiário. Desquite Decretado, p.3

²² JP, 15/8/1929 *Spleen*, p.1

²³ JP, 18/8/1929 Na vida intensa da cidade. Dentro da noite, p.3

nada implícitas.²⁴ Nas décadas de 30-40, quando o município balizava a região através da administração de seus vários distritos, a cachoeirense era notícia no jornal num duplo aspecto: pertencente à elite, onde descreviam-se seus refinamentos, ou subalterna, onde os defeitos morais eram explorados.²⁵

As que participassem dos concursos de beleza eram consideradas pela imprensa como senhoritas de “fina educação, de traquejo social, dotadas de elegância”.²⁶ A miss cachoeirense de 1930, Alzira Torres, foi descrita como “linda e meiga”, que fez-se “queridíssima de todas as suas companheiras de torneio”, dos quais tornou-se “dedicada e adorável amiguinha”. Como orgulho da elite, portanto de toda comunidade na visão do Jornal do Povo, destacava-se a inserção no mundo social da “tão nobre e encantadora miss”, “bela expressão das altas qualidades espirituais da alma feminina riograndense”.²⁷ Antes da partida para o concurso regional, fez “concorridíssimo bota-fora” em sua homenagem, sendo-lhe oferecidos inúmeros ramalhetes na ocasião, gestos que procuravam reforçar a idéia de que tratavam-se de pessoas civilizadas e especiais.²⁸

Esta visão elitista impregnava outros concursos, como o da escolha da rainha da I Festa do Arroz, realizado em 1941 e a Festa do Trigo de 1956, onde todas candidatas tinham que ser filhas de plantadores ou de proprietários de moinho; ou ainda como em épocas carnavalescas, quando a escolha da rainha do carnaval recaía entre associadas dos clubes tradicionais: Clube do Comércio, Rio Branco, Grêmio Náutico e Clube União Familiar.²⁹

As descrições da época refletem o simbolismo de que se revestia a cerimônia. No carnaval de 1932 do Clube Comercial, a rainha Maria Antonieta de Carvalho foi conduzida com suas aias ao trono armado no fundo do salão do baile.³⁰ A pompa perdurou nos anos seguintes. Em 1952, Ila Lara fez um *tour*, levando “folia desde a mais fina e aristocrática sociedade, até ao mais humilde salão”, como Cordão de Ouro e Filhos do Morro,³¹ ato que desejava mostrar a inexistência de diferenças sociais sob o reinado do Momo.

Entretanto, os espaços de animação carnavalesca eram espacialmente bem delimitados. A elite festejava nos clubes enquanto os demais acompanhavam blocos populares

²⁴ Ver CHARTIER, Roger. *Diferenças entre os sexos e violência simbólica*. In: DUBY, G. PERROT, Michelle. *As mulheres e a história*. op.cit., 1995, p.37-44

²⁵ Desenvolvi essa idéia em SELBACH, Jeferson. *Mulheres cachoeirenses: elite e subalternas se diferenciam*. In: ____ (org.). *Mulheres: história e direitos*. op.cit., 2005, p.5-32

²⁶ JP, 17/4/1930 Concurso de beleza, p.1

²⁷ JP, 25/5/1930 Concurso de beleza, p.2

²⁸ JP, 8/5/1930 Noticiário. O embarque de miss Cachoeira, p.3

²⁹ SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartin. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p. 189-200

³⁰ JP, 11/2/1932 Carnaval. Os bailes realizados estiveram brilhantes., p.2,

³¹ JP, 2/3/1952 Carnaval nas Sociedades locais, p.4

nas ruas. O desequilíbrio social mostrava-se na organização da festa. Os simplórios desfiles nas ruas não eram páreos para a decoração e os trajes refinados nos clubes. Como veículo de comunicação da e para a elite, o jornal apontava as diferenças. Nos clubes, a folia era animada; nas ruas, o desfile não tinha sucesso. Muitos cronistas usavam do sarcasmo para estigmatizar as folionas subalternas. Em 1948, o diretor do JP, Manoel de Carvalho Portella, assinando a coluna *Pingos nos ii...* com o pseudônimo de Chinês, ironizou as carnavalescas:

Estamos nas vésperas de carnaval. Vocês não observaram uma coisa? Os jornais diariamente aparecem cheios de anúncios com os seguintes dizeres: ‘precisa-se de uma empregada – Tratar rua tal n.º tal’. Gente boba mesmo. Então não sabem que as ‘morenas’ querem é rosetar...³²

A ironia reflete as marcas infames imputadas às mulheres subalternas pelas famílias da elite cachoeirense da época, que as tratavam com menosprezo e desconsideração a ponto de afirmar que, mesmo em eventos populares como o carnaval, elas não deviam descuidar dos empregadores. Ao mesmo tempo, colocava-as em posição de despudoradas, ao utilizar o termo “rosetar”, que significa divertir-se à larga com pessoa do sexo oposto. Agravado pelo fato do juízo de valores vir do próprio diretor do jornal, demonstrando de quem a imprensa cachoeirense, em especial o Jornal do Povo, era porta-voz.³³

De forma quase unânime, as qualidades morais daquelas que concorriam a miss ou rainha contavam pontos nos júris, compostos por pessoas que pudessem refletir o desejado perfil social elitista de seu tempo. Mesmo as rainhas dos carnavais dos clubes e sociedades, escolhida entre aquelas mais animadas, não podiam ser despudoradas. Outro aspecto era a própria beleza, vista na época principalmente pela cor do cabelo, dos olhos e o tom da tez. Estes três quesitos demarcavam o território do estigma do corpo feminino. Numa época em que as vestes da elite escondiam a maior parte do corpo, ter pele, cabelos e coróides naturalmente da cor desejada, além da chamada educação civilizada, podia garantir destaque e possibilitar virar modelo para as demais, razão pela qual o concurso de miss era tão concorrido e educava-se desde cedo para ele, através dos concursos de beleza infantil.³⁴

Muitos textos opinativos do jornal nesta época, escritos em sua maioria por homens, demarcavam o modelo de mulher em voga, frágil por natureza e que, por isso mesmo, deveria colocar-se atrás do homem, pondo em segundo plano seus interesses pessoais. Em 1933, Marlus defendeu de forma irônica o nudismo feminino pois fortalecia a saúde do corpo. Só para as mulheres porque elas seriam fracas por excelência, “um murro bem dado pode achatá-

³² JP, 19/2/1953 Carnaval animado nos clubes mas ausente na rua, p.3

³³ JP, 25/1/1948 Pingos nos ii... Chinês. Precisa-se de uma empregada, p.2

³⁴ JP, 17/4/1930 Concurso de beleza, p.1, 25/5/1930 Concurso de beleza, p.2 e 14/7/1932 Noticiário. Concurso de Beleza Infantil, p.3

las”, escreveu textualmente. As da elite carregavam o estigma da futilidade, como gastar todo tempo que dispunham para andarem bem vestidas, visto que a escolha do figurino demandava várias horas, desde a compra da fazenda e aviamentos até as horas e horas gastas nas modistas ou no toalete. Se andassem nuas, aproveitariam melhor o tempo cuidando dos maridos, pais, irmãos ou dos filhos, que usavam as roupas “sempre em petição de miséria”. A iniciativa faria, inclusive, com que as despesas do lar diminuíssem consideravelmente.³⁵ Para corroborar com este ponto de vista masculino, o *Jornal do Povo* reproduziu carta publicada originalmente no *Correio do Sul*, de Bagé/RS, assinada por Romeu Bomba, intitulada *Eterno feminino*. Para ele, “rímel, rouge, crayon, cutex, pós de arroz e Magic, e perfumes, e mais outras baboseiras” serviam para as mulheres enganarem os homens. Tudo isso trazia o infortúnio para o lar, agravado pela carestia dos anos 30.³⁶

De certa forma, os textos antecipam o sentimento de perda de prioridade que os homens veriam agravado nas décadas seguintes. A imagem de desperdício e futilidade femininas foi a resposta masculina para a ampliação do espaço econômico-social pelas mulheres. Um destes espaços ocupados era o próprio “guiar automóveis”, reduto tipicamente masculino. O cronista Juvenal inventou a lei autorizando somente mulheres balzaquianas a dirigir, pela razão que “só depois dos 30 é que a mulher pode gozar, em toda plenitude, de sua liberdade de locomoção”.³⁷ Outro espaço masculino, invadido pelas mulheres, foi a política. O voto feminino foi tido como “contra-senso”, visto que homens e mulheres juntos eram concebidos somente em eventos de menor importância, como banquetes, bailes e piqueniques. A atração feminina poderia acarretar em flerte eleitoral, algo “imoral” e que poderia acarretar as “piores conseqüências”, verdadeiro “desastre social”.³⁸

Já o mundo feminino subalterno era retratado principalmente em suas questões vexatórias. Não podiam ser consideradas decentes as mentirosas, fofoqueiras, aventureiras, vulgares, que mandavam fazer vestidos e não pagavam a costureira. Moças de família não promoviam reuniões de homens nem faziam escândalos em público, como brigas a tapas, dentadas e puxões de cabelo ou falar impropérios.³⁹

A imoralidade, que valia tanto para as da elite quanto para as subalternas, era freqüentemente combatida nas páginas do jornal. A crônica *Meias curtas*, assinada por C. em

³⁵ JP, 11/5/1933 Porque sou pelo nudismo das mulheres. *Marlus*, p.1 e 25/6/1933 *Geladeira*, p.1

³⁶ JP, 17/5/1934 *Eterno feminino*. Romeu Bomba, p.1

³⁷ JP, 3/12/1936 *Instantâneos*. Juvenal. *Proibição*, p.1

³⁸ JP, 18/10/1931 *O voto feminino*, p.1 e 30/3/1933 *Edital de qualificação*. Cartório eleitoral da 9ª zona, Cachoeira, p.3. No Anexo XII, relação nominal das eleitoras de Cachoeira, cartório eleitoral da 9ª zona, em 1933, com número do título.

³⁹ JP, 17/4/1930 *Suposições*, p.1, 31/7/1938 *Ocorrências policiais*, p.3 e 21/1/1948 *Pingos nos ii... Chinês*, p.2

1933, polemiza acerca da “audácia” de algumas mulheres em usar meias soquetes, que chegavam apenas à altura do tornozelo e deixavam a mostra a “epiderme das pernas femininas”. O autor defende seu uso, argumentando ironicamente que haveria de chegar o tempo em que a moda faria as mulheres não usarem meias, sequer as curtas.⁴⁰

Amores não correspondidos poderiam levar as moças atentarem contra a própria vida, algo comum na medida em que publicamente entendia-se que as adversidades eram reparáveis mas intimamente a comunidade fechada condenava as “desonradas”.⁴¹ Nos anos 30-40, eram freqüentes os casamentos na delegacia. O autor da desonra podia escolher entre ser trancafiado pelo crime de “defloramento” – de ter roubado a honra da moça sob promessas de casamento, antes do enlace definitivo – ou assumir o casamento. Nesse caso, o delegado ficava responsável por fazer os arranjos necessários, como ultimar os papéis para o casório. Realizaram-se no ano de 1933 nada menos que 54 casamentos nestes moldes.⁴²

Podia que o autor do crime oferecesse algo para a desvirginada desistir do processo, como dinheiro ou objetos de seu interesse, ou mandasse publicar no jornal apedido declarando “a bem da verdade e por ser de alta justiça, que a senhorita é uma moça honesta e virtuosa, nada se podendo dizer que afete a sua honra”.⁴³ Embora não decisivo, o rompimento do hímen representava prova importante da consumação do ato carnal. Para Boris Fausto, a sociedade simbolizava a honra feminina na membrana vaginal, distinguindo as mulheres puras e impuras. Como seu maior capital, cabia às mulheres manter intacto o “selo”. Os homens temiam expor-se ao ridículo casando com moças chamadas popularmente de “furadas”.⁴⁴

As desonradas podiam optar pela via criminosa, como abortar, motivadas por variadas razões: vaidade, dificuldades da vida ou para encobrir os “desvios da vida honesta”. Já em 1929, o *Jornal do Povo* desencadeou campanha em nome da moralidade da sociedade cachoeirense para combater a prática do aborto, que matava o “fruto da união pecaminosa”, “ato que a moral condena, a sociedade reprova e a que a lei pune severamente”.⁴⁵ A forma como a questão era tratada, na imprensa ou no meio social requintado, refletia o estado de espírito da época. O filho indesejado significava desviar-se da vida digna, honesta, desviar-se

⁴⁰ JP, 23/3/1933 Meias curtas. Crônica Social. C., p.1

⁴¹ JP, 10/10/1929 Quis morrer, p.3

⁴² JP, 23/8/1931 Os delitos repugnantes, p.2, 11/5/1933 Noticiário. Concessão de habeas-corpus, p.3, 14/1/1934 Seção livre. Declaração necessária, p.3, 18/1/1934 Noticiário. Casamentos na polícia, p.3, 12/8/1934 Vida forense. Crime de estupro, p.3, 9/9/1934 Noticiário. Crime de defloramento, p.3 e 15/5/1938 Ocorrências Policiais. Queixa e casamento, p.3

⁴³ JP, 1/5/1930 Polícia, p.3 e 1/10/1931 Seção livre. Declaração, p.2

⁴⁴ FAUSTO, Bóris. *Crimes e Cotidiano. A Criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Brasiliense, 1984. O crime aparece no Código Penal de 1890 (art. 267) como “defloramento” e no Código Penal de 1940, como “sedução” (art. 217).

⁴⁵ JP, 19/9/1929 Abortos criminosos, p.2 e 29/7/1934 Noticiário. Infanticídio, p.3

dos preceitos religiosos, portanto, condenada a morrer em estado de pecado, ter reprovação divina e privação definitiva da comunhão com Deus. Para as subalternas, a exigência de seguir tais preceitos não chegava a ser rigorosa. Mas para as moças da elite, que viviam num ambiente onde os atos eram determinados por regras simbólicas muito mais perversas, deixar de segui-los era atentar contra a moral e os bons costumes, podendo ser, inclusive, excluídas do convívio social.

Tais atitudes refletem a postura machista da época mas também possibilitam o entendimento de que o padrão elitista tão desejado não era seguido à risca por todas mulheres. Quebrar os votos de castidade significava mais do que se deixar encantar pelas promessas do amado; era a própria revolução sexual em curso, que se intensificaria com o término da guerra, através do uso de antibióticos para controlar doenças sexualmente transmissíveis, como sífilis, da integração da mulher no mercado de trabalho, das políticas de planejamento familiar, com o uso da pílula em resposta à explosão populacional.

De certa forma, eram tentativas de romper com a força da tradição moral religiosa que aprisionava tanto homens quanto mulheres, embora os varões acabassem não valorizando as normas de forma tão contumaz, sem muita obstinação e afinco. Mesmo numa época em que os bigamos eram presos e julgados, comumente homens casados em outras cidades passavam-se por solteiros e namoravam mulheres cachoeirenses.⁴⁶

Essa moral religiosa sustentava sua legitimidade nas estatísticas, principalmente da quantidade de fiéis e do número de espaços religiosos. Os números do IBGE, referentes a década de 20, mostram que 93,5% do total de templos no Brasil eram católicos. Entre catedrais, matrizes, basílicas, igrejas, capelas, oratórios e santuários, havia um total de 11.271. Minas Gerais era o Estado com maior número (2.496), seguido de São Paulo (1.731), Rio Grande do Sul (937), Bahia (927) e Pernambuco (664). Em relação aos adeptos, somente no ano de 1933 foram batizados no catolicismo 1.159.470 fiéis. Até a década de 40, a média de batizados no Brasil ficou em torno de 1,4 milhões/ano, número representativo para uma população estimada em 41 milhões.⁴⁷

Em Cachoeira, o catolicismo influenciava a vida de boa parte das pessoas, a elite em especial. Nossa Senhora da Conceição foi escolhida como padroeira da cidade. Sua estátua foi posta no frontispício da Igreja Matriz. Eram freqüentes os apelos para obras e reformas dos

⁴⁶ JP, 24/6/1934 Noticiário. Vida forense. Crime de bigamia, p.3 e 22/4/1934 Declaração. Rubem Leitão Schutz, p.5

⁴⁷ Fonte: Anuário estatístico do Brasil 1936. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, 1936. Tabelas: Culto Católico em 1933, Culto Protestante em 1922, Movimento religioso no culto Católico em 1933. Serviço de Estatística Demográfica, Moral e Política. Anuário estatístico do Brasil 1941/45. Rio de Janeiro: IBGE, v. 6, 1946. Tabela Média anual dos batizados no culto católico romano, segundo as unidades da federação em 1943.

templos católicos.⁴⁸ Acontecimentos religiosos atraíam milhares de fiéis, como a chegada do coração do padre Roque Gonçalves.⁴⁹ O *Jornal do Povo* propagava os ideais do catolicismo, ainda mais sob direção de Liberato Salano Vieira da Cunha. Como escreveu a leitora Carina Pessoa: “sem ser um jornal religioso, a sua orientação é verdadeiramente católica, imprimindo no feitio do jornal a sua idéia, a sua atitude firme, de defesa dos princípios da nossa Igreja Católica e dos nossos costumes cristãos”.⁵⁰

Apesar da maioria dos cachoeirenses declararem-se católicos, outras religiões ou seitas encontraram terreno fértil na cidade para desenvolver suas atividades. No Brasil, as 734 sedes de igrejas evangélicas recenseadas nos anos 20 representavam pouco mais de 6,5% das católicas. Os protestantes concentravam-se principalmente em São Paulo (155), Rio Grande do Sul (109), Rio de Janeiro (75), Minas Gerais (75) e Bahia (59). O censo de 1939 dividiu as congregações em católicas e acatólicas. Respectivamente: 3.376 e 343 no Brasil, e 310 e 88 no Rio Grande do Sul. O número de templos acatólicos apontado neste recenseamento aumentou consideravelmente, subindo para 1.626 (1.228 protestantes e 398 outros), no Brasil, e 373 (299 protestantes e 74 outros) no Rio Grande do Sul. Na metade da década, o número de pessoas que se declararam protestantes foi de 167.457 no Brasil e 30.663 (18,31%) no Rio Grande do Sul (atrás apenas de Santa Catarina com 32.606).⁵¹

O tratamento da imprensa cachoeirense às outras congregações religiosas diferiu daquele dispensado ao catolicismo. Assim como para os negros, loucos e prostitutas, os “mandigueiros”, “macumbeiros”, “pais-de-santo” ou “médiuns” eram estigmatizados pelo senso comum e pelos saberes propalados pelas elites brasileiras, envolvendo, em uma só trama, sujeitos que tinham em comum a pobreza, a exclusão e a desqualificação, que representavam o inverso da “alva segurança nômica propalada pela religião institucionalizada e pelos saberes oficiais”.⁵² Num misto de aceitação e repulsa, estava em xeque a capacidade de convencimento de algo não palpável: a fé.

⁴⁸ JP, 4/7/1929 Apelo ao povo da cidade e do município, p.1, 19/9/1929 Inauguração de um monumento, p.1, 15/12/1929 A pedido. Para as obras da matriz, p.2 e 20/6/1935 Lenda de Cachoeira. Lisboa Estrazulas, p.1

⁴⁹ JP, 25/2/1940 Constitui em grande acontecimento religioso a chegada a Cachoeira do coração do padre Roque Gonçalves, p.1

⁵⁰ JP, 30/6/1946 “*Jornal do Povo*”. Carina Pessoa, p.17. ver também JP, 9/4/1957 Cachoeira do Sul veste luto. Altamir Ceratti, p.2

⁵¹ Fonte: Anuário estatístico do Brasil 1936. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, 1936. Tabela: Culto Protestante em 1922. Anuário estatístico do Brasil 1938. Rio de Janeiro: IBGE, v. 4, 1939. Tabela distribuição e natureza das congregações religiosa arroladas em 1936 e Classificação dos edifícios em 1936. Anuário estatístico do Brasil 1938. Rio de Janeiro: IBGE, v. 4, 1939. Tabela Culto protestante em 1935. Igrejas, pessoas filiadas e movimento religioso, segundo as Unidades Federadas.

⁵² ISAIA, Artur César. *Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de umbanda no Brasil da primeira metade do século XX*. In: Revista Anos 90, Porto Alegre/RS: UFRGS/PPG História, n.11, julho, 1999

Nos anos 30, a visita de cartomantes era comumente noticiada através de anúncios no JP – “Madame Helba. Cartomante internacional. Hospedada no Hotel Rosa recebe visita dos interessados e atende chamados á casa de famílias. Faz estudos grafológicos sobre a vida política, comercial e particular. Poucos dias nesta localidade.” – ou em pequenas notas: “Uma quiromante famosa. Já de há dias que nesta cidade está a famosa quiromante européia Madame Kitty, podendo ser procurada no Hotel do Comércio”.⁵³

Notícias contrárias ganhavam maior destaque, como a da mulher numa localidade do interior cachoeirense, publicada em 1931. Por ela ter sido “atuada” por “espírito mau”, em plena estação local, levou “sopapos” do “pai santo” que a acompanhava e que ordenou: “Espírito malvado, deixa em paz esta matéria que não te pertence”.⁵⁴ Os que diziam curar as doenças do corpo e do espírito por meio de “mandingas” e “orações”, ganhavam a alcunha de “vigaristas”, sendo normalmente presos pela polícia. Num destes casos, dentre o considerável número daqueles que procuravam o curandeiro, achavam-se pessoas conhecidas do meio social.⁵⁵

Muitos fiéis católicos buscavam os mesmos benefícios espirituais, mas em espaços legitimados, como no túmulo da escrava Josefa, erguido em 1928 pelo devoto Francisco Bifano, após ter passado 16 anos angariando fundos. Embora não reconhecida como santa, católicos fervorosos ajoelhavam-se para pedir fortuna, ventura, saúde, paz ou mesmo fé. De forma elogiosa, o jornal defendia o “povo anônimo” que orava perante o túmulo da escrava Josefa, subindo “ao céu o balbucio fervoroso das preces, queixas e pedidos, suplicas e lamentações”.⁵⁶

Além dos relacionamentos sociais e afetivos, as regras de civilidade, que serviam como condição de identificação para o pertencimento à minoria cachoeirense, abrangiam, no contexto da fé, a vida pós-morte.

4.2. Até que a morte os separe

A desigualdade social, impressa nas relações cotidianas dos vivos, mostrava sua forma derradeira nas alamedas dos cemitérios. Exemplo marcante era o dia 2 de novembro, data especialmente destinada a reverenciar os mortos, como se eles tivessem autorização para retornar da pátria espiritual e visitar aqueles que deixaram para trás. As regras simbólicas

⁵³ JP, 30/4/1933 Anuncio: Madame Helba. Cartomante internacional, p.2 e 24/5/1934 Noticiário. Uma quiromante famosa, p.3

⁵⁴ JP, 24/9/1931 Notícias do interior do Município. Estação Pertile. Espíritas e macumbeiros, p.4

⁵⁵ JP, 4/6/1933 Prisão de um vigarista, p.3

⁵⁶ JP, 8/8/1929 Na vida intensa da cidade. Misticismo, p.1

exigiam reverenciar com dignidade os antepassados, não só ir ao sepulcro para acender velas, orar e chorar copiosamente, mas fazer silêncio em torno dos mortos, falar com voz abafada para não perturbar a paz dos que se foram. Para Norbert Elias, essa é uma das formas de distanciar os vivos dos mortos. “São os vivos que exigem reverência pelos mortos, e têm suas razões. – escreveu ele – Essas incluem seu medo da morte e dos mortos; mas muitas vezes também servem como meio de aumentar o poder dos vivos”.⁵⁷

Na cachoeira dos anos 1920-40, o dia consagrado aos ancestrais fora sempre concorrido. A visitação em massa servia para santificar os que partiram. O movimento de veículos intensificava-se grandemente, a ponto da inspetoria de tráfego freqüentemente estabelecer medidas para não ocorrer acidentes.⁵⁸ Em 1936, o Jornal do Povo denunciou que o dia de finados mais parecia encontro dedicando aos vivos. A rua central do Cemitério Municipal transformara-se em praça pública, onde “grupos de *dandys*, de mãos nos bolsos e chapéus empurrados para a nuca, faziam despreocupadamente o *footing*, atirando olhares indiferentes para as inscrições nos túmulos”. Alguns se agrupavam nas sepulturas, “papagueavam entre gargalhadas”. As moças, sentadas nos degraus dos mausoléus, observavam os rapazes caminhar no mormaço. Podiam ser vistos “namorados de barracas armadas” entre sorrisos, cochichos e olhares de “peixe morto”. Algumas senhoras orando ajoelhadas ao pé das sepulturas lembrava que aquilo não era um *garden-party* e que devia-se dar respeito à memória daqueles cujos restos ali repousavam. Mas o passeio despreocupado continuava e o namoro não sofria interrupção. “Naquele Finados, o amor reinou sobre a morte”, sentenciou o jornal.⁵⁹

Neste clima de fomento do respeito às coisas sagradas, a forma de narrar a relação vida e morte também marcava a diferenciação social. Para quem fosse da elite cachoeirense, as notícias relativas aos falecidos eram verdadeiros necrológios, recheados de elogios. Para dignificar os defuntos nobres, os redatores do jornal não poupavam expressões encomiásticas.

Numa necrologia de 1930, o sujeito com temperamento impetuoso e severo foi tido como alguém que “escondia um rigoroso sentimento de justiça para todas as suas ações e um grande e boníssimo coração”, que, caso errasse, “procurava logo corrigir o erro, não consentindo que, por sua culpa, resultasse qualquer prejuízo as partes”.⁶⁰ Senhora conhecida na cidade foi descrita como portadora de “gênio bondoso” e “apreciáveis virtudes”, além de ser “esposa amantíssima e mãe extremosa”, que “exemplarmente, fez o bem indistintamente

⁵⁷ ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos. Envelhecer e morrer*. op.cit., 2001, p.40

⁵⁸ JP, 3/11/1929 Dia de Finados, p.3

⁵⁹ JP, 5/11/1936 Instantâneos. Finados, p.1

⁶⁰ JP, 25/12/1930 Necrologia, p.3

durante toda sua vida”.⁶¹ Em outra nota, o ardoroso federalista foi chamado de “homem laborioso e progressista, dotado de uma lúcida inteligência natural”, que possuía “apreciável qualidades de caráter e coração”.⁶² Em nota de falecimento publicada em 1935, Leandro Barbosa, de tradicional família cachoeirense, foi dado como “estimado e conceituado cidadão”, que soubera “prolongar os conceitos em que eram tidos os seus progenitores”.⁶³ No mesmo ano, Ottilia Preussler, esposa do comerciante Germano Preussler, foi considerada virtuosa e “boa mãe”, com afabilidade e “bondade no coração”.⁶⁴

Mesmo nos anos 40, a morte de pessoas da elite produzia notícias laudatórias. Em novembro de 1943, o afogamento de Iolanda Ramondini Santos, “distinta” senhorita da sociedade cachoeirense, foi considerado lastimável.

Elemento de grande destaque em Cachoeira, onde desfrutava de inúmeras simpatias e ralações sociais, sua morte foi motivo do mais intenso pesar. Contava a desventura jovem apenas 18 anos de idade e pertencia a uma das mais conhecidas e relacionadas famílias de Cachoeira. Sua atuação nos meios sociais desta cidade a fizeram imensamente conhecida e estimada no extenso círculo de suas relações. Possuidora de elevados dotes e de um fino trato, suas atividades na vida social cachoeirense criaram-lhe um lugar de alto relevo em nosso meio, onde era um dos mais finos ornamentos. As reuniões de cunho festivo emprestava o encanto de sua bela voz, e nos empreendimentos de caráter beneficente, Iolanda tinha um lugar de destaque pela dedicação com que se votava a essas atividades. Cachoeira sentiu de um modo particularmente profundo morte dessa distinta jovem e por ocasião de seus funerais testemunhou vivamente esses sentimentos.⁶⁵

Em narrativa semelhante, a morte de Miguel Scheidt, que conquistou grande destaque nos meios rizícolas locais, também “ecoou dolorosamente em Cachoeira”. Assim que espalhou-se a constristadora notícia, grande número de pessoas acorreram à casa mortuária para “prestar as derradeiras homenagens ao extinto”, bem como “apresentar condolências à família enlutada”.⁶⁶

Em se tratando de desconhecidos, as notas de falecimento eram menos pomposas, como a de Januário Moreira, 29 anos, “solteiro, cor mista”, que faleceu subitamente, vítima de apoplexia cerebral, ou a da “preta Maria Cândida”, encontrada morta em consequência do frio.⁶⁷ Esse desleixo informativo com os subalternos fazia parte do contexto da imprensa, uma vez que o jornal era produto da e para a elite. Nada mais natural que vinculasse a morte daqueles que pertenciam a ela de forma elogiosa. Além do mais, a brevidade das notas de

⁶¹ JP, 1/1/1931 Necrologia, p.5,

⁶² JP, 11/1/1931 Necrologia, p.1

⁶³ JP, 23/6/1935 Leandro Barbosa, p.2

⁶⁴ JP, 14/4/1935 Noticiário. D. Ottilia Preussler, p.3

⁶⁵ JP, 25/11/1943 Trágico desaparecimento de uma jovem, p.2

⁶⁶ JP, 2/7/1944 Miguel Scheidt, p.2

⁶⁷ JP, 5/7/1931 Noticiário. Morte subida, p.3 e 9/7/1931 Morreu de frio, p.3

falecimento dos desconhecidos demonstra a pouca importância que eles tinham no seio desta sociedade excludente.

Os *outsiders* ganhavam maior espaço editorial na medida em que faziam algo inédito, como atentar contra a própria vida. Em fins dos anos 20 e início dos 30, a quantidade de suicídios foi considerada tamanha a ponto de ser chamada de epidemia. Aqueles que tirassem sua própria vida não recebiam missa pois os padres estavam impedidos de fazê-la pelos rituais canônicos da época. Todavia, isso não impedia que muitos se matassem, principalmente jovens moças desventuradas.

Em fins de 1929, o Jornal do Povo anunciou que não mais noticiaria os casos registrados, argumentando que “para que a descrição de um ou outro caso não possa, por suas circunstâncias dramáticas, arrastar, sob qualquer contrariedade banal, algum espírito fraco e impressionável a prática de um ato transloucado, enchendo de dor e de luto as pessoas que lhe são caras”.⁶⁸ Estranhamente, a regra valeu somente para casos ocorridos entre famílias tradicionais, para aqueles conhecidos na sociedade cachoeirense. São escassas as notícias sobre suicidas de avantajada condição social. Não que inexistissem. Muito mais em respeito aos que conviviam socialmente com editores e redatores. Mesmo na questão do atentado contra a própria vida, impregnavam-se os valores de legitimação social da elite, embora de forma contrária a usual, pela ausência da anúnciação.

Os motivos dos suicidas eram os mais variados: desonra, amores mal correspondidos, oposição de familiares contra casamento, etc. O meio mais utilizado era a ingestão de veneno, normalmente aquele que estivesse ao alcance, como cianureto e arsênico, produtos vendidos livremente nos armazéns locais.⁶⁹

Assim como nos obituários, os suicídios de cachoeirenses desconhecidos eram retratados sem grandes pompas. Normalmente, eram postas somente as iniciais do nome ou utilizada a expressão “de tal” após o primeiro nome, de certa forma um desdém com relação a estirpe do sujeito. O “pardo Honorato de tal” discutiu com sua mulher, saiu para a rua e embriagou-se até morrer. A serviçal G.M., 15 anos, “de cor mista”, suicidou-se porque seu amante resolvera ir no baile solteiro. M.M.S., 22 anos, “de cor preta”, tirou a vida porque foi “desprezada pelo homem que amava”. Ambos ingeriram fortes doses de cianureto.⁷⁰ São

⁶⁸ JP, 24/10/1929 Noticiário. A epidemia dos suicídios, p.3

⁶⁹ JP, 20/10/1929 A epidemia de suicídios, p.2, 1/1/1930 Suicídio, p.3, 3/4/1930 Suicídio, p.3, 3/9/1931 Noticiário. Tentativa de suicídio, p.3, 2/10/1932 Noticiário. Suicídio, p.3, 21/12/1934 Noticiário. Suicídio, p.3, 21/3/1935 Noticiário. Suicídio, p.3

⁷⁰ JP, 27/11/1930 Noticiário. Suicídio, p.3, 27/4/1931 Noticiário. Suicídio, p.3 e 9/7/1931 Noticiário. Honorato quis morrer, p.3

constantes nessas descrições a caracterização da cor da pele: “pardo” por tratar-se de pessoas mulata, “mista” pela descendência diversa e “preta” por ser negra.

Poucas vezes o *Jornal do Povo* descrevia detalhadamente os atos transloucados. Fez isso quando tratava-se de bela jovem de 19 anos, que entrou num restaurante localizado na Sete de Setembro, principal artéria da cidade, no anoitecer de uma segunda-feira de 1931, e pediu uma garrafa de gasosa. Sem que o garçom percebesse, ela adicionou cianureto e ingeriu a mistura em seguida. Disse ao garçom que era a última gasosa que bebia e lhe entregou algumas cartas que continham o motivo do ato: a jovem apaixonara-se por um rapaz que não retribuiu-lhe o amor. “Perdidas as esperanças para conquistá-lo e não podendo viver sem meu eleito, tomei a firme resolução de me suicidar”, teria escrito a jovem.⁷¹

Mesmo anunciando que seguia a orientação de não fazer publicidade desses acontecimentos, eventualmente o jornal noticiava casos de suicídio. Em 1939, deu destaque a três atentados ocorridos num período de poucos dias, sob alegação de que o delegado de polícia, através do jornal, solicitava às casas comerciais que restringissem a venda dos venenos comumente utilizados,⁷² como se fosse possível antever a vontade dos compradores em se matar. Em 1942, noticiou dois casos, citando o nome de ambos suicidas. No primeiro, um rapaz andou por várias casas comerciais procurando comprar uma corda. “Não muito – pediu ele – três metros, apenas para me enforcar”. Ninguém levou-o à sério, até encontrarem seu corpo balançando num galpão. No segundo, outro rapaz despedira-se calmamente dos amigos, entrou no bar, pediu aperitivo e água tônica, adicionou cianureto, solicitou ainda lápis a uma das pessoas que se achavam perto e misturou o veneno. Após, ingeriu e debruçou-se sobre a mesa. Posteriormente descobriram que não estava dormindo, mas morto.⁷³

Desta forma, os acontecimentos diários imbricavam-se tanto na vida quanto na morte, no trânsito da rua e no caminhar nas calçadas, nas regras de civilidade e convivência, no conservadorismo dos relacionamentos, entre homens e mulheres, na moral religiosa, nos amores não correspondidos e nos filhos indesejados. Nesta dinâmica que limitava os espaços de atuação, colocando cada um no seu devido lugar, de acordo com sua condição social, as práticas cotidianas excludentes coligiam aspectos diversos, como o lazer diário ou o próprio ambiente hostil que afetava o dia-a-dia da elite cachoeirense, por mais que lutasse para manter longe esses espectros.

⁷¹ JP, 9/4/1931 Noticiário. Suicídio impressionante, p.3

⁷² JP, 26/2/1939 Noticiário. Suicídios, p.3

⁷³ JP, 29/11/1942 Duas pessoas suicidaram-se, p.5

5. Deleite: gozo íntimo, prazer pleno

5.1. Lazer ao ar livre: entretenimento em público

No entretenimento da elite cachoeirense, em suas atividades de lazer dos anos 30-45, residia a tentativa de manutenção de tradições e valores tipicamente burgueses. Isto revelava-se no modo como os membros da fina flor local ocupavam seus momentos de ociosidade: festas sociais ou bailes, diversões noturnas como o cinema, eventos culturais como teatro ou concertos musicais, distrações que podia mudar conforme o período do ano – carnaval, festas são-joaninas e reveillon –, conforme os locais – piqueniques em balneários, banhos no rio Jacuí – ou dar-se no dia-a-dia – cafés, confeitarias, hipódromo, em esportes como natação ou tênis.

O lazer da elite cachoeirense, na primeira metade do século XX, não foi produto exclusivo da urbanização e da industrialização, até porque o ritmo de crescimento da Princesa do Jacuí não podia ser comparado ao frenesi das cidades maiores, como Porto Alegre ou São Paulo, onde a produção em série e a maquinaria romperam abruptamente com o modo de vida cotidiano – não tanto da elite, mas em especial, dos subalternos, embora as mediações entre os diferentes grupos sociais tenham produzido efeitos comuns a ambos – descolando o trabalho do tempo natural, controlado artificialmente o trabalho, subordinando-o a lógica e racionalidade próprias.

Em Cachoeira, a dinâmica industrial não apartou completamente os espaços produtivos das sociabilidades decorrentes das relações trabalhistas. Suas pequenas dimensões urbanas aproximavam trabalho e vida cotidiana. Embora caminhasse em mediano ritmo de industrialização, permitia com que as pessoas compartilhassem relações diárias mais

intensamente. Além disso, o lazer – que nesse sentido deveria ser a antítese das rotinas – tornava-se complemento das atividades diárias.

Como visto por Norbert Elias, o entretenimento implicava igualmente em determinado controle e auto-controle social, auxiliando na formação de comportamentos, normas e condutas sociais, ainda mais tratando-se de minoria prestigiada. As escolhas do tempo livre formariam pólos de tensões no seio da sociedade, semelhante ao trânsito e a sociabilidade. O autocontrole dos impulsos desenvolveria a “segunda natureza” dos indivíduos, compondo o processo civilizador dos costumes, com práticas cotidianas que buscavam o verniz civilizador.¹

Por ser área eminentemente elitista, ainda não invadida maciçamente pelos *outsiders*, a zona urbana central de Cachoeira possibilitava maior frequência dos momentos de diversão em público dos estabelecidos da alta sociedade, reafirmando a estanque divisão imposta pelas fronteiras simbólicas.

A mais pública dessas diversões era o banho ao ar livre. A moda dos banhos de mar em Cidreira e Tramandaí ou no balneário Cassino durou até fins de 1929, quando a crise econômica mundial imputou limites para os gastos com superficialidades, como as longas viagens ao litoral. Por conta disso, após duas décadas de ostracismo, os banhos no Jacuí voltaram a moda entre a alta sociedade nos verões da décadas de 30. O ambiente era o porto, na ponta sudeste do núcleo central. O trajeto era curto. Seguia-se pela rua da Igreja, descendo na rua da Ladeira até o Passo do Jacuí (ambas atualmente denominadas rua Moron). Os banhistas utilizavam a ilha existente defronte o porto. Segunda opção eram as pedras na cachoeira do Fandango, algumas centenas de metros acima. Ambas alternativas desapareceram com a construção da barragem em 1957. Costumava-se ir normalmente nos finais de tarde, a partir das 18 horas até o anoitecer.

Com o aumento da frequência de famílias tradicionais, novas regras de civilidade passaram a ser exigidas, principalmente com relação ao vestuário. Os trajes de banho dos moradores da periferia foram considerados inadequados para os padrões moralistas da época. A imprensa passou a exigir fiscalização rígida das autoridades policiais, de modo a proibir a permanência de quem não usasse vestuário “próprio” e “decente”. Para reforçar o pedido,

¹ ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1985. Ver ainda MIRANDA, Célio Roberto Turino de. *Na trilha de Macunaíma. Ensaio para uma política pública de lazer*. Dissertação de Mestrado, [orientador Marcos Tognon], Campinas/SP: PPG História, Universidade Estadual de Campinas, 2004 [disponível em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000316330> – acessado em 20/3/2006], que procurou as influências do lazer e do chamado “tempo livre” na formação das identidades e comportamentos sociais; e MAFFEI Jr., João. *Valores, lazer e recreação na sociedade contemporânea*. Dissertação de Mestrado [orientadora Elaine Ferreira], Florianópolis/SC: PPG Engenharia de Produção, UFSC, 2004 [disponível em <http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/16710.pdf> – acessado em 20/3/2006]

noticiava atitudes de banhistas atrevidos, que estariam atirando-se na água completamente despidos.² No verão de 1933, Clemente Cunha, da Capatazia do Porto, atendeu o apelo, proibindo terminantemente os banhos no rio sem roupas convenientes. Quem transgredisse a norma seria conduzido para a Cadeia Civil pela Patrulha do Esquadrão Provisório.³

Em 1935, o *Jornal do Povo* abriu espaço para divulgar o concurso do maiô mais elegante. Os leitores podiam recortar os cupons, responder a pergunta “Qual o *maillot* mais elegante do balneário Jacuí? O da senhorita...”, e enviá-los à redação. O júri era composto pelo advogado Ari Pilar, pelo capitão Oliveira Mesquita e pelas senhoritas Jaci Camargo Carlos e Georgina Galvão.⁴ Até pequeno debate moralista foi ensaiado nas páginas do jornal. L. escreveu sobre a necessidade de aparecerem novos modelos, com maior graça e harmonia. P. redargüiu, pondo em dúvida o que admirar: a beleza do traje, a graça e a delicadeza do conjunto ou a cor que as faces revelavam quando a moças retiravam o roupão e jogavam-se na água?⁵ Para Seutonio, debaixo dos maiôs escondia-se a “beleza plástica” dos “lindos corpos de ninfas” do “belo sexo”, numa demonstração de “progresso” e “civilidade”.⁶

A questão do vestuário inadequado e do próprio debate desencadeado pelo concurso de maiôs foi a materialização do confronto simbólico entre valores morais de pudicícia e castidade, herdados da tradição cristã, e os anseios do helenismo moderno, que tinham no nu e no sensualismo sua possível liberdade. A moral e bons costumes exigidos pelo catolicismo conservador colidiam frontalmente com a idéia-força buscada no banho ao ar livre, em ambiente natural, considerado salutar na medida em que reaproximava homens e mulheres urbanos à natureza, ao puro e à simplicidade primitiva, tornando a vida mais saudável. Buscar as coisas que a natureza oferecia não significava admitir a origem do naturalismo. A moral religiosa impedia o afloramento da nova imagem formada a partir da antiga Grécia, do “mundo pagão, naturalmente sensualizado, sublimemente estético e filosoficamente hedonista”, que propunha comportamento mais licencioso e identificado com a “forma esteticamente deleitante de existência”, em detrimento dos valores tradicionais. Verdadeira “revisão moral em nome da beleza” das “formas humanas, trazidas à tona em nome uma nova imitação dos gregos”.⁷

² JP, 24/1/1932 Noticiário. Banhos no Rio Jacuí, p.3 e 7/1/1943 Notas locais, p.4

³ JP, 14/12/1933 Anúncio. Capatazia do Porto. Aviso. Clemente Cunha. Capataz do Porto, p.1

⁴ JP, 24/1/1935. Cupons. “Qual o “maillot” mais elegante do balneário Jacuí, p.1 e 24/1/1935 Noticiário. O mais belo “maillot” do balneário Jacuí, p.3

⁵ JP, 27/1/1935 O mais belo “maillot” L., p.1 e 3/2/1935 Banhos e banhistas. P., p.2

⁶ JP, 24/1/1935 Praia de Banhos. Seutonio, p.1

⁷ MACÁRIO, Paula Gomes. *Neo-Gregos da Belle Époque brasileira*. Dissertação de Mestrado [orientador Luiz Carlos da Silva Dantas. Campinas/SP: PPG Teoria e História Literária/Universidade Estadual de Campinas, 2005 [disponível em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000362460> – acessado em 20/3/2006]

Essa busca pelo natural ganhava destaque nos textos opinativos publicados no jornal. Oliveira Mesquita, na crônica *Viva a praia*, escrita em 1935, imputou à “doçura incomparável da vida ao ar livre” o que chamou de “milagre” que teria transformado a “vida pacata” e “burguesa” da “provinciana” Cachoeira, a ponto de fazer com que os elementos “mais representativos no meio social” fossem tomar banho na praia do Jacuí. Atribuindo adjetivos progressistas aos membros da sociedade – requintados, elegantes e modernizados – procurou mostrar que estar em contato com a natureza significava fugir da “humana hipocrisia” e dos “falsos preconceitos”. Diametralmente oposto a moral religiosa, buscou na divindade argumentos para subsidiar esse retorno ao natural. Estar em contato com a natureza era estar em contato com Deus: “Eu entendo que a natureza é a obra mais perfeita de Deus. – escreveu ele – E por amor a Deus é que eu adoro a natureza. Deus que quer saúde nos corpos e alegria nas almas!” Para justificar os banhos de rio, resgatou os ideais *mens sana in corpore sano* (mente saudável em corpo saudável, ou, em suas próprias palavras: “num corpo enfermo somente uma alma enferma pode habitar”). Em casa só ficariam idosos e doentes. E para quem não tinha condução própria ou não podia pagar auto de praça, recomendou ir caminhando, exercício que traria “benefícios para a respiração” e produziria maior “fluxo de idéias”.⁸

O fluxo da elite reavivaria a praia, transformando-a no tão sonhado balneário cachoeirense. Para garantir a segurança dos banhistas, aumentou as exigências de obras de infra-estrutura no local, tais como rampas de acesso para veículos, bóias acima dos trechos rasos e até bancos e abrigos.⁹

Apesar das melhorias feitas no balneário, a elite pouco-a-pouco abandonou os banhos no porto e na cachoeira do Fandango como lazer público, indo procurar locais mais afastados e restritos, onde não precisasse conviver com os subalternos. Capão Grande é exemplo dessa procura por exclusividade, já no início dos anos 40. Localizado nas margens do Jacuí, mas distante vários quilômetros da zona urbana, serviu inicialmente como local de piqueniques; posteriormente foi transformado em condomínio fechado.¹⁰ Além disso, nos anos 50, a construção de melhores estradas de rodagem estaduais diminuiu o tempo de viagem até o litoral atlântico, passando a ser opção preferencial para quem dispusesse de recursos, e a construção de eclusas ao longo do Jacuí tirou muito de sua atratividade, tornando-o barrento e caudaloso.

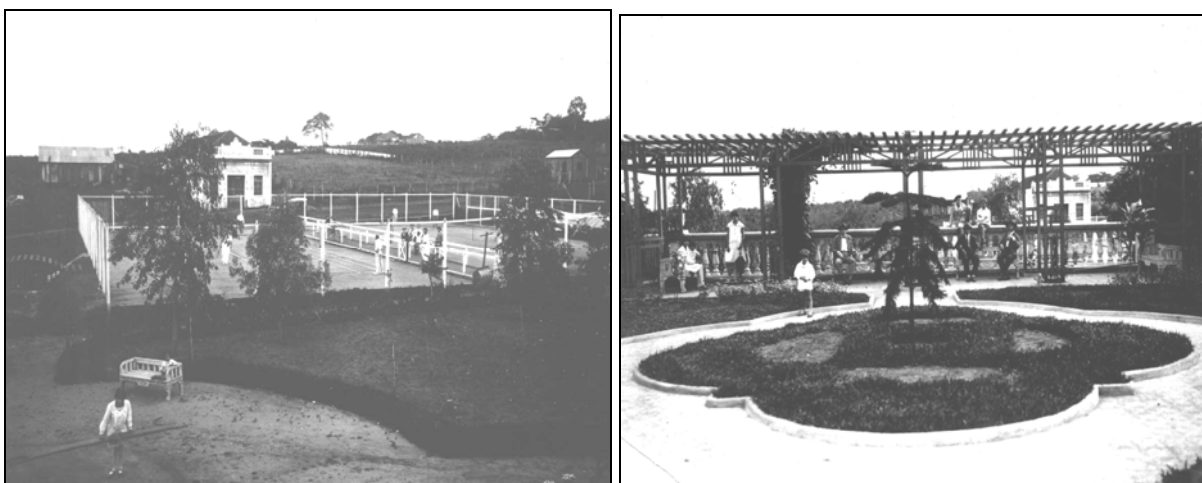
⁸ JP, 24/1/1935 Viva a praia. Oliveira Mesquita, p.1. Ver também, JP, 24/1/1935 Praia de Banhos. Seutonio, p.1

⁹ JP, 24/1/1935 Noticiário. Praia balneária, p.3

¹⁰ JP, 1/1/1941 Um desconhecido perece afogado no rio Jacuí, p.2, 4/1/1940 A polícia precisa controlar os balneários do Jacuí, p.1 e 16/1/1941 Noticiário. Um “pic-nic” no Capão Grande, p.3

No contexto de lazer ao ar livre dos anos 1930-40, os esportes praticados em público também estiveram em alta entre a fina sociedade cachoeirense. Como parte integrante do processo de mercantilização burguesa, o desportismo foi elevado à condição de fator de regeneração sócio-cultural.¹¹ Os próprios banhos em locais públicos possibilitaram a ascensão do esporte aquático, em especial a natação. As notícias do *Jornal do Povo* de 1933-35 dão conta que boa parte dos que buscavam as margens do rio Jacuí praticavam o nado, considerado como “o melhor meio do indivíduo criar forças novas e vitalizadoras, enriquecendo de ar os pulmões e enrijecendo os músculos, numa ginástica elegante e preciosa”.¹² Não faltaram reclames por conta da “natural falta de conforto existente nas ribanceiras do rio” e exigência de melhorias por parte do poder público municipal, para tornar o local apropriado à prática desportiva.¹³ Outro esporte que teve grande aceitação em Cachoeira foi o remo, através do Grêmio Náutico Tamandaré, fundado em 1936.¹⁴

O tênis foi o esporte preferido pela elite, jogado desde o início do século. As fotografias das quadras da praça Borges de Medeiros dão a idéia dessa aristocracia no esporte. Enquanto os adultos divertiam-se jogando, as crianças ocupavam o espaço ao lado das quadras ou brincavam no jardim construído em cima do reservatório de água, com canteiros floridos, bancos e balaústre.



Figuras 104 e 105 – Quadra de tênis e espaço de descanso, ambos construídos na praça Borges de Medeiros. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Na década de 30, o *Jornal do Povo* noticiava o “benéfico” e “notável” desenvolvimento do “aristocrático” e “chic” esporte, que além de “elegante” era “salutar” e

¹¹ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro*, op.cit., 1998

¹² JP, 24/1/1935 Viva a praia. Oliveira Mesquita, p.1

¹³ JP, 17/12/1933 Noticiário. Praia banear, p.5

¹⁴ JP, 18/2/2006 GNT completa 70 anos [disponível em http://www.jornaldopovo.com.br/default.php?arquivo=_materia.php&intIdEdicao=948&intIdConteudo=59917 – acessado em 23/3/2006]

“agradável”.¹⁵ Em 1934, a inauguração de novas quadras na Sociedade Rio Branco foi descrita da seguinte forma: “os cavalheiros, devidamente uniformizados com chapéu de pano branco, camisa com gola aberta e listrada de azul e branco, calças e sapatos brancos, misturavam-se às senhoras, com suas saias igualmente brancas, em partidas muito disputadas”.¹⁶ O auge do tênis cachoeirense foi nos anos 40.¹⁷ Muitos desportistas participaram de campeonatos estaduais e nacionais, sagrando-se campeões em alguns desses eventos. Ernesto Petersen ganhou os certames estaduais de 1941, 1943 e 1946, e o vice-campeonato brasileiro em 1947. No ano seguinte, disputou na Europa a Copa Devis.¹⁸

O vôlei e o basquete também foram bastante apreciados. Nos anos 30, eram freqüentes as disputas entre os times de basquete do Atlético Concórdia e o Riachuelo, formado por oficiais da Guarnição Federal. Na década seguinte, surgiu a equipe do Atlético Flamengo, do Colégio Roque Gonçalves. Com a reforma da praça José Bonifácio em 1942-43, quando foi construída a cancha poliesportiva,¹⁹ as partidas de basquete passaram a ser disputadas nas noites de sábados e domingos entre rubro-negros e rio-branquenses, mais conhecidos por “alemães”, dada a origem do clube. A torcida do Atlético Flamengo ocupava a maior parte das arquibancadas, deixando pequeno espaço à direita da quadra para os rivais.²⁰

Ainda em relação ao lazer desportivo, o jôquei-clube foi espaço freqüentado pela alta sociedade, principalmente os homens por causa das apostas nos cavalos. O auge do turfe local foi nas décadas de 30-40. As canchas cachoeirenses ficavam no Alto do Amornin mas o restaurante do clube localizava-se na área central, na Sete de Setembro n.1145, tendo como gerente Hans Kulitz. As festas de abertura de temporada eram bastante disputadas.²¹

Para as mulheres, o elegante era patinar. Data de 27 dezembro de 1932 a inauguração do “Cachoeira Rink Club”, embora a pista tenha ficado fechada para reformas até nova inauguração, em 7 de janeiro de 1933. Os ingressos custavam 0\$500 réis para o “belo sexo” e 1\$000 réis para o “sexo forte”. A hora de patinação tinha o preço de 1\$500 réis,

¹⁵ JP, 1/6/1933 Tênis F.F., p.1 e 22/6/1933 Tênis três fimaças, p.1

¹⁶ Dados extraídos de *100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996*, op.cit., 1996, p.98

¹⁷ JP, 18/7/1943 Notas tenistas, p.2. No Anexo XIII, adeptos do tênis nos anos 1920-40

¹⁸ Dados extraídos de *100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996*, op.cit., 1996, p.96-102

¹⁹ JP, 13/12/1942 Vida desportiva. Canchas para basquete e voleibol, p.2 e 4/2/1943 Inaugurado o Estádio de Basquet-ball, p.2

²⁰ Dados extraídos de *100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996*, op.cit., 1996, p.128-132

²¹ JP, 9/10/1932 Vida Esportiva. Hípico. “Festa da Primavera”, p.2, 15/3/1934 Anuncio. Restaurante do Jockey-club, p.4, 29/11/1934 Vida desportiva. Hípico Jokey-club as corridas de domingo, p.2 e 11/8/1940 Braz Camilo. Carreiras na cancha do Amornin, p.1

indistintamente.²² O cronista Oliveira Mesquita descreveu o local da seguinte forma: “Todas as noites o Rink Cachoeirense fica repleto de assistentes e patinadores, tornando-se um ponto chique forçado para o encontro do que de belo existe no mundo feminino desta terra”.²³

5.2. Ociosidade, alienação, elevação de espírito

Afora os banhos e os diversos esportes ao ar livre, o lazer em público da elite cachoeirense podia dar-se em espaços comerciais distintos, como cafés, reduto preferencialmente dos homens, e confeitarias, destinadas às famílias. Para muitas das cidades brasileiras na época, que seguiam o modelo europeu de urbanidade e tinham como imã a vida nos bulevares parisienses, era imprescindível possuir cafeterias para intelectuais, literatos, jornalistas, homens de negócio, fofoqueiros de plantão, e confeitarias para as famílias distintas.²⁴

Na Cachoeira dos anos 30, era de bom tom passar o *dolce far niente*, ouvindo “boa música” distraidamente na elegante Confeitaria Central, ainda mais depois que o proprietário, Olívio Costa, reformou e ampliou o salão em 1931.²⁵ Os cavalheiros podiam optar entre os cafés Frísia, Paulista ou ainda o Carioca, localizado na praça José Bonifácio, que anunciava no jornal afirmando ser uma “casa de primeira ordem” que vendia café torrado e moído “à vista do freguês”. Nos fundos do estabelecimento, havia carteados e roleta.²⁶ O cronista Oliveira Mesquita escreveu sobre a grande frequência dos cafés, “sempre cheios de gente a parolar alegremente”. O editorial do Jornal do Povo deu destaque para aqueles que viviam com as “mãos na cava do colete”, ao “som das vitrolas” dos cafés, jogando no bicho e resistindo “galhardamente, à ação deflacionista das *tournées* artísticas músico-literárias”.²⁷ A

²² JP, 29/12/1932 Noticiário. Cachoeira Rink Club, p.3 e 8/1/1933 Noticiário. Cachoeira Rink Club, p.3

²³ JP, 13/4/1933 Nótulas. Oliveira Mesquita, p.1

²⁴ Sobre cafés e confeitarias, ver PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cultura de massas e representações femininas na paulicéia dos anos 20*. In: Rev. bras. Hist. v.19 n.38 São Paulo, 1999 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000200007&lng=pt&nrm=iso&tl-ng=pt – acessado em 23/3/2006]; EWALD, Ariane [et al.] *Crônicas Folhetinescas: subjetividade, modernidade e circulação da notícia*. In: Seminário História e Imprensa, IFCH/UERJ, jun. 2003. [disponível em <http://www.coc.fiocruz.br/psi/pdf/artigo-chronicaspdf.pdf>. – acessado em 23/3/2006]; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. *João do Rio, Repórter da Pobreza na Cidade* In: Em Questão, Porto Alegre, v. 10, n.1, p.81-93, jan./jun, 2004 [disponível em http://www6.ufrgs.br/emquestao/doc/EmQuestaoV10_N1_2004_art05.pdf – acessado em 23/3/2006]; VENÂNCIO, Gisele. *Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna*. In: *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 28, 2001* [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/308.pdf> – acessado em 23/3/2006]; HOFF, Maurício; HOFF, Mariane Zanchetta. *Café e Cafeterias: Turismo Cultural* [disponível em <http://www.pg.cdr.unc.br/revistavirtual/numeroonze/Caf%C3%A9%20e%20Cafeterias.pdf>. – acessado em 23/3/2006]

²⁵ JP, 22/8/1929 Anúncio Confeitaria Central, p.3 e 5/11/1931 Noticiário. Confeitaria Central, p.3

²⁶ JP, 17/9/1931 Anúncio. Café Carioca, p.3

²⁷ JP, 9/8/1931 Editorial. A dor dos melhoramentos, p.1, 13/4/1933 Nótulas. Oliveira Mesquita, p.1 e 24/11/1935 Como se portar nos cafés, p.2

fotografia mostra o predomínio masculino entre os freqüentadores do Café Paulista, nos anos 20.



Figura 106 – Cena interna do Café Paulista, nos anos 20. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Em julho de 1942, o Café Carioca passou por reformas conforme exigências da higiene sanitária. Entretanto, o prédio pegou fogo alguns meses depois e o estabelecimento nunca mais foi reaberto.²⁸ A preferência do público recaiu para o “luxuoso” Café Frísia, de propriedade de Ivo Becker. Suas instalações eram modelares para a época: paredes artisticamente decoradas, com pinturas relativas ao produto servido, e grande balcão oval, para os que preferiam tomar o café mais rapidamente. Servia em média 3,9 mil xícaras diariamente. Apesar dos cafés continuarem sendo reduto dos fazendeiros, industrialistas, políticos, funcionários públicos e demais representantes do sexo forte, eventualmente podiam ser vistas “distintas damas” e “belas e graciosas senhoritas” conversando nas “elegantes mesinhas”.²⁹

O Café Frísia foi considerado espaço de sociabilidade ímpar, onde tratavam-se assuntos pessoais e relativo à vida cotidiana cachoeirense, enquanto se apreciava o cafezinho; a Bolsa local, devido aos negócios que ali se fechavam; a “*petit trianon*”, o panteão da cidade. Se a imprensa queria farejar reportagens ou mesmo auscultar a opinião da elite sobre

²⁸ JP, 5/7/1942 Reabertura do café “A Carioca”, p.5. GUIDUGLI, Humberto Atilio. *Café Carioca*. Revista Aquarela, n.8, set. 1957

²⁹ JP, 11/11/1945 Sociedade Café, p.5

determinado assunto, dirigia-se para o estabelecimento. Lá saiam “cobras e lagartos”.³⁰ Esses mexericos urbanos é que proporcionavam ao jornal o aspecto da novidade. Faziam parte da gênese da própria atividade jornalística européia.³¹ Na enquete realizada em fevereiro de 1945, sobre a situação de Getúlio Vargas na presidência, foram ouvidos vários freqüentadores: Carlos Paranhos de Araújo, ex-deputado classista e representante da lavoura e pecuária, Antônio Ramos, diretor comercial da Sociedade de Criadores e Inventores, Carlos Möller, do jornal *O Commercio*, Fernandes Barbosa, poeta, Evaldo Quadrado, funcionário do Banco do Brasil, os advogados Mário Ilha, Francisco Pinos Lobato e Aristides Moreira, os comerciários Miguel Dutra e Agripino Nunes, o acadêmico Edyr Lima, o prefeito Ciro da Cunha Carlos, José Joaquim de Carvalho, presidente do Conselho de Administração da Cooperativa Cachoeirense Rizícola Ltda., o médico Lauro Rangel e o político Floriano Neves da Fontoura, entre outros.³²

A fama do Café Frísia era tamanha que, em julho de 1946, uma comissão composta por “elementos de destaque” procurou o *Jornal do Povo* para reclamar contra o aumento do cafezinho, de Cr\$ 0,30 para Cr\$ 0,40, movimento que ficou conhecido como “greve pacífica”. Os reclamantes argumentavam que, além de mais caro que as demais casas congêneres, as xícaras de cafezinho do Frísia serviam metade do estabelecido oficialmente. A casa concorrente, *Ao papito*, servia o dobro de café por Cr\$ 0,30, fazendo com que o do Frísia custasse, nessa lógica, Cr\$ 0,80. Os proprietários contra-argumentaram, justificando que, para continuarem servindo o café com qualidade, necessitavam repassar o aumento do atacado para o varejo. O jornal explorou o fato em tom irônico e espalhafatoso, afirmando entregar o caso ao julgamento popular, num jornalismo tipicamente sensacionalista, que acabava por promover comercialmente o produto objeto do debate, algo tornado usual no JP posteriormente. Quem quisesse, poderia participar da pesquisa, depositando sua opinião na urna instalada no próprio Frísia. Os que colocassem nome e endereço ganhariam gratuitamente 10 cafezinhos.³³

³⁰ Interessante a análise de BURKE, Peter. *A cidade pré-industrial como centro de informação e comunicação*. In: Revista Estudos Históricos, v.8, n.16, Rio de Janeiro, 1995, p.193-203, que mostra como as cidades dispõem de locais próprios para a difusão da informação e comunicação.

³¹ BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. op.cit., 1989, p.24

³² JP, 27/2/1945 Auscultando a opinião pública cachoeirense sobre o agitado monumento político Nacional, p.4. Segundo GUIDUGLI, Humberto Atilio. *Casa dos Escravos*. Revista Aquarela, n.7, dez. 1958, o local do Café Frísia servia, em 1885, como alojamento para os escravos que seriam comercializados.

³³ JP, 2/7/1946 Greve pacífica contra o “Café Frísia”, p.1, 4/7/1946 A pedido. Entregue ao julgamento popular o caso do aumento do cafezinho Frísia para 0,40, p.4 e 4/7/1946 Continua a greve contra a alta do Café Frísia, p.1. De acordo com cálculo estatístico da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul

O resultado apurado no plebiscito apontou divisão entre os consumidores, embora tenha vencido o menor preço com a mesma qualidade: 168 votos para café bom a Cr\$ 0,30; 130 votos para café bom a Cr\$ 0,40 e 18 votos para café ruim a Cr\$ 0,30. Inicialmente, o proprietário ignorou o resultado, fazendo com que os “grevistas” continuassem não freqüentando o estabelecimento. Chegaram a fixar cartazes com o seguintes dizeres: “A vontade do povo foi desrespeitada. Não tome café aqui. Não entre neste café”.³⁴ Na semana seguinte, o cafezinho voltou a ser vendido ao preço de Cr\$ 0,30. No comunicado publicado no jornal, os proprietários justificaram a redução considerando que o cafezinho vendido no balcão era “eficiente veículo de propaganda”, sendo possível, desta forma, o subfaturamento.³⁵ A concorrência aproveitou a ocasião para anunciar que venderia a xícara do cafezinho Ao papito ao preço que os freqüentadores quisessem pagar.³⁶

O valor do cafezinho podia parecer insignificante no contexto das despesas dos indivíduos. Entretanto, nos centavos gastos diariamente residia o fundamento da seleção entre os espaços público e privado. E mesmo sendo de uso comum a todos, a exigência implícita do consumo nos cafés e confeitarias servia para selecionar os freqüentadores.

Como lazer cotidiano dos moradores da zona urbana central de Cachoeira, o cinema seguia lógica semelhante, com a diferença de que os valores do ingresso possibilitaram acesso de maior número de subalternos misturando-se com a elite. Depois de vários empreendedores tentarem manter salas de cinema nos anos 10-20, o Coliseu Cachoeirense seguiu sozinho no mercado na praça José Bonifácio, exibindo filmes como *A lei dos fortes*, com Thomas Meigan, *Amor e natureza*, impróprio para senhoritas e menores por mostrar o amor em todos os termos e em todos os animais, ou *Ben-hur*, que lotou a platéia por quatro noites consecutivas.³⁷

A imagem do cinema lotado, em 1922, demonstra a atração que esse entretenimento tinha. Como atividade para as massas, colocava no mesmo espaço elite e subalternos, embora também a posição dos lugares determinasse a classe social que pertencia o espectador.

[www.fee.tcche.br - acessado em 23/3/2006], o valor do cafezinho de Cr\$ 0,40 corresponderia atualmente a R\$ 0,41

³⁴ JP, 9/7/1946 Continua a greve contra o “Café Frísia”, p.1

³⁵ JP, 14/7/1946 Cafezinho “Frísia” voltou a CR\$ 0,30, p.1

³⁶ JP, 6/11/1946 O café Baependi e a casa “Ao papito” venderão cafezinho, a partir de hoje, pelo preço que os freqüentadores quiserem pagar, p.1

³⁷ JP, 8/8/1929 Domingo outro filme digno do nosso culto publico, p.2, 12/9/1929 Amanhã no Coliseu. Única exibição, p.3 e 19/7/1931 Teatros e cinemas. Ben-hur, p.3



Figura 107 – Cine-teatro Coliseu, na praça José Bonifácio, em 1922. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Em agosto de 1931, estreou o cinema falado, com a exibição do filme *O presídio*. O público foi tamanho que muitos voltaram dos guichês da bilheteria sem ingressos.³⁸ O *Jornal do Povo* foi todo elogios: “Estamos, pois, de parabéns, por termos alcançado mais esse sucesso no progresso da nossa Cachoeira, pelo que muito ficamos a dever ao esforço, boa vontade e dedicação dos estimados proprietários do Coliseu”; “Decididamente, estamos com sorte, e Cachoeira se poderá ufanar de ter assistido às melhores exibições do Estado”.³⁹

De certa forma, o cinema foi um dos primeiros entretenimentos mundiais direcionados às massas, que permitiu o convívio indistintamente entre as diversas classes, embora nas grandes cidades existissem cinemas luxuosos e freqüentados pela elite nas zonas centrais e os com valor de ingresso menor para atrair os subalternos nas periferias. Além disso, a diversão cinematográfica era mais visível, diferente dos café e confeitarias, onde o prazer residia na própria sociabilidade: diálogos, música ou no ambiente *finés*. Frente à tela cinematográfica, a experiência do sujeito atingia seu ápice. Nesse sentido, a crônica de M., *Em louvor ao cinema*, publicada no *Jornal do Povo* em 1933, é emblemática: o cinema satisfaria “o espírito sempre ávido de coisas novas e interessantes”; permitiria “apreciar tudo o que de grande, belo e maravilhoso existe ou se desenrola no mundo da arte e da ciência, dos nossos tempos”; dilataria os conhecimentos, enriqueceria a inteligência; encheria os olhos de alegria, com

³⁸ JP, 6/8/1931 Teatros e cinemas. Coliseu cachoeirense, p.3

³⁹ JP, 9/8/1931 Maus costumes, p.1 e 20/9/1931 Maus costumes, p.2

cenas emocionantes que mostravam “o lado real da vida e também o mentiroso das coisas”; e mais importante, na opinião do cronista, “o cinema emancipou o mundo”.⁴⁰

Esta perspectiva de que o cinema poderia propiciar a emancipação dos espectadores foi nevrálgica para a Europa nos anos 30-40. O fascismo demonstrou ao mundo o poder da imagem cinematográfica. Através de imenso aparato midiático, o Terceiro Reich exerceria enorme fascínio sobre as massas, substituindo a crítica pela publicidade e propaganda, vinculadas principalmente pelo cinema. Segundo Willi Bollle, foi Walter Benjamin quem expôs essas mazelas em seu artigo *Teorias do fascismo alemão*, mostrando que os recursos técnicos – entre eles o cinema –, apropriados pelas destrutivas forças nazistas, não promoveram justiça social ou econômica. Pelo contrário, a técnica tornou-se antiemancipatória. Na tentativa de encobrir contradições sociais, desviar conflitos e compensar as reivindicações não atendidas pela criação de ilusões, o fascismo utilizaria os filmes para domesticar as massas. No fazer do dia-a-dia residia a alienação. Com o olhar fixo nas telas, o sujeito assumiria o papel do herói para exaurir a vontade de se rebelar. Numa atitude de receptividade e apatia, o espetáculo imagético hipnotizaria o espectador, suprimindo-lhe a participação ativa, a experimentação do mundo real e a própria capacidade de analisar criticamente o mundo em redor.⁴¹

A importância do cinema no Brasil desta época, pode ser visto na medida em que Getúlio Vargas assumia o nacional-socialismo como ideais a perseguir. Durante o regime, o cinema fez parte de amplo projeto político-pedagógico propagandista. A criação do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, em 1934, mostra como a política autoritária européia influenciou o Brasil. As produções cinematográficas nacionais foram beneficiadas no período, tornando os diretores verdadeiros bastião do governo revolucionário, ideólogos do nacionalismo brasileiro. Todavia, enquanto na Europa nazi-fascista o controle estatal era completo – produção, distribuição, exibição de filmes nacionais e barreiras contra estrangeiros – no caso brasileiro, não foram tomadas medidas tão radicais. Desde cedo Vargas adotara a “política da boa vizinhança”, permitindo que tanto produções norte-americanas quanto alemãs ou italianas fossem exibidas nas salas de cinema brasileiras.⁴²

⁴⁰ JP, 26/1/1933 Em louvor ao cinema M., p.1

⁴¹ BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: representação da história em Walter Benjamin*. op.cit, 1994, p.209-238 e BENJAMIN, Walter. *Teorias do fascismo alemão. Sobre a coletânea Guerra e Guerreiros, editada por Ernst Jünger*. In: _____. *Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. op.cit., p.61-72

⁴² Ver ALMEIDA, Cláudio Aguiar. *O cinema brasileiro no Estado Novo: diálogo com a Itália, Alemanha e URSS*. In: Revista de Sociologia e Política, Universidade Federal do Paraná, n.12, jun.1999 [disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/238/23801207.pdf> – acessado em 23/3/2006]

Mesmo assim, filmes considerados inadequados eram censurados sob justificativas pífias. Cúmplice do regime, como a maior parte da imprensa brasileira, o Jornal do Povo reproduzia os argumentos usados pela censura. Em nota publicada no dia 29 de março de 1934, repreendeu os filmes exibidos pelo Coliseu Cachoeirense, afirmando que “embora o enredo de algumas fitas possuam um fundo moral elas se desenrolam, muitas vezes, num entrecho trágico, emocionante e nevrotício, mesmo porque a maioria dos filmes são adaptações de obras literárias modernas onde piram um excessivo cerebralismo, capaz de perturbações psíquicas de certa ordem aos espectadores”.⁴³

Até o Brasil declarar guerra contra o Eixo, películas nazistas dividiam espaço com norte-americanas, principalmente nas salas do sul do país, como o Coliseu Cachoeirense. Em 1934, o filme de propaganda nazista *A Alemanha Desperta* atraiu grande massa popular, ocupando totalmente as cadeiras.⁴⁴ Na mesma temporada, *Mocidade Heróica* causou frisson, recebendo inclusive crítica favorável pela imprensa cachoeirense: “As cenas deste filme põem-nos em contato com o prolongo da luta, finalmente, vitorioso de Adolf Hitler mostramos o mocidade alemã entusiasmada por um alto e inabalável ideal, traçado pelo próprio *Führer*. Eles sabem lutar pela liberdade da pátria, sabem morrer no auge da juventude, na canção sagrada nos lábios e um sorriso satisfeito nos olhos”.⁴⁵ Em cartaz também filmes norte-americanos, como *Viúvas de Havana*, *Aí vem a Marinha*, *Sinfonia inacabada* e *Cleópatra*.⁴⁶

No contexto desta importância que o lazer cinematográfico assumiu nos anos 30, reacendeu o debate local em torno das exigências de novas instalações. Através das páginas dos jornais, as promessas eram reafirmadas de tempos em tempos. Em 1933, o Conselho Constitutivo Municipal abriu concorrência para construção do novo cine-teatro, mais “amplo, moderno e confortável”, conforme convinha à cidade. Henrique Comassetto, mais uma vez, anunciou a contratação de engenheiro para participar da disputa.⁴⁷ O articulista O.M. definiu a situação de maneira sagaz, na crônica *Ditador de Cachoeira. Foi um sonho, nada mais*: “Cerquei o Comassetto de todas as garantias e, num ‘upa’ levantou-se o novo prédio, amplo, elegante, dotado de todos os requisitos para uma casa do gênero”.⁴⁸ O novo prédio foi construído somente em 1937-38, em estilo *art déco* na rua Sete de Setembro. Sua inauguração

⁴³ JP, 29/3/1934 Promotoria Pública. Censura cinematográfica, p.3

⁴⁴ JP, 22/2/1934 Impressões de um filme, p.1

⁴⁵ JP, 14/6/1934 Teatros e cinemas. Mocidade heróica, p.2 e 21/6/1934 Anúncio. Mocidade heróica, p.2

⁴⁶ JP, 7/4/1935 Cinema. M., p.1

⁴⁷ JP, 30/6/1931 Noticiário. Novo teatro, p.7, 15/10/1933 Noticiário. Uma velha aspiração que, parece, vai se tornar realidade, p.3, 1/1/1934 Cachoeira terá, ainda este ano, um novo cinema, p.3, 22/2/1934 Noticiário. Um novo cinema, p.3 e 4/3/1934 Edital. Concorrência para a construção de um teatro-cinema, p.4

⁴⁸ JP, 26/5/1935 Ditador de Cachoeira. Foi um sonho, nada mais. A construção do teatro cachoeirense, O.M., p.1

foi comemorada: ao invés de “cadeiras incômodas” e “quebradas”, “pulgas” ou “goteiras”, o novo prédio que revelava “gosto fino” e “delicado”.⁴⁹

O novo ambiente exigiu, em contra-partida, que as regras de civilidade da elite fossem cumpridas à risca. Na opinião expressa pelo próprio Jornal do Povo, era preciso que a população se colocasse à altura do novo cinema, adotando praxes comuns nas grandes cidades: tirar o chapéu enquanto assistia sessões cinematográficas, principalmente entre as mulheres, dado o tamanho e altura da indumentária; barrar a entrada dos subalternos que se apresentassem embriagados ou sem asseio, que não observassem os “preceitos da decência”; não fumasse nem comesse amendoins torrados, ou ainda não reservasse lugares.⁵⁰ Para o cronista E.R., não era crível nem lógico que aqueles que chegavam cedo ao cinema, fossem preteridos na escolha da poltrona, por conta dos que ficavam refestelados em casa ou faziam *footing* na praça. “Todos os cidadãos são iguais perante a lei e portanto todos os espectadores tem os mesmos direitos e quem chega cedo tem direito à compensação pela longa espera”, escreveu ele.⁵¹

Tais exigências da elite nem sempre eram cumpridas automaticamente pelos subalternos. A solução, muitas vezes, residia no emprego da autoridade policial. Em 1941, por exemplo, a Delegacia de Polícia publicou aviso informando que retiraria do cinema todo espectador que se portasse de modo inconveniente, perturbando a sessão e faltando com o respeito às famílias.⁵²

A partir da entrada do Brasil na guerra, a americanização tomou conta do mercado cinematográfico brasileiro, principalmente na distribuição dos filmes para os cinemas de todo país. Da mesma forma como o nazi-fascismo, Hollywood foi posta a serviço da máquina de guerra, com produções que explicitavam o caráter libertador que os norte-americanos desejavam mostrar. Além disso, com a maioria dos filmes estrangeiros entrando no país procedendo dos EUA, ao uso propagandístico dos filmes somou-se a finalidade lucrativa. As distribuidoras estrangeiras elevaram o valor cobrado pela locação das fitas bem antes do término do conflito bélico, atitude que afetou principalmente os custos dos cinemas do interior. Enquanto nas capitais as fitas rodavam primeiro nos cinemas centrais, com ingressos a preços maiores, e depois eram distribuídas nos arrabaldes a preços populares, cidades como Cachoeira, com um único cinema, acabavam sendo prejudicadas. Os valores contratuais superavam Cr\$ 2.000,00 por filme. No caso de produções de sucesso, as distribuidoras

⁴⁹ JP, 17/2/1938 Cachoeira terá hoje em diante, um dos melhores Cine-teatros do Estado, p.2

⁵⁰ JP, 20/2/1938 É obséquio tirar o chapéu, p.3 e 3/4/1938 Noticiário. Será policiado o cinema local, p.3

⁵¹ JP, 17/4/1938 É proibido reservar lugares. E.R., p.1

⁵² JP, 15/6/1941 Noticiário. Abusos no cinema, p.5

exigiam ainda comissão na bilheteria. Em 1944, o Coliseu cobrava entre Cr\$ 3,00 a Cr\$ 4,00, sendo necessários mais de 500 espectadores por sessão para cobrir as despesas.⁵³

Em questão de entretenimento urbano, o cinema aguçou a divisão entre cultura da elite e cultura das massas. Lazer como teatros e recitais – mesmo aproximando-se do cinema na medida em que público e privado interagiam dentro de certas fronteiras simbólicas – foram tidos como divertimentos preferencialmente da alta sociedade.⁵⁴ Uma reportagem de 1933 explicita essa divisão ao opinar que, em relação à “velha arte dramática”, “o gosto das elites acha-se bastante estragado pela tumultuada invasão das manufaturas cinematográficas, com as quais os *yankees* alagaram a nascente civilização brasileira”.⁵⁵ Nesses dois tipos de distração, a seleção dos frequentadores dava-se pelo ambiente reservado, pelo gosto apurado, pelo prazer requintado que excluía os subalternos incapazes de impressionar-se com tais experiências. Entre os anos 20 e os anos 40, Cachoeira esteve no mapa das grandes companhias teatrais, como a de Jaime Costa (1930), Ribeiro-Cancela (1941) e Procópio Ferreira (1943).⁵⁶

Já os recitais e concertos ocorriam em espaços variados, como no Clube Comercial, na Sociedade Atiradores Concórdia ou mesmo em salões particulares. Os textos jornalísticos marcavam de forma ímpar a quem destinavam-se tais eventos artísticos. Termos como “culto povo cachoeirense”, “sociedade culta”, “alta cultura da nossa sociedade” ou “fina sociedade” delimitavam os frequentadores. O recital de piano de Noemy Rosa Teixeira “deliciara a fina flor” cachoeirense; Cachoeira teve o “prazer de ouvir” o concerto de Raul Laranjeira no “confortável” e “elegante” salão do Clube Comercial; a “assistência seleta” aplaudiu de forma “vibrante” a pianista Odete Faria.⁵⁷ O interesse neste tipo de espetáculo era tamanho a ponto de existir uma escola de música, que revelou muitas jovens provenientes de distintas famílias.⁵⁸ Nos anos 40, a Gruta do Leite, localizada no andar térreo do edifício Oscar Wild,

⁵³ JP, 27/1/1944 A programação do cine-teatro Coliseu, p.3

⁵⁴ Ver a análise de SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos primeiros anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, sobre o impacto das tecnologias mecânicas nos processos de lazer urbano.

⁵⁵ JP, 16/2/1933 Uma alta expressão artística, p.1

⁵⁶ JP, 3/11/1929 Teatro, p.2, 7/11/1929 Teatros e cinemas, p.2, 12/6/1930 Noticiário. Companhia Jaime Costa, p.2, 5/1/1941 Artes e artistas. Campanha Ribeiro-Cancela, p.2 e 23/9/1943 Artes e artistas. Companhia de comédias Procópio Ferreira, p.3

⁵⁷ JP, 15/8/1929 Teatros e cinemas. Recital de piano, p.3, 19/9/1929 Teatro e cinemas, p.3, 31/5/1931 Notas de arte. Concerto de Raul Laranjeira, p.2, 28/1/1932 Recital de Piano. Odete Faria, p.1, 1/9/1932 Noticiário. Noite Brasileira, p.3 e 9/3/1933 Noticiário. Teatros e cinemas, p.3

⁵⁸ JP, 23/7/1931 Maria Moritz, p.2 e 15/10/1931 Festas e Diversões. Escola de Música, p.2. Ver, neste contexto, NOGUEIRA, Isabel Porto (org.). *História iconográfica do Conservatório de Música da Ufpel*. Porto Alegre/RS: Palotti, 2005

na rua Sete de Setembro, realizava operetas. A orquestra tinha onze componentes e atraía todas as noites grande número de “cavalheiros, senhoras e senhoritas”.⁵⁹

Exceção para eventos teatrais, eram as peças ou espetáculos considerados sem valor cultural, em que predominavam recursos cediços e graças vulgares. Os circos e parques de diversões, armados nas praças da periferia, foram alçados ao mesmo patamar, como lazeres eminentemente populares. A imprensa tratava esses eventos de maneira diferenciada, alternando entre a simples publicação da notícia sem nenhuma pompa, normalmente em pequena nota publicada na coluna *Noticiário*, ou com críticas mordazes. Os frequentadores também eram denominados de maneira diferente da chamada “sociedade culta”, dos estabelecidos que iam a recitais e concertos. Ao circo comparecia “verdadeira multidão de pessoas apreciadoras desse gênero de espetáculos”, o “público” não regateava aplausos aos artistas, as “acomodações” ficavam completamente tomadas, o espetáculo agradou ao “numeroso público que aconteceu àquela noite à popular casa de diversões”.⁶⁰

5.3. Diversão reservada só nos bailes e eventos sociais

As diversões mais reservadas da alta sociedade ocorriam nos clubes e sociedades, acessíveis somente para seletos públicos, cujo pertencimento passava necessariamente pela estirpe pessoal. Nessa ascendência do sujeito residia a possibilidade dele fazer parte ou não da elite. Os clubes e sociedades caracterizavam-se como “espaços de representação da elite urbana”, espaços de sociabilidade e de lazer, de “ver e ser visto” e da própria representação política. Além da manutenção da sociabilidade, tinham o encargo na educação moral da elite, dada através da imposição de regras de conduta e convivência sociais, vistas nos estatutos e no exemplo dos próprios sócios.⁶¹

Como nos recitais e concertos, a imprensa anunciava os eventos sociais do Comercial e do Concórdia com termos elogiosos. Os acontecimentos eram “de alta sociabilidade e clara distinção”, reunindo o que existia de “mais representativo” em Cachoeira. Os sócios

⁵⁹ GUIDUGLIO, Humberto Atílio. *Concertos-operetas*. Revista Aquarela, n.7, dez.1958

⁶⁰ JP, 15/5/1930 Noticiário. Circo Riograndense, p.3, 26/1/1933 Noticiário. Circo Palermo, p.3, 1/10/1933 Noticiário. Circo Alegria, p.5, 7/1/1937 Noticiário. Grande parque de diversões Bertani, p.3, 30/11/1939 Um fracasso em Cachoeira do Sul do homem que “anda mancando e canta chorando”, p.1, 28/11/1940 Noticiário. Circo-teatro Palácio, p.3, 12/1/1941 Parque-teatro Internacional, p.3 e 4/5/1941 O recital de Ubirajara Moreira, p.2

⁶¹ RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. *O teatro da sociabilidade: um estudo dos clubes sociais como espaços de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo, 1850/1930*. Tese de Doutorado [orientador René Gertz], Porto Alegre: UFRGS/PPG História, 2v., 2000, mostrou como os clubes sociais de São Leopoldo/RS, em especial o a Sociedade Orpheu, podiam se apresentar como espaços de representação da elite urbana de origem alemã e teuto-brasileira, como espaços de sociabilidade e de lazer, de “ver e ser visto” e da representação política.

pertenciam ao “mundo elegante de Cachoeira”. Eventos tradicionalmente populares, como a festa são-joanina e o carnaval, ganhavam ares pomposos quando organizados pela elite. O São João de 1931, no Clube Comercial, foi tido como o dos “mais expressivos índices de agrado e brilhantismo”. A decoração foi criada “sob um rigoroso critério de bom gosto e arte”, aliados a “sobriedade de linhas” e “graça do colorido”. A diferenciação social incorporava as novas tecnologias da época, como o “jogo de luzes”. Aumentou o número de componentes no conjunto orquestral e ao repertório foram acrescentadas músicas recebidas dos centros mais avançados do país, Rio de Janeiro e São Paulo. As danças tiveram início pontualmente às 21 h 30 min, obedecendo a roteiro cuidadosamente elaborado. Pequenos cartazes indicaram as marcas dançadas de acordo com o programa. O traje servia para barrar indesejáveis. Assim como o preço dos ingressos, o alto valor gasto com as roupas exclusivas selecionava os freqüentadores.⁶²

Esse evento dava mostras da grandiosidade que os associados do Clube Comercial queriam aparentar. Durante toda década de 30, oportunizou momentos ímpares de distinção social. Em 1933, foi desdobrado em duas noites. A exigência era traje mandado confeccionar em pelúcia, somente o casaco para cavalheiros, mas completo para senhoras e senhoritas.⁶³ No ano seguinte, o traje exigido foi de passeio, mas aguardava-se “noitada deslumbrante”, por tratar-se das “criaturas mais finas” das altas rodas sociais cachoeirenses e por ser verdadeiro acontecimento “*charment*”.⁶⁴

Além dos bailes de São João, outro evento popular apropriado pela elite foi o carnaval. Data de 1900 o início dos festejos na cidade, quando a diversão ocorria principalmente na praça José Bonifácio, através de desfiles de charretes floridas e blocos.⁶⁵ Na década de 20-30, os ambientes fechados e exclusivos passaram à preferência da alta sociedade, tendo em vista as crescentes dificuldades em manter afastados os populares. De forma semelhante aos demais bailes, o carnaval ganhou ares aristocráticos quando feito pela alta sociedade. Nos clubes e sociedades, a elite cachoeirense organizava blocos próprios, dançava, declamava “versos jocosos, de acordo com a época carnavalesca”, bebia cerveja gelada e licores, além dos doces servidos à vontade. A orquestra, puxada por exímio gaiteiro, fazia a “delícia do assalto”. Na “festa batuta”, o “mundo social cachoeirense” comparecia “no esplendor máximo de sua

⁶² JP, 14/6/1931 Festas e diversões. O baile de São João, p.3

⁶³ JP, 22/6/1933 Festas e diversões. Club Comercial, p.2

⁶⁴ 17/6/1934 Festa e diversões. Club Comercial. Baile de São João, p.2, 21/6/1934 Festa e divisões. Club Comercial, p.2 e 24/6/1934 Festas e diversões. Club comercial, p.2

⁶⁵ GUIDUGLI, Humberto Attilio. *Centenário de Cachoeira do Sul*, op.cit., 1959

alegria e de sua beleza”.⁶⁶ Na era do rádio, cantava-se as marchinhas carnavalescas ditadas pela capital federal, Rio de Janeiro. Em 1934, o concurso carioca premiou o samba Linda Lourinha, levando-o para todo país.⁶⁷ Assim como as rádios e os jornais, as canções do carnaval eram usadas para legitimar o governo federal.

A plebe divertia-se na praça José Bonifácio, que acabou virando ponto de atração dos que queriam jogar confetes, serpentinas e lança-perfumes, mas não tinham livre-acesso aos clubes e sociedades. Diferente dos salões, o carnaval de rua era tratado de forma depreciativa. Para o jornal, os festejos eram “sem nenhum entusiasmo”. No carnaval de 1932, em oposição aos “brilhantes” festejos dos clubes, os divertimentos ao ar livre “correram friamente e sem entusiasmo, apesar da grande massa popular”. No desfile dos blocos, poucos automóveis com alguns fantasiados. No ano seguinte, a chuva torrencial impediu animação nos dois primeiros dias.⁶⁸ O carnaval de rua de 1939 foi considerado pelo Jornal do Povo como de “muita gente e pouca animação”. O Rei Momo tivera “recepção fria por parte dos foliões cachoeirenses”.⁶⁹ Da mesma forma os de 1940-41. Apesar da “grande concorrência”, não demonstravam “a menor animação” quando comparados aos festejos realizados nas sociedades locais. Somente os cordões e blocos se faziam notar: *Filhas do Trabalho, Floresta Aurora, O nome vem depois e Caruru*.⁷⁰

O lamento do esvaziamento do carnaval de rua, levado a cabo através da imprensa nacional desde meados dos anos 20, traz subjacente o sentimento nostálgico por parte da elite, que perdera, em todo país, a prerrogativa de festejar o reinado de Momo em espaços abertos, obrigando-se a ir para os salões. O tratamento depreciativo atesta a democratização do carnaval nos espaços públicos centrais, cada vez mais apropriados pelos subalternos.⁷¹

O estado policialesco, instaurado com a Revolução de 30, agravou em parte o declínio do carnaval de rua. Para pacificar os foliões “de baixo”, Vargas impôs uma série de normatizações carnavalescas. Nos carnavais de rua, batalhas de confetes e banhos com fantasia, ensaios ou bailes públicos, passeatas de blocos, cordões, ranchos ou qualquer outro tipo de agrupamento, só poderiam realizar-se mediante autorização prévia da delegacia especial de costumes e depois de pagos os emolumentos previstos em lei. O poder constituído

⁶⁶ JP, 11/2/1932 Carnaval. Os bailes realizados estiveram brilhantes, p.2 e 19/2/1933 Festa e diversões. Bloco carnavalesco, p.2

⁶⁷ JP, 8/2/1934 Pródromos do carnaval. Bloco dos Bens Unidos, p.3

⁶⁸ JP, 12/2/1931 Carnaval, p.2 e 11/2/1932 Carnaval. Os bailes realizados estiveram brilhantes, p.2

⁶⁹ JP, 23/2/1939 O carnaval de Cachoeira na Praça José Bonifácio, p.2

⁷⁰ JP, 14/1/1940 O Comercial iniciou ontem, oficialmente, o carnaval, p.2 e 27/2/1941 Carnaval. Carnaval de rua, p.2

⁷¹ Cf. SCHPUN, Monica Raisa. *Luzes e sombras da cidade (São Paulo na obra de Mário de Andrade)*. op.cit., 2003

desautorizava qualquer canção sem que a respectiva letra tivesse sido previamente analisada e proibia o uso de fantasias atentórias à moral ou parecidas com uniformes adotados pelas classes armadas. O uso da máscara somente era permitido nos dias de festa e os mascarados estariam sujeitos à fiscalização policial. Grupos carnavalescos de que fizessem parte indivíduos maltrapilhos, empunhando latas, fragmentos de madeira ou outros objeto, seriam dissolvidos e seus componentes levados à delegacia.⁷²

Por estas razões, o texto jornalístico da época é marcado pela depreciação e pela segurança. Quando a imprensa local noticiava o carnaval de rua, era comum informar que a ordem social mantinha-se em limites aceitáveis. Numa festa considerada, por excelência, do inverso, a inversão não poderia ser completa.⁷³ Para não ultrapassar os limites aceitáveis, conter a massa popular e evitar confusão, era possível e exigido o controle policial sobre os subalternos. Exército e Brigada faziam o patrulhamento preventivo. Durante os três dias consagrados à pandega e à alegria, deveria reinar sempre a “mais perfeita” e “mais completa ordem”, não ocorrer “nenhum acidente de monta”.⁷⁴

Durante os anos de guerra, a apatia do carnaval de rua contrapunha-se ao esplendor dos clubes. Enquanto nas ruas a diversão definhava, o Clube Comercial atraíam inúmeros foliões. Em 1941, o clube promoveu quatro bailes que encerravam ao amanhecer. Neste ano, o salão foi decorado pelo escultor Torquato Ferrari e a festa foi animada por jazz. Em 1944, o carnaval foi comemorado exclusivamente nos salões das sociedades locais.⁷⁵

Nos anos 30-45, outros dois bailes, eminentemente aristocráticos, foram destaque nos meios sociais locais. A Festa da Primavera de 1931, promovida pelo Comercial, contou com senhoritas que eram “tudo que havia de gentil na sociedade cachoeirense”, que trajavam-se “elegantemente”, representando flores. Nas mesas, ofereciam-se flores, doces e finos licores.⁷⁶ O de 1933 foi realizado em duas noites, logo após a sessão cinematográfica. Sua proximidade

⁷² Ver CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Sob a máscara do nacionalismo. Autoritarismo e anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)*. In: Estudios Interdisciplinarios de America Latina Y El Caribe. Facultad de Humanidades Lester y Sally Entin Escuela de Historia Instituto de Historia y Cultura de América Latina. School of History, Universidad de Tel Aviv, Ramat Aviv, vl.1, n.1, Enero/Junio, 1990 [disponível em http://www.tau.ac.il/eial/I_1/carneiro.htm#note55 – acessado em 29/3/2006]

⁷³ Sobre a inversão no período do carnaval, ver FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. *Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental*, op.cit., 1993, p.210, BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena*. Tradução de Luiz Caldas de Moura, Brasília/DF: Universidade de Brasília, 1982, que entende o carnaval como tempo de se liberar pela imitação e pelo divertimento, se abrir aos ataques e às críticas por meio de transposições toleráveis e se entregar parodicamente ao movimento a fim de com ele aumentar sua ordem. Por esta razão, a festa do inverso se opõe às demonstrações políticas de civismo e às ritualizações religiosas; e DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

⁷⁴ JP, 2/3/1933 Os festejos carnavalescos. Como foi comemorando em Cachoeira a fugaz passagem dos dias consagrados a Momo, p.2

⁷⁵ JP, 27/2/1941 Carnaval. Os bailes nos Clubes, p.2 e 24/2/1944 O rei da folia imperou nos salões, p.2

⁷⁶ 17/9/1931 Festas e Diversões. Festa da Primavera, p.3

aumentava o “entusiasmo do mundo elegante” cachoeirense, gerava “intensa expectativa social nas altas rodas”, por tratar-se do “mais fino” e “elegante da estação”.⁷⁷ O segundo baile fremente era o reveillon. Embora muitas sociedades promovessem alguma festividade na virada do ano, o do Clube Comercial recebia as descrições mais favoráveis, ressaltando-se sempre a “numerosíssima afluência de associados”, os “memoráveis bailes”, o “grande êxito”, o “maior brilhantismo”, entre outros adjetivos.⁷⁸

Na mesma medida em que valorizava eventos sociais da elite, o Jornal do Povo ridicularizava os dos *outsiders*, como notícias de desordens e conflitos nos bailes dos subúrbios.⁷⁹ Mas era na depreciação da linguagem dos subalternos que residia o maior desdém. A elaboração do convite *sui generis*, mandado publicar em abril de 1934 por Silvio Faria Correa, exemplifica esse desprezo:

Tendo arrumado um arrasta pé de arranca pé de picigueiro com raiz e tudo pro dia de São João, cunvidemo uns portadô desse pra festa cum a famia e os parente. Chamamo as atenção dos supricante pro regulamento da festa, cuim todos adjetivos qualificativos do mesmo.

Regulamento:

1º - dentro da sala é pruibido dá tiro de revórve calibre 44, purque pode assustá as moça.

2º - não pode tá reunido mais de treis véia no salão pra evita que saia frége, pra modi as falação da vida aieia;

3º - não si aguenta cachorro na sala, imbora di istimação, prá não largá purga nem bicho de pé;

4º - a moça que negá o estrivo pro moço que fô tirá ela tem que dá espricação pro mestre da sala sobre os motivo do cunsiguinte;

5º - não se pódi pisá em calo di gente véia;

6º - o mestre da sala podi mandá pará a gaita quando entendê;

7º - não se aguenta tosá cola de matuto dus convidado;

8º - uns covidado tem direito a bala e rosquinha de ovo, porém, de galinha. Cafê cum leite é considerado extraordinário. U que quizé tem que paga;

9º - sujeito fumando não pode toma mate com as moças. Cum as véia pode oma inté relinchá;

10º - quem cuspi no chão tem que espaiá cum o pé o guspe. Não se admite guspida de guascaço “tipo pato”;

11º - u cunvidado que provocá baderna sai da sala e não entra mais inquanto não isfriá a maceta;

12º - u indivídu que se metê a querê apagá lampião da sala, cum tiro o cum facão, é expurço;

§ único: - sendo véio e tendo fia bunita nu baile pode vortá pra sala dispois de se acomodá;

13º - véia que tivé falando dos outro não tem direito a rosquinha de ovo.

14º - uns direito cumprem esse ao pé da letra o pur bem o a pau em caso de percisão;

N.B. – tem potreto seguro pros cavalo, girau prus arreo e maniadô prus cunvidado.⁸⁰

⁷⁷ JP, 10/9/1933 Club Comercial. Festa da Primavera, p.2 e 17/8/1933 A primavera ai vem... O. M., p.2

⁷⁸ JP, 9/12/1934 Natal e ano Novo. Os dois grandes bailes do clube Comercial, p.1, 3/1/1937 A noitada de 31 no comercial, p.2, 25/12/1940 Festas e Diversões. O “Reveillon” de fim de ano no Clube Comercial, p.2, 4/1/1942 Festas e Diversões. Os bailes de fim de ano nas sociedades, p.2 e 29/12/1940 Festas e Diversões. Sociedade Concórdia, p.2

⁷⁹ JP, 13/9/1934 Noticiário. Desordens e conflito em um baile na Vila Barcelos, p.3

⁸⁰ JP, 26/4/1934 Convite, p.4

Dessa forma, a figura do caipira – habitante do interior, do campo ou da roça, sujeito atrasado, de pouca instrução, de convívio e modos rústicos e canhestros, de fala imbricada e estereotipada, indolente em suas interpretações, no centro do país o caboclo, no sul os migrantes oriundos das zonas de colonização ou de outras áreas agrícolas – foi utilizada para produzir a auto-imagem da moderna elite em oposição aos subalternos. A década de 30 foi rica no debate em torno da identidade nacional, com ênfase na mudança social e na modernização. Na literatura nacional, Jeca-Tatu, de Monteiro Lobato, personificou essa imagem.⁸¹

Em Cachoeira, a organização do baile caipira no Clube Comercial, em julho de 1939, é consequência deste contexto.⁸² Os bailes da roça, promovido nos anos 1932-35 pela Sociedade Atiradores Concórdia, tiveram sentido inverso, na medida em que procuravam dignificar as origens agrárias dos teuto-brasileiros.⁸³

Muitos dos eventos sociais dos clubes e sociedades tiveram explícitas conotações políticas. Em outubro de 1931, foi comemorada a passagem do primeiro aniversário da revolução de Vargas. A elite promoveu “suntuoso baile” no Clube Comercial, com muito “luxo” e “elegância” ao som dos grupos “Alegria” e “Bambas”. Conforme a narração do jornal, a sociedade cachoeirense gozou “horas de encantos” e sentiu a “sublimidade de um ambiente absolutamente distinto”.⁸⁴ Já o “povo” participou do popular quermesse na praça José Bonifácio, onde foram vendidas flores e objetos doados, com renda em benefícios à obra da igreja.⁸⁵ Essa conotação caridosa acompanhava muitas das festas organizadas pela elite. A renda auferida no baile da primavera de 1939 – copa, tômbola e demais jogos de azar – foi revertida para o hospital. Eram comuns festas especificamente para beneficiar alguma obra comunitária.⁸⁶

O uso de eventos sociais com finalidades políticas também esteve presente na Sociedade Atiradores Concórdia. Comumente, o clube de origem germânica utilizava os encontros dos associados para tais fins. Em 1934, por exemplo, foram convidados todos os alemães e teuto-brasileiros residentes na cidade. O festejo começou com vivas para o Brasil e Getúlio Vargas, seguido da execução do hino nacional pela orquestra e da declamação do hino fascista alemão por Iris Dicklhuber, que foi “muito aplaudida”. Arthur Decker fez o discurso

⁸¹ LIMA, Nísia Trindade. *Jeca Tatu e a Representação do Caipira Brasileiro*. op.cit., 1997

⁸² JP, 6/7/1939 O baile caipira do Comercial mexeu com a cidade, p.1

⁸³ *100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996*, op.cit., 1996, p.187

⁸⁴ JP, 15/10/1931 Festas e Diversões. Suntuoso baile, p.2

⁸⁵ JP, 25/10/1931 Comemoração do 1º aniversário da vitória da Revolução de Outubro. Quermesse, p.2

⁸⁶ JP, 22/10/1939 A grande festa da Primavera do Clube Comercial, p.2, 10/7/1932 Noticiário. Festa em benefício do Hospital de Caridade, p.3 e 18/12/1932 Festas e Diversões. Colcha de Retalhos, p.2

oficial, tecendo elogios a Adolf Hitler, o “*Führer* do povo alemão e reconstrutor na Nova Germânia”. Suas palavras eram cobertas por “prolongada salva de palmas”.⁸⁷

A eclosão do conflito bélico na Europa, em 1939, fez com que a palavra “Atiradores” fosse suprimida, ficando somente Sociedade Concórdia, na tentativa de antecipar possíveis represálias, como em 1917, quando a sociedade sofreu intervenção do Tiro de Guerra, os encontros foram suspensos, os estatutos e o próprio nome foram traduzidos para a língua portuguesa e as armas usadas no tiro ao alvo foram apreendidas. Todavia, a simples alteração da denominação não foi suficiente para convencer as autoridades de que os associados tinham perdido o encanto pelo nazismo. Com a entrada do Brasil na guerra, em 1942, a sociedade ficou fechada entre os meses de fevereiro e abril. A sede e alguns monumentos foram depredados. Eurico Nestor Wilhelm foi substituído no cargo de presidente por João Garibaldi dos Santos, designado pelo delegado de polícia. A partir da Assembléia Geral realizada no início de 1943, a sociedade passou a sofrer ingerência direta do Clube Comercial. Mostra disso foi a realização da reunião na sede comercialina e o surgimento do conselho fiscal com função de opinar, propor medidas e exigir informações da diretoria. O prefeito municipal, o juiz de direito da comarca e o comandante da guarnição militar foram designados sócios honorários. O juiz Alfeu Escobar ocupou a presidência nos primeiros três meses, designando o comerciante João de Oliveira Santa Fé para substituí-lo. Por conveniência, a denominação da sociedade mudou para Rio Branco, a mesma do bairro onde estava instalada a sede. Essa mudança foi uma tentativa de abasileirar a sociedade, desvinculando sua imagem com tendências nazi-fascistas. Com a intervenção, diminuiu a frequência dos associados. Em abril de 1943, a moção de fusão com o Aeroclube de Cachoeirense foi abortada por falta de quorum. Com o término do conflito europeu, em maio de 1945, a sociedade voltou a ter autonomia e presidente com sobrenome alemão: Osmar Tesch. Mesmo assim, o clima nacionalista do pós-guerra definitivamente enterrou os objetivos iniciais da antiga *Schützen-Verein Eintracht*, de servir de ponto de reunião dos que falavam o idioma alemão e de cultivar valores e tradições germânicas.⁸⁸

Desta forma, os clubes e sociedades, a mais reservada das diversões da alta sociedade, acessíveis somente para pessoas seletas, serviam para fazer política, a mais pública das atividades humanas. A mesma tentativa de manter tradições e valores burgueses estava presente na ocupação dos demais momentos ociosos da elite cachoeirense – festas sociais,

⁸⁷ JP, 6/5/1934 Colônia alemã. Uma festa na sociedade Concórdia, p.2

⁸⁸ JP, 2/4/1942 Noticiário. Reaberta a Sociedade Concórdia, p.3. SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartin. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., 1991, p. 157 e 100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996, op.cit., 1996, p.66 e 207

bailes, cinema, teatro, concertos musicais, carnaval, São João, reveillon, piqueniques, banhos de rio, cafés, confeitarias, hipódromo, natação e tênis – embora implicitamente, de forma tácita e alegórica. Semelhante aos acontecimentos diários – trânsito, rua, calçadas, regras de civilidade, conservadorismo, moral religiosa, amores – os lazeres cotidianos colocavam cada um em seu devido lugar, de acordo com as condições sociais.

6. Transitando no espaço público

6.1. Praças ajardinadas: lócus da sociabilidade

O centro da vivência pública é a cidade, em especial a rua, local onde as coisas acontecem. Nela, a personalidade coletiva revela-se através de usos, hábitos e valores dos mais variados indivíduos, nos sinais gritantes da vida pessoal desmedida e da vida pública esvaziada, expresso nas coisas cotidianas. Na rua, mostra-se a diversidade de civilidade, polidez, urbanidade e cortesia dos estranhos que nela se encontram. A colisão cada vez maior de grupos sociais heterogêneos no ambiente coletivo potencializou a alteração do agir, fazendo do individualismo o novo estilo de vida em público. Para Richard Sennet, esse quadro foi a resposta para a vida fora da segurança da família e do pequeno círculo de convivência de outrora.¹

Até os anos 30, o espaço urbano central da sede de Cachoeira do Sul era preferencialmente elitista, o que não excluía a presença dos subalternos. Pelo contrário, os membros dos grupos sociais sabiam dos limites simbólicos que lhes eram impostos. O aumento populacional, visto no crescente fluxo de migrantes, desequilibraria esses limites.

No trânsito do espaço público, as praças cachoeirenses tornaram-se importante espaço da sociabilidade local por abrigar a mais diversas atividades, como os atos patrióticos durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1942, o *Jornal do Povo* incitou seus leitores a participar do protesto contra o afundamento de navios brasileiros por submarinos alemães. Na narrativa do jornal, vários oradores, “escolhidos entre os elementos de maiores destaque intelectual de Cachoeira”, iriam esclarecer o público através de palavras “vibrantes de fé em nossos destinos” e profligariam com “veemência e elevação de espírito, os atos desnacionalizados

¹ SENNET, Richard. *O declínio do homem público, as tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988

daqueles súditos no eixo que, residindo ao Brasil, se esquecem dos seus deveres de lealdade para com o nosso país e se entregam às atividades contrárias aos mais altos interesses nacionais”. Autoridades civis, militares, eclesiásticas, docentes e discentes, o “povo em geral”, de Cachoeira e dos distritos, todos foram convidados a prestigiar a manifestação cívica. Para o jornal, a atenção dispensada às palavras dos oradores seria “uma forma de cada cidadão cumprir com o seu inalienável dever de se por a par dos graves acontecimentos que estão se desenrolando em torno do nosso país”.² O uso destas expressões revelava o patriotismo nacionalista do momento.

Três anos depois, em junho de 1944, com o desembarque das tropas anglo-americanas na Normandia, costa litorânea da França ocupada pelos nazistas, foi a vez da praça Balthazar de Bem servir de palco para que a massa popular se reunisse para aplaudir os oradores do comício cívico. O comércio e as repartições encerraram o expediente às 15 horas. Alunos dos principais estabelecimentos de ensino da cidade compareceram ao evento. O juiz municipal, Constantino Rodrigues de Freitas, abriu a série de discursos no microfone da Voz do Povo, seguido do promotor público, José Oscar da Costa Cabral, e do então líder estudantil, Liberato Salzano Vieira da Cunha. Em seguida, o préstito puxado pela Banda Municipal, acompanhado de políticos, autoridades militares, alunos, desportistas e “grande massa popular”, atravessou a zona urbana central em direção oeste, até o Largo Colombo, retornando até a praça José Bonifácio, onde novos discursos foram proferidos por Floriano Neves da Fontoura, Aristides Moreira e Orlando Carlos. Para o JP, “todos os oradores, que foram vivamente aclamados, exaltaram o valor dos povos das Nações Unidas, em luta contra o inimigo comum da civilização”.³

As praças também serviam de palco para confrontos implícitos, muitas vezes obscurecidos pelo verniz civilizador presente nos discursos da imprensa. O Jornal do Povo contribuiu para a construção desta visão elitista, na medida em que destacava eventos tidos por “civilizados” e abria espaços para reclamações dos aspectos ditos “desagradáveis” das praças. No início dos anos 30, cobriu as comemorações do 107^o aniversário da colonização alemã no Estado. Na ocasião, o préstito saiu da Sociedade Concórdia, acompanhado por banda de música, para a praça José Bonifácio, onde populares e políticos aguardavam. Era comum registrar eventos deste tipo em instantâneos fotográficos e oradores proferirem loas em termos encomiásticos, elogiosos, aos homenageados.⁴

² JP, 12/3/1942 Grande manifestação cívica nesta cidade, p.2

³ JP, 8/6/1944 Grande regozijo popular em Cachoeira pela invasão da Europa, p.2.

⁴ JP, 26/7/1931 Noticiário. 107^a aniversário da colonização alemã no Rio Grande do Sul, p.3

Em várias outras ocasiões a elite procurava aproximar-se do natural, com visão romântica da beleza da natureza, na busca de sua essência intocada, um romantismo na contramão da modernidade – como definiram Michel Löwy e Robert Sayre – uma vez que reage contra o racionalismo moderno através do reencantamento do mundo.⁵

Freqüentemente, a imprensa noticiava *garden-party*, que ocorriam nas praças em benefício de obras de caridade, com teatro ao ar livre, tendas para venda de gelados, doces, frios, bebidas, rifas, banda musical e jazz, escolha da senhorinha mais bela e simpática, iluminação, ornamentação característica e várias surpresas patrocinadas por elementos de destaque da sociedade, cujos nomes eram publicados no jornal.⁶ Esses encontros eram reservados somente àqueles que pudessem pagar os convites. Em 1942, o Cock-Tail Clube realizou encontro nesses moldes na praça Borges de Medeiros. O traje feminino exigido para a ocasião foi a de chita, tecido de algodão estampado a cores, tendo sido premiada aquela que compareceu com o vestido mais original. A copa ficou a serviço de Valdemar Duarte, que serviu comes e bebes no recinto do jardim, e a orquestra do maestro Henrique Horn abrilhantou a reunião.⁷ Outro exemplo da tentativa de aproximação ao natural era o dia da flor, onde senhoras e senhoritas da “melhor sociedade” espalhavam-se por todos os recantos da cidade, vendendo flores, em benefício de obras assistenciais ou remodelação das igrejas.⁸

Nesta ótica romântica elitista, os jardins públicos constituíam-se em seu lócus principal. Eles deveriam dar a sensação de ordem e respeito, mesmo em meio ao urbano impactado pelo processo de desorganização já avançado nos anos 40. A coluna *Notas locais*, de 17 de janeiro de 1943, refletiu essa visão ao criticar o desleixo com que as flores e folhagens das praças estavam sendo tratados. O texto culpava implicitamente os subalternos, os novos freqüentadores que deveriam saber como se comportar sem precisar de avisos como “Não pisem na grama” ou “As flores também têm alma”. A solução sugerida foi de incutir neles “os preceitos elementares de conduta”.⁹ Dias antes, o mesmo espaço editorial foi utilizado para protestar contra menores que caçavam pardais na praça José Bonifácio, com bодоques ou mesmo pedradas. O jornal entendia que para a ordem reinar era necessário que

⁵ LÖWY, Michel. SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia – o romantismo na contramão da modernidade*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995. PHILIPPOV, Renata. *Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire: trajetórias e maturidade estética e poética*. Orientação Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto. São Paulo: USP/PPG Língua e Literatura Francesa, 2004 [disponível em http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-18072005-113116/publico/Tese_-_Renata_Philippov1.pdf – acessado em 8/3/2006], explora essa visão dos autores, explicando que haveria três formas principais de se buscar o reencantamento do mundo: o caminho da religião, a exaltação da noite e a recriação do mito.

⁶ JP, 14/12/1933 Pró-charistas, p.2

⁷ JP, 22/1/1942 Festas e Diversões. Garden Party na praça Borges de Medeiros, p.2

⁸ JP, 7/7/1929 Noticiário: o dia da flor, p.2

⁹ JP, 17/1/1943 Notas locais, p.4

manifestações de “vadiagem” e “mau gosto” como essas terminassem. Também chamou a atenção para a desarmonia provocada pelo alto-falante instalado na praça, que irradiava “som estridente e irritante como o afiar das unhas”, “roncos de fera mortalmente ferida”.¹⁰ As notas reforçam o aspecto natural que se queria imprimir ao espaço.

O muro que cercou a praça durante muitas décadas fazia parte desta busca da naturalidade pelo cuidado com a estética. Numa comunidade vinculada aos hábitos campeiros, onde era natural criar cavalos e vacas na periferia da zona urbana, os animais soltos constituíram-se num dos grandes problemas a ser enfrentado pela elite para continuar com seu espaço público sadio. No primeiro quartel do século XX, tais dificuldades eram tangenciadas devido ao baixo número de subalternos freqüentando os espaços tipicamente elitistas, como a zona central da cidade. Não chegava a ser calamidade pública, até porque cada um sabia seu lugar e, de certa maneira, o controle social ainda era grande. Os animais que vagavam soltos eram, em sua maioria, cavalos e vacas pertencentes a moradores da periferia, que os usavam para puxar carroças e para tirar leite. O máximo que estes animais faziam era estragar os jardins das residências do centro. As duas praças centrais tinham sido muradas por causa deles. Na maioria das vezes eles eram recolhidos e devolvidos aos que comprovassem ser proprietários.¹¹

Contudo, a intensificação da vinda de subalternos à cidade, a partir de 30, trouxe certa turbulência. O problema de animais vagando foi se agravando pouco-a-pouco, principalmente nas épocas primaveris, quando as flores desabrochavam e o aspecto elitista mostrava-se inconteste. Na visão romântica do editorial do JP de 1933, elas não podiam ser descuidadas, pois eram o “prazer” e a “alegria da vida”. Os animais, que tentavam “aspirar o aroma das flores” e quedavam-se “extasiados à sua vista”, regalando-se, “à farta e pacatamente, comendo com um grande apetite animalesco a folhagem e os mais tenros rebentos das roseiras, dos jasmineiros, das azaléas, etc.”, deveriam ser mantidos afastados.¹²

Em dezembro de 1933, atendendo ao abaixo-assinado dos moradores, o delegado de polícia, Cecílio Menezes, proibiu que proprietários deixassem soltos cavalos e vacas na Vila Soares, sendo aplicada multa aos infratores.¹³ No restante da zona urbana, a prefeitura limitava-se a repetir avisos solicitando aos proprietários dos animais que os mantivessem

¹⁰ JP, 3/1/1943 Notas locais, p.4

¹¹ JP, 17/10/1929 Animais soltos, p.3, 3/11/1929 Noticiário. Animais soltos,p.3, 12/12/1929 Animais soltos, p.3, 21/12/1930 Noticiário. Animal encontrado, p.3

¹² JP, 25/6/1933 As nossas praças públicas, p.1

¹³ JP, 24/12/1933 Noticiário. Animais soltos, p.5

presos. Por conta disso, os moradores reclamavam pelo jornal, que podia publicar pequenas notas na coluna *Noticiário*¹⁴ ou deixar o tema para o sarcasmo de articulistas anônimos:

As vacas e terneiros, que à noite, e, às vezes de dia, perambulam, livremente, como se fossem gente, pelas ruas do bairro aristocrata. Não resta dúvida. A queixa é justa e ela aí vai direitinha aos zelosos fiscais da municipalidade, que, por certo, delicadamente, conseguirão demover aqueles animais do abuso de andarem ‘enfeitando’ de esterco as delicadas lajes do Rio Branco.¹⁵

O aumento populacional urbano, intensificado no entre-guerras, também desencadeou aquele que se tornaria o maior dos problemas em termos de zoonose: os animais domésticos, principalmente os cachorros. A partir dos anos 30, a questão passou a ser tratada pela imprensa como caso de saúde pública. A razão fundamental para tanto empenho foi a proliferação sem precedentes de cães, ocorrida por conta da fixação de migrantes vindos do meio rural, que traziam consigo hábitos próprios, como ter a companhia de “guapecas”. O crescimento exagerado da prole dava-se porque antes os cães estavam separados uns dos outros por grandes extensões de terras, confinados nas propriedades rurais. A concentração populacional na zona urbana resultou na conseqüente concentração do número de animais num espaço limitado, facilitando assim o acasalamento canino. Além disso, na zona rural o cão tinha função de guarda. Na zona urbana, tornava-se muitas vezes inútil porque, numa comunidade ainda pequena, de certa forma segura, não se justificava o sustento diário do animal doméstico.

Neste contexto, de forma exagerada para chamar a atenção ao fato, Cachoeira foi considerada a “capital incontestada do mundo canino” já em 1929. A resposta foi a exigência de um posto anti-rábico, órgão responsável pela matança de cães sem dono, que andavam livremente pelas ruas da cidade. Com sua instalação, a imprensa passou a exigir ações sistemáticas: “Vagueiam eles às dezenas nas ruas da cidade. São de todos os pelos, raças e tamanhos, numa imensa variação que vai do familiar peludo ao vira-lata legítimo. É necessário a metódica matança desses animais causadores de tantos males, e por muitas causas que não só a transmissão do vírus rábico”. Falando indiretamente aos subalternos, considerados responsáveis pela proliferação canina, o *Jornal do Povo* alertava para a necessidade de açaimar e prender os cães, mantendo-os em “boa higiene” e “isolados da coletividade”, evitando assim maiores contágios. Os únicos que deveriam sobreviver eram os

¹⁴ JP, 17/5/1934 *Noticiário*. Animais soltos, p.3 e 3/3/1935 *Noticiário*. Animais soltos, p.3

¹⁵ JP, 30/5/1935 O “Ditador” em apuros. O.M, p.1

“animais verdadeiramente notáveis pelas suas qualidades e estimáveis pelo valor”, conforme definiu o próprio jornal.¹⁶

No início da década de 30 e nos anos posteriores, notícias davam conta da necessidade premente de eliminar-se os cães vadios. Para isso, a prefeitura usava bolas de veneno ou, quando circos instalavam-se na cidade, recolhia os cães para alimentar os leões. As despesas com tratamento dos que fossem mordidos por “cachorros loucos” também corriam por conta do poder público, que transferia os doentes para o Instituto Pasteur, na capital Porto Alegre. Em julho de 1935, foram registrados em torno de dez casos de pessoas mordidas por cães hidrófobos.¹⁷

Nos anos 40, o problema das matilhas de cães vagando soltos nas ruas ou mesmo dos cachorros presos nas residências desencadeou um segundo reclame: a perturbação do sossego público, principalmente durante as madrugadas. O articulista Braz Camilo ironizou a situação, afirmando que o cachorro do vizinho sabia a hora exata em que ele se recolhia, latindo, a partir daí, noite adentro.¹⁸ Matias Pascoal, em artigo escrito em 1943, chamou Cachoeira de “paraíso canino”, visto que nas “horas mortas da noite” ouvia “cães e cadelas, soltos, na rua, a ladrar”, atrapalhando o sono dos que trabalhavam o dia inteiro. Segundo ele, a rua Sete de Setembro havia transformado-se num verdadeiro “*far west*”, com cães latindo, correndo, uivando, mordendo, numa “algazarra infernal”.¹⁹ Além disso, muitas vezes a cachorrada invadia propriedades, danificando hortas e jardins em busca de comida.²⁰ Em editorial de 1945, o jornal reforçou a ironia da situação problemática. A expressão “vida de cachorro” teria perdido seu significado em Cachoeira do Sul, diante da quantidade de cães perambulando calmamente pelas ruas, praças e jardins da cidade, “deitando-se comodamente nos passeios públicos e aferrando-se valentemente as pernas de quem possa ousar perturbá-los o repouso”, ou ainda revirando e esparramando os lixos.²¹

Mesmo iniciativas de se acabar com os cães vadios, como a distribuição de “bolas” pela prefeitura, podiam gerar contendas. Uma porque a pessoa encarregada do serviço acabava jogando o veneno nos pátios das residências, matando animais presos. Outra porque muitos cães mortos putrificavam na própria via pública, durante dias.²²

¹⁶ JP, 27/10/1929 Medidas preventivas, p.1

¹⁷ JP, 7/12/1933 Noticiário. Cães hidrófobos, p.3, 26/5/1935 Ditador de Cachoeira. Foi um sonho, nada mais, p.1 e 18/7/1935 Noticiário. Mordidos por cães hidrófobos, p.3

¹⁸ JP, 14/4/1940 Braz Camilo, p.1

¹⁹ JP, 24/1/1943 Paraíso canino. Matias Pascoal, p.1

²⁰ JP, 26/2/1942 Noticiário. Cães vadios, p.3

²¹ JP, 23/1/1945 Estas e Outras, p.3

²² JP, 20/6/1943 Noticiário. Distribuição de “bolas” aos cães vadios, p.3

Essa simbiose entre urbano e rural, vista de forma peculiar na questão canina, teve outros reflexos. Por exemplo, a queima de casca de arroz pela antiga usina elétrica produzia fuligem que cobria habitações, jardins e pátios, “poeira negra que achando portas e janelas penetra nas casas estragando e empoeirando tudo”.²³ A barraca de couro próximo ao centro fazia exalar mau cheiro. Ou ainda padarias, que mantinham estrebarias em seus pátios, produziam cheiro insuportável das cavalariças e atraíam moscas e mosquitos, “cujo inevitável contato com as massas alimentícias poderá produzir casos graves de moléstias infecciosas”, conforme alertou o jornal.²⁴

6.2. *Trottoir do passante*

Na Cachoeira da primeira metade do século XX, a rua era espaço do ver e ser visto. Nela praticava-se o *footing*, encontravam-se os conhecidos, estabeleciam-se e fortificavam-se muitas das relações sociais. Também nela, revelava-se o caráter perverso da coletividade. O *Código de Posturas* de 1926 determinava algumas destas regras de civilidade, como a proibição de queimar fogos de buscapés, soltar bombas ou foguetes, dar salvas com “roqueiras” ou instrumentos similares e tiros com armas de fogo, atirar pedras com bodoques ou fundas, soltar pandorgas ou “cometas”, riscar as paredes das casas ou muros e cortar galhos das árvores plantadas nas ruas ou praças para seu “aformoseamento” (art. 158). Os contraventores estariam sujeitos a multa, apreensão dos objetos e até pena de “prisão correcional”. Em caso de menores de idade, os responsáveis responderiam pelos danos causados e pelas penalidades (art. 159).²⁵

Tais proibições não impediam reclamações contra “petizes” jogando futebol em plena rua, danificando as vidraças das casas e prejudicando o trânsito, nem soltando pandorgas que enrolavam-se nos fios e provocavam curtos-circuitos na rede de energia.²⁶ Fogos de artifício também freqüentavam a coluna dos reclames. Muitas vezes, o foguetório não tinha o intuito de festejar mas de provocar susto entre as famílias que passeavam.²⁷ Outra reclamação era no sentido dos caminhões, que traziam arroz para os engenhos, respeitarem o toque de silêncio, evitando descargas abertas e buzinações durante a madrugada.²⁸

²³ JP, 23/6/1930 Noticiário. Uma reclamação, p.3

²⁴ JP, 17/4/1932 Noticiário. Com a higiene, p.3, 13/12/1936 Uma reclamação justa, p.3

²⁵ A Lei n.302, de 2/1/1929, alterou alguns artigos do Código de Posturas Urbanas de Cachoeira do Sul, promulgado pela Lei n.222, de 19/9/1926

²⁶ JP, 15/11/1936 Os moradores da rua 15 reclamam, p.3, 22/10/1942 Noticiário. Reclamações, p.3

²⁷ JP, 3/11/1929 Reclamações, p.3 e 1/6/1944 Noticiário. Abuso com fogos de artifício, p.3

²⁸ JP, 3/4/1930 Justa reclamação, p.1

Nas calçadas, a questão da civilidade mostrava-se de forma derradeira. Numa cidade onde a maioria dos prédios foi construída sem recuo, a calçada tornou-se linha divisória entre espaço público e privado. Como exemplo, a falta de varanda frontal criou o hábito de colocar cadeiras nas calçadas das residências, principalmente em noites quentes. Outro era o de parar para conversar em pequenos grupos, trancando a passagem dos transeuntes. Alguns proprietários de estabelecimentos chegavam a colar cartazes pedindo que não se fizesse ponto de palestra em frente às vitrinas, para não atrapalhar as vendas.²⁹ O problema de espaço de passagem era agravado pela estreiteza na largura dos passeios públicos, construídos sem perspectiva futura de ampliação, visto que foram projetados para os poucos transeuntes do século XIX.

Nos anos 20-30, a movimentação de pessoas e veículos estava concentrada nas proximidades da praça José Bonifácio, no trecho envolvendo as ruas Andrade Neves e Sete de Setembro. O congestionamento dava-se pela quantidade de pessoas aglomeradas nos canteiros e calçadas da artéria principal. Os motoristas trafegavam em diminuta velocidade, não em respeito aos pedestres, mas para verem e serem vistos. A elite realizava o *footing*, passeio à pé para espalhar, principalmente nas noites de calor, quando as famílias sentavam-se nos bancos da avenida e as crianças brincavam na rua. Como as principais ruas do centro da cidade foram projetadas e abertas no tempo das carroças, em que era inimaginável intenso fluxo de veículos, ainda mais automóveis, as reclamações sobre possíveis desastres envolvendo carros e pedestres passaram a fazer parte do cotidiano cachoeirense na mesma medida em que aumentou o número de automóveis circulando.³⁰

O instantâneo do fim dos anos 20 mostra esse quadro de trânsito intenso de automóveis na rua principal, a Sete de Setembro. No horário das 12 h 23 min, em torno de dez veículos seguem no sentido bairro-centro. Vários pedestres aguardam oportunidade para atravessarem a rua. A inércia do guarda de trânsito é indicio da prevalência do automóvel sobre os passantes.

²⁹ JP, 14/4/1938 Calçadas e Cadeiras. Braz Camilo, p.2 e 14/4/1938 Luz! Mais luz! E.R., p.1

³⁰ JP, 15/8/1929 Sugerindo, p.1



Figura 108 – Trânsito intenso na rua Sete de Setembro, fim dos anos 20. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Em 1931, leitor do *Jornal do Povo* escreveu alertando para o fato de que o crescimento urbano implicava na necessidade de noções de tráfego para a população: “Não com todas as exigências do *circulez-monsieur*, de Paris – ressaltou ele –, mas sobre a maneira de se andar nas ruas, para evitar os acidentes de veículos”. Era comum crianças brincarem livremente nas ruas, pulando corda ou jogando peteca, “calma e descuidadamente como se estivessem em um pátio fechado e como se não houvesse na rua trânsito de veículos”.³¹ Havia também o basbaque, sujeito que ficava atônito, bestificado, postado na passagem dos transeuntes, contemplando algo que lhe parecesse grandioso, prejudicando o trânsito e sendo alvo da chacota alheia. Muitos dos que vinham de localidades menores eram tidos por basbaques que hipnotizavam-se pela agitação e ritmo frenético da urbe cachoeirense.³²

Em matéria de trânsito, a maior problemática de Cachoeira foi reflexo do embate urbano versus rural, envolvendo automóveis, carroças e caminhões. As vias públicas locais serviram de passagem de grande parte dos produtos agrícolas, dos hortifrutigranjeiros puxado a cavalo ao arroz transportado em caminhões. Em 23 de abril de 1934, o prefeito Aldomiro Franco publicou o Decreto n.49, proibindo trânsito de carretas nas principais ruas da cidade, alegando grandes despesas com serviço de calçamento e melhoramento das ruas devido aos

³¹ JP, 13/9/1931 Tráfego e descuido, p.1

³² JP, 7/4/1938 Luz e Basbaques. E.R., p.1

estragos provocados pelo excesso de peso. Os infratores ficaram sujeitos a multas de 20\$000 a 200\$000 réis, além da obrigação de reparar danos causados. Em sua administração, transferiu para o bairro Fialho (Santo Antônio) o bebedouro público utilizado pelos animais dos carroceiros.³³

Administrações anteriores já haviam promovido ordenações neste sentido. Através do decreto n.268, de 16 de janeiro de 1928, o intendente Carlos Leal Nogueira da Gama estabeleceu certas regras: veículos não poderiam parar a menos de cinco metros dos cruzamentos de ruas (art. 1º); não poderiam descer algumas das quadras das ruas 24 de maio e 7 de Setembro (art. 2º); não poderiam subir a rua Saldanha Marinho, no trecho entre a rua Venâncio Aires e o trilho da via férrea (art. 3º); não poderiam fazer a volta contornando o relógio público instalado defronte a Praça José Bonifácio (art. 4º).³⁴

Todavia, era forte o apego pelo veículo particular e revelava-se na percepção apurada de intelectuais, como o poeta Lisboa Estrazulas, que escreveu em homenagem ao automóvel, intitulada *Baratinha sem gosto*:

Pobre baratinha.
 Morreu a minha baratinha azul-marinho, aquela mesmo que passava pela casa de Você.
 Aquela mesmo que eu desejei um dia fosse estraçalhada pelo Chevrolet seis cilindros que Você guiava.
 Quanta saudade em meu coração.
 Quantas recordações!
 Rendo a ti, minha baratinha amiga, o meu preito de saudade, companheira fiel de dois anos de convívio diário.
 Não mais a tua chapa – 292 - trará na minha passagem palpites aos jogadores do “bicho”.
 Não mais o creoulinho da Casa J. Lima virá trazer-me o palpite do sonho promissor com a baratinha.
 Não mais a tua buzina alegre e estridente anunciará a Você a minha volta ao lar, depois das longas e fatigantes jornadas.
 Não mais me servirás de pouso na várzea do Botucaraí ou no tenebroso Santa Bárbara, nas noites gélidas de inverno.
 Adeus, minha habitação ambulante!
 Não me chamarão mais o “moço da baratinha”.
 Não te pedirão mais os amigos para os passeios aos domingos e para excursões ao Amorim.
 Não servirás mais de cama ao Azulil para a sesta, a hora do cafezinho no Comercial, depois do almoço.
 Não serás mais enfeitada pelo Ghignatti com cascas de laranja e latas de lixo.
 É triste, é doloroso, tudo isto.
 Mas, no teu suicídio, há uma coisa com que eu não pude ainda me conformar.
 Com o teu acentuado espírito de mulher.
 Há mulheres belas, cheias de mocidade, graça e encantos que, havendo no mundo tantos homens inteligentes, fortes, bonitos e sadios, se entregam, de alma, corpo e coração, a um homem horrível, doente, reumático, asmático, pobre, feio, esquelético e burro, por um fenômeno de atração irresistível e inexplicável.
 Tu foste assim, minha baratinha.

³³ JP, 13/10/1929 Obras municipais, p.2 e Decreto n.49, de 23 de abril de 1934, proibindo o trânsito de carretas na cidade. Fonte: JP, 26/4/1934, p.1

³⁴ Decreto nº 268, de 16 de janeiro de 1928, publicado no Jornal O Commercio, em 18 de janeiro de 1928, p.1.

Com tanto automóvel bonito e de luxo na praça e na cidade: o do Caburet, o do Kunert, o do Caloca Barros e outros, campeões de estética e beleza de linhas, procuraste morrer esfaçalhada por um miserável calhambeque. Depois não querem acreditar no destino.³⁵

Em que pese esta paixão ao veículo particular, a imprensa freqüentemente denunciava os pecados dos motoristas. Em 1929, a coluna dos reclames do Jornal do Povo considerou que o chofer do carro n.10, guiando na velocidade em torno de 10 km/h, queria “bater recordes de velocidade”, “desabalando” pelas ruas da cidade “em carreira vertiginosa”.³⁶ No ano seguinte, o noticiário destacava o fato de que o excesso de velocidade no centro da cidade provocava pequenos acidentes e solicitava providências da inspetoria de veículos.³⁷ O articulista Petrônio questionou o hábito de motoristas usarem a frente das residências como garagens de seus automóveis, mesmo nas ruas de maior movimento, como a Sete de Setembro: “à mingua de melhor garagens, os proprietários chegam a deixar todas as noites e mesmo durante o dia, até dois automóveis, defronte de suas casas”. Era a solução encontrada para residências construídas no tempo em que veículos particulares não faziam parte do cotidiano urbano. Mas o hábito, segundo ele, prejudicava aqueles que usavam o automóvel para vir ao centro da cidade e não encontravam vagas disponíveis para estacionar.³⁸ Em edital publicado em março de 1933, a prefeitura alertava para a exigência de somente adultos e portadores de caderneta conduzirem veículos.³⁹

Afora as exigências, as ruas continuaram revelando desfaçatez daqueles que postavam-se ao volante, sendo pistas de corridas para alguns motoristas. Por esta razão, os desastres continuaram acontecendo com freqüência. Muitos dos “cinesíforos” não respeitavam a pouca sinalização, não buzonavam nos cruzamentos e andavam na contra-mão com a descarga aberta.⁴⁰ Além disso, em 1937 a Diretoria do Tráfego, responsável local pelas orientações e fiscalização, proibiu os motoristas de andar com faróis dos carros acessos à noite nas ruas iluminadas. A intensidade produzida oferecia riscos ao tráfego, na medida em que podia ofuscar transeuntes e outros choferes.⁴¹

Não obstante as críticas do jornal, comparando a outros Estados, a situação gaúcha era privilegiada. Dados do IBGE dos anos 1937-38 mostram que o número de mortos e feridos em acidentes de trânsito no Rio Grande do Sul foi baixo. Em 1938, ocorreram em todo Brasil

³⁵ JP, 17/12/1931 Baratinha sem gosto. Lisboa Estrazulas, p.1

³⁶ JP, 1/8/1929 Quis bater o recorde, p.2

³⁷ JP, 27/11/1930 Noticiário. Velocidade excessiva, p.3

³⁸ JP, 24/1/1932 Pela Urbs. Garagens no meio da rua. Petrônio, p.1

³⁹ JP, 12/3/1933 Edital. Sub-prefeitura, p.2

⁴⁰ JP, 30/5/1935 O “Ditador” em apuros O. M, p.1 e 8/12/1940 Noticiário. Um esmoleiro foi de encontro a um automóvel, p.5

⁴¹ JP, 20/6/1937 Noticiário. É preciso apagar os faróis dos motociclistas, p.3

16.951 acidentes no trânsito, 73% envolvendo homens, num total de 1.083 mortes (6,38%). As capitais com maior número foram: Niterói/RJ (5.723), Rio de Janeiro/DF (3.658), São Luiz/MA (2.015), Belo Horizonte/MG (1.322), São Paulo/SP (913), Recife/PE (842), Curitiba/PR (560), Porto Alegre/RS (555) e Vitória/ES (551). O quadro muda significativamente quando considerados somente os acidentes envolvendo mortes: São Paulo/SP (416), Rio de Janeiro/DF (382), Salvador/BA (96), Niterói/RJ (44), Recife/PE (31), Aracaju/SE (17) e Porto Alegre/RS (15).⁴² Neste ano, os seguros de automóveis atingiram a cifra de 361.093\$000 réis, sendo pagos 4.497\$000 réis de sinistros, entre companhias nacionais e estrangeiras.⁴³

A falta de regramento sistemático e padronizado durou até entrar em vigor, em todo Brasil, o *Código Nacional de Trânsito*, em 30 de abril de 1941, criado através do Decreto-lei n.2.994, promulgado três meses antes. Seus 147 artigos versavam sobre questões como mão de direção, velocidade, sinais, equipamentos, estacionamento, licenças, matrículas, multas e apreensões. Entre as regulamentações, passou a ser obrigatório o motorista adotar a direita como mão da direção e ultrapassagem pela esquerda, dar preferência a cortejos, bombeiros, ambulâncias e polícia. A velocidade máxima permitida passou a ser, para caminhões, de 30 km/h na cidade e 50 km/h na zona rural; para ônibus, de 30 km/h na cidade, 50 km/h nas grandes avenidas e 60 km/h na zona rural; para carros de passeio, de 40 km/h na cidade, 60 km/h nas grandes avenidas e 80 km/h na zona rural. Ficava proibido fazer competições ou andar com velocidade muito reduzida para não atrapalhar o trânsito. Todos veículos deveriam ter equipamentos obrigatórios como sistema de freios independentes, espelho retrovisor, buzina, limpadores de pára-brisas, faróis dianteiros, sinaleiras traseiras e pára-choques. A carteira de habilitação passou a ser expedida somente para quem fosse maior de 18 anos, soubesse ler e apresentasse folha corrida limpa. As multas variavam de 10\$000 a 500\$000 réis e seriam cobradas em dobro no caso de reincidência. Em caso de embriaguez, imprudência ou acidentes de trânsito envolvendo mortos ou feridos, poderia ser apreendido tanto o veículo quanto a carteira do motorista.⁴⁴

A quantidade de veículos automotores cresceu extraordinariamente em todo Brasil, principalmente nas cidades mais desenvolvidas. A frota nacional de automóveis em 1927 era pouco menos de 90 mil, número que praticamente não se alterou até 1946. Somente o término da guerra na Europa propiciaria a aquisição de veículos particulares, fazendo com que o

⁴² Fonte: Anuário estatístico do Brasil 1938. Rio de Janeiro: IBGE, v. 4, 1939

⁴³ Fonte: Tabela extraída de: Anuário Estatístico do Brasil, 1939/40. Rio de Janeiro: IBGE, v. 5, 1941

⁴⁴ PORTELA, Vitorino. PORTELA, Manoel de Carvalho. *Cachoeira Histórica e Informativa*. op.cit., 1940, p.167

número pulasse para 500 mil automóveis em circulação no país em fins da década de 50.⁴⁵ Nas inspetoria de todo país, em 1937, trabalhavam 2.308 servidores, entre inspetores, comandantes, sub-inspetores, sub-comandantes, fiscais, chefes de turmas, guardas e pessoal administrativo, 1.723 deles (74,65%) lotados nos três principais Estados. São Paulo era o que tinha maior número, 798, sendo 707 somente de guardas, seguido pelo Rio de Janeiro/DF, 486 no total e 439 guardas, e Rio Grande do Sul, 228 total e 194 guardas.⁴⁶

Cachoeira do Sul seguiu a tendência brasileira. A Agência Ford, do concessionário Prudêncio Schirmer, estava instalada na cidade desde 1924.⁴⁷ O término da guerra marcou o início da fase de ouro nas vendas de automóveis, não só particulares. O poder público também passou a adquirir novos veículos. Em 1948, a prefeitura municipal abriu crédito para a aquisição de algumas unidades. Só a unidade local da Companhia Rio-grandense de Usinas Elétricas tinha seis veículos nesta época.⁴⁸ A firma Allaggio demonstrou essa pujança com o desfile de 36 veículos *Studebaker* em caravana, nas principais ruas da cidade, vindos diretamente de São Paulo.⁴⁹

Em julho de 1949, a Seção de Trânsito da Delegacia de Polícia local chamou os proprietários para emplacarem nada menos que 43 veículos. Eram eles: Alfredo Geraldo Penna, Antônio Marques Ribeiro, Ari Cechela, Ariosto Oscar Cunha, Armindo Goltz, Arnaldo Ricardo Schmidt, Arthur Guilherme Wrasse, Arthur Schmidt, Augusto Júlio Mernak, Balduino Wilhelm, Bertholdo Sauereressig, Carlos Fonseca Ghignatti, Carlos Müller Sobrinho, Cláudio Oscar Wild, David Unfer, Edwino Germano Rohde, Euclides Domingos Bacchin, Florêncio Lidio Corrêa, Gabriel Ferreira de Moraes, Herbert Port, Irmão Engel, João De Franceschi, José Félix Garcia, José Ferreira, José Joaquim de Carvalho, José Peixoto de Melo, Joubert Masseron Giacobbo, Júlio Nunes, Lourenço Edmundo Pohl, Luiz Maximiliano Cerentini, Luiz Vieira da Cunha, Miguel Carvalho Bernardes, Osmar Germano Gehrke, Reinaldo Feldmann, Reinaldo Roberto Dill, Reinaldo Roesch S/A (2), Roberto Mauss, Rubem Schlesner, Saboaria Progresso Ltda., Schu & Cia. Ltda., Sílvio Luchesi, Virgilino Jaime Zinn e Wili Goltz.⁵⁰

⁴⁵ Fonte: Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988. 2. ed. rev. e atual. do v. 3 de Séries estatísticas retrospectivas. Rio de Janeiro: IBGE, 1990

⁴⁶ Fonte: Serviço de Estatística Demográfica, Moral e Política. Anuário estatístico do Brasil 1939/1940. Rio de Janeiro: IBGE, v. 5, 1941

⁴⁷ JP, 31/3/1949 O Transcurso do 25º aniversário de fundação da “Agência Ford” desta cidade, p.1

⁴⁸ A Lei Municipal n.7, de 19/6/1948, abriu crédito especial para a aquisição de unidades automotoras. Fonte: JP, 20/6/1948, p.4. A Lei Municipal n.47, de 7/6/1949, concedeu isenção do imposto de licença dos seis veículos, pertencentes à Cia. Rio-grandense de Usinas Elétricas, nesta cidade. Fonte: JP, 7/6/1949, p.1

⁴⁹ JP, 16/6/1948 Frota Studebaker, p.1

⁵⁰ JP, 14/7/1949 Aviso aos srs. proprietários de autos particulares que se acham sem placas, p.3

No contexto da circulação, o crescimento urbano fez aumentar a exigência de melhorias no transporte público, para servir de elo de ligação entre as vilas e o centro da cidade. Em todo país, a frota de ônibus cresceria exponencialmente.⁵¹ Nos anos 30, circulavam em torno de 2 mil coletivos. No auge da guerra, esse número aumentou para 6.773. Após 1946 os números superaram 25 mil em pouco tempo.⁵²

Nas décadas seguintes ao aparecimento dos primeiros auto-bondes em Cachoeira, em 1919, o número de empresas explorando os serviços cresceu. Em meados de 1928, a firma J. Budiansky & Cia colocou dois auto-bondes no trajeto entre os extremos norte e sul de Cachoeira, entre os cemitérios Municipal e o da Irmandade, fazendo viagens regulares a cada dez minutos.⁵³ Dois anos depois, em 1930, José König passou a transportar passageiros por 0\$400 réis ida e volta, valor considerado “baratíssimo”, entre a praça Balthazar de Bem e a avenida Brasil. Na mesma época, Martim Comassetto fazia o mesmo trajeto com dois auto-bondes. Em 31, ele inaugurou uma linha saindo do Café Carioca, passando pelas ruas Sete de Setembro, Conde de Porto Alegre, indo até o Alto do Amorim, passando pelo Prado, até os trilhos do desvio da Charqueada, ao preço de 1\$000 réis para adultos e 0\$500 réis para crianças, diariamente às 14 h 30 min, 18 h e 19 h 30 min.⁵⁴

Em março de 1934, a prefeitura concedeu, por cinco anos, direitos exclusivos para Theodoro Costa explorar o serviço de transporte de passageiros em auto-ônibus de Cachoeira. O contrato obrigava-o a manter em atividade quatro veículos “em bom estado de conservação e limpeza, de modo a oferecer todo o conforto possível às pessoas que se utilizarem desses carros”. O contrato seria rescindido caso aparecesse outros interessados com número igual ou superior de carros, oferecendo melhores vantagens aos passageiros, “em preço, comodidade e regularidade do serviço”.⁵⁵

Durante a concessão da empresa Costa, seguidas reclamações do serviço chegavam na redação do Jornal do Povo, principalmente pela falta de horário, “coisa que nunca houve”, e ao tempo de espera pelo ônibus. Em 1943, agregaram-se reclamações sobre a má-vontade de choferes e condutores no atendimento aos passageiros. Se o usuário estivesse distante poucos

⁵¹ Ver PACHECO, Regina. *Mudança tecnológica, transformações urbanas e institucionais: do bonde ao ônibus*. In: FERNANDES, Ana. GOMES, Marco Aurélio de Figueiras (org.) *Seminário de História Urbana*. op.cit., 1992, p.205-213, que mostra a trajetória do transporte coletivo decorrente da intensa urbanização dos anos 30-40.

⁵² Fonte: Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988. 2. ed. rev. e atual. do v. 3 de Séries estatísticas retrospectivas. Rio de Janeiro: IBGE, 1990 e Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA), Assessoria de Planejamento Econômico e Estatístico. Tabela extraída de Anuário estatístico do Brasil 1990. Rio de Janeiro: IBGE, v.50, 1990

⁵³ Jornal O Commercio, 20/6/1928, p.1, 27/6/1928 e 25/7/1928, p.4

⁵⁴ Jornal O Commercio, 20/8/1930, p.1 e 21/8/1930, p.3 e JP, 26/11/1931, p.3 e 29/11/1931, p.3

⁵⁵ Livro de Contratos n° 1, 16v e 17r.

metros do local da parada, já era motivo para o ônibus “passar de largo”. Caso corresse para alcançá-lo, os motoristas aceleravam “propositadamente sua marcha”. Raramente buzinavam nas esquinas, atitude recomendada na época. A vontade de desembarcar não era tarefa fácil: “o passageiro aperta no botão, mas a campainha ou sinal luminoso não funciona. Por isso, terá que descer na outra esquina. E ainda está sujeito a apanhar do cobrador, se reclamar”. Como os sinais quase sempre não funcionavam, somente aos gritos é que se conseguia, algumas vezes, fazê-los parar. Os motoristas davam a impressão que haviam sido “escolhidos a dedo pela sua falta de educação e má vontade para com os passageiros”. Eles corriam, mas não para andar no horário, que variava conforme a vontade do “chauffeur”. O tempo de espera na parada passava de meia hora. Quando aparecia ônibus, vinha lotado. O proprietário da empresa, Teodoro Costa, detinha concessão em outra cidade. Em Cachoeira, cuidava “somente em receber os lucros, possivelmente gordos”. Enquanto isso, os ônibus estavam se delinqüindo, “caindo aos pedaços, verdadeiras carangueijolas que são ao mesmo tempo um atentado contra o bom gosto e um perigo constante para os passageiros”. A falta de combustível e o encarecimento do material de reposição, provocado pela guerra, ocasionou escassez de ônibus, falta de horário e desconforto, o que levou Theodoro Costa a repassar para Lourenço Anversa a concessão dos serviços de transporte público cachoeirense. A notícia de novo ônibus em 1945, confortável e luxuoso para 33 passageiros, foi recebida com júbilo.⁵⁶

Em julho de 1947, a prefeitura declarou de utilidade pública os serviços de transporte coletivo urbanos, abrindo nova concorrência no mês seguinte. Pelo edital, a concessionária deveria oferecer serviços que atendessem plenamente as necessidades da população, mantendo em tráfego o número de veículos que se fizessem necessários e “sempre dentro das mais estritas condições de segurança, conforto e asseio”. Na apreciação e julgamento das propostas seriam consideradas como relevantes as melhores condições oferecidas de comodidades, segurança, estética e asseio dos veículos, bem como o preço das passagens e eficiência dos serviços e, principalmente, o prazo de início com maior número de veículos. Em setembro, foram abertas as propostas de Arlindo Gentil Ravanello e de João Carlos Schmidt, da empresa Marabá, que acabou garantindo em dezembro a concessão por cinco anos.⁵⁷

⁵⁶ JP, 13/6/1943 Com a Empresa de ônibus, p.3, 23/12/1943 Com a empresa Costa, p.2, 30/3/1944, Com o serviço de ônibus, p.2, 5/7/1945 Diversas. Novo ônibus para a cidade, p.3 e 24/3/1946, Linha de ônibus para a “descida do Amorim”, p.3

⁵⁷ Fonte: Decreto-lei nº 62, de 11/7/1947. Ver JP, 13/7/1947, Transporte Coletivo, p.2, Edital de concorrência pública nº 5 para a concessão do serviço de transporte coletivo de passageiros em auto-ônibus, Termo de Abertura de propostas para concessão do Serviço de transporte coletivo de passageiros, em auto-ônibus, no perímetro urbano da cidade. Fonte: PM/D, 003, p.40, 12/09/1947, e Contrato de concessão para a exploração

Para o Jornal do Povo, a nova empresa não trouxe grandes melhorias. O diretor Manoel de Carvalho Portella chegou a escrever, em 1948, que era um crime manter em tráfego os “dois velhíssimos ônibus”, “verdadeira afronta à pessoa física do passageiro e um ornamento pouco agradável para andar aí pela rua perdendo os pedaços e na iminência de se desmanchar de uma hora para outra”.⁵⁸

O articulista Bitencourt da Silva denunciou a super-lotação que tornava a viagem de ônibus verdadeiro martírio. Parando em várias esquinas, chegava a levar quase 40 minutos da zona baixa até a zona alta. Outro aspecto que apontou foi a conservação dos veículos. Em pleno inverno, as janelas dos ônibus estavam sem vidro, os molamentos dos bancos apresentavam péssimo estado e os motores enguiçavam nos momentos mais precisos. Esse caos no serviço de ônibus não condizia com o aspecto progressista que se queria imprimir em Cachoeira.⁵⁹

Além do transporte coletivo interno, Cachoeira do Sul desde cedo tivera número razoável de linhas intermunicipais. No fim dos anos 30, 14 empresas exploravam as rotas a sul e norte da sede, todas elas com ônibus Chevrolet Gigante, de 85 HP, 23 assentos, na cor marrom claro. Para sul, transpondo o rio Jacuí, operavam as empresas Gonçalves (para a localidade de Mário Gonçalves), Cruzeiro (Encruzilhada), Cruzeiro do Sul (Santaninha), Brasil (Cerro do Irapuá), Corrêa (São Sepé), Farroupilha e Fronteira (ambas para Caçapava). A empresa Gonçalves, de Mário Gonçalves da Silva, saía todas quintas-feiras de Cachoeira, às 4 h 45 min. Seu itinerário era: Sanga das Pedras, Sebastião Peixoto, Mário L. de Oliveira, Antônio de Oliveira, Alcino Machado de Oliveira e Mário Gonçalves. A passagem mais cara custava 20\$000 réis. A Cruzeiro, de Octaviano Silveira, fazia a linha Encruzilhada, toda quarta-feira, às 7 h, voltando na segunda, às 6 h, pelo valor de 30\$000 réis. Passava por Capané, Sanga das Pedras, Dr. Oscar, Filho, Aurélio Borges, Piquiri-Naldo, Coxilha Grande, Passo da China e Pinheiro. A Cruzeiro do Sul, de Albrandino José de Moraes, ia até Santaninha todas quintas-feiras, às 7 h 30 min, pelo valor de 30\$000 réis. Voltava somente nas segundas às 6 h. Seu trajeto era: Passo da Seringa, Luiz Figueiró, Lélo Garcia, Taquara, Irapuazinho, Serrinha, João D. da Silva, Água Doce e Santaninha. A Brasil, de Crispim Brasil, saía aos sábados, 8 h, com volta às segundas, 8 h, fazendo o mesmo trajeto que a Cruzeiro do Sul, até Irapuazinho, de onde seguia para o Cerro do Irapuá, pelo valor de 25\$000

exclusiva do serviço de transporte coletivo de passageiros em auto-ônibus no perímetro urbano da cidade, que fazem a Prefeitura Municipal de Cachoeira do Sul e João Carlos Schmidt, de acordo com o Edital de concorrência pública n° 5, de 13/8/1947.

⁵⁸ JP, 4/7/1948 É um crime manter em tráfego o ônibus Manoel de Carvalho Portella, p.3

⁵⁹ JP, 22/6/1950 Deficiente o nosso serviço de ônibus. Bitencourt da Silva, p.2

réis. A empresa Corrêa, de Arthur Corrêa da Silva, ia até São Sepé, nas segundas e quintas-feiras, às 8 h, voltando nas terças e sextas-feiras, mesmo horário. Em seu trajeto: Ferreira, São Lourenço, Luiz Trindade, Santa Bárbara, Apulio-Osório, Vva. Cota, Luiz Curto e Augusto Móri. Valor, 35\$000 réis. A Farroupilha, de João A. Lima, saía diariamente de Cachoeira às 7 h 30 min, passava por São Lourenço, Sanga Funda, Sotero Almeida, Barro Vermelho, David Trindade, Palmas, Janguinho, Pedro Lima e Jorge E. Zemôr, chegando em Caçapava às 11 h 40 min. O valor máximo da passagem era de 35\$000 réis. A empresa Fronteira, de Júlio de Castilhos Gervásio, explorava a mesma rota, cobrando o mesmo valor, com saídas nas segundas e quintas, às 8 h, e retorno nas terças e sextas, mesmo horário.⁶⁰

Para norte, na região colonial, operavam as empresas Candelária (para a localidade de mesmo nome), Sobradinho (até a Colônia de Segredo), Serro Branco (Cerro Branco), Boêmia (Agudo e Boêmia), Sempre Avante (Rincão da Porta), Cortado e São João (ambas até Cortado). A empresa Candelária, de Filter, Irmãos & Cia., fazia a linha por 25\$000 réis, com saídas nas segundas e quartas, às 7 h, e retorno nos mesmos dias, às 15 h. Passava pela Ponte da Pedra, Várzea Botucaraí, Arthur Richter, Pinheiro e Granja Rhode. A empresa Sobradinho, de Kenner & Cia., transportava passageiros até Arroio do Tigre, passando por Passo do Moura, Ferraria Jardim, Armando Betat, Enforcados, Três Vendas, Guilherme Deicke, Serro Branco, Serraria Scheidt, Várzea Grande, Sobradinho, Arroio do Tigre, Vila São Paulo e chegando a Colônia Segredo, por 28\$000 réis, todas terças e sextas, às 9 h, voltando segundas e quintas, às 7 h. João Armindo Pohl, da Serro Branco, era outra empresa que desviava na localidade de Três Vendas, para seguir até Serro Branco, mas por Pedro Fontoura, Sanga Funda, Capão do Veado, Lely Lauro, Guilherme Deick, Manoel de Oliveira, Ramal de Candelária e Carlos Streick, pelo valor de 12\$000 réis. Ele vinha para Cachoeira diariamente às 7 h e retornava para Serro Branco às 15 h 30 min. A empresa Boêmia, de José Frantz, fazia trajeto parecido, só que em Três Vendas desviava para José Carlos, Barriga, Contenda, Rincão da Porta, Rincão do Pinhal, Pinhal, Serro Chato, Vila do Agudo, Porto do Agudo, Picada do Rio e Boêmia, pelo valor máximo de 20\$000 réis, todas terças e sábados, às 13 h 30 min, com retorno segundas e sextas, às 7 h. A Sempre Avante, de Max Francisco Guilherme Mucker, saía de Rincão da Porta até Cachoeira, terças, quartas e sextas, às 6 h, voltando no mesmo dia, às 16. Passava por Contenda, Mangueirinha, Barriga, José Carlos, Três Vendas, Enforcados, Armando Betat, Ferraria Jardim e Passou do Moura. A maior passagem custava 8\$000. As empresas Cortado, de João Gentil de Arrial, e São João, de João Miguel Sanmartim, saíam da

⁶⁰ PORTELA, Vitorino; PORTELA, Manoel de Carvalho. *Cachoeira Histórica e Informativa*, op.cit., 1940, p.168-181

localidade de Cortado, respectivamente, às segundas, às 6 h 30 min no verão e 8 h no inverno, e quartas, às 9 h, voltando nas terças, às 9 h no verão e 10 h no inverno, e quintas, às 9 h. O valor da passagem para ambas era 9\$000 réis. O itinerário era: Cortado, Jacob Lovato, Taboão, Miguel Fontoura, Armando Betat, Ferraria Jardim, Passou do Moura e Cachoeira.⁶¹ Por conta desta organização intermunicipal, para as demais localidades do Estado, como Porto Alegre, Santa Maria ou Rio Pardo, era necessário pegar o trem ou ir de avião.

Nas décadas subseqüentes, a evolução do transporte público automotor somado a melhoria das estradas de rodagem acabaram refletindo no modo de viajar. No pós-guerra, o impulso maior na região foi a construção da barragem-ponte do Fandango sobre o Jacuí e a melhoria gradual de várias estradas de rodagem, principalmente a BR-290 (Argentina-Uruguaiana-Porto Alegre). Por conta dessas melhorias, aumentou sobremaneira o número de linhas intermunicipais saindo ou passando por Cachoeira.

Foi nesse contexto de melhorias rodoviárias que o trem perdeu paulatinamente espaço e preferência do público. A tendência nacional em utilizar estradas de rodagem fez com que as vias férreas fossem sendo depreciadas gradativamente. As novas formas de locomoção modernas, como o próprio automóvel e o caminhão, confrontavam com o trem, considerado ultrapassado, vagaroso e antiquado. O próprio fluxo de trens agravou a situação. A oferta de horários não mudou após os anos 30. Em 1940, havia dois horários diários, tanto para Santa Maria, com o diurno alternando entre 9h 57min e 14h 30min e o noturno das 23h 22min, quanto para Porto Alegre, com o diurno às 13 h 17 min e o noturno às 2h 47min. Em 1963, os horários mudaram para 9h 10 min e 22h 30min, para Porto Alegre, e 13h 24min e 2h 30min, para Santa Maria. Em ambos, aos sábados não corria o noturno Porto Alegre-Santa Maria e aos domingos não corria o noturno Santa Maria-Porto Alegre.⁶²

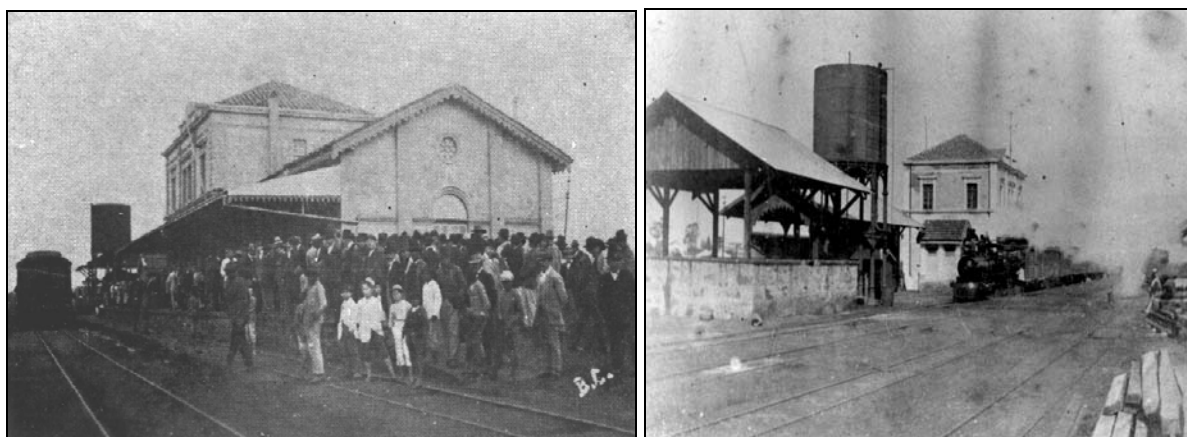
Para agravar, muitos cachoeirenses se incomodavam com a passagem da linha ferroviária dentro da zona urbana. Eram históricos os atropelamentos, em sua maioria, de degradados, como “o preto Adão Hipólito Ouriques, de sessenta anos presumíveis, de idade” que teve a perna fraturada em 1935, a “Petronilha Fé Silveira, de cor preta, de mais ou menos 55 anos de idade”, que teve o crânio fraturado em 1944, tendo sido encontrado junto ao local do incidente um frasco de cachaça, “presumindo-se que a embriagues foi a causa do desastre”,

⁶¹ PORTELA, Vitorino; PORTELA, Manoel de Carvalho. *Cachoeira Histórica e Informativa*, op.cit., 1940, p.168-181

⁶² PORTELA, Vitorino; PORTELA, Manoel de Carvalho. *Cachoeira Histórica e Informativa*, op.cit., 1940, p.154 e ABREU, José Pacheco de. *Guia Geral do Município de Cachoeira do Sul*. op.cit., 1963, p.16

e o “Ferro Velho”, ancião que endireitava barbatanas de guarda-chuvas, atropelado em 1947, entre outros tantos.⁶³

Aqueles com melhores condições econômicas incomodavam-se devido aos abalroamentos entre veículos que cruzavam as passagens de nível e a composição dos trens.⁶⁴ Em duas fotografia da época, os trilhos aparecem em destaque:



Figuras 109 e 110 – Estação ferroviária na zona central da cidade, anos 20-30. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Eram constantes as reclamações sobre o impedimento do trânsito pelos comboios ferroviários que cortavam a rua Júlio de Castilhos, às vezes trancando a passagem entre as zonas alta e baixa, por mais vários minutos. Para o diretor do JP, Manoel Carvalho Portella, era insustentável a atitude de certos maquinistas. “Os malvados gostam mesmo de ver a bicha formada e de escutar o buzinar de automóveis. Fazem de propósito e criminosamente, pois andam para lá e para cá com os trens e quando a cauda dos mesmos vai querendo desimpedir a passagem eles param ou dão marcha ré”.⁶⁵ A solução da contenda só foi resolvida no início dos anos 70, quando a linha ferroviária recebeu novo traçado, por fora dos limites da área urbana central, através da vila Oliveira, e foi construída nova estação.⁶⁶

⁶³ JP, 10/11/1938 Noticiário. O tráfego na rua Júlio de Castilhos, p.3, 8/6/1944 Noticiário. Morreu nas rodas de uma locomotiva, p.3, 6/10/1947 Pingos nos ii... Chinês. Ferro Velho, p.2, 5/5/1953 O ancião surdo foi jogado longe ao cruzar os trilhos, p.1, 20/12/1964 Ancião morto por trem na passagem dos trilhos à Rua Júlio de Castilhos. p.3 e 7/10/1965 Fatos & Comentários. Acidente. p.1

⁶⁴ JP, 23/4/1947 Cuidado com os trens, p.4 e 28/7/1957 Escutando & Comentando. Altamir Ceratti, p.8

⁶⁵ JP, 9/7/1950 Pingos nos ii... Chinês. Trem maluco, p.2. Ver ainda JP, 10/11/1938 Noticiário. O tráfego na rua Júlio de Castilhos, p.3 e 17/9/1961 Volta-se a tratar do problema de localização da Gare Ferroviária. p.1

⁶⁶ JP, 18/2/1971 Cachoeira terá a maior estação ferroviária do interior do RGS, p.1, 24/5/1973 Andreazza inaugura variante e nova estação de passageiros da RFFSA, p.1, 17/11/1974 Figueras conta o quente. Saul Torres, p.1 e 22/12/1974 Compra da área da RFFSA é nova vitória de Pedro Germano, p.1. A Lei Municipal n.1.652, de 19/2/1974, autorizou o Poder Executivo a adquirir por compra uma faixa de terras de propriedade da Rede Ferroviária Federal. S. A. A Lei Municipal n.1.675, de 7/2/1974, autorizou o Poder Executivo a adquirir uma área de terrenos da Rede Ferroviária Federal S/A, compreendendo o antigo recinto da Estação Ferroviária local, trecho entre a rua Júlio de Castilhos e a Rua Isidoro Neves da Fontoura, com todas as benfeitorias nela existentes inclusive prédios de alvenaria, muros, cercas, etc. Ver ainda MELLO, Luiz Fernando da Silva. *O espaço do imaginário e o imaginário do espaço: a ferrovia em Santa Maria, RS.*

6.3. Nas ondas dos céus

Em termos de circulação, outra prova de status econômico de Cachoeira do Sul foi a ponte aérea Cachoeira do Sul-Porto Alegre. A primeira empresa que cogitou operar na linha foi a Viação Aérea Rio-grandense (Varig), em 1931, com vôos ligando as cidades de Porto Alegre, Santa Maria e Santa Cruz do Sul. Estava incluída nesta linha Cachoeira do Sul, mas a prefeitura não respondeu ao ofício da empresa, solicitando informações para a escolha do campo de pouso, ficando assim excluída do serviço.⁶⁷ Foi somente em outubro de 1938 que o Estado, por intermédio da prefeitura, adquiriu área no Passo da Areia, pertencente a Inácio Felix de Loreto, para construção da pista de decolagem e aterrissagem.⁶⁸

O término da guerra trouxe a expansão do transporte aéreo em todo mundo. Muitos dos aviões usados no conflito bélico foram adaptados para vôos domésticos. Em janeiro de 1945, a Varig instalou uma agência na cidade, fazendo vôos regulares entre Porto Alegre, São Gabriel, Alegrete e Uruguaiana. Cachoeira era ponto de parada facultativo, nas terças e sextas-feiras. A escala oficial ocorreu no ano seguinte, com aviões modelo Eléctra, de nove passageiros. O Jornal do Povo escreveu matéria elogiando a iniciativa: “Esses modernos e seguros aparelhos, estão equipados do mais completo aparelhamento, que facilitará suas viagens, mesmo em dias de chuva ou de pouca visibilidade, com a maior segurança e conforto”.⁶⁹

Em 1947, a S.A. Viação Aérea Gaúcha (Savag) aterrissou o Lodestar que faria a linha Porto Alegre, Cachoeira, Passo Fundo, Santa Maria, Santo Ângelo, Bagé e Pelotas. Neste ano, a Varig voava às terças e quintas. Anos depois, entraram em operação os aviões Douglas C-47 de 28 passageiros. No auge da aviação doméstica, as duas empresas chegaram a oferecer vôos com escala na cidade de forma concomitante, às segundas, quartas e sextas-feiras. No aeroporto local passavam em média 700 passageiros semanalmente.⁷⁰ Entretanto, o estado de abandono do aeroporto, com pista de pouso precária e táxis atolando na estrada de acesso em dias chuvosos, e a melhoria do transporte rodoviário fizeram com que os vôos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PROPUR: Dissertação de Mestrado [orientadora Sandra Jatayh Pesavento], 2002, onde analisa a formação da cultura do espaço social santa-mariense como centro ferroviário, correlacionando políticas de transporte ferroviário, produção do espaço social e imaginário social.

⁶⁷ JP, 8/3/1931 Noticiário. Viação aérea, p.3,

⁶⁸ JP, 9/10/1938 Aero clube Cachoeirense, p.5

⁶⁹ JP 16/1/1945 Viajaremos de Cachoeira do Sul a Porto Alegre pelos ares, p.4 e 31/7/1946 Os aviões da Varig passarão, em breve, a escalar oficialmente nesta cidade, p.1

⁷⁰ JP, 13/1/1947 A visita do primeiro avião da S.A. Viação Aérea Gaúcha a Cachoeira do Sul, p.4, 22/1/1947 Varig anuncia. Horário de verão, p.3, 26/1/1950 A Varig amplia o tráfego aéreo entre Cachoeira e Porto Alegre, p.1, 2/7/1950 Anúncio Varig, p.19, 25/9/1951 S.A.V.A.G. Sociedade Anônima Viação Aérea Gaúcha, p.1, 25/11/1951 Péssimo Cartão de Apresentação da Cidade o Aeroporto Local, p.1 e 20/3/1952 Avião toda semana, menos às terças-feiras, p.1

desaparecessem em pouco tempo. Em que pese o fato do poder público municipal ter concedido incentivos e ampliado a pista de pouso, a construção de estradas ligando as cidades do interior à Porto Alegre tornou a rota área cachoeirense anti-econômica.⁷¹ A fotografia da época mostra o movimento de passageiros e a precariedade da pista de pouso.



Figura 111 – Aviões no aeroporto, anos 40-50. Fonte: Museu Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Outros aviões que circulavam nos céus cachoeirenses foram os particulares, normalmente monomotores de pequeno porte utilizados na agricultura. Em junho de 1940, foi cogitado fundar o aeroclube local, a exemplo do que vinha ocorrendo em todo Brasil. Em abril de 1941, foi realizada a primeira assembléia “composta dos elementos representativos da sociedade local”, para deliberar sobre o assunto. Assinaram a ata como sócios remidos o prefeito Ciro da Cunha Carlos, João G. Santos, T. C. Burmeister, Reinaldo Roesch, Ivo Becker & Cia., Edwino Schneider, Orlando da Cunha Carlos, Nicolau Salzano e Aquiles L. Figueiredo. A diretoria ficou assim constituída: presidente, João G. Santos, vice-presidente, T. C. Burmeister, primeiro-secretário, Floriano Neves da Fontoura, segundo-secretário, Diamantino Carvalho da Fontoura; primeiro-tesoureiro, Arthur Rodolfo Rossarola e segundo-tesoureiro, Mário Pardo Cabeda. Menos de dois anos depois de fundado, foram iniciados os trabalhos de construção dos hangares, concluídos em julho de 43, data em que começou o

⁷¹ JP, 27/10/1953 Reparação da estrada do aeroporto local, p.1 e 2/7/1955 Bom dia, leitor!, p.1. A Lei Municipal n.551, de 1/8/1956, concedeu isenção de impostos à Sociedade Anônima Empresa de Viação Riograndense (VARIG). Fonte: JP, 7/8/1956, p. 4. As lei municipais n.535, de 17/4/1956, n.553, de 12/10/1956, e n.563, de 28/11/1956, autorizaram aquisições e permutas de imóveis do município para ampliação da pista de pouso do aeroporto local. Fonte: JP, 13/10/1956, p.4 e JP. 30/11/1956. p.4. Por elas, o prefeito Arnoldo Paulo Fürstenau ficou autorizado a despendar a quantia de Cr\$ 200.000,00. De acordo com cálculo estatístico da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul [www.fee.tche.br - acessado em 6/1/2006], esse valor corresponderia atualmente a R\$ 56.329,80

curso de pilotagem. O custo da obra foi de Cr\$ 50.132,60. Em 1945, os aviões cachoeirenses chegavam a voar, em média, 7 hora por dia.⁷²

Em maio de 1948, um tufão destruiu o hangar do aeroclube, inutilizando completamente seis aeronaves. No mês seguinte, o festival montado no cinema Coliseu angariou fundos para a reconstrução. Como o prefeito municipal e diretor do Jornal do Povo na época, Liberato Salzano Viera da Cunha, era aficionado pela aviação, lia-se na reportagem do jornal que a iniciativa do aeroclube local merecia toda colaboração da população cachoeirense, “pois visa unicamente o reerguimento material de sua escola de aviação civil, escola essa que tem dado moços capacitados a pilotar as aeronaves brasileiras para desenvolver o nosso comércio, promover um maior intercâmbio de fraternidade nos estados e países vizinhos, preparando-se ao mesmo tempo para defender a pátria em qualquer emergência”.⁷³ O auxílio também chegou de fora. A Diretoria de Aeronáutica Civil doou dois aviões Paulistinha.⁷⁴

Aproveitando a re-inauguração dos hangares, o JP promoveu enquete para a escolha dos nomes de batismo das duas novas aeronaves, não sem antes sugerir General Gomes Portinho, herói cachoeirense, e 24 de Abril, data significativa para o aeroclube. Lançou também edição especial, com várias páginas ilustradas. A inauguração dos novos hangares, em 24 de abril de 1949, foi festiva, com “cuidadoso e magnífico programa de festas” que durou três dias. Teve chegada do Cônsul Geral do Uruguai e Delegado Geral da Aeronáutica Civil do Uruguai no Estado, Miguel Veieyte; recepção a aviadores uruguaios e mineiros; missa campal com bênção nos dois aviões novos; baile no Clube Comercial; vôos acrobáticos e de turismo. As aeronaves foram batizadas de Princesa do Jacuí e Gal. José Gomes Portinho.⁷⁵

Poucos meses depois, foi empossada a nova diretoria, composta em sua maioria por membros reeleitos: Teobaldo Burmeister (presidente), Nilson Figueiredo (primeiro vice), Assis Severo (segundo vice), Edyr Lima (secretário), Italo Patta (secretário executivo), Osmar Tesch (tesoureiro). No Conselho Fiscal ficaram Índio de Bem, Antônio de Santis Fontoura e

⁷² JP, 13/6/1940 Cogita-se a fundação do Aeroclube desta cidade, p.1, 24/4/1941 Fundado o Aeroclube Cachoeirense, p.1, 17/1/1943 Aeroclube de Cachoeira, p.3, 25/4/1943 Empossada a nova diretoria do Aeroclube local, p.2 e 14/1/1945 Aero-club de Cachoeira do Sul legítimo motivo de orgulho cívico para a cidade, p.6

⁷³ JP, 16/5/1948 Manchete: Destruído por um violento tufão o Hangar, p.2, 16/5/1948 Pingos nos ii Chinês. Ecos da destruição dos aparelhos do Aero, p.2 e 2/6/1948 Realiza-se hoje à noite, no Cine-teatro Coliseu, o festival Pró-Aero Clube, p.1

⁷⁴ JP, 20/2/1949 Mais uma Unidade para o Aeroclube de Cachoeira, p.1

⁷⁵ JP, 10/4/1949 A Inauguração do novo hangar do Aeroclube de Cachoeira do Sul, p.1 e 3/5/1949 Inauguração do Novo hangar do Aeroclube, p.1

Carlos Kerber. No Conselho Técnico: Saul Freitas Felix, Luiz Costa Sobrinho e Augusto Francisco König. Na diretoria social: Mario Schirmer. As autoridades também foram lembradas: Tet. Brigadeiro Armando Trompowski de Almeida (Ministro de Aeronáutica), Walter Jobim (Governador do Estado), César Grillo (Diretor Geral da DAC), Eugenio Seiffert (Chefe da Divisão Aero Desportiva da DAC), Roberto Pimentel (Chefe da Divisão de Operações da DAC), Joaquim Pedro Salgado Filho (Presidente da Companhia Nacional de Aviação) e o próprio Liberato Salzano Vieira da Cunha (prefeito municipal).⁷⁶

Na listagem dos aspectos de comunicação cachoeirense após os anos 30, a instalação de duas estações de rádio representou importante conquista. Embora tratando-se de área da comunicação, as rádios possibilitariam ampliar a circulação das idéias e entender a cidade em relação aos processos de comunicação subjacentes e sua vinculação à trama urbana.⁷⁷

Em 1930, eram poucas as estações no Brasil inteiro. Os Estados que mais tinham era São Paulo, com 10 na capital e 14 no interior, e o Distrito Federal, no Rio de Janeiro, com 12. O Rio Grande do Sul tinha duas: a Gaúcha (PRC-2) de Porto Alegre e a Difusora Rádio Cultura (PRH-4) de Pelotas.⁷⁸ Com a instauração do governo Vargas, o número de estações de rádio subiu vertiginosamente. Em 1937, já somavam 59, sendo 55 particulares, 13 no Distrito Federal, 25 nas capitais e 21 no interior. No Rio Grande do Sul, em 1935, foram colocadas no ar as rádios Farroupilha (PRH-2) e a Difusora Porto-alegrense (PRF-9), ambas na capital. O total transmitido naquele ano foi de 44.479 horas, 20.103 de transmissões de discos, 11.432 de música, 6.248 de propaganda comercial, 1.427 de notícias jornalísticas, além de outros como cursos, representações, humor, conferências, palestras, solenidades, transmissões para crianças e assuntos médico-sanitários.⁷⁹

As estações possíveis de sintonizar em Cachoeira do Sul eram a Farroupilha e a Difusora. Em 1937, chegou a ser improvisada uma estação transmissora apelidada de Rádio Club Cachoeirense. Além disso, a Casa Elétrica montou na praça José Bonifácio possantes alto-falantes, iniciativa chamada de “a voz do poste”. No ano seguinte, foi tentada a compra da sub-estação da Difusora Porto-alegrense por um grupo de cachoeirenses, batizada antecipadamente de Princesa do Jacuí.⁸⁰ Apesar da vontade, a região ganharia sua estação local somente na segunda metade da década de 40, período de grande crescimento do número

⁷⁶ JP, 26/6/1949 Empossada a Nova Diretoria do Aero clube de Cachoeira do Sul, p.6

⁷⁷ Ver CANCLINI, Néstor García. *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação*. In: Revista Opinião Pública, v.8 n.1 Campinas, maio, 2002 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762002000100003&lng=pt&nrm=iso – acessado em 12/10/2005]

⁷⁸ Fonte: Anuário estatístico do Brasil 1936. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, 1936.

⁷⁹ Fonte: Anuário estatístico do Brasil 1937. Rio de Janeiro: IBGE, v. 3, 1937 e Anuário estatístico do Brasil, 1938. Rio de Janeiro: IBGE, v. 4, 1939.

⁸⁰ JP, 7/7/1935 Pelo rádio. F, p.3 e 20/9/1936 Noticiário, p.3

de rádios no país, passando de 60 para 223. Adotando o nome da própria cidade, a rádio Cachoeira do Sul (ZYF-4) foi inaugurada em setembro de 1946. Segundo o *Jornal do Povo*, a nova transmissora lançaria aos céus “a incoercível atividade, o idealismo pujante e a fé inabalável do povo cachoeirense”, seria a “voz maior e mais alta, a sintetizar as vozes todas do homem e da vida cachoeirense”.⁸¹ A estação funcionava 15 horas diárias na época, desde as 8 h da manhã, algo notável para um avanço que motivara “pilhérias” e “gargalhadas” na cidade, tal a descrença que fosse possível seu sustento.⁸² A partir daí, cresceria mais ainda o número de estações em todo país, principalmente nas cidades do interior.⁸³

Todas essas relações demonstram o quanto o cotidiano cachoeirense era atravessado por fluxos e refluxos muitas vezes contraditórios entre si. Para uma sociedade até então habituada aos lugares privilegiados na sociedade, a vinda dos subalternos produzia seus reflexos. O espaço urbano, outrora espaço preferencialmente elitista, acabaria tendo de abrigar outros frequentadores que não os já estabelecidos. Os *outsiders* chegavam e traziam consigo novos hábitos e valores que acabavam por reconfigurar muito das relações sociais.

Essas práticas cotidianas excludentes revelavam-se de maneira atroz, desumana e impiedosa quando as hostilidades afetavam o dia-a-dia da elite cachoeirense: nos espectros do jogo em antros como carteados e salão de sinuca, da prostituição, da delinquência, do vandalismo e gangues, dos conflitos, da criminalidade, da falta policiamento da cidade, dos furtos, invasão de propriedades e depredações materiais, dos gatunos e amigos do alheio, das ocorrências como duelos ou ingresso de indesejáveis, da fuga de presos, da miséria, dos desordeiros e vagabundos, da vadiagem e mendicância, de menores sem ocupação que perambulavam pelas ruas da cidade, de crianças enjeitadas, de esmoleiros e mendigos, das drogas lícitas e ilícitas, do abuso do álcool ou do espancamento de mulheres.

⁸¹ JP, 22/4/1945 Cachoeira possuirá uma estação de rádio, p.1, 16/7/1946 A 7 de Setembro será inaugurada a Rádio Cachoeira do Sul, p.2 e 28/9/1948 A Z.Y.F.4 pertence à história da cidade, à sua vida e ao seu coração, p.2

⁸² JP, 18/3/1952 ZYF-4 em Abril. Uma série sensacional de programas, p.4 e 28/9/1950 Uma grande data cachoeirense. Bitencourt da Silva, p.2

⁸³ Fonte: Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil 1954. Rio de Janeiro: IBGE, v.15, 1954. Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil 1958. Rio de Janeiro: IBGE, v. 19, 1959

7. A classe perigosa deve ser contida

7.1. Influência nefasta dos *outsiders*

O confronto entre estabelecidos e *outsiders* ficou evidente no interstício entre o *crash* norte-americano de 1929 e o término da Segunda Guerra Mundial em 1945. A mudança do perfil demográfico provocada pelo êxodo rural afetaria mortalmente o pequeno círculo social cachoeirense, até então sinônimo de segurança pessoal e coletiva. O mar de rosas da elite desmanchou-se frente às conturbações subalternas, provocadas pelos personagens ou acontecimentos obscuros que feriam o verniz civilizador tão desejado pelos moradores do centro urbano

Na visão das elites citadinas, os deserdados do sistema e os problemas que traziam tinham de ser afastados, mantidos fora do cotidiano da sociedade. Eles representavam a outra face da moeda que desejava-se encobrir. Eram a faceta da insegurança, do crime, da barbárie, da perdição ameaçadora. Como visto por Sandra Pesavento, era a cidade dos que se encontravam na contramão da ordem, dos excluídos e marginalizados, dos pobres, dos bêbados e das prostitutas, dos vadios e vagabundos, personagens comuns, do dia-a-dia, que não tinham rosto nem voz, que só apareciam nos registros policiais ou nos noticiários depreciativos dos periódicos, quando quebravam a rotina da vida urbana da elite.¹

Essa inquietação com relação à pobreza urbana foi a substituta natural do medo que as elites tinham diante dos escravos até o século XIX. Maria Patto ressalta para o fato de que esta disseminação da representação social negativa, de cunho racista, colocando os integrantes

¹ Ver PESAVENTO, Sandra Jatáhy. *Lugares malditos: a cidade do "outro" no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX)*. In: Revista Brasileira de História. vol.19 n.37 São Paulo Set/1999 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 12/10/2005]

das classes subalternas em situação de inferioridade, fez parte da ideologia nascida no primeiro período republicano brasileiro. O crescente número de órgãos públicos de controle sanitário conferiu maior autoridade à medicina, passando a desempenhar fundamental papel na disciplinarização da vida urbana. Embora menos sutil do que as questões sanitárias disciplinadora dos médicos, onde as obras de infra-estrutura serviram para manter longe possíveis epidemias oriundos da crescente urbanização, o uso da força e da violência policial serviu igualmente para conter o crescente “caos urbano”.²

Como na medicina sanitaria, a higienização social do crime encontrou guarida no cientificismo, atitude segundo a qual a ciência daria a conhecer as coisas como são, resolveria todos os reais problemas da humanidade e seria suficiente para satisfazer todas as necessidades legítimas da inteligência humana, onde os métodos científicos deveriam ser estendidos, sem exceção, a todos os domínios da vida humana. Olívia Cunha ressalta para os termos utilizados na época para definir e justificar as necessidades de repressão da criminalidade: higiene ou profilaxia social, purificação das coletividades e da nação, “livrando-as do vírus nefasto de agentes de toda a espécie, que pretendem a subversão da ordem pública”.³ Tais conceitos raciais foram transpostos para a questão social de maneira ímpar.

O último quartel do século XIX e as primeiras décadas do XX foram fartas nesse sentido, permitindo o surgimento de modelos explicativos para justificar “cientificamente” práticas discriminatórias e racistas, como o da “eugenia” que visava o “melhoramento da raça humana” através da seleção hereditária,⁴ ou a da “criminologia”, que objetivava mostrar que os delinquentes tinham disposições inatas para o crime.⁵ A teoria do “criminoso nato” ou da “patologia criminal” foi criticada desde cedo. No Brasil, a recepção das teorias criminológicas européias seria eclética e conciliadora. Segundo Marcos Alvarez, censurando exageros de ambas as partes, o crime e o criminoso eram pensados como problemas complexos demais

² PATTO, Maria Helena Souza. *Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres*. In: Estudos Avançados. vol.13. n.35. São Paulo. Jan/abril, 1999. [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141999000100017 – acessado em 31/3/2006]

³ CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Os domínios da experiência, da ciência e da lei: os manuais da Polícia Civil do Distrito Federal, 1930-1942*. In: *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 12, n. 22, 1998* [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/248.pdf> – acessado em 1/4/2006]

⁴ Para MACIEL, Maria Eunice de S. *A eugenia no Brasil*. In: Revista Anos 90, Porto Alegre/RS: PPG/História da UFRGS, n.11, jul/1999, p.121-143, a proposta da eugenia ganhou vulto no Brasil porque seus pressupostos forneceram explicação para a situação de “atraso” e indicaram o caminho para a superação, através da “melhoria da raça”.

⁵ Ver ADORNO, Sérgio. *Racismo, criminalidade violenta e justiça penal: réus brancos e negros em perspectiva comparativa*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 18, 1996 [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/196.pdf> – acessado em 31/3/2006]

para serem observados de um ponto de vista único. Deveriam ser estudados tanto os aspectos biológicos quanto o meio social.⁶

No Rio Grande do Sul, essa abertura conceitual foi ainda mais forte, dado o ideário positivista assumido pela administração republicana gaúcha, que se perpetuou no poder até a década de 1930. Como nas questões sanitárias – não tão fundamentadas na medicina, dando margem à conflitos entre princípios e práticas a serem adotadas pelo governo gaúcho – na higienização social do crime o debate apresentou variações.⁷ O médico-legista Sebastião Leão, por exemplo, apresentou amplo relatório sobre o sistema carcerário gaúcho em 1897, procurando dar mostras da diversidade nas personalidades dos encarcerados e dos motivos que levaram a praticar os crimes. Sua conclusão foi que “não é o atavismo, mas o meio social que faz o criminoso”.⁸

Na diluição das variações conceituais, o objetivo por trás tanto da teoria do “criminoso nato” quanto do “meio social” era controlar socialmente o crime e o criminoso. Como ressalta Marcos Alvarez, para quem a criminologia no Brasil foi tentativa de estabelecer determinada política “científica” de combate à criminalidade e representou a possibilidade de compreender as transformações pelas quais passava a sociedade, de implementar estratégias específicas de controle social necessários à contenção da criminalidade local e de estabelecer formas diferenciadas de tratamento jurídico-penal para determinados segmentos da população.⁹

Esse debate marcou a intelectualidade até meados dos anos 30, quando iniciou o processo de institucionalização dos problemas sociais em todo país. Desde o fim da década de 20, estudos norte-americanos apontavam para o preconceito social e cultural que comprometia a neutralidade dos julgamentos e a universalidade na aplicação das leis penais. Todavia, Sérgio Adorno alerta para o fato de que o peso dessas teorias na cultura política brasileira pode ser avaliado pela sobrevivência, tanto no senso comum como na mentalidade dos governantes e autoridades encarregadas de formular e implementar políticas públicas penais, de alguns de seus pressupostos, sobretudo aqueles que sustentavam maior “potencial criminógeno” entre negros do que entre brancos, ou entre os subalternos e a elite.¹⁰

⁶ ALVAREZ, Marcos César. *A criminologia no Brasil ou como tratar desigualmente os desiguais*. In: Dados v.45 n.4 Rio de Janeiro 2002 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582002000400005&lng=pt&nrm=isso – acessado em 1/4/2006]

⁷ WEBER, Beatriz Teixeira. *Positivismo e ciência médica no Rio Grande do Sul: a Faculdade de Medicina de Porto Alegre*. op.cit. 1999

⁸ LEÃO, Sebastião. *Relatório do dr. Sebastião Leão, Médico Legista*. 1897

⁹ ALVAREZ, Marcos César. *A criminologia no Brasil ou como tratar desigualmente os desiguais*. op.cit., 2002

¹⁰ ADORNO, Sérgio. *Racismo, criminalidade violenta e justiça penal: réus brancos e negros em perspectiva comparativa*. op.cit., 1996 cita Sellin (1928)

Neste contexto, a atitude social discriminatória, fruto das teorias criminalísticas e eugenistas, perpetuou-se na prática cotidiana cachoeirense durante os anos 30-40, principalmente porque ambas redundavam na continuidade da exclusão dos subalternos através das suas re-significações.

Através da imprensa, a influência nefasta dos subalternos sentia-se desde a sutileza dos pequenos atos considerados incivilizados até crimes hediondos. Sutil como nos reclames contra o comportamento de “certos cidadãos” que punham os pés enlameados nos bancos da praça José Bonifácio: “Ora, é claro que se após vier alguém ocupar o banco, encontrá-lo-á cheio de terra, e se esse alguém andar vestido de branco, já se sabe de que modo ele se levantará dali”.¹¹ Os “certos cidadãos” a que se refere a nota eram moradores dos subúrbios, que andavam normalmente com os sapatos sujos por falta de calçamento, e contrapunham-se ao branco dos vestidos das mulheres da elite. Bárbaros como o infanticídio praticado pela “mulher desnaturada” que após dar a luz a criança, “fruto de uma união pecaminosa”, degolou-a com faca.¹²

No decurso das décadas de 1930-40, comumente as notícias e artigos opinativos publicadas nos jornais desvalorizavam os de “baixo”. Duas reclamações contra tiros de revólver disparados à noite, publicadas no decurso de dez anos (1929 e 1938), utilizaram adjetivos semelhantes para culpar os autores anônimos, deixando transparecer a crença de que a falta de serviço e a mendicância eram sinônimos de vagabundagem e preguiça. Tratavam-se de indivíduos “desocupados” e “desordeiros” que viviam de “esbórnias”.¹³ Outras duas notícias, publicadas em 1929 e 1931, utilizam vocabulário em tom moralista para denunciar o furto de flores em jardins públicos e residências ou mesmo de galinhas, espigas de milho e frutas diversas. A população “ordeira” teve seu ritmo de “ordem e tranqüilidade” quebrados por agrupamento de “indesejáveis” que danificou plantações, invadiu propriedades e arrombou cercas. O Jornal do Povo chegou a repreender os leitores, afirmando que era “dever da população” evitar que isso continuasse ocorrendo.¹⁴

A admoestação em caráter disciplinar foi utilizada na mesma época para analisar a situação do jovem larápio, funcionário da Viação Férrea: “é incompreensível que um jovem, no começo da vida, com uma carreira relativamente brilhante nos serviços da estrada, jogue fora seu passado, seduzido por meia dúzia de pares de sapato”. Incompreensível, no entendimento do redator, não só porque seguidamente os funcionários restituíam objetos

¹¹ JP, 21/4/1935 Noticiário. Uma reclamação justa, p.3

¹² JP, 29/7/1934 Noticiário. Infanticídio, p.3

¹³ JP, 5/9/1929 Noticiário. Falta de policiamento, p.3 e 17/3/1938 Noticiário. Tiros de revólver à noite, p.3

¹⁴ JP, 24/10/1929 Furto nos jardins públicos, p.3 e 18/1/1931 Furtos, invasão de propriedades, etc., p.4

perdidos ou esquecidos, mas principalmente porque tratava-se de alguém que tinha emprego fixo, que trabalhava, não era portanto nenhum vadio. A advertência não teve o intuito de alcançar o comparsa do ferroviário. Por ser ele “negro, alheio aos serviços da estrada”, um errante sem ocupação, a atitude era, de certo modo, esperada.¹⁵

Essa discriminação racial aparece de forma contundente num relato de furto de relógio, ocorrido em 1941. O homem, de “cor preta, baixo, com uma cicatriz no rosto”, foi até a joalheria Schenkel, na rua Sete de Setembro, para comprar relógios de pulso para revender. A esposa do proprietário do estabelecimento atendeu o “indivíduo”, que escolheu quatro relógios de pulso. Quando a atendente entregou os pacotes, o pretense comprador pediu que lhe mostrasse ainda um óculos. Ela foi indagar ao seu marido o valor; quando voltou, o “meliante” tinha sumido com os relógios.¹⁶ A descrição da fisionomia desse criminoso – “preto”, “baixo”, com “cicatriz no rosto” – e o tom ingênuo que envolve a história – a atendente empacota a mercadoria, entrega ao sujeito que lhe distrai e foge em seguida – são nítidos resquícios da influência criminológica que imputava o caráter maldoso aos traços do indivíduo e a sua conduta.

O tom moralista-religioso convinha perfeitamente para narrar os chamados crimes passionais, delitos causados por alguma espécie de envolvimento afetivo. Para indicar a má índole, o caráter ordinário ou modo incorreto de ser dos subalternos, eram utilizados termos de pouco apreço, que acabavam entrando no léxico cotidiano e passavam despercebidos ao leitor comum. Em 1931, o indivíduo utilizou da racha de lenha para espancar “brutalmente sua amasiada”, mostrando que apesar dela ter apanhado, tratava-se de mulher que vivia de forma dissoluta, desregrada, devassa.¹⁷

O jornal explorava essa “vida fácil”, na tentativa de mostrar como não deveria ser o proceder feminino. E expunha os envolvidos com a publicação dos seus nomes. Exemplos dessa condição eram freqüentes, como o caso do cabo da guarda municipal, Ernesto Fontoura, que dirigiu-se ao Alto dos Loretos, onde esperava encontrar “certa mulher, com quem mantinha relações”, e, ao chegar na casa, surpreendeu-a na companhia de outro homem, de nome Ariovaldo Machado.¹⁸ Ou da desavença ocorrida na “célebre” avenida Cavalheiro, subúrbios da cidade, na “espelunca” de João Parafuso, alcunha de João Vieira, entre o “pardo Alcides de tal”, que esfaqueou a mulher de nome Percília Nunes, “solteira, de 26 anos de

¹⁵ JP, 18/1/1931 Os furtos na estação dessa cidade, p.4

¹⁶ JP, 9/1/1941 Noticiário. Furto de relógio, p.3

¹⁷ JP, 14/5/1931 Noticiário. Brutal espancamento, p.3

¹⁸ JP, 25/5/1933 Noticiário. Conflito e ferimento, p.3

idade”, por motivo fútil, durante um baile. O agressor foi posto em liberdade no dia seguinte a sua prisão.¹⁹

Entre os crimes passionais, eram comum notícias de “defloramento”,²⁰ com base no artigo 267 do Código Penal de 1890, considerado a existência de “cópula” com mulher virgem, menor de idade, entre 16 e 21 anos, com o “deflorador” tendo empregado sedução, engano ou fraude. A pena variava entre um a quatro anos de prisão. O código de 1940 atenuou o delito, passando o termo para “sedução” (art. 217). Permaneceu a questão da virgindade, do se aproveitar da “inexperiência” ou “justificável confiança da vítima”, mas diminuiu a idade para entre 14 e 18 anos, com ou sem ruptura himenal, incorporando os novos conceitos legais de que a falta da membrana vaginal não era característica decisiva para comprovar o crime. A lei procurou manter a integridade sexual da mulher, principalmente com relação a sua virtude moral, embora a perícia médico-legal fizesse o exame de corpo delito para fornecer indícios imprescindíveis de modo a balizar o processo. A graduação se dava na seguinte maneira: atentado ao pudor, caso não ocorresse cópula carnal, sedução através do rompimento do hímen, estupro quando a mulher não havia consentido, ou ainda falso testemunho, quando não ficava provado o crime, e de vítima a mulher passava a ré.²¹

A virtude moral, questão-chave nos procedimentos jurídicos, atingia a discussão pública levada pela imprensa. O Jornal do Povo publicou, em 1931, carta de esclarecimento sobre defloramento ocorrido, onde explicitamente condenam-se as atitudes da mãe da menor ofendida. Segundo o autor da carta, a progenitora costumava realizar reuniões dançantes aos sábados, em sua residência, recebendo rapazes que cortejavam suas filhas. Era público e notório que a menor, de nome Alice, passeava nessas ocasiões com a companhia masculina. O autor procurou avisar dos “maus resultados que adviriam de tão imprudente procedimento”. Posteriormente, a moça foi deflorada e a mãe ingressou em juízo, acordando indenização de 1:500\$000 réis, decisão tida por injusta pelo réu. O fruto da relação acabou nascendo em

¹⁹ JP, 19/7/1931 Noticiário. Na avenida Cavalheiro, p.3

²⁰ JP, 1/5/1930 Polícia, p.3, 23/8/1931 Os delitos repugnantes, p.2, 1/10/1931 Seção livre. Declaração, p.2, 11/5/1933 Noticiário. Concessão de habeas-corpus, p.3, 14/1/1934 Seção livre. Declaração necessária, p.3, 18/1/1934 Noticiário. Casamentos na polícia, p.3, 12/8/1934 Vida forense. Crime de estupro, p.3, 9/9/1934 Noticiário. Crime de defloramento, p.3 e 15/5/1938 Ocorrências Policiais. Queixa e casamento, p.3

²¹ SCREMIN, João Valério. *A Influência da medicina-legal em processos crimes de defloramento na cidade de Piracicaba e região (1900-1930)*. In: Revista Histórica on-line. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, mar/2006 [disponível em http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/materia03_texto03.pdf – acessado em 3/4/2006]. A conjunção carnal com menores de idade ou mentalmente alienadas era considerado “uso de violência”. Retirar mulher honesta do seu lar, através da sedução ou mesmo empregando violência, era considerado crime de rapto. As esposas não poderiam acusar o marido de usar a violência para conjunção carnal, visto que entendia-se ser direito marital consumir o ato sexual.

Santa Maria, de onde também foi trazida certa prostituta, “conhecida horizontal dos cabarés”, para se passar por genitora do bebê.²²

O tom sensacionalista que o JP narrava os crimes passionais motivou certo leitor a tecer comentários reprovadores. Em carta enviada à redação em 1933, denunciou a exploração das tragédias oriundas desses delitos, atitude que abria “cancha larga ao saracoteio dos comentários romanescos”. Culpou o redator João Abreu, que usava da “vocação desportiva” para o “vezo de dar tom de tragédia aos comentários com que borda os sangrentos crimes passionais”.²³

No quesito das virtudes, os dois códigos penais, de 1890 e de 1940, tratavam de forma diferente as mulheres desonradas, de “vida pública”, consideradas prostitutas. Exemplo marcante   o fato do crime de adultério excluir casos em que os maridos fossem flagrados em comunhão carnal com prostitutas. O mesmo não ocorria quando a esposa flagrada com o amante fosse assassinada pelo marido. Não era considerado crime por tratar-se de “defesa da honra”. A criminaliza o da sexualidade atingia somente a plebe não-proletarizada, visto que a moral burguesa definia os desvios dos subalternos como delitos a serem expurgados da sociedade. Nem na intimidade erótica os de baixo estavam livres dos eficazes e onipresentes olhos médico-policiais. Em nome da ciência e da lei, procurava-se disciplinar tudo e todos, colocando-os em permanente suspeita.²⁴

A exigência de transferir os prostíbulos mais “baixos” para os subúrbios fez parte da higieniza o social cachoeirense. No início dos anos 30, o baixo meretrício localizava-se nas imedia es da zona central, na rua Riachuelo, Aldeia, a poucas quadras a nordeste da igreja. Duas casas disputavam a preferência dos freqüentadores, preferencialmente marinheiros e praças da guarni o federal. Uma delas, conhecida como “Jacaré”, foi a primeira a receber as “enérgicas providências das autoridades locais”, resultando na diminui o da freguesia. A outra era denominada pelo metafórico adjetivo “Buraco Quente”, analogia figurada que lembrava os objetivos do local. Essa casa ganhou notoriedade na imprensa pelas violentas brigas, principalmente entre marinheiros que viviam em constantes rixas entre si, mas que

²² JP, 6/9/1931 Os crimes repugnantes. Carta de esclarecimento. Defloramento de uma menor, p.3

²³ JP, 11/6/1933 Crimes passionais. Cartas avulsas, p.2

²⁴ MAZZIEIRO, João Batista. *Sexualidade Criminalizada: Prostitui o, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920*. In: Revista Brasileira de História. v.18 n.35 São Paulo, 1998 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100012&lng=pt&nrm=iso&tln_g=pt – acessado em 1/4/2006]

uniam-se “fraternalmente” contra os intrusos. Na mesma medida em que a Aldeia era considerada a zona perigosa de Cachoeira, a casa “Buraco Quente” era a ameaça da Aldeia.²⁵

As contendas não davam-se exclusivamente entre clientes. Numa atitude preconceituosa, a imprensa descreve as prostitutas como mulheres “endiabradas”, endemoniadas, que tinham procedimentos vis e provocavam desordens de toda monta. Em 1936, a reportagem do JP relata a briga entre uma prostituta e um homem, deixando subtendido a quem cabia o papel de vítima. A matéria caracteriza logo de início a meretriz chamada-a de Virgínia “de tal”, termo tipicamente empregado para expressar profundo desdém e denegrir os subalternos cujos sobrenomes desconhecia ou preferia não publicar. Nesta caracterização, a messalina é alçada à condição de rainha do “*bas-fonds*” cachoeirense, da zona licenciosa habitada pela escória social, pela ralé da cidade, alguém capaz de substituir a “celebrizada” Maria Espingarda. Em seguida, a reportagem recorda seu passado depravado, afirmando que rara era a vez em que alguém não registrava queixa na delegacia contra ela. Por fim, descreve a cena numa perspectiva sectária. Saturnino “de tal” estava tocando violino no botequim de João Jorge da Silva, vulgo Barão, quando a agressora chegou acompanhada por outras duas mulheres, Olivia Alves da Silva e Maria Farias. Em certo momento, Virgínia pediu ao violinista que lhe pagasse um copo de vinho, mas quando foi atendida a “endiabrada jogou copo, vinho e tudo no chão”, pedindo que lhe pagasse outro. Saturnino se “escusou”, afirmando não ser “pato”. Eis que a prostituta agarra o violino e quebra-o na cabeça do homem que lhe negara outro copo de vinho, dando-lhe, por fim, uma bofetada.²⁶

A preocupação maior com a zona do baixo meretrício centrava-se na osmose resultante do cruzamento dos trajetos, feitos cotidianamente, pelos freqüentadores dos prostíbulos. O incômodo era porque os “de baixo” adentravam na área central remodelada para os cidadãos ditos civilizados, educados e bem vestidos, que seguiam as regras de civilidade e urbanidade com compostura digna. O trajeto herético dos que saíam da zona burlava a lógica elitista de impor muralhas entre a “boa” e a “má” sociedade. Eram os indivíduos “desocupados” e “desordeiros”, “indesejáveis” que danificavam o patrimônio particular e público, que quebravam o ritmo de “ordem e tranqüilidade” tão desejado pela elite cidadina, moradora da zona saneada.

Como aponta Fabio Bezerra de Sousa, horda selvagem, movida a bebidas alcoólicas, que saía dos lupanares fazendo blague, assaltando real e simbolicamente a cidade higienizada,

²⁵ JP, 19/10/1933 A aldeia em polvorosa. Grave conflito, p.2, 10/5/1934 Noticiário. Grande distúrbio na Aldeia, p.3 e 30/6/1938 O “Buraco Quente”, teatro de mais uma cena de sangue, p.10

²⁶ JP, 23/7/1936 Noticiário. Desordem, p.3

adentrando nela sem pedir licença, quebrando a lógica e a hierarquia dos espaços que as elites tentavam instituir com as reformas no centro. Saíam da zona, lócus das “práticas despudoradas”, e cruzavam as fronteiras das sóbrias e civilizadas ruas centrais ou áreas habitadas pela elite, “levando consigo marcas da libertinagem e vícios que nos lupanares adquiriam”. Perturbavam o “tranquilo sono de cidadãos morigerados”, punham em risco a “decantada moral da sociedade”, que tinha lugares próprios para ser reproduzida. A imprensa serviu de porta-voz para denunciar esse “despautério que misturava promiscuidade com decência”, freqüentemente reivindicando a ação da polícia para manter os bons costumes ou reclamando da própria inoperância policial. Eram tensões que marcavam as relações sociais na cartografia urbana.²⁷

O crescimento urbano empurrou pouco-a-pouco as novas casas de tolerância para a vila Carvalho, em direção às carreiras de cavalos. Mesmo que o baixo meretrício cachoeirense tenha sido de certa forma afastado dos olhos da elite, não era o único local a oferecer prazer. No início da década de 30, muitas casas localizavam-se dentro dos limites do núcleo urbano principal. Os “de cima” igualmente freqüentavam bordéis, mas denominavam esses locais de “pensões”, embora existisse a diferenciação entre prostíbulos e pensões familiares.

O anúncio da *Pensão Nova* de Joana Grehs, publicado no guia *Cachoeira Histórica e Informativa* de 1940, mostra a tentativa de diferenciar prostíbulos e pensões familiares, ressaltando a questão da ordem, disciplina e higiene:



Figura 112 – Anúncio da *Pensão Nova* de Joana Grehs. Fonte: PORTELA, Vitorino; PORTELA, Manoel de Carvalho. *Cachoeira Histórica e Informativa*. op.cit., 1940

²⁷ BEZERRA DE SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos. *Cotidiano popular e tensões nos prostíbulos (Campina Grande – 1930-1945)*. In: Revista História Hoje, revista eletrônica de História, v.1, n.3, ANPHU, março, 2004 [disponível em <http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol1n3/cotidiano.htm> – acessado em 10/1/2006]

O público era selecionado a partir de preços maiores cobrados pelas prostitutas. A elite aceitava a prostituição como o mal necessário que servia para manter unidos os laços familiares. Mas para a prática sexual tranqüila era necessário segurança. Chegou-se a cogitar na transferência de toda prostituição para local próprio, longe do centro. Não para a zona do baixo meretrício na Aldeia, tendo em vista os freqüentes conflitos sangrentos que lá ocorriam. Assim como em outros quesitos, a devassidão exigia distinta segregação social em guetos próprios.

A polícia também vigiava as pensões, mas intervenções ocorriam somente em caso de conflitos considerados graves. Como tratavam-se de freqüentadores em melhor posição social, as notícias do jornal não exploravam detalhadamente os fatos. Limitavam-se a mostrar as prostitutas como culpadas pelos males decorridos da atividade sexual. Esse contexto obrigava-as a submeterem-se às vontades dos freqüentadores, pois preferiam relevar e continuar trabalhando, ao invés de serem banidas do mercado. O caso da cafetina da Pensão Royal, na rua 24 de Maio, exemplifica essa situação. Envolvida em conflitos no ano de 1933, foi intimada a deixar seu negócio no prazo de seis dias, sob pena de ser expulsa do município.²⁸ Outro exemplo é o de Conceição Peres, presa em 1934 por instalar casa de meretrício no prédio Sotéa, na rua Saldanha Marinho, centro da cidade. No depoimento, disse ter sido “aconselhada por terceiros”, sendo posta em liberdade dias depois.²⁹ É bem possível que a sugestão tenha partido de pessoas conhecidas na comunidade, resultando, em contrapartida, na sua soltura.

7.2. Canalhada ébria de vinho, tonta de fumaça

Assim como na prostituição, outras ocorrências policiais motivavam advertências disciplinadoras vinculadas através da imprensa. Conforme Beatriz Marocco, esse tipo de censura apresentava em comum o “olhar normalizador do exame”, maneira parcial de observar e apresentar a realidade, comumente dominada pela intenção prévia de “enfocar certos indivíduos” e tornar seus comportamentos “virtualmente perigosos e transparentes para salientá-los entre a população em geral”. Para narrar os acontecimentos dos subalternos, o repórter dispensava a fala dos envolvidos, não identificava-os pelo nome para confundi-los com o grupo social ao qual faziam parte (ou que lhes era imputado fazer parte), realizando assim um trabalho superficial de coleta de informações, nas mais das vezes de forma alheia. Distanciava-se da verdade ao procurar informações mais do caráter dos envolvidos, através

²⁸ JP, 5/10/1933 Noticiário grave conflito numa casa de prostituição, p.3

²⁹ JP, 4/1/1934 Noticiário. Pela polícia, p.3

dos vizinhos, do que investigar os fatos. Interessava muito mais “incluir” quem não se comportasse como devia e “visibilizar” os espaços emblemáticos em que estes indivíduos poderiam ser encontrados, amplificando o tomo de ameaça que os subalternos representavam para a elite cidadina.³⁰

É neste contexto que o moralismo simulado da elite abundava nas páginas do Jornal do Povo, através da aversão às desavenças, aos crimes em menor ou maior grau, aos furtos, ao alcoolismo ou ao vício da jogatina. Em todos esses casos, procedia-se a diferenciação explícita entre elite e subalternos, vista exatamente na forma de narrar. A responsabilidade imputada aos que pertenciam aos altos círculos sociais dava-se de maneira branda, afabilidade característica que demonstrava aceitação social.

Em 1931, a notícia do enjeitado traduz essa justificação de crimes praticados pelos de melhor condição social. A narrativa induz o leitor a compreender as razões que levaram a mãe a abandonar a criança na porta de uma casa. Primeiro porque coloca a iniciativa como “moda” que estaria “pegando”. Depois porque descreve a situação de maneira cortês: “uma forte pancada na porta da entrada despertou as pessoas da residência. Indo verificar o que ocorria, encontraram no corredor da entrada da casa, deitado sobre um travesseiro, uma linda criança do sexo masculino, envolta em roupas finas. Num papel de embrulho, escrito com boa letra e correção, eram feitas diversas recomendações quanto a alimentação da criança, pedindo-se que a registrassem com o nome de Jesus”. O fato do bilhete ter sido escrito com caligrafia e gramática corretas demonstra que não se tratava de uma mãe qualquer, era alguém que sabia ler e escrever, algo não tão comum na época. Por fim, o desfecho do caso é feliz: “o casal, que não tem filhos, ficou com a criança para criá-la e educá-la”.³¹

Na jogatina, eventualmente havia reclames dos males que atingiam tanto elite quanto subalternos. Numa crônica escrita em 1931, o leitor denuncia a ocorrência de jogo nos clubes da alta sociedade e nos antros. Em ambos, “a burguesia e a canalhada vive ébria de vinho,

³⁰ MAROCCO, Beatriz. *Prostitutas, jogadores, pobres, delinqüentes e vagabundos nos discursos jornalísticos Porto Alegre – século XIX*. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte/MG. set/2003 [disponível em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4412/1/NP2MAROCCO.pdf> – acessado em 5/4/2006]. Ver também RIBEIRO, Santuza Cambraia Naves. *Modéstia à parte, meus senhores, eu sou da vila! A cidade fragmentada de Noel Rosa*. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, p. 251-268. [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/177.pdf> – acessado em 5/4/2006], MORETZSOHN, Sylvia. *Imprensa e criminologia: O papel do jornalismo nas políticas de exclusão social* [disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylvia-imprensa-criminologia.pdf> – acessado em 7/4/2006] e GORITA, Marcos Alan. *Notícias do crime, relatos de insegurança. Os discursos da violência na cidade do Rio de Janeiro (1995-2000)*. Dissertação de Mestrado [Orientador Michel Misse], Rio de Janeiro: IFCS/PPG Sociologia e Antropologia/UFRJ, 2003 [disponível em <http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/arquivos/MarcosAlan.pdf> – acessado em 5/4/2006]

³¹ JP, 30/4/1931 Noticiário. Mais um enjeitado, p.3

tonta de fumaça”. Ele adjetiva o hábito com características religiosas e orgânicas. Os homens “sem escrúpulos”, “refinados jogadores profissionais”, estariam maculando e corrompendo a sociedade, desrespeitando a lei, arrastando a juventude “sonhadora” e “inexperiente” para o “pano verde”, atraída que era pelo “barulho das fichas”, deslumbrada ante a “policromia das cartas do baralho”, que se deixava conduzir pela “mão criminosa dos exploradores”, através do “abismo tenebroso do jogo”, a “lepra do corpo” e o “verme do cadáver”, “cancro incurável” que comia a honra e o dinheiro do indivíduo, atirando-o no “lodo de todas as depravações”.³²

Todavia, esse tipo de opinião era exceção. Entre a elite, o jogo era aceito por fazer parte da vida social. Na organização dos bailes beneficentes em prol de alguma entidade comunitária, a obtenção de renda dava-se através de passatempos como a tômbola, espécie de loto em que era preciso completar o cartão para ganhar e cujos prêmios eram dados em objetos e não em dinheiro.³³ Nos cafés, predominava o carteadado. Em plena praça José Bonifácio, o Café Carioca tinha mesas para jogar cartas e roleta como a jaburu, onde figuras de bichos substituíam os números.³⁴ Muitos desses estabelecimentos, como o Café Paulista, também disponibilizavam a carambola, semelhante ao bilhar francês, jogado em mesa revestida de feltro verde, sem caçapas, com uma bola vermelha e duas brancas. Um dos mais famosos locais era o Café Raio X, na Sete de Setembro, de propriedade do major Bertoldo Moser.³⁵ Em fins dos anos 30, a preferência passou ao *snooker* inglês, jogado com oito bolas sobre mesa de seis caçapas.³⁶ Eventualmente chegavam a Cachoeira variedades de passatempos para o entretenimento da elite, como correntes de prosperidade ou felicidade.³⁷

O organizador da revista Aquarela, Humberto Atílio Guidugli, relata pitoresco fato, ocorrido como consequência do jogo. Em certa época, vários homens passaram a registrar queixas na delegacia, alegando terem sido vítimas de assaltantes mascarados. Após inúmeras diligências sem sucesso, o delegado desconfiou que os saques eram imaginários e as supostas vítimas eram apostadores malsucedidos. Mandou publicar aviso informando que prenderia quem desse parte dos encapuzados. Nunca mais alguém cogitou sobre os assaltos.³⁸

Dentre as possibilidades de ganhos através de apostas, o jogo do bicho foi o mais difundido e aceito por todos, transitando num universo dualista, entre “vício” e “jogo

³² JP, 25/1/1931 O jogo, O. p.1

³³ JP, 22/10/1939 A grande festa da Primavera do Clube Comercial, p.2

³⁴ GUIDUGLI, Humberto Atílio. *Café Carioca*. Revista Aquarela, n.8, set. 1957

³⁵ GUIDUGLI, Humberto Atílio. *Bilhar e Assalto à mão armada*. Revista Aquarela, n.7, dez. 1958

³⁶ JP, 14/8/1938 Noticiário. Um salão de snooker, p.3

³⁷ JP, 11/8/1935 Cadeia da felicidade, p.1

³⁸ GUIDUGLI, Humberto Atílio. *Centenário de Cachoeira do Sul*, op.cit., 1959

inocente”. Na visão antropológica de Roberto Da Matta, apostar nos bichos significaria colocar às avessas o sentido da modernização em curso, “resistir” ao processo civilizatório dado pela via econômica modernizante, não conformando-se com os padrões derivados da experiência européia, tomados como universais e exemplares. A proliferação mítico-imaginária do jogo do bicho seria “trans-moderna”, na medida em que “canibalizaria” os valores, crenças e axiomas básicos do sistema, como o enriquecimento individual não pelo trabalho (desvalorizado na sociedade escravocrata) e a própria relação com a natureza através dos bichos. Desmistificar o capitalismo selvagem para restituir, em seu lugar, o capitalismo “dos” selvagens.³⁹ Por esta razão sua rápida popularização.

O duplo universo – jogo inofensivo mas condenável – fica implícito na imprensa. Em editorial de 1931, o *Jornal do Povo* destacou o interesse local pelas apostas: “joga-se prodigiosamente no bicho”.⁴⁰ No mesmo ano, Lisboa Estrazulas poetizou a loteria:

Onze e meia da manhã.
 Os Bancos cerrando as portas.
 Algumas casas de comércio também.
 Relógios marcando dez e meia.
 Empregados se dirigindo aos “pirões” e outros ainda em plena atividade.
 As malas do correio perderam o trem.
 Muitos viajantes também.
 Uns protestam.
 Outros acham uma beleza o novo horário.
 As cozinheiras é que não acham.
 E alegam: que o leiteiro só trás o leite, pelo horário moderno, às oito horas; que o padeiro só trás o pão às sete.
 Os dorminhocos dão em grito.
Grand Confusion.
 Os vendedores de “bicho” avisam o pessoal que o joguinho hoje, amanhã, etc. até 31 de março, passa a fechar ao meio dia.
 Desvantagens.
 E os amantes de “fezinha” protestam.
 É uma maçada!
 Mas eu não acho.
 Há, logicamente, a lei das compensações.
 Se o joguinho tem de ser feito mais cedo, em compensação, uma hora mais cedo já se sabe o “bicho” e a centena que saiu...⁴¹

A culpabilidade seria invocada quando subalternos envolviam-se com o jogo, transmutando-se para hábito muito mais visto pela ótica do vício, do defeito grave, da

³⁹ GEIGER, Amir. *Resenha do livro de DA MATTA, Roberto e SOÁREZ, Elena. Águias, Burros e Borboletas: Um Estudo Antropológico do Jogo do Bicho.* In: Revista Mana v.7 n.2 Rio de Janeiro out. 2001 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132001_000200011&lng=pt&nrm=isso – acessado em 6/4/2006]. Ver ainda DA MATTA, Roberto. *Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade.* In: Revista Mana v.6 n.1 Rio de Janeiro abr/2000 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000_00100001&lng=pt&nrm=isso – acessado em 6/4/2006] e CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Os sentidos no espetáculo.* In: Revista de Antropologia. v.45 n.1 São Paulo 2002 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012002000100002&lng=pt&nrm=isso – acessado em 6/4/2006]

⁴⁰ JP, 9/8/1931 Editorial. A dor dos melhoramentos, p.1

⁴¹ JP, 8/10/1931 Grand Confusion. Horário novo. Lisboa Estrazulas, p.1

inclinação para o mal, do desregramento habitual, em que o jogador tinha conduta censurável e condenável, portanto era costume prejudicial que deveria ser combatido. Eventuais contendas entre indivíduos reles, geradas a partir do envolvimento no jogo do bicho, assumiam tom irônico quando narradas pela imprensa, dada a aceitação natural da elite pelas apostas. Num episódio, o grupo de menores caçou de um dos integrantes porque ele estava recolhendo talões do jogo: “Em dado momento, porém, João Ramiro Brito, que vinha suportando tudo pacientemente, resolveu reagir, virando bicho”.⁴²

De maneira geral, na jogatina eram atribuídas maiores responsabilidades aos *outsiders*, normalmente associados a atitudes que acabavam em graves conflitos criminais, a lugares que predispunham ao crime e à violência desmedidos, como os “antros”, lugar de perdição, corrupção, vícios, típicos da malandragem.⁴³ A crítica com relação ao jogo do osso ou tava – de origem gaúcha, que consistia em se atirar ao ar a tava, osso do jarrete da rês vacuum que tem um lado chato e outro redondo, vencendo aquele que fizesse tombar a parte chata, sinônimo de sorte, para baixo – exemplifica essa diferença de aceitação/repugna social. Sobressai nas queixas a questão do prejuízo à força de trabalho. Os que se divertiam com o passatempo eram considerados “indivíduos sem ocupação lícita”, que recusavam trabalho “honrado” que demandassem “esforços”, não contribuíam ao bem comum; prejudicavam o “trabalho normal das empresas agrícolas” e desviavam os trabalhadores honestos para o vício. O caráter maléfico é visto na descrição generalista desses indivíduos: “vivem agrupados nas portas das vendas, chapéu na nuca, revólver na cintura, esperando a ocasião propícia de ganharem alguns mil réis, muitas vezes às custas da ingenuidade dos incautos”. Além disso, a amálgama entre jogo e bebida justificaria sua extinção. No abuso da bebida residia o pretexto para “provocar um ferveo”.⁴⁴

Mesmo em eventos populares, onde a aposta equivalia a mera diversão e entretenimento, a repulsa ao jogo irrompe drasticamente, como mal a ser extirpado da sociedade. Em 1943, o funcionamento do parque Marajá, na praça São João, despertou reclames por parte do “respeitável público”, para quem as diversões travestiam-se de “ponto de reunião” do “povinho miúdo”, que jogava de forma imprudente e ingênua nos “jaburus”, “7 baianos” e outros jogos que serviam para subtrair os “magros níqueis, produto muitas vezes, quem sabe, de dias e dias de trabalho”. As reclamações através do jornal escondem a

⁴² JP, 24/12/1936 Um conflito entre menores. Por causa do “bicho”, um deles virou a bicho, p.5

⁴³ Ver, por exemplo, a descrição de Porto Alegre, em PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A cidade maldita*. In: SOUZA, Célia Ferraz de. PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre/RS: Editora da Universidade/UFRGS, 1997, p.25-38

⁴⁴ JP, 13/10/1929 O jogo do osso, p.3 e 17/10/1929 Jogo de osso, p.3

disputa pelo espaço, tendo como argumento a questão da moral e dos bons costumes. O redator apela para ditos populares – “dizem que o castigo do viciado é o próprio vício” – e ressalta a necessidade preventiva de não deixar os “imprevidentes” enveredarem pela senda da perdição. Sua conclusão é de que o local tornou-se “autêntica zona conflagrada”, “ajuntamento de homens e mulheres”, interdita às famílias.⁴⁵

Semelhantes questões que envolviam a narrativa da jogatina estavam presentes no caso do alcoolismo. Para a elite, beber era entrosar-se socialmente. Para os subalternos, ingerir álcool era vício repugnante. A forma como aparece na imprensa reflete essa situação discriminatória, a começar pelas próprias palavras utilizadas: “bebida” e “álcool”. Dependendo dos atores, o ato de beber podia ser narrado de forma virtuosa ou prejudicial; bebendo na coluna social ou embriagando-se nas crônicas policiais.

A aceitação social da bebida diluía-se no cotidiano da elite. Desde o anúncio do café – “Amplamente confortável salão. Bebidas, café e doces” – até crônicas irônicas – “o homem, coitado, anexar a sua parca alimentação, peixe, presunto, *geteaux*, queijos estrangeiros e beber seu vinhozinho de boa marca no almoço e no jantar” – passando por eventos corriqueiros, como os *garden-party* em benefício de alguma obra comunitária, onde tendas vendiam “gelados e doces, frios e bebidas, rifas, etc.”, ou a “cerveja gelada” e os “finos licores” servidos nos bailes.⁴⁶ Defesa semelhante para o lança-perfume, cloreto de etila perfumado, vendido em recipientes de vidro ou metal. A substância era mantida sob pressão para ser lançada em jato. Sua inalação produzia êxtase e alegria. Em 1937, o governo federal proibiu o uso.⁴⁷ Numa crônica de 1938, o cachoeirense E.R. fala em contemporizar a situação: “Seria aconselhável que esta proibição se tornasse efetiva desde já, para que os srs. fornecedores e vendedores, fizessem a devida redução na aquisição do novo *stock*, evitando-se, assim, que à última hora, apelassem para a possibilidade de prejuízos, forçando o relaxamento da proibição, em detrimento dos benefícios que ela teria ao nosso organismo”.⁴⁸

De forma inversa, a elite repugnava sistematicamente o vício da embriaguez entre os subalternos. O uso do álcool era associado com brigas, confusões, desordem e,

⁴⁵ JP, 22/8/1943 O público reclama contra o Parque Marajá, p.2

⁴⁶ JP, 17/9/1931 Anúncio. Café Carioca, p.3 e 11/5/1933 Porque sou pelo nudismo das mulheres. Marlus, p.1, 14/12/1933 Pró-charistas, p.2, 19/2/1933 Festa e diversões. Bloco carnavalesco, p.2 e 17/9/1931 Festas e Diversões. Festa da Primavera, p.3

⁴⁷ Ver COUTINHO, Eduardo Granja. *Um culto pagão na imprensa carioca*. In: V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Comunicação e Cultura das Minorias [disponível em <http://repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18083/1/R1345-1.pdf> – acessado em 7/4/2006]

⁴⁸ JP, 12/2/1931 Carnaval, p.2 e 10/3/1938 O Lança-perfume. E.R., p.1

conseqüentemente, prisão. Três notícias dos anos 30 exemplificam essa relação. Em 1931, alguns indivíduos, “já meio alcoolizados”, pediram a certo senhor que “cedesse as filhas para fazerem um baile”. Diante da negativa, acabou sendo agredido a bofetadas, junto com sua esposa.⁴⁹ Num piquenique realizado em 1933, ocorreram desordens “motivadas pelo estado quase completo de embriaguez a que chegaram muitos dos presentes e as quais culminaram com o bárbaro espancamento de uma mulher”.⁵⁰ Em 1938, o casal Arlindo Chaves e Jurema da Silva resolveram fazer uma “festa”, mas perderam a “linha” e “entraram demais pela bebida”, obrigando a polícia a intervir e prendê-los, fazendo-os aguardar a “cura” no xadrez.⁵¹ O sentido depreciativo podia aparecer em outros momentos, de formas distintas, na notícia da prisão de contrabandista de aguardente ou mesmo nos detalhes de acidentes fatais: “próximo à Vila Barcelos, subúrbios desta cidade, a locomotiva colheu em suas rodas uma mulher que veio a falecer pouco depois. Trata-se de Petronilha Fé Silveira, de cor preta, de mais ou menos 55 anos de idade. Próximo à vítima, que teve crânio fraturado, foi encontrado um frasco de cachaça presumindo-se que a embriaguez foi a causa do desastre”.⁵²

7.3. Chame a polícia!

Os resquícios dos pressupostos discriminatórios da criminalidade inata e do atavismo social – vistos nas narrativas dos diversos crimes, furtos, alcoolismo, jogatina e prostituição – atingiram também os subalternos menores de idade, a chamada “infância pobre”, tanto no senso comum quanto nas políticas públicas. Analisando os modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil, James Wadsworth destaca a incongruência do discurso sobre “família” do início do século XX, que excluiu os subalternos, justificando assim intervenções do Estado no mundo familiar dos menos favorecidos, para proteger-se das ameaças que representavam para a “família brasileira”.⁵³ Segundo Salete Oliveira, esse paradoxo surgiu com a República, em 1889, que associou a menoridade ao conceito de marginalidade em situações de delito, vendo o abandono infante-juvenil como prenúncio do risco ao crime, tratando-o como caso de polícia. A promulgação do Código de Menores em 1927 consolidou a prática de prevenção ligada ao ideário de periculosidade, passando da

⁴⁹ JP, 4/10/1931 Notícias do Interior do Município. Desordem e Bofetadas, p.4

⁵⁰ JP, 16/3/1933 Noticiário. Desordens e prisões, p.3

⁵¹ JP, 13/1/1938 Ocorrências policiais. Foram terminar na cadeia, p.3

⁵² JP, 25/4/1935 Noticiário Apreensão de contrabando de aguardente e morte de um dos contrabandistas, p.3 e 8/6/1944 Noticiário. Morreu nas rodas de uma locomotiva, p.3

⁵³ WADSWORTH, James E. *Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil*. In: Revista Brasileira de História. v.19 n.37 São Paulo. set/1999 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100006&lng=pt&nrm=isso – acessado em 7/4/2006]

simples repressão para o afastamento dos focos de contágio, resquício do atavismo, retirando as crianças das ruas para se submeterem a medidas preventivas e corretivas, sob responsabilidade de instituições públicas. Por esta razão, a preocupação paulatina com políticas sociais primitivas no tratamento dos menores delinqüentes.⁵⁴

A mentalidade predominante nos anos 30-40, de que o abandono moral e material dos menores subalternos era caminho natural para a criminalidade, podia ser observada no modo de falar da imprensa cachoeirense. A começar pela idéia de que o ambiente predominava sobre o caráter do indivíduo. Em 1929, a coluna *Telescópio* chamou atenção para o fato de que as pensões – verdadeiros antros onde só ia gente de “baixa categoria” – estavam sendo freqüentadas por menores que lá iam para beber. A mocidade, “esperanças da Pátria”, “sentinelas avançadas”, acotovelava-se com “malandros renitentes”, pervertendo-se por “contágio”.⁵⁵ Um desses locais de “perdição de menores” era o recreio Thaufik, onde “criminosamente” exploravam-se menores, “despertando-lhes o gosto pelo jogo e pela bebida”.⁵⁶

Como se imitassem os exemplos dos adultos delinqüentes, os menores envolviam-se em brigas e praticavam molecagens. Comumente publicavam-se notícias denunciando conflitos entre jovens. A descrição era extremamente semelhante a dos maiores de idade, incluindo conotações sobre trabalho: “sem ocupação”, “perturbando o serviço dos que trabalham”, “desrespeitando a família”.⁵⁷ Por analogia, o jornal imputava à periculosidade infanto-juvenil caráter semelhante aos animais vadios que perambulavam nas ruas centrais: “moleques de todos os tamanhos que infestam a cidade, fazendo toda sorte de depredações”.⁵⁸

As conseqüências a que estavam sujeitos os menores também não diferia muito das dos adultos infratores. A situação de perigo levava à prática das detenções sistemáticas, colocando os menores muitas vezes nas mesmas acomodações que os presos maiores de idade.⁵⁹ Essa exigência da privação de liberdade era inclusive dada como solução para o problema. Em meados de 1935, O.M. sugeriu ironicamente que se desmanchasse o barracão do cinema Coliseu, aproveitando o madeiramento para erguer uma oficina de arte e ofício que

⁵⁴ OLIVEIRA, Salete Magda de. *A moral reformadora e a prisão de mentalidades: adolescentes sob o discurso penalizador*. In: São Paulo Perspectiva. vol.13 n.4. São Paulo. out/dez/1999 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400008 – acessado em 7/4/2006]

⁵⁵ JP, 30/6/1929 Telescópio Menores, p.1

⁵⁶ JP, 25/1/1931 Perdição de menores. O recreio Thaufik e similares, p.1

⁵⁷ JP, 17/11/1929 Conflito entre menores, p.3 e 15/11/1931 Grave conflito entre cinco jovens, dos quais três saem feridos, p.2

⁵⁸ JP, 28/1/1938 Noticiário. Depredações, p.3

⁵⁹ SPOSA, Karyna B. *Pedagogia do medo: adolescentes infratores e as propostas de redução da idade penal* [disponível em <http://www.ilanud.org.br/artigo.pdf>. – acessado em 7/4/2006]

serviria para encerrar todos os “menores vagabundos” de Cachoeira.⁶⁰ No final do mesmo ano, o delegado de polícia, Cecílio Menezes, prendeu diversos menores que perambulavam nas ruas após as 22 h 30 min.⁶¹ Atitude semelhante tinha sido adotada dois anos antes, coincidentemente na mesma época natalina. Menores pegos perambulando à noite foram recolhidos à cadeia, saindo somente depois de pagarem a carceragem.⁶²

Soluções alternativas chegaram a ser cogitadas nesta época, como o escotismo, organização de origem inglesa que visava educar o comportamento infanto-juvenil, baseado em valores éticos, comunitários, de responsabilidade civil e aprimoramento da personalidade individual através de práticas coletivas, ligadas principalmente à natureza.⁶³ Duas cartas do sub-chefe do quartel dos escoteiros cachoeirenses, João Perroci, publicadas no JP em 1936, ressaltam as pretensas possibilidades redentoras que a prática do escotismo podia propiciar aos “meninos desamparados que se criam na vagabundagem das ruas, aprendendo desde pouca idade, todos os vícios que mais tarde os levarão para a ruína”.⁶⁴ Numa delas, lastima a atitude de menores subalternos que “dirigiram palavras obscenas”, “arremessando pedras” em escoteiros que recém tinham recebido a “benção sagrada” e jurado “obediência e fidelidade, ante o Altar da Pátria”.⁶⁵ Essa atitude de revolta era fruto do embate simbólico existente entre elite e subalternos, desde a menoridade.

Nos anos 40, os menores ainda eram tidos como problema a ser resolvido, principalmente pela polícia. As reclamações eram diversas, desde pequenas molecagens como perturbar o sossego público com algazarras e pisotear os canteiros e jardins das praças até quebrar vidros de veículos ou roubar pequenos objetos, como sinaleiras, lâmpadas e distintivos, tirando ventis e distorcer parafusos. Muitos passaram a visitar as residências abastadas, batendo de porta em porta para pedir alimentos e agasalhos, ou simplesmente pegando as mercadorias que padeiros, leiteiros e verdureiros deixavam de manhã cedo. O

⁶⁰ JP, 26/5/1935 Ditador de Cachoeira. Foi um sonho, nada mais O.M., p.1

⁶¹ JP, 22/12/1935 Noticiário. Menores vagabundos, p.5

⁶² JP, 24/12/1933 Noticiário. Vadiagem, p.5

⁶³ Interessante, neste contexto, o artigo de ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. *Educação escolar e higienização da infância*. In: Cadernos CEDES v.23 n.59 Campinas abr. 2003 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622003000100004&lng=es&nrm=isso – acessado em 7/4/2006], analisando o modelo de educação sanitária formulado no interior da ampla campanha de regeneração física, intelectual e moral na São Paulo dos anos 20.

⁶⁴ JP, 5/11/1936 Escoteiro. João Perroci, sub-chefe secretário do Quartel, p.1

⁶⁵ JP, 3/12/1936 É de lastimar. João Petrucci, sub-chefe secretário do Quartel, p.4

jornal não cessava de exigir medidas energéticas, levar “ao conhecimento das autoridades municipais” para solicitar “providências cabíveis”.⁶⁶

Em 1941, o delegado Muniz Reis atendeu os reclames, chamados também de “justa reclamação”, que solicitavam “providências para a repressão” das molecagens. Ele intimou os menores infratores a comparecer na delegacia, “fazendo-lhes preleções sobre a maneira de como se devem portar na rua e avisando-os das penalidades a que estariam sujeitos se continuassem na prática dessas molecagens”.⁶⁷ Neste mesmo ano, foi inaugurada a primeira escola destinada especialmente para a “infância pobre”, no Alto dos Loretos. O prédio do Grupo Escolar Cândida Fortes Brandão foi construído para abrigar 150 alunos. Em menos de um ano, atingiu a quantia de 400 alunos, situação que resultou na suspensão da distribuição da sopa escolar.⁶⁸ Outra iniciativa partiu das senhoras da alta sociedade cachoeirense. Foi o Natal da criança pobre, realizado dias depois do término oficial da comemoração natalina, em 1º de janeiro de 1941, no Estádio Municipal, com distribuição de presentes, doces, picolés e sanduíches, para que as crianças pudessem agüentar o “longo” e “interessante” programa de festejos.⁶⁹

O tom das notícias imputava a delinqüência especificamente aos meninos, porque as menores de idade abandonadas acabavam, desde cedo, entrando para a prostituição, ocupação que, de certa forma, tiravam-nas das ruas.

7.4. Estado policiesco para manter os “de baixo” afastados da elite

Todas essas questões envolvendo tanto a delinqüência infanto-juvenil quanto a adulta – atos incivilizados, mendicância como sinônimo de vagabundagem, discriminação racial, crimes passionais, mulheres de vida fácil, defloramentos, virtudes que absolviam, prostituição, zona baixa e pensões, jogatina, alcoolismo – tinham a ver com o Estado policialesco, instaurado para conter os “de baixo”, mantê-los afastados do dia-a-dia do círculo social da elite. Na análise de Michel Foucault, policial diria respeito à bem governar. Além de fiscalizar, inspecionar e tomar medidas preventivas contra as enfermidades urbanas, a segurança pública incluiria a manutenção da ordem vigente. Reprimir e eliminar os perigos

⁶⁶ JP, 24/11/1940 Noticiário. Roubo e depredações nos automóveis que estacionam nas mediações da Praça José Bonifácio, p.5, 15/12/1940 Depredações em automóveis, p.5, 16/9/1943 Noticiário. Menores vadios, p.3 e 21/11/1943 Queixas e reclamações. Menores delinqüentes. S.A.M., p.2

⁶⁷ JP, 11/5/1941 Noticiário. A molecagem da rua Júlio de Castilhos, p.5

⁶⁸ PORTELA, Vitorino; PORTELA, Manoel de Carvalho. *Cachoeira Histórica e Informativa*. op.cit., 1943, p.320

⁶⁹ JP, 1/1/1941 Natal da criança pobre, p.11

urbanos seriam atribuições dos órgãos de segurança. A melhor forma de realizar essa repressão e eliminação dava-se pela demonstração da força.⁷⁰

As características predominantes da polícia brasileira nos anos 30-45 são oriundas da organização administrativa judiciária-policial do século XIX. Segundo Maria Bonelli, a estruturação hierárquica para a função de polícia judicial e investigativa de cunho civil data de 1841, com a centralização política do Império, onde foram criadas as funções de “chefe de polícia”, “delegado de polícia” e “subdelegado”. O objetivo maior foi limitar o poder das oligarquias regionais através da maior presença da autoridade central, sujeita ao controle do imperador. Desse objetivo nasceu sua primeira característica: a politização da polícia ou o uso político do aparato policial, dada a vulnerabilidade política do cargo. A segunda função predominante foi a repressão de cunho social, visto na tentativa de manter a ordem entre estabelecidos e *outsiders*, entre a elite que possuía mandato moral e os subalternos – negros libertos e mestiços que pouco-a-pouco direcionavam-se para as áreas urbanas predominantemente elitistas – verdadeiros alvos da ação policial. Em que pese iniciativas esporádicas de especialização policial dentro da perspectiva científica criminal, no início do século XX, na tentativa de profissionalizar o uso político da estrutura policial, e o próprio direcionamento do poder policial para os políticos regionais, a revolução de 30 intensificou as distinções de caráter clientelístico e perseguição política, de uso abusivo da força e da partidarização. A começar pela criação da Secretaria de Segurança e Justiça em dezembro de 1930, concentrando o poder policial no governo federal. O auge da politização e repressão centralizada foi o período ditatorial instaurado com o Estado Novo, em 1937.⁷¹

Em Cachoeira, a ebulição do período aparece nas páginas da imprensa. Entre 1929-37, são freqüentes as notícias opinativas sobre o aumento da criminalidade, principalmente na zona urbana central. De início, o Jornal do Povo atribuiu muito da insegurança à extinção da guarda municipal, quando os serviços de policiamento passaram para a responsabilidade de

⁷⁰ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*, 7ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1988 e _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. op.cit., 1987. Ver também RAGO, Luzia Margareth. *As marcas da pantera: Michel Foucault na historiografia brasileira contemporânea*. In: Revista Anos 90. Porto Alegre/RS: PPG História UFRGS, n.1, mai/1993, p.121-143

⁷¹ Segundo BONELLI, Maria da Glória. *Os delegados de polícia entre o profissionalismo e a política no Brasil, 1842-2000*. [disponível em http://www.uoregon.edu/~caguirre/bonelli_2.pdf – acessado em 4/4/2006], na década de 1910, teve início o processo de especialização do aparato da polícia civil, com o desenvolvimento de técnicas de investigação e identificação criminal - como a datiloscopia, o retrato falado, o uso da fotografia e a perícia – o registro civil da população além da emissão dos passaportes, os serviços médico-legais, a inspeção e fiscalização de veículos, a fiscalização e censura das diversões públicas, e a assistência policial para os acidentados nas ruas, os desabrigados e desocupados. Embora a polícia ganhasse maior definição, seguia sem a crucial autonomia, centralizada e nomeada pelo governo, sujeita à demissão, à prática das remoções e das transferências por razões externas aos da prestação do serviço policial, características que permaneceram durante o período getulista.

destacamentos da Brigada Militar, entre 1928 e 1934. Em vários momentos, fez-se o desarmamento da população subalterna, sob a justificativa que era preciso diminuir a criminalidade ou mesmo os acidentes com armas de fogo. Somente poderia andar armado quem tivesse licença da autoridade competente e nos casos previstos em lei, como autoridades civis e militares quando em objeto de serviço. Mostra desse desarmamento seletivo eram os espaços onde ocorriam, como as “carreiras”, assim chamadas as corridas de cavalos localizadas nos subúrbios.⁷²

As notícias das ocorrências delituosas mostravam certo exagero. A “ação dos gatunos” ou “atividades dos amigos do alheio” desenvolviam-se em ritmo “febril”, “numa alarmante seqüência de arrombamentos e furtos”.⁷³ Um “avultado” roubo levou a crer que Cachoeira havia sido “invadida” por “bando de criminosos”.⁷⁴ Os “gatunos” aproveitavam-se da ingenuidade dos “pacatos” cidadãos, principalmente no verão, quando muitos deixavam as janelas das casas abertas.⁷⁵ A tônica se mostra na manchete: “Os gatunos reabriram a temporada”.⁷⁶

Em 1934, o esquadrão da Brigada Militar foi recolhido ao quartel de Santa Maria, ficando o policiamento a cargo da polícia civil, com três investigadores, e da chamada guarda noturna, com cinco guardas. Para o Jornal do Povo, foi verdadeira calamidade: “Fica assim, Cachoeira, cidade populosa e de perímetro urbano grande, à mercê da ação dos gatunos e desordeiros, diante da impotência da polícia, em face da falta de elementos, para combate decisivo”.⁷⁷ No ano seguinte, elogiava a diminuição da chamada “curva da criminalidade”, graças ao “zelo administrativo” do delegado de polícia.⁷⁸

Indício da intensificação do estado policial a partir de 1930 foi a explosão de litigiosidade. Analisando o orçamento judiciário no Rio Grande do Sul no período, Günter Axt mostra como o número de processos aumentou acima das médias anteriores. Na década de 1940, foram registrados no Tribunal de Justiça do Estado média de 1.562 processos anuais, aumento de quase 60% em relação à média da década anterior, que havia sido de 700/ano, na década de 20, e 927/ano, na década de 30, média puxada para cima em função dos últimos quatro anos que registraram forte aumento no volume processual. O incremento da atividade

⁷² JP, 28/7/1929 Policiamento da cidade, p.3, 28/7/1929 Segurança pública, p.1, 15/8/1929 Conflitos e ferimentos, p.2, 1/6/1930 Noticiário, p.3, 21/8/1932 Noticiário. Policiamento da Cidade, p.3, 28/8/1932 Noticiário. Desarmamento, p.3 e 10/5/1934 Noticiário. Acidente por arma de fogo, p.3

⁷³ JP, 5/2/1933 Noticiário. Ação dos gatunos, p.3

⁷⁴ JP, 9/5/1933 Um avultado roubo no Restaurante Comercial, p.3

⁷⁵ JP, 25/1/1934 Noticiário. Os gatunos em ação, p.3

⁷⁶ JP, 28/3/1937 Os gatunos reabriram a temporada, p.3

⁷⁷ JP, 15/4/1934 A cidade sem policiamento. Um guarda noturno agredido, p.2

⁷⁸ JP, 12/12/1935 Editorial. A criminalidade em Cachoeira, p.1

econômica, o aumento do número de habitantes e as transformações havidas no direito processual civil e criminal teriam contribuído para a mudança do quadro litigioso, alteração que não refletiu em aumento substancial do orçamento judiciário.⁷⁹

A criminalidade cachoeirense mostrava-se nos índices. Mais de 70 processos criminais estavam em andamento em 1932.⁸⁰ No período de junho de 1936 a fevereiro de 1938, sob incumbência do juiz Erasto Roxo de Araújo Correa, o movimento forense local foi intenso: 71 sentenças cíveis, 83 sentenças criminais e 207 sentenças relativas a órfãos. Os números alçavam a comarca a uma das de maior movimento do Estado.⁸¹ Em relação ao crime, as estatísticas de 1943 mostram quadro peculiar: 31 furtos (3º lugar do Estado) mas nenhum roubo; 14 crimes de sedução (4º lugar), 8 estupros e 4 raptos.⁸² Dois anos depois, em 1945, o quadro da litigiosidade apontava diversidade: 55 lesões corporais leves; 10 lesões corporais graves; 2 estelionatos; 4 danos; 13 furtos; 3 furtos qualificados; 1 acidente com arma de fogo; 3 portes ilegais de arma de fogo; 2 homicídios; 2 rixas; 30 seduções; 10 suicídios; 5 estupros; 2 raptos consensuais; 2 apropriações indébitas; 2 ameaças; 1 receptação; 2 maus tratos; 2 violações de domicílios; 7 mortes por acidente; 1 calúnia; 1 esbulho possessório; 5 desacatos à autoridade; 1 resistência à prisão; 13 acidentes no trabalho; 5 acidentes no tráfego; 4 mortes por afogamento; 2 tentativas de homicídio; 2 adulterações de documentos; 2 injúrias e 1 posse sexual mediante fraude.⁸³

Conseqüência do Estado policial, o encarceramento surgiu com objetivo de domesticar os corpos. Para Foucault, as casas de correção teriam como finalidade regenerar os detentos, acabar com sua decadência moral, não tanto pelo clausura, mas por tirá-los de circulação, da vista da população ordeira. Além disso, o preso serviria de exemplo para os demais e o cárcere desenraizaria o sujeito, fazendo ele esquecer a família e a comunidade.⁸⁴

⁷⁹ AXT, Gunter. *Interpretações sobre a história do orçamento judiciário no Rio Grande do Sul (1874-1990)* [disponível em http://www.tj.rs.gov.br/institu/memorial/RevistaJH/vol3n5/10-Gunter_Axt.pdf – acessado em 4/4/2006]. Segundo dados do IBGE, entre 1907 e 1912, a média processual no Brasil ficou em torno de 7,2 mil processos, incluindo varas civis, órfãos e ausentes, provedoria e resíduos, feitos da fazenda municipal e da saúde pública, comerciais e criminais. Fonte: Tabela III, número de processos julgados pelos Juizes de Direito (1907 a 1911-1912) Anuário estatístico do Brasil 1908-1912. Rio de Janeiro: Diretoria Geral de Estatística, v. 1-3, 1916-1927.

⁸⁰ JP, 22/5/1932 A criminalidade em Cachoeira, p.1

⁸¹ JP, 6/4/1938 A Comarca de Cachoeira é, indiscutivelmente, uma das comarcas de mais movimento do Estado, p.3

⁸² AZEVEDO, Tupinambá Pinto de. *Cachoeira do Sul, comarca: 150 anos de História*. op.cit., 1985, p.51

⁸³ JP, 30/6/1946 Delegacia de polícia de Cachoeira do Sul, p.3-4

⁸⁴ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. op.cit., 1987. Ver ainda BRUNI, José Carlos. *Foucault: o silêncio dos sujeitos*. In: Revista Tempo Social. São Paulo: Sociologia/USP, 1989, p.199-207

Do início do século XX até os anos 30-40, o número de detentos e casas de correção no Brasil aumentou sobremaneira. O número de condenados em 1907 totalizava 3.734, aumento de 15,5% (580) com relação ao ano anterior. Os Estados com maior número de presos eram São Paulo (632), Pernambuco (566) e Rio Grande do Sul (490).⁸⁵ Em 1922, metade das 1.287 cadeias do país estavam em São Paulo (212), Minas Gerais (178), Bahia (139), Ceará (75) e Rio Grande do Sul (71).⁸⁶

Nos quarto ano da revolução de 30, o número de condenados presos subiu para 6.212, sendo 98,4% na justiça comum (6.113) e 93,5% (5.808) homens. São Paulo liderava com 1.103 apenados, seguido de Minas Gerais (966), Pernambuco (885), Distrito Federal (683) e Rio Grande do Sul (411).⁸⁷ As infrações cometidas classificavam-se, pela ordem, em: homicídio ou tentativa (3.832), roubo (645), furto (391), violência carnal (279), lesões corporais (238), latrocínio (79), entre outras (748). No Rio Grande do Sul, o quadro mudavam um pouco. A maioria estava presa por homicídio ou tentativa (313), violência carnal (30), roubo (24), latrocínio (20) e furto (6), entre outras (18). Ninguém estava preso por lesão corporal, mas a violência carnal assumia a segunda posição e os latrocidias representavam 25,6% de todos detentos do país.⁸⁸

Na segunda metade dos anos 30, o movimento carcerário seguiu tendência de crescimento. O aumento do número de cadeias, de 1.287 em 1922 para 1.457 em 1936, foi menor quando comparado ao de ocorrências e detentos. São Paulo ainda liderava na quantidade de prisões (249), seguido de Minas Gerais (214), Bahia (150), Rio Grande do Sul (85), Pernambuco (83) e Ceará (76).⁸⁹ Em 1937, o número de crimes em todo país atingiu a marca de 13.008.⁹⁰ No ano seguinte, ocorreram em Porto Alegre 1.939 crimes, sendo 813 furtos, 423 lesões corporais, 213 violências carnavais, 116 roubos, 28 homicídios, 14 estelionatos, 11 tentativas de homicídios e 321 não especificados.⁹¹ No início dos anos 40,

⁸⁵ Fonte: Tabela I, Movimento carcerário, segundo as Unidades Políticas. 2. Número de condenados 1907. Anuário estatístico do Brasil 1936. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, 1936

⁸⁶ Fonte: Tabela Repressão I, Movimento carcerário, segundo as Unidades Políticas. 1. Prisões existentes 1922. Anuário estatístico do Brasil 1936. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, 1936

⁸⁷ Fonte: Tabela I, Movimento carcerário, segundo as Unidades Federadas. Número de condenados existentes em 30 de junho de 1934. Anuário estatístico do Brasil 1937. Rio de Janeiro: IBGE, v. 3, 1937

⁸⁸ Fonte: Tabela I, Movimento carcerário, segundo as Unidades Federadas. Número de condenados existentes em 30 de junho de 1934; c) Agrupamento seguido de infrações. Anuário estatístico do Brasil 1937. Rio de Janeiro: IBGE, v. 3, 1937

⁸⁹ Fonte: Tabela I, Movimento carcerário, segundo as Unidades Federadas. Prisões existentes 1936. Anuário estatístico do Brasil 1937. Rio de Janeiro: IBGE, v. 3, 1937

⁹⁰ Fonte: Tabela Crimes e contravenções. IV delinquência verificada nas capitais 1937. Anuário estatístico do Brasil 1938. Rio de Janeiro: IBGE, v. 4, 1939

⁹¹ Fonte: Tabela Crimes e contravenções. IV delinquência verificada nos municípios das capitais 1938. discriminação dos delitos, segundo a natureza. Sistema Regional e Seção de Sistematização, da Secretaria Geral do IBGE. Anuário estatístico do Brasil 1939/1940. Rio de Janeiro: IBGE, v. 5, 1941

triplicou a quantidade de crimes verificada em todo país, chegando a 42.772. Somente em Porto Alegre, ocorreram 3.992 crimes: 236 homicídios (aumento de 842% com relação a 1938), 1.145 lesões corporais (270% a mais), 902 violências carnais, 490 furtos (diminuição de 40%), 85 roubos, 30 tentativas de homicídios, 28 estelionatos, 7 falsificações de moeda e 1.069 não especificados.⁹²

Para a imprensa, as prisões tinham significado especial, ao serem capazes de mostrar que o governo tinha competência, pois mantinha seccionado os perigos da sociedade, mesmo que a população carcerária não fosse a grande responsável pela maioria dos crimes.⁹³

O discurso da imprensa cachoeirense auxiliava na legitimação do encarceramento dos subalternos, inclusive com descrições detalhadas do *modus operandis* da polícia que buscavam certo perfil dos criminosos. A notícia publicada em 1930, relatando a chegada de indivíduo de “cara discutível”, retrata esta situação. No “afã de precaver a cidade contra o ingresso de indesejáveis”, a polícia local destacou na ocasião dois guardas para vigiarem a estação ferroviária, porta natural de entrada e saída da cidade. A idéia era policiar o desembarque de passageiros de “procedência suspeita”. Na ocasião descrita, o indivíduo foi seguido até rondar determinada pensão. Como os guardas estavam de sobreaviso, efetuaram a prisão e levaram o suspeito para ser interrogado na delegacia. O caso foi desvendado depois da intimação da prostituta que estava escondida na pensão. Tratava-se de “proxeneta”, cafetão que vinha explorando com “cinismo revoltante” a “infeliz mulher”. Quando ela não obtinha o dinheiro exigido, era maltratada e espancada pelo “repugnante explorador”.⁹⁴

O tamanho da cidade e sua própria localização afastadas dos demais centros urbanos – acessível somente por trem ou estradas de terra – consolidava o estado de vigilância montado pela polícia. Os laráprios vindos de fora tinham dificuldades em praticar crimes, visto as dificuldades da fuga. A revista Aquarela relata um destes exemplos, ocorridos em 1922. Diversas pessoas jogavam nos fundos do Café Paulista, quando um dos apostadores, que havia perdido muito dinheiro no jogo, de arma em punho, anunciou o assalto ao proprietário Manoel Costa Júnior. Após passar “a mão na gaita”, fugiu pela frente do estabelecimento. Em pouco tempo, a polícia descobriu que ele encontrava-se hospedado no Hotel Central, indo até lá. Arrombada a porta do quarto, houve intensa troca de tiro, até que a polícia conseguiu

⁹² Fonte: Tabelas Situação cultural delinquência e suicídios. II. crimes verificados, segundo as unidades da federação 1942. Repressão I reclusos nas penitenciárias do país 1943. Movimento e características individuais. Motivos determinantes da condenação. Sistema Regional e Serviço de Inquéritos, da Secretaria Geral do IBGE. Anuário estatístico do Brasil 1941/1945. Rio de Janeiro: IBGE, v. 6, 1946

⁹³ SEQUEIRA, Vânia Conselheiro. *Porque o carcereiro não deixa as portas da prisão abertas?* In: Revista Interações. São Paulo: Universidade de São Marcos, n.18, v.IX, jul-dez/2004, p.61-74 [disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/354/35401804.pdf> – acessado em 10/4/2006]

⁹⁴ JP, 4/5/1930 O ingresso de indesejáveis, p.3

prender o meliante debaixo da cama.⁹⁵

Freqüentemente, o Jornal do Povo publicava com ênfase o recolhimento de subalternos ao xadrez. Em 1933, elogiou o delegado por ter prendido cerca de 30 indivíduos, entre “desordeiros”, “vagabundos” e “ladrões contumazes”, colocando-os em atividades comunitárias – “ocupação de real proveito para a coletividade” – como limpar ruas e reparar estradas do interior.⁹⁶

Nesta época era comum congregações religiosas tentarem “salvar” os “perdidos”, através de iniciativas que buscavam reformar os encarcerados, dando-lhes “assistência moral”. Em 1933, a Igreja Metodista organizou a comemoração do “Dia das Mães” na cadeia, com distribuição de brindes e “conforto moral”. Para o articulista Ravengar, os discursos proferidos na ocasião marcaram nova etapa de progresso aos encarcerados, principalmente o feito pelo Promotor Público: “Quem o ouviu, como eu, acompanhando o efeito produzido na fisionomia de cada detento, pode, certamente, aquilatar do valor da cerimônia e ficou convencido de que, quanto menos, o Capitão Oliveira Mesquita conseguiu dos presos esse resultado grandemente educador: levá-los à reflexão, levantar-lhes as vistas para o bem”.⁹⁷

Com objetivo semelhante, as irmãs da ordem católica de Nossa Senhora das Lágrimas realizaram, em 1935, festa em comemoração da ressurreição cristã na Páscoa, no “recinto lúgubre do cárcere”. O evento foi descrito pelo monsenhor Wilmar Falcão Jalbarino de forma a exaltar as possibilidades de redenção:

Em regozijo pelo dia mais feliz dos miserandos encarcerados que, pela primeira vez na vida tiveram a felicidade inaudita de receberem por intermédio da Sagrada Comunhão, o Senhor do Universo, esse mesmo Redentor que por amor as criaturas sacrificou-se em Holocausto para redimir as culpas da humanidade, para poderem, assim, num determinado dia, gozarem de uma das inúmeras moradas que, após a terrenal, está reservada a todos aqueles que souberem observar, estritamente, as suas santas leis. E é por tudo isso que os humildes encarcerados dessa progressiva e moderna cidade, de coração palpitante, prenhe de encantamento e a transbordar de gratidão, num nobre gesto de reconhecimento sincero, comovidos ao extremo, agradecem com alma vibrante a caridade que certas almas lhes prodigalizaram.⁹⁸

Apesar das tentativas de salvação através da moral religiosa, a cidade viu crescer o número de detentos, sem infra-estrutura correspondente. O cronista O.M. ironizou a falta de veículo apropriado para a condução de presos. Sonhou com a aquisição duma “viúva alegre”.⁹⁹ Em 1939, o Jornal do Povo denunciou a falta de estrutura da cadeia civil, principalmente com relação à super-lotação: “Encontram-se ali para mais de 30 presos. Como

⁹⁵ GUIDUGLI, Humberto Atilio. *Assalto à mão armada*. Revista Aquarela, n.7, dez/1958

⁹⁶ JP, 12/3/1933 Noticiário. Pela polícia, p.3

⁹⁷ JP, 18/5/1933 Pelo encarcerado. Ravengar, p.2

⁹⁸ JP, 5/5/1935 Uma festa religiosa na cadeia Civil. Mons. Wilmar Falcão Jalbarino, p.1

⁹⁹ JP, 26/5/1935 Ditador de Cachoeira. Foi um sonho, nada mais. O.M., p.1

se sabe, o presídio cachoeirense não pode conservar-se longo tempo com tão avultado número de presos”.¹⁰⁰ Nos anos seguintes, intensificaram as notícias de fugas de presos, como a do motorista Sabino Machado Pedroso, “de cor preta, solteiro, de 28 anos de idade”, que respondia processo por crime de furto.¹⁰¹

Embora tenha aumentado o número de crimes e mesmo a população carcerária, com a entrada do Brasil na guerra, muito das críticas relativas a segurança foram amainadas. As agressividades internas voltaram-se para fora e a própria questão da exigência de melhorias sociais diluíram-se frente ao “inimigo externo”. Assim como os desfiles triunfais usados pelo nazismo na Europa para desviar o foco das atenções internas, as manifestações cívicas por todo Brasil serviram para enaltecer virtudes nacionalistas, generalizando os brasileiros numa vala comum, como se não existissem graves conflitos sociais internos. No Rio Grande do Sul, em especial Cachoeira, as manifestações nacionalistas precisaram ser justificadas de maneira singular, tendo em vista o grande número de descendentes de alemães e italianos. Isso pôde ser visto no comício de março de 1942, onde o Jornal do Povo contemporizou a influência nazi-fascista entre as comunidades ítalo-germânicas, ressaltando suas contribuições.¹⁰²

Paralelamente, as iniciativas de defesa no período belicoso serviam para aproximar o clima do front, criando áurea de medo e união entre a população. Exemplos como a organização de comissão anti-aérea, exercício de blecaute, construção de abrigos e trincheiras, ou até aspectos considerados sobrenaturais, como a criança cachoeirense que nasceu com um “V” na frente, sinal que simbolizaria a vitória dos aliados contra o eixo.¹⁰³ O primeiro exercício de blecaute em Cachoeira ocorreu às 20 h 30 min do dia 20 de outubro de 1942, quando foi dado o sinal para o escurecimento total da zona urbana e suburbana, através de sirenes, sinos das igrejas e apitos das fábricas.¹⁰⁴ O articulista Braz Camilo ironizou o exercício, comparando-o a qualquer outra noite na cidade: “Há dias que vinha me preparando, e, quando chegou a ocasião, também não vi níquel. Escuridão completa. Se isso é blecaute, há tempo que estou nocaute...”¹⁰⁵

¹⁰⁰ JP, 6/4/1939 A cadeia civil desta cidade está superlotada, p.3

¹⁰¹ JP, 29/8/1940 Dois presos evadiram-se da cadeia civil desta cidade, p.3 e 24/2/1944 Noticiário. Evasão de preso da cadeia civil, p.3

¹⁰² JP, 19/3/1942 O comício de Cachoeira, p.1

¹⁰³ JP, 4/10/1942 Reuniu-se, ontem, a Comissão de defesa passiva de Cachoeira, p.2, 10/9/1942 Nasceu com um V na frente, p.3 e 11/10/1942 No dia 20, terá lugar o primeiro exercício de “black-out” em Cachoeira, p.2

¹⁰⁴ JP, 22/10/1942 Cachoeira teve, anteontem, o seu primeiro exercício de “black-out”, p.2

¹⁰⁵ JP, 22/10/1942 Braz Camilo. Blecaute, p.1

7.5. Tipos urbanos: a invenção da subalternidade miserável

Aos subalternos incivilizados e desordeiros, mendigos, vagabundos, pardos e negros, prostitutas das zonas e pensões, mulheres defloradas ou desvirtuadas, jogadores contumazes, alcoólatras e beberrões, menores delinqüentes, apenados e encarcerados evadidos, enfim, a toda espécie de rafa, aqueles que a elite refugava do convívio social, somava-se os tipos miseráveis ou diferentes, que perambulavam pelas ruas de Cachoeira.

Esses personagens urbanos eram comuns desde fins do século passado. Numa visão alegre e otimista do passado cachoeirense, em várias edições da revista *Aquarela*, Humberto Guidugli relembrou alguns desses tipos esdrúxulos que dividiam espaço com a elite cachoeirense, antes das transformações urbanas dos anos 20. Um deles era Jacinto Bastos, “preto como a noite mais escura”, baixo, manco, mais de 60 anos, fisionomia tétrica, principalmente quando ria, e defeituoso nas costas. Tinha sido escravo de uma família cachoeirense. Quando caminhava, gesticulava e gingava espantosamente, enquanto emitia sons cavernosos, dando a impressão de verdadeiro urso, motivo do seu apelido “Jacinto Urso”. Na calada da noite, subia nos telhados das casas e soltava gritos estridentes e em seguida sumia, deixando todos amedrontados. Por conta dessas brincadeiras, às vezes fazia “descanso reparador” atrás das grades do “xilindró”.¹⁰⁶

Outro era o “Negro Osório”, profissão ferreiro, que “bebia tanto que seu rosto preto ficava lustroso e mais aveludado”. *Bon vivant*, apesar do pouco crédito nos armazéns, freqüentemente abandonava o emprego e ia passear em outras cidades durante meses. Ao voltar, apresentava-se como bacharel, vestindo-se sempre a rigor. Numa ocasião, entrou num clube fardado de capitão. Sentou-se à mesa e pediu conhaque, iniciando palestra divertida que chamou atenção de todos. Um dos que faziam parte da conversa era coronel do exército que achava-se em trajes civis e conhecia o sujeito. Começou a puxar assunto militar, “rindo com diplomacia das aperturas das respostas dadas pelo *Ludendorf* africano”. Terminada a cena, deu voz de prisão, fazendo com que o falso “capitão” fugisse pela janela.¹⁰⁷

Na edição do Centenário de Cachoeira do Sul, Braz Camilo recordou do Bonifácio, maltrapilho que vivia na praça central e freqüentemente falava sozinho ou perguntava exaltado: “quem manda aqui, hein vagabundo?”, respondendo na mesma entonação: “Sou eu, o galo velho”. Se dizia parente de João Neves da Fontoura, a quem chamava de “sem-vergonha”. Não afastava-se das circunvizinhanças da praça. Era assíduo freqüentador dos botecos. A gurizada, escondida, chamava-o de “lombo-sujo” ou outros apelidos

¹⁰⁶ GUIDUGLI, Humberto Atílio. *Jacinto urso*. Revista *Aquarela*, n.8, mar/1959

¹⁰⁷ GUIDUGLI, Humberto Atílio. *Assalto à mão armada*. Revista *Aquarela*, n.7, dez/1958

escarnecedores, que deixavam-no embravecido. Morreu numa noite de frio, num dos bancos da praça.¹⁰⁸

Como complemento do saneamento e das transformações urbanas da zona central, efetuadas no primeiro quartel do século XX, foi preciso retirar de cena aqueles que não combinavam com a nova paisagem desejada pela elite. Logo nas primeiras edições em 1929, o *Jornal do Povo* abriu espaço para noticiar os miseráveis urbanos, quase sempre com adjetivos pejorativos e detalhes fisionômicos, na tentativa de traçar o caráter dos desvalidos e exigir solução das autoridades. Assim como em outras notícias impugnando os indesejáveis, o jornal iniciava com a descrição irônica do sujeito, procurando dar tom valorativo da sua ação, mas tentando mostrar justamente o contrário, com intenção depreciativa e sarcástica. Exemplo da situação foi a notícia do homem, “de cor preta”, que dormia ao relento – “tranqüilamente, sem ser incomodado” – na calçada fronteira da usina elétrica, em plena praça José Bonifácio: “Cerca das 22 h, o grande boêmio se recolhe ao seu ‘apartamento’, sobraçando alguns trapos velhos que lhe servem de travesseiro e coberta. Deita-se e ali amanhece, completamente sossegado, satisfeito e feliz, rindo-se às vezes dos que passam tiritando de frio, mesmo encapotados, nestas noites invernosas”. Por fim, o jornal apelava para a conotação caridosa – “O infeliz homem não encontrou até hoje quem o abrigasse” – implicitamente exigindo a solução: “Aí está um caso que bem merece uma providência das almas bem formadas”.¹⁰⁹

Nessa mesma época, o JP publicou a prosa de S., intitulada *Tipos de rua*. Começava exaltando os miseráveis – “Ó que seja vagabundo!” – para, em seguida, ligar sua ociosidade à filosofia “fácil” e “barata”, inspirada pela “intimidade” com a “branquinha”, designação popular da cachaça, sinalizando o alcoolismo do sujeito. No transcorrer do texto, a questão da bebida é retomada. O errante vaga sem rumo pela cidade, noite e dia. Os pontos de seu itinerário eram as “vendas”, onde procurava “inspiração engarrafada”. Tal atitude afrontava os preceitos morais do trabalho: “todos os demais bípedes não passam de perversos vagabundos que enchem a terra com o exemplo humilhante do trabalho. Poderá haver coisa pior, mais degradante, do que trabalhar?” Ironicamente, o prosista ressalta a inversão dos princípios que regiam o desocupado: “Vagabundo, deve, portanto, ser aquele que trabalha, que foge a regra divina da bem-aventurança paradisíaca, pois que o mundo deve ser, depois do batismo, a mesma e luminosa mansão edênica a quem nem faltam as mesmas Evas com a suas macas”.

¹⁰⁸ CAMILO, Braz. *Tipos velhos* In: GUIDUGLI, Humberto Attilio. *Centenário de Cachoeira do Sul*, op.cit., 1959, p.15

¹⁰⁹ JP, 14/7/1929 Noticiário: Um homem que dorme ao relento, p.1

Semelhante inversão de valores ocorria quando os passantes achincalhavam sua vã filosofia, quando conversava sozinho “com seus botões” e mostrava “conhecimento profundo da miséria humana”. Eles não sabiam apreciar a “beleza de suas idéias”, a “grandeza de seus pensamentos”. Anatematizava, excomungava, execrava e condenava na mesma medida que os curiosos desdenhavam-lhe. A caracterização física e o temperamento também serviam para traçar o perfil do errante. Numa pequena mostra do embate entre moral cristã e capitalismo, a barba representava “pretensões nazarenas”, pois crescia “como selva bravia onde o machado e a foice não entram”.¹¹⁰

A retirada dos subalternos da área saneada e urbanizada do centro é vista pela imprensa, porta-voz da elite, como necessidade premente. Para o JP, exemplos como de José Maria da Silva, esmoleiro, tido por leproso que andava a cavalo mendigando pelas ruas centrais da cidade, deveriam ser solucionados urgentemente, pois tratavam-se de casos de higiene pública. O polêmico caso teria despertado a opinião pública, ou, em outras palavras, a opinião daqueles que concordavam com as colocações do jornal. Várias pessoas teriam elogiado a denúncia, algumas indicando outros enfermos que também estariam “atentando contra a saúde pública”. O caso encerrou quando os funcionários da Higiene Municipal procuraram o dito leproso, verificando que não sofria de mal algum. A perda dos dedos, possível sinal da doença contagiosa, teria sido motivada por acidente de trabalho.¹¹¹

Alguns articulistas exploravam o lado trágico da vida errante, numa tentativa de justificar a atitude dos necessitados e despertar a filantropia. Coincidentemente, utilizavam iniciais para poder eximirem-se das críticas por defender os que esmolavam. O.M., em crônica intitulada *Nótulas*, publicada em 1933, apelou para a piedade que deveria ter-se frente ao “doloroso quadro” oferecido pelo aleijado Manoel dos Santos aos que passavam na Sete de Setembro, principal artéria da cidade, no trecho entre o Hotel América e a Casa Allaggio. A narrativa traz à lembrança drama quase lírico, onde os sentimentos íntimos são explicitados através da compaixão: “O infeliz é posto ali na calçada pela manhã e somente retirado á noite. Vive de esmolas que lha dão. Comer, nem sempre come. As moscas varejeiras são a sua única companhia. As vezes, um cão, igualmente desgraçado, mas talvez possuindo coração melhor do que os humanos, fica horas inteiras ao seu lado, como uma mancha de sombra junto a outra sombra...” Por fim, vale-se do conselho cristão – “amai-vos uns aos outros” – para tentar

¹¹⁰ JP, 11/8/1929 Na vida intensa da cidade. Tipos de rua. S., p.4

¹¹¹ JP, 25/8/1929 Um caso. Esmoleiro José Maria da Silva, p.3, 5/9/1929 Esmoleiro leproso, p.1 e 8/9/1929 Noticiário. Um esmoleiro leproso, p.3

despertar a complacência alheia. Entretanto, na solução que aponta, subjaz a finalidade de retirar de cena o indigente, levando-o para longe das vistas dos transeuntes.¹¹²

O desfecho do caso foi tratado de forma sarcástica pelo jornal. Mafalda Schneider, então com 4 anos de idade, presenteou o estropiado com uma cadeira de rodas, acessório que lhe permitiu continuar mendigando no local. Embora o jornal tenha elogiado a iniciativa – “todos os dias ao passar pelo coitado enchia-se de pesar ao vê-lo tão infeliz, sem poder andar, sem quase poder mexer-se, chumbado o dia inteiro aquelas duras pedras da calçada, na dolorosa expectativa de ganhar tostões para matar a fome” – indiretamente menosprezou o presente, afirmando que o “pobre Manoel dos Santos” ganhara seu “trono”.¹¹³

Em outra oportunidade, o mesmo articulista escreveu *A tragédia da vida*, onde discorreu sobre Aparício, tuberculoso que pedia esmolas de porta em porta. Da mesma forma, narrou a cena tétrica, em que o “infeliz rapaz” padecia de sofrimento, sentado num dos bancos da praça José Bonifácio. A descrição novamente evoca o lirismo dramático: “Lívido, escarrando sangue, o desditoso parecia ver chegado o seu instante final, o instante feliz e abençoado em que a morte o viesse buscar pondo um fecho derradeiro nos seus padecimentos”. Mas, assim como dois anos antes, a narrativa esconde o objetivo maior do autor, de atentar para o possível contágio da doença: “atraídas por aquele espetáculo de dor e de miséria, achavam-se várias crianças que, desconhecendo o perigo do contágio do terrível *morbis*, contemplavam o infeliz, dirigindo-lhe perguntas sobre perguntas... Destino triste o de certas criaturas! Isto não é sonho... é realidade pura, meus senhores!”¹¹⁴

Esse sentimento fraterno para com os desvalidos eventualmente desencadeava ações por parte da elite, muito mais numa perspectiva de mostrar-se caridosa frente aos demais membros da sociedade do que imbuída de índole generosa, embora a imprensa quisesse demonstrar a presteza do ágape cristão. Para muitas senhoras burguesas, a caridade possibilitava a salvação dos pecados mundanos. Na falta do que fazer, doavam parte do seu tempo para auxiliar pobres e enfermos. A organização do “Dia do mendigo”, em junho de 1931, é exemplar nesse sentido por colocar a iniciativa como sendo a “verdadeira caridade”, na medida em que socorria, na estação “hibernal”, os “verdadeiros pobres e necessitados”, “velhos e crianças” que não podiam trabalhar e não dispunham de recursos para adquirir agasalhos, passando “dias e noites enregelados”, sofrendo as “conseqüências de suas

¹¹² JP, 30/4/1933 Nótulas. O.M., p.1

¹¹³ JP, 28/12/1933 O pobre Manoel dos Santos ganhou um trono, p.2

¹¹⁴ JP, 9/6/1935 A tragédia da vida. O.M., p.1

enfermidades”. A pretensa generosidade cai por terra quando, em outra página do jornal ou mesmo na edição seguinte, são listados os nomes dos que doaram algo para os festejos.¹¹⁵

No cotidiano, a situação de mendicância situava-se no plano dos problemas a serem solucionados. Assim como no caso da chamada “infância pobre”, que associou a menoridade ao conceito de marginalidade em situações de delito e o abandono infanto-juvenil como prenúncio do crime, a vadiagem também era pensada como caso de polícia. Em 1934, em matéria sobre o “problema da mendicância” em Cachoeira, o jornal alerta para o aumento “contínuo” e “alarmante” do número de pedintes, mesmo a cidade não tendo instituição oficial de amparo à pobreza desvalida. Raro era o sábado – “dia conveniado para se fazer caridade” – que não se formasse verdadeiro “cortejo de pedintes” percorrendo as principais ruas da cidade, muitos desses menores de idade, crianças que, pelo fato de esmolarem, “por incumbência de seus pais”, acabariam formando caráter em ambiente “nocivo ao desenvolvimento de suas faculdades morais”, tornando-se “inúteis” e “prejudiciais” para a sociedade.¹¹⁶

Nos anos 30, era comum os indigentes considerados “alienados” serem retirados de circulação e enviados para o hospício São Pedro, em Porto Alegre.¹¹⁷ Aqueles que eram tidos por meros vadios, também podiam ter sua liberdade cerceada, mas em cárcere comum, junto com bandidos, assaltantes e ladrões. Em 1938, o delegado de polícia, capitão Waldomiro Carvalho Bernardes, declarou “guerra à vagabundolândia”.¹¹⁸

Na mesma época, de forma embrionária, começaram a aparecer algumas soluções alternativas para acabar com o chamado “triste espetáculo da mendicância”, como a construção de residências próprias para os mendigos.¹¹⁹ Essa mudança de atitude deu-se nacionalmente, em parte como resposta pelo aumento populacional causado pelo incipiente êxodo rural e pela própria época de guerra, que se avizinhava na Europa, e que acabou por provocar carestia de gêneros alimentícios principalmente entre os subalternos. Segundo Cezar Honorato, além dessas razões estruturais, a expressiva mudança com relação ao cuidado com os miseráveis fez parte da própria essência do Estado Novo, que primou pela reforma administrativa, estatizando muito das relações sociais, fazendo com que o poder público passasse a corrigir, acomodar ou reprimir tais demandas. Embora o governo federal tenha lançado mão inicialmente do discurso humanista cristão e alguns técnicos tenham sido

¹¹⁵ JP, 18/6/1931 Dia do mendigo, p.1, 18/6/1931 Noticiário. O dia do mendigo, p.3 e 25/6/1931 Noticiário. O dia do mendigo, p.3

¹¹⁶ JP, 18/1/1934 O problema da mendicância em Cachoeira, p.1

¹¹⁷ JP, 28/4/1935 Noticiário. Alienados, p.2

¹¹⁸ JP, 12/5/1938 Ocorrências policiais. Guerra à vagabundolândia, p.3

¹¹⁹ JP, 15/5/1938 Noticiário. Está em vias de ser resolvido o problema da mendicância na cidade, p.3

oriundos da militância católica, o varguismo estabeleceu a assistência social como profissão, para atuar de forma neutra, científica e apolítica, não tratando-se, portanto, de trabalho caritativo nem missionário. Ao incorporar grande parcelas da população na condição de subalternidade, Getúlio Vargas consolidava a imagem de “pai dos pobres”.¹²⁰

No início da década de 40, a imprensa cachoeirense engajou-se nessa nova concepção, através da maior abertura editorial para justificar o auxílio dos desvalidos. Se ser mendigo era negócio em várias cidade, em Cachoeira o pobre era mesmo pobre ou “honestamente pobre”, pois verdadeiramente levava uma vida de cão.¹²¹

Nesse contexto de provar a inocência dos subalternos, o Jornal do Povo publicou, em julho de 1941, longa descrição dos tipos populares ou “figuras vulgares” cachoeirenses. Perambulavam pelas ruas centrais a “filósofa” Virgilina, os bizarros Pedro Lord e Lindor, que discursavam alternando sanidade e normalidade. O texto relembra antigos moribundos: Rita dos Cachos; o “preto” Miguel do Balaio, que só saía à noite; Tio Estevão, que transitava diariamente pelas ruas cantando para “afugentar as tristezas” e acabou servindo de inspiração teatral para Companhia Ribeiro Cancela; Capitão Zuavo, “crioulo velho” veterano da Guerra do Paraguai, que costumava passear pelas ruas, ostentando imponente farda, repetindo que “Caçapava morre seca e não se entrega!”; Cangica, que ficava violento quando alguém chacoteava-lhe; João Rabequinha, “índio velho” que, aos sábados, percorria as ruas da cidade tocando rabeça acompanhado por bando de cachorros, e aos domingos, fazia visitas, levando uvas do seu parreiral; ou mesmo Bonifácio, vagabundo difamado porque, quando embriagado, tornava público particularidades da vida íntima das famílias tradicionais, descrevendo pormenores dos incidentes e desfiando imenso “rosário de desaforos” e “podres”. Numa visão distorcida, o jornal colocou esses personagens como aqueles que “contribuíram para fazer desaparecer a monotonia das ruas” de Cachoeira, esquecendo do tratamento dado anos antes.¹²²

Na esteira da preocupação social com os desvalidos, o governo federal fundou a Legião Brasileira de Assistência (LBA). Inicialmente, órgão destinava-se a amparar as famílias dos pracinhas que lutavam na Itália, mas rapidamente foi transformada na “grande agência de atendimento às necessidades dos miseráveis e desvalidos”.¹²³ A sucursal

¹²⁰ HONORATO, Cezar, *Estado Novo e cidadania: a assistência social em discussão*. In: Revista Anos 90, Porto Alegre/RS: PPG História UFRGS, n.8, dez/1997, p.14-29

¹²¹ JP, 17/12/1939 Em Cachoeira, hoje em dia, nem ser mendigo é negócio, p.6

¹²² JP, 27/7/1941 Os tipos populares de Cachoeira, p.3

¹²³ HONORATO, Cezar, *Estado Novo e cidadania: a assistência social em discussão*. op.cit., 1997, p.26. Segundo ele, o *New Deal* do presidente norte-americano Roosevelt foi a grande inspiração para a América Latina, em especial para o Brasil, como forma de enfrentamento da crise de 1929. até então, a participação do

cachoeirense foi fundada em 11 de novembro de 1942, sob a presidência de Eni Barreto Carlos e staff constituído por membros oriundos da Associação do Comércio e Indústria de Cachoeira: Ivo Becker (secretário), João Carlos Xavier (tesoureiro), Jaime Machado, Araci Machado Alves, Moisés Lima e Carlos Müller Sobrinho (vogais).¹²⁴ Para o jornal, a iniciativa representava alçar Cachoeira ao patamar de cidade “adiantada”,¹²⁵ mais por retirar os indigentes das ruas centrais do que qualquer outra coisa, atitude reforçada com a posterior organização da Secretaria de Assistência (SCAN), resposta municipal para o aumento da mendicância.

As críticas foram direcionadas para o fato de que muitos dos subalternos fichados na repartição acabavam mendigando nas ruas após receberem auxílio. Em março de 1944, o jornal publicou matéria intitulada *A Esquina das Almas Perdidas*, denunciando “pardieiro” existente na esquina das ruas Quinze de Novembro com General Osório, em pleno centro da cidade, onde estariam vivendo 9 mulheres, 13 crianças e 4 homens, em completa miserabilidade, “dormindo no chão, tendo como coberta a luz das estrelas, que se escoam através dos buracos de um teto prestes a desabar, e donde as tábuas do forro, executando equilibrísticas ginásticas, se balançam como verdadeiras espadas de Demócles”. Segundo a reportagem, somente um dos moradores tinha emprego. As crianças é que “salvavam” a situação, pechinchando pelas ruas da cidade. A SCAN atendia um dos moradores, repassando-lhe em torno de “cinco cruzeiros semanalmente”, quantia insuficiente para comprar pão e leite diariamente para os 26 indigentes.¹²⁶

Estado brasileiro no atendimento às demandas sociais, particularmente aos excluídos, variava de pouca, como na educação, a nenhuma, como na saúde, habitação, alimentação, emprego e assistência social. De certo modo, a emergência da pacificação social foi uma resposta conservadora para os problemas oriundos do processo de urbanização e curso, na medida em que distribuía “migalhas sociais” e fazia com que trabalhadores e não-trabalhadores acreditassem no caráter democrático e igualitário do capitalismo (dupla alienação). Mesmo longe do pleno reconhecimento do direito à plena cidadania, as mudanças do Estado Novo, no que se refere ao enfrentamento da miserabilidade e das demandas sociais, passaram a fazer parte da realidade política brasileira como um todo, desde então.

¹²⁴ PORTELA, Vitorino; PORTELA, Manoel de Carvalho. *Cachoeira Histórica e Informativa*. op.cit., 1943, p.314

¹²⁵ JP, 10/1/1943 Notas locais, p.4

¹²⁶ JP, 19/3/1944 A esquina das almas perdidas, p.6 e 22/1/1947 Diversas. Uma esmola por amor de Deus..., p.3. De acordo com cálculo da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul [www.fee.tche.br - acessado em 12/4/2006], Cr\$ 5,00 em janeiro de 1945 corresponderiam atualmente a R\$ 6,13

Considerações finais

Defendi, até aqui, a tese de que nos anos 1930-45, os *outsiders*, ao ocuparem o espaço urbano central de Cachoeira do Sul, em especial o espaço compreendido no entorno da praça José Bonifácio, desorganizaram a ordem imposta na cidade pela elite, segundo a visão do Jornal do Povo. Objetivei mostrar como o JP construiu uma dada imagem da cidade de Cachoeira do Sul no período focado e das elites que nela habitavam e como esse veículo de comunicação narrou a organização e a desorganização da cidade neste breve período de tempo. Nessa trajetória destaquei como a elite local construiu esse espaço urbano para si, principalmente na metade final da década de 20 como diferenciou-se, através do fazer cotidiano e como lidou com as interferências dos *outsiders*. Verifiquei, assim, de que forma a distinção social foi se refletindo nas práticas cotidianas da elite cachoeirense em contato com os grupos subalternos que pouco-a-pouco migravam para a cidade, ao longo dos anos 1930-45. Procurei, desse modo, entender as práticas cotidianas da elite local e a apropriação que os subalternos fizeram desse espaço porque isso possibilitou levantar parte do véu que encobria o embate simbólico existente nessas relações, tornando mais claro perceber a sociodinâmica da estigmatização que a elite lançou sobre os migrantes subalternos ou *outsiders*.

Partindo da idéia de nostalgia e idealização do passado pela elite cachoeirense nos anos 80-90, fui em busca da cidade que as elites falavam quando se voltavam para o passado através das páginas do jornal, do ambiente rememorado pelas reportagens, editoriais e pelos cronistas habituais, do que caracterizava a cidade de Cachoeira do Sul (re)lembrada para despertar tal sentimento de forma generalizada entre a elite cachoeirense, do que se fazia na época e deixou-se de fazer posteriormente, a ponto de despertar tanta saudade.

Para entender essas questões, analisei inicialmente as duas primeiras décadas do surgimento do Jornal do Povo, as implicações político-partidárias deste porta-voz da elite

cachoeirense que, ao adotar a postura “oficialista” durante o período Vargas, reproduziu para a sociedade local a ideologia própria do momento histórico em questão, como os discursos em favor dos interesses da minoria moradora do centro urbano, em detrimento aos subalternos que invadiam a cidade, com críticas sistemáticas, discurso esse visto nos mais diferentes aspectos.

Em seguida, analisei a ocupação luso-brasileira do território gaúcho, em especial o cachoeirense, feita através das sesmarias doadas aos que defendiam o território com armas em punho ou mesmo de pequenos lotes a famílias açorianas para alimentar as tropas. Também a ocupação posterior dos imigrantes alemães e italianos, dentre outras etnias, que exploraram gêneros alimentícios destinados ao mercado interno, algo que desencadeou profundas mudanças no desenvolvimento econômico do sul do país. Foram eles que desenvolveram a cultura rizícola na região, possibilitando a emergência da ordem urbano-industrial no município, concentrado na sede, através de investimentos privados e públicos. A transformação urbana em fins dos anos 20, possibilitada pela pujança agrícola, desencadeou verdadeira revolução que fez da zona central palco do confronto simbólico entre aqueles que pertenciam a elite, que buscavam diferenciação social através do refinamento dos hábitos praticados no dia-a-dia, e os subalternos, que passaram a ocupar o espaço de forma fremente nos anos 30 em diante.

Seguindo esse raciocínio, analisei os aspectos econômicos envoltos na Cachoeira das décadas de 30-40, momento em que o perfil demográfico se transformou gradativamente, com a prevalência do urbano sobre o rural, potencializado pelo processo de industrialização em curso, iniciado em fins do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, mas consolidado durante o Estado Novo e nos anos subsequentes. Industrialização essa voltada essencialmente aos mercados locais, atendendo consumidores através de diversificada produção, que cresceu em ritmo acelerado, atraindo cada vez mais migrantes para as cidades. Foi nesse contexto que Cachoeira do Sul acabou beneficiada, tendo crescimento econômico elevado, impulsionada que fora por abastecer o mercado interno, em grande parte regional, e viu muitas fábricas, principalmente na produção de gêneros alimentícios, em especial o arroz, instalarem-se em seus limites. A industrialização gerou impacto na ampliação do comércio e serviços, além de desencadear necessidades em termos de infra-estrutura.

O ritmo dessas mudanças econômicas e populacionais afetaram Cachoeira do Sul nas décadas seguintes e influenciaram sobremaneira as modificações do espaço urbano cachoeirense. Com as reformas concretizadas em fins dos anos 20, Cachoeira se tornaria sinônimo de cidade progressista para os padrões da época, como se industrialização e

urbanização completassem a idéia de modernidade nesse tempo. Entretanto, tais reformas excluíram a população subalterna do processo, segregando-os territorialmente, incorrendo na desigualdade espacial.

Tendo como porta-voz o *Jornal do Povo*, a elite local exigiu telefones, força motriz, rodovias, ferrovias, navegação plena no rio Jacuí e porto para escoar a produção dos rizicultores, intervenção estatal para financiamento da produção de arroz; promoveu a *Festa do Arroz*, cujos festejos tiveram caráter eminentemente elitista, como o concurso da escolha da rainha; criticou o crescimento populacional e a conseqüente falta de espaço para abrigar os migrantes subalternos, resultando na expansão dos subúrbios, algo que teria enfeado o município e feito aumentar impostos; viu-se obrigada a ampliar os serviços de saúde curativa, com a ampliação do hospital para abrigar doentes pobres, e preventiva, tratada como caso de polícia por envolver desordens e conflitos; lutou pela manutenção do espaço urbano central frente a invasão dos “bárbaros”, com reclames sobre os aspectos fisionômicos das praças e arquitetura predial; defendeu a varrição das ruas, iluminação pública e ordenação do espaço.

Auxiliando na consolidação da infra-estrutura citadina central, os editores do *Jornal do Povo* defenderem veementemente ideais elitistas, também em seus aspectos cotidianos: na forma diferenciada em tratar as congregações religiosas; nas regras de convívio e etiqueta ao exigir elegância dos freqüentadores do espaço público, em especial das praças; na valorização das recepções oferecidas em ambientes privados; no empolamento aristocrático dos eventos sociais; na sobrevida e perpetuação da diferenciação social através dos relacionamentos afetivos; nas campanhas em nome da moralidade, condenando atos desonrosos; na exigência de reverência aos mortos; na distinção da forma de noticiar falecimentos. Nessa valoração das atividades cotidianas elitistas, o jornal incentivou banhos ao ar livre e esportes praticados em público, lazer nos cafés e confeitarias, cinemas, teatros e recitais, clubes e sociedades, bailes e carnavais. Ao mesmo tempo, criticou o entretenimento dos subalternos, como circos e parques de diversões, culpando-os pela desordem e turbulência.

Foi narrando os *outsiders* que o *Jornal do Povo* mostrou sua face mais elitista. Imputou aos deserdados os problemas que tinham de ser mantidos fora do cotidiano da sociedade dita civilizada, pois representavam insegurança, crime, barbárie e perdição, portanto ameaçavam. Os subalternos não tiveram rosto ou voz na imprensa. Foram notícia ao quebrarem a rotina da vida urbana da elite. Apareceram no jornal de forma desvalorizada. A prostituição incomodava pela proximidade dos prostíbulos e pensões com a área sanada. A mendicância foi vista como sinônimo de vagabundagem. Condenou-se os atos incivilizados na mesma medida em que se praticou a discriminação racial. Ocorrências policiais motivaram

advertências disciplinadoras vinculadas através da imprensa. O moralismo simulado da elite abundou nas páginas do JP através da aversão às desavenças, aos crimes em menor ou maior grau, aos furtos, ao alcoolismo ou ao vício da jogatina. Esses pressupostos discriminatórios atingiram indistintamente a “infância pobre”, pois viu-se no abandono moral e material dos menores subalternos o caminho natural para a criminalidade. O Estado policialesco foi instaurado para conter os “de baixo”, mantê-los afastados do dia-a-dia do círculo social da elite. Mesmo os tipos miseráveis ou diferentes, que perambulavam pelas ruas de Cachoeira, sofreram desse desdém. Eles não combinavam com a paisagem desejada pela elite. Portanto, foram defenestrados pelo Jornal do Povo, com adjetivos pejorativos e detalhes fisionômicos, na tentativa de traçar o caráter dos desvalidos e exigir solução das autoridades.

Foi desta forma que tentei mostrar o impacto dos *outsiders* na ocupação do espaço urbano central cachoeirense, incorrendo, segundo o Jornal do Povo, na desorganização da ordem imposta pela elite local. Entendo que essa “invasão bárbara” foi tão avassaladora para a elite que esse período permaneceu na memória das gerações seguintes.

Nos anos 1980-90, a nostalgia que acabou potencializada em Cachoeira do Sul – através de crônicas, charges, reportagens e demais matérias publicadas no jornal – fora posto como algo generalizado para toda coletividade e não somente de determinada parcela da população, como era de fato.

Como mostrei no Prólogo, através da análise textual do JP, a nostalgia dos anos 80-90 não cessa de remeter-se a uma suposta crise econômica local, no sentido de perda da posição cachoeirense em relação às demais cidade do Estado, crescimento menor que o esperado e que causaria, como conseqüência, certa frustração entre os da elite, senão aqueles estabelecidos dos anos 30-45, mas ainda assim uma elite local, seja ela cultural ou informacional.

Entendo que o impulso maior da nostalgia, potencializada através da imprensa, não seja diretamente a chamada crise econômica e hierárquica de Cachoeira. Ponho em dúvida o fato dos formadores de opinião insistirem em buscar o passado perdido por quererem maior crescimento econômico, a volta dos tempos áureos, conseqüência dum altruísmo, despreendimento, abnegação, filantropia, amor ao próximo, nem porque o retorno da abundância econômica permitiria justiça social, melhorando a vida dos moradores da periferia para amansá-los, para que não provoquem a violência que tanto amedronta a elite. Uma em razão do individualismo moderno; outra porque o crescimento econômico atrairia migrantes para a região, provocando inchaço populacional, desencadeando problemas urbanos como a violência.

Na minha opinião, no recôndito desse sentimento nostálgico está a perda do espaço público, ocupado preferencialmente pela elite, espaço outrora pasteurizado, livre dos incômodos dos subalternos. O que incomoda esses nostálgicos é a diversidade urbana, imagem não-homogênea que distancia-se da cidade dos anos 20, imagem que tomou forma mais aproximada da fisionomia dos *outsiders*, dos migrantes subalternos que invadiram Cachoeira nas décadas subseqüentes a 1930, imagem da cidade com problemas comuns a outras tantas médias e grandes aglomerações. Os questionamentos desses nostálgicos dos anos 80-90 apontam para esse urbano perdido no passado. Foi em razão disso que procurei entender a diluição do espaço público nos anos subseqüentes a 30-45, quando tais imagens do urbano começaram a tornarem-se díspares e, conseqüentemente, a elite repugnou a convivência com os não-civilizados.

De uma forma geral, é a incapacidade que muitos têm de lidar com o diferente, o estranho, aquele que não age conforme o esperado, conforme a chamada maneira “civilizada”. Muito dessa incapacidade de lidar com imagens díspares, conflitantes e paradoxais pode ter razão no isolamento geográfico com relação a outros centros urbanos, devido ao pouco fluxo de passagem de pessoas estrangeiras. Assim, os nostálgicos de Cachoeira do Sul teriam reduzida a capacidade de aceitar a diversidade, num típico conservadorismo retrógrado, que impede maiores liberdades de movimento, arejar as mentalidades, oxigenar atitudes e opiniões. Diferente dos grandes centros urbanizados, das metrópoles que possibilitam aos indivíduos serem libertos para agir, embora dentro de certos limites e restrições.

Neste sentido, o Jornal do Povo sintetiza o espírito dos nostálgicos cachoeirenses, através da incapacidade de lidar com pensamentos contrários aos seus, num discurso que se diz democrático, mas que esconde a unicidade de opinião, numa realidade diária de jornalismo sensacionalista e mexeriqueiro, que alimenta exaustivamente picuinhas pessoais.

Como porta-voz da elite, o jornal reproduz o chamado olhar historicizante, na medida em que enxerga o passado de maneira distorcida, que reproduz em suas páginas concepções que dão a idéia de retorno mitificado a um certo passado, dito de glórias, mas que na verdade escondem sentimentos excludentes, visto exaltar um momento em que cada um sabia seu lugar na sociedade e respeitava certos limites simbólicos. Aqui reside a diferença de olhar o passado. Tentei dar um salto em direção ao passado para entendê-lo com relação ao presente. Por essa razão revelar a perspectiva histórica da elite, que enxerga no passado somente uma tentativa de retorno do tempo em que dominava o espaço público.

Me aproprio aqui da análise do historiador Jacques Le Goff sobre a memória coletiva e sua relação com a história, quando diz que é possível entender o quanto no resgate do passado

da comunidade confrontam-se versões diferentes, algumas mais impositivas, outras mais recessivas, todas lutando pelo poder de enunciação da verdade histórica, pela própria sobrevivência e promoção da sua identidade. Segundo ele, entender o passado não é somente algo que se conquista diariamente, mas algo que serve como instrumento e objeto de poder. Nesse sentido, a prioridade daqueles que se debruçam sobre a história deve ser lutar pela democratização da memória social, com objetividade científica.¹ Em outras palavras, trabalhar de forma que esta [re]memorização sirva para libertar e não para tornar a comunidade ainda mais servil.

¹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. op.cit, 1990.

Bibliografia

ADORNO, Sérgio. *Racismo, criminalidade violenta e justiça penal: réus brancos e negros em perspectiva comparativa*. In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, n. 18, 1996 [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/196.pdf> – acessado em 31/3/2006]

ADORNO, Theodor. *Progresso*. Tradução de Gabriel Cohn. In: Revista Lua Nova, nº 27, 1992

ALMEIDA, Cláudio Aguiar. *O cinema brasileiro no Estado Novo: diálogo com a Itália, Alemanha e URSS*. In: Revista de Sociologia e Política, Universidade Federal do Paraná, n.12, jun.1999 [disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/238/23801207.pdf> – acessado em 23/3/2006]

ALVAREZ, Marcos César. *A criminologia no Brasil ou como tratar desigualmente os desiguais*. In: Dados v.45 n.4 Rio de Janeiro 2002 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582002000400005&lng=pt&nrm=isso – acessado em 1/4/2006]

ALVES F., Aluizio. *A América Latina na Folha e no Clarín - Um Estudo Sobre a Construção da Identidade da América Latina nos Noticiários dos Jornais a Folha de São Paulo e o Clarín de Buenos Aires*. Tese de Doutorado [orientadora Lia Zanotta Machado], Brasília/DF: Universidade de Brasília, 1997 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=19974553001010029P1> – acessado em 25/3/2005]

ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande/RS: Editora da FURG, 2002

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. *A cidade como um corpo são e belo: o pensamento urbanístico do engenheiro Saturnino de Brito*. In: FERNANDES, Ana. GOMES, Marco Aurélio (org.) *Seminário de História Urbana*. Salvador/BA: UFBA, ANPUR, 1992, p.77-81

_____. *O plano de Saturnino de Brito para Santos e a construção da cidade moderna no Brasil*. In: Espaço & Debates. Revista de Estudos Regionais e Urbanos. São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, 1991, p.55-63

ARAGÃO, Walter Morales. *Formas da Ação Político Administrativa do Estado Capitalista: o saneamento urbano no Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado [orientadora Eva Machado Barbosa Samios], Porto Alegre/RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PROPUR, 2000

ARAÚJO, Nilton Clóvis Machado de. *Origens e evolução espacial da indústria de alimentos do Rio Grande do Sul*. [disponível em http://www.fee.tche.br/sitefee/download/eeg/1/mesa_10_araujo.pdf – acessado em 16/1/2006]

AXT, Gunter. *A emergência da liderança política de Getúlio Vargas no Rio Grande do Sul coronelista e o seu Governo no Estado* [disponível em http://www.lasercom.jor.br/getulio/leitura/Gunter_Axt.pdf – acessado em 30/3/2006]

_____. *A formação da empresa pública no setor elétrico gaúcho*. In: Revista Anos 90. Revista do PPG em História. Porto Alegre/RS: UFRGS, n.4, dezembro de 1995, p.77-86

_____. *Interpretações sobre a história do orçamento judiciário no Rio Grande do Sul (1874-1990)* [disponível em http://www.tj.rs.gov.br/institu/memorial/RevistaJH/vol3n5/10-Gunter_Axt.pdf – acessado em 4/4/2006]

_____. *O governo Getúlio Vargas no Rio Grande do Sul (1928-1930) e o setor financeiro regional*. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 29, 2002, p.2 [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/324.pdf> – acessado em 30/3/2006]

AZEVEDO, Luiz Vitor Tavares de. *Carlos Lacerda e o discurso de oposição na tribuna da imprensa (1953-1955)*. Dissertação de Mestrado [orientador Francisco Falcon], Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, PPG/História, 1988 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=1988331003010005P6> - acessado em 25/3/2005]

AZEVEDO, Ricardo Marques de. *Uma Idéia de Metrópole no Século XIX*. In: Revista Brasileira de História. v.18 n.35 São Paulo 1998 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100007&lng=es&nrm=iso – acessado em 16/1/2006]

BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena*. Tradução de Luiz Caldas de Moura, Brasília/DF: Universidade de Brasília, 1982

BALDUÍNO RAMBO, S. J. *A imigração alemã*. In: Enciclopédia Rio-grandense. O Rio Grande antigo. V.1 Canoas/RS: La Salle, 1956

BARCELLOS, João. *Cassino história e ambientes: a educação e a sua preservação*. In: Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Fundação Universidade de Rio Grande, s/d [disponível em <http://www.sf.dfis.furg.br/mea/remea/congress/artigos/comunicacao14.pdf> – acessado em 20/3/2006]

BARRETO, Domingos Alves Branco Muniz. *Observações relativas à agricultura, comércio e navegação do continente do Rio Grande de São Pedro no Brasil - 1778*. In: SANTOS, Corcino M. *O Rio Grande do Sul no século XVIII*. São Paulo: Nacional; Brasília/DF: UNB, 1984

BATISTA, Sheille Soares de Freitas. *Buscando a cidade e construindo viveres relações entre campo e cidade*. Dissertação de Mestrado [orientadora Heloísa Helena P. Cardoso], Uberlândia/MG: Universidade Federal de Uberlândia, PPG-História, 2003 [disponível em http://www1.capes.gov.br/teses/pt/2003_mest_ufu_sheile_soares_de_freitas_batista.pdf – acessado em 12/10/2005]

BAVARESCO, Paulo Ricardo. *Ciclos econômicos regionais. Modernização e empobrecimento no Extremo Oeste catarinense*. Chapecó/SC: Argos, 2005

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Imagem e história: as fotografias escolares no estudo da escola primária curitibana (1903-1971)*. In: Edição eletrônica do XXII Simpósio Nacional de História, João Pessoa/PB: UFPB, 2003

BENETTI, Viviana. *A corrente desenvolvimentista e o projeto político no Rio Grande do Sul: 1950/1962*. Dissertação de Mestrado [orientador Marcos Justo Tramontini], São Leopoldo/RS: UNISINOS/PPG-História, 2002 [disponível em http://www1.capes.gov.br/teses/pt/2002_mest_unisinos_viviana_benetti.PDF – acessado em 14/1/2006]

BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Tradução de Heindrun Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tania Jatobá, série Estudos Alemães, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975

_____. *Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987

_____. *Obras Escolhidas II*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho de José Carlos Barbosa, 5ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1995

_____. *Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista, São Paulo: Brasiliense, 1989

_____. *Paris, capital do século XIX*. In: KOTHE, Flávio (org.). *Walter Benjamin: sociologia*. São Paulo: Ática, 1985

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés, São Paulo: Companhia das Letras, 2002

BETHELL, Leslie (ed). *História de América Latina. Economia y sociedad desde 1930*. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1993

BEZERRA DE SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos. *Cotidiano popular e tensões nos prostíbulos (Campina Grande – 1930-1945)*. In: Revista História Hoje, revista eletrônica de História, v.1, n.3, ANPHU, março, 2004 [disponível em <http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol1n3/cotidiano.htm> – acessado em 10/1/2006]

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994

BONELLI, Maria da Glória. *Os delegados de polícia entre o profissionalismo e a política no Brasil, 1842-2000*. [disponível em http://www.uoregon.edu/~caguirre/bonelli_2.pdf – acessado em 4/4/2006]

BORGES FORTES, Amyr. WAGNER, João Baptista Santiago. *História administrativa, judiciária e eclesiástica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1963

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999
- _____. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar o que dizer*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 1998
- _____. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998
- _____. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002
- _____. *Observações sobre a história das mulheres*. In: DUBY, G., PERROT, Michelle. *As mulheres e a história*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995
- BOURDIEU, Pierre. CHAMBOREDON, Jean-Claude. PASSERON, Jean-Claude. *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Tradução de Guilherme Teixeira. 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999
- BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (org.) *Passados recompostos. Campos e canteiros da História*. Tradução Marcella Mortara. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1998
- BRUM, Argemiro Jacob. *Modernização da agricultura (trigo e soja)*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1988
- BRUM, Rosemary Fritsch. *Mulheres imigrantes: a lenta enunciação dos direitos*. In: SELBACH, Jeferson (org.). *Mulheres: história e direitos*. Cachoeira do Sul/RS: Ed. do Autor, 2005, p.33-46
- _____. *Uma cidade que se conta. Imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre (1920-1937)*. Tese de Doutorado [orientadora Nuncia Santoro Constantino], Porto Alegre/RS: Pontifícia Universidade Católica/RS, PPG-História, 2003
- BRUNI, José Carlos. *Foucault: o silêncio dos sujeitos*. In: Revista Tempo Social. São Paulo: Sociologia/USP, 1989, p.199-207
- BURKE, Peter. *A cidade pré-industrial como centro de informação e comunicação*. In: Revista Estudos Históricos, v.8, n.16, Rio de Janeiro, 1995, p.193-203
- _____. *A escola dos Annales – 1929-1989. A revolução francesa da historiografia*. Tradução Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997
- _____. *Uma história do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003
- CAIADO, Aurílio Sérgio Costa; SANTOS, Sarah Maria Monteiro dos. *Fim da dicotomia rural-urbano? Um olhar sobre os processos socioespaciais*. In: Revista São Paulo em Perspectiva. v.17 n.3-4 São Paulo jul/dez 2003 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392003000300012 – acessado em 12/10/2005]
- CALVINO, Ítalo. *As cidades Invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- CANCLINI, Néstor García. *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação*. In: Revista Opinião Pública, v.8 n.1 Campinas, maio, 2002 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762002000100003&lng=pt&nrm=iso – acessado em 12/10/2005]
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica. Ensaio sobre a Antropologia da comunicação urbana*. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1993

CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas/SP: Papirus, 1998

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Sob a máscara do nacionalismo. Autoritarismo e anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)*. In: *Estudios Interdisciplinarios de America Latina Y El Caribe. Facultad de Humanidades Lester y Sally Entin Escuela de Historia Instituto de Historia y Cultura de América Latina*. School of History, Universidad de Tel Aviv, Ramat Aviv, vl.1, n.1, Enero/Junio, 1990 [disponível em http://www.tau.ac.il/eial/I_1/carneiro.htm#note55 – acessado em 29/3/2006]

CARVALHO, Mirela Vieira da Cunha. *Às margens do Jacuí: literatura e imprensa em Cachoeira do Sul (1879-1930)*. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre/RS: Pontificia Universidade Católica, Faculdade de Letras, 1999

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Os sentidos no espetáculo*. In: *Revista de Antropologia*. v.45 n.1 São Paulo 2002 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012002000100002&lng=pt&nrm=isso – acessado em 6/4/2006]

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas/SP: Papirus, 1995

_____. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Tradução de Ephraim Alves. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994

_____. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998

_____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990

_____. *A História hoje: dúvidas, desafios, propostas*. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC, vol. 7, n. 13, 1994

_____. *Diferenças entre os sexos e violência simbólica*. In: DUBY, G. PERROT, Michelle. *As mulheres e a história*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995, p.37-44

_____. *Pierre Bourdieu e a história*. Debate com José Sérgio Leite Lopes. In: *Revista Topoi*, Rio de Janeiro: PPG História Social/UFRJ, mar. 2002, pp. 139-182 [disponível em <http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/topoi4a5.pdf> – acessado em 17/3/2006]

_____. *Práticas Culturais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990

_____. *Prefácio* In: ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte: investigações sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Tradução Pedro Sússekind. [tradução do prefácio André Telles]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

COGGIOLA, Osvaldo. *Buenos Aires, Cidade, Política, Cultura*. In: *Revista Brasileira de História*. v.17 n.34 São Paulo 1997 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881997000200005&lng=pt&nrm=iso – acessado em 12/10/2005]

CORBIN, Alain. *O território do vazio: A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989

CORRÊA, Maria Leticia. *O setor de energia elétrica e a constituição do Estado no Brasil: o Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica (1939-1954)*. Tese de Doutorado [orientadora Sônia Regina de Mendonça], Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, PPG-História, 2003 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200334631003010005P6> – acessado em 25/3/2005]

COUTINHO, Eduardo Granja. *Um culto pagão na imprensa carioca*. In: V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Comunicação e Cultura das Minorias [disponível em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18083/1/R1345-1.pdf> – acessado em 7/4/2006]

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Os domínios da experiência, da ciência e da lei: os manuais da Polícia Civil do Distrito Federal, 1930-1942*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 12, n. 22, 1998 [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/248.pdf> – acessado em 1/4/2006]

D'ALLESSIO, Márcia Mansor. *Os Annales no Brasil. Algumas reflexões*. In: Revista Anos 90. Revista do PPG em História. Porto Alegre/RS: UFRGS, n.2, maio de 1994, p.127-142

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

_____. *Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade*. In: Revista Mana v.6 n.1 Rio de Janeiro abr/2000 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000000100001&lng=pt&nrm=isso – acessado em 6/4/2006]

DALMAZO, Renato Antonio. *As relações de comércio do Rio Grande do Sul - do século XIX a 1930*. Porto Alegre/RS: FEE, 2004 [disponível em http://www.fee.tche.br/sitefee/download/documentos/documentos_fee_60.pdf - acessado em 16/1/2006]

DANTAS, Antônio Ribeiro. *A representação da homossexualidade: a leitura da imprensa escrita*. Dissertação de Mestrado [orientadora Jacira Galvao Gondim Safieh], Natal/RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1990 [disponível em http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=1990623001_011004P0 – acessado em 25/3/2005]

DIAS, Hugo Pina. *Imigração rural no município de Uruguaiana a partir da modernização da agricultura - caso das vilas de São Marcos e Barragem Sanchuri*. In: Revista Faculdade de Zootecnia, Veterinária e Agronomia de Uruguaiana, v. 4, n. 1, p. 27-33, jan./dez. 1997 [disponível em <http://revistas.campus2.br/fzva/vol%204/05-4.pdf> - acessado em 16/1/2006]

DUARTE, Celina Rabelo. *Imprensa e redemocratização no Brasil: um estudo de duas conjunturas, 1945 e 1974-1978*. Dissertação de Mestrado [orientadora Maria Teresa S. R. de Souza] São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PPG/Ciências Sociais, 1987 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=19871233005010006P0> - acessado em 25/3/2005]

DUTRA, Eliana de Freitas. *O Não Ser e o Ser Outro. Paulo Prado e seu Retrato do Brasil*. In: Revista Estudos Históricos, vol. 14, n. 26, Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2000, p.233-252 [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/20.pdf> – acessado em 9/3/2006]

ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1985

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994

_____. *A solidão dos moribundos. Envelhecer e morrer*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

_____. *O processo civilizador volume 1: uma história dos costumes*. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994

ELIAS, Norbert. SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000

ENNE, Ana Lucia; TAVARES, Cristine. *Memória, identidade e discurso midiático: uma revisão bibliográfica* [disponível em <http://www.castelobranco.br/pesquisa/vol1/docs/memoria2.doc> - acessado em 18/3/2006].

EWALD, Ariane. GUIMARÃES, Áurea. BRAVO, Camila Fernandes. SOBREIRA, Carolina Bragança. *Crônicas Folhetinescas: subjetividade, modernidade e circulação da notícia*. In: Seminário História e Imprensa, IFCH/UERJ, jun. 2003. [disponível em <http://www.coc.fiocruz.br/psi/pdf/artigo-cronicaspdf.pdf>. - acessado em 23/3/2006]

FACHADA, Tereza Maria Rolo. *A Gazeta do Rio de Janeiro: subsídios para a história da cidade (1880-1821)*. Dissertação de Mestrado [orientadora Célia Freire D'Aquino Fonseca], Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPG/História, 1989 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=19891031001017023P8> - acessado em 25/3/2005]

FAUSTO, Bóris. *Crimes e Cotidiano. A Criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Brasiliense, 1984

_____. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002

FERNANDES, Ana. GOMES, Marco Aurélio A. de Figueiras (orgs.). *Seminário de História Urbana*. Salvador/BA: UFBA/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, ANPUR, 1992

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p.71-104

FERRARINI, Sebastião Antônio. *A imprensa e o arcebispo vermelho (1964-1984)*. Dissertação de Mestrado [orientadora Leda Maria Pereira Rodrigues], São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PPG/História, 1989 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=1989933005010010P8> - acessado em 25/3/2005]

FERRAZ, Sônia Terra. *Pertinência da adoção da filosofia de cidades saudáveis no Brasil*. [disponível em <http://www.redeamericas.org.br/br/Site/doc/pertinencia.html> - acessado em 1/10/2004]

FERREIRA, Jurandyr Pires. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), vol. XXXIII, 1959

FLORES, Élio Chaves. *Representações cômicas da República no contexto do Getulismo*. In: Revista Brasileira de História. v.21 n.40 São Paulo, 2001 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000100007&lng=es&nrm=iso&tlng=pt - acessado em 27/3/2005]

FONSECA, Francisco. *O conservadorismo patronal da grande imprensa brasileira*. In: Revista Opinião Pública. Campinas/SP: Unicamp, vol.9, no.2, out/2003, p.73-92 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762003000200004&lng=pt&nrm=isso - acessado em 9/3/2006]

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1988

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987

GALSTER, Ingrid. *Cinqüenta anos depois de O segundo sexo, a quantas anda o feminismo na França? Uma entrevista com Michelle Perrot*. In: Revista Estudos Feministas. Vol. 11, n.2, Florianópolis/SC, jul-dez, 2003. [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200010 - acessado em 18/4/2005]

GARCIA, Afrânio. *A sociologia rural no Brasil: entre escravos do passado e parceiros do futuro*. In: Sociologias. Porto Alegre: PPG Sociologia/UFRGS, n.10, 2003 p.154-189 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222003000200006&lng=pt&nrm=iso – acessado em 20/12/2006]

GAZOLLA, Marcio. *Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas: Uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS*. Dissertação de mestrado [orientador Sergio Schneider]. Porto Alegre/RS: PPG Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS, 2004 [disponível em http://www.ufrgs.br/pgdr/dissertacoes/mestradopgdr/mpgdr_gazolla_n045.pdf - acessado em 16/1/2006]

GEIGER, Amir. *Resenha do livro de DA MATTA, Roberto e SOÁREZ, Elena. Águias, Burros e Borboletas: Um Estudo Antropológico do Jogo do Bicho*. Rio de Janeiro: Rocco. 1999. In: Revista Mana v.7 n.2 Rio de Janeiro out. 2001 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132001000200011&lng=pt&nrm=isso – acessado em 6/4/2006]

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

GOMES, Paulo César da Costa. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

_____. *Geografia fin de siècle, o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões*. In: CASTRO, GOMES e CORREA (org.) *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p.13-42

_____. *O espaço da modernidade*. In: *Terra Livre 5. O espaço em questão*. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros; Marco Zero, 1988, p.47-67

GORITA, Marcos Alan. *Notícias do crime, relatos de insegurança. Os discursos da violência na cidade do Rio de Janeiro (1995-2000)*. Dissertação de Mestrado [Orientador Michel Misse], Rio de Janeiro: IFCS/PPG Sociologia e Antropologia/UFRJ, 2003 [disponível em <http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/arquivos/MarcosAlan.pdf> – acessado em 5/4/2006]

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984

HERRLEIN Jr., Ronaldo. *Desenvolvimento industrial e mercado de trabalho no Rio Grande do Sul: 1920-1950*. In: Revista de Sociologia e Política. n.14 Curitiba jun. 2000 [disponível em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782000000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 16/1/2006]

HOCHMAN, Gilberto. *Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado (Brasil 1910-1930)*. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.6, n.11, 1993, p.40-61 [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/113.pdf> – acessado em 13/1/2006]

HOFF, Maurício; HOFF, Mariane Zanchetta. *Café e Cafeterias: Turismo Cultural* [disponível em <http://www.pg.cdr.unc.br/revistavirtual/numeroonze/Caf%C3%A9%20e%20Cafeterias.pdf> – acessado em 23/3/2006]

HONORATO, Cezar. *Estado Novo e cidadania: a assistência social em discussão*. In: Revista Anos 90, Porto Alegre/RS: PPG História UFRGS, n.8, dez/1997

ISAIA, Artur Cesar. *A imprensa liberal riograndense e o regime eleitoral do império. 1878-1889*. Dissertação de Mestrado [orientador Earle Diniz Moreira], Porto Alegre/RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PPG/História, 1988 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=1988542005019005P6> – acessado em 25/3/2005]

ISAIA, Artur César. *Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de umbanda no Brasil da primeira metade do século XX*. In: Revista Anos 90, Porto Alegre/RS: UFRGS/PPG História, n.11, julho, 1999

JARDIM, Jorge Luiz Pastoriza. *Comunicação e militância a imprensa operaria no RS 1892-1923*. Dissertação de Mestrado [orientador Sérgio Capareli], Porto Alegre/RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PPG/História, 1990 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=1990142005019005P6> – acessado em 25/3/2005]

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro*, 1998 [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/257.pdf> – acessado em 20/3/2006]

_____. *O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre*. In: Revista Anos 90, Porto Alegre/RS: UFRGS/PPG História, n.11, julho, 1999, p.144-160

KLEIN, Herbert S. *Migração internacional na história das Américas*. In: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 13-31

LANDO, Aldair Marli. BARROS, Eliane Cruxêm de. *Capitalismo e colonização – os alemães no Rio Grande do Sul*. In: DACANAL, José Hildebrando (org.). *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1990

LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992

LIMA, Nisia Trindade. *Jeca Tatu e a Representação do Caipira Brasileiro*. In: Anais eletrônicos do XXII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu/MG, 27 a 31 de outubro de 1997. GT - Pensamento Social no Brasil [disponível em <http://www.anpuh.uepg.br/anpuh/complemento.htm>, acessado em 15/10/2005]

LOPES, Cleide. *A Revolução de 30 e a imprensa paulista*. Dissertação de Mestrado [orientadora Estefania Knotz C. Fraga], São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PPG/História, 1984 [disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=1988133005010010P8> acessado em 25/3/2005]

LOVE, Joseph. *O Rio Grande do Sul como fator de instabilidade na República Velha*. In: FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. O Brasil Republicano. 4º vol. Economia e Cultura (1930-1964). São Paulo: Difel, 1984

LÖWY, Michel. SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia – o romantismo na contramão da modernidade*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995

LUZ, Madel Terezinha. *A saúde e as instituições médicas no Brasil*. In: GUIMARÃES, Reinaldo (org.). *Saúde e medicina no Brasil: contribuição para um debate*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p.157-174

_____. *Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982

_____. *Notas sobre as políticas de saúde no Brasil de transição democrática – anos 80*, In: Physis, Revista de Saúde Coletiva; Rio de Janeiro: UERJ, 1991

MACÁRIO, Paula Gomes. *Neo-Gregos da Belle Époque brasileira*. Dissertação de Mestrado [orientador Luiz Carlos da Silva Dantas. Campinas/SP: PPG Teoria e História Literária/Universidade Estadual de Campinas, 2005 [disponível em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000362460> – acessado em 20/3/2006]

MACIEL, Maria Eunice de S. *A eugenia no Brasil*. In: Revista Anos 90, Porto Alegre/RS: PPG/História da UFRGS, n.11, jul/1999, p.121-143

MAFFEI JUNIOR, João. *Valores, lazer e recreação na sociedade contemporânea*. Dissertação de Mestrado [orientadora Elaine Ferreira], Florianópolis/SC: PPG Engenharia de Produção, UFSC, 2004 [disponível em <http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/16710.pdf> – acessado em 20/3/2006]

MAGALHÃES, Manoel Antônio de. *Almanack da Vila de Porto Alegre*. In: FREITAS, Décio. *O capitalismo pastoril*. Porto Alegre/RS: Escola Superior de Teologia São Lourenço; Caxias do Sul/RS: Universidade de Caxias do Sul, 1981

MARICATO, Ermínia. *Urbanismo na periferia do mundo globalizado. metrópoles brasileiras*. In: Revista São Paulo em Perspectiva. v.14 n.4 São Paulo out./dez. 2000 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000400004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 12/10/2005]

MAROCCO, Beatriz. *Prostitutas, jogadores, pobres, delinqüentes e vagabundos nos discursos jornalísticos Porto Alegre – século XIX*. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte/MG. set/2003 [disponível em <http://repositorio.portcom.intercom.org/bitstream/1904/4412/1/NP2MAROCCO.pdf> – acessado em 5/4/2006]

MARTINS, José de Souza. *O futuro da Sociologia Rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural*. In: Revista Estudos Avançados, v.15, n.43, São Paulo, set-dez, 2001 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142001000300004&script=sci_arttext&tlng=en – acessado em 15/1/2006].

MARX, Murillo. *Cidade no Brasil, Terra de quem?*, São Paulo: Nobel/ EdUsp, 1991

MAUCH, Cláudia [et al.]. *Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Porto Alegre, Canoas, São Leopoldo: Ed. Da Universidade, UFRGS, Ed. Ulbra, Ed. Unisinos, 1994

MAZZIEIRO, João Batista. *Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920*. In: Revista Brasileira de História. v.18 n.35 São Paulo, 1998 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 1/4/2006]

MELLO, Luiz Fernando da Silva. *O espaço do imaginário e o imaginário do espaço: a ferrovia em Santa Maria, RS*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PROPUR: Dissertação de Mestrado [orientadora Sandra Jatay Pesavento], 2002

- MERRICK, Thomas W. *La población de América Latina, 1930-1990*. In: BETHELL, Leslie (ed). *História de América Latina. Economia y sociedad desde 1930*. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1993, p.165-215
- MIRANDA, Célio Roberto Turino de. *Na trilha de Macunaíma. Ensaio para uma política pública de lazer*. Dissertação de Mestrado, [orientador Marcos Tognon], Campinas/SP: PPG História, Universidade Estadual de Campinas, 2004 [disponível em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000316330> – acessado em 20/3/2006]
- MONASTERIO, Leonardo M. *Capital social e a região sul do Rio Grande do Sul*. Tese de doutorado [orientador José Gabriel Porcile Meirelle]. Curitiba/PR: Programa de Pós-graduação de Desenvolvimento Econômico, Ciências Sociais Aplicadas, UFP, 2002 [disponível em <http://www.unijui.tche.br/~dcre/monasteriotese.pdf> - acessado dia 16/1/2006]
- MONASTERIO, Leonardo M. ZELL, Davi Coswig. *Uma estimativa de renda per capita municipal na província de São Pedro do Rio Grande do Sul em 1872*. [disponível em <http://ich.ufpel.edu.br/economia/monasteriozell2004.pdf> - acessado em 16/1/2006]
- MORETZSOHN, Sylvia. *Imprensa e criminologia: O papel do jornalismo nas políticas de exclusão social* [disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylvia-imprensa-criminologia.pdf> – acessado em 7/4/2006]
- MORIN, Edgar KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2000
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo. Volume 1: neurose*. Tradução Maura Ribeiro Sardinha. 8a ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1990
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo. Volume 2: necrose*. Tradução Agenor Soares Santos. 2a ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986
- MORSE, Richard M. *As cidades “periféricas” como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina*. In: Revista Estudos Históricos, v.8, n.16, Rio de Janeiro, 1995, p.205-225 [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/174.pdf> – acessado em 13/1/2006]
- MORTARI, Elisângela Carlosso Machado. *Minorias transformadoras* [disponível em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18084/1/R1365-1.pdf> - acessado em 16/1/2006]
- MÜLLER, Alba Leticia et al. *Aspectos da constituição sócio-cultural do Rio Grande do Sul – Brasil* [disponível em <http://grupomontivideo.Edu.uy/mesa4/Muller%20et%20al.pdf> – acessado em 30/3/2006]
- MÜLLER, Carlos Alves. *A história econômica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/RS: Banrisul/Gazeta Mercantil RGS, 1998
- NEUMANN, Pedro Selvino. *O impacto da fragmentação e do formato das terras nos sistemas familiares de produção*. Tese de Doutorado [orientador Carlos Loch], Florianópolis/SC: Universidade Federal de Santa Catarina. PPG-Engenharia de Produção, 2003 [disponível em <http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/4824.pdf>, acessado em 3/1/2006]
- NOGUEIRA, Isabel Porto (org.). *História iconográfica do Conservatório de Música da Ufpel*. Porto Alegre/RS: Palotti, 2005
- OBERRACKER Jr., Carlos Henrique. *A colonização baseada no regime da pequena propriedade agrícola*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II. O Brasil Monárquico. 3o volume. Reações e Transações. 5ª ed. São Paulo: Difel, 1982

OLIVEIRA, Salete Magda de. *A moral reformadora e a prisão de mentalidades: adolescentes sob o discurso penalizador*. In: São Paulo Perspectiva. vol.13 n.4. São Paulo. out/dez/1999 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400008 – acessado em 7/4/2006]

OSÓRIO, Helen. “*Estancieiros*” e “*lavradores*”: *Rio Grande do Sul, século XVIII*. In: Anos 90. Revista do PPG em História. Porto Alegre/RS: UFRGS, n.4, dezembro de 1995, p.31-44

_____. *Comerciantes do Rio Grande de São Pedro: formação, recrutamento e negócios de um grupo mercantil da América Portuguesa*. In: Revista Brasileira de História. v.20 n.39 São Paulo, 2000 [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-1882000000100005&lng=pt&nrm=iso.htm&tlng=pt – acessado em 19/4/2006]

PACHECO, Regina. *Mudança tecnológica, transformações urbanas e institucionais: do bonde ao ônibus*. In: FERNANDES, Ana. GOMES, Marco Aurélio (org.) *Seminário de História Urbana*. Salvador/BA: UFBA, ANPUR, 1992, p.205-213

PATARRA, Neide. *Dinâmica populacional e urbanização no Brasil: o período pós-30*. In: FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. O Brasil Republicano. 4o vol. Economia e Cultura (1930-1964). São Paulo: Difel, 1984

PATTO, Maria Helena Souza. *Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres*. In: Estudos Avançados. vol.13. n.35. São Paulo. Jan/abril, 1999 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141999000100017 – acessado em 31/3/2006]

PAULILO, André Luiz. *Os artífices da metrópole: anotações sobre a transformação da vida urbana carioca depois da Belle Époque*. In: Revista Educação e Sociedade. Vol.25 n.87 Campinas/SP: CEDES, Maio/Ago 2004 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000200010 – acessado em 13/03/2006]

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A cidade maldita*. In: SOUZA, Célia Ferraz de. PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre/RS: Editora da Universidade/UFRGS, 1997, p.25-38

_____. *A revolução farroupilha*. São Paulo: Brasiliense, 1985

_____. *História da indústria sul-rio-grandense*. Guaíba/RS: Riocell, 1985

_____. *Lugares malditos: a cidade do "outro" no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX)*. In: Revista Brasileira de História. vol.19 n.37 São Paulo Set/1999 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 12/10/2005]

_____. *O cotidiano da República. Elite e povo na virada do século*. 3ª ed. Porto Alegre/RS: Editora da Universidade/UFRGS, 1995

_____. *O desfazer da ordem fetichizada: Walter Benjamin e o imaginário social*. In: Revista Cultura Vozes, n.5, volume 89, set-out, 1995

_____. *RS: a economia & o poder nos anos 30*. Porto Alegre/RS: Mercado Aberto, 1980

_____. *RS: Agropecuária colonial e industrialização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983

_____. *Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano*. In: MAUCH, Cláudia [et al.]. *Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Porto Alegre, Canoas, São Leopoldo: Ed. da Universidade, UFRGS, Ed. Ulbra, Ed. Unisinos, 1994

PETRY, Andréa Helena. *O papel desempenhado pelo Correio do Povo durante o Estado Novo*. In: DREHER, Martin; RAMBO, Arthur; TRAMONTINI, Marcos Justos (orgs.). *Imigração & imprensa*. Porto Alegre: EST, São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004

PHILIPPOV, Renata. *Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire: trajetórias e maturidade estética e poética*. Orientação Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto. São Paulo: USP/PPG Língua e Literatura Francesa, 2004 [disponível em http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-18072005-113116/publico/Tese_-_Renata_Philippov1.pdf – acessado em 8/3/2006]

PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cultura de massas e representações femininas na paulicéia dos anos 20*. In: Revista Brasileira de História. v.19 n.38 São Paulo, 1999 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 23/3/2006]

_____. *Urbes industrializada: o modernismo e a paulicéia como ícone da brasilidade*. In: Revista Brasileira de História. v.21 n.42 São Paulo 2001 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000300009&lng=es&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 12/10/2005]

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: Revista Estudos Históricos, v.2, n.3, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989, p.3-15 [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf> - acessado em 10/1/2006]

PRADO, Fabrício Pereira. *Colônia do Sacramento: a situação na fronteira platina no século XVIII*. In: Revista Horizontes Antropológicos. v.9 n.19 Porto Alegre, julho, 2003 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000100004&lng=pt&nrm=isso&tlng=pt#volta9 – acessado em 20/4/2006]

PRATA, Pedro Reginaldo. *A transição epidemiológica no Brasil*. In: Cadernos de Saúde Pública. v.8, n.2, Rio de Janeiro abr./jun, 1992 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1992000200008 – acessado em 10/3/2006]

RAGO, Luzia Margareth. *As marcas da pantera: Michel Foucault na historiografia brasileira contemporânea*. In: Revista Anos 90. Porto Alegre/RS: PPG História UFRGS, n.1, mai/1993, p.121-143

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. *O teatro da sociabilidade: um estudo dos clubes sociais como espaços de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo, 1850/1930*. Tese de Doutorado [orientador René Gertz], Porto Alegre: UFRGS/PPG História, 2v., 2000

RENK, Arlene. *Etnicidade e itinerários de grupos étnicos no Sul do Brasil*. In: Anais eletrônico do XXII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu/MG, out/1997 [disponível em <http://www.anpuh.uepg.br/anpuh/complemento.htm> – acessado em 15/10/2005]

RIBEIRO, Santuza Cambraia Naves. *Modéstia à parte, meus senhores, eu sou da vila! A cidade fragmentada de Noel Rosa*. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, p. 251-268. [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/177.pdf> – acessado em 5/4/2006]

- RICKES, Simone Moschen. *A construção da memória e a condição da perda*. In: Revista Horizontes, v.23, n.1, jan/jun 2005, p.39-46 [disponível em <http://www.saofrancisco.edu.br/edusf/revistas/horizontes/Horizontes-2005-1/horizontes-5.pdf> – acessado em 10/1/2006]
- RIOUX, Jean-Pierre. *Entre história e jornalismo*. In: CHAUVEAU, Agnes. TETÁRT, Philippe. *Questões para a história do presente*. Tradução Ika Cohen. Bauru/SP: EDUSC, 1999, p.120-122.
- ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. *Educação escolar e higienização da infância*. In: Cadernos CEDES v.23 n.59 Campinas abr. 2003 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622003000100004&lng=es&nrm=isso – acessado em 7/4/2006]
- RODEGHERO, Carla Simone. *Campo x cidade: o discurso católico frente à modernização da agricultura no Rio Grande do Sul*. In: Revista Anos 90. Revista do PPG em História. Porto Alegre/RS: UFRGS, n.7, julho de 1997, p.148-170
- ROMANO, Roberto. *Conservadorismo romântico, origem do totalitarismo*. 2ª ed. São Paulo: Unesp, 1997
- _____. *Reflexões sobre impostos e Raison d'État*. In: Revista de Economia Mackenzie, ano 2, n.2, 2003, p. 75-96 [disponível em http://www.mackenzie.com.br/editoramackenzie/revistas/economia/eco2n2/reveco2n2_art2.pdf – acessado em 9/3/2006]
- RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993
- SÁ, Cristina [et al.]. *Olhar urbano, olhar humano*. São Paulo: IBRASA, 1991
- SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. 3ª ed. São Paulo: Nobel, 1992
- SCHAAF, Mariza, GOUVÊA, Regina. *Significados da urbanização: traços e fontes do historiador*. In: SÁ, Cristina [et al.], *Olhar urbano, olhar humano*. São Paulo: IBRASA, 1991
- SCHPUN, Monica Raisa. *Luzes e sombras da cidade (São Paulo na obra de Mário de Andrade)*. In: Revista Brasileira de História. v.23 n.46 São Paulo 2003 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000200002&lng=es&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 12/10/2005]
- SCHUH, Ângela. RITZEL, Mirian. *Princesa do Jacuí*. Cachoeira do Sul: Museu Municipal
- SCHUH, Ângela; CARLOS, Ione Sanmartim. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991
- SCREMIN, João Valério. *A Influência da medicina-legal em processos crimes de defloramento na cidade de Piracicaba e região (1900-1930)*. In: Revista Histórica on-line. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, mar/2006 [disponível em <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/materia03/texto03.pdf> – acessado em 3/4/2006]
- SEHN, Pedro Selomar. ILHA, Adayr da Silva. *Aspectos históricos da ocupação e evolução da estrutura fundiária no Rio Grande do Sul no período de 1940 a 1996*. In: Revista Economia e Desenvolvimento, nº 12, novembro/2000 [disponível em http://coralx.ufsm.br/eed/e5_%20Artigo%20Pedro.PDF – acessado em 29/7/2006]

SELBACH, Jeferson Francisco, SILVEIRA, Paulo Ricardo Tavares. *Tridente divino: progresso e nostalgia se enfrentam na Capital do Arroz*. In: Revista LOGOS, Canoas/RS: ULBRA, v.14, n.1, jun/2002 [p.83-90]

_____. *Novo Hamburgo 1927-1997: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade*. Dissertação de mestrado [orientação Sandra Jatahy Pesavento], Porto Alegre/RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PROPUR, 1999

_____. *Pegadas urbanas: Novo Hamburgo como palco do flâneur*. Cachoeira do Sul/RS: Ed. do Autor, 2006

_____. *Maîtres de plaisir [construtores de imagens]*. Cachoeira do Sul/RS: Ed. do Autor, 2006

_____. *Mulheres cachoeirenses: elite e subalternas se diferenciam*. In: _____. (org.). *Mulheres: história e direitos*. Cachoeira do Sul/RS: Ed. do Autor, 2005, p.5-32

SENNET, Richard. *O declínio do homem público, as tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988

SEQUEIRA, Vânia Conselheiro. *Porque o carcereiro não deixa as portas da prisão abertas?* In: Revista Interações. São Paulo: Universidade de São Marcos, n.18, v.IX, jul-dez/2004, p.61-74 [disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/354/35401804.pdf> – acessado em 10/4/2006]

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

SILVA, Ana Márcia. *Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional*. In: Cadernos CEDES v.19 n.48 Campinas, agosto. 1999 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621999000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 20/3/2006]

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a Vida mental*. In: VELHO, Octávio. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. *João do Rio, Repórter da Pobreza na Cidade*. In: Em Questão, Porto Alegre, v. 10, n.1, p.81-93, jan./jun, 2004 [disponível em http://www6.ufrgs.br/emquestao/doc/EmQuestaoV10_N1_2004_art05.pdf – acessado em 23/3/2006]

SOLLER, Maria Angélica. MATOS, Maria Izilda (orgs.). *A cidade em debate*. São Paulo: Olho d'Água, 2004

SPOSA, Karyna B. *Pedagogia do medo: adolescentes infratores e as propostas de redução da idade penal* [disponível em <http://www.ilanud.org.br/artigo.pdf>. – acessado em 7/4/2006]

TEMPORÃO, José Gomes. *A propaganda de medicamentos e o mito da saúde*. Rio de Janeiro: Graal, 1986

TRUSZ, Alice Dubina. *O papel da publicidade na informação e assimilação cotidianas da modernidade na Porto Alegre dos anos 1920*. In: Revista História Hoje, revista eletrônica de História, v.1, n.3, ANPHU, março, 2004 [disponível em www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol1n3 – acessado em 10/3/2006]

VALADARES, Jorge de Campos. *Qualidade do espaço e habitação humana*. In: Revista Ciências, Saúde Coletiva, v.5, n.1, Rio de Janeiro, 2000 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100008 – acessado em 15/1/2006]

- VALVERDE, Orlando. *Estudos de geografia agrária brasileira*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1985
- VELOSO, Renato. *Relações de gênero: notas introdutórias*. In: Enfoques On-line. Revista eletrônica dos alunos do programa de Pós-graduação em Sociologia. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/PPGSA, v.1, n.1, dez/2002. [disponível em <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/pdfs/julho2003.pdf> – acessado em 17/3/2006]
- VENÂNCIO, Gisele. *Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 28, 2001 [disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/308.pdf> – acessado em 23/3/2006]
- VENEU, Marcos Guedes. *O flâneur e a vertigem, metrópole e subjetividade na obra de João do Rio*. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1990, p.229-243
- VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. *Territorialidade e cidadania em tempos globais: imigrantes em São Paulo*. In: Anais eletrônico do XXII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu/MG, out/1997 [disponível em <http://www.anpuh.uepg.br/anpuh/complemento.htm> – acessado em 15/10/2005]
- WADSWORTH, James E. *Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil*. In: Revista Brasileira de História. v.19 n.37 São Paulo. set/1999 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100006&lng=pt&nrm=isso – acessado em 7/4/2006]
- WEBER, Beatriz Teixeira. *Positivismo e ciência médica no Rio Grande do Sul: a Faculdade de Medicina de Porto Alegre*. In: Revista História das Ciências da Saúde - Manguinhos v.5 n.3 Rio de Janeiro nov/1998-fev/1999 [disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000100003&lng=es&nrm=iso&tlng=pt – acessado em 1/4/2006]
- WERLANG, William. *História da Colônia Santo Ângelo*. Vol. 1 Santa Maria/RS: Pallotti, 1995

Anexos

I. Fragmentos do *Jornal do Povo* 1929-1948 e 1980-2001

30/6/1929 Editorial: O aparecimento deste novo jornal corresponde a aspiração de ocupar um lugar, bem que obscuro, entre os dignos órgãos da imprensa riograndense, que, em geral se amoldaram às exigências do estado evolucionar a que chegou o nosso estado, manifestado no seu duplo aspecto: político e administrativo. Tanto como esses órgãos de publicidade compreendemos que a época não mais comporta o espírito combativo das passadas usanças jornalísticas, em cujas lides sentiam-se, em geral, o crepitar do fogo das paixões partidárias, dos quais resultam, por vezes, longos períodos de lutas fratricidas. Essa fase felizmente passou. A época, pois não é de combates internos; é de ação construtiva e de devotada cooperação política e administrativa. O aparecimento deste jornal obedece a esses intuitos. Nasce do povo e para o povo, cujos direitos começam a ser reconhecidos e respeitados. Fiel a sua origem e ao seu destino, não será, pois, um jornal de partido. Seguindo a corrente liberal, que orienta, sua função efetiva não pode deixar de ser de livre cooperação em face particularmente, da administração local com o qual as circunstâncias o põe em contato imediato e permanente. *Jornal do Povo* - não no sentido demagógico, mas no de pugnar incessantemente por seus legítimos interesses dentro da ordem, da fraternidade e da concórdia, olhos fitos, especialmente, no desenvolvimento econômico e, em geral, nos múltiplos interesses da vida municipal, dos quais depende o bem estar da população. P.1

30/6/1929 *Jornal do Povo* - independente. Publicação bissemanal. Redação: Av. 7 de setembro 128. P.2

30/6/1929 Noticiário: A criação de um grupo escolar no Alto dos Loretos. O sr. Osvaldo Aranha, bem impressionado com o desenvolvimento da instrução e o progresso da cidade, prometeu ao edil cachoeirense a criação de um grupo escolar, ainda este ano. P.6

30/6/1929 Escola Complementar - Antes de entrar na análise de suas causas, quero fazer um pequeno retrospecto a vida do município, para realçar-lhe os méritos, engrandecendo-o na moldura que merece e que, é aquela magnífica e refulgente, onde se enquadram os grandes centros de cultura e progresso. No mais rápido olhar que se deite no município de Cachoeira, não nos pode fugir a visão do quanto ele vem contribuindo para o engrandecimento do Estado e, por conseguinte, do país. Entremos pelas colônias. Ai veremos a ordem, a prosperidade, o progresso, representando na atmosfera de segurança e respeito, em que vivem as suas laboriosas populações; na escala crescente do desenvolvimento da agricultura, do comércio, das indústrias, na marcha desassomburada que vão tomando todas as iniciativas, convertidas em conquistas maravilhosas, em realizações extraordinárias. Chegamos a sede, a cabeça do município, a cidade que se chamou princesa, porque traz na fronte altiva, as insígnias reais da beleza e do progresso. Largas avenidas, aonde pompeiam na bizarria das nuances verdes de suas árvores, entumeadas pelo colar faiscante de uma elegante e poderosa iluminação. Praças em cujos jardins florescem numa perpétua primavera, as flores encantadoras que embalsamam os ares e estonteiam a vida. Ruas pavimentadas em arte e solidez. Edificações que se aglomeram, modernas e ornamentais. E, dando vida a tudo, um povo que trabalha e crê num futuro que se aproxima de grandes vitórias, de recompensas, inestimáveis. Autos que na velocidade, traduzem ao afã diuturno, de uma vida de labor. Caminhões indo e vindo abarrotados, levando aos empórios, aos portos, a estrada de ferro, as avalanches de produtos do comércio e da indústria de todo município. Ai temos Cachoeira! Ai temos a Cachoeira que trabalha e vence, outra há que sorri e sonha! É a cidade lírica que mora na cidade dinâmica. É a cidade frívola e gentil, dos galanteios e dos sorrisos que, na folga, nos seus lazes, se diverte e canta. Sendo, no centro do Estado, a única cidade que, possui um sistema eficaz de

saneamento, com primorosos serviços de águas e esgotos, não havia outra que lhe indicasse a lhe cobrir as vantagens. Em vão se tentou esquece-la. Em vão se sublevaram interesses subalternos, procurando localizar noutro ponto, a [escola] Complementar, que o governo aqui inaugurou, para o bem do progresso e da instrução. Conselheiro X-A. P.3

30/6/1929 Notícias do interior do município. As estradas do inverno - O empenho dos caminhões em manter o transporte de passageiros e cargas, na estação atual, os faz passar por verdadeiras aventuras, devido as estradas estarem sofrendo as consequências das últimas chuvas. Comenta-se que foram tardios os serviços de reparação de estradas. P.6

30/6/1929 Telescópio - A entrada de menores nestes antros que, na gíria, chamamos de pensões, deveria ser expressamente proibida. Pois, é nestes lugares, freqüentados por indivíduos de baixa categoria, que se nos apresentam cenas, que os olhos da mocidade não deveriam presenciar. Uns penetram nestas casas, ou melhor ainda, nestas tabernas, somente para procurar com o álcool - este grande flagelo da humanidade - diminuir o vendaval das desilusões que lhes tortura o coração doente; indivíduos viciados que lá vão encontrar no álcool, o esquecimento de uma vida vergonhosa e um prazer novo, para as suas sensações insaciáveis. E as mulheres? Ah! Destas não se diz nada, porque o assunto roubar-nos-ia muito tempo. E a mocidade, esperanças da Pátria, sentinelas avançadas nos destinos da mesma, freqüentando estes antros, acotovelando-se com malandros renitentes, poderá perverter-se por contágio. P.1

30/6/1929 Anúncio: Posto de serviço C.O.B. Nesta bem montada oficina, dotada dos mais modernos e perfeitos aparelhos mecânicos para concerto e reparos. P.3

4/7/1929 Aparecimento do JP. Deputado estadual: parabéns pelo aparecimento da vossa folha que, pela sua feitura moderna, representa um progresso na vida jornalística local de um major do partido republicano: felicito vivamente o aparecimento do novo jornal que irá trazer maior contingente ao progresso desta cidade. Na imprensa: O Comercio: sob a direção dos nossos colegas srs. Virgílio Abreu e Mário Ilha, e gerência do sr. Antônio Lima. P.1

4/7/1929 Apelo ao povo da cidade e do município. Achando-se em plena atividade as obras de remodelação da nossa igreja matriz, em estado que urge completar a cúpula das torres, afim de se poder arriar os andaimes, pedimos o concurso devotado de todos os habitantes, para essa obra de culto religioso e embelezamento da sede do nosso município. P.1

4/7/1929 Editorial: Novos moldes Quanto ao nosso município onde é necessário um conagraamento geral de esforços a bem de enfrentar os seus grandes problemas econômicos e financeiros e onde o labor produtivo é intenso e incessante, pouco tempo pode sobrar para o exercício das tricas partidárias, impenitentes geradoras das dissensões e das discórdias. P.1

4/7/1929 Plantação do linho. Ensaia-se, neste município, o surto de mais uma fonte econômica. A Cachoeira, que já possui um grande poder econômico, será dotada de mais esta produção, de grande futuro. P.1

7/7/1929 Vida de jornal. O jornalista é tal qual papel de jornal. Este, claro, limpo, virgem, é colocado no prelo. Sobre ele rodam os cilindros e saem por bem achatado, dobrado e sujo de tinta. Para nada mais, depois disso, serve. Assim, nós jornalistas, moços, encetamos a carreira, alvejantes de esperança. As máquinas poderosas nos trituram o cérebro e também o corpo. A velhice colhe-nos esmagados, dobrados, enegrecidos. E também não servimos mais para nada. P.1

7/7/1929 Duelo a bala em plena rua Sete. Ontem, as 20 h, quando, ainda, era intenso o movimento nas ruas principais da cidade, uma lamentável cena de sangue, que a todos impressionou vivamente, veio perturbar a tranquilidade pública. O fato foi determinado por questões entre uma modista e a esposa de um dos protagonistas, pertencente a conhecida família deste município. Passemos, porem, a narrativa dos fatos. P.3

7/7/1929 Noticiário: o dia da flor. Senhoras e senhoritas da nossa melhor sociedade espalharam-se por todos os recantos da cidade, vendendo flores, em benefício das obras de remodelação da igreja matriz. P.2

11/7/1929 Pardieiro. Se o meu velho professor viesse aqui, nesta linda e formosa Cachoeira, que os forasteiros chamam de "petit" Paris e que ostenta na corte do nosso Estado o título invejado de princesa; se o meu professor, douto e sisudo, me perguntasse agora o que era pardieiro, eu responderia vitoriosamente: É a casa da rua Saldanha Marinho, n.113. P.1

14/7/1929 Lagoa das graças. Este interessante viveiro de aves é situado nos campos da família Batista Carlos, cujos sentimentos afetivos estendem-se das pessoas às coisas da natureza e, talvez por isso, essa relíquia tem sido conservada com carinho, apesar da invasão arrasante e barulhenta das lavouras de arroz. P.1

14/7/1929 Noticiário: Um homem que dorme ao relento. No passeio fronteiro a usina elétrica, na praça José Bonifácio, um homem de cor preta, há mais de um mês, ali dorme tranquilamente, sem ser incomodado. Cerca

das 22 h, o grande boêmio se recolhe ao seu “aposento”, sobraçando alguns trapos velhos que lhe servem de travesseiro e coberta. Deita-se e ali amanhece, completamente sossegado, satisfeito e feliz, rindo-se às vezes dos que passam tiritando de frio, mesmo encapotados, nestas noites invernosas. O infeliz homem não encontrou até hoje quem o abrigasse. Ai está um caso que bem merece uma providencia das almas bem formadas. P.1

18/7/1929 A Cachoeira atual. Atravessando uma larga quadra de aparelhamento de serviços necessários ao seu desenvolvimento – água, esgotos e calçamento – e, dada a perfeição com que foram executadas essas obras, a nossa “urbs” tornou-se, entre todas as cidades dos municípios do interior, um modelo digno de imitar-se. P.1

21/7/1929 Por que decresce a edificação urbana? A reportagem dá a entender que se devia diminuir o valor das taxas de construção para que mais pessoas fizessem edificações. P.1

28/7/1929 Policiamento da cidade. Tendo se verificado alguns roubos nos últimos dias, o sub-intendente da sede redobrou o policiamento da cidade, dirigindo pessoalmente esse serviço até tardias horas da noite. P.3

28/7/1929 Segurança pública. A série de furtos e roubos que, ultimamente, tem ocorrido nesta cidade, veio por a mostra a necessidade de um policiamento constante e organizado. Nesse terreno, a população urbana está, de há muito, desprovida de quaisquer meios de segurança. extinta a guarda municipal, criada desde a instituição da Republica, a qual muitos serviços prestou, o policiamento da cidade passou a ser feito pelo destacamento da brigada militar aqui aquartelado. no entanto, esta força, que teve seu efetivo reduzido, ficou impossibilitada de fazer vigilância, ao menos na zona urbana mais central. P.1

28/7/1929 Iluminação publica. A iluminação publica, por motivos de economia, vinha sendo apagada as 3 h da madrugada. Agora, porem, o sr. intendente municipal acaba de ordenar que o serviço de iluminação seja feito durante a noite. essa medida vem de encontro aos desejos da população, pois a falta de luz, depois daquela hora, favorecia a ação dos gatunos que, nos últimos dias, protegidos por ela, infestaram a cidade. P.3

28/7/1929 Um homem negro, aparentemente bem vestido, chama a atenção de senhoritas brancas. O preto que tinha alma branca. mas há rumores de que os homens que não compreendem a nobreza de certos sentimentos, vão se insurgir contra esse “atentado” e, qualquer dia, o D. Juan, talvez, termine entre as grades humilhantes do xadrez, a beleza de seu romance. A sociedade é assim, não admite almas brancas, a não ser em corpos brancos. P.1

1/8/1929 Quis bater o recorde. Na madrugada, o chofer, guiando o seu carro, que tem o n.10, resolveu bater o recorde de velocidade pelas ruas da cidade, desabalando por elas em carreira vertiginosa, numa media de 10 km/h. P.2

1/8/1929 Fiscalização do leite. Havendo várias reclamações sobre a má qualidade e condições de higiene do leite fornecido à população. P.2

4/8/1929 Fim de inverno. Quando eu era poeta (lindo tempo!) eu amava o inverno, amava os meses de frio e ia espreitar num banco da velha praça os raios de sol lantejouarem nas areias brancas, pingando dentre as folhas de grandes cinamomos. Hoje o progresso pôs abaixo minhas ilusões de adolescente. agora o inverno se despede... vai embora e se torna carrancudo, quer deixar saudades... mas levará a minha que é uma saudade fria e silente, uma saudade sem consolo... LG P.1

4/8/1929 Edificação urbana. A municipalidade deveria, para seu bem e beneficio da construção urbana, baratear os impostos e taxas que recaem sobre os prédios urbanos incrementando e estimulando a sua construção. naturalmente que, menos onerados, os construtores, ao invés de irem fazer seus prédios nos arrabaldes, procurariam os terrenos centrais, que, infelizmente, nos sobejam dando a cidade uma aparência triste e feia, de longos muros que se seguem a longos muros. Agora, para salientarmos o nosso espírito de completa imparcialidade, para que não nos acoimem de tendenciosos, vamos, ao passo que, defendemos a construção, defender a municipalidade, pois que, força é que se diga, muito tem feito, embora algo mais reste a fazer. ora, uma das funções da imprensa independente e que está contida perfeitamente no programa desta folha, é a de se bater, sem peias, pelo interesse publico.... Ora, muitas vezes é o próprio povo que ludibria o governo e este posto de terreno falso, embora imbuído das melhores intenções, age de maneira contrária a que desejava e dai redundando que sua ação venha a ter efeitos improdcentes. A construção urbana de Cachoeira sofre esse estado de coisas. construtores há que procuram “levar” a edibilidade, com projetos, planos e plantas, conseguindo isenções e regalias, para depois, de posse delas, fazerem as coisas a seu *bel* prazer, com prejuízo aos interesses coletivos que a municipalidade representa. Há em Cachoeira, por exemplo, pessoas que, com sutilezas tentadoras, conseguiram da administração publica, certas regalias e que, de posse delas, tudo fizeram ao contrario do prometido solenemente na letra de contratos legalmente feitos. uns que tem isenção de impostos por prazos determinados afim de construir certo numero de casas “destinadas a operários” e que nunca foram alugadas a estes e muito menos compradas por eles, nem a dinheiro a vista nem a prestação. Outros que apresentam plantas orçadas em grandes somas e que constróem simples galpões anti-estéticos. P.4

8/8/1929 Domingo outro filme digno do nosso culto publico. A lei dos fortes. Onde nada valia a justiça mais sim onde venceu o mais forte. Com Thomas Meigan. P.2

8/8/1929 Na vida intensa da cidade. Misticismo. É a alma supersticiosa da cidade que se vai ajoelhar ante o túmulo humilde da escrava preta. Pessoas pobres a pedir fortuna. Infelizes a pedir ventura. Dentes a pedir saúde. Namorados a pedir paz. Descrentes a pedir fê. Santa Josefa preside a alma religiosa da cidade. O povo anônimo, vai orar perante o seu túmulo e dele sobre ao céu o balbucio fervoroso das preces, queixas e pedidos, suplicas e lamentações. A igreja não reconheceu-a ainda. S. P.1

11/8/1929 Na vida intensa da cidade. Tipos de rua. Ó que seja vagabundo! É quase a alcunha popular desse tipo bizarro de filosofo que, para melhor sê-lo, tem grandes intimidades com a “branquinha”, inspiradora nacional de filosofias fáceis e baratas. A barba com pretensões nazarenas, o cabelo sem pretensão nenhuma a crescer como selva bravia onde o machado e a foice não entram, declaram-no, a primeira vista, inimigos intransigentes dos barbeiros. Conversa sozinho com seus botões, mostrando assim, um conhecimento profundo da miséria humana, na confundindo a curiosidade anônima do povo nem a profanação alheia, a beleza de suas ideias, a grandeza de seus pensamentos. E se acaso o riso fátuo de algum intruso vai feri-lo nas suas suscetibilidades filosóficas, ele, num olhar irado de desprezo, anatematiza logo: vagabundo! Para ele que percorre a cidade dia e noite, de venda em venda, a procura da inspiração engarrafada, todos os demais bípedes não passam de perversos vagabundos que encham a terra com o exemplo humilhante do trabalho. Poderá haver coisa pior, mais degradante, do que trabalhar? Vagabundo, deve, portanto, ser aquele que trabalha, que foge a regra divina da bem-aventurança paradisíaca, pois que o mundo deve ser, depois do batismo, a mesma e luminosa mansão edênica a quem nem faltam as mesmas Evas com a suas macas. S. P.4

15/8/1929 Teatros e cinemas. Recital de piano. Cachoeira hospeda a senhorita Noemy Rosa Teixeira, encantadora virtuosa do piano que hoje deliciara a fina flor de nossa sociedade, com um magnifico recital. P.3

15/8/1929 Conflitos e ferimentos. Várias notas. As autoridades locais, há pouco tempo, iniciaram o desarmamento no 1. distrito, medida que todos receberam com satisfação. Numas carreiras realizadas nas proximidades da Ferreira, aproveitado a grande aglomeração de pessoas armadas, o sub-intendente da sede, procedeu o desarmamento geral, fazendo, assim, grande apreensão de armas. P.2

15/8/1929 Sugerindo. Cachoeira já é uma cidade que, pelo seu movimento, pelo seu comércio, pela vida intensa de centro que trabalha e progride, necessita de certas medidas tomadas em outras cidades e que apesar de sua insignificante aparente, são de utilidade incontrastável. Trata-se do trânsito de veículos nas duas quadras que compreendem a avenida José Bonifácio, frente a Sete de Setembro. Em certas horas da noite e, principalmente, nos dias de feriados, domingos e outros, o movimento de pedestres naquele ponto já é considerável. em noites de calor, famílias acompanhadas de crianças, vão sentar-se nos bancos da avenida e as crianças andam a brincar pela rua. Em Porto Alegre, das 8h as 11 h da noite e mesmo das 2h as 6h da tarde, é proibido o trânsito de veículos na rua dos Andradas, onde se faz o *footing*. P.1

15/8/1929 *Spleen*. Numa dessas horas negras de *spleen* esnobicamente inglês, quando o indígena não sabe se toma striquinina ou compra uma vitrola; numa dessas horas em que nosso coração se derrete no mais desconsolador dos prantos sem motivo; numa dessas horas de agonia, quando a garganta se aperta nas aberturas de um nó e há como que uma bola que sobe e desce dentro de nós, não sei que coisa mais torturante que uma injeção super máxima, de certos cavalheiros que costumam escalar um determinado indivíduo para vítima auditiva de suas façanhas descomunais. P.1

18/8/1929 Na vida intensa da cidade. Dentro da noite. É a serenata dos vagabundos líricos, dos poetas anônimos da rua, que vão, como Romeus seródicos, a plena luz do século vinte revivendo a lenda romântica das aldeias idílicas. Então, aos nossos olhos já pisando de sono, aparece o cenário pitoresco de uma vilasinha, onde, há muito tempo, errávamos, de noite, de violão em punho, a entoar descantes amorosos a uma certa Dulcinéia desdenhosa... P.3

22/8/1929 Anúncio. V.S. quer passar algumas horas distraído, ouvindo boa musica num lugar confortável e chique? Vá todos os dias a confeitaria central. Rua Sete de Setembro n.141 P.3

25/8/1929 Um caso. Esmoleiro José Maria da Silva. É o caso da higiene enviá-lo para qualquer isolamento, retirando do seio de nossa população um veiculo tão grave de moléstia incurável. P.3

5/9/1929 Noticiário. intervenção cirúrgica. No decorrer do mês de agosto, o dr. José Félix Garcia, cirurgia aqui residente, praticou no hospital de caridade, dezesseis importantes operações de alta cirurgia, que foram coroadas de completo êxito. P.3

5/9/1929 Noticiário. Falta de policiamento. Moradores do alto dos Loretos estiveram em nossa redação, pedindo que reclamássemos para quem de direito, contra a falta de policiamento nesse bairro da cidade. alegam eles que todas as noites indivíduos desocupados e desordeiros percorrem as ruas dali, dando tiros e fazendo grande

algazarra. As famílias despertam sobressaltadas e, as vezes, ficam tomadas de pavor. P.3

5/9/1929 Há dias reclamamos, destas mesmas colunas, sobre a existência de um leproso que, a cavalo, anda mendigando pelas ruas da cidade. a nota despertou aplausos gerais e a nós vieram varias pessoas, não só trazer-nos o seu aplauso, como indicar-nos outros enfermos daquele mal terrível e que, em piores circunstancias, se encontram aqui, atentando contra a saúde pública. O fato agora apontado refere-se a certos quitandeiros que, no fabrico e venda de doces e outras guloseimas, obtêm os meios necessários a sua subsistência. As quitandas são o veiculos constante do mal nefasto e que vai atingir, justamente, a infância que é, no caso, a maior freguesia de tal comercio. P.1

8/9/1929 A iniciativa particular. Cachoeira apresenta, como cidade moderna, que progride e evolui, uma interessante e inédita característica na sua evolução. Em todas as outras localidades, sempre é a iniciativa privada que precede à iniciativa das administrações. Sempre, nos outros centros, o poder publico apenas inicia sua obra quando eles alcançam um determinado ponto de progresso que, então, exige o desenvolvimento de serviços necessários a higiene, conforto e embelezamento das cidades. Em Cachoeira, deu-se o contrario. não querendo esperar por uma era de maior desenvolvimento comercial e industrial, a administração publica, nas passadas gestões, iniciou a obra de saneamento, calçamento e embelezamento da cidade que, assim, tornou-se uma das mais lindas e modernas do rio grande. Ao forasteiro que aqui aporta, de logo, choca o contraste entre a beleza dos serviços públicos, que foram feitos primorosamente, e a feiura antiquado de nossa edificação urbana. Isso, quanto a estética. Mas aquele que aqui se demora e vai ter contato com o nosso comércio e com as nossas indústrias, mais ainda lhe desperta a atenção, o estado de atraso, a falta mesmo de indústrias, a deficiência de nosso comércio, que não condiz de modo algum com o que a aparência de fausto da cidade pode fazer crer. Nossas colônias se reduzem a pequenos núcleos, todos eles nas mãos do colono estrangeiro, como, de resto, lhes pertence a totalidade do que faz. Entretanto, pela sua aparência, pelo seu ar de cidade progressista, Cachoeira, engana ao que chega, dá-lhe a ideia de um centro de trabalho ativo e intenso, mas, na verdade, os nossos capitalistas só sabem plantar arroz e, por isso, os que poderiam ser aproveitados à frente de um grande estabelecimento fabril, se estiolam, vegetando eternamente à sombra dos balcões. O que aconteceria, porem, se as indústrias florescessem, se a iniciativa particular despertasse? Seria a azafama salutar das fábricas, seria o movimento contínuo do dinheiro, a vinda dos operários, o aumento da população, a recrudescência das edificações, um salto enorme para um progresso verdadeiro. É preciso, pois, que os nossos capitalistas se convençam que não é só de arroz que vive o homem. quando eles compreenderem isso, Cachoeira terá aquele surto esplêndido que merece ter a sua vida econômica, e corresponderá em riqueza o que tem em formosura, porque, infelizmente, em nossos tempos, a moça rica sem dinheiro, qualquer velha endinheirada põe no barro. S. P.1

8/9/1929 Noticiário. Um esmoleiro leproso. Aos funcionários da higiene municipal alegou José Maia que não sofre de mal algum, pois a perda de seus dedos, como mostrou cicatrizes, foi em consequência de um acidente que o vitimou, quando trabalhava numa maquina da empresa Scheidt. P.3

12/9/1929 Amanhã no Coliseu. Única exibição. Um filme como Cachoeira nunca viu. Amor e natureza. Até os mais insignificantes animais tem uma indistarcável propensão para o amor. Impróprio para senhoritas e menores. Película que mostra o amor em todos os temas e em todos os animais. P.3

19/9/1929 Teatro e cinemas. Não deve, pois, o culto povo cachoeirense perder a oportunidade e ouvir uma voz excelente, dotada de seis registros diferentes, dom excepcional que tem assegurado a baronesa uma série de contínuos sucessos, nas principais capitais da Europa e da América. P.3

19/9/1929 Inauguração de um monumento. Domingo, 22 do corrente mês, será solenemente inaugurado o monumento votado a N.S. da Conceição, padroeira desta cidade, erigido no frontispício remodelado da matriz, entre as torres, sobre o corpo avançado a fachada. O povo de Cachoeira é convidado para essa singela, mas significativa festividade, onde esse mesmo povo irá ver o lindíssimo aspecto da fachada remodelada do velho tempo. P.1

19/9/1929 Abortos criminosos. O jornal do povo, ante os numerosos casos de abortos provocados criminosamente, neste últimos tempos, nesta cidade, não pode silenciar diante da prática de um ato que a moral condena, a sociedade reprovra e a que a lei pune severamente. Nesta campanha que hoje somos levados a iniciar em nome da moralidade da sociedade cachoeirense. Esses crimes são sempre praticados por solicitação das interessadas sob a impulsão de diversos motivos; uns relativos a vaidade, outros as dificuldades da vida e ainda outros para encobrir os desvios da vida honesta. P.2

6/10/1929 Do meu canto. Obras municipais. Observa-se que a preocupação de embelezamento superou a de utilidade publica. Basta atentar que a parte livre da avenida Brasil, com uma calçada de largura futura e quase três metros, em cada um de seus lados terá a cada momento seu movimento interrompido, porque o espaço disponível será absolutamente insuficiente para atender convenientemente ao avultado numero de veiculos de

toda espécie que demandam a cidade e dela saem, com graves riscos de estragos nas próprias calçadas e nas árvores do centro da referida avenida. P.1

6/10/1929 Um grande hotel nesta cidade. Sabemos achar-se em organização uma sociedade para a exploração de um grande hotel nesta cidade. Para isso, deverá ser construído a rua 7 de setembro, esquina da 7 de abril, um alteroso edifício. O hotel terá um vasto salão para refeições, 60 quartos e todos os requisitos necessários a um estabelecimento de tal ordem, na altura do progresso local. P.3

10/10/1929 Quis morrer. Ignoramos os motivos que levaram essa malograda moça atentar contra a vida que deus lhe deu, em plena sessão primaveril, quando todas as adversidades são reparáveis! P.3

13/10/1929 Naquela avenida existe um prédio que sobressai do alinhamento dos demais, cerca de dois metros. Não seria possível, fazer com que desaparecesse essa protuberância? De fato, parece não ter havido preocupação de embelezamento, pois lá permanece a quebrar estética uma casa já considerada de utilidade publica. P.2

13/10/1929 O jogo do osso é a profissão adotada por grande numero de indivíduos sem ocupação lícita, alguns ate de menoridade civil. Oferece-lhes trabalho honrado, que demande esforços, e eles recusam-no, para viverem agrupados nas portas das vendas, chapéu na nuca, revolver a cintura, esperando a ocasião propicia de ganharem alguns mil reis, muitas vezes as custas da ingenuidade dos incautos. Não raro, os conflitos estouram, pois abusando do álcool, para eles tudo serve de pretexto a provocar um fervo. E assim, senhores absolutos daquela zona, tais indivíduos passam vida regalada, prejudicando o trabalho normal das empresas agrícolas mais próximas, desviando o pessoal para o vicio. P.3

13/10/1929 Obras municipais. Ora, a avenida Brasil, pela sua função de arteira principal da cidade, por onde Cachoeira recebe diariamente influxo de vida comercial, com entradas consecutivas de veículos de toda espécie, pejados de produtos de todo vasto território da comuna, por onde tem acesso todo o transito dos municípios vizinhos, nossos dependentes econômicos e geográficos, bem merece ter máximas facilidades de trafego, sem óbice que o retardem. Não será de certo estreitando aquela avenida, já de por si dividida em duas ruas, pela fila de arvores existentes em seu centro, que se atenderá ao movimento crescente que ela ostenta. Esse espaço livre é insuficiente em ocasiões de transito intenso. Nesse transitar de veículos, ainda existem carretas, as quais transportam principalmente arroz, o nosso grande produto. Contra elas muita gente, inclusive nosso ilustrado contraditor, tem elevado seus protestos. De fato, elas são velhas, arcaicas mesmo, lembrando épocas de atraso, mas mesmo assim, ainda são, infelizmente para nós, uma consequência inevitável e eloqüente do valor de nossas estradas. Não é possível impedir que as carretas nos prestem seu eficaz concurso no transporte das nossas riquezas. Se é um mal, é um mal necessário. P.2

17/10/1929 Memorial ao Ex.mo. Sr. Presidente Getúlio Vargas. Ao fim da administração do dr. João Neves da Fontoura, quando esta cidade já havia sido saneada, calçada e embelezada, salientou-se o contraste entre o velho templo, igreja matriz, e a praça ajardinada, em uma de cujas faces erguia-se, desde um século, erigido ao culto de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município. E como a arquitetura dessa obra destoasse chocantemente de beleza do aludido local, ocorreu aquele benemérito administrador o alvitre de nomear uma comissão que promovesse, as expensas do publico, a remodelação desse monumento em torno do qual criou-se e desenvolveu-se esta, hoje, florescente cidade. P.1

17/10/1929 Concorrência publica. Todos nos, municipais de Cachoeira, teremos a lucrar com isso, pois é bem de ver que os preços de custo diminuirão forçosamente. P.1

17/10/1929 Jogo de osso. Indivíduos sem ocupação passavam o tempo jogando o osso. P.3

17/10/1929 Animais soltos. É grande o numero e animais soltos que, muitas vezes, alem de prejudicarem plantas e cercados, dali saem para o centro da cidade. P.3

20/10/1929 A epidemia de suicídios. A desventurada jovem não diz, na carta que deixou a seus pais, o verdadeiro motivo que a arrastou ao transloucado gesto, mas a nossa reportagem soube que ela, desprezada pelo autor da sua desonra, procurou encontrar na morte o termo de todos os seus sofrimentos. Eva tinha vindo a esta cidade com o fito de se colocar, pois, abandonada pelo autor de sua desonra e tendo um filhinho para sustentar, precisava de recursos. P.2

24/10/1929 Noticiário. A epidemia dos suicídios. Na nossa edição de domingo, noticiamos detalhadamente o suicídio de uma jovem ocorrido na véspera num quarto do hotel brasil. Segunda-feira, com o pesar de grande numero de pessoas, uma distinta senhorita punha termo a vida ingerindo forte dose de cianureto. Dado o caráter alarmante do numero desses fatos, resolvemos daqui por diante não noticia-los mais, para que a descrição de um ou outro caso não possa, por suas circunstancias dramáticas, arrastar, sob qualquer contrariedade banal, algum espirito fraco e impressionável a pratica de um ato transloucado, enchendo de dor e de luto as pessoas que lhe são caras. P.3

24/10/1929 Furto nos jardins públicos. Desde há muito, vem se notando que, nos jardins públicos desta cidade, são furtados pés de flores que os ornamentam, principalmente os de roseiras finas. Os furtos tem se verificado a noite, depois de qualquer chuva. É quase impossível a fiscalização por parte dos guardas noturnos. Por isso é dever da população, bem compreendendo os sacrifícios que faz a municipalidade para manter devidamente cuidados os jardins públicos, auxiliá-la no mister de evitar a subtração de suas flores. P.3

27/10/1929 Farmácia aberta. Durante o dia de hoje estará aberta a farmácia Brasil, sita a rua 7 de setembro. P.3

27/10/1929 Medidas preventivas. Os fatos que determinaram a vinda de um posto anti-rábico para esta cidade, ainda estão na memória de todos. Mas, se é verdade que o mal foi rapidamente combatido, não é menos certo que as medidas preventivas contra o aparecimento de novos casos, ainda não tem a precisa eficiência entre nós. Esporadicamente, é feita a matança de cães, nesta cidade, digna rival de Constantinopla, a capital incontestada do mundo canino. Vagueiam eles as dezenas nas ruas da cidade. São de todos os pelos, raças e tamanhos, numa imensa variação que vai do familiar peludo ao vira lata legítimo. É necessário a metódica matança desses animais causadores de tantos males, e por muitas causas que não só a transmissão do vírus rábico. Ao poder publico cabe essa obrigação, mas também aos particulares, açaimando e prendendo os seus cães, não só para evitar contágio, porem para sua própria conservação e satisfação dos donos de animais verdadeiramente notáveis pelas suas qualidades e estimáveis pelo valor. Quem tiver esses animais deve mante-los em boa higiene e isolados da coletividade. P.1

31/10/1929 Moderno hotel. O sr. César Verdi, em circular que nos dirigiu, comunica-nos que adquiriu as existências do antigo hotel s. José, dotando-o de todas as instalações modernas, para o maior conforto de seus hospedes. P.3

3/11/1929 Teatro. A companhia que vai, agora, fazer sua estréia no Coliseu reviverá as noites magnificas de Cristiano de Souza, pois para isso dispõe de elementos de valor, a par de cenários e guarda roupa modernos e luxuosos. P.2

3/11/1929 Nova construção. Anteontem, por ocasião do levantamento da cumeeira do elegante prédio mandado construir no bairro Rio Branco, houve uma festa oferecida ao seu construtor e aos operários que ali trabalham. P.3

3/11/1929 Dia de Finados. A concorrência aos dois cemitérios locais, no dia de ontem consagrado a comemoração dos mortos, foi avultadíssima. O movimento de veículos intensificou-se grandemente, não havendo desastre algum, diante das medidas estabelecidas pela inspetoria de trafego. P.3

3/11/1929 Reclamações. A morosidade com que são atendidos os pedidos para a carroça fúnebre da municipalidade, vulgarmente conhecida por Maria Creola, fazer o transporte dos cadáveres de indigentes. P.3

3/11/1929 Noticiário. Animais soltos. Na rua Júlio de Castilhos, nas imediações da praça Borges de Medeiros, já constitui habito inveterado a permanência, durante o dia e a noite, de animais soltos, principalmente de vacas leiteiras, que vagam por ali prejudicando as propriedades e seus jardins. Ate do jardim da praça Borges de Medeiros esses animais tem sido retirados por mais de uma vez. Compete a fiscalização urbana averiguar a procedência da reclamação dos proprietários daquela parte da cidade, para tomar as providencias cabíveis. P.3

3/11/1929 Reclamações. A freqüência das detonações a noite, a rua Pinheiro Machado, nas proximidades da General Portinho, a ponto de alarmar as famílias ali residentes. P.3

3/11/1929 Ociosidade. Se a ociosidade é, no que diz respeito ao trabalho manual, a mãe de todos os vícios, podemos afirmar que a ociosidade intelectual é a mãe de todos os erros, de todos os preconceitos, de todas as frivolidades, de todas as injustiças. Em geral, a mulher lê pouco e nossa terra. Onde vem esta abstenção? Preguiça de espirito? Não o cremos! Escrúpulo mal entendido ou exagerado? Talvez... Se não pudermos empregar em belas cousas, ao menos, que nos sirva para cousas boas; e se não pudermos ser úteis ao nosso próximo, que não lhe sejamos prejudiciais. Ora, o vácuo da inteligência nos leva infalivelmente a este ultimo resultado; nunca a benevolência, a tolerância, farão domicilio em um cérebro vazio, e sim a vaidade, essa vaidade desenfreada, que abre caminho a maledicência, que não se detém, que vai ate a calunia, para chegar a inveja, ao ódio. Marinha Noronha. P.1

7/11/1929 Teatros e cinemas. Teatro cômico. Cachoeira foi, das cidades do interior, a primeira a ser brindada com uma temporada que há de deixar gratíssimas recordações de sua passagem. P.2

14/11/1929 Do meu canto. Justa pretensão. Inegavelmente, o bairro Rio Branco é a parte mais linda da cidade. Ali, a nova Cachoeira, concentrou alguns dos melhores princípios das formações modernas de aglomerações humanas. Proibindo a construção de prédios abaixo de um determinado valor, traçando ruas largas, arborizando-as, estendendo para aquele trecho as suas redes de iluminação e agua e esgotos, visou o poder municipal, criar uma Cachoeira moderna, com todos os requisitos exigidos, para conforto de seus habitantes e modelo dos futuros

aumentos da sede do nosso prospero município. É uma vasta zona, hoje central, por onde passam parte do grande movimento dos engenhos, além de ponto preferido para passeio dos habitantes de outras partes da cidade. Por isso mesmo, é que chama a atenção de qualquer pessoa menos conhecedora dos mistérios das administrações municipais, o fato de permanecerem sem qualquer melhoramento as duas quadras da rua comendador Fontoura, entre Venâncio Aires e Sete de Abril. O leito da rua nesse trecho, assemelha-se a tudo, menos a uma rua. Buracos, regos e sulcos profundos, barro quando chove, pó insuportável com o bom tempo; nem calçamento, nem alinhamento, nem nivelamento, uma antítese perfeita com as ruas vizinhas, um arcaísmo. Ali, parece terem sido esquecidos todos os serviços municipais. Consta-nos que o nome solicitado para padroeira das decantadas duas quadras será o de São Esquecimento - rua do esquecimento. É de notar que essa justa pretensão é apoiada pelo sintomático fato de nenhuma parte da cidade acumular em tão pouca mão tal número de automóveis. Nove são as casas existentes, e sete os proprietários que autos. Provavelmente é essa a razão da prolongada amnésia municipal. P.1

17/11/1929 Conflito entre menores. É preciso uma providencia imediata para coibir o abuso dos menores que, sem ocupação, perambulam pelas ruas da cidade, provocando lutas corpo a corpo, perturbando o serviço dos que trabalham e, muitas vezes, desrespeitando a família. A noite, preferem eles paralisar as suas arruaças, armando-se de cacetes e fazendo provocações. P.3

21/11/1929 Algumas idéias. Não são minhas somente as idéias, nem são elas novas; são idéias de muitos moradores desta progressista e encantadora Cachoeira, que se encontram com minhas idéias. P.1

12/12/1929 Animais soltos. Uma turma de inspetores foi apanhar os animais que ali pastavam soltos. A safra foi grande, tendo sido recolhido, ao respectivo deposito, grande numero de cabeças, tanto de gado vacum como de cavalos. P.3

15/12/1929 A pedido. Para as obras da matriz. Fazemos um apelo ao generoso povo de Cachoeira. Pedimos aos moradores de fora, da campanha, que nos enviem, sempre que puderem, um óbolo para as obras, sendo que os que não dispuserem de dinheiro podem fazer os seus donativos em espécie. Isto facilitará o auxilio dos colonos que aqui fazem negocio e também dos pequenos lavradores ou criadores deste grande e rico município. O empreendimento iniciado com um exíguo capital e confiado exclusivamente no auxilio moral e material dos moradores e filhos desta terra que desejarão honrar a sua excelsa padroeira com um templo digno dela. P.2

26/12/1929 Limpeza das ruas. A secretaria do município esta chamando concorrentes para o serviço de limpeza das ruas desta cidade. P.3

1/1/1930 Jornal do povo. Esta folha será, hoje, distribuída indistintamente nesta cidade e no interior do município. Aqueles que não quiserem assina-la, deverão devolve-la a nossa redação. P.3

1/1/1930 A entrada do ano novo. A entrada de 1930 foi festivamente recebida e comemorada com brilhantismo. A meia noite, ouviu-se o apitar das fabricas, o bimbalar dos sinos, o estrugir das bombas e foguetes e o buzinar dos automóveis. P.3

1/1/1930 Suicídio. Levou-a a praticar do seu ato translocado por amores mal correspondidos. P.3

5/1/1930 Obras da matriz. A comissão de remodelação da igreja matriz resolveu organizar festas mensais em beneficio das obras em andamento, patrocinadas por senhoras cachoeirenses e outras há muito tempo aqui residentes, que, pelos seus sentimentos religiosos e pelo interesse demonstrado, sintam-se orgulhosas em concorrer com o seu esforço para a reconstrução e embelezamento do velho templo local. P.3

19/1/1930 O Rio Grande visto por um yankee. Aqui, o quadro campesino é sempre magnífico, operoso, progressista. Lá, tirando os grandes centros literários, difícil será encontrar uma cidade de campanha, qual a Cachoeira, por exemplo, onde o arranjo e a beleza da cidade emparelham com a atividade e os processos aperfeiçoados dos trabalhadores rurais. Veja essa riqueza homogênea do território, onde o povo trabalha como em uma colônia. Veja esses engenhos de beneficiar arroz, verdadeiros empórios de riquezas agrícolas; essas grandes usinas de fundições; esses comércios opulentos; esses lindos institutos de ensino; essa beleza estética da cidade, aparelhada, como as principais cidades do mundo de tudo que é necessário ao conforto, à salubridade, ao aperfeiçoamento fisico e moral de um povo... P.1

19/1/1930 O chefe da seção de higiene solicitou providências ao intendente no sentido de serem desocupados todos os casebres e chalés da avenida Cavalheiro desta cidade. Além do péssimo estado de higiene, oferecendo sério perigo à saúde dos seus habitantes, que são pessoas pobres, o aludido local é ponto onde freqüentemente ocorrem desordens e conflitos. P.3

2/3/1930 Os comícios de ontem. Impressões produzidas pelo grandioso espetáculo cívico. Cachoeira, desde a manhã de ontem, viveu, como nunca, o seu dia de vibração patriótica. Desde as primeiras horas, a praça Baltazar de Bem, regurgitando de eleitores, enchia literalmente os recintos das 6 seções eleitorais, situadas nesta praça

enquanto que por todas as ruas da cidade, ainda se encaminhavam para ali, grandes e pequenos grupos de cidadãos, a maioria a pé, outros em autos, auto-bondes e caminhões, engalanados, estes últimos, de flâmulas em que as cores riograndenses se enlacavam, sob o drapejar do pavilhão estrelado da republica. P.1

3/4/1930 Suicídio. A causa do suicídio foi a oposição levantada contra o seu casamento, por pessoas da família da moça a quem ele se tinha enamorado. P.3

3/4/1930 Justa reclamação. Vários moradores da rua Moron vem solicitar providências no sentido de, depois do toque de silêncio, cessar o serviço de transporte de arroz do porto da cidade aos engenhos em caminhões, cujas descargas abertas de seus motores e apitos estridentes e incessantes de suas buzinas, até altas horas da madrugada, roubam o sossego e a tranquilidade dos que, a noite, precisam do repouso indispensável para, no sono, se refazerem das energias perdidas durante o dia. P.1

13/4/1930 A margem do relatório. Saúde publica. A julgar por estes dados estatísticos, a população do nosso município cresce, anualmente, em mais de mil habitantes. A longos traços, eis um dos mais interessantes aspectos do município de Cachoeira, para qual não será demais chamarmos a atenção do nosso publico. Tanto em instrução, como no cuidado de preservar e de atender a saúde publica, o nosso município não teme defrontar-se como os que melhor administrados forem. O seu aparelhamento nesse sentido, é, talvez, o melhor que exista entre todos os municípios do imenso território brasileiro. Junte-se a esse aparelhamento as condições propicias do clima, a configuração da topografia do seu território, a uberdade do solo adequado a todas as produções agrícolas e pastoris, e teremos a idéia de quanto alcançarão as possibilidades deste privilegiado rincão da terra gaúcha. A seguir salientaremos os seus aspectos econômicos e, por fim, a sua situação financeira, cuja gravidade inocultável está a reclamar de todos os seus habitantes uma cooperação altruísta a fim de que não se torne serio embaraço ao progresso e bem estar de nossa terra. P.1

17/4/1930 Concurso de beleza. Um senhorita de fina educação, de traquejo social, dotada de elegância, sempre se distinguira, diante da objetiva, da matuta ou, mesmo, da senhorita deselegante, apesar de todos os truques da arte fotográfica. Outros elementos que vão auxiliar o júri, embora menos importantes que os primeiros, são os que dizem respeito a cor dos cabelos, dos olhos e o tom da tez. P.1

17/4/1930 Suposições. Trata-se de uma mulher? Ai dela! As suposições já andam a correr: falou assim? É mentirosa. - não fala em sua família? É aventureira! - fez um lindo vestido? Não pagou a costureira... E aquela outra atrevida que disse mal de mim? Vulgar... P.1

24/4/1930 Quebra desastrosa. A Cachoeira, como todos recantos do Rio Grande, também tocou um pouco do desastre produzido pela surpreendente quebra de um dos nossos estabelecimentos de credito - o Banco Popular. P.1

1/5/1930 Discurso na inauguração de ponte. Meu amor a Cachoeira e o desejo que tenho de contribuir com o meu esforço para o seu progresso, me levariam a realizar todas as obras de viação que os distritos ainda precisam, se os recursos tributários já não estivessem quase esgotados . P.2

1/5/1930 A vítima foi procurada por um enviado do autor do crime, que lhe mandou oferecer uma quantia em dinheiro, uma carroça e uma fatiota, para desistir do processo que lhe será instalado, tendo, porém, recusado a oferta, mesmo porque já havia constituído advogado para acusar o réu. P.3

4/5/1930 No afã de precaver a cidade contra o ingresso de indesejáveis, destacou dois guardas na estação da estrada de ferro, afim de policiarem o desembarque de passageiros, entre os quais se insinuassem indivíduos de procedência suspeita. Foi assim que o guarda avisou a delegacia que havia desembarcado um indivíduo de “cara discutível”. Imediatamente todos os passos do recém chegado foram seguidos pela policia, ate que a noite esse individuo se pusera de ronda numa pensão de mulheres . A autoridade já estava de sobreaviso, sabedora do caso, efetuou a prisão do desconhecido e o levou a delegacia, para ser interrogado. Ai então, sendo também intimada a infeliz mulher que se escondera, desvendou-se o mistério. Tratava-se de um proxeneta [cafetão], que vinha há meses explorando com um cinismo revoltante. E quando a infeliz não obtinha o dinheiro exigido, era maltratada e espancada pelo repugnante explorador. P.3

8/5/1930 Noticiário. O embarque de miss Cachoeira. A nossa embaixadora do grande certame de formosura teve concorridissimo bota-fora, sendo-lhe oferecidos inúmeros ramalhetes. P.3

8/5/1930 Noticiário. Bomba de gasolina Atlantic. Substituiu por uma moderna a bomba existente na frente de seu estabelecimento. P.3

15/5/1930 Noticiário. Circo Riograndense. Os trabalhos da companhia foram muito apreciados e conquistaram o publico que não regateou aplausos aos artistas. A estréia foi a mais feliz possível, registrando-se um sucesso de bilheteria. Anteontem e ontem, com enorme concorrência, realizaram-se mais duas funções. P.3

15/5/1930 A vila Barcelos, que fica bem próxima a esta cidade, tem sido o ponto escolhido a moradia de

operários e pessoas pobres, que não podem pagar os alugueis elevados das casas do centro urbano. P.2

25/5/1930 Concurso de beleza. Linda e meiga, miss Cachoeira, fez-se queridíssima de todas as suas companheiras de torneio, dos quais se tornou uma dedicada e adorável amiguinha. Cachoeira pode orgulhar-se de ter sido representada por uma tão nobre e encantadora miss, uma tão bela expressão das altas qualidades espirituais da alma feminina riograndense. Em nosso meio social, a senhorita Alzira Torres será lembrada sempre, com saudades como miss meiguice. P.2

1/6/1930 Noticiário. Será hoje iniciado desarmamento geral, sem distinção alguma. Só poderão andar armados aqueles que tiverem licença da autoridade competente e nos casos que a lei permitir e as autoridades civis e militares quando em objeto de serviço. Essa medida que há muito se empunha, como um meio de reduzir a criminalidade que tanto tem aumentado nos últimos tempos. P.3

8/6/1930 Editorial. A lavoura de arroz. Cachoeira precisa de um instituto que defenda os interesses da sua lavoura arrozeira. Se esta não se organizar, a sorte dos atuais empresários não pode deixar de ser má. P.1

12/6/1930 Noticiário. Companhia Jaime Costa. Está definitivamente assentada a vida a esta cidade da companhia de comédias dirigida pelo consagrado Jaime Costa. A estréia está marcada para o dia 16 do corrente. P.3

23/6/1930 Noticiário. Uma reclamação. A usina elétrica, situada no centro da cidade, deu em queimar casca de arroz, expediente muito louvável em vista que este combustível é aqui muito abundante e cremos que só custará o transporte. Mas acontece que com este combustível a chaminé vomita para o ar grande quantidade de cinza. O vento, ora para um lado, ora para outro, atira essa cinza, uma espécie de fuligem, sobre as ruas e sobre as casas, sendo que a das ruas é preciso retirá-las em carrinhos. As habitações, os jardins, os pátios ficam recobertos dessa poeira negra que achando portas e janelas penetra nas casas estragando e empoeirando tudo. P.3

23/11/1930 Recordações. De tudo me recordo com saudades. Hoje, Cachoeira é outra, está mudada, nova e com outra gente. Só não mudaram o Virgílio, o velho com alma de moço, elegante no escrever, comedido nas apreciações e moderado no dizer; o Soares Neto, que esqueceu a data do seu nascimento e é, ainda, o fumador insaciável e freqüentador, à noitinha, do paulista, onde, espera o Mário, para contar a última; o estimado Lobato, que caminha gingando de faceiro e dá boas gargalhadas; o Luiz Leão, nos falar uma ferra, mas incapaz de fazer mal a ninguém; o Eduardo Oliveira, que se esconde dos clientes, quando o trabalho é muito e ele tem, no bolso, a cadeira do cinema e o dinheiro para a despesa. Só estes não mudaram. E eu... Não mudei, também. AV. P.1

27/11/1930 Noticiário. Suicídio. Onde trabalhava como serviçal, suicidou-se GM, de cor mista, de 15 anos, ingerindo fortes doses de cianureto. Segundo versão corrente, G, enciumada por lhe declarar seu amante HV, que iria a um baile, resolveu matar-se. P.3

27/11/1930 Noticiário. Iluminação pública. Tendo os moradores interessados contribuído para esse melhoramento com o valor dos postes. Estamos, porém, informados que a aludida companhia, sob vários pretextos, se recusou a estender os fios para a iluminação pública, apesar de várias solicitações da intendência municipal. P.3

27/11/1930 Noticiário. Velocidade excessiva. Ultimamente alguns condutores de automóveis tem excedido a velocidade desses veículos, no centro da cidade, onde mais intenso é o movimento. Não só durante o dia, como também as primeiras horas da noite, tem-se visto automóveis de passageiros e caminhões em disparada pelas ruas principais. Tem havido, devido a essas infrações, pequenos acidentes, e por isso, para evitar os maiores, é indispensável que a inspetoria de veículos tome providências. P.3

7/12/1930 Crônica. Ao V. de A. Dizeis que minha pobre crônica foi lida com especial agrado por toda a gente, “*sem embargo de recordar velharias*” de Cachoeira. Quando lembrei-me de escrever alguma coisa para o jornal, entendi que a primeira tira deveria ser como uma homenagem a Cachoeira antiga e, assim, o fiz. AV. P.1

14/12/1930 Editorial. O Jornal do Povo não se arroga, por certo, o direito de ser juiz de tal escolha, opinando que seja má ou boa. Alias, a imprensa não é julgadora: é preparadora dos julgamentos. P.1

21/12/1930 Noticiário. Visitas domiciliares. Na próxima semana, os fiscais da seção de higiene municipal, percorrerão a cidade, visitando os pátios e quintais, afim de verificarem o seu estado de limpeza e determinarem as medidas necessárias para a remoção do lixo e dos suínos que neles forem encontrados. P.3

21/12/1930 Noticiário. Animal encontrado. Foi encontrado na vila militar uma potranca mestiça, de pelo tostado, tendo a marca D, ignorando-se seu legítimo dono. A potranca foi encontrada com um bucal e se acha em bom estado. Será a mesma entregue a quem provar sua propriedade. P.3

21/12/1930 Velharias. Há, ainda, alguns moços que admiram as velharias e rendem culto as cousas antigas. Tenho um amigo que, tratando de estabelecer sua casa, lembrou-se que precisava flores para adornar as janelas de sua sala de jantar. Pensam os leitores que procurou mudas de roseiras finas, ou outras flores? Não, fez o

empenho de conseguir uma muda de arruda e outra de manjeriço. Eram as flores preferias por seus velhos avos, gosto que ficou como única herança. Hoje, ninguém olha para os velhos e nem dão-lhes valor. Eis porque admiro e sou amigo dos que gostam da arruda e do manjeriço, pois, nisso, vejo que conservam, também, a educação antiga e, na sua palavra, ainda se pode confiar. Felizes os tempos em que beijo era bicota e anel se chamava de mamoria. AV P.1

25/12/1930 Necrologia. Através de seu temperamento as vezes impetuoso e severo, escondia um rigoroso sentimento de justiça para todas as suas ações e um grande e boníssimo coração. Se acontecia errar, por qualquer má interpretação a leis e regulamentos, procurava logo corrigir o erro, não consentindo que, por sua culpa, resultasse qualquer prejuízo as partes. Aos pobres que a ele recorriam, na modéstia das nobres ações praticadas, ele sempre os amparava, para defender-lhes qualquer direito postergado e para auxilia-los materialmente. P.3

29/12/1930 Edital Prefeitura Municipal. Concorrência pública. Limpeza de ruas. Varrer diariamente as ruas Saldanha Marinho, 7 de Setembro e Moron e respectivas travessas calçadas, largo Colombo, bairro Rio Branco e praças Baltazar de Bem e José Bonifácio. Conservar estas ruas em perfeito estado de limpeza, capinando as ervas daninhas todas as vezes que isso se tornar necessário. Varrer duas vezes por mês as ruas Júlio de Castilhos, 15 de novembro e 1 de marco, e respectivas travessas. P.1

1/1/1931 Noticiário. Entrada do ano novo. Foi recebido com demonstrações de júbilo a entrada de 1931 A meia noite, todas as fábricas e a usina elétrica apitaram, os sinos de todas as igrejas badalaram, os automóveis buzinaaram e foram queimadas bombas e foguetes. P.5

1/1/1931 Necrologia. A extinta, pelo seu gênio bondoso e pelas suas apreciáveis virtudes, era uma senhora largamente conhecida. Além de esposa amantíssima e mãe extremosa, que o foi exemplarmente, fez o bem indistintamente durante toda sua vida, granjeando afeição de um numero incontável de pessoas. P.5

1/1/1931 Mensagem ao dr. Assis Brasil (ministro da agricultura). A lavoura arrozeira do Rio Grande (e cremos que do Brasil) nasceu aos tantos dias de um mês do ano de 1893, no 3 distrito deste município. Foi seu fundador Gaspar Barreto. Esse honrado e galhardo gaúcho, senhor de um pequeno campo de criação, ensaiou nele a cultura do arroz, em um tanto larga escala, por irrigação oriundas de represas a que chamam irrigação natural. Mas acontecendo que precisasse de reunir algum pessoal para o trabalho cultural, foi tornado como chefe de clã favorável aos ideias federalistas da revolução de 93; e como o federalismo era indefeso à republica presidencial da autoria de v. Ex.a, a legalidade achou de bom aviso, primeiro meter esse lavoureiro na cadeia e depois espanta-lo para outras plagas. Consequência: perdeu a lavoura, perdeu a criação, acabou por perder também o campo. Mas a semente ficou. Germinou em outras terras. E desse ai ficou constituída a pequena lavoura. O arroz entrou, pois, nos costumes. Devido a isso, em 1911 ou 12, Jorge Franke, um industrialista de raça, fundou a grande lavoura arrozeira do município, estabelecendo aqui, não só a irrigação artificial por meio de bombas e calhas, como também fazendo e estimulando a fundação dos engenhos e descasque. Com tais ensanchas, para logo as terras marginais dos cursos d'água do território municipal se cobriram de instalações arrozearas, em numero de mais de duzentas, entre pequenas e grandes. Foi a idade do ouro. Aquele que não estivesse entrelaçado a numerosa família dos arrozeiros, não era filho de boa gente... De tudo isso se conclui que a causa das nossas desastrosas crises vem do alto preço do custo do que produzimos. Ora, sendo o arroz uma cultura que demanda muito emprego de capital, e sendo este muito caro, como se viu, o seu custo também excessivamente alto, há de sempre fazer esse produto quase inexportavel. Senhor ministro. Ai tende uma exposição que não prima de certo pela clareza e que com certeza incide no pecado da prolixidade. Mas ao espírito do homem que iniciou sua glória ensinando ao seu povo a cultura dos campos, única ciência que, verdadeiramente, embeleza a vida campestre, não lhe repugnará o trabalho de divisar, através de semelhante lenga lenga, a precisa situação de uma lavoura que, agora, mais do que nunca, necessita de assistência benévola do poder publico. E essa temos certeza, não lhe será negada. Cachoeira não é só o coração geográfico do rio grande; é também o centro do organismo gaúcho em que pulsa o coração da sua maior industria de produção agrícola. Pois é esta ínclita Cachoeira que está, virtualmente, com sua autonomia financeira perdida, presa de uma crise econômica, em cuja derrocada vai arrastada a fortuna das laboriosas classes trabalhadoras, comerciais e industrialistas, vítimas de suas iniciativas criadoras, que ainda não conseguiram dos poderes públicos senão medidas de falsos paliativos, no sentido de ampara-las, por meros créditos que resolvam o indispensável problema de produzir barato. E o motivo dessa derrocada não é outro senão a falta de crédito agrícola, no verdadeiro sentido, afim de proteger a lavoura e não esses que fazem deparar com emergências de precisarem de vender pela metade do preço o custo das produções lavoureas. Assinado: Jornal do Povo. P.1

8/1/1931 Poesia. Que é que há. Mas o que há de melhor, com certeza, E passa por “furo” e “furo” novo, É ter do Jacuí à Princesa Um defensor no JORNAL DO POVO. Afinal, leitores, que é que há? - Se Ele separa do trigo o joio, Seu governo brilhante será, Conquistando dos bons todo apoio. Avante! - Salve, ó JORNAL DO POVO! Jornal livre, que tudo desvenda!... Assim sendo, - durante o “Ano Novo” - Todo o povo homenagens te renda!...
ACB

11/1/1931 Necrologia. Homem laborioso e progressista, dotado de uma lúcida inteligência natural, o extinto era no nosso município um tipo respeitável e acatado, pois, a par disso, possui apreciáveis qualidades de caráter e coração. Foi sempre um ardoroso federalista. P.1

18/1/1931 Garden-party em benefício do hospital de caridade. Já estão sendo tratados os jardins da praça Borges de Medeiros, bem como a instalação elétrica, para a iluminação feérica do local. Trata, presentemente, a comissão, da elaboração do programa da hora de arte que, com a eleição da rainha da festa, constitui os atrativos da festa para os que não rendem culto a Terpsychore. Está, pois, Cachoeira de parabéns, por isso que vai assistir a uma linda festa, inédita para ela, fazendo, do mesmo passo, uma obra de caridade. P.1

18/1/1931 Furtos, invasão de propriedades, etc. Esta localidade, que primava por ser uma das populações mais ordeiras, quebrou seu ritmo de ordem e tranqüilidade. De um ano a esta vem sendo cometidas toda sorte de tropelias, por um agrupamento de indesejáveis que danificam plantações, invadem propriedades, arrombam cercas, sendo que ainda, há pouco, foi quebrado um barril de uma fonte de serventia da população, verificando-se, agora, roubos de galinhas, de milho em espiga, frutas verdes danificadas como melões, melancias, etc. P.4

18/1/1931 Os furtos na estação dessa cidade. Os furtos praticados na Viação Férrea, por um empregado da própria estação dessa cidade, que, segundo consta aqui, era de combinação com um negro, alheio aos serviços da estrada. É incompreensível que um jovem, no começo da vida, com uma carreira relativamente brilhante nos serviços da estrada, jogue fora seu passado, seduzido por meia dúzia de pares de sapato. Não se pode dizer que o exemplo parta dos próprios empregados ferroviários, pois seguidamente vê-se nos jornais elogios a empregados humildes que restituem objetos de grande valor e dinheiros perdidos nos trens, cujos elogios são distribuídos em circulares ao pessoal, para incentivar a prática de atos nobres. P.4

22/1/1931 E foi assim que o Jornal do Povo, fiel ao seu programa de se bater em defesa da população cachoeirense, destacou um de seus auxiliares de redação, para constatar a procedência da acusação. P.2

25/1/1931 O jogo. Mais do que nunca, o jogo campeia abertamente, começando nos clubes da alta sociedade, indo terminar nos antros, onde a burguesia, a canalha, vive ébria de vinho, tonta de fumaça. Homens sem escrúpulos, refinados jogadores profissionais, além de macularem e corromperem a sociedade, desrespeitando a lei, ainda arrastam para o pano verde, esta juventude sonhadora e inexperiente, que mal vem desabrochando para a vida, a qual atraída pelo barulho das fichas, deslumbrada ante a policromia das cartas do baralho, se deixa conduzir pela mão criminososa dos exploradores, através do abismo tenebroso do jogo, que nos dizer do rui - é a lepra do corpo e o verme do cadáver. O jogo é um cancro incurável. Come o dinheiro do indivíduo, come a honra, atirando-o por fim, no lodo de todas as depravações. P.1

25/1/1931 Perdição de menores. O recreio Thaufik e similares. Onde criminosamente se exploravam menores de todas as classes sociais, despertando-lhes o gosto pelo jogo e pela bebida. Outro recreio de perdição, que igualmente se locupletava explorando e pervertendo crianças, com jogos e bebidas. P.1

12/2/1931 Carnaval. Sem nenhum entusiasmo, aproxima-se o período anual em que se rende culto ao deus momo. Como tem acontecido nos anos anteriores, o carnaval de agora vai se circunscrever aos bailes promovidos pelas sociedades locais e, possivelmente, pela afluência do povo a praça José Bonifácio, onde haverá jogos de confete, serpentinas e lança-perfume. P.2

19/2/1931 Noticiário. O pó das ruas. Os moradores da rua Júlio de Castilho e travessas, no bairro rio branco, pede-nos reclamemos a prefeitura as providências necessárias a irrigação das aludidas vias públicas, pois o pó nelas existente está causando grandes males a saúde como deixa em estado de sujeira permanente o interior dos prédios. P.2

22/2/1931 Numeração de prédios. É uma verdadeira inconsciência, agora que todos andam atorados, de bolsos vazios, cogitar-se da numeração de prédios, numa cidade pequena como Cachoeira, onde todos são conhecidos e onde não ha queixas nem reclamações sobre endereços. Cachoeira, nos últimos anos, teve sua população diminuída, o que concorre para que, com mais facilidade, sejam todos perfeitamente conhecidos e encontrados em suas residências. Ademais, não faz muitos anos que a municipalidade substituiu as antigas placas de numeração, que eram de ferro, pelas atuais, de custo não superior. Portanto, a quase totalidade das casas da cidade está numerada e os estafetas do correio não encontram dificuldade na distribuição da correspondência. Que espécie de concorrência é essa, sem publicidade? Será que essa espécie de concorrência deve ser conhecida apenas dos funcionários da prefeitura? Nesse caso, só podiam concorrer a ela meia dúzia de amigos dos funcionários, para entre eles ser escolhido o fornecedor das placas. P.1

26/2/1931 Noticiário. Remoção do lixo. Em concorrência pública havida, foi aceita a proposta do sr. Manoel da Fontoura Xavier, que assinou o respectivo contrato com a municipalidade para, no prazo de 3 anos, fazer o serviço de remoção do lixo e matérias fecais da zona urbana da cidade. P.3

26/2/1931 Pela moralidade. Está anunciada para amanhã, no Coliseu, a exibição do filme *Vicio e beleza*, que em

ano findo foi passado na tela daquele centro de diversões. Trata-se de uma fita imoral, grosseiramente confeccionada, sem arte alguma, que ao deve interessar a população. P.3

5/3/1931 Legionários da revolução. Cachoeira, que foi a primeira a pular na estrada, abrindo caminho a arremetida fulminante contra o principal baluarte da devastação da republica, sente-se no dever imprescindível de enfileirar-se entre as forcas que montam guarda vigilante a consecução dos objetivos finais da jornada de 3 de outubro. É preciso portanto confessar, desde já, que Cachoeira é partidária ardorosa da constituição eficiente dessa milícia cívica. Não queremos saber se essa agremiação patriótica reveste caráter de uma espécie “fascio” mercê da qual Mussolini remodelou gloriosamente a Itália, ou se essa força constituíra apenas a reserva popular, disciplinada, com a qual poderá contar a parte do exército que se fez órgão do povo brasileiro para a conquista do seu regime democrático. P.1

8/3/1931 Noticiário. Viação aérea. Foi inaugurada ha poucos dias a linha regular de aviões da companhia Viação Aérea Rio Grandense (VARIG), entre as cidades de porto alegre, Santa Maria e Santa Cruz. Cachoeira, pelo seu desenvolvimento comercial e pela sua importância econômica, estava incluída nesta linha. No entanto, segundo estamos informados, a prefeitura ate hoje não respondeu o officio que a VARIG lhe dirigiu, solicitando providencias e informes, para a escolha de um campo, no qual possam aterrissar seus aviões. Dai, o ter ficado excluída. P.3

9/4/1931 Noticiário. Suicídio impressionante. Na artéria principal da cidade, ocorreu, ao anoitece da segunda-feira, um suicídio que, pelas circunstancias que o rodearam, foi deveras impressionante. Bela jovem, de 19 anos, apaixonou-se por um rapaz que não lhe retribuía o amor que a ele consagrava. Perdidas as esperanças para conquista-lo e não podendo viver sem o afeto do seu eleito, tomou a firme resolução de se suicidar. Para que seu plano não fosse frustrado, naquele dia, entrando no restaurante comercial, sito a rua 7 de setembro, pediu uma garrafa de gasosa e, sem que o garçom que a atendeu percebesse, adicionou ao liquido regular dose de cianureto, ingerindo-o. Isto feito, disse ao garçom que era a ultima gasosa que bebia e entregou-lhe algumas cartas. Foi, então, que ele compreendeu que a desventurada jovem se havia envenenado. P.3

9/4/1931 A situação da lavoura do arroz. É necessária a intervenção imediata e pronta do estado, atuando diretamente no financiamento da produção. P.2

26/4/1931 Comunidade Evangélica de Cachoeira. Inauguração e consagração do seu majestoso e belo templo, denominado igreja de Lutero. Como anunciamos, realizou-se domingo ultimo, a solene inauguração do templo mandado construir pela comunidade evangélica de Cachoeira, num terreno de sua propriedade, sito no bairro Rio Branco desta cidade, na esquina das ruas Venâncio Aires e dr. Deoclecio Pereira. P.2

27/4/1931 Noticiário. Suicídio. Suicidou-se em sua residência, M.M.S., 22 anos, de cor preta, ingerindo forte dose de cianureto. Em carta deixada, a suicida diz que a causa do seu ato de desespero foi por ter sido desprezada pelo homem que amava. P.3

30/4/1931 Noticiário. Mais um enjeitado. A moda de enjeitar crianças parece que esta pegando, pois o caso que hoje vamos noticiar é o terceiro ocorrido no ultimo mês. As 19 h da segunda-feira, quando ainda era grande o movimento no centro da cidade, uma forte pancada na porta da entrada despertou as pessoas da residência. Indo verificar o que ocorria, encontraram no corredor da entrada da casa, deitado sobre um travesseiro, uma linda criança do sexo masculino, envolta em roupas finas. Num papel de embrulho, escrito com boa letra e correção, eram feitas diversas recomendações quanto a alimentação da criança, pedindo-se que a registrassem com o nome de Jesus. O casal, que não tem filhos, ficou com a criança para cria-la e educa-la. P.3

14/5/1931 Pela cidade. É doloroso ver-se, nesta cidade, dotada já de água, esgoto e calçamento, melhoramentos de primeira necessidade, casas velhíssimas, enfeitando suas ruas, causando má impressão aos que nos visitam pela primeira vez. Fora daqui, Cachoeira, tem fama de ser uma das cidades mais belas do interior do estado, mas, quem aqui chega, logo nota que a edificação não está de acordo com os melhoramentos que possuímos e que tanto, ainda, estão custando aos seus habitantes. É inegável que a praça Baltazar de Bem é bem cuidada, seus jardins são belos, mas tem a enfeia-la aquelas duas casas seculares, em ruínas, uma em frente da outra, como a entravarem o progresso do local, onde se encontram a escola complementar, nossa matriz e a prefeitura. Não falamos do edificio do fórum, porque a casa onde funciona, parece mais um pardieiro e não a da justiça. Não haveria um meio de destruir-se as duas casas velhas de que falamos, edificando em seus lugares edificios bons, que estivessem em relação com a beleza da praça? Não seria possível a prefeitura tomar medidas para destruir esses velhos prédios que ameaçam cair, de um momento para outro, podendo causar até vítimas? A prefeitura os acha tão velhos que nem foram contemplados com uma chapa da nova numeração. Achamos que, com o cambio como está, um dos melhores negócios seria comprar-se esses terrenos e edifica-los, porque o capital ficaria bem empregado e quem o fizesse concorreria para o progresso da cidade. Aqui nada falta para viver-se bem. Possui o município bons colégios, serviço impecável de higiene e muita gente se mudaria para cá se houvesse edificios em condições de serem habitados e não se visse mais casas em ruínas, o que daria novo aspecto a cidade,

diferente do que se nota em todas as ruas. Tentem os senhores capitalistas e verão. Av. P.1

14/5/1931 Noticiário. Brutal espancamento. Como noticiamos em nossa ultima edição, o indivíduo Espancou brutalmente sua amacia, com uma racha de lenha, ocasionando-lhe graves ferimentos. P.3

31/5/1931 Notas de arte. Concerto de Raul Larangeira. A eloquência e a maneira sóbria do artista patricio, na bela arte musical, tem merecido os mais justos aplausos não só da imprensa brasileira como da Europa culta e das republicas platinas. A sociedade culta de Cachoeira vai ter o prazer de ouvi-lo, amanha, no confortável e elegante salão do clube comercial, para cujo recital reina grande interesse. P.2

7/6/1931 Anúncios econômicos. Casa. Vende-se uma recentemente construída, com todos os requintes de higiene. P.3

14/6/1931 Festas e diversões. O baile de São João. O mundo elegante de Cachoeira tem seus olhos voltados de inteiro para um acontecimento de alta sociabilidade e clara distinção: o lindo baile de São João. Festa tradicional na vida mundana da cidade, ela tem reunido, ano a ano, os mais expressivos índices de agrado e brilhantismo, mercê dos preparativos de ressaltante valia que antecedem a sua esplêndida realização. Sob um rigoroso critério de bom gosto e arte serão criados originais e sugestivos motivos de decoração a que se aliarão a sobriedade de linhas e a graça do colorido. O esplendido jogo de luzes, em cambiantes bizarras e continuas, realçara grandemente o aspecto geral dos salões onde, num ambiente de alegre entusiasmo, terão inicio as danças impreterivelmente as 21 h 30 min. O conjunto orquestral, sensivelmente aumentado de valiosas figuras, executará um moderno repertório de musicas recentemente recebidas do Rio e São Paulo, obedecendo a um carnê de danças que foi cuidadosamente elaborada. Pequenos cartazes especialmente mandados executar para tal fim indicarão as marcas que serão dançadas de acordo com o respectivo programa. O traje será de passeio sem quaisquer restrições quanto a cor para o dos cavalheiros. P.3

14/6/1931 Noticiário. O preço das placas de numeração. Como é publico e notório, a prefeitura municipal, resolvendo numerar os prédios desta cidade, Achando-se concluída a colocação das placas, a prefeitura está, no corrente mês, procedendo a sua cobrança. P.3

18/6/1931 Dia do mendigo. Não pode haver nada mais grato a índole generosa do nosso povo, do que fazer a verdadeira caridade, socorrendo os verdadeiros pobres e necessitados, principalmente agora, nesta estação hibernal. Quantos e quantos velhos e crianças, que não podem trabalhar, não dispendo de recursos para adquirir um agasalho, passam dias e noites enregelados, sofrendo os primeiros, alem disso, as conseqüências de suas enfermidades. P.1

18/6/1931 Noticiário. O dia do mendigo. Para esta festa da caridade já concorreram: [e relacionam o nome as doações] P.3

18/6/1931 Noticiário. Salão elite. Esse salão está montado com muito gosto, dispendo de duas cadeiras americanas modernas e de todo material necessário a servir a sua freguesia. P.3

25/6/1931 Segundo a imprensa da capital, esteve reunida a comissão de carnes. Ficou resolvido que os frigoríficos planejados ficarão nas proximidades da capital. Não nos admiramos de que se esquecessem de Cachoeira porque “quem não é visto não é lembrado”. P.1

25/6/1931 Noticiário. O dia do mendigo. Como fora noticiado por esta folha, realizou-se no domingo, as 14 h, na frente da igreja matriz, a distribuição de cobertores aos pobres, promovida pela congregação Mariana desta cidade, num belo gesto de caridade e amor aos desamparados da fortuna. A distribuição foi feita pelas senhoritas pertencentes a congregação, atingindo a mais de cem cobertores dados a pessoas velhas e crianças, alem de alguns cortes de pelúcia. A Ex.ma. Sra. Pautildes de oliveira machado fez distribuir a quantia de 140\$000 pelos pobres, recebendo cada um a importância de 5\$000. Por não ter comparecido devido o mau tempo, não foram entregues cobertores aos pobres portadores dos cartões . Poderão, no entanto, procurar a diretoria da congregação Mariana para recebe-los. Esta festa de caridade muito comove a todos quanto a assistiram. Contribuíram mais para o dia do mendigo as seguintes pessoas: [eles relacionam o nome ao que doaram]. P.3

30/6/1931 Ao meu amiguinho - Jornal do Povo - que hoje faz anos. Aqui estou, mais uma vez, para saudar-te, amiguinho distante; feliz por ver-te a progredir, a iluminar a nossa terra com o teu fulgor, eu acompanho, de longe mesmo, a tua conquista aos altos lugares da nossa imprensa. P.1

30/6/1931 Editorial. Terceiro ano. Volvendo o olhar sobre o caminho percorrido, o Jornal do Povo pode afirmar, com legitima satisfação, que jamais falseou ao seu programa de periódico inteiramente consagrado aos interesses gerais, para o que se fazia mister colocar-se, a margem dos partidos políticos. Nesse sentido, apressou-se em ir, de pleno agrado, ao encontro do lema desfraldado pelo sr. Getulio Vargas, ao assumir a suprema administração do estado, de mais administração e menos política, em contraposição ao sistema ate então reinante. O Jornal do Povo, pois, filia-se a essa nobre origem - da confluência da corrente democrática com a corrente getulista. Dai,

desse entroncamento de idéias, derivou-se a sua vida jornalística. P.1

30/6/1931 Noticiário. Novo teatro. A proprietária do Coliseu cachoeirense vai, finalmente, construir um teatro nesta cidade, que substituirá o velho barracão da praça José Bonifácio. P.7

/6/1931 Impressões de Cachoeira. A passeio pela cidade mais linda e moderna do interior do estado destaca-se aos olhos do forasteiro não só pela beleza de suas praças e bairros, como também pelo seu desenvolvimento intelectual, comercial e artístico. Em todos os ramos de atividade, o povo cachoeirense tem mostrado o bom gosto e amor pelo engrandecimento e progresso de sua terra. Vimos em todas as lojas de fazendas, artigos finos e modernos, e apreciamos as casas de jóias, ferragens e bazares bem sortidos. Enfim, chamou nossa atenção a moda. Entre duas ou três lojas de modas bem sortidas, vi numa vitrine na rua 7 de setembro, expostos chapéus confeccionados com muito gosto por modelos novos tal como vimos há poucos dias nas vitrines de Montevideu. E no fim de nosso passeio, trouxemos as melhores impressões sobre a vida de Cachoeira da bela princesa do Jacuí. P.2

5/7/1931 Noticiário. Morte subita. Faleceu subitamente, vítima de uma apoplexia cerebral, Januário Moreira, 29 anos, solteiro, cor mista. P.3

5/7/1931 Editorial. A realidade cachoeirense. Portanto, se faz mais fácil a Cachoeira, tratar, agora, da organização e defesa da sua lavoura de arroz, ramo principal da sua prosperidade. P.1

5/7/1931 Noticiário. Inauguração das Casas Pernambucanas. Desde sua inauguração até hoje, a filial tem tido um movimento extraordinário, havendo verdadeira aglomeração de fregueses. P.3

9/7/1931 Morreu de frio. Foi encontrada morta, em conseqüência do frio, a preta Maria Cândida. P.3

9/7/1931 Noticiário. Honorato quis morrer. O pardo Honorato de tal, depois de ter tido uma forte discussão com sua mulher, saiu para a rua e, desgostoso da vida, embriagou-se. P.3

12/7/1931 Problemas do momento. Quanto ao segundo e grande problema - criação de um frigorífico em Cachoeira, aguarda-se a vinda, possivelmente hoje, do general Flores da Cunha, benemérito interventor do estado, a quem a realização desse projeto vem interessando vivamente. E com razão: Cachoeira, como já temos acentuado e está no conhecimento de todos, é o lugar mais adequado do estado para o funcionamento de um estabelecimento desse gênero, não somente por estar situada no centro de uma vasta zona pastoril, servida por duas vias de transporte - férrea e fluvial - como também porque existe um estabelecimento saladeiril [ref. indústria do charque], de primeira ordem, ao qual se pode facilmente adaptar as câmaras frigoríficas. P.2

16/7/1931 Sol - engenheiro mór. Cachoeira é um paraíso terrestre. Não sei mesmo o que tem esta princesa do Jacuí que agrada logo ao forasteiro a primeira vista e que faz a gente se sentir presa, com vontade de aqui permanecer por muito tempo, depois que desembarca. Eu, que vivi, durante muitos anos, a palmilhar este rio grande amado, de extremo a extremo, não tenho receio de afirmar que Cachoeira foi a cidade do interior do Rio Grande que mais me encantou e me cativou. Mesmo agora, que o céu abriu as cataratas, depois de formidável seca e que as cachoeiras celestes despejam seus lençóis d'água sobre esta outra Cachoeira de Nossa Senhora da Conceição, é uma cidade em que o movimento urbano é o mesmo dos dias esplendentes de sol, e em que há o conforto das estufas elétricas, bons automóveis, cafês, restaurantes chiques, boa luz, bom calçamento, etc. Pois não é muito melhor a gente estar aqui, cercado de conforto, gozando os bons acolhoados do hotel do comercio ou os excelentes almoços do hotel lima, matando a boa diária no "*dolce far niente*", do que andar agüentando o minuano por esta coxilhas frias e sofrendo os solavancos dos caminhos árduos? Os patrões, se não quiserem assim, que façam promessas para que, ao menos, deixe de chover alguns dias ou algumas semanas, pois então o sol, como engenheiro-mór e capataz de turmas, poderá fazer nas estradas os concertos necessários... Lisboa Estrazulas. P.1

19/7/1931 Teatros e cinemas. Ben-hur. Constituiu verdadeiro sucesso a exibição do filme Ben-hur durante quatro noites consecutivas, achando-se repleto o Coliseu. Houve, ainda, nas tardes de quinta e sexta-feira matinés, as quais tiveram vultosa assistência pois a primeira foi dedicada aos colégios e mundo infantil, e a segunda aos militares. P.3

19/7/1931 Noticiário. Na avenida Cavalheiro. Nessa já célebre avenida, situada nos subúrbios desta cidade, houve na noite de sábado, mais uma grossa desordem no restaurante de João Vieira, mais conhecido por João Parafuso. Realizava-se nessa espelunca um baile, quando o pardo Alcides de tal, por motivo fútil, vibra três facas na mulher de nome Percília Nunes, solteira, de 26 anos de idade. O criminoso foi preso e posto, no dia seguinte, em liberdade. P.3

19/7/1931 Noticiário. Carne cansada. Ontem, nos açougues do mercado publico, foi vendida a população carne cansada, havendo muitas pessoas que não a quiseram adquirir. P.3

23/7/1931 Maria Moritz. Cachoeira é um pouco suspeita para dizer da jovem cantora, que a visita, o que ela

merece que se diga. É oriunda de uma distinta família desta cidade, dessas que se formaram a base tradicional de sua população, também aqui é a terra de seu berço. Por isso mesmo ela, com uma delicadeza sensibilizante, escolheu-a para ser o pórtico de entrada a primeira excursão artística que faz pelo seu estado. Bem fadada esta terra! P.2

26/7/1931 Cachoeira já está rouca de gritar que as ditas redes lhes custam os olhos da cara, sem embargo das águas correrem por debaixo dos pés da Princesa do Jacuí, mas o seu grande recurso tem sido só desapertar para a esquerda, ficando cada vez mais em dívida com a prefeitura. Ora, se Cachoeira que a água encanada lhe corre sob os pés conquistou um tão lindo fundo de garantia, que diremos de s. Maria que foi buscar a preciosa linfa a uma distancia quase astronômica? P.1

26/7/1931 Noticiário. 107ª aniversário da colonização alemã no Rio Grande do Sul. Ontem, às 14 h, partiu da sede da Sociedade Concórdia, um grande préstito em direção a praça José Bonifácio, precedido de uma banda de musica. Grande massa popular já ali aguardava, inclusive o prefeito municipal e outras pessoas gradas. Depois de batidas diversas chapas fotográficas, usou a palavra o orador oficial da solenidade que se referiu em termos encomiásticos a colonização alemã no Brasil e particularmente no Rio Grande do Sul, evidenciando o concurso por ela prestado. P.3

6/8/1931 Teatros e cinemas. Coliseu cachoeirense. Constituiu sucesso a inauguração oficial do cinema falado, com a exibição do empolgante filme “*O presidio*”. A assistência foi colossal, sendo proibida a venda de entradas. Muitas pessoas voltaram dos guichês da bilheteria. P.3

6/8/1931 Cachoeira, cidade-coxilha. No coração do rio grande, a 300 quilômetros do litoral, a paisagem se movimentou de súbito, e uma voz clara, que parece vir do céu, lembra os passageiros como se lhes pedisse alvissaras: Cachoeira! O trem pára - e uma grande surpresa entra-nos, festivamente, pela alma. Cachoeira é uma cidade em flor. Nasceu ontem e já toda a gente a acha bonita! É alegre como um salão de baile e acolhedora como um jardim. Tem-se a impressão, ao vê-la, de que se chegou a uma grande cidade. E de fato, para ser uma grande cidade, só lhe falta uma coisa: extensão... Nasceu de uma coxilha. A coxilha serviu-lhe de pedestal e de berço. Tem, das coxilhas, a arrancada romântica, a ondulação lírica, e das cidades, o conforto civilizado, a hospitalidade polida. É limpa e fresca como uma rosa. É amável e tentadora como uma mulher... Bonita! Cachoeira é como essas criaturas que não se podem conhecer sem se lhe ficar logo preso por um grande “beguin”... Todos os que aqui vêm, saem apaixonados por ela... E jurando, com energia, que não há, no mundo, cidade mais gentil... Dizem, os cachoeirenses, que a cidade lhes saiu caro... Que é linda, de fato, mas que isso lhes custou muito dinheiro... São como certos maridos que se orgulham, intimamente, de que as suas mulheres sejam elegantes e cobiçadas, enquanto, de publico, se lastimam das despesas que elas lhes acarretam... Chegam a dizer que a cidade tem três coisas notáveis: a água, a luz e... Os impostos. São injustos, nesse ponto, os cachoeirenses. Em verdade, alegram-se de ver Cachoeira tão bem vestida de jardins e tão bela calçada de paralelepípedos... Quantas cidades há, pelo Brasil, que das três coisas notáveis de Cachoeira, só possuem a última: os impostos?... É de ontem e, apesar disso, já se pode dizer uma cidade histórica. Há cidades que não sabem sorrir. São como certas pessoas muito bem educadas mas que não têm o dom de ser gentis... Cachoeira não é assim. É uma cidade amável por instinto. E acolhedora por índole. Cachoeira é uma coxilha que frutificou. Podia ter frutificado em bergamotas ou marmelos. Frutificou em criaturas humanas. P.1

9/8/1931 Maus costumes... Como sabor especialíssimo de uma surpresa, tivemos ensejo de assistir, quinta-feira ultima, no Coliseu cachoeirense, a exibição do filme sonoro “*Diabo Branco*”. Os srs. Comassetto & Carvalho que há muito vêm empregando os seus melhores esforços em oferecer ao nosso publico as melhores exibições cinematográficas, acabam de instalar no Coliseu, um dos mais modernos aparelhos do gênero, e isso fizeram em absoluto segredo, de modo que, sem sequer pensar em tal, tivemos a magnífica sensação de assistir, inesperadamente, a exibição de um belo filme sincronizado. O aparelho, dos mais modernos, de reputada marca, está destinado à exibição das obras primas cinematográficas, as mais recentes. Ao que sabemos, a empresa já contratou vários filmes sincronizados, para serem exibidos nesta cidade, entre os quais contam-se películas que tem obtido grande sucesso em todo mundo. Estamos, pois, de parabéns, por termos alcançado mais esse sucesso no progresso da nossa Cachoeira, pelo que muito ficamos a dever ao esforço, boa vontade e dedicação dos estimados proprietários do coliseu. P.1

9/8/1931 Editorial. A dor dos melhoramentos. Cachoeira foi a segunda cidade da campanha a receber o bafejo dos melhoramentos materiais. Essa já não clama. O peso da dívida, proveniente de serviços urbanos e estradas rurais, é tanto, que espremeu de si todos os líquidos, choráveis; e, por isso, apresenta agora o aspecto de uma laranja chupada. Imaginem as cidades irmãs, agora bafejadas pelas auras do progresso, que sua dívida, só em dólares, para tais melhoramentos, montou a 8.400 contos. Entretanto, aqui vive-se, para assim dizer, com as mãos na cava do colete. Resiste-se, galhardamente, à ação deflacionista das tournées artísticas músico-literárias, freqüentasse animadamente os cinemas falados e cantados do Comassetto; joga-se prodigiosamente no bicho, os cafés vivem regurgitando de cafésitas ao som das vitrolas e tudo marcha bravamente como nos belos tempos do

allons enfants de la patrie... Porque, no fim das contas, sempre há um jeito de desapertar-se para a esquerda... P.1

9/8/1931 Noticiário. Fogão Wallig. Num das vitrines da casa Augusto Wilhem, desta praça, está exposto há vários dias um fogão Wallig, esmaltado de branco, com desenhos de flores em todo ele. Trata-se de um produto de confecção esmerada e perfeita, que muito tem chamado a atenção pública, constituindo um atestado expressivo do progresso da industria riograndense. P.3

23/8/1931 Os delitos repugnantes. Não só os centros populosos e de intensa atividade, como também a pacatez da vida da campanha registram com freqüência delitos realmente repugnantes, impondo-se a ação enérgica das autoridades, para a punição de seus autores. Os que hoje tornamos publico, merecem, como se há de verificar nas linhas abaixo, a reprovação formal de todos os homens de bem. No primeiro, vemos um velho, já alquebrado pela idade, desvirginar a filha do seu próprio genro, e no segundo, uma jovem de 15 anos, mãe de um filho fruto de sua inexperiência, atirada ao abandono pelo autor de sua desonra. Narremo-los: Um D. Juan ali residente, infiltrando-se no lar modesto e honrado dessa família, consegue, abusando da inocência e ingenuidade da jovem, atentar contra a honra desta, abandonando-a pouco depois. P.2

3/9/1931 Noticiário. Tentativa de suicídio. Num verdadeiro gesto de desespero, A. Detonou o seu revolver contra a região peitoral Quis morrer por ter sido admoestado pelos seus superiores hierárquicos. P.3

3/9/1931 Noticiário. Corpo de bombeiros. Com elementos dessa corporação (guarda noturna) fundou um corpo de bombeiros, que terá sua sede no mercado publico, para atender a qualquer incêndio que venha a ocorrer nesta cidade. P.3.

6/9/1931 Os crimes repugnantes. Carta de esclarecimento. Defloramento de uma menor. A mãe da menor ofendida, costumava, aos sábados, realizar reuniões dançantes em sua residência, onde compareciam rapazes, que cortejavam as suas filhas, sendo publico e notório que a de nome Alice efetuava passeios à noite, em companhia dos mesmos, o que me fez tomar o alvitre de avisá-la dos maus resultados que adviriam de tão imprudente procedimento. Longe de acautelar o bom nome de suas filhas, Doralina respondeu-me que era mãe e sabia conduzi-las. Recebeu a mãe da ofendida a quantia de conto e quinhentos mil réis, ficando o rapaz e sua família convencidos que se fazia uma injustiça. (mãe e filha foram a s. Maria) regressaram as duas a este distrito, trazendo a criança e uma mulher, conhecida horizontal dos cabarés de Santa Maria, que desde logo passou por mãe da pequena. P.3 Nota: O jornal se investe numa pseudo-moral que, por não ser averiguada as fontes, desmoroenam

13/9/1931 Tráfego e descuido. Cachoeira já é uma grande cidade. Pelo menos, é uma cidade grande. Já se vai, portanto, tornando necessário que a nossa população tenha algumas noções, embora rudimentares, sobre trafego. Não quero me referir ao trafego pedestre com todas as exigências do “circulez-monsieur”, de Paris. Falo, apenas, sobre a maneira de se andar nas ruas, para evitar os acidentes de veículos. Relativamente ao movimento de automóveis e caminhões, Cachoeira já tem nas suas paginas de luto vários desastres a lamentar. E o notável é que, de quase todos os desastres havidos ultimamente, crianças menores de 12 anos tem sido as vitimas. E aqui é que está a importância do assunto. Diariamente tenho ocasião de ver criança brincando de pular na corda, ou de peteca no leito da rua, calma e descuidadamente como se estivessem em um pátio fechado e como se não houvesse na rua transito de veículos. Ainda ontem, dia feriado e de muito movimento de autos, em uma das travessas da rua sete, estavam três crianças a se divertir no meio da rua, com a clássica corda. Eu, que descia na ocasião, na direção da baratinha, segurei os freios. Mas as crianças, longe de se afastar, segurando cada qual em uma das extremidades da corda, gritavam: “*passa por cima, moco!...*” outras há que saem das casas correndo para atravessar a rua, sem a mínima cautela, desconhecendo o risco de serem colhidas por um veiculo qualquer que passa na ocasião, mesmo em marcha regular. P.1

17/9/1931 Festas e Diversões. Festa da Primavera. Antes da hora marcada, 9 da noite, já no vasto salão, a concorrência era enorme, animada e brilhante. Pouco depois, achava-se literalmente cheio e transbordante. As senhoritas, tudo que havia de gentil na sociedade cachoeirense, trajadas elegantemente: umas, representando flores; outras, costumes diversos, de que resultava um conjunto encantador. Ao longo das paredes do salão, artisticamente decorado, enfileiravam-se as mesas simbólicas á laia de tendas, onde se ofereciam flores, doces e finos licores. P.3

17/9/1931 Anúncio. Café Carioca. Amplo e confortável salão. Bebidas, café e doces. Casa de 1.º ordem. Vende-se o excelente café torrado e moído á vista do freguês. P.3

17/9/1931 Anúncios econômicos. Vende-se uma excelente casa de moradia, com todos os requisitos de higiene, situada no centro da cidade. P.4

17/9/1931 Anúncios econômicos. Vende-se uma mobília, completa de sala, estilo moderno e preço de ocasião. P.4

17/9/1931 Noticiário. A alta do preço do arroz. Na semana passada registrou-se grande animação nos negócios de arroz em Porto Alegre, tendo sido exportados durante ela cerca de 45000 sacos descascados. Em virtude disso melhoraram os preços, não só naquela capital como no mercado local. P.3

20/9/1931 Maus costumes. Iniciou-se ontem uma nova série de belíssimas películas que serão exibidas nesta cidade. Decididamente, estamos com sorte, e Cachoeira se poderá ufanar de ter assistido às melhores exibições do Estado. P.2

24/9/1931 Notícias do interior do Município. Estação Pertile. Espíritas e macumbeiros. Esta localidade, outrora tão alheia aos surtos de progresso das cidades, está cheia de centros não só de espiritismo como de “macumbeiros”. – Ainda há poucos dias, embarcou na estação local uma mulher “atuada” por espírito mau, sendo necessário, para conseguir fazê-la embarcar, que um médium, ou “pai santo” que a acompanhava, desse-lhes alguns sopapos, dizendo a clássica frase: - “Espírito malvado, deixa em paz esta matéria que não te pertence”. P.4

24/9/1931 Anúncios econômicos. Vende-se uma excelente e confortável casa de moradia com instalação completa de água e esgoto, banheira, etc., uma porta, duas janelas de frente e entrada de lado, com abertura para rua. P.4

27/9/1931 Cabriolas do Imposto Municipal. Cachoeira pode gabar-se das pernas que tem. Não há notícia de quem haja cabriolado tanto e dado pulos tão altos, em assunto de exercício tributativo e proezas correlatas. P.1

1/10/1931 Seção livre. Declaração. Eu “abaixo assinado” declaro a bem da verdade e por ser de alta justiça, que a senhorita é uma moça honesta e virtuosa, nada se podendo dizer que afete á sua honra. P.2

4/10/1931 Notícias do Interior do Município. Desordem e Bofetadas. Alguns indivíduos, já meio alcoolizados, pediram ao referido Sr. que lhes cedesse as filhas para fazerem um baile. Ao que respondeu o que não podendo acompanhá-las, não lhe era possível aceder ao pedido. Foi o quanto bastou para que fosse agredido a bofetadas, constando também ter sido sua senhora brutalmente espancada. P.4

8/10/1931 Grand Confusion. Horário novo./ Onze e meia da manhã./ Os Bancos cerrando as portas./ Algumas casas de comércio também./ Relógios marcando dez e meia./ Empregados se dirigindo aos “pirões” e outros ainda em plena atividade./ As malas do correio perderam o trem./ Muitos viajantes também./ Uns protestam./ Outros acham uma beleza o novo horário./ As cozinheiras é que não acham./ E alegam: que o leiteiro só trás o leite, pelo horário moderno, ás oito horas; que o padeiro só trás o pão ás sete./ Os dorminhocos dão em grito./ Grand Confusion./ Os vendedores de “bicho” avisam o pessoal que o joguinho hoje, amanhã, etc. até 31 de março, passa a fechar ao meio dia./ Desvantagens./ E os amantes de “fêsinha” protestam./ É uma maçada!/ Mas eu não acho./ Há, logicamente, a lei das compensações./ Se o joguinho tem de ser feito mais cedo, em compensação, uma hora mais cedo já se sabe o “bicho” e a centena que saiu... Lisboa Estrazulas P.1

11/10/1931 Noticiário. Zonas Sub-urbanas. A divisão de chácaras e terrenos de maior extensão em lotes menores com vendas em prestações mensais também tem em Cachoeira seu natural desenvolvimento. A esse respeito é curioso observar o quanto tem mudado o aspecto das zonas sub-urbanas e mesmo urbanas, dentro das quais se achavam encravadas grandes chácaras incultas. Hoje estão elas divididas com arruamentos, com moradas boas, povoadas de gente laboriosa, emprestando assim muito melhor aspecto aos arredores da nossa cidade e contribuindo poderosamente para o seu desenvolvimento. Essa divisão entretanto veio criar para a Prefeitura a obrigação de estudar um novo problema: o de criar vias de acesso fácil para esses novos núcleos da população. Para esse fim o atual prefeito, não tem descuidado esforços, sendo notável o serviço feito no Bairro Santo Antônio e ultimamente na Vila Barcelos. No primeiro desses arrabaldes o serviço de terraplanagem em suas próprias ruas; mas para a Vila Barcelos, impõem-se a necessidade de fazer um serviço melhor com terraplanagem e encascalhamento de uma rua, a Andrade Neves, em seu prolongamento, assim como a construção de dois grandes pontilhões em combinação com seus proprietários. P.3

15/10/1931 Festas e Diversões. Escola de Música. Como se pode verificar, desenvolve-se num ambiente altamente artístico e digno da alta cultura da nossa sociedade, pois constam números verdadeiramente interessantes sob todos os pontos de vista. P.2

15/10/1931 Festas e Diversões. Suntuoso baile. Será no dia 24 do corrente, dia em que se comemorará o primeiro aniversário da reivindicação nacional, que mundo elegante da Cachoeira terá ensejo de assistir, no Clube Comercial, um dos maiores acontecimentos sociais do ano. Os grupos “Alegria” e “Bambas” lhes proporcionará um baile magnífico, cheio de luxo e elegância. Sob um cenário verdadeiramente régio, entre motivos decorativos de uma beleza sem par, a sociedade cachoeirense vai gozar horas de encantos e sentir a sublimidade de um ambiente absolutamente distinto. P.2

15/10/1931 Noticiário. Gesto gentil. O “Bureau Pelotense de Informações” teve a generosa iniciativa de enviar á senhorita Nair Corrêa, rainha cachoeirense da Primavera, a oferta de uma “Petite Renarde”, lindíssimo enfeite

para toilettes femininas, uma espécie de regador, com a raposinha, que é o chic da moda. Dessa oferta damos o clichê em outro lugar. P.3

18/10/1931 O voto feminino. Mas estou de acordo com o contrasenso. Estou porque sei que os homens (brasileiros) não se juntam às mulheres para coisas sérias. Homens com mulheres somente em banquetes, bailes, pique-niques, etc. Mesmo que não seja bonita. Basta que a mulher não seja a sua para que ele a ache encantadora, admirável, assombrosa. É a milenária tentação do fruto proibido. Prevalecendo-se, pois, desta fraqueza do sexo-forte, o chamado, erradamente, sexo-frágil predominará, vingando-se, atrozmente, de todo o tempo em que não pôde por os manguitos de fora. A “cabala eleitoral” será substituída pelo “flirt eleitoral”, mais imoral e de piores conseqüências. Para evitar, pois esta desastre social, melhor seria que se desse, exclusivamente, às mulheres o direito de votar e ser votada. P.1

25/10/1931 Comemoração do 1º aniversário da vitória da Revolução de Outubro. Quermesse. À noite, estando a praça brilhantemente iluminada, com grande afluência de povo e o comparecimento de duas bandas de música, realizou-se a esperada quermesse em benefício das obras da matriz. Foi grande a venda de flores e dos objetos gentilmente doados para este fim, sendo de esperar que tenha dado um esplêndido produto. P.2

25/10/1931 Noticiário. Navegação Fluvial. No dia 21 do corrente, a gasolina Invencível, de propriedade da firma Horácio Ferreira, acionada por motor Diesel conseguiu subir por duas vezes a Cachoeira do Fandango, fato este nunca ocorrido, desde que iniciou-se aqui a navegação fluvial. P.3

5/11/1931 Noticiário. Confeitaria Central. Será inaugurado hoje, às 21 horas, na Confeitaria Central, de propriedade do Sr. Olivio Costa, o salão, completamente reformado e aumentado, destinado exclusivamente às famílias. P.3

8/11/1931 Notas da Semana. Um ventinho arrepiou num “frisson” todas as peles da cidade. E como um “frisson” ele passou, deixando apenas a lembrança dum agasalho que envolveu um corpo friorento e duma “fourrure” que se enroscou num pescoço medroso. Passou... e veio atrás dele um calorzinho bom que desliza suavemente pela terra cheio de promessas boas: uma enfiada de dias bonitos que dará vida e alegria á cidade. E assim com a noite bonita de Quinta-feira, encheu-se de gente a Avenida, correndo depois toda essa gente para a Confeitaria Central, de propriedade do Sr. Olivio Costa, que inaugurou nessa noite seu elegante salão, prestando significativa homenagem á Rainha da Primavera, senhorita Anazia Cintra. P.2

8/11/1931 Noticiário. Confeitaria Central. Às 21 horas, um grupo de cavalheiros, todos trajando de branco, foram buscar em sua residência a senhorita Anazia Cintra, Rainha da Primavera, acompanhando-a até á Confeitaria Central, sendo, á sua entrada, saudada com prolongada salva de palmas. P.3

15/11/1931 Bilhetes Urbanos. Á cronista A. Como você, Á eu também sinto que estes continuados repiques de frio estão se tornando verdadeiramente impertinentes: pondo arrepios á maciez da pele desta linda e quase serena Primavera, tão prodiga de flores que, só em nossa pequena “urbe”, deu para coroar nada menos de duas rainhas encantadoras e duas princesas de olhos matadores, todas, todinhas, plenas de graças peregrinas! Mas, na verdade, estes friosinhos mofinos – por serem extemporâneos – estão soando como notas desafinadas em meio do concerto primaveril. Porque, a seu tempo, o frio é bom. Haja vista as manhãs de inverno. Se você, A, pusesse o nariz fora das cobertas e desse de rosto com o Sol quando ele apenas emerge da linha horizontal, espalhando raios de ouro sobre a brancura de uma noite de geada amanhecida sob a serenidade azul de um céu de turquesa sem jaça – então é que você veria um quadro de rara beleza e nunca mais diria mal do frio: desse frio que só aos que não se acordam com a Natureza, se pega, como coisa ruim, á pele da gente. P.1

15/11/1931 Grave conflito entre cinco jovens, dos quais três saem feridos. Na noite referida, encontraram-se na Praça José Bonifácio, defronte ao Coliseu Cachoeirense, os aludidos jovens, e, após ligeira alteração, se desafiaram para lutar, dirigindo-se todos para a rua 15 de novembro, nos fundos da Usina Elétrica. P.2

15/11/1931 Noticiário. Fratricídio. – Depois de ter o referido crioulo, se retirado, ali chegou A., perguntando onde ele achava o negrão, visto como era seu intuito fazer com que ele se retirasse das terras, devido aos furtos por ele cometidos. P.3

29/11/1931 Noticiário. Com a Hidráulica Municipal. A água que, há vários dias, está sendo fornecida á população, é suja e tem a cor do barro. P.3

6/12/1931 Noticiário. A Prefeitura Municipal mandou cortar o fornecimento de água em diversos prédios, cujos proprietários estão atrasados no pagamento das taxas de saneamento. P.3

10/12/1931 Noticiário. Desquite Decretado. O Dr. Dionisio Marques, juiz de comarca, julgou improcedente a ação de desquite proposta por D. Miguelina de Moraes Lima contra seu marido Ataliba Chaves de Lima e procedente a reconvenção oposta por este, para decretar o desquite e mandar que a criação e educação dos filhos do casal ficasse a cargo do marido. P.3

17/12/1931 Baratinha sem gosto. Pobre baratinha./ Morreu a minha baratinha azul-marinho, aquela mesmo que passava pela casa de Você./ Aquela mesmo que eu desejei um dia fosse estraçalhada pelo Chevrolet seis cilindros que Você guiava./ Quanta saudade em meu coração./ Quantas recordações!/ Rendo a ti, minha baratinha amiga, o meu peito de saudade, companheira fiel de dois anos de convívio diário./ Não mais a tua chapa – 292 - trará na minha passagem palpites aos jogadores do “bicho”./ Não mais o creoulinho da Casa J. Lima virá trazer-me o palpite do sonho promissor com a baratinha./ Não mais a tua buzina alegre e estridente anunciará a Você a minha volta ao lar, depois das longas e fatigantes jornadas./ Não mais me servirás de pouso na várzea do Botucaraí ou no tenebroso Santa Bárbara, nas noites gélidas de inverno./ Adeus, minha habitação ambulante!/ Não me chamarão mais o “moço da baratinha”./ Não te pedirão mais os amigos para os passeios aos domingos e para excursões ao Amorim./ Não servirás mais de cama ao Azuil para a sesta, a hora do cafezinho no Comercial, depois do almoço./ Não serás mais enfeitada pelo Ghignatti com cascas de laranja e latas de lixo./ É triste, é doloroso, tudo isto./ Mas, no teu suicídio, há uma coisa com que eu não pude ainda me conformar./ Com o teu acentuado espírito de mulher./ Há mulheres belas, cheias de mocidade, graça e encantos que, havendo no mundo tantos homens inteligentes, fortes, bonitos e sadios, se entregam, de alma, corpo e coração, a um homem horrível, doente, reumático, asmático, pobre, feio, esquelético e burro, por um fenômeno de atração irresistível e inexplicável./ Tu foste assim, minha baratinha./ Com tanto automóvel bonito e de luxo na praça e na cidade: o do caburet, o do Kunert, o do Caloca Barros e outros, campeões de estética e beleza de linhas, procuraste morrer estraçalhada por um miserável calhambeque./ Depois não querem acreditar no Destino. Lisboa Estrazulas. P.1

21/1/1932 O organismo do velho estrebucha nas garras das convenções do modernismo. Nesta gigantesca e tortuosa escada do mundo hodierno, em que tudo é animado por esse piramidal barco, chamado PROGRESSO, em cujo bojo os passageiros se premem e se atropelam, ansiosos por desembarcarem no porto das utopias, em que nada o gênero humano, encontram-se duas classes de indivíduos, colocadas em caminhos bem opostos, por imposição das convenções do modernismo. Uma, é a daqueles que, despindo-se das vestes dos preceitos gravados naqueles intangíveis e austeros templários, de onde culminavam e se difundiam os mais puros princípios de sãs virtudes e, pressurosa por atingir primeiro a meta de suas aspirações caprichosas e egoístas, vai enveredando por esta escada espinhosa e interminável, surda ao clamor das turbas esfarrapadas, alheia a desventura da pobreza; indiferente a gratidão dos favores recebidos; irreverente ao respeito da velhice e do lar alheios; prepotente para com os fracos; desdenhosa para com os modestamente trajados, amparada por certas classes, as quais, arvoradas em representantes da sensatez coletiva, ostentam, perante tão somente os olhos dos bococos e inscientes, uma falsa aparência de dignidade, e se confraternizaram com ela num grande amplexo hipócrita. P.1

24/1/1932 Noticiário. Banhos no Rio Jacuí. Devido ao forte calor da presente estação, como soe acontecer todos os anos, um número considerável de pessoas, inclusive famílias, aproveitando a grande vazante do rio Jacuí, vai banhar-se na ilha que fica defronte ao porto da cidade. O banho, em geral, começa às 18 horas, prolongando-se até à noite. A maioria dos banhistas usa roupa apropriada, o mesmo não acontecendo com um grupo deles que se atiram à água completamente despidos, o que tem dado margem a protestos e reclamações. Seria conveniente que a polícia fiscalizasse o local, proibindo terminantemente o banho das pessoas que se não apresentassem com vestuário próprio e decente. P.3

24/1/1932 Pela Urbs. Garagens no meio da rua. Cachoeira é uma cidade que se modernizou, conservando, porém, hábitos antigos da velha aldeia. Compara-se, assim, a um “mambira” que se mudou para cidade, envergou uma linda e custosa fãtiota, mas que anda sempre com o laço da gravata em desalinho, e as botinas a lhe magoarem os pés. Ali e acolá, a cada passo, se observa um verdadeiro contraste à elegância de suas praças, ao calçamento e a limpeza de suas ruas. E um desses é o uso que se vai generalizando, dos proprietários de autos fazerem o meio da rua de garagens. Mesmo nas ruas de maior movimento, isto é, na principal da cidade, como a rua 7, se observa esse costume que vem de longa data. Nessa rua, à mingua de melhor garagens, os proprietários chegam a deixar todas as noites e mesmo durante o dia, até dois automóveis, defronte de suas casas. Não haverá posturas municipais para coibir esse abuso? Petronio P.1

28/1/1932 Recital de Piano. A senhorita Odete Faria colhe um estrepitoso triunfo. Com uma assistência seleta e quase transbordante do vasto salão do Clube Comercial, a eximia e consagrada pianista, realizou, em a noite de Terça-feira última, o seu anunciado recital, o qual despertou vibrantes e contínuos aplausos do grande auditório cachoeirense, em cuja memória as gravará, por certo, a recordação dessa deliciosa noite de arte. P.1

11/2/1932 Carnaval. Os bailes realizados estiveram brilhantes. Os folguedos carnavalescos correram friamente e sem entusiasmo, apesar da grande massa popular defronte a Praça José Bonifácio. Quando começaram a desfilar os blocos e cordões, e alguns automóveis com fantasiados, muitas máscaras avulsas. O jogo de lança-perfume, confete e serpentina foi fraco e sem animação. Numerosas patrulhas do Exército e da Brigada Militar fizeram o patrulhamento da cidade, o que muito concorreu para a ordem reinante. No Clube Comercial: Domingo, à noite, teve lugar o suntuoso baile à fantasia, em seus vastos salões que se achavam muito bem ornamentados e profusamente iluminados. Bloco Recordação do Passado: Eram conduzidos, com farta iluminação, uma miniatura de um zepelim, um quadro alegórico, homenageando o 15 de Novembro F. B. Clube e um quadro de

crítica. acompanhou o préstito a rainha senhorita Maria Antonieta de Carvalho, a qual, com suas aias, foi conduzida ao trono armado no fundo da salão do Baile. Bloco Rei da Folia: Percorreu as ruas da cidade Á frente do cortejo via-se um grande quadro iluminado, em homenagem a Deus-Momo. P.2

11/2/1932 Pela Urbs. Contrastes. Os forasteiros que por aqui passam são unânimes em declarar que Cachoeira é uma cidade linda, elegante, higiênica, etc. E têm sobejas razões, porque, geralmente, devido a uma curta permanência nesta cidade, limitam-se a passear pela rua 7 e, quando muito, pelas rua Moron e Saldanha Marinho. Mas, mudariam de opinião se visitassem outros pontos, como, por exemplo a Praça Baltazar de Bem. Defronte a essa bela, encantadora e bem cuidada praça, como um contraste contristador, vêm-se três pardieiros, inabitáveis, um dos quais vive aberto, sem janelas, onde a ratazana passeia impunemente e em cujos fundos demora toda a sorte de imundícies. E a cerca de espeques e travessas que existe em uma das esquinas dessa Praça! Justamente ao lado de um palacete, é um modelo de perfeição, a desafiar os urbanistas daquém e dalém mar! A Prefeitura não terá um meio de acabar com esses contrastes nocivos á saúde pública e que ofendem á estética da cidade? Petronio P.1

18/2/1932 A nossa cidade. Quem tomar uma vista panorâmica desta cidade, terá a impressão de que a edificação sofreu de um colapso fatal, no sentido construtivo. Raríssimo é o sinal de movimento de obra nova, ou mesmo de reconstruções. E o que é mais de notar, até nas ruas centrais, próprias à localização de comércio, vê-se casas que, ou por serem, há muito queimadas, ou por velhice, ostentam freqüentes aspectos de ruínas. Dir-se-ia que é uma cidade em via de decadência. Entretanto, não é assim. A cidade anseia por se distender, mas não pode. Circunstâncias outras, que não a falta de ambiente, lhe embargam os passos; e o pode-se dizer que a principal, se não a única, provém da própria administração municipal, aliada aos negócios administrativos da Estados e da União. P.1

7/4/1932 O aspecto econômico-financeiro de Cachoeira. Não há quem corra os olhos por sobre a cidade, que não veja o estado de abatimento e de opressão em que ela jaz. Um ar morno, parado e pesado, a envolve, como os que se desatam em borrasca... O movimento, nas ruas, é como a circulação nas veias de um organismo que se debate em profunda anemia. Ao lado de construções de alguma arquitetura, mantidas em bom estado de conservação, casas velhas, esboroando-se á ação implacável do tempo. Algumas dessas se transformaram em entulho, que os muros procuram ocultar á visão dos transeuntes. O comércio, outrora vultoso e florescente, resumiu-se em poucas casas, em cujas fisionomias se estampam os sinais torturantes da crise. Da atividade industrial nem é bom falar. Sendo um centro marcadamente adequado á existência de fábricas manufatureiras – de fumo, por exemplo – nenhuma aqui existente. P.1

17/4/1932 Noticiário. Com a higiene. Moradores da rua Júlio de Castilhos reclamam, por nosso intermédio, contra o mau cheiro de uma barraca de couros, existente na aludida rua. P.3

22/5/1932 A criminalidade em Cachoeira. Quando o leitor souber que existe no fórum desta cidade, mais de setenta processos crimes, em andamento, já não pensará que vivemos em uma localidade mediantemente policiada. P.1

10/7/1932 Noticiário. Festa em benefício do Hospital de Caridade. Realizou-se ontem, com inexcelável brilhantismo, nos salões do Clube Comercial, a festa em benefício do Hospital de Caridade. Os salões regurgitavam e as danças corriam animadíssimas. P.3

14/7/1932 Noticiário. Concurso de Beleza Infantil. Na matinê de Domingo, no Coliseu Cachoeirense, realizou-se a entrega das medalhas de ouro oferecidas aos vencedores do concurso de beleza infantil. P.3

4/8/1932 Noticiário. Pneumo-tórax. Instalou recentemente, em seu consultório, um moderno aparelho pneumo-tórax, que servirá para o tratamento das doenças do pulmão. Este aparelho é o segundo que é instalado nesta cidade. P.3

21/8/1932 Noticiário. Policiamento da Cidade. Passando o policiamento da cidade a ser feito por um esquadrão do 1º Batalhão da Reserva da Brigada Militar, foi extinta a polícia que o município mantinha para o referido serviço. P.3

28/8/1932 Noticiário. Hospital de Caridade. A direção deste estabelecimento acaba de adquirir duas camas hospitalares automáticas, as quais permitem dar qualquer posição ao doente sem que nele se toque. P.3

28/8/1932 Noticiário. Desarmamento. O capitão Antônio Alencar, delegado de polícia, vai proceder ao desarmamento geral neste município. P.3

1/9/1932 Noticiário. Noite Brasileira. Realizou-se ontem, conforme noticiamos, nos salões da Sociedade de Atiradores Concórdia, o anunciado festival do Colégio Brasileiro-Alemão. A assistência, que foi numerosíssima, aplaudiu fortemente todos os números. P.3

4/9/1932 Noticiário. O Mercado de arroz. Tem estado muito animado o mercado de arroz nesta cidade. As

numerosas transações efetuadas têm sido feitas em bases há muito não alcançadas por este produto. P.2

17/9/1932 Anúncio. Sophia Schimidt. Parteira diplomada. P.3

2/10/1932 Noticiário. Suicídio. Há cerca de quinze dias ingeriu forte dose de veneno a jovem, solteira, de 18 anos, . Levaram-na a esse ato de desespero amores mal correspondidos. P.3

9/10/1932 Vida Esportiva. Hípico. “Festa da Primavera”. É manifesta a ansiedade que os turistas dessa cidade aguardam a realização, hoje á tarde, se o tempo permitir, da 14ª corrida oficial desta temporada, dedicada á estação das flores, a primavera. P.2

9/10/1932 Noticiário. Higiene Municipal. Foi terminantemente proibida, a venda de gelados, sorvetes e refrescos, salvo para as casas que tenham maquinário adequado para esse fim, e bem assim a venda de pastéis, doces, biscoitos, etc. em balaios, cestas ou outros recipientes que não estejam de acordo com o regulamento da higiene. P.3

13/10/1932 Nova Mentalidade – Novos Moldes II. Cachoeira, a linda cidade ribeirinha e que por isso mesmo foi chamada a Rainha do Jacuí, porque rainha já quer dizer – linda; Cachoeira a cidade das lendas, de cujas fontes deflue a sua história lendária e, por isso mesmo, entrecortada de quadros pitorescos; Cachoeira! És, ao mesmo tempo, a cidade que dá o nome á circunscrição administrativa mais enalacrada do mundo! E para que não se diga que a tua realeza é menos integral que a solidariedade do interventor Pedro Toledo, disputas, até o prêmio Nobel nessa nova forma de literatura: a da quebradeira... Para saber-se quanto a lendária Rainha do Jacuí usou e abusou da autonomia que lhe facultou gerir sua fazenda e bens, não precisa mais do que ver-se como está sumida no velho abismo da bancarrota. – Por força há de existir no Paço Municipal um trapézio destinado aos equilíbrios orçamentários... Ora, o nosso florescente município, fiado nas finanças do Estado, colocou-se entre as pontas deste dilema: se paga as prestações de juros e amortizações com a pontualidade exigida pelos contratos, fica reduzido á situação do saco vazio, não podendo parar em pé, votando-se a morte, por meio de uma nova espécie de “greve de fome”; se não paga, pelo menos com aquela pontualidade, não se desprenderá da vida e até da esperança de, “ao largo” restaurar-se de saúde e de finanças, em proveito do próprio fiador. Cachoeira está, portanto, em foco. P.1

15/12/1932 Noticiário. A Ponte sobre o arroio Nicolau. Prefeito Municipal abrirá, dentro em breve, concorrência pública para uma compostura na ponte que fica sobre o arroio Nicolau, sobre cujo mau estado reclamamos diversas vezes, pois o trânsito por aquele lugar vinha se tornando já há muito tempo extremamente dificultoso, prejudicando assim, em muito, as relações comerciais daquela importante zona agrícola e pastoril da comuna com esta cidade. P.5

18/12/1932 Festas e Diversões. Colcha de Retalhos. Na sede da Sociedade de Atiradores Concórdia, realizou-se quarta-feira última, um festival com o título acima, em benefício da Sociedade Auxiliadora de Senhoras . P.2

18/12/1932 Editorial. Orientação Urbanista. A cidade não pode suportar razoavelmente, o peso financeiro proveniente dos melhoramentos materiais de que foi dotada: esgoto, calçamento, embelezamento. As administrações anteriores á atual, em vês de ampararem e facilitarem o desenvolvimento predial da zona urbana, fizeram o contrário: dificultaram-no, produziu desde logo seus efeitos: paralisou a construção na zona saneada; e a cidade foi fugindo para os subúrbios. Para evitar o êxodo, aplicaram este remédio: dificultar a peso de impostos, as construções em tais zonas. Daí resultou que muitos dos habitantes de Cachoeira tiveram de fugir para outros municípios. Os homens daquele saudoso regime queriam-na acrescentada, mas pomposamente de palacetes e palácios e, quiçá, de arranha-céus. O bonito, por fim, tornou-se muito feio. Desnecessário é acrescentar que estes tropeços não só afetavam diretamente a renda da comuna, como, também, a expansão comercial e industrial da cidade. P.1

18/12/1932 Noticiário. Máquina para fabricar gelados. Recebeu e já instalou mais uma possante máquina para a fabricação de gelados o Sr. Alberto Trommer, proprietário do conceituado Restaurante Comercial desta cidade . P.3

22/12/1932 Editorial. Instrução Municipal. A atual administração de Cachoeira está a enveredar por um bom caminho, qual o de dar a maior elasticidade possível ao plano escolar do município, para o qual o orçamento do futuro exercício, já elaborado e remetido ao Interventor, dedicou 10% da renda ordinária. Mais de cem contos anuais, portanto, serão empregados nas escolas primárias, que irão concorrer com as do Estado e as da União, na faina instrutiva, principalmente nas zonas rurais. Nós deveríamos empreender uma espécie de plano quinquenal de alfabetização, afim de sairmos o mais depressa possível desta situação esquisita: ao lado da maior percentagem de analfabetos, a maior percentagem de “doutores”. P.1

22/12/1932 Noticiário. A Prefeitura Municipal amortizou 101 contos de sua dívida interna. A Prefeitura Municipal pagou, sábado último, ao Banco do Rio Grande do Sul, a importância de Rs. 101:000\$000, proveniente dos juros e amortização do empréstimo interno de 2 mil contos, contraído com o referido instituto de

crédito correspondente ao 2º semestre do ano de 1931, época em que a Prefeitura deixou de atender aos seus compromissos. P.3

22/12/1932 Anúncio. Dr. M. Kras. Médico, operador e parteiro ex-assistente das clínicas de Berlim e Viena. P.1

22/12/1932 Dentro n.31 de 19 de dezembro de 1932 Dá ao comércio varejista a faculdade de cerrar as portas às 21 horas, a contar desta data até 31 do corrente. P.2 [Nota: É época de Natal e Ano Novo]

25/12/1932 Anúncio. Alunos. Pensionistas para freqüentarem o Ginásio Municipal Roque Gonçalves ou qualquer outro colégio, aceitam-se no internato do Ginásio Rio Branco. P.3

25/12/1932 Anúncio. Aprendiz. Precisa-se de um aprendiz que saiba ler e escrever. No Studio Aurora. P.1

25/12/1932 Anúncio. Dr. David F. de Barcellos. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Com prática dos Hospitais de Paris. P.1

25/12/1932 Noticiário. Pagamento efetuado pela Prefeitura. A Prefeitura Municipal pagou, sexta-feira última, á Usina Elétrica, a quantia de 12:811\$640 rs., provenientes do fornecimento de energia elétrica, correspondente ao mês de junho do corrente ano. P.3

29/12/1932 Noticiário. Exposição de Bordado e confecções da Agência Singer. Inaugurou-se Domingo, ás 20 horas, a exposição de Bordados e Confecções da Agência Singer desta cidade, perante numerosa concorrência. A comissão julgadora consignou a impressão magnífica que lhe causou a exposição, reveladora do grau de adiantamento das alunas que freqüentam a aula na Agência Singer sob a zelosa, inteligente e ativa direção do Sr. Abrão Brum. Por solicitação do público, a exposição só será encerrada no dia 31 do corrente, tendo até ontem sido visitada por um número considerável de famílias. P.3

29/12/1932 Noticiário. Cachoeira Rink Club. Foi inaugurado anteontem, terça-feira, o “Cachoeira Rink Club”. Desde cedo começou a afluir para o local onde se acha localizado o rink grande número de pessoas, notadamente senhoritas, que tomaram lugar nas acomodações que ali foram instaladas para quem não quiser tomar parte na patinação. Pela assistência numerosa que ali ocorreu e pela animação reinante no seio da mocidade cachoeirense para tomar parte nesse salutar sport, estamos certos que será coroada do mais completo existe a instalação do “Cachoeira Rink Club”. Doravante, vigorarão os seguintes preços para a entrada no recinto do rink e para a patinação: O belo sexo pagará 500 réis pela entrada e 1\$500 pela hora de patinação. O sexo forte pagará 1\$00 pela entrada e 1\$500 pela hora de patinação. P.3

8/1/1933 Noticiário. Cachoeira Rink Club. Como noticiamos, foi inaugurado anteontem, ás 20 horas, a nova pista do Cachoeira Rink Club, a qual se acha agora em ótimas condições. Os melhoramentos introduzidos na referida pista contribuíram bastante para que aumentasse o número de patinadores, pois o rink está sendo freqüentado durante todo o dia, sendo de salientar-se o grande número de senhoras e senhoritas que ali tem afluído. P.3

15/1/1933 Noticiário. “chateau d’eau”. A Prefeitura Municipal mandou também restaurar o “Chateau d’eau”, importante monumento de arte da Hidráulica Municipal, situado a Praça Baltazar de Bem. Após as obras de restauração, a Prefeitura fez colocar uma esplêndida iluminação nesse próprio local, que apresenta, á noite, agradável aspecto. P.3

22/1/1933 Noticiário. Novo Prédio. Está sendo construído na rua Saldanha Marinho um belo edificio de estilo moderno e de propriedade do sr. Hugo Ritter, comerciante desta praça. P.3

22/1/1933 Anuncio econômico. Noivos! A melhor recordação do vosso casamento é um retrato. Chame o fotógrafo do estúdio Aurora. Telefone 223. P.3

26/1/1933 Em louvor ao cinema M. Eu sou um grande apreciador de cinema. Ele me satisfaz o espírito sempre ávido de coisas novas e interessantes. Daqui mesmo, sem precisar sair de Cachoeira, aí no “venerado” Coliseu Cachoeirense, dos srs. Comassetto & Carvalho, eu posso parecia tudo o que de grande, belo e maravilhoso existe ou se desenrola no mundo da arte e da ciência, dos nossos tempos. Através o cinema a gente fica sabendo tudo o que se passa lá fora. O cinema dilata os nossos conhecimentos, enriquece nossa inteligência. São cidades que maravilham, paisagens pitorescas, que enchem de alegria os nossos olhos, são cenas emocionantes, que nos mostram o lado real da vida e também o mentiroso das coisas, são mulheres lindas e homens interessantes que dominam as multidões com o prestígio da graça e da inteligência, enfim, tudo o que se pode ver de belo e de grandioso, o cinema de hoje nos proporciona. O cinema é uma verdadeira e poderosa escola da arte e da beleza. O cinema emancipou o mundo. E é por isso que eu gosto de cinema. P.1

26/1/1933 Noticiário. Circo Palermo Anteontem, com o seu vasto pavilhão completamente repleto, teve lugar a segunda função do Circo Palermo que, como a primeira, obteve o mais amplo êxito, comparecendo uma verdadeira multidão de pessoas apreciadoras desse gênero de espetáculos, as quais aplaudiram vivamente todos

os números constentant do programa. P.3

2/2/1933 O lado cor-de-rosa da vida. Foi de fato uma linda reunião íntima a que se realizou sábado último, em casa do sr. Cícero Teixeira, proprietário do Hotel do Comércio, em homenagem á estimada senhorita Sibila Teixeira, filha daquele senhor que naquele dia festejava seu aniversário natalício. Houve gelados e doces finos. Houve músicas e danças. O que existe de chic em Cachoeira lá esteve. O Jazz “Melodia de Ouro”, dirigido pelo maestro Henrique Horn, fez um sucesso de arromba. Sibila foi muito felicitada e presenteada. As nossas deidades encantadoras lá estavam... A elite de Cachoeira lá esteve. P.2

5/2/1933 Noticiário. Ação dos gatunos. A atividade dos amigos do alheio nesta cidade, tem-se desenvolvido febrilmente, numa alarmante seqüência de arrombamentos e furtos. No entanto, ao que nos parece, o policiamento, pela organização que lhe foi dada, nunca esteve tão bem feito, pelo que é de se crer que estamos em face de ladrões experimentados e espertos, pois até agora não foi possível descobrir senão leves indícios, que até podem ser falsos, dos autores que abaixo passamos a expor. P.3

16/2/1933 Uma alta expressão artística. Daí, não seria muito de admirar que nos libertássemos um pouco do conceito ditados pela sensibilidade dos grandes focos de cultura artística, em se tratando da velha arte dramática, uma vez que se saiba que, nesse particular, assim como em alguns outros, o gosto das elites acha-se bastante estragado pela tumultuaria invasão das manufaturas cinematográficas, com as quais os yankees alagaram a nascente civilização brasileira. P.1

16/2/1933 O segredo da vitória. Cachoeira desempenha nesta hora de remodelação de costumes políticos e administrativos do Estado meridional da República, um grande, um imenso papel que a história do porvir recordará com gratidão. Município central vasto e fecundo, lhe estava naturalmente indicada a função de eixo da vida camponesa do Rio Grande, não só por ser o coração geográfico do território pampeano, de grande força econômica, como também por acumular a circunstância de ter sido aqui o campo onde se tramou e de onde se desfechou a campanha contra revolucionária rematada pela guerra paulista, e onde, por fim, consciente e inconscientemente, se movimentaram as maiores forças reacionárias com visos de reconquistar, no sul, aquilo que perderam nas trincheiras da paulicéia. P.3

19/2/1933 Festa e diversões. Bloco carnavalesco. “Bem Unidos”. D. Nair, a homenageada, e seu esposo, com requintes de amabilidades, cumularam a todos de atenções. Houve danças, cerveja gelada, licores e doces á vontade. Uma gaita puxada por um tocador exímio, um acompanhamento de vários instrumentos, uma orquestra enfim, fez a delícia do assalto. Houve declamações de versos jocosos, de acordo com a época carnavalesca. Oliveira Mesquita, De Paranhos e Estrazulas disseram lindas coisas. Uma festa batuta! O mundo social cachoeirense lá esteve no esplendor máximo de sua alegria e de sua beleza. P.2

26/2/1933 Noticiário. Anuncio luminoso. Cachoeira tem, desde alguns dias, o seu primeiro anúncio luminoso. P.3

2/3/1933 Os festejos carnavalescos. Como foi comemorando em Cachoeira a fugaz passagem dos dias consagrados a Momo. Como já afirmamos, era a intensa animação nesta cidade para os folguedos carnavalescos, para os quais se vinham preparando com entusiasmo todas as sociedades locais, formando blocos e tomando todas as outras providências necessárias para que o carnaval fosse festejado aqui condignamente. O brilho, porém, das comemorações foi empanado pelas grandes e torrenciais chuvaradas que caíram constantemente nos dias 26 e 27, impedindo o “clássico” e divertido carnaval de rua. Os folguedos, pois, ficaram restringidos, nesses dois primeiros dias, ás sociedades locais, cujos bailes tiveram êxitos excepcionais, ultrapassando, mesmo, á expectativa que em torno deles se formará. No dia 28, porém, último dia de carnaval, por ter parado de chover, houve curso na Praça José Bonifácio, que se achava repleta, entanto no entanto, os jogos com pouca animação. Durante os três dias consagrados á pandega e á alegria reinou sempre a mais perfeita e mais completa ordem, não ocorrendo nenhum acidente de monta. P.2

9/3/1933 Noticiário. Teatros e cinemas. Com um fino programa, que Peri Machado realçou com seu imenso talento, a fina sociedade que afluíu á sala de festas do Comercial passou duas horas de arte, aplaudindo sempre com tal entusiasmo o artista ao fim de cada número, que não se pode destacar um como melhor do que o outro, entre todos os gêneros diversos que ele tão bem nos soube traduzir de compositores também de nacionalidades diversas. P.3

12/3/1933 Noticiário. Pela polícia. Desde o dia primeiro do mês passado até a presente data, forma presos e recolhidos ao xadrez da Cadeia Civil cerca de trinta indivíduos: desordeiros, vagabundos e ladrões contumazes, aos quais foi dada, pelo sr. Cecílio Menezes, delegado de polícia deste município, uma ocupação de real proveito parta a coletividade, qual a de limpar ruas, proceder a reparos nas estradas citas nas cercanias da cidade e outros trabalhos deste gênero. P.3

12/3/1933 Edital. Sub-prefeitura. Estando em fiel execução o regulamento de veículos, exige-se dos srs.

proprietários de autos e caminhões a máxima observância a ele, sendo expressamente proibido serem esses veículos guiados por menores ou pessoas que não possuam caderneta e absolutamente necessária uma rigorosa observância no que concerne à sinalização, buzina, descarga aberta e contra-mão. P.2

16/3/1933 Noticiário. Desordens e prisões. Domingo último, 12 do corrente, em um pique-nique promovido pelo prático Antônio Viana de Carvalho e outros, nos matos da propriedade do sr. José Afonso de Carvalho, ocorreram algumas desordens motivadas pelo estado quase completo de embriaguez a que chegaram muitos dos presentes e as quais culminaram com o bárbaro espancamento de uma mulher de nome Mariasinha. P.3

16/3/1933 Vida Social. Aniversário festejado. À noite, a fim de apresentar-lhe pessoalmente as suas felicitações, compareceu à sua residência um grande número de pessoas, improvisando-se, então, ali, um animadíssimo sarau dançante que se prolongou até altas horas da noite entre as mais expansivas demonstrações de alegria. P.2

19/3/1933 A festa do arroz. Lisboa Estrazulas P.2 Em proporção Cachoeira produz mais arroz do que Caxias vinho e, no entanto, ainda não tiveram a idéia de fazer aqui, anualmente, por ocasião do término da safra, a Festa do Arroz. E, pergunto eu, haveria melhor oportunidade para a propagando do nosso arroz, para uma exposição utilíssima da nossa principal fonte de riqueza e de vida, para uma aproximação entre exportadores e plantadores, pois será lógico que aqueles aqui viriam, por ocasião dos festejos que se realizassem? E não traria grandes vantagens para todos os outros ramos de negócio, estagnados, a afluência anual de forasteiros à pérola do Jacuí? Aqui fica a idéia. P.2

23/3/1933 Meias curtas. Crônica Social. C. Há quem malsine as meias curtas, as “soquetes” que nos exibem nas ruas da cidade, à luz do sol, outra seda, mais macia do que a das meias de seda: a da epiderme das perna femininas. Parece, aos conservadores, excessiva essa audácia. Demos tempo o tempo, porém. E ainda havemos de ver esses mesmos conservadores reclamando como necessária decência o uso das soquetes, - quando a moda for não usar meias nenhuma, sequer as curtas... P.1

9/4/1933 Nótulas. Oliveira Mesquita. Vamos ter em Cachoeira, ruidoso concurso fotográfico. A conceituada Fotografia Aurora, sem favor nenhum, uma das melhores do Estado, dirigida por este artista de fino gosto que é Maurício Breitman, vai organizá-lo. Dentro em pouco veremos os nosso amadores fotógrafos, de Kodak em punho, à caça de uma paisagem ou de uma originalidade digna de ser focada. Cachoeira é uma terra de lindos panoramas. Os amadores da Kodak, poderão, com facilidade encontrar no que assestar a objetiva. Depois, estamos em abril. Este é o mês em que a natureza se veste de belezas novas e atraentes. Abril põe música nos ninhos e faz cantar a vida na suavidade embaladora do outono. O céu de abril é sempre azul e sempre límpido. Os espetáculos que a natureza brasileira apresenta nesta quadra do ano, são simplesmente encantadores. Maurício Breitman, teve uma bela idéia, digna dos mais fortes aplausos. Cachoeira é uma cidade magnífica, mas fotograficamente é pouco conhecida. Precisamos mostra-la lá fora, com todas as sua belezas. E o concurso fotográfico que a Aurora vai organizar, se encarregará dessa missão de arte e de bom gosto. P.2

13/4/1933 Nótulas. Oliveira Mesquita. Cachoeira, além de seu ótimo cinema, das suas lindas e aprazíveis praças, das ruas bem calçadas e elegantes, dos seus cafés sempre cheios de gente a parolar alegremente possui outro excelente logradouro que faz as delícias da nossa bela juventude, o Rink. Patinar é o divertimento de nossa gente nova. Todas as noites o Rink Cachoeirense fica repleto de assistentes e patinadores, tornando-se um ponto chique forçado para o encontro do que de belo existe no mundo feminino desta terra. P.1

23/4/1933 Noticiário. Solucionado um problema de vital interesse para a indústria arroseira deste município. Era já uma velha aspiração do comércio e da indústria cachoeirense conseguir que a Viação Férrea modificasse as suas tarifas de transportes, reduzindo-as mais ou menos até ao nível dos fretes da navegação fluvial do porto dessa cidade ao da capital do Estado, muito principalmente para determinados produtos deste município. Está assim solucionado um dos mais palpitantes problemas da indústria arroseira de Cachoeira, podendo agora o nosso município fazer transportar esse produtos, sobre o qual repousa a base de sua economia, com rapidez para os centros consumidores e sanado completamente o grande mal oriundo da vazante do Jacuí, época em que o arroz ficava paralisado aqui, em vista da exorbitância das tarifas da Estrada não permitir que o seu escoamento se fizesse por esse meio de transporte. P.3

30/4/1933 Anuncio: Madame Helba. Cartomante internacional. Hospedada no Hotel Rosa recebe visita dos interessados e atende chamados à casa de famílias. Faz estudos grafológicos sobre a vida política, comercial e particular. Fala o Português, Francês, Espanhol e Alemão. Poucos dias nesta localidade. P.2

30/4/1933 Nótulas. O.M. Toda gente que passar naquele trecho do Hotel América à Casa Allaggio, na principal artéria da cidade, há de forçadamente, ter uma palavra de piedade e outra de censura diante do quadro doloroso que a desventura do aleijado Manoel dos Santos oferece aos olhos dos que passam. Trata-se de um paralítico de nascença. O infeliz é posto ali na calçada pela manhã e somente retirado à noite. Vive de esmolas que lha dão. Comer, nem sempre come. As moscas varejeiras são a sua única companhia. As vezes, um cão, igualmente desgraçado, mas talvez possuindo coração melhor do que os humanos, fica horas inteiras ao seu lado, como uma

mancha de sombra junto a outra sombra... É a piedade dos irracionais, ensinando às criaturas aquele sublime conselho de Jesus: “amai-vos uns aos outros”, que até hoje não soubemos compreender. É preciso que se providencie o mais depressa possível a retirada daquele inditoso patricio da via pública. Ele tem que ir para um asilo. A sua desgraça tem direito de exigir de nós um gesto de humanidade. Daqui há pouco o inverno que é da terra o terrível pesadelo, estará aí, e, que será do pobre Manoel dos Santos, exposto ao frio nas gélidas lages daquela calçada. Cachoeira tem um Hospital de Caridade; á sua digna diretoria endereço, pois o meu apelo em prol do desaventurado patricio. P.1

9/5/1933 Um avultado roubo no Restaurante Comercial. Cachoeira invadida por um bando de criminosos. P.3

11/5/1933 Porque sou pelo nudismo das mulheres. Marlus. Afrontado, embora, a ira das senhoras idosas que se apressarão em me apodar de imoral e de indecente, público, aqui, minha sensata opinião acerca da palpitante questão do nudismo, e que é a favor do novo e pitoresco costume, mas com uma importante restrição – a exclusão do sexo forte. E passo a explicar porque. A razão maior do nu é o fortalecimento, a saúde do corpo. A mulher ser fraco por excelência – um murro bem dado pode achatá-la – e não o homem, é que necessita adotar usos e costumes que a fortaleçam. Com a pele ao sol e á chuva equiparar-se-á, dentro em breve, ao homem, alcançando a sonhada e discutida igualdade dos sexos. Essa a razão eugenico-social. Há, porém, ponderáveis outras domestico– econômico morais. A mulher, para andar vestida, gasta todo o tempo de que dispõe. A escolha de um figurino demanda duas ou três horas. A compra da fazenda e aviamentos, três o quatro horas. A “toilette” no momento urgente de ir a qualquer lugar, já pronto e vestido, cindo ou seis horas. É óbvio que andando nua economizará 24 horas em cada dia, o bastante para poder cuidar da roupa do marido, pai, irmão ou filho, sempre em petição de miséria no obsoleto regimento atual. E não é só. As despesas do lar diminuiram consideravelmente, podendo a vítima de hoje, o homem, coitado, anexar a sua parca alimentação, peixe, presunto, geteaux, queijos estrangeiros e beber seu vinhosinho de boa marca no almoço e no jantar. Um indioso perigoso social seria extinto – a modista. Um meu amigo, na semana passada, passou por grande susto. Sua mulher saíra de casa ao meio- dia e só voltou á meia noite. Já ele havia telefonado para todos os parentes e casas amigas, para a polícia, assistência e necrotério. Recebeu-a transtornado! – Onde estivesse desgraçada? – Você não viu logo, Catdodo? Na modista! E há ainda uma multidão de razões de peso, se bem que de ordem secundária. Exemplo: a diminuição das pulgas. Esse impertinente animal tem como seu “habitat” as roupas femininas. Extintas essas, sem domicílio certo, desaparecerá. Por sua vez, o mosquito terá a sua disposição extensões e extensões de carne tenra a que dará, forçosamente, preferência e assim não atormentará pobres chefes de família, á hora sagrada do repouso. Por essas valiosas razões sou arduamente pelo nudismo... para as mulheres. Por nenhuma outra, juro! P.1

11/5/1933 Noticiário. Concessão de habeas-corpus. O advogado Mário Ilha impetrou ao dr. Ciro Cervana juiz de comarca, “uma ordem de habeas-corpus em favor do seu constituinte Mário Machado da Trindade, preso preventivamente por ordem do sr. juiz distrital, no processo crime que lhe move a Justiça Pública, como autor da desonra de sua noiva. P.3

18/5/1933 Pelo encarcerado. Ravengar. Cachoeira assistiu, domingo passado, na comemoração da “Dia das Mães” a um espetáculo que a colocou, nesse sentido, no mesmo nível que os centros adiantados. Adeptos da Igreja Metodista, alcançando, com vistas muito alevantadas, o interesse social da assistência moral aos encarcerados, levaram-lhe nesse dia, além de ofertas de utilidade, o conforto moral de três alocações que marcam, sem dúvida nenhuma, uma etapa nova de progresso. O discurso do promotor público foi bem o discurso de um representante da sociedade. Quem o ouviu, como eu, acompanhando o efeito produzido na fisionomia de cada detento, pode, certamente, aquilatar do valor da cerimônia e ficou convencido de que, quanto menos, o Capitão Oliveira Mesquita conseguiu dos presos esses resultado grandemente educador: levá-los a reflexão, levantar-lhes as vistas para o bem. P.2

21/5/1933 Vida social. Aniversário festejado. Á tarde, em sua residência, o aniversariante ofereceu aos seus amigos um opíparo jantar composto de finos acepipes. P.2

25/5/1933 Noticiário. Conflito e ferimento. Segunda-feira última, 22 do corrente, á noite, Ernesto Fontoura, cabo da guarda municipal, em serviço no 2, posto, no Alto dos Loretos, dirigiu-se a uma casa a onde esperava encontrar certa mulher, com quem mantinha relações. Ali chegando, encontrou-a, surpreendido, na companhia de Arioaldo Machado. P.3

1/6/1933 Tênis F. F. Notável se tem tornado entre nós, ultimamente, o desenvolvimento do “tênis”, esse aristocrático esporte que tanto tem de “chic” e elegante como de salutar e agradável. P.1

4/6/1933 Prisão de um vigarista. Nesta cidade, nas proximidade do Matadouro Mainieri, diziam morar um indivíduo de nome Feliciano Domingues, que instalara ali um consultório com todo o aparelhamento necessário para iludir os incautos com os velhos estratagemas de curar as doenças do corpo e do espírito por meio de mandingas, “orações”, enfim, com toda a sorte de processos já tão conhecidos por todos. E como sempre

acontece nestes casos, para lá afluíra, todos os dias, um número considerável de pessoas, ávidas por encontrar um remédio que pusesse termo aos seus males. Entre o material apreendido pela Polícia se destaca grande quantidade de cartões de que se devia munir os que iam consultar e nos quais se acham escritos os seus nomes. Muito ao contrário do que, em geral, devem supor, não há ali somente nomes de pessoas de classe baixa, na arraia miúda – há também vários cartões com os nomes de diversas pessoas bem conhecidas em nosso meio social... P.3

8/6/1933 Dramas pessoais. Marinha Noronha. A boa imprensa deveria prestar, á coletividade social, o beneficio de profligar esses delitos, tirando-lhes a feição romântica, sem essa prolongada exposição de fatos, esse requinte poético, de ver o crime por um prisma cor de rosa... Unam-se os jornalistas de boa vontade, e imponham invencível barreira á onda que sobe, por vaidade ou malvadez, é possível que a publicação restritamente indispensável desses fatos, sem comentários apaixonados, traga a sociedade o repouso, e á família a alegria e, afastadas para bem longe, os dramas passionais... P.1

11/6/1933 Crimes passionais. Cartas avulsas. Que, nos dera a nós todos, que a imprensa se alinhasse á feição das idéias contidas em seu magnífico suelto! O “Jornal do Povo” é um dos tais órgãos da nossa imprensa que explora o veio dos crimes passionais, abrindo cancha larga ao saracoteio dos comentários romanescos, a respeito do assunto tão magistralmente focado no escritório a que me referi, linhas acima. O “Jornal” não era assim... Mas, depois, ficou assim: explorador das tragédias passionais. E isto aconteceu depois que o jovem João Abreu entrou como redator secretário; jovem com quem simpatizo um pouquinho, atenta sua vocação desportiva, muito denunciativa de bom corte, pois é de ver que, gostando de dar ponta-pés nas bolas do foot-ball, não lhe sobrará tempo nem forças para armar jogos semelhantes na doce pacatez do lar da família... Dai é que lhe vem, sem dúvida, o vezo de dar tom de tragédia aos comentários com que borda os sangrentos crimes passionais. P.2

22/6/1933 Festas e diversões. Club Comercial. Ao contrário do que vinha sendo anunciado, o Club Comercial levará a efeito, em seus salões, dois grandes bailes em comemoração á passagem de “São João”, realizando-se o primeiro na noite de amanhã, 23 do corrente, e o segundo, na de 24, sábado, com início, ambos, ás 21 horas pontualmente. De acordo com os avisos feitos previamente, o traje obrigatório para os bailes a que vimos nos referindo será o de “pelúcia” devendo os cavalheiros se apresentarem com casacos daquela fazenda, e as senhoras e senhoritas com trajes completos do mesmo tecido. P.2

22/6/1933 Tênis trei fimaças. É com especial prazer que vimos constatando entre nós, nesses últimos tempos, uma benéfica tendência para a intensificação do esporte. É que estamos caminhando, felizmente, para uma civilização mais ampla, que nos é imposta pela atualidade. É que está hoje, bemaventuradamente, mais clara aos nossos olhos a intimidade da relação entre o vigor do músculo e o vigor do cérebro. P.1

22/6/1933 Vida Social. Aniversários festejados. A aniversariante foi, por isso, muito facilitada. Á noite, “assaltou” a sua residência um número elevado de pessoas de suas relações, dirigindo-se, todas dali para o Sport Club Seco, onde, pela senhorita Edwirges, foi oferecido aos presentes uma fina mesa de chá. Após, o Grupo Dramático Alves da Silva, do qual o aniversariante faz parte, prestou-lhe significativa homenagem, seguindo-se, depois, animado baile que se prolongou até 3 horas da madrugada do dia seguinte, ao som do Jazz-band “Treme-Terra”, sob a direção dos srs. Darci Schaurich e Darci Carvalho. – Completou sábado penúltimo, 10 do corrente, mais um aniversário natalício o sr. Aparício Marques Ribeiro, sub-delegado de polícia do 4º distrito. Respondeu, agradecendo, em nome do homenageado, o sr. Luiz Figueiredo. Após, improvisou-se ali, uma animada reunião dançante que se prolongou, em meio a maior alegria e cordialidade, até as primeiras horas de domingo. P.2

22/6/1933 Bilhetes urbanos. A Zizi. Marinha Noronha. É essa uma das faces do espírito cachoeirense: afeto sincero e franco acolhimento aos hóspedes, e exaltação dos conterrâneos que a merecem. P.1

25/6/1933 Anúncio: Coliseu. 4º, 5º e 6º feira, duas 28, 29 e 30. O maior espetáculo de todos os tempos. P.2

25/6/1933 Noticiário. Nevadas. A onda de frio tão anunciada por todos os jornais atingiu também Cachoeira, fazendo com que o mercúrio dos termômetros baixasse repentinamente. P.3

25/6/1933 As nossas praças públicas. Todos os gestores da comuna cachoeirense têm demonstrado um invencível gosto pelas culturas das flores. Nada, porém, mais natural, porque elas – segundo os poetas e outros indivíduos que tomam a si o encargo de traduzir por palavras as boas e más coisas que por este mundo vão andando – são o prazer e a alegria da vida. E é convencidos disto, talvez, que os administradores locais, hão descuidados nunca das providências necessárias á boa conservação dos jardins públicos. Não fugiu a esta regra a atual gestão. As flores das praças públicas de Cachoeira vem sendo tratadas com um carinho especial, existindo, como sempre, turmas sob a direção de pessoas competentes, as quais está a feto o seu cuidado. Muito embora isto, a Primavera desta ano, ao contrário do que era de se esperar, não teve o condão de fazer com que as praças públicas locais tomassem o lindo aspecto florido que daria margem a tantos florilégios por parte das pessoas sentimentais e imbuídas do vezo incorrigível de fazer versos. E isto a que se deverá atribuir – perguntarão os leitores? A uma coisa simples, simplíssima mesmo, mas que somente pode ser explicada pelas pessoas que

amam a placidez das horas tardias da noite para fazer errar seus passos pelas ruas da cidade. é que os animais vacuns existentes nos arredores da “urbs” também tem o gosto acentuado pelas nossas praças públicas, e por isso, para ali se dirigem as horas mortas; mas, com uma visão mais materialista e, portanto, muito mais acertada das coisas da vida do que nós outros, eles, ao invés de se contentarem em aspirar o aroma das flores e de se quedarem extasiados á sua vista, se regalam, á farta e pacatamente, comendo com um grande apetite animalesco a folhagem e os mais tenros rebentos das roseiras, dos jasmineiros, das azaléas, etc., tão ternamente cuidados pelo “seu” Rodrigues. P.1

25/6/1933 Geladeira. O inverno é para o homem forte, para o homem de ação, para o arrojado. Afrontá-lo equivale a desafiar a natureza para uma luta desigual, em campo raso. E não raro vence o homem que cobra novas energias e mais se fortalece diante a fúria o pampeiro e o frio crestante das geadas. Com as mulheres, porém, as coisas mudam de figura. Senhoras do mundo, elas fazem, do Inverno, num motivo fútil para a vida elegante. O frio vai encontrá-las no lar, em torno da lareira, ou nos salões entre lãs e fofos, zombando do Inverno. E quando a imaginação trabalha no cérebro feminino, cria-se, para elas, concepções de novos modelos de ricas pelarias que o homem... paga, naturalmente. E aí está mais uma razão pela qual o feminismo é um atentado pela falta de espírito prático das mulheres. Imaginem as senhoras, se a elas coubessem o papel de afrontar o Pampeiro!... P.1

17/8/1933 A primavera aí vem... O. M. Mocidade cachoeirense! Moços e moças e velhos também. “Sursum córdal!” Atentai o ouvido e ouvireis o eco sonoro e festivo da primavera que aí vem. A Deusa do Amor e da Alegria está a chegar. Apresentemo-nos para recebe-la condignamente. Cachoeira, que foi sempre uma cidade alegre, saberá cumprir o seu dever para com a primavera, que é a quadra do sorriso do ano. O Club Comercial, aviário canoro das alegrias de nossa terra, já está se movimentando no sentido de organizar um baile batuta! Para esse baile, que marcará época nos anais das festa chiques de Cachoeira, serão convidados famílias e cavalheiros das cidades circunvizinhas da nossa. Cachoeira vai pôr o seu vestido novo, todo enfeitado de rosas, de luz e de alegria. Cachoeira vai reviver todo o fulgor das épocas felizes de outrora. O Comercial, com o Nilo Albuquerque á frente, se encarregará disso. P.2

20/8/1933 Noticiário. Queremos mesmo aqui, uma fábrica de papel? há já alguns anos que entre os pioneiros da nossa lavoura e da nossa indústria se cogita da instalação, entre nós, de uma fábrica de papel, a qual, além de cooperar para um fornecimento de um produto que importamos quase que totalmente dos outros Estados, ou mesmo, do estrangeiro, virá valorizar um sub-produto importantíssimo na nossa lavoura e que até agora se acha e completo abandono. Queremos nos referir á pátria do arroz. Esta matéria que nós deixamos apodrecer ou queimamos nos campos, é ótima para a fabricação de celulose – matéria prima na fabricação de papel. P.3

10/9/1933 Club Comercial. Festa da Primavera. A medida que se aproximam os dias 22 e 23 do corrente, em as noites do qual o invito Club Comercial realizará em seus salões realizará em seus salões dois suntuosos bailes para comemorar de uma forma invulgar a entrada da primavera, considerada a estação das flores, aumenta desusadamente o entusiasmo do nosso mundo elegante, como temos tido oportunidades várias, disso constatar. O programa desta festa já é, em linhas gerais, do conhecimento de quase todos os sócios desse aristocrático Club que, como já temos frisado, reúne em seu quadro social o que de mais representativo existem em Cachoeira. P.2

1/10/1933 Noticiário. Circo Alegria. Não só sua estréia como também os espetáculos subsequentes levados a efeito obtiveram sucesso, achando-se as suas acomodações completamente tomadas. P.5

5/10/1933 Noticiário grave conflito numa casa de prostituição. Não é de agora que a Pensão Roial, situada á Rua 24 de Maio, Praça São João, tem sido um verdadeiro foco de desordens, pois, em todos os tempos, foi o lugar que mais trabalho e incômodo tem dado ás nossas autoridades policiais. De uns tempos a esta parte, porém, o ambiente era de calma e não se verificava nada de grave. Sábado último, no entretanto, houve ali uma grande desordem, sem que esta felizmente, tivesse consequências funestas imediatas. E, não comete com isso, enviou uma intimação á proprietária daquela casa ordenando-lhe a sua retirada dali com armas e bagagens, dentro do prazo máximo de 6 dias, sob pena de ser expulsa do município. Além disso, esta autoridade, ao que sabemos, pretende proibir a existência de tais casas e localizar o meretrício em determinada zona da cidade, afim de evitar a repetição de tais acontecimentos. P.3

12/10/1933 Noticiário. A iluminação pública. Temos recebido inúmeras reclamações sobre a iluminação pública da cidade, a qual segundo constatamos “de visu”, se encontra mesmo em péssimas condições, motivos porque solicitamos da 4 Seção de Obras Públicas as providências que se fazem necessárias. A deficiência atual da iluminação pública se faz sentir principalmente em toda a zona do Alto dos Loretos. P.3

15/10/1933 Noticiário. Uma velha aspiração que, parece, vai se tornar realidade. Conforme se pode ver da ata da última sessão do Conselho Constitutivo, esta alta corporação resolveu, em vista de um officio que lhe foi dirigido pelo sr. Henrique Comassetto, mandar abrir concorrência para a construção de um teatro amplo, moderno e confortável, como convém á nossa cidade, no lugar onde presentemente se acha o Coliseu Cachoeirense. Por

esse motivo o sr. Henrique Comassetto já encarregou conhecido e competente engenheiro de fazer a planta do teatro de cujo projeto pretende competir na concorrência. Ao que sabemos, já entabulou ele negociações com uma importante fábrica de móveis da capital do país par aquisição de 1.500 poltronas, somente as quais, segundo o catálogo que teve a gentileza de nos mostrar, custarão, no mínimo, 45 contos de réis. P.3

19/10/1933 A aldeia em polvorosa. Grave conflito. O “Jacaré” e a “Aldeia” são dois lugares já bem célebres na história da criminologia em Cachoeira. entre duas zonas, autenticamente perigosas, há, no entretanto, uma diferença quanto aos elementos que as freqüentam. O “Jacaré”, que agora jaz numa pacatez raramente inalterada devido ás enérgicas providências das autoridades locais, e cuja concorrência está em pleno declínio, era freqüentada a horas tardias da noite parte por marinheiros e parte pelas praças da guarnição federal aqui sediada. A Aldeia, porém, e especialmente um lugar ali situado conhecido pela denominação de “Buraco Quente” tem sido e é privativo aos marinheiros, que vivem naquela zona em constantes rixas entre si, mas que se unem fraternalmente contra qualquer intruso que ali aparecer. P.2

22/10/1933 Reparação necessária Em nossa edição anterior, por um erro tipográfico ou cochilo do revisor, saiu uma notícia lamentavelmente truncada e que, de certo modo veio produzir um delicado abalo de crédito na acatada opinião da vítima tipográfica. Não vê que, noticiando a data aniversaria do nosso diretor e sem a menor segunda intenção, cometemos não só aquela omissão referente ao crédito, como uma outra de involuntária infração referente ao segredo profissional, uma vez que nem todas as funções são divulgáveis, o que acontece, nas mulheres, depois que elas completam “dezoito primaveras”; e nos homens casadores depois que se plantam nos quarenta, como por exemplo... qualquer em tais condições que haja dado duas vezes no vinte. O caso foi este: o “Jornal”, dando um furo de bisbilhotice, disse textualmente: “a passagem do seu 79º aniversário natalício”, quando, segundo provas exibidas, o aniversariante apenas festejou (ou festejaram por ele) a passagem do 78º. O equívoco parece não ter importância, mas tem, porque, ainda que o 79 seja o grau de uma idade confessável, o incidente reveste-se de gravidade, porquanto consoante a verdade histórica, o aniversariante ainda está muito bem repimpado na casa dos 70; ao passo que; segundo o “Jornal”, o mesmo transportou-se a casa dos 80 - casa em que em regra começa a destelhar-se a cumieira do pensamento... P.2

22/10/1933 O movimento construtivo nesta cidade. Cachoeira está fadada a ser, sob todos os aspectos, a mais linda cidade do interior do Estado. Os fatores que tem influído para tal são múltiplos e variados. Um dos principais, no entretanto, está na exuberante riqueza de todo o território de nossa comuna quer quanto á indústria como quanto á agricultura. Muito embora tudo isso não existem aqui os chamados grandes capitalistas. O dinheiro está, assim, dividido com certa equidade por toda população, causando desta forma uma espécie de bem estar geral. E este estado de coisas tem beneficiado e muito o desenvolvimento da cidade. este, no entretanto, se achana de há muito paralisado, no tocante ao movimento construtivo por diversas e poderosas razões. Avultava, em primeiro plano, a que dizia respeito aos impostos municipais que, cobrados de um amaneira quase absurda, inibiam, ou pelo menos entravavam em grande parte a construção de prédios na zona urbana. Este obstáculo, entanto, já se acha posto de lado, pois que a atual administração na revisão, que fez, do orçamento da despesa do município, os reduziu a uma verdadeira insignificância, deixando assim, campo aberto para todos aqueles que, buscando a sua própria conveniência, quiseram contribuir para o embelezamento da nossa “urbs”. Cachoeira oferecerá, pois, muito em breve, em virtude das circunstâncias acima, um aspecto que se coadunará, por certo, com a perfeição do seu calçamento, a beleza de suas praças, as ótimas condições de seu estado sanitário, proveniente de sua topografia e clima privilegiados, o poder de sua indústria e o vulto de seu comércio. P.1

22/10/1933 Noticiário. Mercadinhos. Com a regulamentação do horário para abertura e fechamento do comércio, começaram a surgir em todos os pontos da cidade, casas que, com a denominação de “Mercadinhos” acharam um meio de burlar a lei, pois, vendendo também os artigos que constituem o ramo de negócios das outras casas comerciais, se conservam abertas aos domingos, funcionando nos dias úteis fora do horário oficial. Além disso, em certas e determinadas zonas, esses “Mercadinhos” tem se constituídos em verdadeiras tabernas de libações de gente de baixa condição, onde seguidamente se registram desordens e conflitos. P.3

29/10/1933 Noticiário. Sabonete Limol. O sabonete “Limol” apesar de lançado no mercado há apenas um ano mais ou menos, já é, quiçá, um dos que mais procuram tem em todo o país, isto não só devido ao seu custo excepcionalmente barato, como, principalmente a fórmula adotada para a sua fabricação, onde é empregado suco de limão concentrado, o que, além de contribuir para lhe dar um perfume todo especial, o torna sobremaneira aconselhável para o bom tratamento da cutis. P.5

3/12/1933 Noticiário. Elixir de Radiolin. P.5

7/12/1933 Noticiário. Cães hidrófobos. É necessário, por isso, que os chefes de famílias tome providências especiais, a fim de evitar tão desagradáveis acontecimentos. Á Prefeitura cabe, por sua vez, a missão de matar cães vagabundos, por meios de bolas, forçando assim, seus proprietários a conserva-los presos, em casa. P.3

14/12/1933 Anúncio. Os terrenos da “Vila Soares” São os mais futurosos da cidade por estarem localizados nas

proximidades do Bairro Rio Branco, Estação Férrea e Rua Júlio de Castilhos. Toda pessoa que já fez contratos em companhias construtoras prediais, para aquisição da casa própria, ou que ainda tenciona fazê-lo, deve, desde já, também contratar a compra de terreno em prestações na “Vila Soares”. Dentro em breve será ligada com o Bairro Rio Branco pelo prolongamento de rua 1º de março, o que virá valorizar ainda mais os terrenos daquela zona, dos quais se descortina belíssima vista da cidade. – Tratar com Ary Pilar Soares. Rua Saldanha Marinho, 1165 – Cachoeira. P.3

14/12/1933 Pró-charistas. Segundo estamos informados, realizar-se-á em 6 de janeiro próximo, e possivelmente no dia seguinte, na Praça José Bonifácio, ao lado do Coliseu Cachoeirense, uma “garden party” em benefício do Hospital de Caridade. O programa constará, além da eleição da senhorinha mais bela ou mais simpática, maior de 12 anos, em Cachoeira, para a Rainha da Caridade, de um teatro de variedades ao ar livre, com tendas para a venda de gelados e doces, frios e bebidas, rifas, etc. A festa terá frequência pública e gratuita, sendo abrihantada por uma banda musical e um “Jazz”, iluminação profusa, ornamentação característica, e várias surpresas. Essas festividades serão patrocinadas por elementos de destaque da nossa sociedade e cujos nomes publicaremos no próximo número deste jornal. P.2

14/12/1933 Anúncio. Capatazia do Porto. Aviso. Para evitar incômodos futuros, aviso que é terminantemente proibidos banhos no rio, nas proximidades da sociedade, sem o uso de roupas de convenientes. Os transgressores deste aviso serão conduzidos à Cadeia Civil pela Patrulha do Esquadrão Provisório, que, desde hoje, fará o policiamento em toda aquela zona. Cachoeira, 14 de dezembro de 1933. Clemente Cunha, Capataz do Porto. P.2

17/12/1933 Noticiário. Praia balnear. Em Cachoeira, no verão, um dos desportos preferidos é a natação. Nessa época, á tarde, as margens do Jacuí tem uma frequência numerosíssima por partes daqueles que buscam em suas águas correntosas um refrigério contra o calor sufocante. No entanto, contrariamente o que era de esperar, não temos uma praia balnear, em consequência do que o agradável esporte que se torna sobremaneira incômodo pela natural falta de conforto existente nas ribanceiras do rio. E não é que não haja lugares apropriados para uma moderna praia de banho. O que falta é um pouco de iniciativa quer na Prefeitura Municipal, quer, mesmo de algum particular, pois lugares apropriados os há em quantidade até mesmo na própria praia, sendo de notar-se principalmente o compreendido entre o Engenho da firma Matte, Gaspari & Cia. e o lugar denominado “Porto do Fidencio”. P.5

24/12/1933 Noticiário. Vadiagem. O sr. Cecílio Menezes, delegado de polícia, pôs em imediata execução o edital baixado pela sub prefeitura da sede proibindo que os menores perambulem pelas ruas da cidade depois das dez horas da noite. Diversos menores já foram, por isso, recolhidos à Cadeia Civil de onde saíram somente mediante o pagamento da carceragem. P.5

24/12/1933 Cachoeira invadida por uma quantidade incalculável de “Saltões”. Uma providência que se impõe. Recebemos ontem inúmeras reclamações dos moradores do Alto dos Loretos a respeito das exalações emanadas da grande quantidade de “saltões” mortos ali e em decomposição para o que pedimos das autoridades competentes uma enérgica e pronta providência, no sentido de ser evitado que isto dê origem a alguma endemia de caráter grave. P.2

24/12/1933 Noticiário. Animais soltos. Atendendo a um abaixo assinado que lhe foi dirigido, o sr. Cecílio Menezes, delegado de polícia, proibiu que no dia 1º do ano em diante se deixe andar animais vacuns e cavalos soltos no lugar denominado Vila Soares, subúrbios desta cidade. aos proprietários de animais, infratores da ordem, será aplicada a multa legal. P.5

24/12/1933 Noticiário. Anúncio luminoso. O sr. P. F. Bopp, proprietário da conhecida Alfaiataria Santos, acaba de se fazer instalar em seu estabelecimento um artístico anúncio luminoso de propaganda dos chapéus Ramenzoni. P.5

28/12/1933 O pobre Manoel dos Santos ganhou um trono. Se me não acreditam, perguntem ali ao Manoel dos Santos, aquele pobre aleijado que “mora” na calçada da rua 7 de Setembro, o que foi que lhe aconteceu. Manoel dos Santos está radiante! Ganhou uma esplêndida cadeira de rodinhas! Uma linda criança de 4 anos de idade, de coração mais lindo ainda – Mafalda Schneider – todos os dias ao passar pelo coitado enchia-se de pesar ao vê-lo tão infeliz, sem poder andar, sem quase poder mexer-se, chumbado o dia inteiro aquelas duras pedras da calçada, na dolorosa expectativa de ganhar tostões para matar a fome. P.2

1/1/1934 Cachoeira terá, ainda este ano, um novo cinema. Não há um itinerante que passe pela primeira vez nesta cidade que não se sinta intimamente chocado ante ao flagrante contraste oferecido pelo barracão de tábuas e zinco, localizado na Praça José Bonifácio e em que funciona o nosso único cinema, e a harmonia e o bom gosto dos melhoramentos levados a efeito aqui durante o período da administração João Neves. É de todo em todo natural, por isso, o anseio da população local para que Cachoeira entre a possuir um cinema que, sob todos os pontos de vista, corresponda ao desenvolvimento rápido e constante da “urbs”, á densidade e ao grau cultural de sua população. A primeira iniciativa nesse sentido, teve-a, ainda, o dr. João Neves da Fontoura, mandando abrir

concorrência para a construção de um teatro de estilo moderno. Diversos projetos foram apresentados nessa ocasião, entre as quais um do sr. Henrique Comassetto. Para dar parecer sobre os planos, foram nomeadas diversas comissões, apresentando cada uma, segundo o senso estético de seus componentes, emendas as plantas e pareceres os mais descontraídos sobre os menores detalhes do futuro teatro. Como era de ver, a mencionada construção permaneceu até hoje no plano aéreo e irreal dos projetos e das hipóteses. P.3

4/1/1934 Noticiário. Pela polícia. Segundo nos declarou o sr. Cecílio Menezes, delegado de polícia, foi recolhida à Cadeia Civil, sábado último, à tarde, a mulher de nome Conceição Péres, a qual, contravertendo ordens emanadas das autoridades locais, instalou uma casa de meretrício no prédio conhecido pelo nome de “Sotéa” localizado à rua Saldanha Marinho. Conceição Peres que, ainda segundo esta autoridade policial, disse ter tomado essa atitude aconselhada por terceiros, foi posta em liberdade segunda feira última, dois dias após a sua prisão. P.3

14/1/1934 Seção livre. Declaração necessária. Florentino Alarcom. E este senhor que assim me acusa tão levemente não se recorda que já foi preso em Santa Maria por defloramento e, outra vez por crime por baderna em casas suspeitas. P.3

18/1/1934 O problema da mendicância em Cachoeira. Aqui não existe nenhuma instituição de amparo à pobreza desvalida. Mas, por isso mesmo, está ocorrendo aqui algo de grave e de prejudicial: o número de esmoléres vai num crescendo contínuo e alarmante, raro sendo o sábado – dia conveniado para se fazer caridade – em que não ingresse no já longo cortejo dos pedintes que percorre as ruas da cidade mais algum mendigo. E a que se refere ao grande número de menores, alguns ainda verdadeira crianças, que saem para a via pública a esmolar, por incumbência de seus pais, enfermos ou não, formando seu caráter num ambiente sobremodo nocivo ao desenvolvimento de suas faculdades morais e tornando-se, assim, não só inúteis como até prejudiciais à sociedade em cujo meio vão viver. P.1

18/1/1934 Noticiário. Casamentos na polícia. O ano que acaba de findar, foi, aqui, até hoje, dos mais férteis em casamentos policiais, pois somente durante o seu transcurso realizaram-se nada menos de 54. Parece, no entanto, que o ano em andamento excederá de muito o que já passou, pois apesar de nos encontrarmos ainda no seu início já temos a registrar quatro enlaces dessa natureza. P.3

21/1/1934 Despedida. Olivera Mesquita. Declaro que nada fico devendo em Cachoeira, estando todas as minhas contas pagas, conforme recibo, em meu poder. P.1

25/1/1934 Noticiário. Os gaturmos em ação. Na madrugada de segunda-feira última os amigos do alheio fizeram uma abundante “raccolta” nesta cidade. E para isso tiveram todas as facilidades possíveis. É que o verão, sendo a nossa “urbs” extremamente pacata, os seus habitantes deixam as janelas de suas casas abertas, devido ao calor. P.3

28/1/1934 Vida desportiva. Ciclismo. São muitos, nesta cidade, os amantes do sport ciclista. E como uma das bases de todo o desporto é a competição, que lhe empresta entusiasmo e animação, teremos, dentro em breve, uma interessante prova em que tomarão parte diversos ciclistas. Consiste esta na volta da Xarqueada, cuja estrada, estreita e imprópria para o transporte de bicicletas, oferece inúmeras dificuldades para a realização da prova e é, por isso, naturalmente indicada. P.2

28/1/1934 Noticiário. O relógio da praça. Já não atinamos mais com a utilidade que tem, para a cidade, o relógio público para a Praça José Bonifácio, pois, nestes últimos tempos, ele tem estado, quase sempre parado, chegando a se conservar neste estado, de uma feita, durante um mês inteiro e agora mesmo já faz uma quinzena que se encontra neste estado. Se a sua função é somente decorativa muito que bem; mas, nesse caso, não tem cabimento algum a verba que consagram todos os orçamentos, paga a determinada pessoa, para conserva-lo em funcionamento, estado útil de todos os relógios e muito principalmente dos relógios públicos. A população espera de quem de direito a elucidação do assunto. P.5

8/2/1934 Pródromos do carnaval. Bloco dos Bens Unidos. Como que sacudimos por mão invisível do marasmo em que andavam as hastes do império da folia, agitam-se os foliões, vibrando de entusiasmo para receber suntuosa e festivamente o Deus do Carnaval. Transcrevemos abaixo uma das lindas canções do bloco acima, premiada no último concurso para a escolha do melhor samba deste ano, há pouco realizado no Rio de Janeiro: Linda Lourinha. Lourinha, Lourinha, dos olhos claros e de cristal, desta vez, em vez da moreninha, serás a rainha do meu carnaval. Loura Boneca, que vens doutra terra, que vens da Inglaterra, ou que vens de Paris, quero te dar, o meu amor mais quente, do que o sol ardente, deste meu país. Linda Lourinha, tenso olhar tão claro, deste azul tão raro, como um céu de anil, mas tuas faces, vão ficar morenas, como as das pequenas deste meu Brasil. P.3

8/2/1934 Noticiário: Iluminação Pública. Os postes, pintados de cor verde escura, apresentam, assim, belo aspecto, combinando perfeitamente, com a cor dos cinamomos de nossa praça principal. P.3

15/2/1934 Um doloroso acontecimento o malogrado fim do estimado cidadão Vitor Ferreira da Silva. Um

detalhe interessante. No baile a que nos referimos poucos momentos antes dos acontecimentos que relatamos acima, o infelizmente Vitor, entrando no salão, onde as danças corriam animadas, dirigiu-se para o lugar onde se achava sentada sua senhora, convidando-a para dançar. Esta, porém, respondeu-lhe que estava muito cansada e que não estava disposta a aceder ao seu convite. Vitor lhe retorquiu nesses termos: “Ora, a vida é curta, vamos aproveitar...” P.3

22/2/1934 Noticiário. Um novo cinema. Serão iniciadas nesta cidade, dentro em pouco tempo, as obras de construção de um edifício onde vai funcionar um novo cinema. A Prefeitura Municipal, conforme se pode ver em um edital publicado em outro lugar desta folha, já abriu a concorrência para essa construção, que deveria ter lugar na Praça José Bonifácio, ao lado do barracão onde, presentemente, funciona o Coliseu Cachoeirense. É uma velha e justa aspiração da população que se vai realizar. P.3

22/2/1934 Impressões de um filme. Terça-feira última assistimos á passagem do film denominado “A Alemanha Desperta” de propaganda alemã. Fizeram essa exibição sob convites. Mas estes de pouco valeram porque antes da hora marcada para o início da sessão cinematográfica, já da porta do Coliseu refluía uma grande parte da massa popular que afluía espontaneamente á porta dessa casa de espetáculos. A muito custo penetramos no recinto; mas os lugares já estavam apinhados. A invasão popular fora impetuosa e irresistível. P.1

1/3/1934 Ecos de um crime monstruoso. Isto ocorreu já pelas 23 horas, o que não obstou porém, que afluísse para aquele local grande número de curiosos, cheios de ansiedade por acompanhar, em todas as suas fases, as diligências policiais. P.3

4/3/1934 Edital. Concorrência para a construção de um teatro-cinema. De ordem do sr. Prefeito Municipal, torna público, que se acha aberta nesta Secretaria, concorrência pública para a construção e exploração de um Teatro-Cinema, á Praça José Bonifácio, nesta cidade, em um terreno da prefeitura, medido 30,50 mts de frente, com 60 mts de fundo, ou sendo 1.830 metros quadrados, sob as seguintes condições: P.4

8/3/1934 Noticiário. Reuniões Suspeitas. A respeito de uma diligência policial levada a efeito anteontem, o sr. Cecílio Menezes, delegado de polícia deste município, enviou ao dr. Dario Crespo o seguinte despacho telegráfico: “Em casa velha abandonada, aqui, certo número de marinheiros, sem conhecimento Capataz do Porto e desta Delegacia, reúnem-se há três noites. Julgando-se tratar-se comunismo, ordenei a prisão dos mesmos, sendo apreendidos diversos papéis com o fim de promover a Sindicalização de Marinheiros e Moços da Navegação Fluvial do Estado do Rio Grande do Sul. Foi preso Valdemar Machado, chefe reunião e outros, faltando um outro chefe que estava ausente. Encontrou-se, também officios de classes operária sem o conhecimento da Liga Operária daqui.” P.3

15/3/1934 Anuncio. Restaurante do Jockey-club. Jockey-club em sua sede, á Rua Sete de Setembro, n. 1145, funciona um bem montado restaurante. Quereis comer bem? ide, pois, ao Restaurante Jockey-club, que sereis fidalgamente atendidos. Cozinha de 1ª ordem, dirigida por hábil profissional - serviço com todo o asseio – preços os mais baratos – fornece viandas a domicilio. Gerente: Hans Kulitz. P.4

25/3/1934 Quitandeiros. João da rua. Não sei se no orçamento municipal se vota impostos ás carrocinhas que, habitualmente, vendem, pela cidade, legumes e frutas e também se são taxados os terrenos das zonas urbanas e suburbanas em que se cultivem esses gêneros da pública alimentação – considerando-os como terrenos baldios. Se há, é preciso que sejam muito suaves e como que só de caráter higiênico. Quer dizer: que tais impostos correspondam apenas a uma pequena colaboração aos dispêndios que se fazem com a conservação dos caminhos e ruas com a fiscalização referente á saúde pública. P.1

25/3/1934 Uma grave crise no seio da Navegação fluvial Cachoeirense Por isso estão amarrados no porto desta cidade perto de 58 barcos, impedidos de navegar pelo verdadeiro monopólio que acaba de ser conseguido pelo Sindicato da Navegação Fluvial da parte do governo do Estado. P.4

29/3/1934 Promotória Pública. Censura cinematográfica. Que no Coliseu Cachoeirense se tem ultimamente exibido toda a espécie de films sem atender a mínima nota do Gabinete de Censura do Estado, Departamento do Ministério da Educação, criado para a repressão dos costumes e da ordem social; que mesmo no sentido moral qualquer film não pode ser assistido por menores conforme estabelece um código especial; que embora o enredo de algumas fitas possuam um fundo moral elas se desenrolam, muitas vezes, num entrecho trágico, emocionante e nevroótico, mesmo porque a maioria dos films são adaptações de obras literárias modernas onde piram um excessivo cerebralismo, capaz de perturbações psíquicas de certa ordem aos espectadores. P.3

29/3/1934 Sem solução ainda, a crise que atravessa a Navegação fluvial Cachoeirense. Permanece, ainda, sem solução agrava crise que atravessa a Navegação Fluvial de Cachoeira, originado pela organização do Sindicato de Navegação Fluvial recentemente fundado na capital do Estado. Como já afirmamos em nossa última edição, essa associação de classe ao invés de vir em auxílio de todos e principalmente dos mais fracos, fim e objetivo de todas as instituições dessa natureza, veio dar um golpe de morte, nestes últimos, pois conseguiu do Governo do

Estado o privilégio da navegação fluvial no Rio Grande. ao mesmo tempo que conseguia o monopólio da exploração desse ramo de negócio, impedia o Sindicato de Navegação Fluvial, por meio de cláusulas verdadeiramente proibitivas constantes de seus estatutos, a inscrição dos pequenos barcos, os quais ficaram assim impossibilitados de navegar. P.3

29/3/1934 Promotoria Pública. Censura cinematográfica. Que no Coliseu Cachoeirense se tem ultimamente exibido toda a espécie de films sem atender a mínima nota do Gabinete de Censura do Estado, Departamento do Ministério da Educação, criado para a repressão dos costumes e da ordem social; que mesmo no sentido moral qualquer filme não pode ser assistido por menores conforme estabelece um código especial; que embora o enredo de algumas fitas possuam um fundo moral elas se desenrolam, muitas vezes, num entrecho trágico, emocionante e neurótico, mesmo porque a maioria dos filmes são adaptações de obras literárias modernas onde piram um excessivo cerebralismo, capaz de perturbações psíquicas de certa ordem aos espectadores. P.3

12/4/1934 S. Cooperativa Cachoeirense de Navegação Fluvial. Cachoeira, como se sacudida por mão invisível do profundo letargo em que se achava imersa, entende seus músculos, retesa-os e caminha, agora, em uma fase de progresso e dinamismo. É a alma popular que se levanta, num anseio ingente de progresso, são as classes que procuram a solidariedade, único meio capaz de protegê-las e de fazê-las prosperar e progredir. Como um marco de granito levantado em Cachoeira, como a primeira conquista do princípios do cooperativismo, está definitivamente instalada a Sociedade Cooperativa Cachoeirense de Navegação Fluvial. P.2

15/4/1934 A cidade sem policiamento. Um guarda noturno agredido. Com o recolhimento a Santa Maria do Contingente da Brigada Militar, que aqui vinha fazendo o serviço de policiamento, ficou a cidade policiada unicamente por dois ou três investigadores e pela Guarda Noturna, composta de cinco guardas. Fica assim, Cachoeira, cidade populosa e de perímetro urbano grande, á mercê da ação dos gatunos e desordeiros, diante da impotência da polícia, em face da falta de elementos, para combate decisivo. P.2

22/4/1934 Declaração. Rubem Leitão Schutz Eu, abaixo assinado, sabendo que pessoas de má índole procuram caluniar-me perante o público e a sociedade, valendo-se para isso de uma infâmia, dizendo ser eu casado, na Capital do Estado e que não sigo aos deveres do lar, procurando passar por solteiro e namorando, peça a quem possa afirmar esse ato indigno que jamais cometi, para dar á publicidade. P.5

26/4/1934 Convite. Á pedidos, publicamos hoje esse convite “sui generis”, produção, ao que parece do dr. Silvio Faria Correa. “Tendo arrumado um arrasta pé de arranca pé de picigueiro com raiz e tudo pro dia de São João, convidemo uns portadô desse pra festa cum a famia e os parente. Chamamo as atenção dos supricante pro regulamento da festa, cuim todos adjetivos qualificativos do mesmo. Regulamento. 1º - dentro da sala é proibido dá tiro de revólve calibre 44, purque pode assustá as moça. 2º - não pode tá reunido mais de treis véia no salão pra evitá que saia frége, pra modi as falação da vida aieia; 3º - não si aguenta cachorro na sala, imhora di istimação, prá não largá purga nem bicho de pé; 4º - a moça que negá o estribo pro moço que f6o tirá ela tem que dá espricação pro mestre da sala sobre os motivo do cunsiguiente; 5º - não se pódi pisá em calo di gente véia; 6º - o mestre da sala podi mandá pará a gaita quando entendê; 7º - não se aguenta tosa cola de matuto dus convidado; 8º - uns covidado tem direito a bala e rosquinha de ovo, porém, de galinha. Café cum leite é considerado extraordinário. U que quizé tem que paga; 9º - sujeito fumando não pode toma mate com as moças. Cum as véia pode oma inté relinchá; 10º - quem cuspi no chão tem que espaiá cum o pé o guspe. Não se admite guspida de guascaço “tipo pato”; 11º - u convidado que provocá baderna sai da sala e não entra mais inquanto não isfriá a maceta; 12º - u indivídu que se metê a querê apagá lampião da sala, cum tiro o cum facão, é expurço; § único: - sendo véio e tendo fia bunita nu baile pode vortá pra sala dispois de se acomodá; 13º - véia que tivê falando dos outro não tem direito a rosquinha de ovo. 14º - uns direito cumprem esse ao pé da letra o pur bem o a pau em caso de percisão; N.B. – tem potreto seguro pros cavalo, girau prus arreo e maniadô prus convidado. P.4

26/4/1934 Decreto nº 49, de 23 de abril de 1934. Proíbe o trânsito de carretas na cidade. O cidadão Aldomiro Franco, Prefeito do Município de Cachoeira, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Decreto nº 19.398, de 11 de Novembro de 1930, do Governo Provisório da República. Considerando que a Prefeitura tem feito grandes despesas com o serviço de calçamento e melhoramento das ruas; Considerando que o trânsito de carretas pela cidade vem ocasionando grandes estragos obrigando a Prefeitura adespender anualmente vultosa soma com o serviço de conservação das ruas, resolve decretar: Art. 1º - fica proibido trânsito de carretas de duas rodas dentro da área compreendida pelos trilhos da Viação Férrea do R. G. S., Bairro Rio Branco, 1º de Março, Félix da Cunha, Saldanha Marinho, bem como na Rua Moron, a partir do Porto da Praia e na rua Júlio de Castilhos. Art. 2º - Aos proprietários ou condutores de carretas, fica permitido o estacionamento desses veículos nos seguintes lugares: Na Rua Conde de Porto Alegre, na Antiga Praça Borges de Medeiros, na Rua Pinheiro Machado (antiga São João) no terreno arrendado á Prefeitura, e defronte ao Cemitério. Art. 3º - Os infratores das disposições contidas no art. 1º, ficam sujeitos á multa de 20\$000 a 200\$000, além da obrigação de reparar os danos causados. Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário. Prefeitura Municipal de Cachoeira, 23 de abril de 1934. Aldomiro Franco Prefeito. P.1

29/4/1934 Noticiário. “Jornal do Povo”. A grande influência de matéria paga e a impossibilidade em que nos vimos de tirar mais duas páginas, nos obriga a preterir para o nosso próximo número a publicação de regular quantidade de matéria paga e de amplo noticiário sobre acontecimentos locais. P.3

3/5/1934 Noticiário. Uma medida inadiável. Quem vem acompanhando, neste últimos tempos, o movimento construtivo, incessante e rápido, desta cidade, há de notado a rapidez com que surgiu a zona oeste da “urbs” um bairro encantador destinado a revalorizar, dentro em breve, com o aristocrático Bairro Rio Branco. Trata-se do Bairro de Santo Antônio. Com novas e lindas edificações, entre as quais sobressai a do Colégio Imaculada Conceição e do convento Redentorista, está ele situado num dos pontos mais pitorescos da cidade. a construção da grandiosa Igreja Santo Antônio, já iniciada, contribuirá, ainda, como um monumento de arte, para o seu embelezamento. Apesar, no entanto, de se tratar em um bairro em tais condições de adiantamento, lutam os seus habitantes com uma grande dificuldade para estabelecer suas comunicações com a cidade, pois não existe uma via pública em condições para tal fim. P.3

6/5/1934 Colônia alemã. Uma festa na sociedade Concórdia. Conforme estava anunciado, a colônia alemã de Cachoeira realizou no dia 1º do corrente, á noite na Sede da Sociedade de Atiradores Concórdia, uma festa para comparecer á qual foram convidados todos os alemães e teuto-brasileiros, residentes nesta cidade. Ainda pelo sr. Rodolfo Müller foi levantado um viva á pátria brasileira e ao seu presidente dr. Getúlio Vargas, seguindo-se a execução do hino nacional, pela orquestra. Senhorita Iris Dicklhuber, filha do sr. Eduardo Dicklhuber, recitou o hino facista alemão, sendo muito aplaudida. O discurso oficial proferiu o dr. Arthur Decker. Referiu-se ele á importância histórico-política do dia 1º de maio, tecendo elogios a Adolf Hitler, o Fuehrer do povo alemão e reconstrutor na Nova Germania. As suas últimas palavras foram cobertas por uma prolongada salva de palmas. P.2

6/5/1934 Nos anúncios fúnebres da época, se colocava, na “relação das covas” e a “relação dos bouques” o nome das pessoas que as enviaram. P. 3

6/5/1934 Noticiário. Prorrogado o prazo para embrulhar o pão. O dr. Henrique M. de Barros, médico delegado de saúde, conforme se vê em um edital publicado em outro lugar desta folha, prorrogou até o dia 15 do corrente o prazo para o embrulhamento do pão, devido á falta de papel adequado. O que vem se notando, porém, neste caso é o seguinte: quando, há meses atrás, a Delegacia de Saúde determinou que o pão fosse embrulhado como prescreve a higiene, as Padarias desta cidade imediatamente diminuíram-lhe o tamanho alegando as despesas decorrentes da aquisição do papel. Pouco depois, no entanto, não sabemos por que motivos, o pão passou a ser distribuído primitivamente, isto é, sem qualquer espécie de industriamento, e parece que o pouco tempo que andou enroupado o prejudicou de tal forma que não houve mais jeito de voltar a sua robustez anterior. O que a população teme, portanto, com a nova ordem de embrulhamento é que o precioso alimento sofra de algum colapso e venha de novo a definhar como da vez anterior, pois está bem visto quem é que vai no “embrulho” em toda essa questão... P.5

10/5/1934 Noticiário. Acidente por arma de fogo. Já estamos habituados a registra nesta coluna, com grande frequência, notícias relativas a acidentes provindos do condenável brinquedo com armas de fogo. P.3

10/5/1934 Noticiário. Grande distúrbio na aldeia. Assim como a Aldeia é considerada a zona perigosa de Cachoeira, da mesma forma o Buraco Quente é o da Aldeia. P.3

13/5/1934 Noticiário. Erro tipográfico Na primeira página deste jornal, no artigo sob o título “Fere, mas escuta”, da autoria de um nosso colaborador, ou colaboradora, saiu escrita erroneamente a palavra bernardices. Trata-se de um descuido do tipógrafo, para o qual pedimos a benevolência dos leitores. P.3

17/5/1934 Noticiário. Animais soltos. Tanto de dia como de noite vêm-se animais soltos pelas ruas da cidade, apesar dos repetidos avisos feitos pela Prefeitura aos proprietários de gado vacum e cavalar. Os locais preferidos pelos animais, são em geral, as praças públicas. Quem quiser se dar ao trabalho de verificar a veracidade do que afirmamos é só dar uma olhada, á noite, para os jardins da Praça José Bonifácio. No entretanto, recebemos ontem uma reclamação de moradores do Bairro Rio Branco, dizendo que aquela parte da cidade também está infestada pelos animais soltos que vem causando estragos nas cercas e nos jardins daquela parte da “urbs”. Dos poderes competentes solicitamos para o caso as providências que se fazem mister. P.3

17/5/1934 Eterno feminino. Romeu Bomba. (Do “Correio do Sul”, de Bagé) Um senhor do município de Cachoeira, - por certo um daqueles a quem um foi de bigode vale mais do que uma promissória ou uma duplicata - fez inserir num dos jornais daquela localidade um aviso dizendo que “multaria em dois contos de réis a quem quer que fosse que cortasse o cabelo de sua filha”. E acrescentou: “neste caso, de nada vale amizade nem parentesco”. Li o truculento e proibitivo aviso e me pus a pensar: ou o respeitável pai da encantadora garota (não a conheço. Porém, para mim, toda a mulher que não é careca é encantadora)... é um tipo medieval, daqueles ranzinzas que já se esfumaram na penumbra do passado, ou a pequena que quer cortar os cabelos tem piolhos. Se eu dispusesse de meios ou de fundos, iria até lá. Cortar-lhe-ia os lindos cabelos a seu gosto. Pagaria aos dois

contos de réis ao seu respeitabilíssimo pai, conforme o contrário. Daria á menina outros dois para que comprasse rímel, rouge, crayon, cutex, pós de arroz e Magic, e perfumes, e mais outras baboseiras com as quais as mulheres tão deliciosamente nos enganam. Mas... ai de mim! Não posso... E desde já declaro: se o digníssimo pai da gentil garota que deu azo a estas linhas quiser me multar pela irreverência, nada poderei pagar. Sou pronto de nascença e, de bens de raiz, só tenho os cabelos e, estes mesmos, já estão escasseando. P.1

20/5/1934 Anúncio: Moça. Precisa-se de uma moça, que saiba ler e escrever em português, para trabalho leve junto a uma senhora. Tratar no Hotel do Comercio, quarto nº 42. P.3

24/5/1934 Noticiário. Uma quiromante famosa. Já de há dias que nesta cidade está a famosa quiromante européia Madame Kitty. Madame Kitty encontra-se ainda nesta cidade, podendo ser procurada no Hotel do Comércio. P.3

14/6/1934 Teatros e cinemas. Mocidade heróica. As cenas deste film pões-nos em contato com o prolongo da luta, finalmente, vitorioso de Adolf Hitler mostra-nos o mocidade alemã entusiasmada por um alto e inabalável ideal, traçado pelo próprio Fuehrer. Eles sabem lutar pela liberdade da pátria, sabem morrer no auge da juventude, na canção sagrada nos lábios e um sorriso satisfeito nos olhos. P.2

17/6/1934 Festa e diversões. Club Comercial. Baile de São João. O grande Baile de São João com que o aristocrático Club Comercial comemorará essa festa tradicional do Brasil, realizar-se-á dia 24 do corrente. Há uma intensa expectativa social nas nossas altas rodas e a distinção que irá reinar coroará o interesse e os preparativos ativados. O Club Comercial marcará uma nota inesquecível na vida mundana de Cachoeira. será o baile mais fino e mais elegante da estação. O inverno este ano ficará na memória de todas as pessoas que freqüentam a alta roda do Club Comercial. E o inverno é a estação das toilettes maravilhosas das mulheres, que se tornam ainda mais lindas... todos os esforços estão sendo empregados para que fique na história social da cidade o baile do Comercial como um verdadeiro acontecimento “charment”. P.2

21/6/1934 Anúncio. Mocidade heróica. Um dos episódios mais importantes desta luta toda foi o chamado “Combate pela Rua”, no qual comunistas de um lado e nacionais-socialistas de outro procuravam dominar as ruas, as salas de conferências e enfim conquistar a opinião do povo. Foi mocidade heróica alemã, que, exaltando sua vida em fiel cumprimento às ordens do seu Fuehrer Adolf Hitler, conquistou a vitória neste combate pela rua. O Filme da Ufa “Mocidade Heróica” (Hitlerjunge Quex), que será exibido Coliseu Cachoeirense nos dias 26 e 27 do corrente e que atualmente está alcançando extraordinário sucesso em Porto Alegre, demonstrará em cenas impressionantes este episódio do entusiasmo patriótico e do sacrificio da juventude alemã. P.2

21/6/1934 Festa e divisões. Club Comercial. O grande baile de 30 e a reunião de 24. Assim, se revestirá de maior interesse o preparativo geral embora o traje seja o de passeio, mas é claro que se aguarda, em toda cidade, uma noite deslumbrante. E de prever-se, portanto, o sucesso deste baile que marcará um capítulo interessante na história social de Cachoeira. P.2

21/6/1934 A cidade. Aurélio Lyra. A evolução das cidades, sob o ponto de vista construtivo, atravessa fases críticas de transição, das quais depende a harmonização ou desarmonização de suas linhas estéticas, e, principalmente, a boa solução, definitiva dos problemas urbanos. Isto porque raramente se dá o caso de fundar-se uma cidade com um projeto preestabelecido e cumprir-se esse projeto até o fim. Os motivos são lógicos: a evolução do urbanismo, como reflexo da evolução da vida, e a descontinuidade dos programas administrativos. Cachoeira precisa vem se atentar nisso, porque está passando, agora, por uma fase caracterizadamente de transição. Isto é tão certo que, apesar de todas as dificuldades da época e do fato de não possuir grandes fortunas particulares, já começa a interessar firmas construtoras da capital, o que marca o início de uma intensa fase de edificações. Nessa emergência, um gestor de município, não pode descurar o relevante problema urbano, sob pena de legar ás administrações vindouras um grande entrave á realização de uma cidade, se é possível, dizer-se, moderna. É preciso conciliar as tendências eventuais da orientação particular, em matéria de construção, com as condições topográficas da cidade que estão a assinalar o rumo mais técnico, mais lógico, que se deve imprimir á criação dos futuros bairros. Assim, por exemplo, como é a regra do urbanismo, é preciso, desde já, separa-se a zona comercial da zona residencial. A fundação dos clubes sociais, a construção dos edificios públicos, das casas de diversões e dos hotéis são verdadeiros marcos de fundamentação, dos novos arrabaldes. Cumpre estudar e controlar a escolha dos locais. A artéria principal – a rua Sete, - tem de ser, de futuro, o centro comercial e bancário, e nunca uma rua de residências. Ao contrário, aos mais pitorescos pontos da cidade, - Bairro Rio Branco, Santo Antônio e Vila Barcelos, - serão os pontos onde se verá surgir a nova Cachoeira. trata-se, atualmente, do problema de um cinema. O lugar que lhe competiria, por todos os motivos, acha-se ocupado pelo atual mercado: - Um centro de praça, requerendo um edificio de cine-teatro, com alamedas já preparadas para conduzir os pedestres ou automobilistas que acoressem, na hora habitual das diversões, até a porta principal de um edificio de fachada bem iluminada, com sirenes tocando, rodeados de grupos que palestram, criaria assim o núcleo de diversões da cidade, pois isto acarretaria a construção de um café condigno, logo que, a época econômica o permitisse. Trata-se, também, da construção de um hotel moderno. Já tive ocasião de dar a um dos interessados meu modesto ponto de vista. Um hotel de cidade pequena tem de conciliar estas condições: próximo

de tudo, longe do barulho, em centro de terreno e fácil acesso. Ora, quem, da Usina de Energia Elétrica, no outro lado da Praça, dirige o olhar para o Bairro Rio Branco, logo vê que o ponto ideal está ali por perto. Ótimo calçamento, linda arborização, extensa avenida em tangente, varando toda a cidade, aí se acha o lugar que está desejando a pessoa que acabou de trabalhar ou divertir-se, na zona central da cidade, para repousar, para receber uma visita, para viver. Os pedidos de licença para construção já começaram a crescer de número. As ruas vão se esboçando. Os bairros vão nascer. As necessidades de conjunto, para atender ao serviço e às condições novas de vida de uma cidade que começa a espalhar-se, demandarão, por força, desapropriações e trabalho de interesse geral que devem ser, desde já, previstos. O valor locativo e territorial vai subir e a municipalidade deve estudar o problema. É preciso considerar o aumento desses valores no seu duplo aspecto: negativo e positivo. No primeiro caso, como fator de encarecimento das desapropriações e, no segundo, como elemento de que a autoridade municipal pode transacionar um proveito da cidade. Cachoeira deve orgulhar-se do calçamento das suas ruas centrais, do serviço de drenagem das águas pluviais, do abastecimento de água e dos esgotos. Não sei o ônus que acarretaram à dívida pública, mas é incontestável que sem eles a cidade teria aspecto de vila. São problemas, em geral, mal resolvidos pelas administrações descontinuadas, como é o caso do Brasil, e que exigem um estudo projetado sobre a futura cidade, nos seus principais aspectos: população, área construída, intensidade de tráfego, etc. É por isso que o Brasil precisa muito de engenharia e que é de muita consequência o ato que concede uma licença para construir. É uma pincelada que, não tendo em si nenhuma importância, pode prejudicar uma grande paisagem que se esboça. P.1

24/6/1934 Festas e diversões. Club comercial. A reunião de hoje. O Club Comercial, oferecerá hoje, à noite, após a sessão cinematográfica, aos seus inúmeros associados, uma reunião dançante. Assim, não passará despercebida a noite de S. João para todos os frequentadores do Club, que certamente comparecerão para abrilhantar a reunião. Naturalmente a reunião de hoje terá a presença das criaturas mais finas de nossa alta roda e será o bastante para que despertem muito entusiasmo as danças desta noite. O baile de 30 está na expectativa da cidade, que aguarda esse sarau como um acontecimento social de rara importância. Mesmo porque os nomes indicados não só para diretoras como para diretores são todas figuras de remarcado relevo mundano e por si, somente, dariam grande parte do realce que terá o baile de trinta. P.2

24/6/1934 Noticiário. Vida forense. Crime de bigamia. O bigamo Walter Walzack se acha preso na Cadeia Civil desta cidade e será submetido a julgamento na próxima sessão do júri. P.3

5/7/1934 Recuerdos... Aurelio Lyra. Prometi à Cachoeira um adeus escrito de despedida. A promessa já vai longe sem que eu tivesse podido cumprir. Bem que pensei nela e que mandei muitos adeuses, mas desses que tenho mandado nenhum chegou a caber dentro de frases escritas. Nem sei mesmo como me seria dado abranger, dentro do sentido limitado das palavras, o que eu tinha a vontade e o dever de exprimir ao povo e à terra de Cachoeira. a saudade já bem grande, e eu trocava, de coração, este borbórinho artificial da vida de metrópole pela Cachoeira amiga e calma de que tão depressa me aparteí. Eu tenho de voltar à Cachoeira. quando, não sei, mas, se fosse dono de mim hoje mesmo. Eu tenho de ganhar uma aposta que fiz, na ante visão das saudades que já começam a chegar. Hei de ganhar, ao mesmo tempo, a aposta e a felicidade de realizar o programa que tracei para a minha vida. Ainda hei de comer churrasco no Seringa e ir à missa na Capelinha, se os fados me permitirem. E, pensando assim, é que tenho medo que Cachoeira prospere demais. Já ouço falar e, avenidas, hotéis novos, clubs, etc., e isso, de certa forma, vem me atormentando. Eu quero rever a Cachoeira que deixei aí, com serenatas, churrascos e as carretas compridas e morosas afinando as rodas lá para os lados do matadouro. Que haja progresso, mas sem o sacrifício deste quadro que já vai ficando raro por estas alturas da civilização. Eu quero encontrar em Cachoeira tudo o que me prendeu à sua vida: a terra calma, e a gente boa. E se não lhe mando o meu “adeus” é pelo medo de que o destino o venha tornar definitivo. Mando-lhe apenas a minha grande saudade, como se ela pudesse ir tão longe, como se ela consentisse em separar-se de mim. P.1

29/7/1934 Noticiário. Infanticídio. Tem sido largamente comentado na cidade um crime de infanticídio verificado há poucos dias nas proximidades dos Quartéis da Guarnição local. Trata-se de uma mulher desnaturada que, após dar à luz uma criança, fruto de uma união pecaminosa, degolou o pequeno entesinho com uma faca de mesa. A polícia tomou conhecimento do fato. P.3

9/8/1934 Telegramas e fonogramas. A televisão. Genova, 8 (A.B.). São esperadas sensacionais revelações sobre a descoberta da televisão feita por Marconi o qual emprega ondas curtas, permitindo, assim, a transmissão de fotografias à distância, com grande rapidez. P.2

12/8/1934 Vida forense. Crime de estupro. É atribuído ao denunciado o crime de ter roubado, sob promessas de casamento, a honra de Araci Florence, que é miserável e menor de idade, e esse fato ocorreu no dia sete de outubro do ano próximo passado. P.3

16/8/1934 Situação definidas Cachoeira, porém, foi a terra eleita pelos “salvadores” abertura da cratera por onde deviam golpear as lavas soterradas da nova Pompéia, isto é o sr. Flores da Cunha. Foi aí, no Cine coliseu Cachoeirense, que mais se incendiou a eloquência desmostenica do sr. João Neves e mais ribombou a oratória

vesuviana do sr. Paulo Lusardo, ora arrastada na toada dos cantachões presagos, ora alcandorada às grimpas das nuvens de onde baixava á terra em forma de bramidos de cólera vingadoras contra tudo... que não fosse frentista. P.1 OBS: por ser um artigo opinativo nas sem estar assinado deve ser uma espécie de editorial, de autoria do diretor Virgílio de Abreu, do redator-secretário João de Abreu ou do administrador Lauro Falkenbach.

9/9/1934 Noticiário. Crime de defloramento. O dr. Terra Lopes, juiz distrital, designou o dia 10 do corrente mês, ás 10 horas, na sala das audiências deste juizado, a fim de ser interrogado o denunciado Altino Xavier Leal da Luz, na primeira audiência da fase pública do processo que a justiça lhe instaurou. Esse oficial comissionado do exército nacional está processado como incurso na sanção do artigo 267 da consolidação de Leis Penais do Brasil, e o fato ocorreu no dia sete do mês de março de 1931, no Hotel Müller, nesta cidade. P.3

13/9/1934 Noticiário. Desordens e conflito em um baile. Realizava-se sábado último um baile na casa de residência do sr. Afonso Bueno, localizada na Vila Barcelos, subúrbios desta cidade. as danças corriam no meio de grande animação e harmonia quando chegou àquele local o indivíduo de nome Olmiro Machado, pertencente á Gurda Noturna, acompanhado de dois soldados do Destacamento da Brigada, aqui acantonado, todos eles um tanto embriagados. Não sendo permitido que os soldados dançassem devido a sua cor, Olmiro Machado aproveitou a oportunidade para promover uma desordem, disparando o seu revólver para cima, dentro de casa, do que resultou haver um pânico geral procurando as mulheres retirarem-se. P.3

29/11/1934 Vida desportiva. Hípico Jokey-club as corridas de domingo. Revestiu-se de um brilhantismo quase inéditos nos anais do “turf” local a tarde hípica de domingo último, realizada nas canchas do Jokey-club localizadas no Alto do Amorim. P.2

2/12/1934 Limpeza Pública. Um dos serviços que vem sendo pessimamente atendidos em Cachoeira é o que concerne ao Departamento Municipal de Limpeza Pública. Aliás, o mal não é de agora – vem de longe. E os nossos leitores hão de estar bem lembrados de uma forte campanha que, há tempos atrás, movemos contra a deficiência desse serviço e contra outras irregularidades chocantes que vinham sendo observadas a respeito da higiene da cidade. Não é preciso encarecer a importância que tem esses assuntos para a nossa “urbs”. Cidade que, pelo seu calçamento modelar e modelar serviço de águas e esgotos, encontra-se em primeiro plano dentro do Estado e, mesmo fora dele, quanto a questões de saneamento, precisa de toda a atenção dos poderes públicos para que essas suas excepcionais condições de higiene não sejam anuladas pela má organização dos serviços referentes á limpeza da cidade. Este caso volta agora novamente á baile em vista do recrudescimento das reclamações que nos tem sido feitas a respeito do recolhimento do lixo e dos cubos. No recolhimento do lixo são empregadas apenas duas carroças que, por ser demasiado afastado do local do despejo, estão completamente impossibilitadas de atenderem com a pontualidade necessária toda a zona compreendida dentro do perímetro urbano. Assim, há ruas onde o lixo só é retirado de quando em quando e, outras, onde não é retirado nunca, relevando no tor que mesmo nos pontos centrais esse serviço é feito com a irregularidade que já se tornou praxe. Quanto á atividade da carroça dos cubos, da única que, parece, ainda existe, então nem é bom falar. Mesmo dentro do perímetro urbano existe, como é sabido, grande número de casas onde não foi possível fazer as instalações de águas e esgotos. É para atender essas casas que estão destinadas as carroças dos cubos, pois são proibidas pela Diretoria de Higiene as aberturas de fossas para servirem de latrinas. Os moradores desses prédios, porém, onde os cubos nunca são retirados, ficam na contingência de transgredirem o regulamento de Higiene e abrir fossas, o que acarreta conseqüências fáceis de avaliar para a população. Impõem-se, como se vê, enérgicas providências dos poderes competentes no sentido da regularização dos serviços da Limpeza Pública desta cidade. P.1

6/12/1934 Hospital de caridade. E certo também é que a cidade de Cachoeira prospera em todos os sentidos, mas em matéria hospitalar está muito abaixo de alguns distritos coloniais. P.1

9/12/1934 Natal e ano Novo. Os dois grandes bailes do clube Comercial. Com os dois deslumbrantes bailes, que vai levar a efeito no dia de Natal e na véspera da entrada do Ano Novo, o Clube Comercial desta cidade, pretende marcar um tento nos anais das festas elegantes de Cachoeira. o mundo social de Cachoeira irá vibara naquelas duas memoráveis, ou melhor, naquelas noites tão caras aos corações das famílias. P.1

13/12/1934 Noticiário. Iluminação pública. Quarta-feira da semana passada, ali pela uma hora da madrugada, a cidade viu-se repentinamente ás escuras. Atribuiu-se o fato, de imediato, a algum desarranjo nas máquinas da Usina elétrica, pois não podia ocorrer outra explicação plausível. Essa explicação deu-a, porém, a Prefeitura Municipal: tratava-se de uma medida de economia. Desde aquele dia, portanto, as luzes vem se apagando regularmente á uma hora. Os cidadãos, (e não precisam ser retardatários para andarem aquela hora na rua em época de verão) que são surpreendidos fora de casa depois da uma hora são obrigados a saírem riscando fósforos pelas esquinas para darem com suas moradas. P.3

16/12/1934 D.Caridade... onde é que você se meteu? O .M. É um pobre moço de 18 anos de idade, filhos desta terra, que teve a desventura de, no serviço, apanhar um resfriado de que lhe resultou uma tuberculose. Ainda há

pouco o vi, escarrando sangue e tossindo como um cão abandonado, num canto triste da rua. Parecia querer saltar pela boca a fora os pulmões, tanto tossia o infeliz! O hospital de Caridade de Cachoeira, também não pode recolher Aparício. Não havia lugar para tuberculosos... P.1

21/12/1934 Noticiário. Suicídio Ingerindo uma forte dose e arsênico, suicidou-se anteontem, 18 do corrente, pela manhã, Paulina daRosa, de cor mista, de 21 anos de idade, e a filha de Alexandrina da Rosa. Os motivos que a levaram esse fato de desespero foram amores mal correspondidos. P.3

21/12/1934 A água da Hidráulica Municipal. Uma palestra com o dr. Henrique Barros, médico delegado de Saúde deste município. Em nosso último número publicitário uma notícia referente á água da Hidráulica Municipal, dizendo, entre outras coisas, que a população atribuía ás águas más condições atuais a grande soma de complicações gastro-intestinais verificadas ultimamente nesta cidade. se a água não está em boas condições atribui isto aquele facultativo á dificuldade de proceder-se uma limpeza em regras nos filtros da Hidráulica, porque, para tal, seria necessário cortar a água por uns quatro ou cinco dias, o que viria trazer uma série de complicações para a população. P.1

23/12/1934 Noticiário. Com a higiene. Na Rua Morom, fundos da Casa Müller, existe um vasto terreno baldio. Deste terreno, onde quase ninguém passa, o capinzal e os mamoneiros tomaram conta. Até aí, porém, não há nada de mais. O motivo desta reclamação é que em virtude do abandono daquele local o pessoal que faz a limpeza das ruas e está aproveitando para despejar ali as imundícies todas recolhidas ali nas carrocinhas do lixo. É contra isto que protestam os moradores das vizinhanças, pois bem fácil é avaliar o quanto isto lhes é desagradável. P.5

23/12/1934 Noticiário. Iluminação Pública. Não sabemos se a falta é da Usina elétrica ou do pessoal da Prefeitura a que está afeto o cuidado pela iluminação da cidade. o que é certo, porém, é que a iluminação só está sendo bem cuidada na parte mais central da cidade. é óbvio afirmar que a população espera da Secção de Obras Públicas da Prefeitura as providências necessárias para o restabelecimento na cidade de uma iluminação pelo menos igual á que tínhamos há pouco tempo atrás. P.5

27/12/1934 Noticiário. Elite Clube. Desde a sua inauguração no sábado passado que o elite Club tem sido o centro noturno mais freqüentado em Cachoeira. Magnificamente instalado com um corpo docente na altura, o mundo escolar tem ocorrido pontualmente ás aulas, escutando embevecido as preleções dadas em voz clara e sonora pelo diretor do curso. P.3

20/1/1935 Noticiário. Praia Balneária. Da transformação repentina do Porto da Praia em um balneário freqüentado de maneira já sabida pela população cachoeirense decorre a imperiosa necessidade dos poderes públicos tomarem algumas providências que venham garantir a segurança dos banhistas. E esta obrigação cabe á Prefeitura já que foi ela, diretamente, que, por assim dizer, abriu aquele balneário. Abriu porque, antes das obras levadas a efeito no Porto da Praia, era um verdadeiro martíio alguém tentar transitar por aquele lugar, tais os solavancos originados pelos buracos e pedras ali existentes e a dificuldade de qualquer veículo escalar a íngreme rampa, grandemente suavizada, agora, pelos trabalhos de engenharia que ali foram feitos. Assiste-lhe, pois, como se vê, o dever de dotar aquela praia balneária de alguns melhoramentos, de indiscutível necessidade, entre os quais, o de é mandar delimitar, por meio de bóias os lugares do rio até onde podem ir, sem perigo, os banhistas. Estas bóias, devem ser colocadas, principalmente, acima do “vaus”, um dos pontos mais perigosos do rio, pois uma pessoa, em chegando as suas proximidades, é vertiginosa e irresistivelmente arrastada pela correnteza, o que traz perigo até para os bons nadadores, visto a corredeira atirá-los, em um remanso para sair de onde é preciso dispensar um grande esforço. Algumas pessoas já sabem disso, mesmo por experiência própria... De outra parte a Prefeitura precisa determinar um controle mais severo quanto ás vestimentas de banho e, se possível, mandar fazer umas remadas e bancos na ilha para que possam abrigar-se contra o sol causticante os que ali vão apenas apreciar a paisagem.. P.3

24/1/1935 Praia de Banhos. Seutonio. Dizem que os antigos de 1820, ao fundarem, á margem do Rio Jacuí, a sempre e valorosa cidade de S. João Batista da Cachoeira, tiveram em vista não só aproveitar este belo e lendário rio para o escoamento dos produtos e da sua gente, como servir-se dele para recreio da população, nos dias em que a canícula martiriza a tudo e a todos, crestando a terra e as plantas. E, segundo ainda rezam as crônicas, constituía já um hábito das principais famílias de então passarem um mês á margem do poético rio, para onde levavam farta cópia de provisões de boca. Durante o tempo em que durava o veraneio, nas águas do rio Jacuí iam se banhar diariamente as ninfas, as belezas de então, e mesmo os velhotes acabados de reumatismo e etc. Com o perpassar do tempo, porém, os cachoeirenses foram perdendo esse hábito, só se lembrando das praias do mar e da região serrana para o seu veraneio. Este verão, entretanto, parece que o povo acordou do profundo sono letárgico em que vivia, ocorrendo diariamente grande parte da população ao Porto da Praia, aonde, nas águas tépidas do rio, vai encontrar lenitivo para o sufocante calor reinante. E é de ver-se, todos os dias, á tarde, centenas de pessoas, homens, mulheres e crianças, atirarem-se ás águas benfazejadas do rio, praticando um dos mais salutareos exercícios, que tanto bem trás ao corpo e á alma. E o belo sexo, que não perde azo de mostrar o

quanto vale, numa demonstração de progresso e civilidade, lá se acha diariamente representado, exibindo, debaixo de seus “maillots”, a beleza plástica de seus lindos corpos de ninfas. Até que enfim, Cachoeira descobriu que, a seus pés corre, coleante, um lindo rio de águas bonançosas. Cachoeira progride, corre também às praias, num belo e edificante exemplo de bom gosto. Ainda bem. P.1

24/1/1935 Viva a praia. Oliveira Mesquita. Praia do Rio Jacuí. Uma verdadeira multidão, acoçada pelo calor senegalense desses últimos dias, acorre ao banho delicioso nas águas límpidas e mansas do Jacuí. A gente tem a impressão de estar longe da nossa linda mas ainda provinciana Cachoeira. que milagre seria este que operou na vida pacata e burguesa de nossa terra, semelhante transformação? Abro bem os olhos depois de um mergulho e vejo diante de mim toda uma sociedade requintadamente elegante e modernizada, gozando como eu a doçura incomparável da vida ao ar livre, no contato sedutor da natureza mestra e amiga, longe da humana hipocrisia e dos falsos preconceitos. Eu entendo que a natureza é a obra mais perfeita de Deus. E por amor a Deus é que eu adoro a natureza. E depois, não há alegria mais santa e mais perfeita do que a da saúde. Num corpo enfermo somente uma alma enferma pode habitar. Vede como a alegria impera soberana naqueles que se dedicam ao esporte da natação, que é o melhor meio do indivíduo criar forças novas e vitalizadoras, enriquecendo de ar os pulmões e enrijecendo os músculos, numa ginástica elegante e preciosa. Cachoeira no que tem de mais representativo no seu meio social tem ido á praia do Jacuí. Domingo, último, então, foi um deslumbramento! Só ficaram em casa os que não podiam ir: os muitos velhos e doentes. Era lindo ver-se aquela multidão de criaturas felizes, numa cordialidade em cantadora, entregue ao prazer da natação, abençoadas por Deus que quer saúde nos corpos e alegria nas almas! E desse modo inauguramos a nossa praia de banhos. Para combater os rigores do verão não precisamos sair de Cachoeira, expormo-nos a voracidade ariranhesca dos hoteleiros da praia de banho e as manobras dos “tiriricas”... É só tomar um auto ali na praça... e rumar para a praia Jacuí. E, como quem não tem cachorro caça com gato, aquele que não puder ir de auto, pode ir a pé que até é mais saudável e mais recomendável. Além dos benefícios para a respiração, colhem-se outros mais; produz-se um fluxo de idéias com o andar-se a pé ao ar livre. Esse exercício, segundo um grande médico, provoca a influência das forças da natureza em nosso organismo. A praia, pois, minha gente! P.1

24/1/1935. Cuporu. “Qual o “maillot” mais elegante do balneário Jacuí. O da senhorita...” Recortar o cupom acima e enviá-lo a esta redação para ser oportunamente apurado pela comissão já organizada e da qual fazem parte o dr. Ari Pilar, Cap. Oliveira Mesquita e exmas sras. Dd. Jací Camargo Carlos e Georgina Calvão. P.1

24/1/1935 Noticiário. O mais belo “maillot” do balneário Jacuí Esta folha inicia-se hoje um concurso para apurar-se qual o mais belo “maillot” do balneário Jacuí, está sendo publicado, por isso, um cupom para servir como cédul para votação, que será apurado por uma comissão composta das exmas sras. Dd. Jací Camargo Carlos e Georgina Calvão e dos srs. dr. Ari Pilar, Cap. Oliveira Mesquita. No próximo número publicaremos mais detalhes e respeito.P.3

24/1/1935 Noticiário. Praia balneária. Da transformação repentina do Porto da Praia em um balneário freqüentado de maneira já sabida da pela população cachoeirense decorre a imperiosa necessidade dos poderes públicos tomarem algumas providencias que venham garantir a segurança dos banhistas. E esta obrigação cabe á Prefeitura já que foi ela, diretamente, que, por assim dizer, abriu aquele balneário. Abriu porque antes das obras levadas a efeito no Porto da Praia, era um verdadeiro martírio alguém tentar transitar por aquele lugar, tais os solavancos originados pelos buracos e pedras ali existentes e a dificuldade de qualquer veículo escalar a íngreme rampa, grandemente suavizada, agora, pelos trabalhos de engenharia que ali foram feitos. Assiste-lhe, pois, como se vê, o dever de dotar aquela praia balnenária de alguns melhoramentos de indiscutível necessidade entre os quais, o de mandar delimitar, por meio de bóias, os lugares do rio até onde podem ir, sem perigo, os banhistas. Estas boias, devem ser colocadas, principalmente, acima do “váu”, um dos pontos mais perigosos do rio, pois uma pessoas, em chegando ás suas proximidades, é vertiginosa e irresistivelmente arrastada pela correnteza, o que traz perigo até para os bons nadadores, visto a corredeira atira-los em um remanso para sair de onde é preciso dispendir um grande esforço. Algumas pessoas já sabem disso, mesmo por experiência própria... De outra parte a Prefeitura precisa determinar um controle mais severo quanto ás vestimentas de banho e, se possível, mandar fazer umas remadas e bancos na ilha para que possam abrigar-se contra o sol causticante os que ali vão apenas apreciar a paisagem... P.3

27/1/1935 O mais belo “maillot” L. Todos os conteúdos visto na praia representam, para mim, no verso do Poeta, o que já foi alcançado e relegados consequentemente para o nível indiferente das aspirações satisfeitas. O meu voto fica, pois, aguardando o aparecimento de novos “maillots”, cujas graça e harmonia se me afiguram sempre maiores do que as daqueles que eu tive oportunidade de examinar. Quer me perdoem as atuais banhistas. Mas – o que fazer – esta maneira de ver as coisas não é mais do que um reflexo da humana inconstância. P.1

27/1/1935 Praia de banho. Seutonio II. Sabeis porque é do fandango aquela cachoeira que vê se ali abaixo da Aldeia dos ascendentes do Adãozinho? Porque ali eram os pagodes habituais da população cachoeirense dantanho, nas estações estivais. Antes de 1912 aquilo era o lugar mais pitoresco e mais aprazível da margem do

Jacuí. Existia, ali, um mato alteroso e cuja sombra, às vezes por dias, se instalavam os bandos de banhistas e de pique-niqueiros da povoação e onde se farreava, á vontade, ao relento, havendo bailes consecutivos ao som de violas, violões, cordeonas e, finalmente, de instrumentos de sopro regidos pelos musicistas locais, Venâncio e outros diretores de fanfarras. Nos intervalos destas, enquanto ali em baixo as águas rumorejavam as surdinas das águas vivas, os pescadores poiteavam suas canoas acima da queda e forneciam as piavas e os dourados para os alternarem com os churrascos, frutas, etc. Desde meia tarde as árvores altas da margem, lado poente, projetavam suas sombras sobre a superfície das águas então era de ver-se quanta gente disseminada sobre o largo banco de pedra lisa da Cachoeira atirava-se a água rasa do rio enquanto as crianças brincavam nos pedregulhos e nas bacias cavadas pelas águas a face superior do banco que as vasantes descobrem, sob as vistas maternas. Maternas porque as paternas ficavam vidradas no espetáculo do banho feminino, embora as senhoras se banhassem vestidas de longos camisões apropriados. Mas uma tarde, já em meio crepúsculo, aconteceu – rezam as crônicas antigas – que um das moças mais belas da cidade, aproximando-se demasiadamente da corredeira mais forte da cascata, escorregou na pedra da cascata, detido pelos sarandis da margem oposta. Esse foi o ponto final da estação balnear desse tempo. Daí formou-se uma lenda que um dos jornais da terra, “O Comercinho”, registrou há uns bons pares de anos. Mas nem por isso aquela linda praia de banhos (hoje desnuda e árida) perdeu o nome de Cachoeira do Fandango. P.1

3/2/1935 Banhos e banhistas. P. Só O Balneário da Praia apresenta uma variedade de ricos e elegantes maillots. Vi aí, por exemplo, o da senhorita L. Não sei o que admirar se a beleza do traje ou a graça e a delicadeza do conjunto ou, o que é mais belo, a cor que as faces revelaram quando ela se deslumbrou do roupão e jogou-se n’água. Depois de ouvir atentamente a ardorosa narrativa do jovial amigo e querendo dar um voto de consciência na eleição do mais lindo maillot, soltei cautelosamente o meu grosso roupão e chambulhei de mergulho nas tépidas e acariciadoras águas do Jacuí, indo sair quase junto ao lindo maillot que me fora descrito, assim, bem de pertinho, in loco, verifiquei que todos os detalhes e atributos tão bem pintados pelo jovem amigo eram integralmente exatos, pois, apesar de mais de hora de contínuo contato com a correnteza do váu da praia, nem mesmo de banhista a cor das faces esmaecera. P.2

3/3/1935 Noticiário. Animais soltos. Chegam-nos agora, novas reclamações dos moradores da descida da Praia contra a grande quantidade de cabritos soltos que existem ali e que estragam os jardins e hortas existentes nas circunvizinhanças. P.3

17/3/1935 Noticiário. A inauguração do “víspera” do Comercial O jogo do leto, mais vulgarmente conhecido por víspera, está tomando um lugar de inegável destaque no seio da vida cachoeirense. Ora, Cachoeira está mais ou menos, reduzida, no ponto de vista da sua vida noturna, àquela pasmaceira que envolvia, lá por meados do século passado, a gloriosa Lusitânia. Lógico é, portanto, que os seus habitantes procurem uma modalidade qualquer para sacudir, um pouco, o torpor criado por este ambiente sobremaneira pesado. P.3

21/3/1935 Noticiário. Suicídio. Os motivos que a levaram a essa resolução extrema foram amores mal correspondidos. P.3

7/4/1935 Cinema. M. Não resta dúvida: o Comassetto anda numa verdadeira maré de sorte e com ele o público freqüentador do seu cinema. Ultimamente o Coliseu tem primado por exhibir somente boas fitas. É cada trabalho de deixar o público encantado com as maravilhas que vê. Muito breve teremos “Rigoletto”, “Viúvas de Havana”, “Aí vem a Marinha”, “Sinfonia inacabada” e, sobre estes a maravilha das maravilhas da cinematografia moderna: “Cleópatra” – filme de incomparável beleza artística. Qual o que, o Comassetto é batuta mesmo na escolha dos filmes. P.1

14/4/1935 Noticiário . D. Otilia Preussler. D. Otilia Preussler que era esposa do sr. Germano Preussler, do alto comércio desta praça, e que desaparece prematuramente, gozava nesta cidade, pelas suas virtudes de esposa e boa mãe, pelo seu trato lhano e afável e pela bondade de seu coração, de inúmeras amizades e por isso as grandes manifestações endereçadas á sua exma. família de solidariedade na dor que ora a avassala. P.3

21/4/1935 Noticiário. Uma reclamação justa. Temos recebido reclamações sobre a maneira por que se comportam certos cidadãos na Praça José Bonifácio, os quais não estão a gosto quando se sentam nos bancos ali existentes se não se põe em cima também os pés. Ora é claro que se após que vier alguém ocupar o banco encontra-lo-á cheio de terra e se esse alguém andar vestido de branco já se sabe de que modo ele se levantará dali. P.3

25/4/1935 Noticiário Apreensão de contrabando de aguardente e morte de um dos contrabandistas. No dia 20 do corrente, sábado último, o sr. Juvêncio de Quadros, inspetor seccional do município, apreendeu, no lugar denominado “Pedra do Carioca”, margem esquerda do rio Jacuí, dois barris de aguardente de cana, sem selo, sem número, e sem nota ou fatura. Conduziam o contrabando João Lemos e José Lealmente. P.3

28/4/1935 Noticiário. Alienados. A expensas do município foram remetidos para Porto Alegre, afim de serem internados no Hospital São Pedro, os alienados indigentes Anapio Peixoto e Rufino José de Moraes, naturais

respectivamente dos municípios de Encruzilhada e Caçapava. P.2

5/5/1935 Uma festa religiosa na cadeia Civil. Ans. Wilmar Falcão Jalbarino. Sob patrocínio das bondosas irmãs, da Ordem de Nossa Senhora das Lágrimas, foi realizada uma festinha solene, no recinto lugebre do cárcere, em regozijo pelo dia mais feliz dos miserandos encarcerados que, pela vez primeira na vida tiveram a felicidade inaudita de receberem por intermédio da Sagrada Comunhão, o Senhor do Universo, esse mesmo Redentor que por amor as criaturas sacrificou-se em Holocausto para redimir as culpas da humanidade, para poderem, assim, num determinado dia, gozarem de uma das inúmeras moradas que, após a terrenal, está reservada a todos aqueles que souberem observar, estritamente, as suas santas leis. E é por tudo isso que os humildes encarcerados dessa progressiva e moderna cidade, de coração palpitante, preenche de encantamento e a transbordar de gratidão, num nobre gesto de reconhecimento sincero, comovidos ao extremo, agradecem com alma vibrante a caridade que certas almas lhes prodigalizaram. P.1

23/5/1935 Noticiário. Pó na rua Julio de Castilho. P.3

23/5/1935 Noticiário. “Caninana em ação” P.3

26/5/1935 Ditador de Cachoeira. Foi um sonho, nada mais. O.M. A construção do teatro cachoeirense. Cerquei o Comassetto de todas as garantias e, num “upa” levantou-se o novo prédio, amplo, elegante, dotado de todos os requisitos para uma casa do gênero. P.1

26/5/1935 Ditador de Cachoeira . Foi um sonho, nada mais O.M. Mandei ajardinar todas as nossas praças. Com o auxílio particular, sem ser preciso gastar um vintém dos cofres públicos, consegui que as famílias tomassem a seu cuidado a construção dos canteiros de flores e a sua conservação. Mandei reajardinar, a outrora, belíssima Praça Borges de Medeiros, criando ali um parque de ginástica para crianças pobres e ricas enrijecerem seus músculos e oxidarem seus pulmões. P.1

26/5/1935 Ditador de Cachoeira. Foi um sonho, nada mais. O.M. Acabei com aquela maldita polvadeira na Rua Júlio de Castilhos. De acordo com os comerciantes e particulares daquele principal setor do comércio local, fiz construir uma faixa de cimento ali, liquidando de vez com o flagelo do pó. P.1

26/5/1935 Ditador de Cachoeira. Foi um sonho, nada mais. O.M. A edificação imediata, em lugar apropriado, de um prédio condigno para o Hospital de Caridade, acabando de vez com a pendenga “deve ser aqui”, “deve ser ali”, “deve ser acolá”. O dr. Garcia foi o meu braço forte nessa parte do programa. A construção do teatro cachoeirense. Cerquei o Comassetto de todas as garantias e, num “upa” levantou-se o novo prédio, amplo, elegante, dotado de todos os requisitos para uma casa do gênero. O local foi aproveitado ali onde está instalado o Hotel América, propriedade do nosso incomensurável Comassetto. Adquiri uma “viúva alegre” para a condução de presos. Foi um sucesso! O major Cecílio ficou radiante. Não queria outra vida! Mandei ajardinar todas as nossas praças. Com o auxílio particular, sem ser preciso gastar um vintém dos cofres públicos, consegui que as famílias tomassem a seu cuidado a construção dos canteiros de flores e a sua conservação. Olhem, era um encanto: cada família porfiava em suplantar a outra, no cuidado do canteiro que lhe pertencia. Instalei uma oficina de arte e ofício, para cuja construção aproveitei-me do madeiramento do venerando barracão do ex-cinema “Coliseu”. Nessa oficina encerrei todos os menores vagabundos de Cachoeira, esses que, á noite, andam quebrando globos de luz elétrica das ruas e logradouros públicos da cidade. Acabei com a cachorrada na Rua Saldanha Marinho. Mandei reajardinar, a outrora, belíssima Praça Borges de Medeiros, criando ali um parque de ginástica para crianças pobres e ricas enrijecerem seus músculos e oxidarem seus pulmões. Aos distritos, dei o que a estes sempre bastou: escolas, estradas, policiamento e justiça. P.1

26/5/1935 Ditador de Cachoeira. Foi um sonho, nada mais. O.M. A construção do teatro cachoeirense. Cerquei o Comassetto de todas as garantias e, num “upa” levantou-se o novo prédio, amplo, elegante, dotado de todos os requisitos para uma casa do gênero. P.1

26/5/1935 Ditador de Cachoeira. Foi um sonho, nada mais . O. M. A edificação imediata, em lugar apropriado, de um prédio condigno para o Hospital de Caridade, acabando de vez com a pendenga “deve ser aqui”, “deve ser ali”, “deve ser acolá”. O dr. Garcia foi o meu braço forte nessa parte do programa. P.1

26/5/1935 Ditador de Cachoeira. Foi um sonho, nada mais O.M. Instalei uma oficina de arte e ofício, para cuja construção aproveitei-me do madeiramento do venerando barracão do ex-cinema “Coliseu”. Nessa oficina encerrei todos os menores vagabundos de Cachoeira, esses que, á noite, andam quebrando globos de luz elétrica das ruas e logradouros públicos da cidade. P.1

26/5/1935 Ditador de Cachoeira. Foi um sonho, nada mais. O . M. Adquiri uma “viúva alegre” para a condução de presos. Foi um sucesso! O major Cecílio ficou radiante. Não queria outra vida! P.1

26/5/1935 Ditador de Cachoeira. Foi um sonho, nada mais. O.M. Acabei com a cachorrada na Rua Saldanha Marinho. P.1

30/5/1935 O “Ditador” em apuros. O. M. Vocês nem imaginam a porção de cartas que tenho recebido, pedindo-me para que prossiga na empreitada, ou melhor: que continue a sonhar com os interesses dessa Cachoeira, clamando pelo seu bem estar. P.1

30/5/1935 O “Ditador” em apuros O. M. Agora esta outra, de um pai de família, contra a abusiva e criminosa velocidade dos autos em Cachoeira. o queixoso diz que é necessário que a polícia ponha cobro na mania de certos cinesiforos que entendem serem as nossas ruas pistas de corridas. Esta vai de presente ao zeloso major Cecílio que, sem dificuldade, dará um geito. Ele sabe como deve agir e sabe também quais são os chauffeurs que costumam abusar. P.1

30/5/1935 O “Ditador” em apuros. O.M. Sem escolher, a primeira que se me apresenta , é a que um morador do Bairro Rio Branco faz, contra as vacas e terneiros, que á noite, e, as vezes de dia, perambulam, livremente, como se fossem gente, pelas ruas do bairro aristocrata. Não resta dúvida. A queixa é justa e ela aí vai direitinha aos zelosos fiscais da municipalidade, que, por certo, delicadamente, conseguirão demover aqueles animais do abuso de andarem “enfeitando” de esterco as delicadas lages do Rio Branco. P.1

2/6/1935 Administração de Cachoeira. Setembrino Melo. É desnecessário dizer que Cachoeira despende, do seu orçamento, de dois mil e cem contos a elevada soma de mil e duzentos contos somente para o serviço de dívida; que dispense mais de duzentos contos com a instrução pública; que, outro tanto, dispense na conservação de quase trezentas léguas de estradas, cujas pontes de madeira, apodrecidas com a ação do tempo, diariamente estão caindo e necessitando urgentes reparos, sob pena de paralisação completa do escoamento da produção; e que, de sua receita, apesar de orçada, em mais de dois mil contos, a custo arrecadou-se mil e seiscentos no exercício passado, porque, como é sabido, a crise avassaladora que assoberba fortemente nas nossas fontes produtoras aniquilando-lhes a existência, já de se precárias: não falando na enorme despesa de conservação dessa obra monumental – calçamento, água e esgotos – que matou Cachoeira. Leve-se ainda em conta o serviço interno da municipalidade, e diga-se depois se ainda há lugar para maiores gastos com o aformosamento desta magnífica cidade, neste momento de tantas aperturas? Ao menos que as gentis damas da nossa alta e culta sociedade, de picareta em punho, saíssem para as praças e ruas, a tratar do seu aformosamento, segundo a idéia daquele notável e genial cronista da cidade. Ora, imaginem as nossas esposas a fossar os canteiros das praças e nós, em casa, a bancar “amas secas”! P.1

6/6/1935 O meu rádio. C.D Os bons maridos que saem ás vezes de casa para ir ao Club ou ao bolão, sempre dizem que, se pudessem comprar um rádio, não sairiam de casa... Eu também sempre dizia isto. Mas, o meu rádio é diferente dos outros. Justamente á horta do cafésinho no Club não dá nada que preste. É só reclame e fox... Impossível ficar em casa com um rádio assim tão cacete. Quando chove a cantaros, ou faz um frio de rachar, aí sim, o rádio está que é uma beleza. Até aquelas valsas chorosas e languidas que ouvi tocar em tempos de criança são irradiadas. E, depois, ondas curtas só das onze em diante... E, através do rádio, tenho aprendido tanta coisa... Até psicologia. Quando recebo uma visita, levo-a, logo ao rádio. Dou umas ligeiras explicações e deixo-a a vontade manejar o aparelho. E fico observando. Uns sintonizam o rádio em determinada estação, que está irradiando qualquer coisa de seu agrado, sentam e escutam, horas a fio a mesma broadcasting. Esses são os de caráter reto, firmes em suas resoluções. Outros, porém, percorrem, em dez minutos, toda a graduação do marcador. Nada lhes agrada. Da valsa sonolenta passam ao foz nervoso, barulhento. Do tango sentimental aos arranjos cômicos. Esses são os volúveis, os espíritos irrequietos. E tenho observado que é maior o número de homens volúveis amadores de rádio do que mulheres. Depois dizem que la dona é que é mobile... P.1

9/6/1935 A tragédia da vida . O. M. Não há, em Cachoeira, quem não conheceu o pobre Aparício, aquele infeliz rapaz que anda, de porta em porta, pedindo esmolos. Ele está tuberculoso em último grau. Ainda ontem, observamos .um fato que muito nos contristou. Aparício estava sentado num bando da Praça José Bonifácio. Estava mal, o coitado. Andou demais, percorrendo as ruas da cidade, as pernas e lhe fraquearam e ele teve que fazer ali uma parada forçada. O seu peito era uma fornalha em atividade. Lívido, escarrando sangue, o desditoso parecia ver chegado o seu instante final, o instante feliz e abençoado em que a morte o viesse buscar pondo um fecho derradeiro nos seus padecimentos. Em torno, atraídas por aquele espetáculo de dor e de miséria, achavam-se várias crianças que, desconhecendo o perigo do contágio do terrível morbus, contemplavam o infeliz, dirigindo-lhe perguntas sobre perguntas... Destino triste o de certas criaturas! Isto não é sonho... é realidade pura, meus senhores! P.1

20/6/1935 Lenda de Cachoeira. Lisboa Estrazulas. Ó Virgem da Cachoeira, Protege o nosso torrão, Se a nossa padroeira, Senhora da Conceição! P.1

23/6/1935 Leandro Barbosa. Cachoeira amanheceu ontem com a dolorosa impressão causada pela notícia celeramente espalhada por toda a cidade, do falecimento do estimado e conceituado cidadão Leandro Barbosa. Descendente de tradicional família cachoeirense o extinto soube, pelo seu cavalheirismo inato, pela sua extrema bondade, qualidades que sobressaiam do conjunto de virtudes que exornavam a sua personalidade de cidadão exemplar e modelar chefe de família, soube, dizíamos, prolongar os conceitos em que eram tidos aqui os seus

progenitores, João Ferreira Barbosa e Maria Carlinda Rosa, ambos já falecidos. P.2

30/6/1935 Editorial. O nosso aniversário. Transpõe hoje o “Jornal do Povo”, o pórtico de mais uma etapa de vida jornalística, entrando no seu VII ano de marcha para o futuro. Nascido para a Revolução de Outubro que ora se fecha, reconstituindo-se, diz-lhe a consciência que a esse movimento de reconstrução política e social prestou o concurso inalterável de sua boa vontade. P.1

7/7/1935 O papel da imprensa. Mucio Scolvola. Conseqüentemente, sem a integração da imprensa brasileira no seu verdadeiro papel, isto é, ou de orientadora serena do nosso povo, nós continuaremos a marchar, neste ou em qualquer outro regime, a passos largos, para a confusão, para a anarquia e para o caos. E não se diga que o rumo a seguir não esteja à vista dos nossos governantes com o remédio aplicado, neste particular, por Adolfo Hitler, ao organismo de sua grande Pátria... P.1

7/7/1935 Pelo rádio. F. Os rário-ouvintes cachoeirenses estão, agora, triplicemente de parabéns: em primeiro lugar, pelo aparecimento em Porto Alegre, da possante Rádio Sociedade Farroupilha; em segundo, pela improvisação, nesta cidade, de uma estação transmissora, que tomou o nome de Rádio Club Cachoeirense; e, em terceiro pela projetada instalação, bem no centro da Praça José Bonifácio, de um possante alto-falante que, com a colaboração da Prefeitura Municipal, vai ser montado pela “Casa Elétrica”. A Rádio Sociedade Farroupilha, estação que honra o nosso estado, nos proporcionará acompanhar, de perto as comemorações, em Setembro próximo, do centenário da gloriosa epopéia dos Farrapos ; o Rádio Club Cachoeirense será um índice de progresso da nossa terra e o alto-falante facultará a todos aqueles que não possuem rádio a possibilidade de usufruírem as delícias proporcionadas pelo maravilhoso invento de Marconi. P.2

18/7/1935 Noticiário. Mordidos por cães hidrófobos. A Prefeitura Municipal remeteu ontem, para Porto Alegre, por ter sido mordido por cachorro louco Osvaldo Aranha, de cor preta e de 30 anos de idade. Anteontem foram remetidos, também para o Instituto Pasteur, na Capital do Estado, dois filhos menores do sr. Carlos Hermel. Durante o mês corrente já ascende a 10 o número de pessoas mordidas por cães hidrófobos e remetidas a Porto Alegre expensas da Prefeitura Municipal. P.3

1/8/1935 A partir desta data, durante, alguns meses, na Pág. 2, a coluna Vida social ensinou regras de etiqueta. Como sorrir, (1/8/1935), como passar uma porta (8/8/1935), como dar gorjetas (11/8/1935), como usar maquiagem feminina (15/8/1935), como se portar no teatro (22/8/1935), como montar a cavalo (25/8/1935), como receber convidados (29/8/1935), como se portar num jantar dançante (8/9/1935), como pagar honorários (12/8/1935), como usar o telefone (19/9/1935), como comer a mesa (22/9/1935), como discursar em um jantar (3/10/1935), como palitar os dentes (10/10/1935), como escrever cartas (13/10/1935), escolher o papel e perfurar as cartas (17/10/1935), como se portar nos cafés (24/11/1935), como fazer um brinde a mesa (28/11/1935). a caligrafia (5/12/1935, aspectos de uma carta (8/12/1935) P.2

11/8/1935 Cadeia da felicidade. Cachoeira infestada, também, pelas chamadas “correntes da prosperidade”. A tal corrente, não podia, é natural deixar de se estender até Cachoeira. P.1

15/9/1935 A Alemanha e o Sionismo. Em nossa edição de quinta-feira dissemos que publicaríamos hoje, uma das cartas que recebemos a propósito dos israelitas e a sua atitude em face da nova ordem de coisas estabelecidas na Alemanha com a ascensão do chefe nazista, Adolf Hitler ao poder. P.1

15/9/1935 Os judeus são os inimigos não só da Alemanha, mas de todo mundo. Tritz Stressmann. Nos últimos tempos os judeus procuram encenar em todo o mundo uma campanha difamatória contra a Alemanha de Adolfo Hitler. De mais a mais os povos reconhecem a verdade de que os judeus são os inimigos não só da Alemanha, mas também de todo o mundo. O espírito judaico perdeu a batalha na Alemanha. Procura porém, obter influência nos demais povos e nações do mundo pelo caminho do comunismo bolchevista. É público e notório que a propagandista do comunismo entre todos os povos é levada por judeus. Temos aí, identidades secreta e aberta do espírito judeu e do espírito comunista, que tem por fim a escravização dos povos do mundo sob a ditadura judaica e marxista de um reino mundial e comunista. É, por isso, judeu inimigo não só da Alemanha mas, também de todo o mundo! Pela colônia alemã de Cachoeira. P.1

17/10/1935 Cel. Virgílio Abreu. Cachoeira vê passar hoje a data natalícia do Cel. Virgílio Abreu, presidente do Poder Legislativo Municipal e uma das pessoas mais tradicionais e brilhantes do jornalismo sul-riograndense. Hoje Cachoeira é uma cidade “leader” na política do Estado, e, apesar da existência de corrente política oposicionista nenhum caso político tem preocupado ou agitado a opinião pública, unânime em proclamar a lisura dos pleitos eleitorais e dos bons propósitos dos atuais dirigentes da cidade. O que tem provocado, ultimamente, os debates das opiniões autorizadas são os reais interesses do povo: escolas, hospitais, obras de arte, preço de vida, etc. Ninguém discute mais em torno dos homens, mas a propósito dos fatos. Na recente escolha para futuro intendente municipal - fato raro na política do Estado – não se pesou a aptidão política do candidato, mas o mérito funcional, o devotamento ao trabalho, ao interesse revelado pelas coisas públicas. Cachoeira atravessa, desta forma, uma nova era política: o que a opinião pública reclama não são os nomes nem partidos, são

melhoramentos, é o progresso do município. Na plena consciência da evolução de seus costumes políticos, a cidade não pode deixar passar sem um registro especial de sincero jubilo e regozijo e data aniversário da veneranda figura do presidente do seu Conselho Consultivo, pois para ela, á margem da satisfação e alegria geral do sentimento afetivo do povo, onde o aniversariante tem tão profundos laços de amizade, a efeméride marca, também, mais um ano de serviços inestimáveis prestados, por ele, á cidade, sem fito de nenhuma outra recompensa que não seja a consideração e o respeito dos seus concidadãos. P.1

20/10/1935 Na página 2 o jornal publica matéria sobre o aniversário de Virgílio Carvalho de Abreu, diretor do JP. Uma das pessoas que homenagearam-no, chamou-lhe de “Cel. Virgílio”, revelando sua posição política. P.

14/11/1935 Noticiário. Apanhado por uma locomotiva. O trem de passageiros da Linha Santa Maria - Porto Alegre, apanhou, ontem ao chegar á estação local, o preto Adão Hipólito Ouriques, de sessenta anos presumíveis, de idade, produzindo-lhe além de um profundo ferimento na cabeça, a fratura de uma perna. P.3

28/11/1935 Editorial. Glória a Cachoeira. Com esse triunfo o povo, e em particular as classes conservadoras do município, afastaram de seu caminho os entraves e conturbações sociais que fatalmente sobreviriam se se quebrasse a continuidade da atual administração. Glória, pois, Cachoeira! P.1

1/12/1935 Editorial. A violência gera violência. E Cachoeira teve disso uma prova flagrante quando, em dias do ano passado, o sr. Cacilio Menezes organizou uma canoa policial e efetuou no Alto dos Loretos, nesta cidade, a prisão de inúmeros comunistas na ocasião em que esses se achavam reunidos. Foi o mesmo que dar um guascaço num comoatim. Os adversários do Governo alvorotaram-se e, em nome da Democracia, da Liberdade, etc., saíram a advogar a causa dos presos. P.1

8/12/1935 A água da hidráulica Municipal. Este novo exame faz-se absolutamente necessário em face das inúmeras reclamações que estamos recebendo com referência ás más condições da água, as quais o povo está atribuindo o grande número de doenças do aparelho intestinal que se vem verificando ultimamente. P.3

12/12/1935 Editorial. A criminalidade em Cachoeira. Quer isto dizer, em suma, que a despeito das complicações judiciais e do crescimento vegetativo da população, a curva da criminalidade, em Cachoeira baixa sensivelmente graças ao zelo administrativo do Delegado de Polícia. P.1

15/12/1935 Editorial. Matos ribeirinhos. Pois bem. não há muito, falando com um dos antigos barqueiros do Jacuí, este nos advertiu da sensível diferença que vem se notando do baixamento do nível das águas devido ao apressado alargamento do leito, cujas vasantes se fazem com desusadas ligeireza, demandando, cada vez mais, menor calado das embarcações do tráfego. Não somente os matos marginais do rio estão desaparecendo: as mesmas ilhas existentes aqui e ali são completamente devastadas... E assim é. O Jacuí, em toda sua extensão, dentro do município, está com as margens todas desnudadas de matos, consumidos rapidamente pelas empresas arroseiras, o mesmo acontecendo com os seus afluentes. Cachoeira, especialmente, não pode continuar indiferente ante a devastação que se verifica. Foram esses grandes e pequenos cursos d'água que propiciaram a Cachoeira o desenvolvimento econômico de que é hoje opulenta: e é por isso mesmo que precisamos, dalgum modo, restaurar os aspectos primitivos dos nossos rios. P.1

22/12/1935 Noticiário. Menores vagabundos. O sr. Cecilio Menezes, delegado de polícia, ordenou que sejam recolhidos á Cadeia Civil todos os menores que, depois das 22 ½ horas, andem a perambular, promovendo molecagens pelas ruas da cidade. já foram recolhidos, correccionalmente, diversos menores. P.5

30/6/1936 O nosso oitavo aniversário. O “Jornal do Povo”, pois, ao ingressar no seu oitavo aniversário, sente, além do mais, a maior satisfação em declarar que procurará cooperar, com o seu modesto concurso, nessa grande obra iniciada pelo iminente Cehfe do Governo Brasileiro. P.1

16/7/1936 Cachoeira vai ter um hospital. Cachoeira possui fortes estabelecimentos comerciais e industriais, um Colégio Elementar, uma Escola Complementar, dois ginásios, grande número de casas de diversões e, além da Igreja Matriz, há pouco, completamente remodelada, constroe-se um importante templo – a Igreja de Santo Antônio. A par de seus ótimos serviços sanitários, água e esgoto, perfeítíssimos, de seu calçamento e de sua iluminação, a cidade ornamenta-se com o número crescente de belas e ricas vivendas que lhe emolduram as ruas, praças e avenidas e daí se estendem pelos seus bairros e arrabaldes. Pois bem, contrastando com tudo isso, Cachoeira não possui um hospital! A única casa de saúde aqui existente – o velho e acanhado Hospital de Caridade – quer pelas poucas acomodações de que dispõe, quer pela falta de laboratórios e indispensável aparelhamento cirúrgico, não preenche as finalidades estando muito aquém do que exige uma cidade adiantada e próspera – como a nossa. Reconhecendo tudo isso, um grupo de cachoeirenses, tendo á frente destacados elementos da colônia alemã – sem dúvida a mais próspera do município – iniciou uma campanha em prol da construção de um hospital modelo, condizente com as necessidades da população cachoeirense. Para esse notável empreendimento o sr. Luiz Diefenbach já doou um ótimo terreno no Bairro Rio Branco, onde será construído o futuro hospital. Dada a acolhida entusiastica que a iniciativa entrou, é de se esperar, que, breve,

Cachoeira também possui um hospital á altura de suas condições de cidade culta e progressista. P.1

23/7/1936 Noticiário. Desordem. Virgínia de tal, é a substituta no bas fond cachoeirense, da celebrisada Maria Espingarda. Rara é a semana em que não chegue á polícia uma queixa contra ela. Anteontem, achava-se Saturnino de tal no botequim de João Jorge da Silva, vulgo Barão, a tocar violino, quando ali chegaram as mulheres Olivia Alves da Silva, Maria Farias e a supra citada Virgínia. Lá pelas tantas, Virgínia pediu a Saturnino que lhe pagasse um copo de vinho, mas a endiabrada Virgínia jogou copo, vinho e tudo no chão e pediu a Saturnino que pagasse outro. Saturnino, porém, se escusou, dizendo que não era pato. Foi o quanto bastou. Virgínia agarrou o violino, quebrou-o e deu com ele na cabeça de Saturnino e fincou-lhe, ainda por cima, uma bofetada. P.3

10/9/1936 Instantâneo. “Endereço errado” Juvenal. Houve um cidadão em Cachoeira que, em má hora, resolveu colocar um anúncio nesta folha, afim de ver se encontrava, desta forma, uma esposa. O método, hão de dizer, não é novo e nada tem de original. E assim é na verdade. Mas são as das tais coisas. Se alguém só quisesse praticar, na vida, atos completamente originais ver-se-ia na contingência de não fazer coisa nenhuma. Bem. Mas isso não vai ao caso. O que vai é que “Cupido” tem recebido uma correspondência sobremaneira copiosa a respeito daquela publicação, e, segundo nos consta, já está até mais ou menos encaminhado. Entre, porém, as missivas recebidas ele quer destacar a seguinte, cuja publicação nos pede. “Cachoeira, 4.9.36. Sr. Cupido. Consoante seu anúncio no Jornal do Povo e julgando-me em condições de satisfazer os requisitos exigidos pelo mesmo, pretendo casar-me, apresento-me dando o seguinte perfil e dados: residência própria, com garagem, atualmente nesta cidade; fortuna em dinheiro e jóias, para mais de oitocentos contos de réis (800:000\$000); moça, airosa (modéstia á parte), cor clara, cabelos e olhos negros, sinalsinho preto acima da covinha da face, regular cultura espiritual e física. Quanto á 1ª qualidade, a de ser bela, só vendo pra crer; e a respeito da 2ª qualidade, a de ser estúpida, isto não resta a menor dúvida, porque, apesar de bem jovem, sou viúva, em segunda núpcias, e aqui estou para lhe fazer uma contra proposta de casamento. Para consumação do ato, basta que o anunciante preencha os seguintes requisitos: que além de jovem, esbelto, belo, cor clara, cabelos e olhos castanhos, tenha cultura espiritual e física; quanto á espiritual não exijo que seja muito aprimorada, porque, como diz o ditado: “quanto mais burro, mais peixe”, que além dos 800:000\$000 mensais, deva possuir um bom auto, afim de que a vida afetiva e efetiva do lar, tenha o seu prolongamento ao ar livre. Como na exibiu fotografia, pode o proponente aparecer em carne e osso e contratar com o original, no Alto dos Loretos, travessa da Avenida Brasil, casa térrea, uma porta e duas janelas na frente, três janelas e jardim de amor perfeito ao lado. Jeannette. O Sr. Cupido pede-nos para dizer, nesta secção, á “Jeannette” que a sua oferta não pode ser levada em consideração e que o “negócio” não se pode realizar, porque o seu delicado paladar repele, instintivamente, manjares que já foram servidos e tocados por defuntos. Além disto ele levaria uma desvantagem irremediável, pois nunca tendo casado, teria de enfrentar uma adversária extremamente experiente nas pugnas matrimoniais. Por fim, “Cupido”, pede licença para informar que se “Jeannette” aspira tão entranhadamente um automóvel que não titubeia em se envolver em uma aventura que, para ela, há terminado com a morte de seu “partner” – dirija-se ao Prudencio Schirmer ou ao Werlang, onde poderá obter mais comodamente, esse veículo...P.1

20/9/1936 Noticiário. Rádio Sociedade Princesa do Jacuí. Cachoeira, ao que se informa terá, entro de breve, a sua estação de rádio. Um grupo de cachoeirenses está em negociações para compra da estação que pertencia á Difusora. P.3

4/10/1936 A nossa velha matriz. Paulo de Hipona. Na beleza dos nossos jardins; na renovação das nossas construções; na edificação ininterrupta de novos prédios; no dinamismo progressista da nossa cidade constitui uma nota dissonante, a centenária Matriz de Cachoeira, que procurou rejuvenescer, há alguns anos mais que recaiu há indiferença na decrepitude. É, como se a velha Igreja tivesse condenada á morte, pela lenta decomposição das suas células vitais. E no entanto, quanta vida outrora! Foi ela que embalou o berço de Cachoeira, quando as primeiras tímidas habitações começaram a agrupar-se em torno á ela, que se erguia festiva e esperançosa, a bimbalar alegre os sinos claros, nas manhãs azuis ou nos crepúsculos de rosa. As suas paredes fortes anunciavam vida longa e eram um desafio ao tempo impiedoso. Quantos sonhos lindos, quantas lágrimas dolorosas, os seus velhos muros abrigaram! Testemunha da tua vida, pensa um pouco conterrâneo no templo que sacrificou o noivado dos teus pais e que abriu os teus olhos inocentes para a vida da graça, no sacramento do batismo. Pensa nos teus primeiros anos, quando a vida ainda não te pisará o coração e podias receber contente e puro a visita do Senhor da Pureza, que te buscava para te fazer feliz. Lembras-te? Da velha praça em frente, com árvores solenes e sombrias, que desenhavam sombras misteriosas, quando a noite vinha... e o silêncio grande, que avançava a noite a dentro a fazer tremer o coração dos tímidos... Foi ali na Matriz da nossa terra, que o sacerdote abençoou o sonho mais belo da tua mocidade. E ás vezes como vibravam graves e tristes os sinos, a te convidarem para o pensamento da morte, no dobrar a finados. Todas as tua recordações estão presas o Templo Santo, que assistiu ao desenrolar da tua vida e que te receberá na hora da morte. Não queres bem a Matriz da nossa terra? Mas é necessário reergue-la, restaurá-la, embelezá-la! Já se fez muito modificando-se a fachada. Vamos agora, reformar o interior da Igreja e completar a obra exterior. A Igreja Matriz tem de acompanhar o

progresso da cidade. Apregoamos a todos os conterrâneos para a obra de renovação. Em homenagens aos heróicos riograndenses de 35, que afirmavam a sua fé Católica em inúmeras ocasiões, reiniciemos o quanto antes, a restauração da nossa velha Matriz. P.1

4/10/1936 Cachoeira primitiva III. Conquanto a natureza premiasse Cachoeira, com os melhores elementos da riqueza econômica, só de 1912 em diante, a cidade, refletindo os aspectos do território municipal, entrou a perder as características da estagnação em que vivera desde 1820, época de sua elevação à categoria de Cidade. Quer dizer: depois de uma hibernação de 92 anos, pois foi em 1912 que se acentuou o progresso que agora ostenta, conquistado, quase todo, na transcorrência dos últimos 24 anos. Mil novecentos e doze marca o início da lavoura extensiva do arroz, neste Estado encabeçada pelo município de Cachoeira, mercê da irrigação artificial, isto é por meios de bombas de levantamento da água a distribuir-se, por meios de calhas, aos campos da plantação. A partir, pois, 1912, há 24 anos portanto, começou a Cachoeira a perder os traços da primitividade, assumindo nesse pequeno lapso de tempo, um aspecto novo e que será objeto de comentários mais desenvolvidos. P.1

5/11/1936 Instantâneos. Finados. Juvenal em toda parte, menos em Cachoeira. Sim. Ponto menos em Cachoeira. Quem foi anteontem ao Cemitério Municipal há de ter notado, forçosamente, que a maioria das pessoas que ali se encontrava estava se dedicando era a um culto de vivos. A rua central do Cemitério transformou-se, então, em praça pública. Grupos de dandys, de mãos nos bolsos e chapéus empurrados para a nuca, faziam despreocupadamente o footing, atirando olhares indiferentes para as inscrições nos túmulos. Outros, agrupados aos pés das sepulturas do caminho, papagueavam entre gargalhadas. Moças, sentadas nos degraus dos mausoléus, observavam os marmanjos que desfiliavam sob o mormaço. Aqui e ali, namorados de barracas armadas. Sorrisos. Cochichos. Olhares de peixe morto. Somente de raro em raro alguma senhora, ajoelhada ao pé de alguma sepultura, dizia, recolhidamente, a sua oração, como lembrar a toda aquela gente que aquilo não era um “garden-party”, e que se devia um pouco de respeito, senão às cinzas, pelo menos à memória dos mortos, cujos restos ali repousavam. O “footing”, no entanto, continuava e o namoro não sofria interrupção. E assim passou, em Cachoeira, o Dia de Finados. O amor reinou, aqui, nesse dia, sobre a Morte. P.1

5/11/1936 Escoteiro. João Perroci. Sub-chefe Secretário do Quartel. O escoteirismo não tem somente o fim de ensinar os filhos, cujos pais vivem e lhes dão educação, como principalmente todos os meninos desamparados que se criam na vagabundagem das ruas, aprendendo desde pouca idade, todos os vícios que mais tarde os levarão para a ruína. Ninguém ignora que o indivíduo é sempre um resultado dos primeiros anos de sua vida. P.1

15/11/1936 Os moradores da rua 15 reclamam. Temos recebido diversas reclamações dos moradores da rua 15 a respeito da gurizada que infesta aquela via pública. Reunidos em grande número, os petizes (petizes uma história, há cada enorme marmelo) põem-se a jogar “foot-ball” em plena rua, danificando as vidraças das casas. P.3

15/11/1936 Os moradores da rua 15 reclamam. Além disso, muitos deles penetram nos corredores das casas, tocam campainha e disparam, fecham o registro da água e fazem outras coisas da idade, mas próprias também a tirarem o sossego da gente. Quanto ao jogo de bola e de outros esportes, como o tiro ao alvo com bodoque, a polícia cabe tomar providências. O resto compete aos pais das crianças. Já não queremos falar da algazarra, pois barulho maior e mais incômodo faz o rádio do vizinho e não se pode mandar desligá-lo. P.3

3/12/1936 É de lastimar. F. Petrucci. Contristado, verifiquei, no dia 19 de Novembro, por ocasião de retirarem os Escoteiros do Stadium do Rio Branco, a maneira como se conduziu uma turma de menores vadios, que se achavam naquelas mediações. Numa prova de nenhuma educação, dirigiram palavras obscenas, arremessando pedras aos escoteirinhos que, naquele momento, acabavam de receber a benção sagrada e de jurar obediência e fidelidade, ante o Altar da Pátria. Dá lastima ver-se essas crianças cruzarem as ruas, entregues a si próprias, como se fossem galhos partidos de árvore, a feneçerem caídos á beira da estrada, por faltar-lhes a seiva, que é o calor e a vida da árvore que os gerou. Irresponsáveis, aí andam praticando o que aprendem na escola da vadiagem. P.4

3/12/1936 Instantâneos. Juvenal. Proibição. Acaba de ser baixada uma lei segundo a qual só poderá guiar automóvel pessoa do sexo feminino unicamente da idade da mulher de Balzac para cima. Quer dizer – só maior de 30 anos... E tem razão o legislador. Só depois dos 30 é que a mulher pode gozar, em toda plenitude, de sua liberdade de locomoção. Este novo artigo de regulamentação do tráfego não cogita, evidentemente, das mulheres feias. Estas podem manobrar o volante á vontade... P.1

10/12/1936 Noticiário. Uma boa notícia para Cachoeira. O Governo do Estado baixou um decreto pelo qual foram desanexados desta comarca os termos Candelária e de Jacuí. Esta notícia é sumamente auspiciosa para Cachoeira, que via freqüentemente o seu serviço forense paralisado e atrapalhado pelo excesso de trabalho cometido ao dr. Juiz de Direito pelo movimento daqueles termos. P.3

13/12/1936 Uma reclamação justa. Solicitam aqueles moradores medidas urgentes a respeito das barracas de couros instaladas no centro da cidade e, especialmente na Rua Júlio de Castilhos, onde existem, em sua

proximidade, casas de famílias, hotéis, padarias, etc. O cheiro que exalam os couros verdes, garras, etc, em depósito não só dentro das ditas barracas como nos pátios e até mesmo nas ruas, é de fato, insuportável. Pedem, também, providências quanto às padarias que mantém estrebarias em seus pátios não só devido ao cheiro insuportável das cavalariças como a serem estas verdadeiros viveiros de moscas e mosquitos, cujo inevitável contato com as massas alimentícias poderá produzir casos graves de moléstias infecciosas. P.3

20/12/1936 Noticiário. Jornal do Povo. A falta espaço nos obriga a deixar para o próximo número a publicação de abundante matéria informativa. Isto sem falar na matéria paga, pois a afluência desta é tamanha que só com ela, poderíamos encher o jornal. P.5

24/12/1936 Um conflito entre menores. Por causa do “bicho”, um deles virou a bicho. Estes últimos implicaram, desde logo, com Brito e conduziram-no, a baixo de dichotes, até as proximidades da casa comercial da firma Antônio Cauduro & Cia., procurando mete-lo ao ridículo por andar recolhendo os talões daquele jogo. Em dado momento, porém, João Ramiro Brito, que vinha suportando tudo pacientemente, resolveu reagir, virando a bicho. P.5

24/12/1936 Vida Social. Recepção O aniversariante foi saudado pelo acadêmico João Cezar Krieger, tendo em seguida usado da palavra para agradecer. Em nome das amiguinhas da senhorita Zuleika, falou a senhorita Faride Germano, que saudou os noivos. Seguiu-se uma animada reunião dançante que se prolongou, animada, até as primeiras horas do dia seguinte. P.2

3/1/1937 A noitada de 31 no comercial. O baile de fim de ano do Comercial foi coroado, como já dissemos, de um êxito completo. A afluência de associados aos salões da aristocrática sociedade foi numerosíssima. Os pares enchiam o recinto destinado às danças. P.2

7/1/1937 Noticiário. Grande parque de diversões Bertani. Deverá ser inaugurado ainda esta semana, na Praça São João, o grande Parque de Diversões acima, dotado das mais modernas atrações do gênero. Roda Gigante (a maior da América do Sul), finíssimos balanços a grande altura, Circuito aéreo, Aviões Cativos, um enorme Carrossel Romano com dois andares, tudo existe no parque em referência. A instalação do Parque é luxuosa. P.3

7/1/1937 Noticiário. Fechamento do comércio Temos recebido, nesses últimos dias, diversas reclamações, quanto ao fechamento do comércio na rua Júlio de Castilhos. Dizem os descontentes, que uma parte dos comerciantes dali não anda agindo bem. Não fecham as portas de suas casas nas horas para tal designadas. A irregularidade é atribuída aos estrangeiros ali estabelecidos, a maioria dos quais é de nacionalidade russa. Afirmam que esses não fecham suas portas no horário, obrigando os seus concorrentes a não fecharem. Assim, ficam uns a espera dos outros. É o regime de “pescaria” com todas as portas das casas abertas. A irregularidade aí fica registrada. As autoridades competentes não tardarão, estamos certos, em tomar as providências que se fazem necessárias. P.3

14/1/1937 Hospital de caridade. O nosso Hospital, apesar de não estar em condições de atender, como é mister que o faça, às necessidades da população cachoeirense tem prestado à mesma os mais assinalados serviços. Para verificar até onde vais esta verdade, basta examinarmos, rapidamente, o quadro do movimento feito naquele estabelecimento durante o ano de 1936. Em 1º de Janeiro havia, internadas, 29 pessoas, 11 do sexo masculino e 18 do feminino. O número de entradas durante o ano de 36 foi de 595 pessoas; 226 do sexo masculino e 329 do feminino. Saídas – 552 pessoas; 236 do sexo masculino e 316 do feminino. Existência em 31 de Dezembro 31 pessoas 22 pessoas, 9 do sexo masculino e 13 do feminino. Durante o ano de 36 foram praticadas 303 operações de alta cirurgia e 215 intervenções menores. Foram feitos 2.005 curativos e 3.015 injeções diversas, tendo sido aviadas 96 receitas para pensionistas e 3.126 para os pobres. P.1

24/1/1937 Crônicas. X. Cachoeira é uma graciosa cidade camponesa, banhada por um rio de águas morenas, encaixilhada no verde das cochilhas e das várzeas. Seus horizontes largos, onde o sol, nascendo e morrendo, tinge o céu de vermelho e de ouro, são deslumbrantes. O Jacuí, possuidor outrora de lindas matas que orlavam de um verde escuro suas margens, corre sereno e caudaloso, por entre as barrancas despidas e as novas matas de eucaliptos que, em alguns pontos, substituem a arredondada mata, escuros e pontiagudos, crescendo e engrossando à espera do machado destruidor e progressista. No inverno ele se espria pelas várzeas, inundando os arrozais, arremedando o Amazonas na sua largura; no verão, recolhe-se no seu leito, deixando descobertas as praias arenosas e o cascalho lustroso. A cidade começa na praia. Começou na Aldeia do João Rabequista. Eu ainda conheci a aldeia desse tempo, com o índio, velho tocador de rabeca, a sua palhoça e o grande parreiral, cujas uvas pretas e doces faziam a nossa delícia de crianças gulosas! Nada mais existe, da velha palhoça: nem o rebequista nem os grandes e abundantes parreirais... Só existe um filho desse primitivo proprietário que vive da mendicância... O progresso arrebatou-lhe a vivenda paterna. Veio subindo e crescendo a cidade. Ergueu-se a Matriz em louvou a N.S. da Conceição, bem no alto, eliminado a então vila, há cento e tantos anos. Do seu adro, hoje sem o clássico gradil, descortina-se um suave e amplo panorama de cochilhas, onde as chácaras se agrupam cercadas de pomares e, do lado de lá do rio, as várzeas e as instâncias, recortadas ao longe pela azulada serra da

Encruzilhada. Em roda da Igreja, cresceram as casas, formando uma praça – é a Praça de N.S. da Conceição. Um antigo prefeito arborizou-a profusamente e deu-lhe um vistoso gradil. Ipês, cedros, jacarandás, cinamomos, cerejeiras esbeltas, uniam as suas copas dando sombra e frescura á praça. Seria hoje o parque como o do campo de Sant’Ana, no Rio de Janeiro. Mas, outro prefeito, - intendente, antigamente – não gostou do aspecto rústico, quase selvagem, da formosa praça e mandou abrir clareiras e retirar o gradil que defendia o parque. Caíram, sob o cutelo urbanista, as soberbas frondes dos angicos que se tocavam de flores róseas; os cedros espanejaram no chão e os robustos galhos, onde os ninhos se escondiam e a praça aberta, sem gradil e sem árvores venerandas, tomou um aspecto civilizado, moderno... Os edifícios públicos já estavam perfilados em frente á Igreja, lembrando o poder civil... A Intendência, vasto casarão sem estilo. Aos fundos, a Casa de Correção. O Teatro Municipal ao lado. Lembro-me da construção do Teatro. Foi confiada a um arquiteto amador, conhecido construtor de casas – Manoel Gomes, português de nascimento, dado ás letras nas horas vagas e orador de improviso nos banquetes. De improviso foi feito o teatro... O orador lusitano, lembrando-se talvez do grande Anchieta, que escrevia poemas na areia, traçava com a ponta de seu bengalão a planta para o importante edificio. Riscava a fachada, apontava o palco, desenhava os camarotes! Por fim, ergueu-se pesadamente o edificio, cujo estilo não foi classificado, e postou-se em frente á Praça a espera do seu batismo de arte... Uma companhia dramática, portuguesa, estreou e as paredes estremeceram com a sonoridade da voz de um bonito galã de vastos bigodes e da Morgadinha de Val-Flor! Depois, uma companhia lírica encheu de gorjeios o vazio e pesado edificio... Cachoeira ouviu a Lúcia de Lamermoor, por uma grande artista. Mas... um dia caiu sobre a mansa e graciosa cidade, um grande temporal e lá se foi o nosso teatro! Traçado sobre a areia, executado por um grande orador, não podia, mesmo, resistir a um temporal! Ficamos sem teatro e ganhamos um barracão no canto da praça do Mercado, onde a Arte encontraria um refúgio provisório (que dura até agora!) e os cachoeirenses uma distração. Cachoeira progrediu mesmo assim. Ruas sem calçamento, agora da fonte do mato, antigo poltreiro Fialho - ótima e cristalina, servida em pipas á freguesia. Quem não se lembra do Constantino, correndo o barril para distribuir a preciosa linfa a vintém e depois a tostão? Quando ventava, Cachoeira ficava escondida sob uma nuvem de poeira vermelha... se chovia depois, toda fresquinha e molhada, lembrava uma chinoca saída do banho, enfeitada como os seus pomares de laranjeira, toda perfumada e feliz! Pacatíssima Cachoeira, salubérrima, recebeste os dois grandes literatos do Brasil – os dois príncipes das letras – Olavo Bilac e Coelho Neto! Esse barracão quase em ruínas, onde o Comassetto nos dá as fitas do Mocinho, ouviu a voz do grande poeta da Vila Láctea que ali disse os seus lindos sonetos! Ainda havia nesse tempo quem gostasse de ao arte... Deliciosa Cachoeira! Desconhecidas a higiene do pão enrolado em papel, não tinhas hospital, não tinhas doentes e não tinhas mendigos! Só dois ou três, dos quais se destacava o João Menguque, sempre de meias brancas e a tia França, capengueando quando enxergava a gente e correndo quando não via! Esmolava e vendia os celebres bonecos das Grumants. Não tinhas o horrível serviço de “limpeza pública” e todo o teu serviço oficial constatava do Intendente com dois outros funcionários, do fiscal mata cachorro – o Belisário e do Tico Limeira e cabo Esteves que, com o Delegado, completavam a Polícia. Dois médicos, duas farmácias – dos Barros e do Policarpo. O estado sanitário era ótimo e a apendicite era desconhecida... Não se morria senão de morte natural e de moléstias antigas. Não havia ainda a moderna apendicite, porque o alimento era bom e saboroso. Bons tempos! Essa era a Cachoeira dos meus doze anos e dos vinte! Só havia um cemitério, o mesmo que está na barranca o rio, dando aos queridos mortos a grande paz daquele ermo e a mais linda vista do Jacuí! É risonho e bonito o velho cemitério debruçado sobre o rio, com os seus mortos no seio fecundo da terra, as suas últimas moradas sobre as sombras das árvores cheias de sol e de flores... Se as boas almas pudessem passear pelas alamedas, que contentamento sentiriam vendo o seu rio correndo preguiçoso, a sua cidade velha e o casario novo que se estende pelos campos... Excelente Cachoeira, não eras calçada, nem iluminada á luz elétrica, mas a tua água não tinha micróbios nem cloratos! Os impostos não arrojavam o povo. A vida corria sem tropeços eleitorais. A rua sete enchia-se de carroças de colonos que abarrotavam o comércio com os seus produtos nutritivos: manteiga, ovos, mel, etc... Saboroso era o pão fabricado pelo alemão de grandes barbas – o Goessling – pão de milho, de centeio e umas cucas, da pontinha! E o pão sovado, o pão d’água, redondo, cheinhos de olhos, feitos pela sapientíssimas mãos da Bona? Uma delícia! Havia ainda o comércio brasileiro... Comia-se com o auxílio do bom colono e vestia-se pelas casas de comércio – ótimas casas de brasileiros... P.1

31/1/1937 Crônicas. X. Decididamente, Cachoeira está bonita, está moderna, mas... acabou-se o que era bom! P.1

18/2/1937 Cachoeira do Fandango. Entre as devastações impiedosas feitas nos matos marginais do Jacuí, nenhuma, por certo, brada mais aos céus do que a que foi feita pelo machado sórdido de um lenheiro, que arrasou, a troco de alguns mil réis, o capão existente á beira da tradicional Cachoeira do Fandango, a “beleza natural” mais atraente que já possuíram os subúrbios da cidade. Cachoeira! perdeste a tua principal beleza natural dos teus subúrbios!... Encanto dos terrestres e gozo das populações ribeirinhas! P.1

25/2/1937 Noticiário. A parada dos ônibus. Acontece, porém, que não pode autorizar a parada dos ônibus em qualquer lugar das quadras, porque isto, além de prejudicar a regularidade do serviço, implica num grande aumento de despesa, pois quanto maior for o número de paradas dos carros tanto maior, será, também o consumo

de gasolina. Mesmo o sr. Costa, não se justifica a parada dos ônibus em qualquer lugar, porque, nas quadras mais compridas, há postes de paradas onde os veículos em referência podem ser esperados e, nas quadras menores, não há necessidade disso. P.3

28/3/1937 Noticiário. Visitas domiciliares. De Segunda-feira em diante, dia 5 do corrente, a Delegacia de Saúde, iniciará, nesta cidade, visitas domiciliares. Os funcionários da Delegacia percorrerão, assim, todas as casas, a fim de fiscalizar as suas condições de higiene. É absolutamente necessário, pois, que a população local ofereça um bom acolhimento aos referidos funcionários a fim de os mesmos possam cumprir bem e fielmente a sua missão, que é a de zelar pelas condições higiênicas da “urbs”. P.3

28/3/1937 Os gatunos reabriram a temporada. P.3

8/4/1937 Instantâneo. Cachoeira é uma cidade pacata . raramente se agita. Os seus habitantes, no geral, só saem, em massa, para as ruas em dias de festa nas Igrejas ou em dia de função nos circos. Amam, assim, profundamente, o rezar e o rir. Cuidam, nos templos, de assegurar, prudentemente, na vida futura, um lugar confortável á Dextra de Deus Padre e procuram, na vida presente, passar alguns momentos alegres, que é a melhor medicina para se demorar, o mais possível – que, afinal, é este o nosso comum desiderato, - a chegar á bem aventurança eterna... Fora isso, os cachoeirenses vivem mais ou menos enfiados em suas respectivas residências, donde, depois do advento do rádio, podem tomar conhecimento, através das ondas sonoras, dos acontecimentos todos do planeta. O rádio, deste jeito, influi no sentido de diminuir, em cada um, a necessidade de contato com os círculos sociais em que vive. E ninguém mais do que o cachoeirense tem sentido essa influência benéfica. Benéfica, porque, quanto menos relações tiverem, entre si, os individuos que compõe uma sociedade, maior será a harmonia permanente do viver comum. P.1

29/4/1937 Delegacia de Saúde. Boletim demógrafo sanitário. Por esse boletim, que é um trabalho de incontestável utilidade e cuja organização exigiu o dispêndio de um trabalho estafante, vemos que, durante o ano em referência, registram-se, em Cachoeira, 1.660 nascimentos , 454 casamentos e 576 falecimentos. Só isto é o quanto basta para provar que as condições de higiene no município são, pelo menos, boas, principalmente se levarmos em conta que a mortalidade infantil, isto é, de crianças de 0 a 1 ano, não foi além de 135 casos, o que representa uma porcentagem de realmente pequena. P.3

9/5/1937 Coronel Virgílio de Abreu. Tendo se solidarizado com o dr. Getúlio Vargas, então chefe do Governo Provisório da República, ao estalar esse movimento revolucionário, foi, posteriormente, um dos fundadores do Partido Republicano Liberal, que surgiu sob a chefia do general Flores da Cunha. Era ele o presidente honorário do P.R.L. deste município. Em nossa cidade foi um dos diretores do “Rio Grande”, órgão do Partido Republicano Riograndense, surgido em 20 de Setembro de 1904. Dirigiu, também, por muitos anos, o “O Comércio”, o velho órgão de Henrique Müller Filho, através de cujas colunas, sustentou diversas campanhas políticas. P.1

20/6/1937 Noticiário. É preciso apagar os faróis dos motociclistas. A Diretoria do Tráfego tem uma providência inadiável a tomar. É a de proibir que os motociclistas andem, á noite, com os faróis de suas máquinas acesos. Ora sendo essa medida tomada, rigorosamente, quando aos automóveis é perfeitamente lógico que se deverá a mesma entender, também, aos motociclos. Tanto mais que, apesar de estes possuírem somente um farol, a luz que dele se desprende, possui, em geral, tanta intensidade quanto a dos automóveis, oferecendo, por isso, quando acesos, á noite, os mesmos perigos ao tráfego. Poder-se-á, talvez, dizer que ainda não houve nenhum desastre provocado por este fato. Mas não deixa dúvidas que é sempre melhor prevenir do que remediar. E sabendo que é esta, justamente, a orientação daquela Diretoria, estamos certos que a mesma atenderão justíssima reclamação. P.3

30/6/1937 Mais um passo. A sua atividade incansável a proficiente na tribuna jornalística foi dirigida, constantemente, no sentido de orientar a opinião de sua terra, procurando conduzi-la, sempre, para o caminho que, na sua sinceridade, julgava ser o bom caminho. Entrando, portanto, desassombadamente na campanha política de sucessão presidencial da República, ao lado do eminente candidato da União Democrática Brasileira é obvio que cooperaremos com o que estiver ao nosso alcance para a vitória do nome do insigne paulista. Dentro desse objetivo, porém, não nos afastaremos jamais daquelas diretrizes, porque assim agindo, além do mais, teremos a certeza de estar contribuindo, não tanto para a vitória do sr. Armando de Sales Oliveira, como para consolidação e prestígio do próprio regime, cuja estabilidade, é preciso que se saiba, não depende propriamente da vitória deste ou daquele candidato, mas, principalmente, da maneira com que se conduzirem as forças democráticas, que terão de demonstrar ao país, nesses comícios, que são, de fato, capazes de dirigi-lo com segurança, dignidade e descortino. P.1

5/8/1937 Cachoeira, seu progresso e o patriotismo de sua gente. Cely Adel Guarani de Bem. Cachoeira avança em magníficas arrancadas, progredindo sob os influxos de um labor inteligente e constante. O município de Cachoeira é um pedaço mágico de terra que, pela fertilidade e beleza de seus vales e serras, pela opulência das

pastagens que cobrem o dorso de suas cochilhas e planaltos e os tabuleiros verdes de suas várzeas, pelo viço e frescor de suas matas, consinta os heróis que a povoam aos grandes empreendimentos. P.1

26/9/1937 Cachoeira e a sua nova Igreja Matriz. Patrício Albuquerque. A cidade se renova. A obra benemérita iniciada pela administração pública, dotando-a de ótimo calçamento, de praças alegres, de arborizações estéticas, se completa, agora, pela iniciativa particular. Aqui e ali, substituindo-se a prédios antiquados ou em ruínas, ou preenchendo os claros dos terrenos baldios, se erguem edifícios elegantes. Há cento e trinta e tantos anos passados, os nossos antecessores do “Povo Novo” inauguravam, na então “Praça do Prestes”, a sua Igreja Matriz, que ainda é a atual, tirante a fachada e o altar – mór, porque a capela do “Passo do Fandango” não estava mais á altura do desenvolvimento da povoação. Hoje, com aquela mesma unção religiosa, seguir-lhe-emos o exemplo, erigindo, no mesmo local da que eles nos legaram, a Matriz digna de Cachoeira dos nossos dias. P.1

17/10/1937 Que nome deverá ser dado ao novo cinema? Entre todos, porém, o que parece ser, ainda, o preferido, pelo menos é o que teve maior número de adeptos, é ainda, o de Coliseu, o que vem demonstrar, confortadoramente, nesta época essencialmente revolucionária a índole conservadora da nossa população. O povo, pois, quer Coliseu. P.5

28/10/1937 Noticiário. Caíram na água. Recordam-se, de certo, os leitores de uma tal de Josefa que, tempos atrás, há coisa de dois anos, promoveu, nesta cidade, vestida de homem, diversos sururus. Em consequência das numerosas desordens feitas por Josefa, as autoridades policiais efetuaram a sua prisão, dando-lhe um costeiro, a fim de que não continuasse a querer tentar invadir a esfera de ação normalmente reservada aos representantes do sexo masculino. Pois bem, Josefa, agora, reapareceu em cena. Ou, com mais propriedade, desapareceu, definitivamente. Domingo último, encontrava-se ela em companhia de um soldado do 2º Batalhão de Pontoneiros, de nome Manoel de tal, mais conhecido por “Beija-Flor”, o lugar denominado “Buraco Quente”, nas imediações da barranca do Jacuí, no local onde existiu o Engenho Broll, quando, não se sabe por que descuido, despenharam-se os dois paredão abaixo. Josefa, com menos sorte, caiu dentro d’água não mais reaparecendo. E Manoel abateu-se sobre a tabatinga, sofrendo, por isso, numerosas e graves contusões. Manoel foi transportado, logo que verificada a ocorrência, para o Hospital Militar da Guarnição, onde, em estado muito sério ainda continua internado. P.3

25/11/1937 Problemas da cidade. Casas de aluguel. Em Cachoeira neste últimos anos, tem havido, como qualquer um pode verificar, uma verdadeira febre de construções. Mas de construções de casas, exclusivamente, para moradia de seus proprietários. Nunca, porém, para aluguel. E as causas disso são bem fáceis de se ver. O capital empregado na construção de um prédio para ser alugado não está em relação ao rendimento auferido. E esse rendimento é, sensivelmente, diminuindo pelo imposto predial e, principalmente, pela taxa de águas e esgotos. P.1

12/12/1937 A anunciadora “Voz de Cachoeira”. Difícil será respondê-lo. O que é certo, porém, é que a Cachoeira de ontem não reconheceria a Cachoeira de hoje. A Cachoeira de ontem, na sua respeitabilidade e na sua sisudez não poderia compreender nem admitir esta outra Cachoeira, esta Cachoeira jovem, “coquette”, toda escravizada aos caprichos da moda e que toda se enfeita e se atrativa para enfeitiçar e prender, pelos seus encantos, os filhos de outras terras. Nem poderia, tão pouco, suportar o barulho sempre crescente de suas ruas. Horrorizar-se-ia com o espalhafato de seus rádios. E teria, sem dúvida, um ataque de nervos ao ouvir, musicada ou falada, a voz desta anunciadora, invadindo todos os recantos de sua praça principal, onde, como recordação dos bons tempos de tranquilidade e sonolência, só existe ainda, teimosamente, velho, alquebrado e já em estado comatoso, o Coliseu. Mas é que a Cachoeira de antanho não sabe como as coisas mudaram. Não sabe que uma cidade de bom tom, uma cidade que se preze precisa submeter-se, pacientemente, a todos os sacrifícios impostos pelo progresso. P.6

6/1/1938 Problemas da cidade. A situação sanitária e a questão da água. Não pode ser pior a situação sanitária da cidade. o que mais está preocupando, no momento, são as infecções do grupo tífico paralítico. Dizem alguns médicos que as mesmas são derivadas da água. Outros contestam este ponto de vista e afirmam que possuem outras causas, que não vem ao caso, neste momento esmiuçar. O que é verdade, entretanto, é que a água não está nas condições que seriam de desejar. Foi por isso que o major Aldomiro Franco, quando no exercício do cargo de Prefeito tomou providências para solucionar a questão. O solucionamento do caso está, segundo a opinião dos técnicos, na construção de um outro depósito de decantamento da água, pois os atualmente existentes não dão conta do recado. P.1

9/1/1938 Noticiário. Delegacia de Saúde. Neles de acordo com as instruções recebidas e com legislação vigente, o dr. Henrique Barros trata da regulamentação da profissões de médico dentista, farmacêutico, parteiro e enfermeiro, do comércio de drogas e medicamentos por estabelecimentos outros que não farmácias e drogarias e do horário de verão para a entrada, na cidade, dos vendedores ambulantes de leite. P.3

13/1/1938 O lançamento da pedra fundamental do Hospital de Caridade. Constituiu num verdadeiro

acontecimento a cerimônia do lançamento da pedra fundamental do novo Hospital de Caridade, realizada domingo último, 9 do corrente, às 10 horas. P.1

13/1/1938 Ocorrências policiais. Foram terminar na cadeia. Arlindo Chaves e Jurema da Silva resolveram fazer uma festança. No decorrer da mesma, no entanto, perderam a “linha” e entraram demais pela bebida. A polícia foi obrigada a intervir e os dois tiveram de ir aguardar a “cura” no xadrez. P.3

13/1/1938 Ocorrências policiais. Um golpe que terminou mal. Alduino Chaves de Lima foi, um dia desses, á casa do sr. Pedro Marques da Silva, comerciante estabelecido á Avenida Brasil, e propôs-lhe a venda de 60 sacos de linho. Pediu, entretanto, adiantada, a quantia de 200\$060, ao que acedeu o sr. Marques da Silva. De posse do dinheiro, porém, Alduino Chaves de Lima não mais voltou á casa daquele comerciante nem para dar notícias da mercadoria. A polícia tomou conhecimento do fato. P.3

17/1/1938 Vamos deitar lenha na fogueira. Demos a Cachoeira o carnaval que Cachoeira exige. P.2

20/1/1938 Imóveis à venda. Chácaras. Uma linda chácara localizada na zona urbana desta cidade, com a área de um hectare e um quarto de terra, com finíssimo arvoredo, chalet tipo bangalow, com 7 peças. Instalações elétrica e sanitária. Preço: 22.000\$000. P.1

28/1/1938 Noticiário. Depredações. Diversas pessoas prejudicadas tem trazido á nossa redação reclamações contra os moleques de todos os tamanhos que infestam a cidade, fazendo toda sorte de depredações. P.3

17/2/1938 Cachoeira terá hoje em diante, um dos melhores Cine-teatros do Estado. Inaugura-se, hoje, á tarde, o novo edificio do Coliseu. Torna-se quase desnecessário ressaltar o valor que se reveste, para a cidade, a inauguração, hoje, á noite, do novo e suntuoso edificio do Coliseu. Há mais de dez anos que Cachoeira se batia, incessantemente, pela destruição do velho e indecente barracão, que desde todo o sempre enodoou a Praça José Bonifácio. Circunstâncias, porém, que não vem ao caso reviver agora impediram, sempre, que a firma, Comassetto & Carvalho levasse a efeito a pretendida construção do Edificio do Novo Teatro. E a cidade não teve outro remédio, assim, senão agüentar o velho Coliseu, com as suas cadeiras incômodas e muitas vezes quebradas, as suas pulgas, as suas goteiras, etc, etc. Mas a firma proprietária do velho Coliseu, cumprindo uma velha e desacreditada promessa, construiu um cine-teatro que é, na verdade, uma honra para Cachoeira. já não queremos falar aqui da verdadeira suntuosidade do novo teatro. Desejamos destacar, apenas, o bom gosto impresso, sob todos os aspectos á construção. Tirante o letreiro luminoso, que não está absolutamente de acordo com a linha do edificio, tudo ali revela um gosto fino e delicado. P.2

20/2/1938 É obséquio tirar o chapéu. Cachoeira adquiriu foros de cidade bem educada e graciosa. Os mais encantadores exornam a beleza de suas praças e de suas ruas: “Princesa do Jacuí”, “cidade Jardim”, “Cidade Sorriso”, etc... Cachoeira tem, finalmente, um cinema á altura e, precisamos frisar, é preciso que o povo se coloque á altura do novo cinema. Queremos recomendar uma praxe obrigatória que se adota em todas as capitais e cidades que se dizem civilizadas, isto é, as senhoras e senhoritas costumam tirar o chapéu durante as sessões cinematográficas. P.3

20/2/1938 Vida Social. Oração à Cachoeira. Bidico Turco. Benditas sejas tu, pelas tuas casas, quietas que sorriem num riso claro de bondade; pelas tuas igrejas erguidas que vivem num namoro eterno com o azulamento imaculado do firmamento. Benditas sejas tu, pelas tuas avenidas amplas e ensombradas; pelas tuas fábricas potentes que vomitam anelões azulados de fumaça denunciando o progresso dos teus filhos. Benditas sejas tu, pelas tuas calçadas mudas e pensativas; pelas tuas árvores verdes e bonitas que lembram as copas fartas aonde repousavam da jornada os patriarcas bíblicos. Benditas sejas tu, Cachoeira progressista, pela glória de seres mãe de Virgílio de Abreu, a personificação esplêndida da cultura e da inteligência. Cachoeira, eu me orgulho de ser teu filho, porque a tua história é nimbada por uma auréola luminosa de paz, de ordem e de labor. Recebe, pois, ca de meu carinho e do amor a reverência profunda da minha saudação. P.2

10/3/1938 O Lança-perfume. E. R. Seria aconselhável que esta proibição se tornasse efetiva desde já, para que os srs. fornecedores e vendedores, fizessem a devida redução na aquisição do novo “stock”, evitando-se, assim, que á última hora, apelassem para a possibilidade de prejuízos, forçando o relaxamento da proibição, em detrimento dos benefícios que ela teria ao nosso organismo. P.1

17/3/1938 Útil e inútil. E.R. Em a semana passada, alguém nos surpreendeu com a exclamação: “Estão aterrando a Sanga da Inês!” Útil, porque dá vasão á terra que sobrou da escavação dos alicerces do novo edificio em Cachoeira. Inútil, porque essa terra solta, ali colocada, em a primeira enxurrada, será arrastada até o rio, uma vez que a própria terra firme vem sendo constantemente solapada. P.1

17/3/1938 Noticiário. Tiros de revólver á noite. Nos arredores, e as vezes, no centro da cidade, é comum ouvirem-se, á noite, disparos de revólver produzidos por indivíduos que, por aí, vivem de esbórnias. P.3

17/3/1938 Noticiário. Tiros de revólver á noite. Nos arredores, e as vezes, no centro da cidade, é comum

ouvirem-se, á noite, disparos de revólver produzidos por indivíduos que, por aí, vivem de esbórnias. P.3

24/3/1938 É obséquio tirar o chapéu E.R. As jovens feias e que não se tratam, embora dotadas de grandes virtudes, dificilmente arranjam casamento porque a apresentação não atrai e os rapazes, sem se aproximarem, não logram nunca, sequer, entrever o valor incalculável da jóia que é seu coração. P.1

3/4/1938 Noticiário. Será policiado o cinema local. Assim, em observâncias ás referidas disposições, os aludidos funcionários vedarão a entrada de pessoas embriagadas, das que apresentarem com falta de asseio, das que não observarem os preceitos da decência, e das que, por qualquer modo, forem inconvenientes. De acordo com a lei, os espectadores não poderão incomodar a quem quer que seja durante o espetáculo, não poderão fumar na sala de sessões e são obrigados a se conservarem descobertos, (não sabemos se a lei atinge ás senhoritas), não poderão comer amendoins torrado e, nem de outro, além de outras proibições que serão rigorosamente observadas. P.3

3/4/1938 Bilhetes urbanos. E.R. Provas que não há interesse de tua parte, alegando que o teu noivo não tem dinheiro que sustendo a casa és um “pai de família” de saias. Quer dizer que o teu noivo ao casar contigo irá comprar um grande “abacaxi”: julgando casar apenas contigo, terá que receber de “contrapeso” a sogra, cunhados e cunhadas? Ele, como cabeça do casal, terá de assumir responsabilidade de todo o pessoal. O teu desinteresse é patente... P.1

7/4/1938 Luz e Basbaques. E.R. A feérica iluminação do coliseu, deu em resultado a formação de um tipo peculiar em as grandes cidades, cujo recrutamento é feito, geralmente, com o pessoal do interior – é o basbaque. O basbaque, onde vê uma coisa que lhe parece grandiosa ou que esteja muito iluminada, posta-se bestificado, a contemplar o que julga surpreendente e não percebe que está prejudicando o trânsito e está sendo alvo de chacota alheia. Se alguém não o tirar desse hipnotismo, ele continuará, qual mariposa, preso a atração, digamos, magnética da luz. Nesse meio tempo ficará sem a carteira, sem o relógio e o que tiver. O mesmo se passa em Cachoeira – Os nosso conterrâneos plantam-se em frente ao cinema e aí permanecem no meio da rua ou sobre o passeio, contemplando, a sua fachada ou o seu interior, perturbando quem está passeando ou quer adquirir sua entrada para assistir o filme que for exibido. P.1

14/4/1938 Calçadas e Cadeiras. Braz Camilo De outra coisa que eu não gosto, mas, que, também fico firme, é das cadeiras nas calçadas. Na nossa cidade é velho costume as pessoas atravancarem com cadeiras as calçadas fronteiras ás suas residências. Tem-se impressão de que não existe uma única praça na cidade, ou então, que Cachoeira é uma aldeia muito atrasada. Costume que eu acho feito!... Credo... P.2

14/4/1938 Luz! Mais luz! E.R. A turma que costuma parar em todos os cantos é o terror dos proprietários que possuem vitrines. Aqueles em geral colocam cartazes pedindo ao público para não fazer ponto de palestra diante destas. Isto é demonstração de incivilidade, pois que as senhoras e senhoritas são obrigadas a fazer volta ou ao mesmo descer da calçada e sabemos que as “Boas Maneiras” asseguram o lado da parede ao belo sexo, salvo quando e usar no passeio a “mão”, tal como para os veículos e consoante praxe adotada nas grandes capitais. P.1

14/4/1938 Luz! Mais luz! E.R. A turma que costuma parar em todos os cantos é o terror dos proprietários que possuem vitrines. Aqueles em geral colocam cartazes pedindo ao público para não fazer ponto de palestra diante destas. Isto é demonstração de incivilidade, pois que as senhoras e senhoritas são obrigadas a fazer volta ou ao mesmo descer da calçada e sabemos que as “Boas Maneiras” asseguram o lado da parede ao belo sexo, salvo quando e usar no passeio a “mão”, tal como para os veículos e consoante praxe adotada nas grandes capitais. P.1

17/4/1938 É proibido reservar lugares. E.R. Entre as proibições ficou esquecida uma outra, qual seja a mania de reservar lugares. O cidadão que comprou a sua entrada e portanto alugou uma poltrona do cinema, por certo tempo e dado fim, tem o direito de sentar onde bem entender desde que encontre lugar vago. Todavia, em absoluto não alugou determinada poltrona, pois que das entradas não consta file nem número, porque tal classificação só é adotada para funções teatrais. Não é crível, nem lógico que a pessoa que chega cedo ao cinema, seja preterida na escolha local, por outra que ficou refestelada em casa ou que está fazendo o “footing” na praça. Todos os cidadãos são iguais perante a lei e portanto todos os espectadores tem os mesmos direitos e quem chega cedo tem direito de á compensação pela longa espera. P.1

21/4/1938 Basbaques. Juvenal. Esta necessidade de ir ao cinema, quanto de ir ao teatro, que revela de certo modo o abandono do gosto ou distração ou, se quiserem, da ilusão proporcionada pela leitura. P.1

8/5/1938 Cachoeira impressões. Tent. Cel. Francisco Pessoa Cavalcanti. Quem quer que tenha a ventura de visitar esta linda cidade, com seus vales alcantidados e fertilíssimos, á margem do caudaloso Jacuí, notará logo, ás primeiras impressões, seu progresso e plena florescência. Dotada de todos os melhoramentos e saneamentos dos grandes centros, sua prosperidade deve-se ao patriotismo de seus filhos, á atividade do elemento alienígena e as gestões municipais, que se tem preocupado em torna-la digna de sua brilhante tradição. P.1

12/5/1938 Ocorrências policiais. Guerra à vagabundolândia. O Capitão Waldomiro Carvalho Bernardes, delegado de polícia, continua, ainda, empenhado na guerra contra os vagabundos locais. O indivíduo trabalha ou

cai fora... O seu ataque atual é dirigido não só aos homens vagabundos como do outro sexo. Vai ser um embrulho danado... P.3

15/5/1938 Noticiário. Está em vias de ser resolvido o problema da mendicância na cidade. Desnecessário é dizer-se que a criação desse departamento virá preencher, senão a maior uma das maiores lacunas existentes na cidade, pois não só acabará com o triste espetáculo da mendicância como também, prestará auxílios de emergência aos pobres não mendicantes e promoverá a construção de casas para os mesmos, o que, aliás, desde a época de sua fundação; em pequenas proporções, é certo, a Conferência de São Vicente de Paula vem fazendo. P.3

15/5/1938 Ocorrências Policiais. Queixa e casamento. João Feliciano de Oliveira apresentou, ao sr. Delegado de Polícia, queixa contra João Luiz Rodrigues por que este andava “desviando” sua filha, menos, de nome Maria de Oliveira da Silva. O sr. Delegado arranhou as coisas e, assim, já estão sendo ultimados os papéis para o casamento. P.3

30/6/1938 O “Buraco Quente”, teatro de mais uma cena de sangue. Domingo último, á tarde, o celebrado “Buraco Quente”, a zona mais escusa e perigosa da cidade, foi teatro de mais uma cena de sangue. P.10

31/7/1938 Ocorrências policiais. A sogra não gosta de barulhos. O sr. José Dios levou ao conhecimento das autoridades policiais, que sua sogra, há tempos alugou uma casa a duas mulheres que lhe disseram que eram casadas, acontecendo, porém, que, agora, descobriu ela que as referidas mulheres não são como diziam “de família” e promovem reuniões de homens... E, por isso, diz José Dios, sua sogra quer que a polícia mande as duas mulheres “desinfetar o beco”. P.3

14/8/1938 Noticiário. Um salão de snooker. O “snooker” que difere do jogo de bilhar pelo número de bolas na mesa e pela marcação dos pontos, está conquistando aqui, como em toda parte, um elevado número de adeptos. P.3

4/9/1938 Ocorrências policiais. Casou e não devolveu a fatiota. Chico de Castro, há tempos, como tem acontecido a muita gente boa, resolveu contrair matrimônio. Mas, com que roupa?... Resolveu, por isso, recorrer ao seu amigo Luiz da Costa Soares que lhe emprestou uma fatiota preta, para o ato solene. Acontece, porém, que, depois, do casamento, Chico embarcou para Porto Alegre, e esqueceu-se de devolver a fatiota... Agora, Luiz da Costa Soares apresentou queixa á Delegacia contra o seu amigo “urso”... P.5

8/9/1938 Noticiário. Telefones automáticos para a nossa cidade. Hoje, no edifício da Prefeitura Municipal desta cidade, deverá ser assinado o contrato entre a municipalidade e a Companhia Telefônica Rio Grandense, para a exploração do serviço telefônico em nosso município. Pelo contrato a ser assinado, Cachoeira será dotada do serviço telefônico automático. P.3

10/11/1938 Noticiário. O tráfego na rua Júlio de Castilhos. Temos recebido diversas reclamações quanto ao tráfego na rua Júlio de Castilhos ou, mais precisamente, quanto aos trens da Viação, que atravessam á rua e impedem, ás vezes por mais de dez minutos, a passagem de veículos. diversas vezes já se tem procurado resolve o impasse criado pelas manobras dos trens. Até agora, porém, tudo o que se fez foi infrutífero. P.3

1/12/1938 O calçamento da rua Júlio de Castilhos. O sr. Reinaldo Roesch, prefeito municipal, já está tratando do fechamento do contrato para o calçamento da rua Júlio de Castilhos. Diante da proposta apresentada, é possível que a obra em referência seja confiada á execução do conhecido engenheiro Paulo Felizardo, que foi quem executou as obras de águas e esgotos desta cidade. é pensamento de s.s. entretanto, leva-las até o Cemitério, aonde, concomitantemente, será estendida a rede d’água. P.1

1/1/1939 O urbanismo em Cachoeira do Sul. Cachoeira é uma cidade que se desenvolve a olhos vistos. A seara, nos campos, cresce, entretanto, de acordo com leis eternas e imutáveis. As casas em Cachoeira, porém, sobem sobre os seus alicerces sem a menor orientação geral pré-estabelecida. Em suma, não possuímos a menor orientação urbanística na cidade. Porque, estabelecida que for uma orientação criteriosa e segura a esse respeito, Cachoeira tornar-se-á dentro em breve, sem dúvida alguma, a mais linda cidade do interior do Estado. P.12

23/2/1939 Nazistas. Não é de hoje que recebemos cartas anônimas de nazistas residentes em Cachoeira. O hábito vem de longe. Qualquer coisa que sai á publicidade e que não consulta aos interesses da grei hitleriana na origem, de imediato, a reação epistolar dos adeptos ao credo da cruz gramada. P.2

23/2/1939 O carnaval de Cachoeira não esteve no mesmo pé dos anos anteriores. Momo teve uma recepção fria por parte dos foliões cachoeirenses. Muita gente e pouca animação foi o que se verificou, nas três noites, na Praça José Bonifácio P.2

26/2/1939 Noticiário. Suicídios. Nesses últimos dias registraram-se três casos de suicídios. Dele não demos e não daremos notícia, porque é de nossa orientação não fazer publicidades em torno desses acontecimentos. Acontece, porém, que os três suicídios a quem fazemos referência foram perpetrados por meio de cianureto. O dr. Delegado de Polícia solicita, assim, por nosso intermédio, às casas comerciais que não efetuem a qualquer um

a venda daquele veneno. Ficou provado, através das investigações policiais, que todos os vidros de cianureto recém tinham sido comprados. Foram adquiridos, portanto, pelos suicidas, com a intenção preconcebida, de com eles, porem termo a existência. P.3

2/3/1939 O custo de vida em Cachoeira. Como então ressaltamos, justo era que os repartidores tivessem uma comissão para a entrega do pão a domicílio, pois esse trabalho envolve despesa e, muitas vezes, até sacrifício. E tanto mais justo é que eles sejam levados em consideração, quanto é certo que, por outro lado, eles mesmos já atenderam ao interesse público, baixando, em geral, “urbiet orbi”, o preço do pão. P.1

5/3/1939 As fichas e os vales esfriaram. Em nossa última edição noticiamos que o fiscal federal em Cachoeira resolvera proibir, de uma vez por todas, a circulação de “fichas” e “vales” nesta cidade. A emissão desse “papel moeda” cachoeirense teve origem na falta quase absoluta de troco, que prejudicava imensamente todas as transações comerciais, dando lugar a um estado de coisas verdadeiramente insustentável. P.1

12/3/1939 A companhia telefônica em Cachoeira do Sul. O telefone, em Cachoeira, está se tornando, cada vez mais, um recurso “in extremis”. Só se lança mão dele quando não há, mesmo, outro jeito. Está se tornando parecido com aquelas bombas de incêndio colocadas nos grandes prédios e de que só se lança mão em caso de fogo. P.4

26/3/1939 Crônica da moda. B.L. Para completar um traje “chic” é indispensável o chapéu. O chapéu pequeno sempre é preferido para a noite, cinema, teatro, reuniões, etc. Um costume “tailleur” requer o chapéu de aba média (tipo sport), e no vestido “soirée” fica muito bem o toque pequeno, modelo sempre de acordo com cada estação. Cachoeira, graças ao seu desenvolvimento, progride também no que diz respeito à Moda feminina. Pois, o belo sexo da “elite” cachoeirense acompanha a Moda dos grandes centros. Pelo fato do chapéu de aba muito grande ser um tanto inconveniente para o cinema, a Moda continua na sua marcha, pois, ao contrário, seria um retrocesso no progresso da nossa tão bela em moderna cidade de Cachoeira. P.2

30/3/1939 Caveira de burro. Se Cachoeira, hoje em dia, é alguma coisa, se se colocou, como cidade, entre as primeiras do Estado, deve-se tudo, esforço despendido e isolado de seus filhos. O visitante curioso que chegar, hoje, à Cachoeira, terá, por certo, aqui, no ponto de vista urbanístico, muito que admirar. O movimento construtivo é intenso. Edifícios novos e de estilo moderno erguem-se a cada passo, como a mostrar que a cidade, por seus filhos busca, na renovação dos prédios, ostentar uma eterna mocidade. Bairros despontam a cada canto, surgindo, assim, longe do centro, esplêndidas zonas residenciais, que, estabelecendo contrastes interessantes no seio da “urbs”, emprestam à mesma um encanto todo especial. É a cidade que se revela, pois, em pleno desenvolvimento. Traduz, assim, nesse ímpeto incontido de progresso, o espírito atilado e empreende a dor de seus habitantes. Porque, a cidade é, em linhas gerais, um reflexo das qualidades fundamentais de sua gente. P.1

6/4/1939 A cadeia civil desta cidade está superlotada. As condições da Cadeia local não podem ser piores. Encontram-se ali para mais de 30 presos. Como se sabe, o presídio cachoeirense não pode conservar-se longo tempo com tão avultado número de presos. P.3

6/4/1939 Noticiário. A cidade, de agora em diante, passará a ficar iluminada durante toda a noite. Desde já, portanto, está resolvido que a cidade passará a ficar iluminada durante toda a noite e não somente até as três horas da madrugada como até aqui vinha acontecendo. P.3

13/4/1939 Hospital de Caridade. Um esclarecimento necessário. Com o resultado que obtiver com as duas primeiras classes, o Hospital manterá a terceira, para os pobres gratuitamente. Luxo não há no novo Hospital. Simplesmente, atendeu-se a todas as modernas exigências da higiene. Não se pode, entretanto, confundir luxo com higiene. Pode, pois, estar tranqüila a classe pobre de Cachoeira. Dentro em breve, poderá receber assistência gratuita, em Hospital dotado do que há de mais moderno em matéria de higiene e conforto. P.1

23/4/1939 “Ponto Chic”. A conhecida e popular “bonbonniere” sob a denominação acima, de propriedade do sr. Luiz Leão, mudou-se do prédio em que se achava instalada, ao lado do Club Comercial, para o Edifício Ciro Carlos. O “Ponto Chic” parece que agora, depois de não sabemos quantos anos de existência, vai, enfim, fazer jus ao nome. O sr. Luiz Leão, pelo menos, tudo está fazendo para por o seu estabelecimento em sintonia com o prédio em que está instalado atualmente. P.5

7/5/1939 O “Jornal do Povo” passará, em breve, a nova fase. Há muito que se cogita de transformar o “Jornal do Povo” em folha diária. Sempre que se ventilou a questão, topamos, porém, com um sem número de dificuldades. Bem sabido é que Cachoeira, dada a sua situação, não oferece grandes possibilidades para um empreendimento dessa ordem. A vida da cidade, aos poucos, entretanto, tem se transformado sensivelmente. Já é grande o movimento aqui existente, grande o comércio da cidade e do município. Em face disso, resolvemos voltar a estudar a possibilidade de transformar o “Jornal do Povo” em diário. Os estudos nesse sentido já vão adiantados e nos permitem, desde já, afirmar que, dentro em breve, esta folha passará, realmente, a nova fase. P.1

7/5/1939 Ainda e sempre o caso do leilão. Continua, ainda, no cartaz o momentoso caso do leilão. Diante das

intrusões recebidas da Chefia de Polícia, o dr. Milton Dutra resolveu fechar o leilão, que funcionava nesta cidade, há algum tempo, à rua Júlio de Castilhos. Esclareceu, inicialmente, que os motivos porque os comerciantes da rua Júlio de Castilhos se insurgiram contra o leilão basearam-se na forma por via que estava sendo o mesmo feito, visto que, como fácil se fez verificar através dos anúncios feitos pelo leiloeiro Sada, não se tratava de um leilão comum, para liquidação de uma casa comercial, e sim de um leilão permanente, pois, se anunciava o recebimento, para venda o correr do martelo, de mercadorias, vindas diretamente de fábricas do Rio e São Paulo, no valor de 200 contos de réis. De sorte que o estoque de mercadorias era diariamente renovado. P.3

11/5/1939 Carta aberta. Nois seu Sada não temu nada cum aquilo e memu é de 35 e tamo em 39, já passemu po riba de 37, ondi o nosso chefe o grande Getuiu feiz a carta nova, acabandu com S. Paolo, Rio Grande e tudo o mais e feis o Brasil grande e unidu. Ali na carta nova que o chefe Getuiu feis, nus ispliou o memo sabido, a liberdade das profissão é um fato de fato e tanto pode trabaia aqui cumo em tudo mais, tudo é Brasil. I dispois seu Sada um negócio é mió fica pra sempre, assim acaba cum as ta de prestação. O sinhor vendi nus marteloe us pretação vendi nu maio, quer dizer, mió explicadu, a sua pancada não dói, é macia, e as dele nus deixa imprestave pra sempre. Compremo por ixemplo um casacão e demo a premera prestação e todos os sabo demo outra inté o finá que nunca tem fim. Cumpre uma veis um sobretudo em prestação que me custo cento e cuarent amil réis e nunca acabo de dá. Ora seu Sada, o cumpadre Seberino cumpro no leilão u mesmo artigo, u memo tecido, inté a mesma cô, por trinta e sete mil e oitocentu réis, e não tem que dá mais nada. Isso que é negócio. Nada mais de prestação. A gente cum dinherinho que ganha na sumana vai ali nu leilão e cumpra que é negócio sério, é pelúcia, é sandalha, é chapéu, é fazenda e tudo que nós percisemo. Enquanto que antigamente nus tempo das prestação e nos acordeon a gente dava a premera prestação e nada levava pra casa e ainda ficava instalado cum prestação. O leilão veio na hora memo. Nada mió pra nós que semo do povo. As casa Pernambucanas que também é uma casa séria também tá fazendo leilão e é fuguete e inté música lá dentro que é uma beleza, dá gosto se vê o seu João Correa com aquela boca grande dele atendendo a um e atendendo outro. Mas seu Sada pra arrematá dissemo uma coisa que é mais verdadeira de tudo. O senhor foi que lucrou cum toda a campanha que le fizeram, pois o leilão ficou o assunto da roda, inté aqui nas impreza chego e nós só nus cuidemo pra faze umas iconomiazinha e no toca pra aí e cumprá no leilão. P.3

28/5/1939 Os embarços causados pelos trens que, pela madrugada, atravancam a rua Júlio de Castilhos. Há muito tempo que os leitores e padeiros, que alta madrugada transitam pela cidade, se vêm as voltas com um sério embarço. Aglomeram-se, por isso, ali na Rua Júlio de Castilhos, as vezes para mais de quarenta padeiros e leiteiros. Exacerbados com atravancamento do caminho, tem acontecido, freqüentemente, desligarem eles os carros, para desimpedirem a via pública. P.5

6/7/1939 O baile caipira do Comercial mexeu com a cidade. A idéia da organização de um “Baile Caipira” foi das que nasceram num momento feliz. Encontrou, de logo o mais favorável dos ambientes para que o seu sucesso se tornasse inigualável. Parece, até, que Cachoeira de muito que se encontrava a espera de um empreendimento desse gênero. Pois os primeiros e os demais passos que se seguiram no sentido de preparar a festa à Caipira do Comercial merecerem o apoio mais irrestrito e mais entusiástico. O “Baile Caipira” mexeu, assim, com a cidade, quebrando, por algumas horas, a pacatez e a mesmice do viver cachoeirense. P.1

24/9/1939 Inauguração de uma fábrica. Foi ontem inaugurada, efetivamente, a fábrica de fumos e cigarros da firma De Franceschi & Cia., sita à Avenida Brasil. P.2

22/10/1939 A grande festa da Primavera do Clube Comercial. Conforme já divulgamos, o aristocrático Clube Comercial desta cidade, promoveu a sua tradicional Festa da Primavera, a qual teve início Quarta-feira última, á noite, com um animado baile preparatório. Nas noites de quinta e Sexta-feira continuaram, animadamente, os bailes preparatórios os quais culminaram, ontem com o grande Baile da Coroação. Todas as noites, no decorrer das danças, prosseguiu a votação para Rainha da Primavera do Comercial, alcando esse prévido desusado interesse entre os comercialistas. As comissões encarregadas de dirigirem as festividades, copa, tómbolas, jogos, etc., desincumbiram-se otimamente de suas missões, pois a renda da festa atingiu a vários contos de réis que reverteram em benefício do Hospital de Caridade e do Clube, conforme já tivemos oportunidade de noticiar. P.2

26/11/1939 Elegância feminina. Qual delas, porém, antes de sair, não esteve por muito e muito tempo na frente do espelho consultando sua beleza e se seu traje a ajudaria? E quantas e quantas que, quando estão no seu passeio, não se arrependem mil vezes por andarem com os sapatos em descombinação com o traje ou p o seu modelo é mais feio do que o daquela que está com os calçados da Casa Bacchin? Para estas só há um meio; procurar sem mais perda de tempo a Casa Bacchin e escolher o seu modelo, colocando-se, assim, á altura das mais elegantes. P.5

30/11/1939 Um fracasso em Cachoeira do Sul do homem que “anda mancando e canta chorando”. Em suma: a impressão das pessoas que se encontravam, naquela noite, no Coliseu, ao se retirarem dessa popular Casa de Diversões era a de que haviam faltado a um penoso dever, qual o de, por estes e outros motivos, vaiar

ruidosamente o cancionista número um do Brasil, ou, como quer a propaganda, o “cantor das multidões”. P.1

17/12/1939 Em Cachoeira, hoje em dia, nem ser mendigo é negócio. Em Cachoeira isso, porém, não existe nem mesmo como exceção. O pobre, aqui, é pobre mesmo. Leva uma vida de cão. Vida, aliás, muito de acordo com a sua condição. São, portanto, honestamente pobres. P.6

4/1/1940 A polícia precisa controlar os balneários do Jacuí. As autoridades policiais precisam voltar a exercer a sua vigilância sobre os balneários do Jacuí, nas proximidades da cidade, afim de evitar os abusos que ali se verificam diariamente. Esses abusos acontecem, principalmente, no balneário da “Ilha” e do “Amorim”. Indivíduos em trajés inconvenientes invadem aqueles balneários, impedindo, por completo, a freqüência aos mesmos por famílias. Com a entrada da temporada de banhos, a polícia tomará, naturalmente, as medidas que julgar mais convenientes para fazer freqüentável por todos os balneários do Jacuí. P.1

11/1/1940 Os ruoférticos vão ser internados num leprosário. O Jornal do Povo, brilhante órgão de publicidade, sob a vossa competente e criteriosa direção, em seu número de domingo último, referindo-se a campanha em que se acha o Posto de Higiene local, para a execução, em Cachoeira do regulamento sanitário, afirma que existe uma grande falha na orientação daquele Posto ou na do Departamento Estadual de Saúde: Diz que esta falha está no fato de deixar-se que diversos leprosos mantenham-se com muita freqüência, quase que diariamente, em convívio com a população desta cidade, percorrendo, aos sábados, as suas ruas, no peditório de esmolos para a sua subsistência. A local em apreço termina pedindo uma providência ao Posto de Higiene no sentido de deixarem de cruzar a cidade as muitas pessoas que, examinadas por juntas médicas, foram, oficialmente, declaradas como morféticas. P.3

11/1/1940 Hospital de Caridade. A construção do Hospital entra na fase final. Breve será inaugurada e posta a disposição do povo uma de suas alas. Aos esforços de um grupo de abnegados deve Cachoeira o possuir um dos mais modernos e completos hospitais do país. Deve-se salientar, entre esses esforçados o sr. Edwino Schneider, pela fê inabalável que sempre manteve no bom resultado desse grandioso empreendimento, e pelo seu dinâmico trabalho, na execução do mesmo. É justo encarecer ainda a contribuição do povo. De todas as classes sociais, desde o humilde operário ao mais rico habitante do município, recebeu o Hospital uma dádiva para sua construção. Mesmo de alguns municípios do Estado e de outros pontos do país veio valioso auxílio. Mas de uma obra de tais proporções muito necessita de dinheiro. Falta ainda cerca de oitocentos contos de réis para ser ultimada a construção e serem pagos os compromissos assumidos pela Diretoria. P.2

14/1/1940 O Comercial iniciou ontem, oficialmente, o carnaval. O carnaval deste ano, até aqui, não demonstrava a menor animação. Era preciso por isso, que surgisse quem acordasse os sentimentos foliônicos que moram em todos aqueles que vem os folguedos carnavalescos como eles realmente são: uma oportunidade para que todos se divirtam sem os formalismos das outras festas sociais. A iniciativa desse gênero partiu, portanto, do Clube Comercial. P.2

14/1/1940 Quarenta a sombra. O verão aí está em toda a plenitude de sua força. Um calor de derreter untos paralisa a vida citadina, fazendo com que a nossa burguesia pacata se mantenha em casa, de papo para o ar, a resfolegar por todas as ventas. Um bochorno asfixiante põe em todas as fisionomias uma expressão de desencanto e de desânimo. Os transeuntes são lentos e pesados como velhos obesos. Os paralelepípedos ardem. As calçadas queimam. A própria sombra abrasa. Nas árvores verdes ainda de primavera os ramos são quietos e pássaros mudos. Os ramos sem vida, que é movimento, e as aves sem canto, que é alegria, participam do abatimento incomensurável de todos. Os vira-latas, sem poros para transpirar, estiram para fora toda a língua que podem na ânsia de ver cumprida aquela função vital que, neles, como em todos os da sua espécie, se exerce por intermídia da boca. Nos animais, nos homens e nas coisas há uma solidariedade absoluta perante o calor escaldante que os tortura. O rolar pesado e vagaroso que das horas conserva em todos, porém, a esperança de uma noite que compense toda ardência diurna. Mas a noite faz causa comum com o dia. O sol passa. Mas deixa atrás de si, pela reverberação um reflexo intolerável. O poente faz-se vermelho purpurino, aumentando a impressão de abrasamento. Tudo gera ou parece gerar calor. O andar e o parar. A bebida gelada e o café quente. A música e o silêncio. Há, nos lábios menos reverentes, imprecações inúteis. Os corações piedosos, porém, sujeitos às determinações do Alto, que manda o frio e que manda o calor, suportam-no quase em quietude, sob comentários sabiamente conformados com o que é e com o que tem de ser. P.1

21/1/1940 Uma grande e moderna oficina automobilística. Bomba de gasolina elétrica. Tempos há, tivemos oportunidade de dar a público uma notícia referente à construção de importantes obras mandadas executar pelo sr. Prudêncio Schirmer, agente Ford local, no senti de ampliar a oficina automobilística de sua propriedade, e torná-la num grande e moderno estabelecimento, em igualdade de condições com o que de mais moderno existe, no gênero, no Estado. As obras em referência, continuam o seu curso normal. Acaba, no entanto, de ser concluída a instalação de uma bomba elétrica, a primeira a ser instalada nesta cidade, a qual funciona no Posto de Vendas daquele novo estabelecimento. A nova bomba, marca “Wayne”, ultra-moderna, oferece as maiores garantias ao freguês, pois é absolutamente certa a litragem, tendo na parte superior um dispositivo mecânico, a

molde de uma caixa registradora, em cujas janelas, na frete e atrás aparece assinalado para o freguês a quantidade de gasolina entregue, e, ao mesmo tempo a importância correspondente a pagar. Além disso, vende qualquer quantidade de gasolina, não havendo perigo de a derramar do tanque do automóvel, porque a bomba por simples manejo do bico da mangueira, regula a saída, desde 5 até 60 litros por minuto. P.1

18/2/1940 O Coliseu engalanou-se ontem para festejar a passagem do segundo aniversário de sua inauguração. Segundo noticiamos, esteve em Porto Alegre, durante cerca de 20 dias, o sr. Henrique Comassetto, co-proprietário do Cine-Teatro Coliseu. Naquela cidade, o empresário cachoeirense entrou em negociações com os dirigentes das agências cinematográficas para estabelecer a nova programação cachoeirense da temporada de 40. As negociações, segundo nos afirmou o sr. Comassetto, foram coroadas do mais completo êxito. Estamos autorizados, assim, a declarar que Cachoeira exhibirá, durante o ano corrente, o que há de melhor no mercado cinematográfico. Foram fechados contratos com nada menos de 10 produtoras. Na Capital, o sr. Comassetto foi alvo de expressiva homenagem que lhe foi prestada pelos cinematografistas dali. A homenagem constou de um banquete que se efetuou no “Pelotense”. Não quisemos falar da passagem ontem, da data do segundo aniversário da fundação do Cine Teatro Coliseu antes de dar ao público cachoeirense a alviçareira notícia acima. A festa de aniversário do Coliseu revestiu-se de brilhantismo. Em primeiro lugar, foi escolhida para a mesma um grande “film”, a “Grande Valsa”. Depois, o teatro engalanou-se todo. Pôs banda de música, aumentou a iluminação. Distribuiu convites especiais às autoridades e tomou outras providências para dar solenidade ao grato acontecimento. De Porto Alegre, em carro motor, chegou uma caravana de cinematografistas, representantes das Agências de “Films”, para assistirem à festa. O público cachoeirense concorreu, também, para emprestar maior brilhantismo à festa. Houve portanto, perfeita sintonia entre a Empresa e o público. P.2

25/2/1940 Constitui em grande acontecimento religioso a chegada a Cachoeira do coração do padre Roque Gonçalves. Enorme multidão estacionava, desde cedo, na “gare” e vizinhanças da Viação Férrea para receber o coração do padre Roque Gonçalves, protomartir riograndense. P.1

14/4/1940 O que nos falta. Cachoeira, graças ao dinamismo nunca desmentido de seus filhos, conquistou já um lugar de remarcado relevo entre as demais comunas gaúchas. Cidade limpa e bonita, possuindo um dos melhores serviços de água e esgoto do Estado, com suas ruas bem calçadas, com seu comércio forte e intenso, aí está ela higiênica e bela, a retribuir em graça e abundância, o esforço de todos os que trabalham e produzem. Os grandes e modernos edifícios recém construídos e em construção, atestam a capacidade realizadora dos cachoeirenses, e, o magestoso novo Hospital de Caridade, que, em breve será inaugurado, é a eloqüente prova de que toda a iniciativa nobre encontra aqui apoio e se desenvolve e se corporifica. Não há, pois, temer em afirmar-se, contando-se com elementos de tal natureza, que Cachoeira está fadada a ser, dentro de pouco tempo, uma grande cidade. P.1

14/4/1940 Braz Camilo. Como acontece com muita gente, eu, também, tenho um vizinho. O meu vizinho, porém, possui um cachorro que vive amarrado a uma corrente. Digo que é a uma corrente porque não se usa mais amarrar cachorro com lingüiça. Pois bem, como dizia um conhecido orador, esse cachorro parece que sabe a hora em que me recolho a penastes e, pela ordem, pede a palavra e não solta mais durante toda a noite. Assim, admitindo-se a hipótese de que fosse atendida a minha reclamação, eu veria morrer por aí – quem o sabe? – cuscus inocentinhos, e o meu cachorro, ou melhor dito, o cachorro do vizinho, continuaria impune, a discursar noite a dentro. P.1

14/4/1940 Braz Camilo. São diversas as palavras que empregamos para saudar uma pessoa. Elas variam durante todo o dia. Até se acha graça, quando, pela manhã, um sujeito nos cumprimenta dizendo “boa tarde”. Para as despedias, então, existem dezenas de fórmulas. Tem desde o “até a volta”, para as longas distâncias, até o “até já”, para quem, vai até ali à esquina e volta. Apesar dessas facilidades, há pastranas que complicam a coisa. Há dias, nesta cidade, uma senhorita ao despedir-se de um desses lobis-homens, empregou a fórmula “passe bem” e teve como resposta esta novidade: - E vice-versa... P.1

28/4/1940 Braz Camilo. Casa para alugar, aqui, é um caso sério. É uma dificuldade se encontrar, e, quando se a encontra, o aluguel é por preço estratosférico. Sujeito pra morar na cidade, é preciso ser quase rico. Neste ponto, a cidade se assemelha a um grande centro. No entanto, coisa curiosa, as casas à venda são muitas, e são baratas. Possivelmente, com a alta do arroz que agora se anuncia, as casas à venda subirão, também, ficando em relação com o preço dos elevados aluguéis. P.1

12/5/1940 Cachoeira! J.D.L. Foste gerada no advento do modernismo. Enquanto outras irmãs tuas para acompanharem o surto de progresso da época vão ter que destruir muito para depois edificar, tu, ó Cachoeira, só terás que edificar! – mas uma vitória para ti, ó Cachoeira, por ter nascido tarde, porque nascendo tarde nasceste em tempo oportuno! – Do vértice de teu nicho contempla-se a ti mesma, e te orgulharás de ser quem és, Cachoeira!... P.3

13/6/1940 Cogita-se a fundação do Aeroclube desta cidade. É do nosso conhecimento, também, que o sr. Ciro

Carlos, prefeito municipal, e diversas outras pessoas representativas, já prometeram o seu indispensável apoio moral a essa nobre iniciativa. Desta forma, queremos crer, não encontrará dificuldades o Aére-Clube do Rio Grande em fundar aqui o Aére-Clube de Cachoeira. Torna-se necessário, no entanto, que os moços de Cachoeira compreendam as altas finalidades dessa patriótica iniciativa e colaborem, também, para o fim comum, isto é a concretização de tão alevantado objetivo. P.1

25/7/1940 Hospital de Caridade. Conforme é do conhecimento público, a Diretoria do Hospital de Caridade, a fim de completar as obras do grande edifício daquele estabelecimento, hoje já em franco funcionamento, viu-se na contingência de realizar empréstimos e assumir, ainda, outros encargos. A Diretoria, assim agiu, é bem de ver, confiada nas pessoas que haviam subscrito importâncias para integrarem-nas parceladas ou em prazo determinado. Acontece, que, muitas dessas pessoas não cumpriram ainda com suas obrigações, ocasionando sérios embaraços aos realizadores daquela grandiosa obra. P.1

1/8/1940 Braz Camilo. Há dias, tive conhecimento de sua mágoa, e, apesar de tudo, dei-lhe razão. Pára lá. O Comassetto, que eu saiba, não tem mágoa de mim, e sim dos outros freqüentadores do Coliseu. A primeira vista, parecerá estranho que ele tenha mágoa dos seus estimados favorecedores e amigos. Mas, tem. E o pior de tudo, é que com sobradas razões. mas vamos explicar os motivos e os caros ouvintes julgarão o caso, que, noutras palavras, é o seguinte: Quando o Comassetto exhibe, de vez em quando, uma fita boa no Coliseu, todo o mundo sai comentando os trabalhos dos artistas “formidável de bonito o Tyronel” “Como estava romântica a Norma Shearer!” “E que boa a fulana!” “que engraçado o beltrano!” e ninguém se lembra do Comassetto. No outro dia, dá-se o vice-versa do contrário, isto é, a fita não presta. Ninguém, aí, se lembra dos artistas e saem todos dizendo: “Que fita! Credo! Este Comassetto até é ladrão!”. É justificada ou não é a sua mágoa?... P.1

1/8/1940 Festas e diversões. Um grande baile em comemoração ao 44º aniversário da Sociedade Concórdia. Essa efeméride será condignamente comemorada pela simpática sociedade local, que levará a efeito em seus salões um suntuoso baile de gala, o qual terá lugar na véspera do dia de seu aniversário de fundação, isto é no sábado próximo, 3 do corrente. Nota-se, desde já, um extraordinário entusiasmo nos círculos freqüentadores da veterana Sociedade para a festa comemorativa de sua data máxima. E a Diretoria concórdiana vem, também, desenvolvendo grandes preparativos para o maior brilho da festa. Assim, é de se presumir, que a grande noite de sábado próximo, ficará assinalada os fastos sociais da Concórdia como mais um grande e brilhante triunfo. P.2

11/8/1940 Braz Camilo. Domingo último, fui assistir a umas carreiras que se realizavam na cancha do Amorim. O resultado disso é que estou queimado até hoje com três distintos cidadãos: José Joaquim de Carvalho, Floriano Neves e Leonídio Garcia. O primeiro, porque, aproveitando-se da minha ignorância nesse gênero de esporte, ganhou-me 15\$, o segundo, porque, da mesma maneira, ganhou-me 10\$, e o último, porque me levou lá. Agora, eu sei, não adiantam reclamações nem choros. Deve-se ser fatalista. Quem me mandou jogar logo naquela égua encarnada ordinária? Porque ao joguei logo na zaina?... P.1

18/8/1940 Cachoeira progride! Tem se verificado nesta cidade, no decorrer dos últimos anos, um aumento bastante considerável, no número de suas novas construções, mormente no ano presente. Para que se possa fazer uma idéia precisa do progresso da cidade, sob esse ponto de vista, vamos recorrer aos dados estatísticos, visto que a eloqüência dos números não poderá ser contestada. Para isso, nos dirigimos à Repartição Central da Prefeitura, onde nos foram fornecidos os seguintes dados: de junho de 1938 a junho de 1939, o número de novas construções verificado nesta cidade, foi de 206. De junho de 1939 a junho de 1940, esse número atingiu a 295. Donde se constata que, de um ano para outro, em igual período, registrou-se um aumento de 89 novas construções. Verifica-se, outrossim, em face desses dados que nos foram fornecidos, que o número dessas construções, durante o período: junho de 1939 – junho de 1940, atingiu ao número de 295, o que equivale a dizer que, no espaço de um ano, se construiu quase um prédio por dia nesta cidade. O número de prédios existentes na cidade, atualmente, atinge a soma de 3.723. P.1

29/8/1940 Dois presos evadiram-se da cadeia civil desta cidade. A evasão foi meticulosamente preparada e habilmente executada. Na madrugada de sábado para domingo último, fugiram da cadeia civil desta cidade dois presos que ali se achavam, um já condenado por 6 ½ anos de prisão na última sessão do Júri e o outro que estava respondendo a processo por ter arrombado, há algum tempo, conforme noticiamos, o armazém da empresa de Navegação de Cachoeira Ltda. P.3

22/9/1940 Noticiário. Novo armazém para Viação Férrea. De há muito se fazia sentir a necessidade de um novo armazém para a Viação Férrea, em vista da pequena capacidade do atual existente, em relação ao grande movimento de mercadorias desta praça. O novo prédio terá de dimensões 90 metros de comprimento por 13 de largura. Em consequência disso, haverá um aumento de duas linhas para atender o novo armazém. P.3

24/11/1940 Noticiário. Roubo e depredações nos automóveis que estacionam nas mediações da Praça José Bonifácio. De algum tempo a esta parte, tem se verificado diversos casos de roubos de pequenos objetos tais

como sinaleiras, lâmpadas, distintivos, etc, que guarnecem automóveis que estacionam na Praça José Bonifácio e adjacências, à noite, durante a sessão cinematográfica do Coliseu. Em uma das últimas noites, até os vidros de um carro fechado, foram quadrados. Por nosso intermédio, os vários queixosos solicitam das autoridades competentes as providências cabíveis no caso. P.5

28/11/1940 Noticiário. Circo-teatro Palácio. O conjunto circense acima, que tem seu pavilhão armado à Praça São João, realizou domingo, último, duas funções, uma à tarde e outra à noite, registrando uma grande assistência e agradando plenamente os trabalhos apresentados. Em virtude do mau tempo, não se realizaram mais funções no decorrer desta semana, estando anunciado para hoje, caso o mau tempo permita, mais uma função. P.3

1/12/1940 Braz Camilo. P.1 Ora, meu amigo, isso não é possível. Há engano; eu não sei absolutamente de nada. E não atino com o que lhe levou a crer que eu sabia o motivo pelo qual o Comassetto solta aquela corneta atrás dos “habitués” do Coliseu, à saída. O porque das coisas é, geralmente, atrapalhado. O melhor, é atribuir-se logo ao caso, alguma “simpatia” ou promessa. Dada a sua insistência em saber, aconselho-o no entanto, a perguntar logo ao próprio Comassetto. Dizem que não há efeito sem causa. Apesar disso, existem coisas que são porque são. De qualquer maneira, se houver algum motivo apresentável, ninguém melhor indicado para apontá-lo do que ele mesmo. O Comassetto é um sujeito muito acessível. Pergunte à ele e me diga depois... P.1

8/12/1940 Noticiário. Um esmoleiro foi de encontro a um automóvel. Ontem, às 10 ½ horas, quando tentava atravessar a rua 7 de Setembro, nas imediações da Casa Augusto Wilhelm, um esmoleiro foi de encontro a um automóvel que por ali transitava vindo da Estação da Viação Férrea, sendo colhido pelo guarda-lama traseiro direito e jogado ao chão. P.5

8/12/1940 Noticiário. Novo armazém da Viação Férrea. Terão início no dia 15 do corrente, as obras do novo armazém da Viação Férrea que será localizado no ângulo do quadro da Estação desta cidade, formado pelas ruas Júlio de Castilhos e pela Travessa da Estação. A construção desse armazém vem ao encontro de uma real necessidade que há muito se fazia sentir, dada a exígua capacidade do atual depósito de mercadorias existente na Estação local e constitui um melhoramento para o comércio, pois o referido armazém tem uma capacidade para mais de 50 mil sacos de mercadorias. P.5

12/12/1940 Forte vendaval. A forte onda de calor que há dez dias vinha atravessando este Estado era pronunciadora de forte tormenta que desabou sobre esta cidade na madrugada de ontem. O vento, que atingiu a elevada velocidade, assumindo, por vezes, as proporções de um verdadeiro tufão, ocasionou grandes estragos, destelhando e derrubando árvores, tendo posto por terra cinco grandes cinamomos na Praça José Bonifácio, interrompendo, por várias horas, o trânsito naquela via pública. Não se registram danos pessoais. P.3

15/12/1940 Depredações em automóveis. Continua a garotada, em suas travessuras de mau gosto, a depredar os automóveis que estacionam na via pública, nas imediações da Praça José Bonifácio, tirando ventilos, destorcendo parafusos, retirando pequenas peças, etc. Solicita-se providências para que cessem tais abusos, pois além dos prejuízos diretos que causam aos proprietários de veículos, podem, também, determinar acidentes de trânsito de conseqüências imprevisíveis. P.5

22/12/1940 Noticiário. Tráfego de ônibus. Temos recebido ultimamente várias reclamações a respeito do serviço de transporte de passageiros em ônibus nesta cidade, eitos pela Empresa Costa. Queixam-se os interessados de que em certas ocasiões são obrigados a uma espera de ¾ de hora, o que, como é bem de ver, causa sérios transtornos aos que necessitam desse meio de locomoção. É de esperar, pois, que a Empresa Costa ponha em tráfego mais alguns ônibus, afim de atender as necessidades sempre crescentes da população local. P.5

25/12/1940 Festas e Diversões. O “Reveillon” de fim de ano no Clube Comercial. Os dirigentes do Clube Comercial estão se movimentando desde já, na organização do grande “reveillon” de fim de ano daquela aristocrática sociedade local. Dados os preparativos que estão sendo feitos e interesse reinante nos círculos comercialistas, é de se prever que a tradicional festa do Comercial em comemoração à entrada do novo ano, seja coroada de grande êxito. P.2

29/12/1940 Festas e Diversões. A aristocrática e mais desportiva sociedade de Cachoeira... A Sociedade Concórdia está em grande movimento depois de uma trégua de 3 meses, para realizar o seu tradicional baile de gala em comemoração à entrada do Novo Ano. Comissão de festas a cuja frente se encontra o dinâmico diretor sr. Reinaldo Dill, não está medindo esforços no sentido de apresentar uma festividade na altura das tradições das mais antiga, divertida, desportiva Sociedade de Cachoeira. Diversas surpresas serão apresentadas todas de agradáveis recordações. O Jazz contratado e que pela primeira vez vai abrihantar uma festividade em Cachoeira vem precedido de um afama extraordinária. É de se prever portanto que as festas de ano novo permanecer no pensamento daqueles que irão assistir, como aliás, tem acontecido com festividades que tem sido ultimamente realizadas por esta Sociedade. P.2

1/1/1941 Natal da criança pobre. Conforme já temos noticiado largamente, será realizada hoje, às 17 horas, no Estádio Municipal, a festa de Natal para as crianças pobres, que, devido a um atraso nas primeiras providências, não pode ser realizada no dia 25 de Dezembro último. Uma comissão de damas cachoeirenses, de quem partiu a iniciativa desta festa, organizou um programa que sem dúvida alguma, alcançará o maior sucesso até hoje registrado em Cachoeira em festas desta natureza. A festa será inteiramente dedicada às crianças e constará com um alarga distribuição de presentes, sendo também servido às crianças, doces, picolés e sanduíches, a fim de que possam assistir todo o longo e interessante programa de festejos. P.11

1/1/1941 Um desconhecido perece afogado no rio Jacuí. Domingo último, pareceu afogado nas águas do Jacuí, quando se banhava no porto da Praia, um indivíduo cuja indenidade até agora ainda não foi descoberta. P.2

1/1/1941 Braz Camilo. O Baile, apesar do calor, decorra num ambiente de grande animação. Todo mundo queria penetrar nos umbrais do ano novo, dançando. Aliás, isto parece que não é mau, mesmo. Aquela loirinha, naquele vestido assim tão leve, estava de “amargurejar”. Aquela criatura misteriosa, que traz o coração do Tristão aos pulsos, parecia que tinha deixado de ser esfinge, nos areais ardentes, para se tornar quase tão imaterial e fresca como um sorvete de tostão. Numa das voltas, enquanto espoucava um Peterlongo de 20\$000, comprado ali no Libonati, um cidadão segredou ao ouvido de um amigo: - Está aí uma senhora que não desprega os olhos de ti, há tempos; com certeza, daqui a pouco, pede uma apresentação. Não pede... é minha mulher... P.1

5/1/1941 Artes e artistas. Campanha Ribeiro-Cancela estreará quarta-feira próxima, no Coliseu. Quarta-feira próxima, estreará no Cine-Tatro Coliseu a conhecida e aplaudida peça teatral Ribeiro-Cancela, a qual realizará aqui uma curta temporada de três únicos espetáculos. P.2

9/1/1941 À margem das construções prediais. Eng. Nelson Aveline. O progresso de um acidade avalia-se num determinado tempo, pelo número de construções em andamento. Assim, na vida das cidades, há momentos em que as construções prediais assumem aspectos de verdadeiros surtos de progresso, representados pelo movimento das novas construções que surgem por todos os cantos, enriquecendo o patrimônio urbano, fechando os espaços baldios nas quadras e embelezando as ruas. As cidades, muitas vezes, progredem de períodos em períodos, ritmados geralmente por condições econômicas, como sejam, expansões industriais, boa colheita ou ascensão de preços de certos produtos locais dominantes, circunstâncias que determinam a edificação em massa, de prédios industriais ou residenciais. Vezes há, em que pela dificuldade que o povo encontra para edificar, quer pela falta de capital, quer pelo encarecimento das obras, faz com que as cidades estacionem, retardando seu desenvolvimento norma, a espera das épocas de prosperidade. P.1

9/1/1941 Noticiário. Furto de relógio. Ontem, pela manhã, chegou à Joalheria Schenkel, à rua 7 de Setembro, um homem de cor preta, baixo, com uma cicatriz no rosto, que queria comparar um relógio de pulso para revender. O referido indivíduo foi atendido pela esposa do proprietário daquela joalheria, que fez um pacote de quatro relógios de pulso e entregou-o ao comprador. Este, em seguida, pediu que lhe mostrasse também óculos e indagou o preço dos mesmos. Enquanto a senhora foi indagar ao seu marido o preço dos óculos escolhidos, o estranho comprador sumiu-se da loja, levando o pacote com os quatro relógios. Levado o fato ao conhecimento da Polícia, estão sendo feitas diligências para a captura do meliante. P.3

12/1/1941 Parque-teatro Internacional. Estreou ontem, com grande êxito, nesta cidade, na Praça São João, o Parque-Teatro Internacional, que apresentou ao público números de diversões tais como balanços venezianos, aviões modernos, pescarias, to ao alvo, vira-latas, canhão de força, upla e outras novidades. O Pavilhão-Teatro, um dos maiores que percorre a América do Sul, conta com um elemento de lato valor, Flu-Flu, o Cômico que faz rir até o mais sisudo espectador. Fazem parte do repertório dessa companhia, dramas, comédias e sketches e, do elenco, Tarzan Sulamericano, o artista que se tem feito notar em todas as partes que se apresentou. P.3

16/1/1941 Noticiário. Um “pic-nic” no Capão Grande. Domingo último, o Grêmio Náutico Tamandaré ofereceu aos seus associados um esplêndido “pic-nic” nas matas do rio Jacuí, no lugar denominado Capão Grande. a festa realizou-se num ambiente de perfeita cordialidade e ordem tendo os convidados do Grêmio passado um domingo agradável naquele aprazível local. P.3

9/2/1941 Noticiário. Concedido registro no D.I.P. ao “Jornal do Povo”. Segundo informações do dr. Lourival Fontes, diretor geral do Departamento de Imprensa e Propaganda, à direção desta folha, por recomendação do Conselho Nacional de Imprensa, acaba de ser concedido registro ao “Jornal do Povo” naquele departamento. Como se sabe, todos os jornais que não obtiveram registro no D.I.P. são considerados publicações clandestinas e, conseqüentemente, sem permissão para circularem. P.3

20/2/1941 Anúncio: Prefeitura Municipal de Cachoeira. Aos Proprietários Urbanos. Para que a cidade apresente um aspecto agradável por ocasião da grande Festa do Arroz a realizar-se em março vindouro, e que por certo atrairá um grande número de visitantes, apelo para os srs. proprietários de prédios urbanos no sentido de mandarem cair as fachadas de seus edifícios que por ventura não estiverem em condições. Cachoeira, 14 de fevereiro de 1941. Ciro da Cunha Carlos, Prefeito Municipal. P.1

27/2/1941 Carnaval. Carnaval de rua. Apesar da grande concorrência, o carnaval de rua não se revestiu da mesma animação notada nos festejos realizados nas sociedades locais. Não houve como nos anos anteriores, entre os inúmeros populares que enchem literalmente a artéria principal da “urbs”, jogos de lança-perfume, confeti e serpentinas. Apenas os cordões e blocos se fizeram notar nos folguedos com suas canções e marchas carnavalescas. Durante os três dias do Reinado de Momo, os cordões carnavalescos “Filhas do Trabalho”, “Floresta Aurora”, “O nome vem depois” e “Carurú” se apresentaram realizando passeatas ao ritmo de sua marcha. P.2

27/2/1941 Carnaval. Os bailes nos Clubes. Os festejos carnavalescos deste ano correram muito animados nos clubes locais, por ocasião dos diversos bailes. O Clube Comercial levou a efeito em seus salões, artisticamente ornamentados pelo escultor Torquato Ferrari, quatro animadíssimos bailes, especialmente o de terça-feira, que se prolongou até às 6 ½ horas da manhã do dia seguinte. Tanto no baile de domingo como no de terça-feira, as danças foram abrilhantadas por dois ótimos “jaz”, o do maestro Horn e o conhecido “Jaz” de Montenegro. Realizou também o mesmo clube uma animada reunião infantil, à tarde de terça-feira. P.2

9/3/1941 Festa do Arroz. Regressou de Porto Alegre, ante-ontem, o Prefeito Ciro Carlos, que se avistou com o Cel. Cordeiro de Farias, Interventor Federal, tendo assentado com S. Exma. o programa definitivo das festas oficiais. O Interventor Oficial atendendo ao apelo que lhe dirigiu o Prefeito, em nome da Comissão Central, permanecerá em Cachoeira durante o período de festas, participando, pessoalmente, de todas as cerimônias. O Secretariado do Rio Grande também participará, através de seus titulares, das festividades projetadas. P.6

9/3/1941 Noticiário. Visitas. Estão nesta cidade, tendo nos dado o prazer de suas visitas, os cenógrafos porto-alegrenses, srs. Américo Azevedo e Luiz Borba, que aqui se acham contratados pelas firmas Alaggio & Cia., Mernack & Cia., e Associação do Comércio e Indústria de Cachoeira e Club União Familiar, para confeccionarem os carros alegóricos dessas firmas e entidades que tomarão parte na grande parada da “Festa do Arroz”. P.5

9/3/1941 Braz Camilo. Os cachoeirenses em geral, numa pujante demonstração de sólida educação desportiva congregaram-se para a grande Festa do Arroz do Rio Grande do Sul, nesta cidade, a começar hoje. Come-se arroz, bebe-se arroz, dorme-se arroz, compra-se arroz, vende-se arroz, enfim, só dá arroz na caixa. Para que não digam que eu não sou patriota, já decretei lá em casa, seis dias de arroz. Quer isto dizer que de hoje ao próximo sábado, nenhum outro alimento grosseiro maculará o lustre alvinitante das brunidas panelas que ornaram a minha farta cozinha. P.1

13/3/1941 Festa do arroz no Rio Grande do Sul. Embandeiramento das residências. Embandeiramento das residências e estabelecimentos comerciais – iluminação e ornamentação das fachadas de edifícios. A Prefeitura Municipal e a Comissão Central da Festa do Arroz dirigem caloroso apoio aos cachoeirenses para que, nos dias 14, 15 e 16 do corrente, seja hasteada em todos os estabelecimentos comerciais, repartições públicas, Bancos e casas comerciais, a Bandeira Nacional. Pede, ainda que os moradores da rua 7 de Setembro e rua Júlio de Castilhos por onde desfilará o cortejo alegórico, ornamentam as fachadas de suas residências. Ciro da Cunha Carlos, Prefeito, Presidente da Comissão Central. P.4

13/3/1941 Festa do Arroz do Rio Grande do Sul. Festa campestre. Apelo às senhoritas cachoeirenses. A comissão incumbida da organização da grande Festa Campestre, que terá lugar na tarde de 14 do corrente, na empresa do Cedro, de propriedade dos srs. João Castagnino & Cia., dirige veemente apelo às senhoritas de nossa sociedade, para que, emprestando à Festa o realce da graça feminina, compareçam em trajes camponeses, de acordo com as sugestões que serão apresentadas pela Comissão. A ostentação de trajes típicos do campo daria ao ambiente da Festa uma nota bizarra e interessante, numa reunião em que se procura realçar a glória da lavoura. P.4

16/3/1941 Festa do Arroz. Cachoeira realiza, vitoriosamente, desde domingo passado a sua grande Festa do Arroz. Iniciativa de um grupo de cachoeirenses empreendedores e dinâmicos, a Festa encontrou o mais decidido apoio tanto de parte da população local como dos poderes públicos. Cachoeira necessitava, realmente, de uma demonstração de trabalho da natureza de que se está processando sob os municípios da União Central de Riscultores. P.1

16/3/1941 Braz Camilo. Já ando até aqui com a Festa do Arroz. Ando mesmo por conta. É que ela tomou posse de tudo, não deixando se tratar de mais nada. Até o jornal, foi quase que absorvido pelo assunto dominante. Tiveram até a sinistra intenção de me abiscoitar esta sexta coluna para aproveitarem o seu espaço em mais coisas sobre esta festa. Vão pros diabos. Não os topo desse jeito. Por uma consideração toda especial e para que não digam que eu sou um sujeito burro e teimoso, cedo, no entanto, um pedaço. P.1

4/5/1941 O recital de Ubirajara Moreira. Realizou sexta-feira última, o seu anunciado recital no Cine Teatro Coliseu, o aplaudido artista Ubirajara Moreira. O espetáculo que constou de um variado programa agradou imensamente ao numeroso público que ocorreu àquela noite à popular casa de diversões da empresa Comassetto

& Carvalho. Ubirajara com seus contos e anedotas arrancou fracas gargalhadas e vibrantes aplausos da assistência. P.2

8/5/1941 Até ao meio-dia de terça-feira a enchente atingiu o seu nível máximo. O nível das águas que começara a baixar de sábado para domingo, com as torrenciais chuvas desses dois dias, voltaram novamente a subir, atingido ao meio dia de terça-feira o seu mais lato nível, superando de 35 centímetros o nível atingido semana passada, que havia sido o maior até então conhecido em Cachoeira. P.3

8/5/1941 Braz Camilo. Entre aquelas centenas de pessoas que diariamente se acham na frente do edifício da Prefeitura, esperando a sua requisição para irem a um armazém retirarem alguns comíveis para manter o esqueleto de pé, estava ontem o Belmiro. Quando chegou a sua vez, o encarregado da distribuição estrilou: - Então, o senhor também é flagelado? Com toda essa roupa e com tão boa aparência!... - Ué! Está claro. Queria decerto que, para receber alguns quilos de feijão, eu viesse aqui com a perna quebrada e com a roupa do lado avesso?... P.3

11/5/1941 Noticiário. A molecagem da rua Júlio de Castilhos. Há algum tempo, atendendo a um pedido dos moradores da Rua Júlio de Castilhos, no trecho compreendido entre os trilhos da Viação Férrea e o Hotel Schott, reclamamos às autoridades policiais providências para a repressão ao abuso praticado por elevado número de moleques naquela via pública. Atendendo então a esta justa reclamação, o sr. Muniz Reis, Delgado de Polícia desta cidade, fez comparecer à Delegacia, inúmeros desses menores, fazendo-lhes preleções sobre a maneira de como se devem portar na rua e avisando-os das penalidades a que estariam sujeitos se continuassem na prática dessas molecagens. Com essa medida, cessou um pouco o abuso, voltando no entanto, agora, segundo nos informam moradores daquela zona, a se repetirem fatos idênticos aos que então apontamos. P.5

15/6/1941 Noticiário. Abusos no cinema. Em outro local desta folha estamos publicando um aviso segundo o qual a Delegacia de Polícia de Cachoeira, fará se retirar do recinto do Cine Teatro Coliseu todo o assistente que se portar de modo inconveniente, perturbando a sessão e faltando com respeito às exmas. famílias. Merece inteiro aplauso essa imposição familiar, pois freqüentemente se ouve naquele cinema, a propósito dos principais lances do filme, partes ruidosos que, além de serem de péssimo gosto, constituem numa verdadeira falta de respeito para com a assistência. P.5

29/6/1941 Mais um aniversário. Marca o dia de hoje a passagem de mais um aniversário do “Jornal do Povo”. Vida relativamente curta. Mas profundamente vivida. Temos vivido e vivemos, pois, numa atmosfera favorável. As coisas se tecem de maneira tornar a vida jornalística absolutamente tranqüila. Não tem havido dificuldade para servir aos leitores, sempre exigentes e glutões de novidades, os pratos mais saborosos, mais raros e mais sensacionais. A matéria prima mantém-se ao simples alcance da mão. Fica-nos apenas o mister da condimentação dos acepipes, da ornamentação dos pratos, a que se reduziu o papel de imprensa. A imaginação tornou-se elemento desnecessário. A realidade, muito mais interessante, tomou-lhe lugar. A missão do observador fez-se, também, difícilíssima. A barafunda da situação, encarrega-se de encobrir a linha dos acontecimentos. Estes desmentem de contínuo as mais sensatas e prudentes. De forma que a prudência e a sensatez aconselham, melancolicamente, que nos abstenhamos de opiniões, que nos recolhamos à simples posição de registradores do que se passa. P.1

13/7/1941 Braz Camilo. Pelas colunas desse jornal, disse, há dias, com muita razão o meu ilustre amigo dr. João Minssen que, com a existência do nosso modelar estabelecimento, embora se considere perfeitamente resolvida a questão hospitalar nesta cidade, ela ainda não está pendente de solução, porquanto cada vez se torna mais precária a vida do Hospital, em face da flagrante desproporção entre a arrecadação e o montante das despesas para a sua manutenção, de fato este explicável pelo simples aumento de que aumenta dia a dia o número de doentes pobres enquanto que doentes que podem pagar diárias, se deixam ficar em suas casas, ou nos hotéis, ou pensões. O articulista termina apelando para que estes também o procurem, não deixando desta forma desmerecer e diminuir a mais bela iniciativa de quantas já lograram tornar-se realidade em Cachoeira. P.1

20/7/1941 Braz Camilo. Usando de franqueza, acho que a coisa não vai bem. Esses dias frios como picolé, deixam a gente por conta, atordoado dos cascos mesmo. Acho que isto merecia uma providência. Também tudo deve ter seu limite, que diabo! Não é por nada, mas é que esta temperatura altera o sistema nervoso do indivíduo tornando-o até irascível. O que já é chato por natureza, torna-se então insuportável. P.1

27/7/1941 Os tipos populares de Cachoeira O tipo popular consiste numa nota obrigatória na vida das cidades. Não se aponta com efeito, uma cidade que não possua suas figuras vulgares. A nossa Cachoeira não escapa à regra: atualmente, o Lindor com seus discursos epiléticos... a Virgilina, a filósofa... o Pedro Lord são os tipos populares que perambulam por aí, um anota bizarra às ruas da cidade ou desafiando os dichotes da molecada irrequieta... entretanto, vem-nos à memória neste momento, tipos populares da Cachoeira de outros tempos... não faz muito que tombou estupidamente sem vida, justamente em uma noite de finados, ali entre os canteiros da Praça José Bonifácio, agora completamente reformada e modernizada pela atual Administração Municipal, o

Bonifácio, tipo vulgaríssimo nos anais da cidade... Quem não se recorda do Bonifácio? Quase sempre alcoolizado, conhecia, entretanto, mesmo quando a “branquinha” fazia sentir os seus efeitos de maneira mais violenta, a maior parte das famílias cachoeirenses, bem como as suas crônicas e procurava fazer sempre comentários, as vezes elogiosos porém a maior parte das vezes desairosos, referindo-se às pessoas que passavam pelas ruas. O que é verdade é que causava admiração o fato dele conhecer ele quase “tintin por tintin” a vida mais ou menos íntima de muitas dessas famílias pois, em determinadas ocasiões, procurava, em pleno público, descrever os pormenores de incidentes ocorridos por pessoas de nossa sociedade e então desfiava aquele rosário imenso de desaforos... e os “podres” da pessoa alvejada que, despreocupadamente transitava pelo local, eram expostos em toda sua nudez, à luz meridiana... Se quisermos ir mais longe, lembramo-nos do “Capitão Zuavo”, crioulo velho veterano da Guerra do Paraguai, que costumava passear pelas ruas, ostentando com impotência sua farda, repetindo, constantemente, com a sua voz cavernosa, a frase: “Caçapava morre seca e não se entrega!” O preto “Miguel do Balaio”, que saía à rua unicamente à noite, foi outra figura singular, como também o Cangica que, em qualquer ponto da cidade em que se encontrasse, atraía a petizada, que o importunava várias tremendas, desafiando a sua ira que, quanto mais violenta que, quanto mais violenta se fazia sentir, tanto maiores chacotas provocava... Recordamos ainda, a Rita dos Cachos e a figura inesquecível do “Tio Estevão”, que transitava diariamente pelas ruas cantando... sempre cantando... para afugentar as tristezas... Foi ele quem inspirou o saudoso vate cachoeirense major Ernersto Barros, quando este escreveu a Revista “O Arroz”, de costumes locais, levada à cena nesta cidade, anos atrás, pelo Companhia Ribeira Cancela, revista que tinha como principal personagem o Tio Estevão. Os antigos moradores da cidade lembram-nos também a figura do “João Rabequilha”, índio velho que costumava obsequiar os cachoeirenses que costumavam visitar aos domingos, com lindas uvas do vasto parreiral que possuía ali na Aldeia. Dizem que os sábados, o Rabequista costumava percorrer as ruas da cidade tocando rabeça e se fazendo acompanhar da cachorrada que, com grande carinho, hospedava em sua moradia... A respeito do João Rabequista, o saudoso e brilhante jornalista Virgílio de Abreu escreveu, certa vez, linda crônica, que foi publicada na imprensa local. E aqui fica a presente crônica como uma homenagem a essas figuras populares, a maior parte delas desaparecidas, que tanto contribuíram para fazer desaparecer a monotonia das ruas de nossa Cachoeira... P.3

25/9/1941 Noticiário. Cachoeira terá uma ambulância automóvel Afim de dotar esta cidade de um serviço que preencha a necessidade que há em atender prontamente a qualquer caso clínico de urgência, um grupo de senhoras de nossa sociedade tomou a si esse empreendimento que encerra um alta finalidade, promovendo uma série de medidas que facultarão a aquisição de uma ambulância automóvel. Para isso estão sendo organizados festivais cujo produto será aplicado na referida compra. Iniciando essas festas de benefícios, no dia 7 do mês de outubro, vindouro no Cine-Teatro Coliseu um grandioso espetáculo cinematográfico cujo produtos é dos mais atraentes. Nele atuarão Anabela e Robert Young, em “Não se amam por encomenda”, além de outros filmes. Por uma especial concessão da empresa Comassetto, Carvalho & Cia. Ltda., gesto que encerra um elevado espírito de compreensão, todo produto do espetáculo reverterá em benefício do empreendimento. Durante um dos intervalos da sessão cinematográfica, se procederá o sorteio de dois lindos prêmios, concorrendo cada espectador, para o sorteio, com sua própria entrada que será numerada. P.3

9/12/1941 Locomóvel construída na firma Mernak P.5

14/12/1941 Bataclan, o tal, vem aí. Deverá chegar hoje a esta cidade, pelo trem da tabela, o sr. Cândido José dos Santos, o popularíssimo propagandista verbal, Bataclan. Bataclan, que é conhecido em várias capitais do país pelas suas originalíssimas propagandas, acaba de ser contratado pelas casas Bacchin, desta cidade, e se apresentará hoje mesmo ao público cachoeirense. Bataclan, segundo tivemos oportunidade de ver num luxuoso álbum que nos foi apresentado, vem precedido dos maiores elogios da imprensa do país. P.2

4/1/1942 Festas e Diversões. Os bailes de fim de ano nas sociedades. Em todas as sociedades locais se realizaram os tradicionais bailes de fim de ano, os quais se revestiram, como de costume, do maior brilhantismo. Dentre essas festividades de Ano Bom merece especial destaque o baile realizado no Clube Comercial, na noite de 31 de dezembro para 1º de janeiro o qual alcançou uma invulgar animação. Nas últimas horas do ano de 1941, já se achavam repletos os salões daquela aristocrática sociedade. A começar o ano de 1942, entre as maiores manifestações de alegria e os mais efusivos cumprimentos entre os presentes à festa pelo Novo Ano que surgia, tiveram início as danças, compassadas por uma ótima orquestra contratada especialmente para aquele fim. O baile, como já dissemos, correu animadíssimo, prolongou-se até as seis horas do dia seguinte, quando se retiraram do salão os últimos pares. P.2

22/1/1942 Festas e Diversões. Garden Party na praça Borges de Medeiros. Promovido pelo Cock-Tail Clube realizar-se-á, sábado próximo, 24 do corrente, às 19 horas, um Garden Party, o qual terá lugar na Praça Borges de Medeiros, à rua Júlio de Castilhos, cedida gentilmente pela Prefeitura Municipal para esse fim. Nota-se desde já uma grande animação para essa reunião social que é uma das muitas e vitoriosas realizações do Cock-Tail Clube. Pelos organizadores desta elegante festa estão sendo distribuídos os respectivos convites. Num dos pontos mais aprazíveis e adequados para reuniões dessa natureza, como é a Praça Borges de Medeiros, será levada a

efeito sábado uma das mais atraentes festas da sociedade local, estando já em organização um completo serviço de copa no próprio local do qual é encarregado o sr. Valdemar Duarte. O traje para as senhoritas que comparecerem ao Garden Party, deverá ser de chita, estando instituído um prêmio para aquela que se apresentar com o vestido mais original naquele tecido. Haverá, no recinto do jardim, mesas para os convidados, que serão reservados mediante pedido feito ao sr. Otelo Zinn. A orquestra do maestro Horn abrilhantará a reunião. P.2

26/2/1942 Noticiário. Cães vadios. Diversos moradores locais, proprietários de quintas, tem vindo a esta redação, pedir por nosso intermédio para que sejam tomadas providências contra o fato de andarem soltos pelas ruas, grande número de cães vadios que, em matilhas, invadem à noite as propriedades, danificando grandemente as quintas, hortas e jardins. P.3

12/3/1942 Grande manifestação cívica nesta cidade. Sábado próximo, às 19 ½ horas, será realizada nesta cidade, uma grande manifestação popular de protesto contra os repetidos afundamentos de navios brasileiros em águas americanas por parte dos submarinos do eixo, contra a prisão dos nossos representantes diplomáticos o Japão e de solidariedade ao governo brasileiro pela atitude que tem assumido em face desses ataques à nossa soberania. Vários oradores, escolhidos entre os elementos de maiores destaque intelectual de Cachoeira, esclarecerão o público através das palavras vibrantes de fé em nossos destinos e profligarão com veemência e elevação de espírito, os atos desnacionalizados daqueles súditos no eixo que residindo ao Brasil se esquecem dos seus deveres de lealdade para com o nosso país e se entregam às atividades contrárias aos mais altos interesses nacionais. Cachoeira viverá nesse dia horas de intenso civismo e o espírito popular aparecerá na sua verdadeira pujança, num aprova de decisão e firmeza tão necessária o grave momento internacional que o Brasil atravessa. Por nosso intermédio os promotores dessa manifestação convidam a comparecer na Praça José Bonifácio, às 19 ½ horas de sábado próximo, 14 do corrente, as autoridades civis, militares, eclesiásticas, corpo docente e discente dos estabelecimentos de ensino e ao povo em geral de Cachoeira e de seus distritos, encarecendo, outrossim, que a atenção dispensada às palavras dos oradores será uma forma de cada cidadão cumprir com o seu inalienável dever de se por a par dos graves acontecimentos que estão se desenrolando em torno do nosso país. P.2

19/3/1942 Agitados os meios estudantis da cidade. Cachoeira vem acompanhando há dias com o maior interesse, um caso talvez único no Estado - a reação de alunos contra uma professora que faz pregação nazista nas aulas. P.2

19/3/1942 O comício de Cachoeira. A manifestação cívica que se realizou nesta cidade, sábado último, merece ser apreciada detidamente. Esse movimento de opinião em que foi demonstrado claramente qual os sentimentos que animam a grande maioria dos brasileiros contra as pretensões do domínio nazista, tem aqui em Cachoeira uma significação toda especial. Além de exprimir a tendência generalizada da mentalidade nacional em face das ideologias alemãs, essa manifestação do povo cachoeirense assume um caráter particular, pois é precisamente neste município riograndense, onde a opinião se revelou tão contrárias às intenções nazistas, que existe um dos mais importantes núcleos da raça germânica, constituído tanto de elementos dedicados à colonização de terras, como à indústria onde o nível cultural é mais elevado. Nem por isso a influência que a atividade nazista pretendeu exercer em nosso meio teve o poder de amolentar o espírito cívico dos cachoeirenses. Tal fato comprova um modo impressionante a inaceitabilidade dos métodos daqueles que há dezenas de anos vivem em estreito contato conosco participando do mesmo meio nacional. É por esse motivo que a manifestação de Cachoeira tem um significado particular, e ainda representa uma advertência àqueles que acreditam ser possível que a nossa mentalidade nacionalista se amoldasse às concepções políticas de uma raça que, embora vivendo em nosso meio, usufruindo das nossas especiais condições e gozando de nossas superiores liberdades, num dado momento da história se serve justamente desse meio, dessas condições e dessas liberdades para proclamarem direitos de predomínio além dos nossos e exerce atividades surpreendentemente estranhas à nossa soberania. P.1

2/4/1942 Noticiário. Reaberta a Sociedade Concórdia. A Sociedade Concórdia que há tempos fora fechada por determinação da Repartição Central de Polícia, foi agora, por esta mesma entidade, mandada reabrir, sendo designado para seu presidente o sr. João G. Santos, o qual, oportunamente, mandará proceder a uma nova eleição d diretoria. P.3

10/5/1942 Mineral de Cachoeira utilizado contra o Brasil. É o caso que examinamos detidamente uma série de fatos que se desenvolveram em nosso Estado e em nosso município, poderemos chegar à conclusão de que os navios brasileiros que tem sido afundados pelos nazistas, foram torpedeados por submarinos cujos periscópios são constituídos com material nosso, exportados desse município para a Alemanha, antes da guerra! Um alemão, residente neste município de Cachoeira, enviou até bem pouco tempo antes da guerra, para seu país, por intermédio da firma Siemens & Schukert, de Porto Alegre, grandes quantidades de cristal de rocha extraídas de Dona Francisca, 5º distrito de Cachoeira. Esse mineral que é matéria prima de ótima qualidade para fabricação de vidros especial, empregados em aparelhos de ótica, talvez seja aquele mesmo utilizado nos periscópios dos submarinos, que tem posto a pique os nossos navios marcantes. Assim estaríamos sendo vítimas dos nossos

próprios recursos, manejados por um inimigo que se apresenta sob uma forma tão absurdamente traiçoeira. E aquilo que não era crível pelo fantasticamente amoral, será hoje uma das mais duras realidades que teremos que enfrentar. P.1

14/5/1942 Braz Camilo. Não sou entendido em negócios, mas como existem artigos que de maneira alguma se explica a sua alta, tenho a impressão que a carestia atual é fruto de círculo vicioso, mais ou menos assim: por um motivo qualquer, o negociante aumenta os preços de suas mercadorias; o agricultor, o verdureiro, o lenheiro, o carvoeiro, para tirarem o talo, aumentam também o preço de seus produtos; em vista disso o negociante aumenta mais ainda, e os outros idem e, desse modo, vai tudo nesse crescendo assustador. Aliás, um comerciante acreditado me explicou que: “Negócio: em bom português é uma espécie de cadeia, que a nossa mão principia, e acaba na bolsa alheia...” P.1

28/6/1942 De Cachoeira e para Cachoeira. Não foi de caso pensado que chagamos a esta conclusão comprometedora. Fixada, entretanto essa relação entre o público e a imprensa, nada mais natural do que perguntamos aos cachoeirenses: - Estais satisfeitos com o Jornal do Povo? De nossa parte, diremos que o “Jornal do Povo” está satisfeito com Cachoeira. Diz-nos o resultado do aut-exame a que nos submetemos, que ele tudo tem feito, dentro dos limites dos recursos que lhe são postos aos dispor, para que Cachoeira possua a imprensa que merece. Eis porque, apresentando a sua melhor fisionomia, jovial e otimista, aqui está o “Jornal do Povo” festejando mais um aniversário, disposto a continuar a tomar a sério a deliberação que determinou o seu aparecimento, isto é, de ser um jornal de Cachoeira e para Cachoeira. P.1

5/7/1942 Reabertura do café “A Carioca”. Completamente remodelado e de acordo com as exigências estabelecidas pelo Posto de Higiene local, reabriu ontem o Café “A Carioca” que há uns três meses havia fechado. No popular Café da Praça José Bonifácio, agora sob a gerência do sr. Júlio Zanenga de Porto Alegre, foi oferecido ontem, até no meio-dia, um cafezinho grátis a todos os seus amigos freqüentadores. P.5

12/7/1942 Braz Camilo. Tempo esquisito e besta esse. Primeiro a temperatura desceu, desceu até o termômetro não marcar nada ou marcar zero, que é a mesma coisa. Depois, como o contador da luz daquele conhecido fígado local, enguiçou e começou a dar para trás, isto é, a ir descendo, descendo abaixo de coisa nenhuma. Nessa ocasião, um amigo meu contou-me, aliás, muito confidencialmente, que, em sua casa, chegou a assinalar 24 graus abaixo de zero. A seguir, no entanto, vieram dias bonitos de sol e de calor. Mal a gente ia se entusiasmando com aquele ambiente tão distinto e vem essa nova onda mais osca do que a anterior. É o pior de tudo, como muito bem disse aquele eminente cronista patricio, é que a gente chega a ficar parado, sem ânimo para fazer força de tanto frio no físico. Se a temperatura continuar nessa marcha forçada para o oeste, vai terminar o termômetro arrebentado... P.1

10/9/1942 Nasceu com um V na frente. Por uma coincidência que se torna ainda mais extraordinária no atual momento por que passa o mundo, nasceu nesta cidade uma criança que tem na frente um nítido V, sinal que hoje constitui o símbolo da vitória. P.3

4/10/1942 Reuniu-se, ontem, a Comissão de defesa passiva anti-aérea de Cachoeira. Em sua sede, no edifício do Coliseu, 1º andar – sala 2, reuniu-se ontem, à tarde, com o comparecimento da quase totalidade de seus componentes a Comissão de Defesa Passiva Anti-Aérea de Cachoeira. Nessa ocasião, serão estudados detalhes da defesa passiva anti-aérea e combinados vários exercícios, entre os quais o escurecimento da cidade, bem como as diversas medidas relacionadas com esse processo de defesa da população civil. P.2

11/10/1942 No dia 20, terá lugar o primeiro exercício de “Black-out” em Cachoeira. Ficou assentado, também, que será construído em ponto central da cidade, um “abrigo trincheira”, coletivo, bem como serão abertos túneis onde a natureza do terreno se prestar para esse fim. Esses trabalhos serão iniciados também nos primeiros dias desta semana. Segundo deliberação da referida Comissão, o primeiro exercício de escurecimento da cidade, terá lugar no dia 20 do corrente. O sinal para o escurecimento será dado pelas sirenes, sinos das diversas igrejas, ficando todos os estabelecimentos industriais que possuam máquina a vapor obrigados a repetir o sinal de alerta por meio de apitos. Toda pessoa que não atender o sinal, isto é, que não apagar as luzes em sua casa, incorrerá nas penalidades da lei. P.2

22/10/1942 Braz Camilo. O que me chateou foi esse exercício de defesa passiva. Há dias que vinha me preparando, e, quando chegou a ocasião, também não vi níquel. Escuridão completa. Se isso é blecaute, há tempo que estou nocaute... P.1

22/10/1942 Cachoeira teve, ante-ontem, o seu primeiro exercício de “black-out”. Terça-feira última, Cachoeira fez a sua primeira experiência de defesa passiva anti-aérea, com o escurecimento total da cidade. O exercício, estudado em todos os seus detalhes pela Comissão de Defesa, realizou-se com pleno sucesso, demonstrando uma parte o interesse das autoridades na defesa das cidades e de seus habitantes, e de outra uma perfeita compreensão de tão importante assunto por parte da população cachoeirense. Às 20,30 horas foi dado o sinal de alarme aéreo pelas sirenes, seguido do badalar de sinos e apitos, conforme constava nas instruções profusamente distribuídas

pela imprensa. Logo a seguir, começaram a se observar todas as medidas prescritas naquelas instruções, ficando a cidade mergulhada na mais completa escuridão, tendo a população cumprindo todas as partes das instruções para o caso de alarme anti-aéreos. Quarenta minutos após o primeiro sinal, foi dado o sinal de “tudo limpo” voltando a cidade ao seu estado habitual. P.2

22/10/1942 Noticiário. Reclamações. Pessoas interessadas, reclamam, por nosso intermédio, a quem de direito, providências no sentido de que se proibam que soltem pandorgas dentro da cidade, as quais, enrolando-se nos fios, tem provocados circuitos na iluminação pública e particular. – Por outro lado, pedem-nos reclamar também contra o costume que vem se acentuando novamente na cidade, da gurizada jogar “foot-ball” nas calçadas, prejudicando, assim o trânsito de pedestres. P.3

29/11/1942 Duas pessoas suicidaram-se. Segundo informações que colhemos, no dia anterior, quarta-feira, Augusto Ristow, andou por várias casas comerciais procurando comprar uma corda, não muito – dizia – três metros, apenas que era para se enforcar, não sendo porém, levado à sério, pois nenhum dos que o atenderam puderam julgar que ele pensasse realmente em executar semelhante ato de desespero. Na madrugada de quinta-feira última, no entanto, seu corpo foi encontrado balouçando de uma ordem num galpão à rua Pinheiro Machado, 1.400. Osvaldo Müller pôs termo à existência às 17 horas, sentado à mesa no Bar Peterson. Poucos minutos antes de levar a cabo seu tresloucado gesto, estivera ele palestrando calmamente com pessoas de suas relações. Após, entrou ao referido bar e pediu um aperitivo e uma água tônica. Adicionou cianureto, pediu um lápis a uma das pessoas que se achavam perto e misturou bem a droga. Ingeriu a se deixou ficar no mesmo lugar, debruçando-se sobre a mesa. Um dos proprietários do bar, que o atendeu, julgou que ele estivesse dormindo, vindo a se descobrir só meia hora mais tarde, que, de fato, estava morto. P.5

29/11/1942 Noticiário. Fabricação dos gasogênios “Igor” em Cachoeira. Devidamente autorizado pelo seu inventor, sr. Inácio Ortmann, de Novo Hamburgo. O sr. Edgar Fahy, proprietário da oficina mecânica “Universal” estabelecida nesta cidade, à rua Saldanha Marinho, iniciou a fabricação aqui dos conhecidos gases “Igor”. O gasogênio “Igor” é construído especialmente para caminhões de carga e tratores. No entanto, o sr. Edgar Fahy está fabricando, também, outro tipo, de sua invenção, denominado “Fáisca”, menores, especiais para autos ou caminhonetes. P.5

6/12/1942 Noticiário. Campanha em prol do enterro de pobres. Por iniciativa da União de Mocós Católicos, Cachoeira vai ter em breve uma caminhonete adaptada para o enterro dos pobres. P.5

6/12/1942 Noticiário. Fábrica de camisas anexo a casa Bacchin. A Casa Bacchin – secção de artigos para homens, acaba de anexar ao seu estabelecimento, à rua Júlio de Castilhos, 121, uma moderna fábrica de camisas da marca “Dabacol Batex”. Contando com profissionais competentes e um variadíssimo sortimentos de tricolinas, fulares e sedas, a Casa Bacchin está, assim, aparelhada para executar qualquer encomenda de camisas e pijamas sob medida. As camisas “Damacol Batex” caracterizam-se pelo seu moderno feitio e pelos seus colarinhos inrugáveis e flexíveis. P.5

13/12/1942 Vida desportiva. Canchas para basquete e voleibol. Prosseguem, conforme temos noticiado, ativamente os trabalhos de construção das canchas de basquete e voley-ball que a Municipalidade está mandando construir na Praça José Bonifácio, as quais serão possivelmente das melhores do Estado. P.2

17/12/1942 Notas locais. Cachoeira é uma cidade cuja população tem aumentado consideravelmente. Devido, porém, a certas circunstâncias que se relacionam intimamente com as exigências do serviço público, essa população que cresce procura geralmente, como zona de moradia, os bairros onde ainda não chagaram aqueles serviços, que embora indispensáveis para a cidade, tornam muito elevado o custo das habitações. P.4

17/12/1942 Notas locais. Cachoeira é uma cidade cuja população tem aumentado consideravelmente. Devido, porém, a certas circunstâncias que se relacionam intimamente com as exigências do serviço público, essa população que cresce procura geralmente, como zona de moradia, os bairros onde ainda não chagaram aqueles serviços, que embora indispensáveis para a cidade, tornam muito elevado o custo das habitações. P.4

3/1/1943 Notas locais. Isso não justifica, porém, as caçadas que os guris organizaram contra os pardais nas árvores da Praça José Bonifácio. Ali não é lugar para exercícios de bodoque ou pedradas. A segurança dos transeuntes e das vidraças, bem como a ordem que deve reinar naquele local exigem que essas manifestações de vadiagem e mau gosto tenham seu termo. P.4

3/1/1943 Notas locais. A Praça José Bonifácio não é lugar para caçadas. Nem para torturas. Na tarde do último dia de 1942, foi instalado ali um alto falante. A propósito da propaganda que ele irradiou nada temos a dizer nem é da nossa conta. Estamos certos, porém, que a finalidade daquele aparelho não era absolutamente a de chatear. Longe disso, seria a de alegrar o público ali presente com boa música, para que depois de criado assim um ambiente de boa vontade, a propaganda tivesse mais eficiência. Mas ouve um engano técnico. O alto-falante fazia lembrar um daqueles gramofones que em 1910 alarmavam em Cachoeira contra uma vizinhança. O som

estridente e irritante como o afiar das unhas. Além disso, o aparelho emitia de vez em quando uns roncões de fera mortalmente ferida. O útil deve ser unido ao agradável. Ao desagradável, é inútil. P.4

7/1/1943 Notas locais. Com esses dias quentes são inúmeras as pessoas que vão se banhar nas tranqüilas águas do Jacuí. A praia e a cachoeira do Fandango são os pontos prediletos dos banhistas. P.4

10/1/1943 Notas locais. Cachoeira já adquiriu por vários títulos foros de uma das cidades mais adiantadas do Rio Grande do Sul. O problema da mendicância estava, porém, relegado para um plano inferior aquele que realmente constitui. Nas sociedades modernas a situação dos necessitados não pode mais ficar entregue a iniciativas particulares de caridade. É absolutamente necessário que uma instituição devidamente aparelhada tome a si a solução do assunto. Isto já saiu do terreno experimental e em várias cidades do Estado o problema foi resolvido satisfatoriamente, como, por exemplo, em Porto Alegre. P.4

17/1/1943 Notas locais. As taboetas que existem nos jardins públicos com os dizeres “Não pisem na grama”, “As flores também tem alma”, etc., constituem de certo modo uma nota dissonante naqueles ambientes. Não que aquilo seja inverídico e desnecessário. É que traz logo à idéia a desagradável impressão de que há, realmente, quem pise na grama e não respeite as flores. O jardim deve dar sempre uma sensação de ordem e respeito. As pessoas que o freqüentam, adultos e especialmente crianças, já devem saber como se comportar neles, mesmo antes de esbarrarem com aqueles avisos. Seria mais discreto e possivelmente muito mais eficiente que se procurasse inculcar no espírito das crianças, pela palavra, o dever que cada uma tem de se abster de qualquer ato de depredação e mesmo o de concorrer para a ordem geral. Onde se poderia conseguir esta ordem de idéias, pelo menos nos meios infantis, seria nas escolas, onde as professoras por meio de algumas preleções poderiam facilmente inculcar-lhes os preceitos elementares de conduta nesse particular. Como isso faz parte da educação, pois pelo estado de um jardim público pode-se inferir o grau de um adiantamento, de uma população, não seria demais que, por uma iniciativa local no setor da instrução, fossem tomadas algumas providências em tal sentido. P.4

21/1/1943 Notas locais. Além da necessidade de intervir, há a de prever esse desenvolvimento e orientá-lo no sentido de que ele se faça sempre em concordância com as melhores possibilidades dos serviços que exige uma cidade. Para o caso de Cachoeira seria necessário que fosse elaborado um plano diretor, dentro do qual se processasse todo e qualquer aumento e transformação urbana. Sempre com a idéia de prever o urbanismo, deveriam ser desmascarados em todos os bairros de Cachoeira, não só as suas principais avenidas, como, especialmente, os seus futuros jardins. Só dentro de uma previsão de urbanismo uma cidade pode se desenvolver segundo a melhor harmonia e de acordo com as maiores facilidades P.4

24/1/1943 Paraíso canino. Matias Pacoal. Nas horas mortas da noite, como é doce o meditar, ouvindo cães e cadelas, soltos, na rua, a ladrar. São cães de todas as raças, vindos de campos e matas, há bulldogues, há perdigueiros, policiais e vira-latas. A rua 7 transformam, num “far west” verdadeiro, tirando o sono da gente, que trabalha o dia inteiro. Ladram, correm, uivam, mordem, numa algazarra infernal, quem quiser dormir, à noite, que se mude do local. É assim, seu Braz Camilo: com a carne racionada, os cães procuram, na rua, matar a fome danada. Acabou-se a “carrocinha”. Assim, em tal desatino, Cachoeira transformou-se no “paraíso canino”. P.1

14/3/1943 Noticiário. Será iniciada dentro de breve tempo a construção do quiosque bar da Praça José Bonifácio. Conforme publicação do respectivo Edital, pela Prefeitura, foi aberta concorrência pública, para a construção e exploração de um quiosque na Praça José Bonifácio, nesta cidade. tendo se apresentado como único concorrente o sr. Alberto Tromer e estando a sua proposta enquadrada nas condições estabelecidas pelo Edital, foi ele declarado vencedor da concorrência. O sr. Alberto Tromer já firmou o respectivo contrato com a Prefeitura Municipal e muito breve fará com que sejam iniciadas as obras de construção do quiosque, cujo projeto foi elaborado na Secretaria das Obras Públicas do Estado e apresenta belíssimo aspecto pela exigência de suas linhas, o que equivale dizer que muito contribuirá para o embelezamento do mais central e mais bonito logradouro público da cidade. P.3

1/4/1943 Noticiário. Remoção de lixo. O dr. Henrique Müller de Barros, médico chefe do Posto de Higiene local, avisa, por nosso intermédio, aos interessados, que a partir de 15 do corrente, serão recolhidos pelo caminhão de lixo do serviço, todas as latas que se não acharem em condições de higiene, no perímetro urbano da cidade, conforme preceitua o art. 210, do regulamento Sanitário em vigor. P.3

13/5/1943 Noticiário. Fiscalização de pátios e quintais. O Posto de Higiene de Cachoeira vai iniciar em seguida um serviço de severa fiscalização nos pátios e quintais não só dos estabelecimentos comerciais e industriais como das próprias casas residenciais. Visa o Posto de Higiene com essa medida de desenvolver um trabalho intenso de combate às moscas, que, devido à seca, e, mesmo ao fato de se estar utilizando quase só animais de tração em lugar de veículos motorizados, está proliferando em grande quantidade na cidade. P.3

13/6/1943 Com a Empresa de ônibus. Seguidamente temos recebido reclamações contra o serviço de ônibus da cidade. Geralmente essas reclamações são quanto ao horário, ou melhor – porque horário foi coisa que nunca

houve – quanto ao tempo que se perde esperando um ônibus. Esse, porém, é um mal antigo. As reclamações que temos recebidas agora são, entanto, mais graves, pois são contra a má vontade com que tanto os “chauffeurs” como os condutores dos ônibus atendem os passageiros. Dada a situação atual, o ônibus é, praticamente, o único meio de transporte do público. Em face da absoluta necessidade desse serviço, aumentaram, no entanto, as exigências, dos empregados que trabalham nesses veículos. Assim, por exemplo, o passageiro que quiser tomar o ônibus, tem obrigatoriamente que se colocar no lugar exato da parada. Alguns metros que a pessoa fique distante do lugar já é motivo para o ônibus passar de largo. Correr, para alcançá-lo no local, também não vale. O “chauffeurs” vendo que o passageiro vem correndo para alcançá-lo, acelera propositadamente sua marcha. Tem é que esperar parado, no lugar. Também raramente businam nas esquinas. Para descer, também, às vezes, é difícil. O passageiro aperta no botão, mas a campainha ou sinal luminoso não funciona. Por isso, terá que descer na outra esquina. E ainda está sujeito a apanhar do cobrador, se reclamar. Com vistas ao proprietário da empresa, ou às autoridades, se for o caso. P.3

20/6/1943 Noticiário. Distribuição de “bolas” aos cães vadios. Desde alguns dias, a municipalidade está fazendo distribuir “bolas” aos cães vadios que perambulam pelas ruas da cidade. no entanto, esse serviço não está sendo bem feito, pois a pessoa encarregada da distribuição das “bolas” está jogando-as a esmo, inclusive para dentro de pátios de casas residenciais, o que tem originado inúmeras queixas que tem sido trazidas à redação desta folha. Por outro lado, os animais mortos não tem sido retirados na via pública. A rua 24 de Maio, próximo à Praça São João, por exemplo, acha-se um cachorro morto há quatro dias. Com vistas a quem de direito. P.3

1/7/1943 Mais um aniversário. Ingênuo e galante, o moço jornal procura os conflitos, intervem nas controvérsias, coloca-se sistematicamente ao lado das boas causas e publica palavras ásperas contra as instituições e os homens que as dirigem, quando entende que estão sendo feridos os interesses da coletividade, que, em razão do ofício, lhe incumbem salvaguardar. Sem entusiasmos muito grandes, e com as ilusões indispensáveis para o gasto de suas edições bi-semanais, considera-se em plena maturidade. Está satisfeito com o povo de sua terra natal, e o que aspira é a continuar a manter com ele as boas e amistosas relações até hoje existentes. Esse o pensamento que o anima a completar mais um aniversário de uma existência, que ainda não é longa, e curta já não é. P.1

18/7/1943 Notas tenistas. O tênis já alcançou em Cachoeira os limites que caracterizam um esporte vitorioso. Impôs-se, pode-se dizer, quase que definitivamente, à admiração do povo cachoeirense. É praticado com grande entusiasmo nas quatro quadras do Tênis Clube Cachoeira. vive, pois, essa veterana e simpática sociedade, uma etapa excepcional de sua história. Se árdua foi a trajetória que venceu, grande é o progresso que alcançou e amplas e prometedoras as perspectivas que por alinham à sua frente. Hoje, consciente da transcendência da fase por que atravessa, apresta-se, por todos os meios, para trilhar a passos largos e seguros, a rota progressista que lhe está reservada, no seio acolhedor da sociedade desta terra. Acompanha-lhe os passos, nessa trajetória, facilitando-lhe a tarefa, brilhante série de triunfos conquistada pela sua adestrada equipe de tenistas, em disputa com entidades congêneres do Estado. P.2

22/8/1943 O público reclama contra o Parque Marajá. Há algumas semanas, vem funcionando na praça São João, nesta cidade, diariamente, à noite, com a frequência, geralmente, de um “respeitável público”, numeroso, o Parque Marajá. Esse parque que vem anunciando constantemente grandes atrações, se tornou o ponto de reunião preferido do povinho miúdo que acorre ali incautamente a depositar nos “jaburus”, “7 baianos” e uma série de outros joguinhos bancados, - que constituem as grandes “atrações” do Parque, os magros níqueis, produto muitas vezes, quem sabe, de dias e dias de trabalho. De acordo com nossas leis atuais, os jogos bancados só podem ser explorados por cassinos, os quais, por sua vez, só poderão funcionar em cidades consideradas em lei, cidades de turismo. Onde vem o privilégio do Parque Marajá? Dizem que o castigo do viciado é o próprio vício. Isso está bem para os que se já transitavam. Porque não se evitar, porém, que os outros, apenas imprevidentes, enveredem, também, pela senda em que, fatalmente, se perderão? Além do mais, algumas outras “atrações” do parque são absolutamente impróprias. Até o seu “alto falante” se torna indesejável. Por meio dele são feitas dedicatórias absurdas a cidadãos respeitáveis que ali não aparecem. E, depois, - vem daí a maioria das reclamações dos moradores das imediações – o ajuntamento de homens e mulheres que se faz ali, se torna o local de uma “autêntica zona conflagrada”, a qual, depois das 21 horas fica interdita a famílias. Com vistas a quem de direito. P.2

16/9/1943 Noticiário. Menores vadios. Desde algum tempo que um grupo de menores vadios vem fazendo das praças e jardins, durante a noite, ponto de reunião e brincadeiras, durante as quais sofrem os canteiros dos jardins que ficam as vezes quase destruídos. Além disso a algazarra que esses menores fazem, perturbam o sossego público, motivo pelo qual temos sido solicitados para, através destas colunas, levarmos o fato ao conhecimento das autoridades municipais. P.3

23/9/1943 Artes e artistas. Companhia de comédias Procópio Ferreira. Segunda-feira última, deu seu primeiro espetáculo nesta cidade, a conhecida companhia de comédias de Procópio Ferreira, que vem fazendo uma tournée de grande êxito neste Estado. A peça com a qual Procópio e seus comediantes se apresentaram ao

público de Cachoeira foi a fina comédia “Um beijo na face”. Desde as primeiras cenas Procópio empolgou a grande assistência do Cine Teatro Coliseu. Estabeleceu-se logo, entre ator e público uma profunda corrente de simpatia, sentimento com o qual todos os cachoeirenses já aguardavam o famoso conjunto de comediantes. P.3

7/11/1943 Noticiário. A denominação do Município de Cachoeira. A respeito da mudança do nome do Município de Cachoeira, o Prefeito Municipal recebeu, há dias, o seguinte telegrama do Secretário Geral do Conselho Nacional de Geografia: “Prefeito Municipal. Cachoeira. Lendo jornal que se pretende nome de Cachoeira – Sul para essa cidade, esclareço que pode ser aceito em face Lei 5.901, de 24 do corrente, (Mês de Outubro) que, mantendo inflexível princípio proibição igualmente nomes cidades e vilas brasileiras, facilitou entretanto muito escolha de novos nomes, diferenciando-os. Atenciosas saudações. (a) Cristóvão Leite de Castro – Secretário Geral Conselho Nacional Geografia. P.3

21/11/1943 Queixas e reclamações. Menores delinquentes. S.A.M. O assunto que hoje me levou a dirigir-vos estas linhas é, com efeito, de interesse público. Há tempos, que são comuns as queixas contra um bando de menores que, à noite, bate às portas das casas, pedindo comida, pão, roupas, etc. Até aí nada de extraordinário. Numa época de “aperturas” como esta que atravessamos, é muito natural até, que surjam por aí criaturas que peçam que lhes dê de comer, vestir, porque talvez passem mesmo fome. Entretanto, os referidos menores deram agora para penetrar, pela manhã cedo, nos pátios das residências particulares, para arrebatarem o pão, o leite (panela inclusive), ou outros objetos, que aí são deixados pelos padeiros, leiteiros, verdureiros, ou pelo próprio proprietário ou locatário da residência. P.2

25/11/1943 Trágico desaparecimento de uma jovem da sociedade cachoeirenses. Iolanda Ramondini Santos, distinta senhorita desta sociedade, foi vítima de um lamentável acidente, parecendo afogada quando se banhava naquele rio. Elemento de grande destaque em Cachoeira, onde desfrutava de inúmeras simpatias e ralações sociais, sua morte foi motivo do mais intenso pesar. Contava a desventura jovem apenas 18 anos de idade e pertencia a uma das mais conhecidas e relacionadas famílias de Cachoeira. Sua atuação nos meios sociais desta cidade a fizeram imensamente conhecida e estimada no extenso círculo de suas relações. Possuidora de elevados dotes e de um fino trato, suas atividades na vida social cachoeirenses criaram-lhe um lugar de alto relevo em nosso meio, onde era um dos mais finos ornamentos. As reuniões de cunho festivo emprestava o encanto de sua bela voz, e nos empreendimentos de caráter beneficente, Iolanda tinha um lugar de destaque pela dedicação com que se votava a essas atividades. Cachoeira sentiu de um modo particularmente profundo morte dessa distinta jovem e por ocasião de seus funerais testemunhou vivamente esses sentimentos. P.2

28/11/1943 Metam esses “pé de cabra” na cadeia. Fernandes Barbosa. Dizem eles que o preço subiu pela falta de mercadoria. Mentira. A Comissão de Controle do Abastecimento que fareje os porões de certas casas comerciais e há-de ver como encontrará, por certo, mercadoria retida, à espera do câmbio negro, para ser posta em circulação pelas mãos criminosas dos altistas, dos aproveitadores de sempre. Não existe falta de certas mercadorias. O que existe é abuso, rapinagem, e nada mais. A vergonha é tão grande, que já se tornou um verdadeiro caso de polícia. Metam esses “pé de cabra” na cadeia, que há-de cessar tudo que a antiga musa canta. P.5

23/12/1943 Com a empresa Costa. Por várias vezes já, temos nós tornado eco das reclamações do público contra a empresa Costa, proprietária, dos ônibus que fazem o transporte de passageiros nesta cidade. infelizmente, porém, essas reclamações não tem sido atendidos. O proprietário da Empresa sr. Teodoro Costa, parece que mantém outra empresa do mesmo gênero noutra cidade do Estado e cuida somente em receber os lucros, possivelmente gordos, da Empresa local. Enquanto isso, os serviços da empresa continuam de mal para piores. Os ônibus, quase todos “estão se dilinguindo”, caindo aos pedaços, verdadeiras carangueijolas que são ao mesmo tempo um atentado contra o bom gosto e um perigo constante para os passageiros. Isso, no entanto, é somente no que se refere ao material da Empresa, pois quanto o modo como o serviço é atendido a coisa muda completamente. É muito pior. Os ônibus estão entregues aos próprios “chauffeures” tendo meninos, sem voz ativa para coisa nenhuma, como cobradores. E os “chauffeures”, homens que dão a impressão que foram escolhidos a dedo pela sua falta de educação e má vontade para com os passageiros, tornam os ônibus um lugar perigosíssimo. Há sempre perigo de conflito, há sempre perigo de desastre. Uma senhora, por exemplo, não pode se abalarçar para subir sozinha num ônibus. Acompanhada de uma criança, será maior a temeridade ainda. Já são inúmeros os casos em que uma senhora, conseguindo, às pressas embarcar uma criança, não tem tempo de segui-la, pois o ônibus já se pôs em marcha antes que o pudesse fazer. Como os sinais não funcionam sempre, somente aos gritos é que se consegue, algumas vezes, fazê-los parar. Torna-se, pois, uma coisa difícil e perigosa subir ou descer de um ônibus em Cachoeira. As carangueijolas não param. O passageiro ao subir, cai dentro do próprio veículo, ou se estatela no chão ao descer. Não quer dizer, entretanto, que os ônibus corram para andar no horário. Não há horário. Vai tudo à vontade do “chauffeur” . Espera-se muitas vezes meia hora por um ônibus. Em determinado momento, aparecem dois, correndo no mesmo sentido. E mesmo assim os ônibus andam quase sempre lotados. É que não há outro meio de transporte. Mas o público não pode continuar à mercê da Empresa Costa. Afinal, não é possível, que não haja alguém responsável nesta terra. Urgem medidas policiais ou outras

quaisquer que, de uma vez por todas, ponham cobro a este abuso. Assim é que não pode continuar. P.2

27/1/1944 A programação do cine-teatro Coliseu. No entanto, temos notado que em várias ocasiões já a empresa tem elevado o custo dos ingressos que há anos, principalmente aos domingos, vinham sendo cobrados a razão de Cr\$ 3,00 para Cr\$ 4,00. A esse respeito procuramos ouvir os proprietários do Cine Teatro Coliseu, que se prontificaram sem seguida a nos explicar que, embora a contra gosto, foram levados a fazer esse acréscimo em virtude dos altos aluguéis que as empresas cinematográficas estão cobrando atualmente pelos filmes. Comprovando suas afirmativas, os proprietários do Cine Teatro Coliseu tiveram oportunidade de nos mostrar inúmeros contratos para exibição de filmes por importâncias superiores a Cr\$ 2.000,00, e muitos outros que as referidas empresas só dão para exibi-los sob comissão, com a condição expressa de que o valor do ingresso seja de Cr\$ 4,00. – Esses preços, aliás, - prosseguiram os proprietários do Coliseu – são cobrados em todos os cinemas centrais de Porto Alegre. É verdade que naquela capital os filmes depois de exibidos no centro vários dias são exibidos em cinemas de arrabalde por preços mais populares. Infelizmente, porém, esses abatimentos aqui nós não conseguimos das empresas cinematográficas que regulam o valor dos aluguéis dos filmes pela importância das praças em que serão exibidos. No Rio e São Paulo, por exemplo, são comuns os preços de cinco e seis cruzeiros por entrada. No entanto – disseram os proprietários do Cinema – como reconhecemos que o preço de Cr\$ 4,00, é realmente pesado para muitos, só o cobramos quando somos forçados pelo alto aluguel do filme. Além disso, em determinados dias da semana, exibimos sempre filmes pelo preço único de Cr\$ 1,00, não contando o “Dia do belo sexo”, em que a entrada para cavalheiros custa Cr\$ 2,00, e é grátis a entrada para elemento feminino. P.3

24/2/1944 O rei da folia imperou nos salões. O carnaval deste ano, conforme vínhamos noticiando, foi comemorado exclusivamente nos salões das sociedades locais. Nas ruas, néris... Até ao contrário no ano passado, nem aquela massa de povo compareceu às praças. Todo o mundo em casa, pensando na guerra, contando os cruzeiros, fazendo cálculos para a aquisição do absolutamente... Os outros saíram. Passaram pelas ruas, de largo e embrenharam-se nos salões sociais. Ainda que bem. tudo mal é pior... P.2

24/2/1944 Noticiário. Evasão de preso da cadeia civil. Na madrugada de domingo último, utilizando-se de uma corda feita com lençóis, pela qual conseguiu escalar o edifício da Prefeitura Municipal, descendo para o pátio da mesma repartição, que faz fundos com a cadeia civil, evadiu-se dessa prisão o indivíduo Sabino Machado Pedroso, de cor preta, solteiro, de 28 anos de idade, de profissão motorista, que se achava respondendo processo por crime de furto. P.3

19/3/1944 A esquina das almas perdidas. A rua 15 de Novembro, fazendo esquina com a Travessa General Osório, existe um pardieiro – talvez já no rol dos interditados pela higiene – onde os miseráveis da cidade, atingidos por todas as vicissitudes, batidos pela sorte, se instalam pelas suas sórdidas dependências, abrigando-se contra as inclemências do tempo e aí vivendo num chocante promiscuidade, esquecidos pelo mundo, aparecendo e desaparecendo rápidos, numa porta ou numa janela, como caças acuadas pela maldade dos homens. Entre as ruínas deste prédio, dormindo no chão, tendo como cobertura a luz das estrelas, que se escoia através dos buracos de um teto prestes a desabar, e donde as tábuas do forro, executando equilibrísticas ginásticas, se balançam como verdadeiras espadas de Democles, vivem nove mulheres, treze crianças e quatro homens curtindo uma existência de privações, arrastando a pesada cruz dos seus sofrimentos, a sonhar... e a esperar... Mas a sonhar com o que? A esperar o que? Talvez a morte, que com um certo talho de foice, soluciona os casos aflitivos daqueles que foram postos à margem da vida, como coisas imprestáveis para viver com destroços humanos! Conversei com uma das mulheres que habitam a casa sinistra. Desconfiada, medrosa, apenas respondeu monossilabicamente, às perguntas que lhe forma feitas. Dos homens, companheiros de infortúnio, um só trabalha; os outros, são inválidos. As crianças é que “salvam” a situação. Esparramam-se pela cidade. recorrendo à caridade pública, “pechando” um e outro, cavam, às vezes, o “necessário” para comprar, pra turma, meia garrafa de leite. Imaginem só: são vinte e seis pessoas. Meia garrafa de leite! E isso às vezes! O pão é comprado com os cinco cruzeiros que, semanalmente, a SCAN “espicha” a um dos moradores daquela habitação macabra, plantada à esquina da Rua 15 de Novembro com a travessa General Osório, e que bem se poderia chamar: A Esquina das Almas Perdidas. P.6

21/5/1944 Noticiário. Empregada a penicilina em Cachoeira. Há dias, de passagem por esta cidade, foi acometido de súbita enfermidade, o sr. Antônio Bento, alto funcionário da firma Wilson, Sons & Cia. Ltda., de Porto Alegre, e pai do dr. Carlos Bento, conhecido médico naquela capital. O enfermo que se acha recolhido ao Hospital de Caridade, encontra-se aos cuidados dos médicos drs. Silvio Scopel, Lauro Rangel e J. Kovacs, que estão empregando penicilina no seu tratamento, com resultado satisfatório. P.3

1/6/1944 Noticiário. Abuso com fogos de artifício. A pretexto das festas de S. João, tem se praticado ultimamente nesta cidade lamentáveis abusos com queima de fogos de artifício. Por toda a parte da cidade e principalmente no centro, onde maior é a aglomeração de povo, pessoas de mau gosto queimam fogos, de bombas, busca-pés, etc., não com o intuito de festejar coisa alguma, mas com o deliberado propósito de provocar

susto entre as famílias que passeiam nas calçadas. Diversas pessoas já tiveram suas vestes queimadas e outros receberam queimaduras pelo corpo. Seria conveniente que as autoridades locais observassem o fato e tomassem precauções para que esses grosseiros gracejos não se repitam e mesmo não tenham piores conseqüências. P.3

8/6/1944 Grande regozijo popular em Cachoeira pela invasão da Europa. Cachoeira, como todo o Rio Grande, como todo o Brasil, como todo o mundo livre do tacão nazista, viveu terça-feira última, um dos seus dias de maior entusiasmo cívico com as alviçadeiras notícias de que as forças anglo-americanas haviam invadido o território francês para libertar a Europa escravizada. Cerca de 10 horas, já a cidade se achava toda embandeirada, vendo-se pelas ruas grande número de populares que se congratulavam com a promessa palpável de uma nova era para o mundo. Com todo o comércio e as repartições fechadas, às 15 horas teve lugar uma grande manifestação popular, comparecendo, também, em formatura os alunos principais estabelecimentos de ensino da cidade. A concentração realizou-se na Praça Baltazar de Bem, onde perante alguns milhares de pessoas, usou da palavra, em primeiro lugar, o dr. Constantino Rodrigues de Freitas, juiz municipal desta cidade. Ocupou a seguir o microfone da “voz do Povo”, ali instalado, e dr. José Oscar da Costa Cabral, promotor público da Comarca e, por último, o acadêmico Liberato Salzano Vieira da Cunha. Todos os oradores, que foram vivamente aclamados, exalçaram o valor dos povos das Nações Unidas, em luta contra o inimigo comum da civilização. A seguir, um extenso préstito, puxado pela Banda Municipal, tendo à frente a uma representação do Aero-Clube, prefeito Ciro Carlos, coronel Nabor Augusto Ribeiro, comandante da Guarnição Federal, demais autoridades, colégios, entidades desportivas e grande massa popular, percorreu a rua 7 de Setembro até o Largo Colombo regressando pela rua Saldanha à Praça José Bonifácio, onde, ainda, grande vibração cívica falaram pelo microfone da “Voz Sonora”, o sr. Floriano Neves da Fontoura, advogado Aristides Moreira e dr. Orlando Carlos, que foram vivamente aplaudidos pela massa popular. Esse comício que foi um dos maiores que já teve lugar em Cachoeira terminou cerca das 16 horas. P.2

8/6/1944 Noticiário. Morreu nas rodas de uma locomotiva. Segunda-feira última, às 18 horas, entre os quilômetros 116 e 117, próximo à Vila Barcelos subúrbios desta cidade, a locomotiva procedente de Santa Maria, com destino a Porto Alegre, recém saída do quadro da Estação local, colheu em suas rodas uma mulher que veio a falecer pouco depois. Trata-se de Petronilha Fé Silveira, de cor preta, de mais ou menos 55 anos de idade. Próximo à vítima, que teve crânio fraturado, foi encontrado um frasco de cachaça presumindo-se que a embriagues foi a causa do desastre. Compareceram ao local, o dr. Homero Schneider, delegado de Polícia desta cidade e o médico dr. Lauro Rangel. P.3

2/7/1944 Miguel Scheidt. A notícia da morte de Miguel Scheidt ecoou dolorosamente em Cachoeira, sua terra natal. Dotado de grandes predicados, como a retidão de caráter e a dedicação ao trabalho, Miguel Scheidt conquistou um lugar de destaque nos meios rizícolas locais, bem como granjeou um merecido prestígio e inúmeras simpatias no extenso círculo de suas relações. Um golpe de infortúnio colheu ainda cedo, aos 40 anos, quando estava em pleno desenvolvimento de suas apreciáveis aptidões. Assim a soube da constrictadora notícia, grande número de pessoas acorreram à casa mortuária, a fim de prestar as derradeiras homenagens ao extinto, bem como apresentar condolências à família enlutada. P.2

27/7/1944 Noticiário. Construção de novo edifício para o Clube Comercial. Há vários anos já que se cogita em Cachoeira da construção de um novo edifício para sede do Clube Comercial, de vez, que o atual edifício não está mais à altura do progresso sempre crescente da cidade. Por motivos vários, porém essa iniciativa vem sendo protelada de ano para ano. Agora, entretanto, a diretoria do Clube Comercial, à cuja frente se encontra o dr. Rodrigo Martinez Filho, tomou a deliberação de realizar esse notável empreendimento. P.3

8/10/1944 Diversas. Moderna casa de apartamentos. A convite do maestro Pedro Becker, visitamos a moderna casa de apartamentos instalada à rua 7 de Setembro n.º 581, de propriedade de sua exma. esposa, d. Guiomar da Costa Becker. Trata-se de uma casa bem localizada, mobiliada de arte e luxo, bem dividida, com ótimas dependências, luz direta em todos os quartos, atendendo aos mais ínfimos preceitos de higiene e de aspecto muito agradável. Foi uma idéia muito feliz, esta que teve o sr. Pedro Becker, pois agora Cachoeira está dotada de mais este melhoramento. P.5

8/10/1944 Canção do meu entusiasmo. Paulo Camargo. P.6 Filho de Bagé trago à Princesa do Jacuí a saudação cordial, e a mensagem de amizade que por meu intermédio, lhe envia o bravo e nobre charrúa. Princesa do Jacuí, feiticeira cidade que enamora o forasteiro e fasciana o vindante, meiga terra onde tudo é maravilhoso e acolhedor quero vos brindar com a taça vermelha de coração onde a champanhe do entusiasmo brilha límpida e efervescente! Cachoeira, minha palavra é um sacrilégio, bem sei, pois o berço do grande João Neves da Fontoura, só deve ser cantado por aqueles que como seu grande filho, são glórias da oratória e da literatura. P.6

31/12/1944 Cachoeira do Sul. Em virtude de recente decreto do Governo do Estado a nossa “mui nobre e valorosa Princesa do Jacuí” antiga Vila Nova de S. João da Cachoeira, passará assinar-se definitivamente Cachoeira do Sul, a partir de 1º de janeiro de 1945. P.11

31/12/1944 Ano Novo. O “Jornal do Povo” inicia o ano atual de 1945, com a satisfação de quem entra numa fase de caráter decisivo, na vida dos povos de todo o mundo. Orgulhando-se de incluir a palavra “povo” em seu frontispício, esse jornal quer ser um reflexo das esperanças e das conquistas de toda a coletividade. O “Jornal do Povo”, órgão informador da população de Cachoeira estará sempre ao lado dos bons empreendimentos dos filhos desta terra, ano só trazendo ao conhecimento do público tudo o que lhe diz respeito, mas também batalhando pelas causas, cuja solução vier favorecer o povo. Intensificando suas atividades, como tri-semanário, estará pondo os cachoeirenses, mais freqüentemente, ao par do que for do interesse local. P.1

9/1/1945 Diversas. A seca. Continua devastador o flagelo da seca. Na cidade, já se está sentindo o flagelo. As populações das zonas onde não há encanamento já estão com grande falta d’água. Muitas pessoas já vieram à nossa redação pedir que façamos um pedido ao sr. Prefeito, afim de que seja enviada a tradicional “pipa d’água”, para socorrê-los do precioso líquido. P.3

11/1/1945 Estas e Outras. Entre na bicha!... O agente local da Viação Férrea afim de evitar o acúmulo na compra de passagens determinou um abicha à frente da bilheteria. Que é uma ótima e prática medida não resta a menor dúvida. Entretanto, o curto espaço entre a bilheteria e a porta de entrada ocasionam completamente a paralisação do “tráfego” nesta última. Não seria melhor fazer a bicha ao contrário? Ter-se-ia então maior espaço para os que dela fazem parte e a entrada ficaria completamente livre. A formação da bicha ante a bilheteria da Viação Férrea não custou muito esforço. O povo, compreendendo sua utilidade, seguiu à risca às ordens do único encarregado que a dirigiu. Assim sendo, porque não colabora o povo para uma bicha na bilheteria do cinema? Diariamente vemos uma aglomeração donde partem urros, pontapés e empurrões. Uma senhorita que venha com amiguinhas, se não encontrar um conhecido que compre sua entrada deverá esperar até que termine esse movimento. E só às 9 horas!!! Não seria bem prático adotarmos ali a formação da bicha? A empresa poderia encarregar-se de adotar ante a bilheteria uma pequena grade removível, que obrigaria todas as pessoas a passarem entre ela e a bilheteria sem prejudicar o “footing”, aliás, bastante aumentado com estes dias de canícula. Nos primeiros dias bastará uma pessoa para cuidar da ordem e dentro de uma semana, todos já saberão que para comprar sua entrada sem atropelo é preciso entrar na bicha. Entre na Bicha! P.4

14/1/1945 Aero-club de Cachoeira do Sul legítimo motivo de orgulho cívico para a cidade. Sem dúvida alguma o Aero Clube de Cachoeira do Sul goza de um alto e merecido conceito, não só no meio da sociedade cachoeirense, mas em todo o Estado do Rio Grande do Sul, por suas magníficas realizações no curto espaço de tempo de sua existência. Analisando as atividades do Aero Clube de Cachoeira do Sul, chega-se a conclusão de que aqui, de fato, se faz aeronática, pois os nossos aviões chegam a voar, em média, 7 horas por dia. A sociedade cachoeirense, por outro lado, tem sabido compreender o valor e o alcance de sua escola de aeronática. Todos os representantes da cidade: comerciantes, industrialistas, lavoureiros, fazendeiros têm-lhe dado todo o apoio. P.6

16/1/1945 Diversas. Romaria para pedir chuva. Realizou-se domingo último, uma Romaria, da Igreja Matriz para a Igreja S. Terezinha, com o objetivo de pedir chuva. A Romaria, que foi organizado pelo Rvmo. Pároco, teve regular acompanhamento, apesar da forte ventania reinante na ocasião. À noite a Igreja Matriz teve início o terço que será rezado todos os dias, às intenções do Corpo Expedicionário, pela Paz e para que Deus mande a esperada chuva para os nossos campos. P.3

16/1/1945 Viajaremos de Cachoeira do Sul a Porto Alegre pelos ares. A Varig instalará uma agência nesta cidade. No plano de viagem da Varig na linha P. Alegre – Cachoeira – S. Gabriel – Alegrete – Uruguaiana, nossa cidade figurava como ponto de parada facultativa. Na linha projetada o avião tocará em Cachoeira nas terças e sextas em viagens de ida e volta. Trata-se, sem dúvida, de uma grande vitória para a cidade a mais um passo em sua trajetória de progresso. P.4

23/1/1945 Estas e Outras. A expressão “vida de cachorro” já perdeu o seu significado em Cachoeira do Sul. Diariamente vemos grande número de cães perambulando calmamente pelas ruas, praças e jardins, deitando-se comodamente nos passeios públicos e aferrando-se valentemente as pernas de quem possa ousar perturba-lhes o repouso. Até nos cafés estes mamíferos carnívoros resolveram fazer ponto de parada. Há poucos dias travaram violenta cena de sangue no interior do “Frisia”. Por diversas vezes ouvimos os alucinantes ganidos desses animais, por julgarem que, devido à vida nababesca que levam, os veículos tenham de afastar-se para não perturbar os seus sonhos com apetitosos ossos. Há tempos quando um circo de feras estacionou nesta cidade, realizaram-se violentas caçadas de cães para alimentar aqueles colossos enjaulados. Mas hoje os circos de feras não mais aparecem, só aparecem as feras de circo... e os cães livres daquelas feras e das atuais feras, perambulam calmamente pelas ruas de Cachoeira do Sul... Altas horas da noite somos acordados por uma horrível barulheira canífera: são matilhas de cães, que encontrando um portão aberto resolvem procurar restos de comidas, não admitindo concorrência, pois expulsam violentamente seus colegas que lá entram com o mesmo fim. Os lixeiros da prefeitura praguejam contra esses animais, quando, na sua faina diária encontram uma lata de lixo esparramada ou, às vezes, pegam em flagrante um desses malsinados vira-latas. Urge exterminar esses abusos... Quem em cão, que o prenda no quintal, ou em caso contrário, brevemente, serão caçados e

impiedosamente assassinados. – Um outro assunto pouco cheiroso, que está exigindo imediatas providências dos srs. fiscais da higiene, ou de quem de direito, é o depósito de água que se vem acumulando fedorentamente na sargeta da esquina da antiga Casa Rodolfo, defronte ao Armazém da Viação Férrea. Várias foram as pessoas que nos reclamaram sobre isso, pois se trata de um local grandemente transitado. Fica pois aqui a reclamação. P.3

4/2/1945 Para ti, Cachoeira do Sul. Wilson B. da Silva. Cachoeira, como tu eras pequena... Como eras pobre! Eu tinha pena de ti, de verte mergulhada nas trevas do esquecimento, sem ter quem volvesse as vistas para as bandas de teus campos, doirados de arroteiras, que eu, pobre filho indigno de ti, contemplava com o olhar triste de quem espera o surgir de uma nova aurora, onde talvez venha a esperança de um melhoramento. Mas, os tempos passavam e nem a aurora surgia... crepúsculos e desilusões. Só o vento soprava no oitão do barrancão do Comassetto... o cinema de Cachoeira. Naquele barrancão que a gente ia pra assistir um filme de Tarsan, e no qual, quando chovia, tinha-se que abrir o guarda chuva... Que tinhas, afinal, minha terra? Que tinhas para que alegrasse tua vida de cidade singela? Nada. Não tinhas um Hospital de Caridade, um Coliseu, um Estádio de futebol, um de basquete, uma Voz Sonora, um jardim, como tens agora, em tua Praça José Bonifácio, não tinhas... um nada. Só conservava aquela esperança de que um dia fosses alguma cousa na vida. De fato, esse dia, chegou. Aquela nuvem que cobria teus tão vastos horizontes, desapareceu na imensidão das alturas, para dar lugar a uns raios de luz maravilhosamente avermelhados que surgiam no céu. Com olhos fixos, entre surpresa e contentamento, esperaste. E então, minha Cachoeira, eu e tu, vimos apontar de mansinho aquilo que tanto esperávamos: a Aurora do Progresso. Tuas velhas casas foram derrubadas, e, em seu lugar construídos edifícios. Teus produtos foram exportados, para terras distantes e desconhecidas. Tua indústria nasceu e cresceu. Tuas estradas foram alongadas, para que hoje, como prêmio de teu esforço vão teus filhos a levar e trazer um pouco de felicidade a quem não tem. Sim, teus filhos entusiastas, tudo fizeram para que fosses, no futuro, uma cidade não inteiramente desconhecida do mundo. Talvez ainda não sejas conhecida, mas, entretanto, já és mais do que esperávamos. É para ti, Cachoeira do Sul, que eu escrevo estas linhas. São elas nascidas de um entusiasmo que não é capaz de avaliar, entusiasmo este que julgo não ser só em mim, mas igualmente em todos os teus filhos que, com sacrifícios, e trabalhos extasiantes, semearam as primeiras sementes, que mais tarde iriam dar frutos saborosos. Princesa do Jacuí, eu te falo por aqueles semeadores esperançosos que não tiveram a ventura de ver realizado o que tanto sonhavam: sonhos inquietos de progresso! Por aqueles idealizadores de felicidade para a terra natal. Enfim, por quem não teve a glória de poder hoje passear pelas ruas de tua cidade, de admirar teus edifícios, suas fábricas, teus engenhos, teus colégios, tuas igrejas e todos os demais melhoramentos por que passaste e ainda irás passar. E agora, Cachoeira do Sul, escuta-me. Detem-te por um momento em tua marcha. Descansa um pouco, e olha para trás, para que possas ver o quanto já caminhaste na entrada do desenvolvimento. Aqueles tempos em que eras uma cidade pobre, quanto já então atrás! Vês? Lá estão os anos passados... lá longe! Hoje és uma cidade rica, boa e linda. Em tuas canchas de tênis, já pisaram pés de atletas de muitas cidades. Teus ares já são cortados por aviões. Já em teu formidável Estádio de Basquete, é disputado o Campeonato Estadual do mesmo esporte, reunindo nele centenas de rapazes vibrantes de entusiasmo desportivo. Entretanto, isso não é tudo. Precisas ir mais para frente, em busca de novos progressos, para que possas depois para novamente, olhar e ver o quanto era pobre ainda... Oh, Cachoeira do Sul, é para ti que eu escrevo! P.3

27/2/1945 Auscultando a opinião pública cachoeirense sobre o agitado monumento político Nacional. Fala Dr. Carlos Paranhos de Araújo. Para iniciar o nosso trabalho, dirigimo-nos ao “Frísia”, porque lá saem sempre “cobras e lagartos”, como dizem os maliciosos. E depois, o “Frísia” é, ao mesmo tempo, a nossa Bolsa, o nosso “Petit Trianon”, o nosso Panteão... Fomos logo a uma mesa onde “farejamos” uma reportagem. Um grupo de criadores palestrava. Entre eles o dr. Carlos Paranhos de Araújo, ex-deputado classista à antiga Câmara Estadual dos Deputados, representando a lavoura e a pecuária. Para quase todos os entrevistados, fizemos, estas duas perguntas: - “Acha oportuna as eleições?” Respondeu-nos o Dr. Paranhos: - “Acho que as eleições são oportuníssimas representam a concretização de um anseio geral. Oportunamente darei minha opinião sobre o candidato.” Fala um criador. Na mesa estava o sr. Antônio Ramos, diretor comercial da Sociedade de Criadores e Inventores Ltda. Pedimos sua opinião. - “Penso que a candidatura de Getúlio Vargas virá e será recebida com aplausos gerais. Tenho ouvido dos ruralistas que o dr. Getúlio tem a simpatia da classe.” Fala um jornalista. Procuramos em seguida um jornalista. Fomos à redação de nosso conceituado colega “O Comércio”. Falamos com o sr. Carlos Möller Sob. - “Acho inoportunas as eleições – disse-nos – em virtude de nosso estado de guerra. Se estívéssemos com a máquina eleitoral pronta, como nos E.E. U.U., tudo iria bem, sem dúvida nenhuma. Entretanto simpatizo imensamente com o movimento porque no Brasil somos todos visceralmente democratas. Quanto ao candidato, ainda não me defini!” Fala um poeta. Encontramo-nos em seguida, com o poeta Fernandes Barbosa, autor de “Frutinha Proibida” e “Minhas Flores de Jacarandá”. Disse-nos o seguinte: - “A notícia de que teremos, em breve, o país democraticamente constitucionalizado, livre do nefasto regime da rolha, causou tanta satisfação à alma coletiva, quanto as últimas chuvas que vieram terminar com a praga da seca que assolava o Rio Grande. Basta de fascismo. Queime-me essa vastíssima biblioteca de decretos do mandonismo expirante, que não teve força para evitar a inflação e o câmbio negro, sujeitando o Brasil ao vexame dos racionamentos e das bichas, e vamos trabalhar pela sua vitória e o seu prestígio, ao lado das grandes

democracias anglo saxônicas, consagrando nas urnas o nome do major Brigadeiro Eduardo Gomes que, além de encarnar o verdadeiro espírito democrático do povo brasileiro, é um padrão de virtudes cívicas, de honestidade e honradez. Ao lado desse símbolo, dessa bandeira, só deixarão de cerrar fileiras aqueles que uma propaganda sistemática, tipo Melhoral, conseguiu, durante 7 anos de mistificações, fazê-los enxergar o homem e as coisas do Estado Novo através das lentes de Pangloss”. Um Bancário. Disse-nos o sr. Evaldo Quadrado funcionário do Banco do Brasil: Pátria é o povo! Só um candidato que ame verdadeiramente o povo pode ser patriota. Eduardo Gomes caminhou para a morte por amor ao seu povo, ele e mais 17 heróis. O sangue dele e de seus 17 companheiros, derramado na Avenida Atlântica é a garantia de seu patriotismo! Votar em Eduardo Gomes é votar nos 18 de Copacabana! Nos mártires da liberdade! Nos defensores da verdade! É o povo eleger-se a si mesmo. Eduardo Gomes assumiu o compromisso de realizar aquilo pelo que seus companheiros se entregaram, jovens tenentes, à morte.” Um Advogado. O dr. Mário Ilha Fo. respondeu-nos o seguinte: - “1º - Quanto à oportunidade das eleições: não temos dúvida em afirmar que a completa democratização do país é uma necessidade. Achamos, porém, que se esperássemos até o fim do conflito europeu, não haveria nenhum inconveniente. Com as eleições, é fatal, o esforço de guerra em que se acha empelhada a nação, fatalmente sofrerá algum prejuízo, por pequeno que seja. E pensamos que, no momento, nosso principal objetivo deve ser o de ganhar o mais breve possível. 2º - Quanto ao candidato: por enquanto, o único candidato lançado é o brigadeiro Eduardo Gomes, falando-se ainda no nome do sr. Getúlio Vargas, atual presidente da Nação. Não nos decidimos nem por um, nem por outro. Observamos, porém, que o presidente Vargas tem sabido dirigir a Nação com espírito esclarecido, revelando qualidades inapreciáveis como chefe de Estado. Talvez nos decidamos por um “teritus”, desde que não seja o sr. Osvaldo Aranha”. Outro Advogado. O dr. Francisco Pinos Lobato, disse-nos: - “A reintegração do país num verdadeiro ambiente democrático não só é oportuníssimo como uma necessidade que se impõe. Não é coerente que em terras de além mar combatam milhares de brasileiros para que os outros tenham aquilo que falta em sua própria pátria: a Liberdade. Não tenho, ainda, candidatos à Presidência da República. Todavia posso lhe dizer que me seria bastante agradável ver eleito presidente da nossa grande República o eminente dr. Getúlio Dorneles Vargas, pois, se como “Ditador”foi, não há dúvida, um bom “Presidente”, muito podemos esperar de S.S. como Presidente Democrático...” Fala o Cap. Dutra. Fomos, depois, em busca de um comerciário. Encontramos o sr. Miguel Dutra que disse-nos o seguinte: - “Votarei em Getúlio Vargas. As eleições são oportunas e serão uma consagração ao grande chefe nacional. Que outro presidente fez mais coisas pelo Brasil do que ele? Desde que ele assumiu a presidência, o Brasil tem progredido extraordinariamente. É a Volta Redonda, são as leis sociais, é o prestígio do Brasil no exterior, é a guerra ao totalitarismo, tudo enfim, consagra Getúlio Vargas como um grande governador”. Fala o Acadêmico Edyr Lima. Procuramos, em seguida, a opinião moça do acadêmico Edyr Lima. Disse-nos isto: - “Acho que as eleições são necessárias para sermos coerentes com nossas atitudes internacionais. Lutamos pela vitória da democracia, temos, pois, de realizá-la praticamente, em casa. Quanto ao candidato, devo dizer de início que não simpatizo com a candidatura de Eduardo Gomes pelo fato de ter sido lançado pelos “ex”. Pode parecer despeito de gente a quem foi tirado o “osso”... Será que essa gente quererá eleger Eduardo por puro idealismo? Amanhã não lhe irão pedir boas situações na nova política? Precisamos é de moça e verdadeiramente patriótica. Gente que ainda não esteja corrompida pela antiga “politicalha”... Fala o sr. Ivo Becker. Encontramo-nos em seguida com o sr. Ivo Becker, sócio gerente da Sociedade Café, Propaganda Frisia Ltda. É esta a sua opinião: - “Acho uma necessidade a constitucionalização do país. Por enquanto não vejo outro candidato a não ser Getúlio Vargas. Se ele se apresentar será eleito. Principalmente na atual situação. Estamos num período de transformações na esfera internacional. E nessa emergência precisamos de um homem da têmpera de Getúlio Vargas. Entretanto, se ele não e apresentar como candidato, não sei ainda qual outro homem poderia ocupar o seu lugar.” Mais um Claudísico: Dr. Salomão Germann. O dr. Salomão Germann assim se expressou: -“As eleições são oportunas. Acho porém, absurda a candidatura de Getúlio Vargas. O getulismo talvez tenha sido um mal necessário para o Brasil. Mas a sua época já passou. Acho até que ele nem se irá candidatar.” Um fiscal, sr. Otacílio Silveira. O sr. Otacílio Silveira declarou-nos: -“Votarei em Getúlio Vargas. Não concebo outro candidato.” Fala o Prefeito. Procuramos também o sr. Ciro da Cunha Carlos, Prefeito Municipal. Procurou fugir desde o início, às nossas perguntas indiscretas, dizendo: -“Não tenho outras preocupações a não ser cuidar da minha administração e cumprir o meu programa. Insistimos e S.S. resolveu então fazer “blague”. “Por enquanto só há um candidato. E eu estou seguindo o conselho da V.F.R.G.S., neste entroncamento político: paro... olho... escuto...” As Professoras são Esquivas. Procuramos sem resultado, entrevistar duas professoras. Ambas fugiram do repórter. Disseram que ainda não tinham tido tempo para pensar... Entretanto, uma delas disse-nos: - “Acho que as eleições saem mas o Getúlio não sai.” Boa! Falam as Donas de Casa. Consultamos várias donas de casa. Não quizeram que seus nomes aparecessem. Quase todas são getulistas 100%. Apenas uma disse-nos: -“Estou com quem Flores da Cunha apontar.” Logo, esta votará com o Brigadeiro. Fala um Telegrafista: Romélio Aquino. O seguinte entrevistado foi o sr. Romélio Aquino. Disse-nos:- “O sr. pergunta se são oportunas as eleições? Acho até que estão demorando demais. O povo está farto de totalitarismos. Queremos a nossa liberdade. Quanto ao candidato não há dúvida que será eleito o Brigadeiro Eduardo Gomes.” Um Comerciário: Agripino Nunes. Encontramo-nos, logo com o sr. Agripino Nunes. Disse-nos: -“Quinze anos é tempo suficiente para se fazer um

juízo em erro. Que se extinga o “black out” sobre as liberdades populares. Votarei contra o situacionismo.”
 Mais um Advogado: Fala o sr. Aristides Moreira. – “Premilinarmente desejo declarar que não pretendo tomar parte ativa na campanha eleitoral que se esboça. Isto, entretanto, não significa alheamento pelos destinos da minha Pátria. Assim, não fujo aos imperativos da minha consciência democrática, e que são os mesmos de todos os brasileiros desinteressadamente honestos. Por esta razão respondo, prazerosamente, a enquete do Jornal do Povo agradecendo, mesmo a honra que me confere, pedindo minha desvaliosa opinião. Quanto à oportunidade de voltar o País aos quadros legais, considero mais do que chegada, já mesmo demasiadamente retardada. O Brasil precisa urgentemente deixar de pertencer a um grupo, para voltar a constituir patrimônio inviolável de todos os seus filhos, sem distinções ou credos. O Brasil precisa, enfim, retornar à posse plena dos seus direitos de cidadania. Estes são os anseios e as aspirações gerais. Por isso, votarei no nome de Brigadeiro Eduardo Gomes eminente cidadão e brilhante soldado que encarna esses anseios e essas aspirações. Fala o sr. José Joaquim de Carvalho. Encontramo-nos depois, com o sr. José Joaquim de Carvalho, presidente do Conselho de Administração da Cooperativa Cachoeirense Rizícola Ltda. Disse-nos o seguinte: - “Acho bastante complexo o problema político do Brasil. Ainda é cedo para nos definirmos.” Um Médico: Dr. Lauro Rangel. Pedimos a opinião do dr. Rangel, que disse-nos isto: - “Com entusiasmo recebi a notícia da chegada do grande momento, já há tempo esperado, e a indicação do candidato da disposição, pois, com tanta coisa no ar, só um Brigadeiro do Ar poderá auxiliar, no Brasil, a ação da gravidade.” Fala o sr. Floriano Neves da Fontoura. Ouvimos também sr. Floriano Neves da Fontoura, que declarou-nos o seguinte: - Como brasileiro estou profundamente satisfeito pelo retorno da Pátria ao regime de plena liberdade. Só dentro de uma situação de ampla liberdade e respeito ao pensamento de cada um poderá surgir um governo à altura de dirigir o Brasil. Vamos ter um debate público havendo acusação e defesa, e então, o povo elegerá aquele que melhor servir ao Brasil. São tantas as acusações que se fazem contra os homens que atualmente estão lá em cima, que a gente aqui em baixo fica atônita. É verdade que também já surgem as acusações, não ao candidato da oposição, mas àqueles que lançaram a sua candidatura, dentre os quais muitos tem uma história complicada. Para finalizar, sr. jornalista devo lhe dizer que entendo muito pouco de arroz, que é a minha profissão, mas muito menos de política. Olhe: se me fosse possível, eu repetiria aquela chapa que apareceu em uma mesa eleitoral, na infância da República, em que um eleitor já descrente, escreveu: - “Voto em Jesus Cristo para ver se endireita isso”. Fala um operário. Procuramos em seguida, um operário. Falamos com o tipógrafo sr. Wilson Bitencourt da Silva, que nos disse o seguinte: - “Acho que as eleições são oportunas. Por enquanto não sei qual será meu candidato. Não devemos nos precipitar nas escolhas de nossos chefes, para que depois, quando eles agirem de modo contrário ao que esperávamos, não nos acusemos como culpados de ter criado uma situação contra nós mesmos.” P.4

19/4/1945 Getúlio Vargas. Liberato S.V. da Cunha. (Nota”Liberato é, nesta época, diretor do jornal) E quando fizermos, em Cachoeira do Sul, um comício festejando a anistia ou festejando alguma vitória democrática, não cometamos a injustiça que muitos patrícios nossos estão cometendo: a de levarem, como líderes democráticos, as fotografias de Roosevelt e Stali, deixando no olvido a de Getúlio Vargas. Roosevelt e Stalin, digam-nos os seus povos, foram muito mais ditadores do que Getúlio Vargas. Roosevelt foi um “ditador democrata”, forçando a constituição de seu país, disse o próprio Chateaubrinad em seu artigo publicado no D.N. de 17/4/45. Que Satlin é também um ditador, quem o ignora? Nem mesmo Luiz Carlos Prestes. Tenha cada um a sua opinião, o seu partido, a sua cor, mas pratique-se, - e se quer verdadeira democracia – verdadeira justiça. E então os nossos pósteros não nos chamarão de cegos diante dos homens e dos fatos de nossa época (Nota”Liberato é, nesta época, diretor do jornal) P.2

22/4/1945 Cachoeira possuirá uma estação de rádio. O sr. Farido Germano, locutor da Rádio Gaúcha, também recebeu de seu diretor, o sr. Arnaldo Balvé, a comunicação dessa boa nova para a cidade. Em nosso próximo número entrevistaremos o jovem locutor cachoeirense, atualmente em férias nesta cidade, para que ele nos dê notícias mais detalhadas sobre esta importante realização. P.1

22/4/1945 Incoerência. Liberato S.V. da Cunha. A nossa preocupação principal nesses dois últimos artigos foi tão somente fazer ressaltar a verdade sobre a personalidade total desse grande brasileiro que é Getúlio Vargas. P.2

24/5/1945 Cachoeira do Sul. Lauro Rangel. Cidade que tem diversos títulos – Princesa do Jacuí, maior centro produtor de arroz, cidade onde se resolveram grandes problemas, na Revolução de 30, - assim é Cachoeira do Sul. Cresceu no nome e também cresceu e cresce em vertiginoso progresso. Entretanto, Cachoeira do Sul, faltam palmeiras onde cante o sabiá e... luz na Escola Normal João Neves da Fontoura. Das luzes que lá se fazem necessárias, só falta a elétrica, pois as demais há de sobra. Descobri que esta falta, ocasionalmente, ao pedir o auditório para o funcionamento de um Centro cultural Cachoeirense. Teria sido esquecimento? Falta de verba? Acho que há apenas demora nos retoques finais. Mas, com a chegada dos dias escuros de inverno, isto não poderá continuar assim, a não ser que transfiram as grandes férias para o inverno. Não será mais fácil mandar ligar os fios? P.2

10/6/1945 Noite Brasileira. Realizou ontem, prolongando-se pelas primeiras horas de hoje a festa denominada

“Noite Brasileira”, nos salões da Sociedade Rio Branco, em benefício do uniforme do aluno pobre do G.E. “Cândida Fortes Brandão”. A “Noite Brasileira”, consistiu, realmente, um verdadeiro acontecimento social, dado o brilhantismo e o completo êxito de que se revestiu. Os salões da Sociedade Rio Banco estavam ornamentados com muita arte e gosto e foram pequenos para receber o grande número de pessoas que ocorreu à festa. P.1

26/6/1945 Magníficas as solenidades da instalação do PSD. Instalou-se, domingo, 24 do corrente, o Partido Social Democrático nesta cidade. A solenidade foi realizada no Cine Teatro Coliseu, tendo se revestido de grande brilhantismo. O teatro estava literalmente tomado, contando com a presença dos exmos. Srs. drs. Walter Jobim, Secretário das Obras Públicas, Antônio Brochado da Rosa, Secretário de Educação e Cultura e tte. Cel. José Diogo Brochado da Rosa, diretor da V. F., além de outros membros da comitiva de P. Alegre, especialmente convidados para assistir à reunião. A sessão decorreu sob intensa vibração cívica e o grande número de pessoas que compareceu a ela demonstrou que o Partido Social Democrático contará com a maioria do eleitorado cachoeirense. P.1

1/7/1945 Jornal do Povo. A vida de um jornal compara-se a dum idealista que deslumbra ao longo da jornada a esperança de vencer. Todas as dificuldades, todas as injustiças, todas as malquerenças, todas os mal-entendidos resvalam, incólumes pela couraça feita de sacrifício e de abnegação dos fiandeiros da imprensa. Viver num jornal, fazer um jornal, integrar-se na vida dum jornal, é viver para o povo, sofrer com o povo, desejar com o povo. A imprensa só atinge seus grandes destinos quando é bem compreendida, tendo, para equilibrar o seu lado amargo, o amparo e o reconhecimento de leitores que enxerguem na imprensa o facho redentor d’uma Pátria maior e melhor. Por tudo isso, e principalmente, pelo grande desejo de ser fiel ao seu nome, o “Jornal do Povo”, tem sido um intérprete exato das aspirações e do pensamento da população desta cidade. das maiorias e das minorias. De sábios e de iletrados. De ricos e de pobres. Ninguém ode dizer que veio bater à porta deste jornal e daqui saiu decepcionado. Este é o nosso conceito de jornalismo: batalhar pela verdade, lutar pela justiça, defender os oprimidos, e assim, engrandecer o Brasil! Que este novo períodos de lutas e de agitação política, nos veja sempre fiéis a estes princípios que nos traçamos. Que o “Jornal do Povo” continue a ser o porta voz das aspirações da comunidade cachoeirense é o que ardentemente desejamos. P.1

5/7/1945 Diversas. Novo ônibus para a cidade. A Empresa Anversa, no afã de bem servir a população cachoeirense, fará trafegar, a partir de hoje, um confortável e luxuoso ônibus para trinta e três passageiros. Apresentamos ao sr. Lourenço Anversa os nossos parabéns por mais esta cooperação para o melhoramento do transporte coletivo da cidade. P.3

19/7/1945 Diversas. Os pães estão desaparecendo. Várias são as reclamações que nos tem sido dirigidas pelo fato de estarem, desaparecendo, diariamente, das casas de famílias, os pães que os padeiros deixam pela madrugada nas janelas dos prédios residenciais. Sabemos que a guarda noturna, tomará enérgicas providências para evitar esses avanços. Num pequeno levantamento que fizemos, apuramos que só na rua 7, numa manhã, foram desaparecidos por mais de 50 pães. Quem está querendo abrir uma padaria? P.3

21/9/1945 Decisivo repúdio ao comunismo. O povo de Cachoeira do Sul, sempre valoroso e respeitado, dissolveu, numa vibrante manifestação de brasilidade, um comício comunista. O povo que formava o movimento contrário invadiu o local, pondo termo, assim, à reunião “Pró Constituinte”. Da Praça José Bonifácio, a massa dirigiu-se para o largo fronteiro à Matriz, onde o sr. Miguel Dutra, depois de levantar vários vivas ao Brasil, ao Presidente Vargas e à Democracia passou a palavra ao bacharelado Edyr Lima que elogiou a atitude espontânea dos operários presentes e disse que o representava para a religião e para a Pátria aquele modo de proceder. Seguiu-se a oração do dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha que pronunciou um eloqüente discurso profligando a ação dos emissários de Moscou, que pretendiam implantar no Brasil o credo desagregador da Rússia Soviética. De volta da sede comunista, conforme notícia detalhada que damos em outro lugar, a massa popular esteve visitando a redação desta folha, onde deu vivas ao jornal e aos seus diretores que energicamente vem combatendo aqueles que querem fazer da nossa terra um “paraíso” de adetos do credo moscovita. P.1

21/9/1945 Lição impressionante. Liberato Salzano Vieira da Cunha. Os comunistas de Cachoeira do Sul tentaram, ontem, mais uma vez, iludir a opinião pública, mas levaram a mais impressionante lição de que Cachoeira tem memória. Aparentando fazer um comício pró constituinte, na realidade, quiseram fazer pública propaganda de suas russificadoras idéias. Entretanto, a grande massa operária que compareceu a Praça José Bonifácio, ao ver-se iludida, prorrompeu numa espontânea e formidável manifestação de repúdio ao comunismo, e de repúdio ao lacaio de Stalin, de repúdio aos exploradores do povo. Foi uma noite memorável. Foi um acontecimento de puro cristianismo, brasilidade e democracia, que servirá de exemplo ao Rio Grande do Sul, ao Brasil, e à Rússia. P.2

23/9/1945 Edição extraordinária do “Jornal do Povo”. Foram poucos os exemplares do “Jornal do Povo” para atender a todos os que disputavam sua aquisição, afim de se porem a par, detalhadamente, de todos os acontecimentos originados na célebre reunião “Pró Constituinte” promovida com tanta infelicidade pelos membros do Partido Comunista do Brasil. Desde às 18 horas, as dependências dessa redação estavam

completamente tomadas pelos leitores ávidos de notícias, sendo contados para mais de trezentos os exemplares vendidos às pessoas que formavam primeira “bicha” verificada em um jornal. Esta acolhida do povo cachoeirense serve de estímulos para aqueles que se debatem em defesa da verdade. P.1

4/10/1945 Jornal do Povo. Diretores: Manoel de Carvalho Portela e Liberato Salzano Vieira da Cunha. P.1

4/10/1945 Partido Social Democrático: força política em marcha para a vitória. Liberato Salzano Vieira da Cunha. O Partido Social Democrático acaba de encerrar a qualificação de seus eleitores de Cachoeira do Sul fazendo entrar em juízo mais de 14.000 requerimentos. Índice mais do que significativo e eloqüentemente comprobatório das afirmações citadas acima. Agora é a marcha para 2 de dezembro! Com Eurico Gaspar Dutra, esta figura ímpar de brasileiro, com larga folha de serviços prestados ao país, a política de alta visão do grande Getúlio Vargas, será ampliada e completada, e o Brasil cada vez mais consolidará o seu prestígio entre as grandes potências do mundo. P.2

7/10/1945 Luiz Carlos Prestes e seus sequazes fugiram de Cachoeira do Sul como verdadeiros gangsteres, dando tiros para trás. O líder comunista foi estrepitosamente acuado ao falar ao povo, da sacada da célula local. Cachoeira do Sul, de fato, é inteiramente anti-comunista. Os acontecimentos sensacionais que se desenrolaram ontem provam de sobejo a nossa assertiva. “Foi então que a cobra fumou...” Confiando demasiado nas suas qualidades, Prestes então assomou à sacada do Partido, afim de falar ao povo. Entretanto, mal pronunciava as primeiras palavras e o povo prorrompia em estrepitosa vaia ao chefe vermelho, gritando “Abaixo Prestes”, “Morra o Comunismo”, “Viva o Brasil”. Foram momentos de rara emoção que o repórter teve a felicidade de viver. Prestes ainda permaneceu dez minutos pregando no deserto, pois o povo não ouviu uma única de suas palavras. Com os olhos quase a lhes saltar das órbitas, mãos crispadas, gesticulando inutilmente, Prestes em vão gastava a sua oratória. P.1

11/11/1945 Sociedade Café. Propaganda “Frisia” Ltda de Cachoeira do Sul, orgulha-se de apresentar ao Rio Grande um produto de alta classe. Item: “Casa de degustação” O cachoeirense, com justa razão, se orgulha de possuir no interior do Estado a mais bem montada e a mais bem atendida organização de café. O luxuoso “Café Frisia”, uma casa de degustação de primeira ordem, é o ponto preferido pela sociedade cachoeirense. Ali, a saborear um bom café, vemos distintas damas e belas e graciosas senhoritas. Ali, nas diferentes horas do dia e da noite, são tratados e ventilados todos os assuntos referentes à vida cachoeirense. Nas elegantes mesinhas, reúnem-se os grandes fazendeiros, fortes industrialistas, políticos, funcionários públicos, numa freguesia que se reveza ininterruptamente. O “Café Frisia”, conta, de fato, com uma instalação modelar, sendo um estabelecimento digno de emparelhar com os melhores existentes nos grandes centros. Diariamente, são servidas 3.900 xícaras em média. As paredes são artisticamente decoradas, vendo-as nelas bonitos gráficos estatísticos relativos ao café, ou cuidando de uma patriótica publicidade para o maior consumo da mais autêntica bebida nacional, fonte maior da nossa economia. Além das numerosas mesinhas, a casa possui um grande balcão oval, onde é servido o cafezinho rápido. A preparação obedece estritamente às recomendações da Organização Frisia, sendo oferecida ao público uma bebida excelente. São usadas as máquinas mais apropriadas, aperfeiçoadas em consequência de longos estudos, como, por exemplo, a “Cafeteira Brasileira Delima”. P.5

15/11/1945 O público reclama. Maltratam os animais. Também encarecem-nos sejamos intérpretes dum pedido de providências a fim de que cesse a maneira desumana com que alguns condutores costumam tratar os animais tiradores de carroças de frete. Ontem mesmo, alguém presenciou na subida da rua Saldanha Marinho, quadra da Padaria do Comércio, de como se maltratou animais que puxavam uma viatura. Na rampa de acesso à rua Júlio de Castilhos, os animais quase não podem vencê-la em face de quase sempre as carroças, transitarem a subir, completamente super-lotadas, resvalando os animais nos paralelepípedos. Daí os condutores quererem obrigar esses irracionais a transpor a rampa. Alguém já lembrou que se pedisse ao diretor do tráfego para que se mudasse o trânsito de carroças pela rua Moron, passando defronte a Carpintaria Hipp, mesmo porque, quase sempre, as carroças procedem da praia. P.4

15/11/1945 O público reclama. Os ciganos. Inúmeras pessoas residentes no Alto dos Loretos, principalmente as famílias que estão vizinhando com a maloca de ciganos acampada naquela parte da cidade, tem vindo à nossa redação pedir para que reclamemos a quem de direito, para que se providencie na mudança do acampamento dos beduínos, para outro lugar mais afastado da cidade. Alegam os reclamantes que a sujeira que se vem verificando naquele local, torna-se impossível transitar-se por perto do abarracamento, tal o mau cheiro que exala. Fica pois nestas linhas a reclamação solicitada. P.4

20/11/1945 Curvo-me, reverente... Fúlvio da Silveira Bastos. Levo as mais gratas recordações de ti, linda Cachoeira do Sul. Dos teus jardins, das tuas praças, desta tua mocidade exuberante, que vi, ou adornando os salões sociais ou colorindo as ruas, “nestes fins de tarde dolentes e mestos”. Vi o teu bairro comercial e o intenso movimento nele existente. Visitei as tuas fábricas fabricantes. Senti no rosto o hálito escaldante das tuas fornalhas rubras, que derretem o ferro, o mesmo metal com o qual constróis máquinas para beneficiar os teus gigantescos arrozais. Esses, também os vi em toda sua pujança, ondulantes aos ventos, imensos, altaneiros, como

sóem ser os grandes senhores, quando são, de fato, senhores absolutos. Jamais me esquecerei de ti, Cachoeira do Sul, catadupa vertiginosa de progresso e de vida. E por seres mulher e princesa, ao me despedir, curvo-me reverente, ante ti... P.2

30/12/1945 Inesquecível festa social. Ruy Porto. A sociedade cachoeirense viveu momentos inolvidáveis na noite de 5ª feira, quando comemorou-se o 15º aniversário da Srta. Mafalda Schneider, dileta filha do sr. Edwino Schneider e de sua exma. esposa d. Corina Cunha Schneider. Desde às 20.30 horas começaram a chegar, em grande número, os convidados os quais eram recepcionados pela incansável família Schneider que assim proporcionou todos a momentos jamais olvidados. Às 21 hs. os salões engalanados da residência da aniversariante, regorgitavam de mocidade, de vida e de rara beleza. A um canto o jazz típica Becker executava as primeiras peças clássicas da noite, emprestando, assim, ao ambiente, um cunho de doce tranqüilidade. Nos sofás, nos discretos gabinetes, nas copas, grupos alegres de senhoritas e rapazes aguardavam o momento em que seria iniciado o grande Baile de aniversário. É sob os acordes de uma maravilhosa valsa que o sr. Edwino Schneider dá início dançando com sua filha sob as vistas de todos os presentes. Notávamos a alegria e o justo orgulho estampado na fisionomia simpática do sr. Edwino que, assim, via coroado de êxito todos os seus esforços entregando agora à sociedade cachoeirense mais um fino ornamento. P.2

20/6/1946 O governo do Estado doou 300 mil cruzeiros para o Hospital de Caridade de Cachoeira do Sul. Em decreto recente, assinado pelo então interventor interino, dr. Oscar Fontoura, o Governo do Estado doou 300 mil cruzeiros para a terminação das obras do Hospital de Caridade desta cidade. Assim, poderão ser iniciadas as obras da ala esquerda do edifício, construção esta cuja necessidade há tempos se vem fazendo sentir. A casa já está pequena para abrigar os inúmeros doentes, não deste município como também dos municípios vizinhos que acorrem para o nosso modelar hospital. P.1

30/6/1946 “Jornal do Povo”. Carina Pessoa. À 30 de junho de 1929, apareceu o primeiro número deste jornal fundado por Virgílio de Abreu e Mário Ilha. Entra ele hoje no seu décimo oitavo aniversário. Tendo sua redação e propriedade passado sucessivamente ao sr. João Leite de Abreu, coronel Cyro de Abreu e atualmente os srs. Manoel de Carvalho Portella & Cia. Nada sofreu o jornal com a mudança de redatores e proprietários. Continuou a sua rota, traçada pelos fundadores,, de bem servir ao público cachoeirense, defendendo os interesses municipais, a boa orientação política e administrativa e política geral, dentro dos princípios de lealdade, justiça e tolerância. Sem, ter um jornal político, tratou sempre com imparcialidade e larguesa de vistas, os assuntos político de interesse público, criticando-os ou louvando-os com tolerância e polidez. Sem ser um jornal religioso, a sua orientação é verdadeiramente católica, imprimindo no feitio do jornal a sua idéia, a sua atitude firme, de defesa dos princípios da nossa Igreja Católica e dos nossos costumes cristãos. P.17

30/6/1946 Cachoeira progride. Cachoeirense. Indiscutivelmente, nota-se em todos os recantos da formosa Cachoeira, o lado do progresso. Se fizermos uma zona suburbana, de norte a sul, constataremos, entusiasmados, o que vai de novidade por ali. Largas avenidas estão sendo rasgadas. Todas aquelas ruasinhas pedregosas, enjuadas e tortas, apresentam hoje um aspecto atraente. Foram limpas, a máquina Gradedbuilders, entrou em ação de verdade, emparelhou e ensargetou. Já se pode passar em terceira em todos os bairros da cidade. Com o arruamento que se vem verificando, verificou-se também, um enchame de construções novas. Lindas casinhas surgem de todos os lados, ostentando bonitos jardinsinhos, que enfeitam sobremodo, com suas flores de cores variegadas, os recantos mais distantes de Cachoeira. Vale a pena, agora, dar-se um passeio pelos arredores da cidade. transportando-nos ao centro da cidade, verificamos também que as construções se sucedem quer nas ruas principais como nas transversais, em todas elas verificamos o surto de novas e elegantes construções. Se nos dirigirmos a antiga Praça São João, ali verificaremos a sua grande transformação. Toda a Praça foi tomada pelas mais lindas vivendas que ali forma construídas, todas elas obedecendo as mais modernas linhas arquitetônicas, verdadeiras obras de arte. O Bairro Santo Antônio com a linda igreja quase ao término de seu revestimento externo, tornou-se o refúgio das almas. Falta ainda a Praça Santo Antônio, que, acreditamos, dentro em breve será uma realidade. E quando lindo ficará aquele bairro com sua pracinha ajardinada, seus abrigos, bancos e flores. P.15

30/6/1946 Delegacia de polícia de Cachoeira do Sul. Seu crescente aparelhamento atesta a eficiência desenvolvida pelo trabalho de seus funcionários. Uma delegacia de Polícia organizada em métodos modernos, mantendo cadastros e fichários referentes a todos os serviços afetos a sua jurisdição, conforme veremos abaixo. Crimes ocorridos no ano de 1945. Lesões corporais leves 55. Lesões corporais graves 10. Estelionato 2. Dano 4. Furto 13. Furo qualificado 3. Acidentes com arma de fogo 1. Porte ilegal de arma de fogo 3. Homicídio 2. Rixa 2. Sedução 30. Suicídio 10. Estupro 5. Rapto consensual 2. Apropriação indébita 2. Ameaça 2. Receptação 1. Maus tratos 2. Violação de domicílio 2. Morte por acidente 7. Calúnia 1. Esbulho possessório 1. Desacato à autoridade 5. Resistência à prisão 1. Acidente no trabalho 13. Acidente no tráfego 5. Morte por afogamento 4. Tentativa de homicídio 2. Adulteração de documentos 2. Injúria 2. Posse sexual mediante fraude 1. P.3-4

2/7/1946 Diversas. “Stand” e café “Imemby”. Deverá ser inaugurado ainda nesta semana, no recinto da Estação

da Viação Férrea, desta cidade o elegante “Satnd” e Café “Imembuy” mandado construir pela Cooperativa dos empregados da V.F. de Santa Maria. Nesse local, será posto à venda jornais, revistas, frutas, doces, balas, e o afamado Café “Imembuy”. Trata-se, pois, de uma grande iniciativa da Viação Férrea que muito virá a facilitar aos srs. viajantes nas aquisições dos artigos que ali serão postos a venda. Tendo entrado em acordo com a direção da Cooperativa contratou a exploração do “Stand” e café “Imembuy” o sr. Abraão Federbusch, o qual apenas espera a instalação da máquina de café para abrir o mesmo à concorrência pública. P.3

2/7/1946 Greve pacífica contra o “Café Frisia”. Recebemos ontem a visita de uma comissão composta de elementos de destaque em nossa sociedade, que vieram trazer o seu protesto contra a alta do preço do cafezinho, na Sociedade Café Propaganda Frisia Ltda. De fato, desde ontem 0,40 centavos pela xícara da “preciosa rubiácea”. Se o café é a “vitamina do espírito” iremos fortificar nosso espírito lá no “Papito”, que além de oferecer café a 0,30 brinda-nos com as xícaras oficiais do Departamento do Café, e que por sinal contém o dobro do líquido que contém as xícaras do Frissia”. P.1

4/7/1946 A greve branca contra o cine-teatro Coliseu. 1“Nós representando um grupo ponderável da coletividade cachoeirense, vimos comunicar a esta folha, - e pedir-lhe que dê a necessária divulgação – que desde amanhã, quinta-feira, fica declarada uma greve pacífica contra o Cine Teatro Coliseu. Quer isto dizer que haverá uma abstenção cinematográfica da parte de todas as pessoas de boa vontade que queiram colaborar em defesa dos interesses coletivos. Somente com a união e boa vontade de todos é que se pode conseguir alguma coisa, até mesmo acabar com o “câmbio negro”. A abstenção durará até que os proprietários daquela casa de diversões satisfaçam os pontos seguintes: 1º) melhore o aparelho projetor. Como todo mundo sabe, devido a um defeito no aparelho, talvez seus espelhos, a filmagem é péssima, trêmula e escura mesmo, prejudicando a vista dos espectadores; 2º) baixe o preço, tirando os tais “quebradinhos” que só servem para atrapalhar; 3º) acabe de uma vez por todas com os chamados “filmes-abacaxis”, e exiba coisa melhor, tendo assim um pouco mais de consideração para com o seu público; 4º) mude o pano da tela, que por sinal já está que é uma vergonha de tão sujo! Está que é um legítimo “perigo amarelo”! P.1

4/7/1946 A pedido. Entregue ao julgamento popular o caso do aumento do cafezinho Frisia para 0,40. Uma enquete original. Bebida suave ou comum? Ou devemos aumentar 0,10 centavos em xícaras passando a cobrar 0,40 centavos - para continuarmos fornecendo o café como estamos atualmente fornecendo , isto é, café fino, de bebida suave, e que custa quase 200,00 mais em saco? Entregamos o controle desta “enquete” aos frequentadores do Café Frisia, para receberem as respostas e efetuarem a apuração e nós nos submeteremos à suprema vontade do povo cachoeirense que assim terá oportunidade de ditar o seu desejo. Adiantamos ainda que aqueles que responderem a nossa “enquete” e entregarem na urna do Café Frisia a sua resposta escrita, dando o nome, rua e número da residência, faremos entrega de um talão com 10 cafezinhos Frisia, gratuitamente. P.4

4/7/1946 Continua a greve contra a alta do Café Frisia. Um café “Papito” faz dois “Frísias”. Conforme informações que fizeram chegara esta redação, de fonte insuspeita, soubemos, ontem à noite, que focou provado, num “tete a tete”, havido no Frisia, numa experiência testemunhada por várias pessoas, e na qual tomou parte o próprio diretor – comercial da Sociedade de C. Propaganda Frisia Ltda., que uma xícara de café “Papito”, faz duas “Frísias”. Paga-se, portanto, pelo Frisia, não 0,40 mas sim 0,80, segundo a opinião do nosso interlocutor e testemunha do teste... P.1

9/7/1946 Continua a greve contra o “Café Frisia”. As urnas acusaram então o seguinte resultado: Café, do bom a 0,30: 168 votos; Café, do bom, a 0,40: 130 votos; Café ruim a 0,30: 18 votos. Esta foi a soberana decisão do povo. Consultado, o povo disse que queria café bom a 0,30. Entretanto, o sr. Ivo Becker não quis considerar válidos votos do “café bom a 0,30”, fazendo prevalecer seu “reacionário” regulamento. Resultado: a comissão grevista deliberou que a greve continuaria. Aliás, os principais promotores da greve sempre “ignoraram” a enquete afirmando que só voltarão ao Frisia quando o café ficar a 0,30... Resultado: continuou a greve, pois o Frisia voltou a custar 0,40. Domingo à noite, circulou um cartaz com o seguintes dizeres: - “A vontade do povo foi desrespeitada. Não tome café aqui.” “Não entre neste café”. P.1

14/7/1946 Cafezinho “Frisia” voltou a CR\$ 0,30. Comunicamos aos apreciadores do cafezinho “Frisia” que resolvemos não levarmos em consideração os fatores econômicos adversos da nossa organização de degustação de café (Café Frisia) – e considerá-la tão somente como um eficiente veículo de propaganda do Café “Frisia” industrializado, que já é consumido em todos os quadrantes do Estado do Rio Grande do Sul, mantendo assim o preço do cafezinho “Frisia”, que é obtido dos mais finos cafês crus produzidos n Brasil à Cr\$ 0,30 a xícara em caráter permanente. P.1

16/7/1946 A 7 de Setembro será inaugurada a Rádio Cachoeira do Sul Cachoeira do Sul está, por tanto, de parabéns, pois em breve terá a sua emissora. P.2

18/7/1946 O escândalo do pão. Quanto a farinha de trigo que o sr. Tischler diz ter recebido, é de admirar a desfaçatez com que ele pretendeu ludibriar a boa fé do bondoso povo desta terra, que bem o conhece e sabe, que

ele é um costumaz retentor de gêneros de primeira necessidade. Infelizmente, a farinha de trigo que ele diz ter distribuído “generosamente” (o grifo é meu) às padarias, ou mesmo ao público, na sua qualidade de comerciante, não o pode fazer em garrafas de bicos quebrados, como aconteceu com o querosene, nem “camuflada” em sacas de sal, como aconteceu com o açúcar. E mais ainda: talvez agora o “benemérito” Arnoldo Tischler não possua mais desta farinha, que ainda, por muita generosidade, tinha em seus depósitos, “camuflada” em sacos de aniagem. P.1

21/7/1946 Dolorosa tragédia passional. Simplesmente dolorosa foi a cena que a reportagem do “Jornal do Povo” presenciou, ontem à tarde. Um homem de ótimos precedentes, trabalhador e aproveitável, num momento de alucinação, chega ao extremo de assassinar com dois tiros, a mulher com quem vivia maritalmente há 7 anos, a seguir, fim a sua vida com um tiro na fonte. P.1

31/7/1946 Os aviões da Varig passarão, em breve, a escalar oficialmente nesta cidade. Os aviões que serão empregados nestas viagens, serão os “Elétrás” com capacidade para 9 passageiros. Esses modernos e seguros aparelhos, estão equipados do mais completo aparelhamento, que facilitará suas viagens, mesmo em dias de chuva ou de pouca visibilidade, com a maior segurança e conforto. Cachoeira ficará ligada por via aérea à cidade de São Gabriel, Alegrete e Uruguaiana, sendo que até fins de agosto, será estendida a ligação até a vizinha cidade de Santa Maria. P.1

5/8/1946 Um por dia. Quem fizer confusão, será nela envolvido. Manoel de Carvalho Portella. Se nós procurarmos entregar às autoridades os elementos “sangue-sugas”, estaremos fazendo justiça, porém, se, pela imprensa começarmos a girta “mata – esfola – dependura – fuzila”, estaremos pondo lenha na fogueira e acabaremos sendo envolvidos na confusão. O resultado será pagar o justo pelo pecador... P.2

28/8/1946 A indústria do fumo em Cachoeira do Sul. Uma grande companhia paulista estuda a possibilidade de instalar, nesta cidade, uma importante fábrica de cigarros. Julgamos nós que esta fábrica não está longe de ser instalada nesta cidade, dado os grandes recursos que possuímos com referência à qualidade e quantidade do produto base, isto é, o fumo, que possuímos das melhores marcas e em estoques bem elevados. Mais uma razão plausível para que seja esta cidade beneficiada com a fábrica em apreço é a de oferecermos mais vantagens quanto ao transporte rodoviário, ferroviário e fluvial e ainda porque, segundo declarou-nos o sr. Manssur, a zona entre Cachoeira e Sobradinho está fadada a ser uma grande fonte produtora de fumo de primeiríssima qualidade. Há ainda uma possibilidade patente, que é o entusiasmo reinante entre os produtores de fumo de Santa Maria, Sobradinho e Candelária, cujo entusiasmo faz com que seja bem provável a instalação da fábrica nesta cidade, pois que Cachoeira está situada justamente entre esses municípios, oferecendo, portanto, todas as vantagens, tais como transportes, centralização, etc. Declarou-nos, ainda, o nosso entrevistado, que, logo que termine o seu trabalho de estudos, nesse município e nos municípios vizinhos de Santa Maria, Santa Cruz, Sobradinho e Candelária, irá apresentar à Diretoria da Fábrica sua opinião, julgando bem plausível a idéia de ser Cachoeira premiada com a grande fábrica de cigarros. Cachoeira do Sul, localizada como está, nos centro dos maiores municípios produtores de fumo, reúne as vantagens para que nela seja instalada a manufatora que a Companhia pretende trazer o Rio Grande do Sul. Acreditamos que Santa Cruz possua maior produção do que Cachoeira, Sobradinho, Venâncio Aires e demais cidades circunvizinhas, porém, devemos atentar que Cachoeira está no centro e as demais localidades formam a periferia, e portanto, a nossa cidade pode e deve ser a escolhida para que nela seja instalada a fábrica em referência. P.1

30/10/1946 O “Frísia” retirou as cadeiras. Esse gesto do sr. Ivo Becker foi considerado deselegante por todos os freqüentadores de sua casa. Afina, o “Fisia” era uma espécie de “bolsa comercial” da cidade, pois, em suas mesas se realizavam importantes transações comerciais, ou, pelo menos tinham início. E, sem aviso prévio... P.1

6/11/1946 O café Baependi e a casa “Ao papito” venderão cafezinho, a partir de hoje, pelo preço que os freqüentadores quiserem pagar. SS. SS. declararam-nos que estão resolvidos a solucionar o caso do cafezinho, fornecendo-o, a partir de hoje à tarde, pelo preço que o freqüentador quiser pagar. P.1

11/11/1946 Câmbio negro no cemitério da vila de Bexiga. Com a passagem do dia 2 de Novembro de 1946, surgiu à luz dos fatos escabrosos um acontecimento inédito, refletido dum lado a penumbra do escrúpulo humano e de outro lado, a facilidade com que se ilaqueia a boa fê do povo, num flagrante desrespeito à bolsa alheia. A triste verdade, porém, é que para se ter ingresso, no Campo Santo da Vila de Bexiga, embora acompanhando algum defunto, é necessário pagar entrada. Quem não pagar ingresso só poderá chorar do lado de fora. O zelador do referido cemitério, por ordem superior, afixou no portão de entrada um cartaz com os seguintes dizeres: “Cemitério Público da Vila do Bexiga”. O zelador deste cemitério, Jacinto Domingues, avisa a todos que a entrada é de Cr\$ 1,00 ou mais. A quem pagar mais ficarei muito grato. Poderão entra 5 ou 6 pessoas duma família, porém todos tem que pagar a sua entrada. 2 de Novembro de 1946. É necessário notar que o referido sr. Jacinto Domingues não tem a culpa, nem do tabelamento, nem da cobrança de ingresso, visto ter declarado que assim o faz com autorização das autoridades, que assim procedem para conseguirem o numerário suficiente para mantê-lo nesse cargo. Eis aí uma atitude de flagrante desrespeito às nossas leis que transforma

um local público em fonte de renda, abusando dum lugar onde tudo morre, menos os sentimentos humanos. P.2

24/11/1946 Marcelo Gama. Agripino Greco. Marcelo Gama era gaúcho e carregava no século o nome prosaico de Possidonio Machado, que, pelo seu tom burguês, muito o prestigiava junto aos comerciantes quando os procurava afim de obter anúncios para as folhas. Realizando uma poesia em tons mordentes, toda gumes e arestas, que parecia o equivalente rimado da prosa ácida de Fialho d'Almeida, Marcelo, nos últimos tempos, prosperava cada vez mais em barriga e satirizava os versejadores que trouxessem muito convictamente, chapéu de abas largas, monoculo e gravatão de laço. Na sua boca o maio dos desaforos consistia em chamar um jovem de romântico. E, entretanto, poucos o foram como ele. De uma feita, encarregaram-no, de uma seção de crítica de arte no Rio, mas tantos epigramas desfechou o poeta contra os consumidores de tinta e de tela que o dono do jornal julgou prudente impedir a continuação desse Santo Ofício hebdomadário da nossa pintura. Era Marcelo dos que achavam obrigatório desencorajar a mediocridade. Certo colega lhe foi ler um soneto de sua lavra lendo-o baixinho em um canto, como quem tem medo da polícia, e o autor das “Mulheres” trovejou, logo que o outro chegou à clássica chave de ouro: “Seu soneto é bonzinho, mas podia ser um pouco mais curto...” Afinal, esse boêmio aburguesado desapareceu ingloriamente. Dava-se a incurável notambulismo e sempre regressava ao seu casinholo suburbano à hora do padeiro e do leiteiro... Pois numa dessas voltas, quando o bonde atravessa o antigo viaduto de Engenho Novo, Marcelo Gama, a um arranco mais violento do veículo foi despenhar-se no leito da Central do Brasil e saiu da vida numa espécie de cambalhota macabra. P.2

9/12/1946 Diversas. Cine-recreio ao ar livre. Foi inaugurado com grande sucesso, na noite de sábado, 7 do corrente, o Cine Recreio, ao ar livre, estabelecido à rua Júlio de Castilhos, 102, e de propriedade da firma R. Wolf. Ao espetáculo de estréia compareceu grande número de espectadores, ficando completamente lotadas todas as localidades do “Recreio” que tem capacidade para 1.200 pessoas. P.3

15/12/1946 Jornal do Povo. Assim, a partir de janeiro próximo, o “Jornal do Povo”, circulará às segundas, quartas, sextas e domingos, saindo, portanto, 4 vezes por semana. Sua parte social será amplamente desenvolvida, publicando-se, em todos os números noticiários sobre aniversários, bailes, saraus, enfermos, batizados e casamentos. P.8

1/1/1947 Nova fase. Manoel de Carvalho Portella e Liberato Salzano Vieira da Cunha. Entra o “Jornal do Povo”, em uma nova fase. A partir de hoje, circulará 4 vezes por semana. Sentimos que nossas três edições semanais que estávamos tirando já se tornavam insuficientes para atender às necessidades publicitárias e noticiosa desta nossa cada vez mais progressista Cachoeira do Sul. Daí, este nosso esforço, que esperamos, seja compreendido e apoiado por todas as classes, especialmente pelo comércio e pela indústria locais. Aos poucos, se vai formando uma nova mentalidade em relação à imprensa. É um sinal de evolução. Os motivos daquela máxima “quem não anuncia não vende” tem sua última razão de ser no fenômeno psicológico na associação de idéias. Nada tem de empírica, portanto. E aqueles que isso compreendem não dispensam no cômputo dos valores que vão dar o preço, a parcela destinada à propaganda. E é justamente esta finalidade publicitária do jornal que possibilita a execução da outra, a mais importante das finalidades da imprensa: a colaboração no desenvolvimento do progresso das cidades, através do noticiário e da defesa dos interesses das suas populações. P.2

1/1/1947 Festiva organização da firma Alaggio & Cia. Uma organização a serviço da coletividade cachoeirense. “Cachoeira do Sul, na sua faceirice de moça bonita, elegante sem ser dengosa, culta sem aparatos de sapiência, juntou a sua já tradicional e conhecida cidade dos encantos, mais uma diadema na sua frente augusta e magestosa. Rainha dos dias faustosos que passam, ei-la com seu cortejo imenso e deslumbrante, a transitar pelas nossas ruas, ostentando, soberba de alegria e de amor, abençoada pelas multidões em delírio, tudo aquilo que somos dentro da harmonia do trabalho que gera a paz fecunda e construtora. Cachoeira, quando no seu território abençoado, palmilharam os primeiros mensageiros da civilização, desfraldando ao sopro do minuano a flâmula com as insígnias de Cristo, já ostentava, ditosa e feliz, na sua beleza empolgante, entre as carícias sem par da natureza bizarra, o título de Princesa. Soberana impoluta cujo pedestal do trono em que se assentou, foi conquistado em lutas destemerosas e sem tréguas, contra os dominadores ambiciosos e a natureza inculta, lutas que tanto enobreceram e exaltaram essa sentinela avançada da nossa honra e da nossa integridade. Assim, Cachoeira cresceu, não só no coração de seus filhos dialéticos – mas ainda, nos olhos dos visitantes enamorados dos seus encantos. Hoje ela refloresce, beijada pelo sol ameno destas tardes de verão, ou adormece embalada pela cantiga carinhosa de suas cachoeiras. Ela está de parabéns. Mais um monumento de arte e de bom gosto, se alteou bem no seu coração: A Casa Allaggio! P.8

1/1/1947 O 25º aniversário da firma Reinaldo Roesch & Cia Ltda. Uma organização que se firmou no conceito de seus pares. O dia 23 de Dezembro foi de grande júbilo para a indústria do beneficiamento do arroz no Estado do Rio Grande do Sul. Nesta data, festejou suas Bodas de Prata sua atacada e poderosa firma local Reinaldo Roesch & Cia Ltda., cuja prosperidade e direção cabe aos srs. Reinaldo Carlos Paulo Roesch e Edwino Schneider, nomes por demais conhecidos, não só no setor da indústria do beneficiamento de arroz como nos meios comerciais, sociais e econômicos do Estado, onde desfrutam do mais sólido conceito e justiceira estima.

Em Cachoeira, Schneider e Roesch, sempre se conservam na vanguarda de qualquer cometimento que por ventura se vê surgir, e, principalmente, naqueles que dizem respeito ao engrandecimento de nossa privilegiada Princesa, resultando ainda mais, nos atos filantrópicos e fundamentalmente caridosos. “Entrega de cadernetas da Caixa Econômica” Às 10,30 horas com a presença de grande número de convidados, foi pelos srs. Reinaldo Roesch, Edwino Schneider e suas exmas. consortes dado início a entrega das cadernetas da Caixa Econômica Federal a todos os filhos dos funcionários em número que subia a duzentos, contendo cada caderneta a importância de Cr\$ 100,00. Solenidade essa que se repete anualmente. Nessa mesma ocasião foram distribuídos às famílias dos empregados ranchos completos, constituindo essa dádiva numa valiosa contribuição, dada a variedade de gêneros, e, mais ainda, pela alarmante escassez e elevado preço de tais artigos. P.6

10/1/1947 Política local. Estará em Cachoeira, dia 14, o dr. Décio Martins Costa. A resposta do sr. Reinaldo Roesch à LEC. Somente hoje recebi o ofício com data de 5 deste mês, que me foi dirigido por esta colenda junta, e em que se me pede o meu pronunciamento em face dos postulados da Liga Eleitoral Católica, já inscritos na Constituição Federal de 18 de Setembro último. Como candidato a deputado pelo P.S.D. considero meu dever, uma vez eleito, trabalhar pela incorporação destes postulados também em nossa futura Constituição Estadual, e o farei não somente em virtude do meu compromisso partidário, como ainda porque os mesmos coincidem, perfeitamente, com o meu modo de pensar e de encarar a nossa atualidade política e social. P.1

13/1/1947 A visita do primeiro avião da S.A. Viação Aérea Gaúcha a Cachoeira do Sul. Conforme anunciamos em nossa edição de ontem, aterrissou no aeroporto local, às 11.45 o possante Lodestar da novel entidade de Viação Gaúcha, “São Pedro do Rio Grande do Sul.” A Savag, dentro de poucos dias inaugurará as suas linhas entre as seguintes cidades: Porto Alegre (viagens diárias); Cachoeira, Passo Fundo, Santa Maria, Santo Angelo, Bagé, Pelotas (dias a serem escolhidos), sendo que a primeira viagem será feita na próxima semana, com o avião que acaba de chegar dos Estados Unidos da América do Norte. P.4

21/1/1947 Diversas. Nosso serviço telefônico. Não era o nosso desejo falar sobre o péssimo estado do nosso serviço telefônico, pois sempre esperamos que de um momento para outro ele viesse melhorar. Agora, no entanto, somos obrigados a tal, pois já não podemos mais suportar a anarquia que reina neste serviço público. Já não se pode mais fazer uma ligação que a mesma não seja interrompida de duas a três vezes, além da demora que se verifica para se conseguir um recado. P.3

22/1/1947 Diversas. Mas que cheirinho desagradável. Os freqüentadores do Cine Teatro Coliseu, pedem por nosso intermédio, aos srs. Comessetto & Carvalho que mandem desinfetar os corredores das saídas laterais daquela sua casa de diversões, pois nessas noites de calor e abafamento aquele corredor exala um fétido tal, que ninguém mais quer se sentar daquele lado fedorento. P.3

22/1/1947 Diversas. Uma esmola por amor de Deus... Em desamor a SCAN. Os pobres fichados na SCAN, dada as felicidades que se vêem encontrando, por parte das população, já estão aumentando rapidamente na cidade. Verifica-se diariamente que os esmolares, depois que recebem sua quota na sede da SCAN, costumam pedir ajuda pelas ruas e novamente pedir daqueles que são associados, e que, por conseguinte, já deram a sua quota. A direção da SCAN, esclarece que não de esmolos nas ruas, pois essa atitude está prejudicando grandemente a ação dessa entidade. P. 3

22/1/1947 Varig anuncia. Horário de verão. Terças: avião de Uruguaiana – Alegrete – S. Gabriel – (Cachoeira) – P. Alegre. Quintas: avião de P. Alegre – Cachoeira – S. Gabriel. Chega em às 13.20 parte às 13.40hs. volta no mesmo dia às 15.40, parte às 16hs. Avião de P. Alegre – (Cachoeira) – S. Maria – Alegrete – Uruguaiana. Chega em (Cachoeira) às 8.50 parte às 9.10hs Volta no mesmo dia às 14.50, parte às 15.10. P.3

12/2/1947 Reinaldo Roesch e Floriano Neves vão para a Assembléia Estadual. Esta notícia é realmente auspiciosa para a população, pois significa grandes possibilidades de progresso para a cidade que terá naquela Casa duas vozes suas para reivindicar seus mais legítimos anseios de ordem econômico-social. P.1

19/2/1947 O carnaval de 1947 em Cachoeira do Sul. Como aconteceu em todo o Brasil, o carnaval de 1947 Cachoeira do Sul não teve o entusiasmo dos anos anteriores. Apenas as festividades internas nos Clubes Comercial, Rio Branco, Náutico e Familiar foram animadas, prolongando-se os bailes até as primeiras horas da manhã de hoje. Ontem à noite o “Cordão” visitou a ZYF 4 brindando aos ouvintes com 4 números de seu repertório, cantados com bastante desembaraço. P.1

19/2/1947 Trágico acidente de ônibus ocorreu nesta cidade. A cidade ficou abalada, domingo de Carnaval, pela notícia de um pavoroso desastre de e ônibus, ocorrido na rua 7 de Setembro. eram aproximadamente 19, 30 quando o ônibus de placa de n.º 175608 de propriedade da empresa Schmidt & Tessele, produzido pelo motorneiro José Cardoso, vinha por aquela artéria principal da cidade, superlotado de passageiros, inclusive com numerosos pingentes. Ao aproximar-se da redação desta folha, segundo depoimentos de alguns passageiros, o ônibus aumentou a velocidade para poder vencer a subida da Estação, como é chamada a quadra que vai do banco do R. G. do Sul até o Banco Agrícola Mercantil – entretanto, seja pelo excesso de velocidade, seja pela

superlotação de passageiros, o veículo derrapou violentamente junto a calçada junto a calçada do referido Banco do R. G. Sul, e continuou nesta derrapagem até o edifício onde funciona o Banco Industrial e Comercial do Sul onde foi de encontro ao poste ali existente e que ficou partido em três pedaços distintos. A Empresa Schmidt & Tessele autorizou a administração do Hospital a lhe debitar todas as despesas com os feridos. P.1

9/3/1947 Uma grande multidão recebeu ontem, na gare local, a imagem de Nossa S. Medianeira de Todas as Graças. Goiânia, 8 (A.N.) – o interventor Joaquim Araújo exonerar-se-á na próxima semana e transmitirá o poder ao Governador eleito Coimbra Bueno da UDN pois passará no posto de secretário do governo. P.1

21/3/1947 A nossa grande “Universidade” popular. Liberato S.V. da Cunha. De minha parte direi que o Centro Cultural será a nossa grande “universidade”. Porque o Centro criará cursos populares de português, inglês, filosofia, . criar um grêmio literário. Enfim procurará difundir cultura de todos os meios e de todos possíveis e impossíveis. P.1

18/4/1947 Navegabilidade permanente do Rio Jacuí. P. Alegre, 18 (pelo telefone) – O deputado Reinaldo Roesch, apresentou ontem, na Assembléia Legislativa Estadual, uma indicação, pela qual carece que a Assembléia se dirija ao governo solicitando urgência nas obras de canalização do Jacuí. Essa proposta foi recebida com grande entusiasmo no seio Assembléia, dada a importância e transcendência do assunto, que desde há muito, vem sendo encarado como urgente necessidade de concretização, basta que se leve em conta as grandes vantagens que advirão dessa iniciativa, pois não só facilitaria o transporte de mercadorias na vasta região banhada pelo Jacuí, como viria, de vez, solucionar o angustiante problema do transporte. P.1

23/4/1947 Cuidado com os trens. Pare! Olhe! Escute! Aquela hora, descia pela rua Júlio de Castilhos, com direção ao centro da cidade, o caminhão de carga de placa 10 65 44, guiado pelo motorista Francisco Gonçalves do Amaral, possuidor da carteira profissional 4455, o qual vinha carregado com mais ou menos 50 fardos de fumo, pertencentes à firma Luiz C.F. Lozekan, de Agudo. Ao notar a aproximação do referido trem, o motorista, como único recurso, e a fim de evitar um tremendo choque., torceu a direção para a direita, passando de raspão pelo poste de iluminação elétrica e indo se jogar no grande boeiro ali existente. P.4

27/4/1947 Pingos nos ii... Chinês. Cuidado com as bombas. De dias para cá, vem se verificando, nas principais ruas da cidade de Cachoeira do Sul, um verdadeiro bombardeio simulado. Sustos e mais sustos têm levados senhoras e cavalheiros. Acontece que a gurizada, numa brincadeira de mau gosto, iniciou, prematuramente, os festejos “barulhentos” de São João, São Pedro e São Paulo. Acontece que esse bombardeio, vem de maneira irritante, por a prova de fogo, os nervos dos transeuntes, que ao receberem esses “bombaços” inesperados são capazes de descontrolar e praticar algum ato de desatino. P.2

3/6/1947 Anúncio. Povo cachoeirense. O Leão acordou e vai lutar As famosas Casas Pernambucanas aceitarão publicamente quaisquer confrontos de preços, a partir de ontem, dia 2 de junho, preços de arrasar! Todo o imenso parque industrial das invencíveis Casas Pernambucanas a serviço dos cachoeirenses. Milhares de metros de tecidos a serem torrados por preços nunca vistos nesta cidade. o arrojo de uma grande organização lançando baixas fantásticas no comércio de tecidos! As Casas Pernambucanas vão cooperar com o povo, os seus milhões de fregueses, que são do Brasil inteiro! E agora, macacada! Vamos ver quem são de fato os amigos da economia do povo! Era uma vez os concorrentes de 10 contos de estoque... P.3

6/6/1947 Esclarecimento oportuno. Lundgren, Irmãos, Ltda., proprietários das Casas Pernambucanas, vêm declarar que absolutamente não tiveram a intenção de magoar ou ferir suscetibilidades de comerciantes de tecidos desta cidade, quando do lançamento de sua propaganda, há poucos dias. Todos os comerciantes, de um modo geral, são idôneos dentro do âmbito de suas realizações. Apenas desejaram avisar a distinta população de Cachoeira, que as Casas Pernambucanas vendem mais barato, porquanto vendem de suas próprias fábricas, não são intermediárias. Vendemos por preços infinitamente mais moderados, eis uma verdade incontestável. – No entanto, continua ainda o desafio para o confronto de preços, o que faremos publicamente, caso necessário. P.2

18/6/1947 Pingos nos ii... Chinês. É o cúmulo. Várias, inúmeras são as reclamações que se tem feito respeito de uma turma de mocinhos mal educados que no Cine Teatro Coliseu, portam-se de maneira a mais irritante possível, envenenando as cenas e desrespeitando as famílias que aquele centro de diversões. P.2

18/6/1947 Pingos nos ii... Chinês. Cheiro insuportável. Na Praça Baltazar de Bem, existe um mictório que exala um cheiro tão insuportável que os moradores das imediações são obrigados a conservarem fechadas as portas e janelas. Imaginem no verão! Creolina com ele! P.2

20/6/1947 Ainda a estrada federal Uruguaiana-Guaíba-Porto Alegre Em nossa última edição respingamos alguns comentários sobre a possível retificação do traçado da estrada federal Uruguaiana – Guaíba – Porto Alegre. E nós? Sabemos de fonte segura, que o traçado P. Alegre S. Gabriel tem a extensão de 320 km, e que a retificação nesse traçado, a fim de que Cachoeira seja beneficiada, traria um aumento de apenas 5 ou 6 km no traçado geral. Que faremos para conseguir isto? Mais uma vez repetimos: tem a palavra o povo, as autoridades, as classes

conservadoras. Em resumo: tem a palavra quem tiver um pouco de amor por esta terra. P.4

30/6/1947 Pingos nos ii... Chinês. O aniversário do “Jornal do Povo”. Sua independência, conforme sabemos, mantida em alguns casos, com os sacrifícios que se podem imaginar, empresta-lhe uma autoridade moral que o torna ainda mais admirado. Felizmente, o Jornal do Povo, tem sido o verdadeiro fiados das máximas aspirações de uma fina e conscienciosa coletividade como a de Cachoeira do Sul. Sua palavra é autorizada, sua idoneidade como imprensa, livre e destemerosa, firmou-se no conceito de seus leitores. A oficina do jornal é o inferno de Dante. O jornal é o repasto do homem no céu da vida. P.2

4/7/1947 Pingos nos ii... Chinês. O jogo de bolinhas. Um amigo do Chinês escreveu-lhe uma cartinha pedindo que fizéssemos uma reclamação a respeito do jogo de bolinhas que prendem os guris pelas ruas e pelas praças. Muitas vezes – alega reclamante – os guris saem a serviço e perdem tempo jogando na via pública. P.2

13/7/1947 Pingos nos ii... Chinês. Problemas difíceis. Não faltava mais nada para amarelar a vida do cristão. Veio agora um frio de tal intensidade, que gelou até a medula do mais agasalhado filho de Adão. É só gente de olho vidrado, nariz vermelho, caminhar miudinho, mesmo que tico – tico no farelo. Isso quando o indivíduo não para de fato e fica como palanque de venda e ser sempre embuçalado e judiado pela bisnagada do custo impertinente. P.2

21/7/1947 Só Cachoeira não tem. Tal certamente se dará com a campanha Pró Iluminação do Estádio Municipal, que já se esboça, dando seus primeiros vagidos e seriamente aventada numa reunião de alguns mentores de nosso futebol. Assim, breve será concretizada a aspiração dos esportistas cachoeirenses, dando à nossa cidade, aquilo que “Cachoeira não tem”, e comunas menores que a nossa possuem. P.4

3/8/1947 Pingos nos ii... Chinês. Plantão noturno nas farmácias Escusado é dizer que a nossa cidade bem merecia manter um serviço noturno em suas farmácias. O penitente que necessita de aviar uma receita durante à noite, muitas vezes, se vê na contingência de andar de Herodes para Pilatos a fim de conseguir ser atendido. Não quer dizer com isso que nossos abnegados farmacêuticos não atendam a uma solicitação a tardias horas. Todos atendem. Seria no entanto mais aconselhável estabilizar o serviço noturno como se observa em relação aos domingos. P.2

3/8/1947 Pingos nos ii... Chinês. Num ônibus. Há dias eu “viajava” num dos nossos tradicionais ônibus, que, como sempre, nas horas de maior movimento, trazia gente até pela garupa. Eu estava sentado na ponta de um banco. Os corredores fervilhavam. Ao meu lado vinha uma senhora gorda dependurada no corrimão, a qual, de quando em vez, roçava a barriga na minha cabeça. Em dado momento passou a referida gordacha a me coçar a cabeça, arrancando com as unhas, algum “cacurutu” que encontrava. Em certo momento, esse “coçamento” atingiu a tal intensidade que virando-me para a dedilhadora gritei: - Minha senhora, essa cabeça é minha! – Ao que ela olhando-me respondeu: “Desculpe cidadão, pensei que era o Lulu”. – Comigo não! P.2

3/8/1947 Pingos nos ii... Chinês. Coisas críveis. Na cidade de Kachoeira, na China, todo o mundo planta arroz, porém, só comem sementinha de espinilho. P.2

3/8/1947 Dutra soluciona a crise da lavoura de arroz. Conforme divulgamos, em nossa sessão na Assembléia Estadual, realizado em 23 de junho p.p. o deputado Reinaldo Roesch produziu incisiva peça oratória sobre a crise com que se debate a lavoura rizícola do Estado. Nessa ocasião o deputado peessedista propôs que a Casa telegrafasse com urgência aos poderes competentes pedindo imediatas providências para os lavoureiros. P.1

6/8/1947 A maioria dos habitantes da cidade ficou sem carne verde Parece mesmo que o problema da carne em Cachoeira está fadado a ficar crônico. Normalmente, a Sociedade fornece 1.600 quilos de carne à uma população de 20.000 habitantes. Hoje, entretanto, a Sociedade mandou para os açougues apenas 160 (cento e sessenta) quilos de carne de ovelha. Parece mentira mas é verdade. Assim agiram os senhores que um dia afirmaram solenemente que a produção cachoeirense não ficaria sem carne. E enquanto isso, nós, os cachoeirenses, vegetarianos por necessidade, não por vocação, vamos fazendo um pouco de penitência... P.1

6/8/1947 29 a 11: Maiúscula vitória a favor do sábado inglês. Em sessão de Assembléia geral realizada ontem na Associação do Comércio e Indústria em 2ª convocação feita pela imprensa, à qual compareceram 42 associados, foi discutido, além da reforma, em parte, dos estatutos, a adoção do sábado inglês, medida essa pleiteada pelos Sindicato dos Empregados do Comércio, cujo pedido havia sido feito em ofício ao sr. Prefeito Municipal, tendo este, posteriormente enviado a solução do caso à Associação, por ser este órgão o único capaz de se manifestar a respeito, visto possuir elementos para tal, levando em conta sua posição de controlador dos interesses da grande classe, da qual é fiscalizadora e mesmo por ser órgão técnico consultivo do governo, nas condições estabelecidas pelas leis em vigor, além da sua posição de representante da classe que congrega. P.4

10/8/1947 Pingos nos ii... Chinês. Carne não há... só para churrasco Informaram ao Chinês, que a carne está racionada, pelo visto e pelo exposto. Acontece, no entanto, que em certo corte de esquina se vende costelas para churrasco e não sobra para os demais que compram os magros quilinhos. P.2

11/8/1947 Os varejistas são contra o sábado inglês. 2) Porque, em virtude do hábito generalizado e já tradicional, as famílias realizam a maioria de suas compras justamente no sábado à tarde; 4) Porque a criação do sábado inglês trará, normalmente aos varejistas uma série de antipatias e conseqüentemente maiores prejuízos: os consumidores, com os feriados de sábado e domingo, na falta do gênero iriam bater à porta das casas de famílias do varejistas, que estariam, por força de lei, impossibilitados de atendê-los. 5) Porque a maioria dos consumidores do comércio varejista pertence à classe operária que, na maioria, recebe salários semanais e são pagos ao sábados ao meio-dia, ficando com a tarde do mesmo sábado, apenas, livre para suas compras. P.1

6/10/1947 Pingos nos ii... Chinês. Ferro Velho. Desta vez quem apitou na curva não foi o trem, foi o Ferro Velho que o trem matou. Cá pra nós... eu admirava o Ferro Velho! – A sua filosofia e sua vida, cada vez mais me convence de que os vivos são governados pelos mortos, e que os loucos muitas vezes, são menos estúpidos do que muita gatinha metida a sebo e que não vale mais que um pito de fumo ardido. O Ferro Velho fio um cidadão que endireitou muitas barbatanas de guarda-chuvas que hoje vivem tapando a cabeça de muita gente desmiolada. P.2

16/10/1947 Pingos nos ii... Chinês. Dizem que na cidade de Cachoeira, na Conchinchina, os velhos prédios que depõem contra a estética urbanística, podem ser reformados, ainda que estes pardieiros estejam localizados bem no coração da supradita cidade. Essas coisas são injustificáveis, em todo o caso, isso é lá com eles. P.2

17/10/1947 Pingos nos ii... Chinês. Sem vergonha nenhuma. Alguns jovens mal educados, costumam nestas noites de novenas, durante os atos religiosos, portarem-se defronte a Igreja e num fragrante desrespeito às pessoas decentes, dizem, jocosamente, em voz alta, gracinhas e palavras indecorosas. Esses mocinhos bonitos, deviam ser levados a uma casa de reclusão que existe ali bem perto do local que escolherem para darem vazão às canalhices de que são portadores. P.2

18/10/1947 Pingos nos ii... Chinês. Pipocas. Uf! Que calor!... Está chegando o tempo da asa... P.2

21/10/1947 Cachoeira já possui o seu jornal diário. Sylvio Dutra de Albuquerque. Louvável, sem dúvida muito louvável, é o “tour de force” que estão fazendo esses abnegados moços que dirigem o “Jornal do Povo”, no sentido de dotarem a nossa Cachoeira do Sul de um matutino diário. Graças a eles, Cachoeira do Sul poderá, doravante, orgulhar-se, por possuir o seu diário, acontecimento que irá contribuir, sem dúvida, para elevar mais ainda o conceito e o nível cultural já atingidos pela nossa terra, entre as principais cidades do Rio Grande do Sul. P.1

26/10/1947 Pingos nos ii... Chinês. Sai da frente. Já temos observado, por várias vezes, a maneira pouco cortes de certas pessoas, até de classes adiantadas que costumam trancar a calçada, fazendo grupos e não dando a menor importância aos transeuntes, que são obrigados a descer dos passeios. Essas atitudes nada recomendam, pelo contrário, demonstram uma certa falta de educação por quem as pratica. Por favor! Quando V. S. desejar conversar na via pública não se atravesse nas calçadas. Vá para o meio da rua ou suba em cima dos plátanos que é lugar muito mais fresco. P.2

4/11/1947 Pingos nos ii... Chinês. Farra no cemitério. De alguns anos a esta parte, certos indivíduos mal educados e inescrupulosos, costumam transformar o Cemitério, principalmente em Dias de Finados em praça pública dando vazão aos seus baixos instintos e demonstrando pouco respeito aos sentimentos alheios. Assistimos, domingo, em nosso campo santo, verdadeira romaria de namorados e gozadores que transformaram aquele pedaço de terra onde descansam os restos mortais de nossos entes queridos, em verdadeiro circo de cavalinhos. Uma turminha de mocinhos e mocinhas sentados nos túmulos, apostavam uma renhida partida de bilboquê, por umas latinhas de amendoim! Outros, em algazarra punham a prova, a sua falta de respeito às famílias que ali foram prestar suas homenagens aos seus entes queridos. Enfim, vamos ficar por aqui. Preza-nos fazer este comentário. Parece incrível que isso aconteça em Cachoeira do Sul. P.2

15/11/1947 Anúncio. Partido Social Democrático. Para prefeito: o único candidato cachoeirense. Liberato Salzano Vieira da Cunha (3/4 de página) P.1

20/11/1947 Expressiva vitória do Partido Social Democrático. Os candidatos vitoriosos Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha e Frederico Gressler levados em triunfo pelas ruas da cidade em consagradora manifestação de pareço. P.1

2/12/1947 Jornal do Povo. A direção do “Jornal do Povo”, muito contra gosto, se vê na dura contingência de suspender suas edições diárias em vista de não poder manter em serviço durante o dia a sua máquina composição pela absoluta falta de força motriz, que não atinge o grau de calor necessário para o derretimento do chumbo. Essa é uma medida que tomamos obrigados pelas contingências. Assim sendo voltaremos a publicar essa folha como anteriormente vínhamos fazendo, isto é, às segundas-feiras pela tarde e as quartas, sextas e domingos pela manhã. Esperamos que nossos leitores compreendam as razões dessa resolução, mesmo porque as nossas edições diárias estavam sendo feitas em caráter experimental. P.1

7/12/1947 O recital de Souto Menor, no Clube Comercial. Conforme vinha sendo amplamente anunciado, realizou-se sexta-feira última, nos salões do Clube Comercial, o primeiro recital do exímio pianista patricio, professor Souto Menor, em terras de Cachoeira do Sul. A iniciativa deveu-se ao Centro Cultural desta cidade, havendo-se desenvolvido em função de necessidade, desde muito patente, de possuir o meio artístico local, um piano de cauda, com as condições indispensáveis a um instrumento de alta categoria e destinado a grandes artistas. Conseguido o instrumento, que é de fabricação “Stenway & Filhos”, marca renomada, foi convidado o professor Souto Menor, para inaugurá-lo, numa noite de gala e através de um concerto de poderosas proporções. P.1

1/1/1948 Casos de polícia. Numerosos furtos praticados por menores. Uma onda de furtos tem caracterizado os últimos dias de 1947. A Delegacia de Polícia local, após ativas diligências, tem solucionado, em dias da semana finda, numerosos casos de furto, alguns praticados á plena luz do dia e, em grande parte, por menores. existem, ainda alguns casos que estão em diligência, esperando a repartição policial deitar mão nos meliantes dentro de poucos dias. P.8

7/1/1948 O que há com tudo isso? Roseteur. A Praça de Santo Antônio é velha promessa e antigo sonho dos moradores do elegante bairro daquele nome. Uma coxilha bonita como aquela, “pestejada” das mais garrulhas construções, - dona que é da mais esplêndida Igreja da cidade, tracejada de maneira magnífica, com as suas ruas faceiras e angulosas a furarem os limites da cidade, - ora, ora, tanta exuberância sem uma praça! Apenas aquela vaga, aquela cratera, aquele hiato em pleno coração do bairro! Ó, ó, ó!...Bem, o lirismo, ó poesia, ó vontade de ver uma praça ali! Aguardemos, aguardemos, ó, aguardemos! Mais uma praça! Ó quanta praça! Desta vez é a Praça Borges de Medeiros: quando eu era um fedelho, dos meus oito anos, não os da poesia, mas os meus oito anos sem contra aqueles três em que andei de tamanquinhos, - costumava brincar naquela praça, e a entrada era risonha e franca!... Hoje, pobre coitada, de portões fechados, abandonada e lúgubre, sem os sorrisos da criança, sem a freqüência das famílias e sem o conforto dos bancos e das sombras... Bem... ó saudade, ó infância... ó portões fechados! Aguardemos, ó aguardemos! P.4

7/1/1948 O que há com tudo isso? Roseteur. A Praça de Santo Antônio é velha promessa e antigo sonho dos moradores do elegante bairro daquele nome. Uma coxilha bonita como aquela, “pestejada” das mais garrulhas construções, - dona que é da mais esplêndida Igreja da cidade, tracejada de maneira magnífica, com as suas ruas faceiras e angulosas a furarem os limites da cidade, - ora, ora, tanta exuberância sem uma praça! Apenas aquela vaga, aquela cratera, aquele hiato em pleno coração do bairro! Ó, ó, ó!...Bem, o lirismo, ó poesia, ó vontade de ver uma praça ali! Aguardemos, aguardemos, ó, aguardemos! Mais uma praça! Ó quanta praça! Desta vez é a Praça Borges de Medeiros: quando eu era um fedelho, dos meus oito anos, não os da poesia, mas os meus oito anos sem contra aqueles três em que andei de tamanquinhos, - costumava brincar naquela praça, e a entrada era risonha e franca!... Hoje, pobre coitada, de portões fechados, abandonada e lúgubre, sem os sorrisos da criança, sem a freqüência das famílias e sem o conforto dos bancos e das sombras... Bem... ó saudade, ó infância... ó portões fechados! Aguardemos, ó aguardemos! P.4

11/1/1948 O que há com as calçadas? Roseteur. De vez em quando é bom olhar onde se pisa. Quando menos, evita-se uma casca de banana... O amigo Chinês já deu sua “pegadinha” a respeito de calçadas e calçamentos. E, certa vez, não faz muito, consegui, em pouca horas, tapar um buraco feio que se escancarava na rua Júlio de Castilhos, logo ali, pertinho dos trilhos... Vamos, agora, ver o que é que há com as outras calçadas... A minha “pegadinha” eu dei, isso dei! Vamos ver se pega... P.4

14/1/1948 O que há com os mocinhos? Roseteur. Tenho plena certeza de que, quando os seus pais souberem que os mocinhos de que trata a crônica policial de hoje são vocês, ficarão magoados e, possivelmente, zangados, - e com toda a razão. Ora, ora, meninos, então isso é coisa que se faça? Tomam o automóvel, encham-no de gasolina e encham-se de cachaça, e vão fazer baderna nas estradas? Mocinhos bonitos como vocês? Filhos, famílias, estudantes, futuros pró-homens, atacando um pacato cidadão que vem solitário na sua carroça, em plena noite, para pedir-lhe dinheiro? Dinheiro para beber cachaça? Ora, ora, meninos!... P.4

16/1/1948 O que há com a morte? Roseteur. Um nobre vereador conterrâneo, obedecendo ao seu grande coração (como disse outro par, líder de outra bancada), poderia ter dito, em comício de propaganda eleitoral, mais ou menos o seguinte: “Pobres Cachoeirenses!” digo, “Cachoeirenses pobres! Podereis morrer tranqüilos, porque eu vou garantir uma viagem mais cômoda, mais rápida e mais barata para a cidade definitiva! Ireis de carro e de graça!” Mas... não! Preferiu, na sua modéstia, silencias, para provar com atos, e não com palavras, a sua dedicação ao povo. E assim, apresentou aos seus nobres pares a fúnebre sugestão de se arranjar um veículo, para transporta gratuito dos pobres que morrerem nesta cidade. é este outro assunto, mas como o acessório segue o principal (às vezes: haja vista tanta boca desdentada, tanto bolso vazio, tanta casa sem botão, tanto pé sem meia, tanta piada sem graça...), não é? - como o acessório segue o principal, - dizia – houve um outro vereador que pretendia propor (assim em contaram) a criação de uma casa destinada especialmente aos velórios. O morto chegaria no carro da Prefeitura, seria colocado no lugar conveniente e receberia ali as honras dos circunstantes,

com todo o lacrimório, os cafezinhos, as cachacinhas, etc. Mas, daí a pouco, chegaria outro morto; e mais outro; e mais outro; assim como as pombas do Raymundo Corrêa. E, então, seria uma choradeira coletiva, não é? Ora, o choro é contagioso, assim, como o bocejo, o riso, a catapora... P.6

21/1/1948 Pingos nos ii... Chinês. E elas se pegaram. Assistimos ontem à tardinha, na rua 7 de Setembro, esquina do Banco do Comércio, um pega entre duas cidadãs. O espetáculo foi extra rebarbativo, chamando a atenção de grande número de pessoas que no momento passavam pelo local. Não tivemos conhecimento dos motivos que levaram as Evas às vias de fato, apenas nos limitamos a fazer parte da torcida que era grande e animada. Foram trocados muitos tapas e dentadas, vindo em socorro das degladiantes um cidadão que há muito custo conseguiu apartar as brigonas. “Macaco me morda”, mas eu acho que o motivo foi lembrança de carnaval, cuja teima foi tirada em plena rua 7, na hora de maior movimento. P.2

25/1/1948 Pingos nos ii... Chinês. Precisa-se de uma empregada. Estamos nas vésperas de carnaval. Vocês não observaram uma coisa? Os jornais diariamente aparecem cheios de anúncios com os seguintes dizeres: “precisa-se de uma empregada – Tratar rua tal n.º tal”. Gente boba mesmo. Então não sabem que as “morenas” querem é rosetar... P.2

26/1/1948 Pingos nos ii... Chinês. Neste carnaval vai ser proibido dançar de urso, e quem assim o fizer, vai valsear na corda bamba. Quem jogar lança-perfume nos olhos dos mascarados, pagará uma multa de cinquenta cruzeiros e terá que dançar a conga numa perna só. Os velhos e as velhas que desejarem entrar no cordão terão que usar máscara e não poderão tomar bebidas alcóolicas. É proibido o uso de fantasias sem decoro, salvo se o decote não passar de palmo e meio. Ninguém pode apitar no salão... só na curva. P.3

4/2/1948 Repressão às rifas e “ações entre amigos” Circular do delegado fiscal. Recomendando aos funcionários fiscais a repressão ao abuso de rifas, tombolas ou ações entre amigos”, o Delegado Fiscal acaba de baixar circular que damos o texto em seguida. P.1

8/2/1948 Em elaboração o “Plano Diretor da Cidade”. Na última oportunidade que a reportagem teve de manter contato com o dr. Liberato S. V. da Cunha, operoso Prefeito Municipal, soube de s.s. interessantes novas diretamente ligadas ao progresso de Cachoeira do Sul. Dentre as notícias que, por certo despertarão interesse geral, figura a que trata do “Plano Diretor da Cidade”. P.1

22/2/1948 Cachoeira terá um corpo de bombeiros. Segundo conseguiu apurar a nossa reportagem, e em adiantamento ao noticiário anterior, dentro em breve esta cidade, possuirá o seu corpo de bombeiros. Trata-se de notícia bastante grata, mormente quando surgem desastres de proporções acentuadas, como os recentes incêndios da Alfaiataria Caspani e do Engenho Willy Tesch. Com efeito, não é de hoje que se faz sentir a necessidade de uma organização apta a entender sinistros de tal ordem, numa cidade populosa como Cachoeira do Sul. P.1

27/2/1948 Audacioso assalto. Cachoeira tem sido visitado por vigaristas dos mais variados calibres e dos mais diversos padrões. Entretanto, os batedores de carteiras, hoje, tão familiares às crônicas policiais dos grandes centros, não haviam, feito, ainda aventuras nesta cidade, e hoje, com alguma surpresa, a reportagem desta folha tomou conhecimento de um temerário assalto, ocorrido às onze horas e quinze minutos, numa das artérias mais movimentadas do centro da cidade. P.1

14/3/1948 Pingos nos ii... Chinês. Terreno para presídio. Agora sim! Os presos vão ter casa nova e “bóia” boa. Já foi escolhido o local onde deverá ser construído o “presídio municipal.” Dizem que fica bem pertinho do Hospital do Cemitério, do Rio Jacuí e do açougue... Éta lugarzinho bão... Tudo em ordem... não? P.2

12/4/1948 Pingos nos ii... Chinês. Parafuso. Falaram ao Chinês outra coisa: que nos domingos de tarde a turma vem para o centro da cidade “flanar” e fica atucanadíssima com o vai e vem dos automóveis a passarem pela praça, ali naquele trecho justamente de maior movimento de juvenas e juvenos. O grupo vai andando, em passo de procissão numa boa conversa mole. De repente, surge um possante sedan, por detrás, e a turma tem que se abrir; interrompe-se a conversa, perde-se a pose e a elegância e fica-se atucanado. Foi o que contaram ao Chinês, mas eu não tenho nada com isso: não sou delegado de trânsito, não tenho automóvel e não faço footing nos domingos de tarde defronte à praça. E nem vou falar no assunto... P.2

25/4/1948 Preso o chefe comunista em Cachoeira do Sul. Como é do conhecimento público, a Polícia do Estado, em movimentadas diligências, vem desenvolvendo proveitosa ofensiva contra os redutos comunistas na capital e no interior do Rio Grande do Sul, visto constatar que os mesmos se articulavam a fim de desencadear um movimento subversivo de grandes proporções, destinado a estar no dia 21 do corrente, ou a primeiro de maio próximo. Graças à vigilância e à atividade da Polícia gaúcha, os diversos focos desse movimento foram localizados, destramando-se a rede adrede preparada. P.1

3/5/1948 Mafalda Busato. Esteve hoje em visita à redação desta folha em companhia do major médico dr. Ervin Wolfenbüttel, a conhecida e renomada declamadora gaúcha Mafalda Busato, que est’afazendo uma “tounée” de intercâmbio cultural nas principais cidades do Estado, assim como o fez em diversas outras unidades do país. P.4

16/5/1948 Manchete: Destruído por um violento tufão o Hangar. Destruído por um violento tufão o Hangar do Aéreo Clube local inutilizando completamente seis aparelhos que ali se encontravam. – Os prejuízos montam a um milhão de cruzeiros. – O sr. Prefeito Municipal que esteve no Aero Porto, prometeu que na próxima semana mandará reconstruir o Hangar. – Danificada a rede telefônica. – Várias árvores foram arrancadas e muitos prédios ficaram descobertos. – Derrubada uma das cruzes de cimento da Torre Esquerda da Igreja S. Antônio

16/5/1948 Pingos nos ii... Chinês. Ecos da destruição dos aparelhos do Aero. Ontem, quando os pesados pilotos do nosso Aero Clube rodeavam as ruínas do hangar e se lamentavam do rude golpe sofrido, não faltou o bom humor sempre necessário nos momentos de desolação pública, e que, quase sempre demonstra o espírito superior de nossa gente ao encarar a desgraça irremediável. P.2

21/5/1948 Pingos nos ii... Chinês. Com a brusca caída da temperatura fria, muitas e destacadas personalidades, embora possuidoras de muita grossura, altura e muita roupa além dum cabedal de conversa, enrugam o perfil e mudaram o tom de conversa austera, para uma conversinha em beira de banhado. Bem, o caso não é este. É que o frio está calando mesmo e há muita gente por ali, de pouca roupa que precisa um auxiosinho – assim como alguns cobertores das Casas Pernambucanas, Casas das Sombrinhas, Casa Baiana, Casa Primavera, Casas Columbinas, Magazine Bacchin e outras cujo nome daremos publicidade nessa coluna no nosso próximo número, basta que eles mandem alguns metros de fazendas das mais baratas. Não é só as casas de fazenda; estão convidados os demais corações bondosos que quiserem limpar um pouquinho a sua consciência e conseguir média com Deus, que tudo vê, tudo coordena e tudo compensa. P.2

2/6/1948 Realiza-se hoje à noite, no Cine-teatro Coliseu, o festival Pró-Aero Clube. Finalmente o povo cachoeirense terá oportunidade de assistir hoje à noite, no palco do Cine Teatro Coliseu, o esperado festival em benefício do Aéreo Clube de Cachoeira. Essa iniciativa do Aero Clube local deve merecer toda a colaboração da população cachoeirense, pois visa unicamente o reerguimento material de sua escola de aviação civil, escola essa que tem dado e continua moços capacitados a pilotar as aeronaves brasileiras para desenvolver o nosso comércio, promover um maior intercâmbio de fraternidade nos Estados e Países vizinhos, preparando-se ao mesmo tempo para defender a pátria em qualquer emergência. P.1

4/6/1948 Derrame de notas falsas de mil cruzeiros. Desde alguns dias a esta parte, vinha sendo comentado nesta cidade, o aparecimento de grande quantidade de notas falsas de mil cruzeiros, sendo voz geral de que várias firmas locais haviam sido lesadas com o recebimento desse dinheiro. P.1

7/6/1948 Pingos nos ii... Chinês. Saias cumpridas. Não somos contra a moda das saias compridas, porém achamos ridículo certas saias exageradamente que deixam as penitentes parecidas com vestidos ciganos. A elegância que nos proporciona a moda, nunca deve ser desvirtuada, pois, do contrário, transformar-se-á em ridicularizada. Além do mais, nesta época de carência, quanta fazenda necessária para barraca de tais proporções. P.2

7/6/1948 Insustentável a situação precária do passo da praia. Os atuais encarregados do serviço de transporte naquele pavimento do Passo do Jacuí, além de não atenderem satisfatoriamente o transporte, asseguraram que nem à bala entregariam ao novo arrematante o referido Passo. O prazo dado pelo DAER esgotou ontem à meia-noite, quando deveria ser entregue o trabalho da barca aos novos arrematantes. Um caminhão carregado de arroz precipitou-se ao Rio, ontem, quando, pretendia tomar lugar na barca. P.1

13/6/1948 Pingos nos ii... Chinês. Com os fiscais de menores. Chamamos a atenção dos srs. fiscais de menores para o desatino que estão praticando uma “catrefa” de menores desocupados que tomaram de assalto a Estação Rodoviária e os abrigos onde trabalham os engraxates e fruteiros defronte ao Hotel Cachoeira. É tal a falta de respeito desses pequenos incorrigíveis que chega ao auge, basta que as senhoras e moças que estacionam ou desembarcam estão sujeitas aos ataques grosseiros desses malandros. Pedimos pois aos dignos senhores fiscais de menores se é que esse trabalho está afeto a eles, que tomem as mais enérgicas providências, dispersando os indesejáveis, quer entregando ao sr. juiz para que lhes dê o destino aconselhável ou entrando em entendimento com o Padre João Pedron, diretor da Cidade dos Meninos, com sede em Santa Maria, que temos a certeza existir ali bastante terra para cultivar e aulas de regeneração. P.2

14/6/1948 Revestiu-se de êxito o grande baile do G.N. Tamandaré em homenagem à mais bela cachoeirense. Realizou-se sábado último, nos salões do Grêmio Náutico Tamandaré um suntuoso baile em homenagem à srta. Terezinha Fogliatto, recentemente eleita a mais bela cachoeirense, no concurso promovido pelas Indústrias Sayon. P.1

16/6/1948 Frota Studebaker. Um acontecimento inédito para Cachoeira, foi, sem dúvida, a passeata realizada esta tarde pela magnífica frota de automóveis, caminhonetes e caminhões Studebaker, conduzida diretamente de São Paulo até esta cidade por funcionários da firma Allaggio S. A. – Comercial e Importadora, acompanhando também a mesma, um de seus titulares, o sr. Nicolau Allaggio. A referida frota, composta de 36 unidades, percorreu as principais ruas da cidade dando um aspecto festivo à urbs, que momentaneamente encheu-se de

peças atraídas pelo constante buzinar dos veículos. foi de fato um acontecimento de grande relevância para a cidade de Cachoeira do Sul, que viveu instantes de grande animação e imenso regozijo ocasionados pelo préstito de veículos, de magníficos tipos e bela apresentação. Estão, pois, de parabéns, os srs. competentes da firma Allaggio S. A. – Comercial e Importadora, por esta grande aquisição que virá contribuir para o maior desenvolvimento do comércio e da indústria do município de Cachoeira do Sul. Em nosso próximo número faremos ampla reportagem desse acontecimento. P.1

18/6/1948 Pingos nos ii... Chinês. Com os bondes. Creiam meus caros leitores que, forçados pela contingência, somos obrigados a vir mais uma vez, reclamar contra os serviços dos ônibus que trafegam nas nossas ruas. Seria nosso desejo poder vir a esta coluna a fim de elogiar tão útil trabalho, porém, não é possível, isso porque é evidente e indiscutível, que o nosso transporte coletivo urbano está deixando muito a desejar. Não há absolutamente ordem no tráfego. As vezes a gente espera impacientemente um ônibus meia hora, e quando afinal ele surge, muitas vezes não pára, e a gente fica a ver navios. Outras vezes o pobre mortal emplasta numa esquina esperando um rinoceronte que venha do alto, e eis senão quando, aparecem do lado da Matriz, um atrás do outro, em número de três. O pior é quando a gente penetra num desses transportes lá na esquina da Igreja e ali fica por longos e intermináveis minutos a esperar que o condutor vá lagartear. Nada disso! Os ônibus não tem um controle assim tão matemático; eles apenas devem parar para o desembarque e o embarque; o mais rodar que o passageiro não toma um ônibus para ficar ali feito dois de paus... P.2

23/6/1948 Pingos nos ii... Chinês. Começou a fuzilaria. Ontem pela manhã, a fuzilaria, na rua 7 era intensa e atorduante, até parecia princípio de revolução. Felizmente parece, pelo que pudemos saber, a polícia vai prender os atiradores de bombas e mandar bloquer e cerro da Guajuvira para estourar dinamite, já que o prazer dos fogueteiros é ouvir estrondo. P.2

30/6/1948 Uma visão retrospectiva. C. Pessoa (Edição de Aniversário) Virgílio Abreu fora sempre republicano e abolicionista, mas, possuía em alto grau o sentimento da fraternidade entre os homens, amando-os e defendendo-os mesmo em oposição de idéias. Por isso, lembro-me como causou revolta e pesar ao seu coração, a prisão de alguns cidadãos cachoeirenses, homens de conhecida probidade, dignos chefes de famílias, estimados e acatados da sociedade. Eram entre eles Luizano Motta, João Krieger, Antonio Francisco Pessoa, que seguiam na república nova, a doutrina política do grande tribuno gaúcho, Gaspar Martins. Eram republicanos parlamentaristas. Diriam que eles iriam para o “Caty!” O Célebre Caty, comandado por João Francisco o terror da fronteira, de onde poucos saiam com a cabeça! Era o que se dizia nesse tempo... Pouco me recordo dessa época de perseguição e de atrocidades e não sei até hoje como resolveram o caso dessas prisões. Sei somente que esses três cidadãos não foram para o Caty! Os nossos historiadores sulinos ainda não esclareceram os fatos altamente aterradores que ouvi contar tantas vezes! Desta vez foi mais feliz porque a Morte encontrou-o ainda escrevendo e dirigindo o jornal. Vendido o “Jornal do Povo” a um grupo de homens inteligentes e compreensivos, teve a sua redação a cargo do dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha e Manoel de Carvalho Portella, dignos continuadores de Virgílio de Abreu. Comemorando um ano, o primeiro ano de sua morte, o “Jornal do Povo” teve estas palavras: “Virgílio de Abreu tudo fez e nada recebeu na direção do jornal, porquanto agiu sempre desinteressadamente, sem visar quaisquer proventos materiais. A sua atitude incansável e proficiente na tribuna jornalística, foi dirigida sempre no sentido de orientar a opinião de sua terra, procurando conduzi-la para o caminho, que na sua sinceridade julgava ser o bom caminho.” Um seu admirador e amigo mas não correligionário político, noticiando a sua morte disse que Cachoeira perdia o seu último patriarca... Comemorando nesse ano de 1948 o seu vigésimo aniversário, o “Jornal do Povo” lembrará o seu fundador, o amigo da Cachoeira, o infatigável batalhador do Direito e da Justiça, constatando com orgulho a sua prosperidade e o seu acerto em manter o programa traçado pela sua clarividente inteligência e bom senso. P.10

30/6/1948 O grande e imponente edifício do Clube Comercial (Edição de Aniversário) Vemos acima, nesta planta que estamos publicando, apenas um esboço do que vai ser a imponente sede do Clube Comercial. Sem dúvida, Cachoeira do Sul vai se orgulhar de possuir o seu clube, tal qual imaginaram inúmeros comercialistas de cérebros arejados, que desde há muito vêm batalhando para a construção desse grande monumento que há de ser o mais belo edifício erguido no coração da cidade. agora sim, parece mesmo que vai ser construído o grande edifício. Estamos observando, entusiasmados, os grandes preparativos para as festas que serão levadas a efeito em prol do levantamento desse magnífico prédio social. Todas as entidades sociais tomam a si definitivas atitudes, para que, para uma unissona campanha, seja conseguida o necessário para o completo do capital exigido. Pelo que acabamos de saber, as obras serão iniciadas nos primeiros dias de julho vindouro, quando então será festivamente lançada a pedra angular desse imponente prédio. P.10

4/7/1948 Fuga espetacular. Ao anoitecer do dia 30 correu célebre pela cidade a notícia de que havia fugido da cadeia local, 8 dos 20 presos que ali se encontravam recolhidos, encontrando-se entre os fugitivos 3 réus condenados pela justiça pública. P.8

4/7/1948 É um crime manter em tráfego o ônibus... Manoel de Carvalho Portella. Desde que há muito tempo que

a crônica do “Jornal do Povo” vem reclamando a respeito do serviço de ônibus da cidade, principalmente com referência aos dois velhíssimos ônibus que estão trafegando na via pública, verdadeira afronta à pessoa física do passageiro e um ornamento pouco agradável para andar aí pela rua perdendo os pedaços e na iminência de se desmanchar de uma hora para outra. P.3

15/7/1948 Encampação da usina elétrica local. Com a importante sessão ontem realizada na Associação do Comércio e Indústria de Cachoeira do Sul, para tratar do problema da energia elétrica cujo padecimento de solução de continuidade, poderá trazer conseqüências, calamitosas para nossa coletividade, afirmou-se a inestimável cooperação das Classes Produtoras integradas naquela instituição nas iniciativas governamentais. P.1

20/7/1948 Obtiveram completo êxito os serões dançantes do Clube Comercial. Mais uma vez ficou exuberantemente comprovado o magnânimo despreendimento da coletividade cachoeirense, em seus rasgos generosos quando se trata de amparar iniciativas que venham de qualquer modo beneficiar essa ou aquela instituição social, beneficente ou patriótica. Nesta terra, de gente de compreensão, em cujas arrancadas se esteriotipa, nos altos desígnios de uma família unida e forte, comprova o seu passado glorioso. P.3

1/8/1948 Será construída a ponte sobre o rio Jacuí. Em rápida entrevista que mantivemos com s. sria. no momento do desembarque, soubemos que com prévia aprovação do Ministério da Aviação, o deputado Souza Costa apresentou emenda ao Orçamento da União de 1949, incluindo verba para o início da construção da ponte sobre o Jacuí. O governo do Estado fará o projeto respectivo, conforme assegurou ao dr. Liberato, o dr. Cyro silveira, novo diretor do DAER em entrevista que mantiveram ontem pela manhã. P.1

31/8/1948 Pingos nos ii... Chinês. Bicicletas de aluguel. Pelo que estamos observando em nossa via pública, andam por aí, a esmo, grande número de menores recém se iniciando no guidão de bicicletas de aluguel. Ninguém poderia ignorar o perigo a quem expõem esses principiantes que dum momento para outro são sujeitos a ocasionar grane desastre no tráfego. Seria de bom aviso que as casas que alugam bicicletas, só o fizessem para menores já exercitado no pedal, e nunca para os que querem aprender, medida essa que poderia evitar de termos que mais tarde lamentar sério e talvez irremediável acidente. P.2

14/9/1948 Carro motor diário de Cachoeira do Sul à Porto Alegre e vice-versa. A concretização desse objetivo, que já conta, aliás, com o apoio de todas as classes conservadoras e dos poderes públicos municipais, viria concorrer bastante para o progresso do município, favorecendo um maior intercâmbio com a bolsa de mercadorias com sede no Palácio do Comércio em Porto Alegre. P.1

28/9/1948 A Z.Y.F. – 4 pertence à história da cidade, à sua vida e ao seu coração. É porque a Rádio Cachoeira do Sul entrou para a vida desta cidade: nestes dias de progresso célebre, que dilatou as fronteiras do conhecimento humano e propiciou aos homens novos prazeres e revelou desconhecidas faces da vida, Cachoeira do Sul não poderia permanecer parada no tempo. A Z.Y.F. – 4 veio como um complemento necessário ao ritmo do seu progresso. A Rádio Cachoeira do Sul é como a voz maior e mais alta, a sintetizar as vozes todas do homem e da vida cachoeirense. Ela é como um grande estuário, a lançar aos céus do Rio Grande do Sul, permanentemente, a incoercível atividade, o idealismo pujante e a fé inabalável do povo cachoeirense. P.2

3/10/1948 Pingos nos ii... Chinês. Amanhã vai haver um baile em certo ponto da cidade, porém, fica exclusivamente proibida a presença de indivíduos casados que não estejam acompanhados de sua esposa, salvo se levarem salvo-conduto. P.2

14/10/1948 O grandioso baile de gala do Clube Comercial... Este acontecimento tradicional está despertando o mais vivo entusiasmo e grande expectativa entre os seus associados, mormente pela feição que terá esse ano, com a apresentação oficial das jovens de 15 anos, que, nessa ocasião, farão sua entrada na vida social. P.1

11/11/1948 Confraternização de todas as classes e partidos em torno da figura exponencial que é João Neves da Fontoura. O povo de Cachoeira do Sul, representado por todas as suas classes sociais e membros os mais destacados de todos os partidos numa exuberante demonstração democrática, prestou a figura ímpar e erudita desse nobre cachoeirense, que é João Neves da Fontoura, uma das maiores demonstrações de apreço e de amizade de que se tem memória nos anais sociais da cidade. Indiscutivelmente o grande banquete que foi oferecido ao Embaixador, em noite de 9 do corrente, no Clube Comercial, no qual tomaram parte para mais de 200 convivas, foi um dos maiores abraços de gratidão, dado por este povo a um de seus filhos mais ilustres. P.1

29/9/1966 Cachoeira da minha ternura. Vera Beatriz Machado de Freitas, Quando chegávamos à Cachoeira, era uma alegria geral! Revíamos os parentes e amigos e apreciávamos o aspecto de uma grande família que a cidade possuía. Somente pouquíssimas pessoas ruas eram calçadas; mas achávamos interessante a poeira e nada nos perturbava. Vinham os folguedos com amiguinhas, brincadeiras em baixo da grande parreira e olhávamos a velha e pitoresca rua 15 como um cartão postal do século passado. Todos se conheciam e no verão havia um hábito muito curioso: as pessoas se sentavam à beira das calçadas e conversavam, enquanto as crianças brincavam despreocupadamente. Também o belo “chateau d’eau” com seus peixinhos coloridos e o velho Cine

Coliseu com suas matines tradicionais muito nos encantavam. Os anos foram passando, Cachoeira foi crescendo e quase tudo mudou: as ruas calçadas, o pessoal anda ocupado e ligeiro, o trem diesel substituiu a velha Maria Fumaça, a estrada está quase asfaltada e Porto Alegre fica logo ali. Contudo, continuamos querendo muito à essa cidade e, como a associação com a infância feliz ficou marcada em nossa mente por todos esses aspectos, é com saudade, que lembramos a viagem e as férias que passávamos em “Cachoeira da minha ternura”.p.2

6/1/1980 Opinião. Carnaval “Anos 30”, A idéia do Comtur é boa? Acho muito válido, pois reviver o passado é uma das coisas mais lidas que se pode fazer. Entretanto, não devemos esquecer também os carnavais atuais, que são muito bem organizados. Portanto, acho que é uma boa idéia o tema escolhido pelo Comtur. José Noeli Lopes. Presidente da SUC, p.2

13/1/1980 A boneca de Azul. Salita Abreu, Não é uma Boneca de Louça, nem Boneca da Estrela que chora, que ri, que mama, que faz xixi e até anda de bicicleta como precursora da nova vivência sem o combustível que move o mundo, espalhando o ouro negro por todos os recantos da terra; nem a boneca de trapo das grumâtãs, aquelas velhinhas da Cachoeira antiga, que moravam num lado da casa de Carneiro Pinto, na Rua Sete de Setembro com entrada por um corredor estreito e comprido e que com sua parte faziam a alegria das meninas da época que as compravam por duzentos e quinhentos réis, conforme a roupagem e povoavam os cantos das suas casas com residências de famílias de pano. Mamães austeras e filhinhas obedientes e carinhosas respeitavam os coroas que reinavam pelo estenderete de compartimentos imitando a casa grande, com quartos, salas, varandas e os banheiros com os baciões e até os penicos floreados ao estilo Império, não faltavam. As crianças do tempo se entretinham nesse brinquedo de imitar fielmente com as bruxas as suas vidas e da sua família. Eram crianças mesmo cândidas, maravilhosas, como bonecas, sem tevê, sem umbigo de fora, sem as sábias e hoje importantes instruções sobre sexo, e não era preciso por anúncio no jornal: ajudai a criança a ser criança! Mas, a boneca de que hoje faço assunto, é de carne e osso e, adulta com pele nacarada e uns olhos tão azuis como o mais lindo céu de primavera, tão cândidos quanto brejeiros e que são o reflexo de uma alma pura e nobre, cuja formação ainda resiste às poluições do tempo dos tempos. Essa boneca de vestido azul e de olho azul, de repente caiu no meu jardim, como uma estrela curiosa desterrada do firmamento para ver as coisas de amor da terra, e com seu fulgor trouxe um "claro de luna" a uma vida solidária já beirando o ocaso, neste recanto bafejado pelo verde das velhas árvores amigas, das flores, dos pássaros e da música. Foi como um pedaço do céu que entrou pelo grande portão, se aninhou no meu coração com todo o encanto das loiras heroínas de Wagner, e pousa no gramado, esvoaça pelas flores como o colibri multicolor sugando o néctar da vida e com sua fisionomia alegre e risonha, e seus olhos azuis como vitrais incrustados em ogivas de catedral gótica, transparências de opalina e expressões de Botticelli, busca talvez o pássaro azul em "recôndito e escuro canto". Essa é a minha boneca, presente de um Natal, de vestido azul e de olho azul. Bendigo a mão que a conduziu até mim. Por ora, ela andeja por aí pelo município, pelas estradas, e pelas várzeas na Brasília vermelha cortando ventos e abrandando tempestades. - Quem é quem? p.3

20/3/1980 Reminiscências transformações na princesa do Jacuí... Carlos Dini. E eis que as transformações passadas em Cachoeira, de duas ou até três décadas para cá, já começam na ponte do Fandango, para quem, como nós, demanda aos pagos, vindo da Fronteira, evitando assim o primitivo e demorado transporte em balsas no Passo da Seringa, no Rio Jacuí. Isto sem falar no progresso que o asfalto hoje nos proporciona. A seguir, a nova Estação Rodoviária, moderna e espaçosa, também foi uma mudança para melhor, valorizando toda uma vasta zona bastante povoada e sempre crescente. A mudança de local da Estação Ferroviária - considerada um tabu para todas as administrações passadas - foi concretizada, desafogando o tráfego intenso pela Júlio de Castilhos. Medida acertadíssima, apesar de alguns queixumes de muitos pela distância a percorrer, atualmente, até a Viação Férrea... Para nós, nostálgicos, mais uma pontinha de saudade que ficou daqueles tempos de garoto, quando uma das coisas boas de então era ver bem pertinho a chegada dos trens Maria Fumaça, oportunidade de "flirtis", dos quais poderia dar futuros "romances"... No Bairro Rio Branco, que sempre foi lindo, o aumento de residências suntuosas foi notável, sempre valorizado pela pavimentação moderna e por outros serviços essenciais. Cachoeira também progrediu em direção ao Bairro Santo Antônio, onde lá pelos de 1940 jogava e treinava o saudoso Taco de Ouro Futebol Clube, um time de "gente bem" da época... Ah, bons tempos que desfrutávamos ali, mas o "vento levou"! ... O tradicional mercado, na praça principal, onde reinava o popular carrasco, foi demolido, porém, na mesma praça surgiu - graças ao gênio inventivo, dinâmico e artístico de Arbitano Savi - um oásis de beleza mui rara, proporcionando a todos o maravilhoso espetáculo multicolorido das Águas Dançantes! Na principal rua, o surto de novas construções foi grande, dado como é natural ao desaparecimento de prédios e inclusive de firmas tradicionais, como o Hotel do Comércio do Sr. Cícero Teixeira, da firma Alagio S. A., o Hotel América, da Foto Breitman, etc... Registramos aqui como coisa boa que se foi o tradicional "footing", principalmente nas noites de fim de semana, que ia desde a esquina do Café Frísia até onde se encontra o Banco do Brasil (antiga esquina do Hotel América, trajeto onde se localizavam as Confeitarias do Sr. Olívio Costa e do Sr. Arno Trommer, locais onde as famílias podiam se deleitar com doces gostosos e a suculenta salada de frutas de Trommer, servidas então em copos tamanho gigante... Dizem que a pouca influência de público aos cinemas e ao desaparecimento do "footing" está ligado estritamente ao advento da

televisão, que a tudo derrotou na sua faina devoradora... Como estamos neste assunto "Modificações, Transformações Cachoeirenses", devemos aqui incluir o tão polemizado caso sobre "mudança" ocorrida no templo católico da nossa Igreja Matriz... Bola Preta! Igualmente houve mudança nos locais de balneário, no Jacuí. Perdemos os banhos na "Praia", tradicional reduto próximo a cidade, onde existia uma bela ilha encascalhada em favor de um canal navegável, porém hoje existe o bellissimo local do "Capão Grande", onde outrora passamos dias agradáveis, com "peixadas" suculentas na companhia do amigo Victor e de dois bons e amigos tios "pescadores"... Bem, como bons alunos, estamos retornando "às aulas" neste início de março. Muita coisa mudou em Cachoeira nestes trintas anos, mas apenas por detalhe de última observação, talvez um ponto negativo para os notívagos, o fechamento mais cedo da Casa do Choque do simpático e sempre amigo Moba... Também não temos culpa que seu feliz proprietário tenha enriquecido. p.4

27/7/1980 2º Caderno. Minha mãe doceira. Célia Maria Maciel, Cresci em meio às receitas. Não há nesta Cachoeira quem não conheça os doces de minha mãe. Não é para me gabar, como diria o pipoqueiro Lucrécio, mas minha mãe sempre procurou ser fiel às receitas antigas que já sabia de cor. Também pudera: houve época, por volta de 1955, 1960, que ela recebia encomendas de dois, três mil doces e frios. Tudo fácil e muito agradável, para quem comparecia à festa. Para ela, embora nunca tivesse se queixado, não podia ser fácil. Hoje, quem olha para as mãos de minha mãe vê marca em seus dedos. Agora, com as mãos menos aflitas ela fica em casa e não precisa trabalhar tanto. De vez em quando, no aniversário de um ou de outro, ela faz doces. Mas só quando tem vontade. Quanto a mim, não tem importância o tempo de resistir. Tudo poderia voltar novamente, desde que tivesse comigo, sempre, a mesma mãe doceira. p.3

3/9/1981 Panorama. Carlos Bacchin, Tempo passa ligeiro, mas as lembranças permanecem vivas na memória. Volto ao passado. Cachoeira do Sul no final da década de 50, iniciando os anos 60. Lembro-me os domingos de Gre-nal. O Bar América ficava repleto de torcedores que acompanhavam atentos o desenrolar do jogo, pelo velho alto-falante do quiosque. O Petinho fazia os comentários técnicos. Domingo era dia da missa. Às 9 h 30 min, na Igreja Santo Antônio, todos rezavam acompanhando a prece do Padre Pessi. Nem bem tinha terminado a missa, os jovens iam passear na praça José Bonifácio. As moças comentavam, ansiosas, as últimas novidades: tinham chegado na cidade os rapazes do CPOR e outros oficiais do Exército. Ótima oportunidade para um bom casamento. A turma da 4ª série do Ginásio Roque Gonçalves estava se formando. Carmem Lúcia Maydana, foi eleita a rainha dos formandos. Entre os jovens que recebiam os seus diplomas, estavam Júlio Castagnino, Gordo Sesti, Edson Lima, Carlos Cantarelli, Zeca Dios e Mauro Noro. O irmão Rovílio era o professor. Bons tempos aqueles! A primeira sessão do cinema Coliseu estava quase lotada. O saudoso Danilo, ria faceiro, observando a longa fila que queria assistir "Sissi, o Imperador". Moacyr Roising, o Índio Velho, era o nosso prefeito. Os bailes, sempre ótimos: regados a cuba-livre e ao som da orquestra Cassino de Sevilha. Augusto Choaire sempre foi o apresentador oficial das debutantes, e Mickey Homrich representava o charme e a beleza da mulher cachoeirense. Zíngaro, no térreo do Clube Comercial, fazia furor como o barzinho da moda. Saul Torres, comandava a diretoria da U.C.E.. Joaquina dos cachorros, Miss Tabuinha e Mais Tarde, eram os tipos populares mais pitorescos da cidade. O Bloco da resistência comandava a animação em todos os eventos sociais. Bons tempos, aqueles! Tempo do "Expressinho" ligando Cachoeira-Porto Alegre. A estrada sem asfalto, fazia o ônibus balançar mais do que sota-capataz dançando um vaneirão, em dia de fandango no Bonifácio Gomes. Que saudade! Saudade da terra, dos amigos... p.4

20/5/1982 Panorama, Não gosto de ser pessimista, mas as opções de lazer estão diminuindo na cidade. Foi fundado o Clube de Tevê. Espero que a iniciativa tenha o maior sucesso, principalmente se melhorar a imagem da TV Bandeirantes e trazer a Cachoeira o sinal da TV Guaíba, Canal 2, uma boa e nova opção em matéria de programação. Enquanto nada se concretiza, lamentamos o que parece ser o definitivo fechamento do Cine Vitória, ex-Coliseu. É incrível. Cachoeira do Sul com um só cinema poderá ser rebaixada a distrito de Candelária. p.4

29/8/1982 Segundo Caderno. Relembrações. Affonso Kury, Detenho-me sob o gotejar de Netuno, recosto-me numa pilastra e fico a lembrar coisas e pessoas. Neste mesmo lugar, esperava o ônibus a gasogênio, horas e horas. Nada mudou. Essas estátuas de mulheres gregos, semi-despidas, a despejar no lago bicas e jarras d'água, me despertaram, na adolescência, numa revelados pensamento eróticos. p.1

5/9/1982 Terceiro Caderno. A velha cancha do Amorim. Paulo Gouveia, Mais tarde, tocamos o Amorim pela cidade. Pouco depois era eu que vinha para Porto Alegre e nada mais soube sobre a velha cancha, transformada, segundo me contou um conterrâneo, em movimento hipódromo. Também ele entrou em decadência, pouco restando do que era, até a metade mais ou menos dos anos 70. Pretendem, agora, reativá-lo, fazendo-o voltar à sua prometida e privilegiada situação. Mas isso implicaria no dispêndio de grandes quantias e a época que estamos vivendo, mais apertada do que rato em guampa, não permite nem pensar na captação de tais recursos. Fica, porém, comigo e com os que sobreviveram no tempo, a lembrança da desaparecida praia que ficava a meio caminho da minha casa que também não existe mais. Afinal, vida de velho é isso: um estirão de saudades. p.3

10/10/1982 Segundo Caderno. Minha cidade. Dalila Fonseca, Nossa gente sorri, sente e vive a transformação radical desta terra, tanto no perímetro urbano. Como na periferia. Existe uma simetria no todo deste bojo, todo que se chama Cachoeira. Possantes máquinas e mil braços operários cantam, rasgando o chão, calçando ruas, aqui, ali e acolá. A harmonia de cores das casas e edifícios contrastam, de dias com a luz do sol, e a noite, com aquela forjada pela mão do homem. As árvores centenárias, substituídas por garbosos flamboyants com suas copadas coloridas, erguidas aos céus num gesto de gratidão. Mas, o que mais nos chama a atenção, e principalmente a mim, é algo surgido das entranhas da floresta de ferro e carvão. Bem ali! Dividindo a cidade, formando uma enorme clareira: a bela praça "Dr. Honorato. Quando me aproximo daquele local, contemplo-o com admiração, num misto de orgulho e saudade. Saudade porque me surpreendo, menininha, correndo para debruçar-me sobre o muro da Estação Ferroviária, para ver a pitando puí...puí...í, e resmungava, fumegava, chiava. Meus olhos, feitos de sonhos, ávidos de curiosidade, acompanhavam-na até sumir sobre o finito dos trilhos. Que tempo bom, aquele da minha infância! Mas, basta de devaneio, é hora de despertar à realidade. Existem mil e um encantos nessa praça. Guarneçadas por jovens arbustos e delicadas árvores, esbanjando flores, como: a espirradeira (Oleander), acácia maduirana, Kiri japonês, jacarandá, e muitas outras. A iluminação feérica produzida por enormes luminárias brancas, branquinhas como a inocência dos anjos que, à noite, adejam por ali. E o folguedo da criançada, então lá do outro lado, no recanto da praça?!...Enternece a qualquer um. É como se fosse centenas de balões em flor no seu eterno desabrochar. Dão-nos a dimensão exata do mundo de amanhã, pela felicidade que espiram. Hoje, alegria e orgulho me envolvem, ao presenciar a ascensão de minha terra, e o que é mais importante, tudo leva uma fatia de selo do dinamismo do nosso bondoso e esforçado prefeito - Dr. Caspani. p.7

30/11/1982 Geraldo Hasse. A alma da cidade, Mas eu gostaria de falar mesmo é da alma de Cachoeira. Não tenho dúvida de que ela se alimenta de águas do Jacuí. A alma da cidade pode ser vista, às vezes, pairando sobre as águas junto à ponte do Fandango, ali onde a queda d'água forma redemoinhos e uma certa efervescência. A alma de Cachoeira faz ponto. Mas a alma da cidade também está presente no Chatodô. Já fez morada no Joaquim Vidal, mas sumiu depois que o Guarani parou de jogar. Também alegrou o Hipódromo do Amorim, mas fugiu de lá. Hoje, uma parte dela está fechada dentro do Cine Coliseu. A verdade é que alma de Cachoeira é complexa. Não é fácil localizá-la nem dimensioná-la. Muito menos defini-la. Porque mexeram muita nela. O núcleo da alma de Cachoeira, sem dúvida, era constituído pela Estação Ferroviária e os trilhos centrais. Depois que arrancaram e removeram a alma do centro, Cachoeira entrou numa crise existencial que somente agora começa a ser superada. Hoje, a alma de Cachoeira está dispersa. Um pouco dela se esconde nos cantos mais escuros, sob as mesas e na atmosfera do Café Frisia. Atura partezinha está alojada entre as pedras irregulares que constituem o calçamento de algumas ruas. Na Praça José Bonifácio, está extraviado mais um pedaço. Ela parece também nos sinos da Igreja de Santo Antônio. Nas partidas de bolão do Náutico e do Rio Branco. Nas pistas de bocha dos mesmo clubes. Esta presente no ruído surdo dos engenhos de arroz. Uma partezinha mínima renasce, certas noites, no calçadão que substituiu o estacionamento de vagões ferroviários. Alma triste, maltratada, convalescente. Mas antes assim do que não ter alma. p.2

3/3/1983 Panorama, Finalmente acabo de receber um ofício do amigo Orando Kerber, Secretário Municipal de Economia, onde ele declara que a população acostumou-se a dizer que "Cachoeira é a terra do já teve". Porém, segundo orlando Kerber "com o apoio dos amigos e de toda a comunidade, e hora de mudarmos este dito para Cachoeira terá de novo e muito mais". Vamos mentalizar este pensamento positivo e partir para novos rumos. Respeitando o passado mas sempre pensando no futuro. Sem contemplações amorfas de um tempo que já está sepultado. Pra frente, Cachoeira ! (nem que seja a tapa). p.3

7/6/1983 Geraldo Hasse. Inventário de Cachoeira, Ainda existe o Bar América? E o Damasco com aquele sorvete?... O Café Frisia continua firme, com suas mesas de mármore, aquele escuro aconchegante e o café cheiroso de toda hora?...E a bomboniere da esquina da Sete com a General Portinho, sempre colorida e com suas vitrines tentadoras, continua funcionando ou foi embora com a Casa das sombrinhas, que não vendia sombrinhas? Onde foram parar os fantasmas que tomavam conta das prateleiras a Casa alaggio? Cadê aquela soberba águia de ferro pousada sobre o globo, à porta da revendedora Case em Cachoeira ali defronte ao bar América? Quem joga balas e balões nas noites de São João defronte à Casa Augusto Wilhelm? Onde foram guardadas aquelas hieráticas musas da fachada do casarão? Da união dos Moços católicos, alguns dos quais nem eram lá muito católicos? O Salão Maidana ainda vende gibis usados? Quantos anos somam os tipógrafos da Tipographia d'. O Comércio, de Pohlmann & Cia? Por que, meu Deus, por Que permitiram a demolição da estação ferroviária de Cachoeira, que ficou mutilada sem aquela simpática construção atravessada no alto da Sete de Setembro? Ah, onde foi parar aquele Ford V-S que o Octaviano dirigia na praça? Como vão os plátanos que levam ao bairro Rio Branco? Ainda não conseguiram acabar com os pardais que infestam as ruas próximas ao Engenho Roesch? Onde foi que enfiaram as antigas bombas de gasolina, (aquelas de forma cilíndrica) que enfeitavam os principais postos de gasolina na cidade? Até quando resistirão os paralelepípedos já lisos das ruas mais tradicionais? Quando a ponte do Fandango será abatida pela ferrugem? Até quando haverá barro para sustentar as olarias de Cachoeira? Quando cairá novamente o sino maior da Igreja de Santo Antônio? Quem

enrola o fumo que perfuma os altos da cidade? Por quem dobram os sinos da Matriz? Quantos cavalos estão hospedados no Amorim? Qual a idade média dos freqüentadores habituais do Bar Petersen? Existiu alguma vez em Cachoeira bigode mais bem tratado do que o bigode do dona da Selaria Fontoura? Quem vende material elétrico em lugar da Casa Matte? Continuam firmes as paineiras da escola da esquina da Major Ouriques com Pinheiro Machado? Finalmente, uma última pergunta: ainda existe, na esquina da Sete com Andrade Neves, canto sudoeste, aquela proteção de vitrine? Se existe, alerta cachoeirenses: aquilo não é proteção de vitrine! É uma das alças que as forças do mal prepararam para levar embora o quarteirão central de Cachoeira. p.2

17/1/1984 Geraldo Hasse. E a princesa do Jacuí!, Depois tiraram de circulação o Jornal do Comércio, demoliram a estação ferroviária e removeram os trilhos do centro Milhares de cachoeirenses se mudaram para Porto Alegre, Chico Bentinho continuava abrindo e fechado seu programa de rádio com o "Luar do Sertão", mas nada mais podia ser feito. A sorte de Cachoeira estava selada. Até hoje os cachoeirenses tem saudades da Princesa do Jacuí. p.2

22/7/1984 2º caderno. Helena. As cachoeirenses no Rio, Mais uma vez, as senhoras cachoeirenses residentes no Rio de Janeiro tiveram o encontro da saudade, relembando os tempos vividos em Cachoeira do Sul, sua terra natal. A reunião foi na ampla e bela residência, na Barra da Tijuca, de Sibilla Dickow Rupp. Desta vez 27 estiveram reunidas e o grupo tende a aumentar, no próximo encontro, cuja anfitriã será Vera Carlos Flôro. A notícia se espalha e cada vez aumenta mais o grupo com muitas tomando conhecimento através da leitura do Jornal do Povo. A organização continua com tidas elas usando crachás de identificação para não haver constrangimento de nomes. p.3

24/7/1984 Geraldo Hasse. O último dos moicanos, A gente viaja para a terra natal, de vez em quando, para ver-se. E a gente se vê, principalmente, nos outros. No rosto dos parentes, nos olhos dos amigos e também na fisionomia envelhecida de casas, árvores, muitos, placas e letreiros que ocupa à internada mais distante de nossa memória. Quando passa muito tempo sem viajar para a terra natal, a gente se torna vítima de dúvidas vadias que, à semelhança dos gatos, vão se instalando preguiçosamente na sala de visitas. De repente tem-se a sensação de que o caminho percorrido desmoronou, devorado pela erosão. A memória é a espinha dorsal que sustenta o equilíbrio de nossa alma. Viajar para a terra natal é copiar mais uma vez o mesmo negativo, com a vantagem de que na cópia nova aparecem sempre detalhes antes despercebidos. Viajar para a terra natal é continuar para a frente através de uma volta no passado. p.2

6/6/1985 Geraldo Hasse. Álbum de fotografias, Já me disseram que curto Cachoeira desse jeito porque estou distante. É uma meia verdade. Curto Cachoeira porque carrego a cidade dentro de mim. Eu sou Cachoeira. Cachoeira sou eu. Há muitas formas de identificação entre a pessoa e a sua terra natal, mas essa ligação é meio doída justamente por causa da distância. Cada vez que volto a Cachoeira eu me reencontro em meu eu mais primitivo, é um renascimento. Sempre que fico um longo período sem rever a minha cidade, passo a ter a sensação de ter virado outra pessoa. É como se eu fosse apenas uma lembrança de mim mesmo, uma sombra, o negativo de uma fotografia cuja cópia em positivo se perdeu. É isso, voltar a Cachoeira é remexer nas gavetas em busca de fotografias. Há gente que não precisa disso. Eu, de vez em quando, preciso ciscar no passado para me ver melhor no presente. Até dói um pouco, mas é saudável. É como livrar-se de uma doença. A gente se sente mais forte. Mais vivo. Menos transitório. Eu gostaria de levar a visa como um pescador à beira do rio. Se não está dando peixe aqui, ele muda para ali. Quando pára de sair peixe da li, vai para outro lugar. Ou muda a isca. Ou troca o anzol. Há gora para o lambari e hora para pintado. Mas como não estou pescando - aliás. O tempo nem está para pescar - vou curtindo Cachoeira por associação. Numa cidade do interior como Ribeirão Preto, com a mesma cidade de Cachoeira, é muito freqüente encontrar locais, casas, ruas e praças semelhantes as de nossa terra. Por exemplo, todo dia eu revejo Cachoeira nos paralelepípedos de Ribeirão Preto. É claro que dá um banzo, um vontade de viajar imediatamente para o Sul, ainda mais que nestes dias de outono o friozinho da manhã evoca lembranças poderosas do pampa e da serra gaúcha. Mas por enquanto vou me virando com essas transferência de imagens. Quando eu sentir que não dá mais para agüentar, já terei criado as circunstâncias que me levarão de volta a Cachoeira, para um novo acerto de contas com os meus fantasmas. Nem todos moram aí, mas aí estão sem dúvida aqueles que pesam realmente. Não há quem não tenha uma cidade no fundo da memória. A minha é Cachoeira. Um dia eu volto nem que seja só para folhear o velho álbum de fotografias. p.2

20/6/1985 Geraldo Hasse. Memória curta de Cachoeira (I), Em recente comentário nesta coluna, escrevi que Ribeirão Preto tem a mesma idade de Cachoeira, 129 anos. Um dos meus fiéis leitores ligou do Sul para lembrar que Cachoeira tem na realidade 165 anos. É verdade. Vivendo e aprendendo como dizia outro português. Luiz Carlos Motta Lima não disse, outro dia, que Cachoeira é madrasta com seu filhos? Talvez seja. Mas não seria o caso de indagar pelo outro lado: cuidam os cachoeirenses de sua cidade? Zelam pelo seu nome? Defendem a sua memória? Se o próprio cachoeirense não toma providência para defender sua cidade, ninguém mais a defenderá. E a primeira coisa a defender numa cidade é sua memória, pois nela repousa sua alma, sua identidade, seu charme. Cachoeira tem 165 anos, é o quinto município mais antigo do Rio Grande Do Sul. Na próxima coluna, vamos deixar isso claro de uma vez por todas. p.2

25/6/1985 Geraldo Hasse. Memória curta de Cachoeira (II), Por isso, cachoeirense, 165 anos ou nada. Chega de timidez. É agora ou nunca: ou Cachoeira assume seu passado e orienta seu destino, ou então é melhor voltar a fazer parte de Rio Pardo. p.2

27/6/1985 Panorama. Futuro do Passado. Jorge Franco, Cachoeira do Sul é uma cidade bonita, misteriosa e paradoxal. Cresci por aqui e com dezoito anos rumei para a capital como inúmeros jovens adolescente fizeram e continuam fazendo, num processo que chamo de "êxodo cultural". Andei por vários lugares, o último foi Salvador da Bahia. Terra linda e mística. Essa mudanças geográficas sempre me acompanharam e com elas cheguei a uma doce descoberta: vivendo em Cachoeira, agora, sinto-me em lugar nenhum. Todo lugar é lugar. Depois de quase dez anos afastado da realidade e do ar dessa cidade estou agora presenciando a rotina de seu dia-a-dia. Esta rotina tem-me proporcionado um vasto material para análise. Se você está pensando que a partir de agora vai ler um festival de críticas, enganou-se. Lá pelas tantas amo esse lugar. Tudo nele me interessa. Suas ruas e seu ar de mistério. Sua realidade enquanto universo. Dentro desse pensamento que pode parecer grande, e é justamente aí que é singular e que é plural. Assim temos aqui um bairrismo meu? Os conceitos dizem que sim. Cachoeira hoje por vezes me lembra bem uma cidade dita grande. aliás, se esforça em parecer grande, e é justamente aí que se torna superficial e vazia. Daqui parte vida, há uma enorme massa de pessoas que querem transformar a realidade de nossa cidade tornando-a mais alegre com o negativismo que quase sempre está sentado num dos bancos da praça a dizer que "aquí nada dá certa". Espera as coisas acontecerem quando deveria estar fazendo as coisas acontecer, mas ninguém é perfeito, não é menos? Que essa seja a minha declaração de amor a Cachoeira e, como todo o apaixonado, um tanto exigente como o presente e as particularidades do seu amor. p.3

30/6/1985 2º Caderno. Helena. Debutantes 85, Debutar é a forma mais elegante de dar notícia a sociedade que se freqüenta de que uma jovem a mais passou a constituir o grupo social. Debutar não é, assim, algo *démodé* ou ultrapassado. Sempre haverá debutantes, enquanto houver sociedade e civilização. Enquanto houver poesia e amor. p.3

24/11/1985 2º Caderno. Nasce um fantasma. Célia Maria Maciel, Quem passou pela tua Sete de Setembro na última semana, percebeu o trânsito interrompido. Como nos velhos tempos, não foi para anunciar que iniciava mais uma sessão no Cine Teatro coliseu. Foi, sim, para anunciar que o prédio teve a sua cobertura afundada. O golpe final, para um prédio que estava em agonia há muito tempo. E para uma geração que, comigo, viveu o tempo de apogeu e glória do Coliseu. p.11

8/1/1987 Palavra de cachoeirense. A Cachoeira de 86. Vera Beatriz Machado de Freitas, Ela é faceira. Às vezes passa dificuldades, mas orgulhosa e bela, procura os seus pesares e mostra quase sempre uma face morena, enfeitada de um rosado insinuante, vestido roupagem luxuosa e atraente. Houve no cenário que lhe marcou o de 86, acontecimentos mil. Gente saiu, gente entrou, uns achando que os outros nada fizeram para melhorar a vida da bela cidadã. Mudanças aqui e ali e a Cachoeira feiticeira e sedutora procurou criar beleza e aconchego. Ora na obra de algum artista, ora nos melhoramentos urbanos. O Rio Jacuí continuou impenetrável e cauteloso, sendo o símbolo real da própria cidade. será melhor aproveitado? As suas águas ainda verão intenso progresso? As personalidades desfilarão garbosamente por seus ambientes, tão diversificadas em seus pensamentos, tão opostas em suas ações. Cachoeira faceira é mulher madura e matreira, procurando expressar um mundo de sonhos e fantasias. Na realidade, houve um somatório de importantes acontecimentos onde os filhos legítimos adotivos desta mulher inteligente, lutaram e conquistaram espaço, sofreram e se alegraram, deram o melhor de si para a mãe continuar princesa, cercada de admiração e respeito, mesmo que, de quando em vez, um filho sofrido gemesse de dor... Cachoeira em 86, foi gesto de gente amadurecida e forte que saber viver. p.4

10/1/1988 2º Caderno. Château d'Eau. Liberato Vieira da Cunha, Nova Iorque tem o Empire State, Londres o Big-Bem, Roma o Coliseu. E Cachoeira, é claro, tem o Château d'Eau. Trata-se de um símbolo, algo volúvel. Em meus tempos de menino, segundo lembro, era cinzento. Mais tarde, optou por um tom bege e hoje, creio, fixou-se na vizinhança do creme. Numa época, as estátuas (aquelas damas vagamente aparentadas com Vênus de Milo e que vertem distraídas a água de seus cântaros no pequeno lago), tomadas de um súbito acesso de coqueteira, vestiram roupas coloridas. para não ficarem atrás, os próprios chafarizes armaram um ensaio do arco-íris, com a prestimosa ajuda de dúzia e meia de refletores submersos. E há também os peixes, que no início eram sonolentas carpas e um dia, para meu espanto, transfiguraram-se em dezenas de dourados enfeites de aquário. Incerto, mutante, não há no entanto outro marco que melhor identifique com a velha imagem de Cachoeira. Nunca visito a cidade sem ir à praça e certificar-me de que lá está ele, sólido e imbatível, na tranqüila companhia das palmeiras e das torres da Matriz. Sua visão tem um poder calmante. Voa o tempo, sobem aos céus os primeiros edifícios, plantam-se sinaleiras nas esquinas, multiplicam-se os rostos desconhecidos, mas enquanto existir o Château d'Eau, Cachoeira continuará a ser a pequena cidade que em criança elegi sede da maioria dos meus sonhos. p.1

25/8/1991 Desemprego é a maior preocupação dos cachoeirenses. A industrialização do município e a geração

de empregos são os aspectos que mais preocupam a população de Cachoeira hoje conforme pesquisa de opinião pública do Jornal do Povo realizada no dia 6 de agosto com 347 cachoeirenses da zona urbana. Segundo 82,4% dos entrevistados o desemprego é disparado o maior problema da cidade, com o agravante de que 74% das opiniões apontam o Governo municipal como incompetente na condução da política de industrialização e de geração de novos empregos. Ao responder a pergunta: Quais os principais problemas da cidade? Os entrevistados recebiam um disco contendo várias áreas da administração. Depois do desemprego, a segurança pública despontou como outra grande preocupação da comunidade. Segundo a pesquisa 3,5% da população entendem que a falta de segurança é um dos principais problemas da cidade. A preocupação com a segurança pública aparece com destaque pela primeira vez numa pesquisa deste gênero em Cachoeira e é justificativa com crescente escala da violência na zona urbana, onde tem aumentando significativamente o índice de arrombamento e assaltos. Já o desemprego, campeão absoluto em indicações, não é nenhuma surpresa. A cidade vive hoje a síndrome da falta de empregos, estimulada principalmente pelo próprio governo, que ao assumir a prefeitura em 1989, ratificou sua promessa de campanha de gerar quatro mil novos empregos em quatro anos. A meta foi por água baixo e mereceu até um mea culpa público do secretário da Indústria Ronaldo Tonet, comandante da tentativa de industrialização de Cachoeira. Tonet assumiu a responsabilidade sem necessidade, até porque o país enfrenta uma de suas políticas econômicas mais recessivas e Cachoeira sofre hoje com os erros do passado, quando centrou sua economia num comércio e indústria dependentes exclusivamente do setor primário, liderado pela agricultura. O desemprego porem não perdoa. Particularmente em Cachoeira, ele é temperado com a desqualificação profissional de uma mão de obra abundante e com a falta de grandes empregadores. A rede de supermercados Tiisclher, que detêm o maior número de funcionários emprega somente 538. Pelos cálculos do presidente do Sindicato dos Comerciantes de Cachoeira, Renny Severo, seriam necessários seis mil novos empregos hoje para curar essa chaga. ônibus. A empresa Nossa Senhora das Graças, transporte coletivo urbano de Cachoeira, presta um serviço reconhecidamente de qualidade mas parece condenada a eternamente ser desaprovada pelos seus próprios usuários. O transporte coletivo urbano foi apontado pelos cachoeirenses como o terceiro maior problema da cidade com 24% de indicações. O termometro da qualidade deste serviço pode ser medido pelo JP, onde cada semana pelo menos duas reclamações são encaminhadas. O número, obviamente é insignificante se comparado às milhares de pessoas que diariamente utilizam o transporte. p.8

12/11/1991 Panorama Geral. Verdades, Para o vereador Natalício Moraes, Cachoeira do Sul teve no passado uma representatividade política que nenhum outro município de porte médio jamais alcançou. Só que os cachoeirenses não souberam tirar proveito, disto constata. O também vereador Henrique Moller bota o dedo na ferida ao apontar o fato dos cachoeirenses terem ficado ilhados em meio a BR 290 e a BR 509. p.6

4/6/1992 Um Roteiro do passado ao presente, Acaba a introdução histórica sobre o município. O transporte inicia a visitação dos sinais que restam do nosso passado. O ponto de partida do Passeio Cidade é a região da Aldeia, núcleo primário do povoamento cachoeirense, com destacada concentração indígena em meados de 1779 foi elevada á categoria de freguesia, com denominação de Nossa Senhora da Conceição, e a velha "Casa da Aldeia", prédio remanescente da metade do século XIX, com reboco em areia e cal. Nesta casa já funcionou uma fábrica de balas, hoje é utilizada como residência. PRAÇA ITORORÓ -próxima ao hospital de caridade e Beneficência, nela foi inaugurada, em 20 de setembro de 1921, a primeira hidráulica do município. Com o objetivo de abastecer a parte baixa da cidade, o reservatório dispensaria, em parte, o comércio de água. No lugar, hoje se encontram os restos dos tanques, que ainda abastecem o hospital. CEMITÉRIO DAS IRMANDADES - Em 16 de janeiro de 1833 iniciam os serviços de sepultamento no cemitério da Aldeia, como era chamado. Hoje, o Cemitério das Irmandades é administrado conjuntamente pela Irmandade Nossa Senhora do Rosário e Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição. HOSPITAL DE CARIDADE E BENEFICÊNCIA - A primeira sede do hospital foi inaugurada em 11 de dezembro de 1910, no extremo sul da rua Saldanha Marinho. Em 1919 chegam as "irmãs enfermeiras", da congregação de Santa Catarina, para realizarem os trabalhos no local, permanecendo assim até a década de 80. o segundo prédio entra em funcionamento em 1940 e, 30 anos mais tarde, para atender a real necessidade da comunidade cachoeirense, inaugura-se o terceiro prédio da instituição. PREFEITURA MUNICIPAL - Prédio construído em 1865, onde também funcionavam a cadeia civil, Câmara Municipal e a Justiça. Durante a Guerra do Paraguai serviu de hospital para tratar principalmente de doenças respiratórias. CHATEAU D'EAU - Construído em 1924, em estilo neoclássico e barroco rococó, na Praça Baltazar de Bem. Funcionou como reservatório de água e sua finalidade era regularizar pressão nas zonas mais elevadas. CATEDRAL NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO - Inaugurada em 1799 em estilo original: barroco pobre com elementos românticos. Passou de Capela da Aldeia, coberta de palha, sob invocação de São Nicolau, à categoria de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição. Foi transferida para a Praça Balthazar de Bem, com imagens dos santos transladadas da antiga capela. Em 1874, realizada restauração de toda a frente da Igreja e, em 1963, início da reforma do seu interior, com demolição dos altares, e em 1983 inauguração do interior reformado. PRAÇA BALTHAZAR DE BEM - Foi chamada - "Praça do Prestes" em homenagem ao primeiro morador, João Prestes dos Santos. Por Decreto Municipal, em 1921 passou a denominar-se Praça Almirante Tamandaré. Depois em 1925, o nome é novamente alterado, agora Praça

Balthazar de Bem, em homenagem ao ex-intendente morto no combate do Barro Vermelho, em 10 de outubro de 1924. Possuía jardins com vários tipos de arborização, vegetação alta e baixa, cercada por muros com grades de ferro, das quais hoje ostentam árvores frontosas. TEATROS - O primeiro teatro de Cachoeira do Sul foi inaugurado em 27 de abril de 1830 e demolido em 1861, para construção do prédio da Prefeitura Municipal. Em 25 de dezembro de 1900, a cidade ganha outro, desta vez na rua 15 de Novembro, esquina Gabriel Leon, onde atualmente funciona a Escola Estadual de 1º Grau Antônio Vicente da Fontoura. Nele, aconteceram apresentações de peças teatrais locais e também a presença de companhias nacionais e estrangeiras. Devido a um desabamento, que atingiu a parte superior do prédio, foram encerradas as suas atividades, e o patrimônio cedido ao Governo do estado. RUA 7 DE SETEMBRO - Cenário de muitos patrimônios histórico-culturais. Entre eles, a sede da União dos Moços Católicos, prédio em estilo neoclássico, com fachada apresentando características marcantes, Já foi residência, centro literário, sede de banco e de um clube. Hoje pertence à Diocese de Cachoeira do Sul. Demais patrimônios: Clube Comercial (1975), Jornal do Povo (1929), Câmara Municipal - Palácio João Neves da Fontoura -, fundada em 1927 como Banco da Província; Esasc, prédio construído em 1913 para residência e ainda foi sede do Clube Comercial. PRAÇA JOSÉ BONIFÁCIO - Em 1830, com os trabalhos de demarcação, era chamada Praça do Pelourinho. Após sua inauguração, em 1912, conhecida como Praça Ponche Verde (1858), Praça do Mercado e Praça das Palmeiras. Ao longo do tempo, o espaço apresentou o Cinema Parque, chalé onde se instalava o Bar e Restaurante Ponto Chic, coreto com o estabelecimento - "Gruta Azul" -, Quiosque, dependências do antigo Bar América, instalação de carros aluguel e um Mercado Público. Em 1968, ocorre a inauguração da Fonte das Águas Dançantes "Artibano Savi", um dos pontos turísticos de Cachoeira do Sul. PRAÇA HONORATO DE SOUZA SANTOS - Local da 1ª estação da Viação Férrea, inaugurada em 1883, dividindo a cidade em parte baixa e alta. Em 1973 o prédio é demolido, e em 1980 inaugurada a praça. Nela, destacam-se os monumentos: "Cidadania, Trabalho e Cultura" e "Imigrante Colono", ambos de 1978. BAIRRO RIO BRANCO - Bairro residencial formado por descendentes de imigrantes alemães, que chegaram ao município em 1857. Em 1893 é fundado o Colégio Barão do Rio Branco, com inauguração em 1914. O Jardim de Infância do Colégio, construído no período de 1916/1917, foi sede da primeira casa de formação de pastores evangélicos para o Brasil. A Sociedade Rio Branco foi fundada em quatro de agosto de 1896, com a denominação de Schutzen, dedicando-se ao esporte do tiro ao alvo, onde hoje é denominada Rua Milan Krás. BAIRRO SANTO ANTÔNIO - Bairro residencial, com aglomeração de descendentes de imigrantes italianos. Nele, tem destaque a Escola Imaculada Conceição, que primeiramente funcionou como internato, mantida pela Congregação de Santa Catarina e a Igreja Matriz de Santo Antônio, construída em 1937, em estilo barroco bávaro. PARQUE MUNICIPAL DA CULTURA - Museu: instalado em 1979 e na atual sede desde 1986. Zoológico: criado em 1986, apresenta espécies da fauna do município, algumas inclusive em extinção. Jardim Botânico: cultivo de espécies da flora nativa de Cachoeira do Sul (1986). Ainda fazem parte do roteiro do Passeio Cidade as ruas Saldanha Marinho, Júlio de Castilhos e Avenida Brasil, e seus destaques no comércio local. O ônibus percorre o parque de Exposições da Fenarroz, passa o Alto do Amorim, Volta da Charqueada e os bairros Oliveira e Marina. p.7

17/9/1992 Bom dia, leitor! Uma semana para o comércio, É verdade que a difícil situação financeira que atinge aos brasileiros de uma maneira generalizada prejudicou bastante mas, em especial as lojas especializadas, puderam faturar além do que normalmente comercializam em razão da Semana Farroupilha que está sendo comemorada em sua 29ª edição. Foram botas, bombachas, lenços, vestidos de prenda e outros apetrechos alugados e comprados por uma população, cuja grande maioria desconhece o verdadeiro significado do que está sendo - pelo menos era esta a intenção - lembrado. As atividades culturais ainda são promovidas durante esse período, mas não atraem nem uma quinta parte do público que vai aos fandangos ou aos rodeios "só para ver o ginete cair". As pessoas querem, muito mais, festa, dança, cerveja, animais sendo esporeados, ginetes sendo projetados dos lombos dos xucros. Que Epopéia Farroupilha, que nada! Alguns até dizem que quem vive de passado é museu, mas esquecem os outros que afirmam: povo sem passado é povo sem história. Óbvio que é uma oportunidade ímpar para os guaiacas dos centros tradicionalistas, muitos dos quais passam o restante do ano às moscas. Mas, e onde fica a história e a necessidade de ensinar aos nossos filhos e netos o que foi realizado por nossos antepassados? Foi esquecido o apego à tradição e o culto ao chão no qual tombaram muitos dos quais tinham o sangue que corre em nossas veias? Um basta à cachaça, à dança, à comilança! Está na hora de repensar o aspecto cultural que vem sendo relegado a um segundo plano. p.2

6/2/1993 Eliseu Torres. Calçadão, Estou convencido de que se torna necessário um novo diagnóstico das causas que emperram o progresso de Cachoeira e nos detém nesse insuportável marasmo. Muitos dirigentes sustentaram que a principal causa é a ausência de uma liderança forte; outros, defendem o ponto de vista de que nos falta união; uns, ainda, apontam a ausência de diversificação na produção. Tenho refletido sobre o assunto e cheguei a uma conclusão. O que falta a Cachoeira é um bom oculista. Nossa visão anda muito curta, estreita, insuficiente, mesquinha. De tanto olharmos para baixo, a procura da grandeza perdida, nossos horizontes se estreitaram. De dez dias para cá, três sintomas apontam para a Síndrome Generalizada de Insuficiência Ocular (SGIO). Querem exemplos? O prefeito e seu secretário de Indústria e Comércio, cientificados de profundidade da crise que se

abate sobre nosso ensino superior, saíram à luta, defendendo a solução da federalização. Mais que isso, buscaram as autoridades da Universidade de Santa Maria e jogarem-se à tarefa de obter viabilidade para o projeto. Pois aquilo que parecia unanimidade, gratuidade e melhor nível técnico, não o é. Há vozes - não poucas - que vêm nisso uma ameaça a seus privilégios. Outro? Uma multinacional escolheu Cachoeira para implantar sua base. Associou-se a um progressista empresário local e reativaram uma das unidades da Centralsul, que hoje é ninho de ratos e palco de fantasmas de um passado glorioso. Tanto bastou para que inúmeras vezes fizessem ecoar seus protestos. São setenta novos empregos e um grito de dinheiro que vai passar por Cachoeira. Mas alguns temem o que isso possa significar. Um terceiro exemplo? Clamou-se, durante anos, pela municipalização da água. A Corsan recolhe mensalmente uma montanha de dinheiro manda-o embora para implantar serviços das cidades que não os têm. Vale dizer: financiamos serviços pioneiros em outros municípios e pagamos a água mais cara do Brasil. Pois leio nos jornais que há pessoas que vêm, nisso, um retrocesso. Agora, uma placa, uma simples placa anunciadora da intenção de construir em calçadão, gera, em vozes retrógradas, em coro de protestos que ocupou, nos últimos dias da semana, todos os programas das rádios, no horário matutino. Em qualquer lugar deste imenso país, uma iniciativa seria acolhida com louros e aplausos. Aqui não. Aqui, temos que estacionar nossos carros na porta dos escritórios, temos que ver as coisas exatamente como sempre, temos que ser como o homem da tabacaria, imortalizado por Fernando Pessoa. Temos tudo o que é novo. Sofremos quando a mesmice se rompe. Detestamos quando algo se move, porque isso nos obriga a levantar o olhar. Olha para o alto, Cachoeira. Busca tua grandeza perdida, que não vai encontrar se não abrires teu olhar para uma Nova Era. Ou, então, procura o oculista. Um bom oculista. p.2

24/9/1993 Bom dia, leitor! O caminho certo da incorporação, O entendimento finalmente alcançado entre as direções da Funvale/Univale e Universidade Federal de Santa Maria quanto ao protocolo a ser assinado entre as partes - que prevê os primeiros passos para a federalização do ensino superior de Cachoeira do Sul - conclui a fase de conflito natural nas relações de todas as sociedades - e atesta a saída definitiva do município do estado de simples acomodação. Independente do embate existente entre Funvale e a comunidade, através de seus setores organizados, Cachoeira do Sul sai deste episódio mobilizada diante de uma unanimidade talvez até inédita em sua história. Esta mobilização precisa ser mantida a partir de agora como forma de garantir o resgate histórico de um erro de interpretação do passado recente, quando foi rechaçada a possibilidade de implantar-se aqui a Faculdade de Direito. A negativa mostrou-se equivocada nos anos seguintes e a necessidade hoje de diversificar as opções de curso do ensino superior cachoeirense para além dos técnicos comerciais ou magistério coloca-se como um ponto motivador para a continuação da luta pela federalização. Novos conflitos surgirão pela lógica das relações sociais, mas que sejam passos à frente nessa luta. p.2

20/10/1993 Ronaldo Tonet Fuscas, Há algum tempo, nós cachoeirenses, estamos sendo condicionados a aplaudir e apoiar qualquer tipo de promoção que tenha o cunho de resgatar o passado perdido. A exemplo de Itamar, assustados com o presente adverso e aterrorizado com o futuro que não se desempenha melhor, volvemos os olhos ao passado, por óbvio nosso conhecido e do qual apagamos as más lembranças, e ressuscitamos nossos Fuscas. Os demais recentes são a volta ao futebol profissional e a Federalização do ensino superior. O primeiro, no seu ocaso após seis meses de ilusão durante os quais qualquer crítica, por menor que fosse, ao desempenho da equipe ou de sua direção era repelida com olhares furibundos e cochichos de bares apostando em más intenções pessoais ou políticas. O segundo Fusca, o do canudo universitário grátis, tenta reverter um conto de fadas que na tradição oral cachoeirense atribui a falta de visão de um prefeito o fato da UFSM estar onde esta e não se chamar UFCS. O ensino superior federal viria na forma de encampação, ou seja lá que de significação jurídica se dê a entrega do patrimônio da Funvale a UFSM. Quem como no primeiro caso disser qualquer coisa que possa ser interpretada como crítica a proteção será sumariamente arrolado e os derrotistas e queimado na fogueira inquistóstoria das páginas dos jornais e programas radiofônicos. Nos dois episódios nos é negado o direito de discordar principio base da democracia. Se todos fossem sempre Maria vai com as outras, os computadores estariam comprados e pagos pela prefeitura e Collares. Acontece por mais que nos ameacem com fogueiras em forma de notinhas desaboniatórias redigidas em fundo preto e grito da razão individual é controlável por algum tempo, mas por todo tempo. p.2

23/10/1993 Pequena crônica da cidade. Augusto César Mandagaran de Lima, Passando pela Praça José Bonifácio me detive, aguardando um daqueles meninos engraxates, que oferecem seus serviços com o infalível. "vai uma graxa aí, tio?" Mas ele não apareceu, para minha decepção e de meus necessitados sapatos. Aproveitei para olhar a Fonte das Águas Dançantes do Artibano e recordei então o antigo mercado que ali existiu na minha infância. O prédio era uma das glórias arquitetônicas de Cachoeira do Sul. Um edifício com forma retangular, com pátio central ao qual se atingia passando por um dos quatro grandes e altos portões localizados em cada uma de suas fachadas. No centro do pátio havia uma fonte circular, onde primeiramente eram colocados os peixes do nosso outrora piscoso. Jacuí. Depois serviu de bebedouro aos cavalos das carroças da feira. Quando conheci este prédio ele já não se apresentava muito bem cuidado mas era bonito em sua sobriedade. Era o que poderíamos chamar de neoclássico bastante simplificado. As casas comerciais abriam se para calçada externa através de portas estreitas e muito altas, muito próximas uma das outras encimadas por arcos e se repetiam para o interior.

Assim tinha se ar permanente circulando, mantendo se mantendo se arejadas sem tirar lhes no entanto, o cheiro característico de mercado como cereais, salames, azeitonas, bacalhau, misturados ao odor de peixe fresco e verduras. Ali a cidade se encontrava para as compras. Os meninos iam rápido, geralmente com algumas moedas, por vários anos e o nosso dinheiro era respeitado. Estudava em Porto Alegre quando o demoliram. Nunca soube as razões. Mais Alguns anos derrubariam também os guarda corpos da praça, com desculpa de eles impediam a visão e o acesso do povo a parte mais baixa. Pobre praça. Pobre povo que não conserva o seu passado. Não conserva sua identidade, ficando sem nome a quem honrar. Só depois é que fizemos o orquidário que pouco durou com essa finalidade. Mais tarde veio a fonte do Artíbano, que só foi bonita funcionando, pois destruída de valores arquitetônicos agradáveis. Sem a água e as luzes ela é muito estranha. Pensei que as modificações da Praça só podia refazê-la com características de uma fonte verdadeira, a lembrar a primeira que lá existiu ou mesmo o antigo mercado. Com chafarizes a funcionar permanentemente, com peixes que o Chateau d'Eau já possuiu. Tudo poderia ser uma homenagem para o nosso passado, a nossa arquitetura, a nossa arquitetura perdida e trocada por a atual amorfa e despersonalizada. A homenagem ao Artíbano que por tantos anos deu luzes aos escuros de nossa cidade. Podíamos brinda-lo, recriando uma fonte a altura de sua dedicação e do seu nome. Simples como ele, mas bela como seus sonhos e ambições de luzes cores e sons. Não engraxe os sapatos, mas sai um pouco reconciliado com meu passado de guri de calças curtas, suspensórios e pés no chão, sentindo as lajes frescas do mercado, nas tardes quentes dos verões de antes. De muito antes. Porque só muito depois vim a colocar os sapatos para engraxa-los aos domingos sentado, no Bar América, fatiota de linho branco, gravata de nó duplo e pose para as gurias que passeavam após a missa das dez. Mas isso já foi depois. p.2

30/10/1993 Nossas ninfas. Augusto César Mandagaran de Lima, Uma cidade, não importa seu porte, é o somatório de sua gente e de seus monumentos. A retratação da pujança de uma civilização pode ser medida pela arte que soube produzir e apreciar, ou, pelo talento empregado naquelas criações que o tempo ou o próprio homem, sem nenhum talento, destruiu. Não consigo imaginar minha Cachoeira, antes Vila Nova de São João de Cachoeira, sem suas "ninfas", àquelas que certa época sugeriram cobrissem os seios. Não foi diferente o que aconteceu em Cachoeira. Em nome de que? Do progresso? Que progresso? Há muito ainda a ser preservado, quem sabe uma isenção de impostos sobre estes imóveis, aqueles considerados de valor histórico, para que não percamos a memória para sempre de um passado com indubitável traço açoriano! p.2

20/11/1993 Pequena Crônica da cidade. Augusto César Mandagaran de Lima, Onde estão aqueles valentes caudilhos que, subindo o Jacuí, aqui aportaram, junto à Cachoeira do Fandango e de tanto conhecer o sítio foram se aquerenciando, gostando, amando o lugar, porque era bom para se viver? Onde estão aqueles corajosos que transformaram pequenas forjarias nas potentes indústrias do nosso orgulho? Onde estão aqueles gigantes que fizeram o nosso hospital, a nossa Estação de Tratamento de Esgotos, as nossas empresas de navegação? Onde estão os saudosos que fizeram da Ascapes a força para uma universidade, que vejo cada vez mais distante? Onde está o perdido espírito impulsor dos grandes que fizeram desta a magnífica cidade da minha infância? Desta que apressou meu retorno, após conhecer outras, cuja pujança e promessa de grandeza habitam saudosas as minhas insônias? Desta mesma, que em breve, sem muitos "mea culpa", poderá não ser mais completa para exercitar a vida plena, mas tão só "boa para morar"? p.2

27/11/1993 Carlos Eduardo Florence. A cidade e as calçadas, Caminhar com sol, calor, frio, cansaço não é sacrificado. O sacrifício na mui leal cidade de Cachoeira do Sul, são as calçadas e os caminhos, ou a inexistência deles. Ruas com calçamentos - sem calçadas e vice-versa, buracos, cerâmicas soltas, florestas crescendo entre pedras, depósito de materiais, montanhas de terra, bicicletas, cachorros, ladrões, pivetes, papéis, camelôs, tapumes e misturando tudo isto, lixo, muito lixo. Mas a gente continua caminhando, respirando fundo, liberando as tensões para poder sonhar que a civilização um dia retornará a nossa cidade. Leis, que normatizem a construção e manutenção, parece que existem para todos os gostos, o que falta, sempre no Brasil é cumprir, punir, multar, enfim, decidir e agir. Sempre me lembro e me fascinava, de pequeno, a limpeza e a normatização das calçadas da rua Sete, com aquelas ondas pretas e brancas que ainda suamente persistem em alguns pontos. Naqueles dias, havia com as pessoas bem mais encontros e a cidade evoluía. Basta de falar e fazer calçadões. Precisamos urgentemente é de calçadinhas lavadas e limpas. p.2

8/1/1994 Eduardo Florence. Opinião. A cidade e as árvores, João Neves foi prefeito de Cachoeira nos anos 20, época do nosso apogeu, e foi quem definiu na cidade a urbanização, o calçamento e o saneamento que nos tornaram um dos três melhores lugares para se viver no Rio Grande do Sul daqueles anos. Através de sua visão de homem do mundo fugia desesperadamente de uma política provinciana e clientelista e nos relata em suas Memórias, editadas pela Globo, a preocupação em dotar a cidade de obras que melhorassem a qualidade de vida daquela época e do futuro. É dele a definição pelo Horto Florestal como responsável pela arborização que ainda hoje persiste e pelo objetivo básico: criar sombras. Quando vivemos verões longos, úmidos, com 40 graus de suores e mormaços, Cachoeira se define como um lugar muito quente, na qual árvores e fontes de água deveriam fazer parte de estratégias que tentassem amenizar o calor e tornar a cidade suportável. A cidade de Aix en Provence, no sul da França, tem um calor e umidade insuportável como o de Cachoeira. A sua principal atração

turística, descontando a gastronomia, as ervas e a lavanda, são 400 metros de um túnel verde com plátanos oferecendo sombra e complemento a fachadas neoclássicas, cafês e restaurantes. E quando olho para a Andrade Neves entre a Sete e a Moron, me lembro de Aix e do João Neves e digo que aquele verde e aquela sombra são o nosso aspecto mais civilizado e de bem-estar. Temos muitas árvores, como poucas no estado; a mais linda coleção de ipês do mundo, a paineira do Colégio Rio Jacuí, os ex-ciprestes do dr. Eurico, as palmeiras do Chateau d'Eau, as tipuanas da Praça José Bonifácio, jacarandás, seringueiras e temos os coitados dos plátanos da Presidente Vargas - podados, brutalmente podados, irracionalmente podados - sem oferecer nestes dias de verão a sua qualidade primordial que é a sombra. Temos árvores para qualquer tempo, qualquer afeto, qualquer escolha. Particularmente, prefiro os plátanos do Colégio Rio Branco, são mais sábios e civilizados. Resistiram ao corte e apenas se moldaram às necessidades da cidade e das pessoas. São a nossa mais completa tradução. No inverno, perdem as folhas, deixando passar o sol, e depois elas voltam... Voltam, como espero que as pessoas voltem; para transformar, para progredir. Que o João Neves volte... ou nos mande uma luz. p.2

15/1/1994 Opinião. Pequena crônica da cidade. Augusto César Mandagaran de Lima, Numa destas festas de fim de ano, com amigos à beira da piscina, sorvendo o bom Gewurztraminer da Aurora, quando as discussões são pouco propícias ao incerto porvir da política nacional, é a nostalgia que melhor prende nossas atenções. Afirmava o Jorge Ilha que, entre outras tantas ruínas de nossa cidade, o teto do Salão de Bailes do Clube Comercial está infestado de cupins. Pode ruir, caso providências enérgicas não sejam tomadas. Tal assunto ensejou lembranças de uma Cachoeira próspera, invejada pela vizinhança, no final da década de 50. Uma cidade madura, que oferecia enormes promessas a seus jovens. Ela se afirmava através de construções como aquele prédio imponente, de arquitetura eclética, indefinida, mas de alguma maneira grandiosa. Volta à memória os sábados de bailes, quando as expectativas dos rapazes que se lançavam na sociedade local era a dos grandes feitos, embora pontilhados dos embaraços naturais que premiam os iniciantes. Ficavam parados à porta do Salão, junto ao degrau da pista. Agrupados, tímidos, com olhares disfarçados para as ocupantes das mesas. Aguardavam um sinal incentivador ou um rasgo de coragem para atravessar a pista e tirar para dançar aquela da escolha ou predileção. Não era nada fácil um imposição pessoal aos 15 ou 16 anos, quando metidos em "fatiotas" e em ajustados colarinhos para gravatas de "nó duplo" deviam mostrar intimidade com a audácia, a galanteria e mesmo com alguns passos de danças. As mãos eram o primeiro embaraço. Ora estavam nos bolsos, ora gesticulando em apoio a teses intermináveis, ignoradas por todos. Alguns, com estudada afetação brincavam com o isqueiro da moda, enquanto o cigarro queimando na boca lançava fumaça sobre o rosto, em poses "bogartianas" e disfarçadamente procuravam sua Lauren Bacall. A maioria buscava o óbvio: as mais lindas, nem tão tímidas e de olhos profundos, ternos e sonhadores. Esta era a busca de toda uma noite. Após o Augusto Choaire e a Helaine Meneghello abrirem o baile, estavam todos convidados a desempenhar o papel para o qual haviam sido convocados. A "Cassino Sevilha", os vestidos, os "ateliers de costuras", os alfaiates, os barbeiros e os salões de beleza, haviam sido o alvo das atenções de toda a semana. Faltava só o desempenho na iniciante arte da dança e da conquista, conjugadas a uma boa conversa sobre amenidades ou mesmo aquele prelibado romance. Hoje isso não aconteceria, a juventude é mais rápida. Tudo que adquiriu em celeridade perdeu em ternura. Dançava-se boleros, tangos, rumbas, sambas e mesmo valsas. Mas isso não bastava. A procura era pela princesa mais bela e dos mais belos olhos. Eram todos príncipes, pois estavam num dos melhores clubes que aquela juventude já havia pisado. À porta ficavam, até o acaso, a decisão ou o descuido maldoso projetar para a pista. Não tendo como disfarçar, tomavam a direção do alvo. Tudo então podia acontecer. A aproximação a pretendida ignorava, mantendo conversa interminável com a companheira do lado. Havia ainda o olhar inquisitivo da mãe que sonhará com um Grão Duque D'Áustria para a sua Sissi e não aquele assustado projeto de cavalheiro. O olhar do pai, então. Este sonhara com um Rockefeller neto ou sobrinho e não aquele estudante sem qualquer profissão. Ainda se estivesse fazendo concurso para o Banco do Brasil! Mas ali estando, coisas desagradáveis podiam acontecer. A frente era cortada pelo zeloso e tardio namorado, quando ela, todo sorriso, se erguia e deslizava enlaçada por outro. Ou então a vitória da rapidez pertencia a um aspirante, em seu impecável uniforme, o que fazia luzir os olhos dos guardiões e o cenho dos papais descontraíam como por encanto. Como elas adoravam fardas! Aliás, comentava-se à época, que tenentes, em Cachoeira, não eram transferidos solteiros. Eram a alegria das mães e o alívio dos papais. Havia, no entanto, os momentos em que tudo dava certo. Ela era linda, sabia eliminar os silêncios constrangedores com a pergunta salvadora: - Que faculdade pretendes cursar? Medicina? Direito? Engenharia? - Não, pretendo Arquitetura. Tudo estava salvo. O assunto inevitável era a beleza do Clube, recém inaugurado, com suas salas de recepção, de jogos, sua biblioteca e claro, o salão de bailes, com seus caríssimos ornamentos, sancas e luzes indiretas. Rebuscado, mas ainda assim impressionante. O Clube foi construído pela iniciativa de homens dedicados, com largueza de espírito, que acreditavam em suas causas e principalmente nessa terra. Devoção, honestidade e muito trabalho, estes os adjetivos para seus construtores. Éramos todos aprendizes de uma cidadania consciente e responsável. Encontrávamos ali naquelas paredes, naqueles tetos, os exemplos que expressavam a convicção e os anseios de muitos cachoeirenses ilustres. Não precisávamos estudar longe para aprendermos de que argila eram feitos os homens de verdade. Tínhamos em nossa cidade módulos bastante expressivos. Mais do que isso, só era necessário um olhar profundo, terno, meigo, de um roçar de rosto ao som de "Tender is the Night", de uma mão que se demorasse mais quando a música

terminasse, um prelúdio de promessas que encheriam a noite e atravessariam dias, semanas talvez. A noite se tornava gloriosa, quando já na madrugada do domingo o restaurante era o indicativo. A dois, entre lógicas "cubas-libres", "filés com fritas" eram ordenados, para a reposição do desgaste de tantos embates. Na saída, já à porta do grande hall, aguardando o carro, ela se volta e com a estudada casualidade, que só a certeza permite, pergunta: - Que filme passa no Coliseu? - "Ladrão de Casaca", dizem que é muito bom! A afirmação é sem muita convicção, mas guarda a chama tímida da esperança. - O lugar ao meu lado vai estar vago. Não te atrases para a primeira sessão! O sorriso, menos tímido, é o assentimento. O clarão do amanhecer anunciava o fim da noite, mas aqueles olhos, mais profundos agora, anunciavam o início de muitas outras belas noites, nesse nosso Comercial, ou naquele Coliseu de tantas promessas. Mas isso é assunto para outra conversa. p.2

19/3/1994, Carlos Eduardo Florence. A cidade e a memória, Freud montou e desintegrou o homem através do exercício das lembranças conscientes ou não e através das pequenas grandes coisas que o influenciam e o transformam. A partir de uma rosca chamada "madelaine", Proust volta ao passado e em busca do tempo perdido escreve o enorme painel psicológico e social, que se constitui num dos três maiores livros deste século. É comum que a geração de 40-50 anos comece a rememorar sentimentos, atitudes e fatos compartilhados na sua época de formação. É aquilo que constitui a referência de uma geração. Não apenas a nostalgia da juventude e dos sonhos, como também uma busca de possuir o passado para melhor compreender o presente. A Editora Companhia das Letras lançou este ano um livrinho chamado "Memorando", de Geraldo Mayrink e Fernando Moreira Salles, que a partir da frase "Eu lembro", faz um inventário e uma coleção de fatos pequenos do cotidiano, que mesmo colocados no eixo Rio - São Paulo, também a nós cachoeirenses atinge e emociona. Relacionam por exemplo? "Eu lembro que a soma dos quadrados dos catetos é o quadrado da hipotenusa". "Eu lembro que meus professores diziam que conhecimentos como este seriam de grande utilidade pela vida afora". "Eu lembro que, criança, quando não terminava minha comida, lembravam-me dos milhões de criancinhas do Nordeste que morriam de fome. Fora a culpa, por via das dúvidas, nunca entendi porque terminar meu prato ia resolver alguma coisa". E por aí vai. E eu lembro de Cachoeira, faço a minha lista e sugiro que a aumentem como um jogo ou numa peça de teatro. Saudosamente. Eu me lembro que o trem cortava a cidade. Eu me lembro da Vicentina e da tragédia amorosa no cemitério. Saindo na revista O Cruzeiro. Eu lembro que descer o Bar Azul era algo de libidinoso e suspeito. Eu lembro que ladrão em Cachoeira era o Corunilha. Eu lembro que tínhamos várias bandas marciais. Se eram boas, esqueci. Inesquecíveis eram as balizas da João Liberato. Eu lembro de ter medo dos militares. Eu lembro de que apesar de você amanhã há outro dia. Eu lembro da Cirilinha, Grapete e Crush. Eu lembro da casa Augusto Wilhem - Favor insistir periga ter. Eu lembro do Bar América, do filé e do sorvete no verão. Eu lembro que boate era no Comercial e o sonho era o Encouraçado Butikin. Eu lembro da Praça Borges de Medeiros, bonita, sem aquela aberração arquitetônica que é a pira da Pátria. Eu lembro que havia praças. Eu lembro do "Sargent Peppers" girando na vitrola sem parar. Eu lembro que saiu no Jornal do Povo: A Sr.^a proprietária da boate Mil e uma Noites avisa a todos os seus devedores que caso não saldarem suas dívidas até o Natal, terão seus nomes divulgados neste jornal. Eu lembro do João Neves, o melhor colégio que aqui já existiu, o melhor ensino, o mais democrático; do mais rico ao mais pobre, todos iguais, de calça azul marinho, camisa branca e sapato Vulcabrás. Eu lembro de todos ou outros, afetuosamente. Não se pode esquecer. Pois como diz Guimarães Rosa em Grande Sertão Veredas "O que lembro, tenho." p.2

30/4/1994 Carlos Eduardo Florence. A cidade e a depressão, A depressão representa na esfera psiquiátrica uma resposta marcada pela passividade e desânimo. É uma situação de adaptação social do indivíduo. Corresponde a uma emoção normal, que segue e corrige períodos de intenso individualismo. Tende a integrar as pessoas numa sociedade, valorizá-las e nelas adaptar-se. Tudo isso é positivo. Anormal é a persistência e a coletivização desta emoção. Anormal é quando a resposta a esta depressão desenvolve mecanismos de defesa que, negando este processo desintegram e desanimam toda uma população. Toda a cidade vive, fala e respira depressão. Convivemos com um pessimismo doentio, que necessita urgência de reflexão e tratamento. Começamos a viver um mecanismo de autodestruição patológico, no qual, nada que signifique eficiência em âmbito municipal tem valor e daí deve ser renegado. A capacidade profissional de outros nos incomoda, irrita e deve ser rejeitada, quando não seja destruída. Isto vale para tudo, comércio, indústria, agricultura, serviços, etc. Todos reclamam e se depreciam no coletivo, no global, sem nenhuma ação que fuja alguns centímetros dos próprios interesses. A crise é mundial. O país é decadente, o estado idem, a cidade ibidem. Por que Porto Alegre não desenvolve esta mesma resposta depressiva, quando ela própria, que já foi a terceira capital cultural e política do Brasil, vê-se suplantada por BH, Curitiba, Salvador e até Recife? A crise é estrutural. É social. É fome. Se vivemos num mesmo país é inocente acreditar em ilhas de prosperidade. Tudo está igual, o diferente é que em alguns lugares a união impera, no lugar do único e da própria satisfação. O diferente é que em alguns lugares os interesses coletivos crescem a despeito de visões individuais. Pensar em conjunto, agir em conjunto, valorizar o que é nosso e que por ser próximo se torna obscuro: deve ser a saída. O resto é insatisfação normal como esta história que se relaciona com a medicina, mas pode ser transferida para qualquer outro ramo de trabalho. O paciente, lá no interior, na hora da doença, abandona a sua medicina caseira e sai rumo a cidadezinha. O doente de lá quer vir a Cachoeira, pis aqui tem mais aparelhos e exames. O cachoeirense quer ir a Porto Alegre em busca da

tecnologia. Os da capital fogem a São Paulo procurando maior efetividade terapêutica. Já em São Paulo a todo momento se parte a Nova Iorque atrás de mágicas promessas de curas comerciais. E nos Estados Unidos é comum pacientes desencantados com a falta de solução, curas e explicações para os seus problemas, que embarcam rumo às montanhas do Tibete, desertos do México, interior do Brasil à procura de alguém que os escute. A maioria das pessoas está necessitando é que alguém as ouça. Fecha-se o ciclo. O resto é comércio. Esta característica da insatisfação é que nos move. O que nos destrói é imaginar que poderemos viver bem apostando no individualismo. p.2

21/5/1994 Ponto de vista. Vera Beatriz Machado de Freitas, A Cachoeira do passado. Daquela época, guardo em minha memória, o Clube Comercial ainda no prédio de hoje Esasc, a rua 15 de novembro sem calçamento e a gostosura de ver as carroças de padeiro desfilando pela cidade. A estação dos trens era ponto turístico e as pessoas que aqui residiam rumavam ao dito local as 13:16 horário que chegava o trem diurno de Porto Alegre, e tudo era uma festa. Ah ia esquecendo, a noite as pessoas sentavam em cadeiras nas calçadas e conversavam num agradável e sadio convívio. As matinés do antigo Coliseu eram bastante procuradas pela juventude, e cansei de ao sentar sentir a presença prazerosa de meus tios que estavam a zelar por mim. Meu pai recomendava mil e uma coisas, todas a moda antiga. Os hábitos eram simples e provincianos. A outra parte de minhas histórias sobre Cachoeira, vai do tempo que vim residir aqui, já casada, e da lá para cá vai uns trinta anos. E são tantas as histórias que cabriam os livros, mas como meu espaço é pequeno contarei a síntese em um outro ponto de vista. E, quem sabe, um dia, em livro a ser publicado com muitas facetas desta matrona simpática e amiga que é nossa Cachoeira. p.7

2/7/1994 Carlos Eduardo Florence. A cidade e as migrações, Me contaram que uma vez em Porto Alegre o Oly Facchin encontrou uma pessoa que ao se identificar como também sendo de Cachoeira exclamou: - Que mundo pequeno! E o Queti retruca: - Não é o mundo que é pequeno, Cachoeira que é grande. Estas questões de encontros, tamanhos, saídas e identidade nos fazem pensar em vários fatos e realidades. Nos fazem constatar que em todos os setores, lugares e cidades temos ou conhecemos um cachoeirense. Existimos na Europa, América, na televisão, nos quartéis, nas cozinhas e postarias. E nos deixam a certeza de que a maioria das pessoas que fizeram parte da nossa infância e juventude não vivem mais aqui. Somos uma cidade de êxodo e de migrações, que criou dois tipos de cidadãos: primeiro, os que saíram; segundo, os que resistiram. Existem cidades cuja finalidade se esgota no fato de que ali se vive sem nenhuma forma de identidade cultural que as defina e existem outras que transcendem o modo de vida para uma marca, um orgulho, uma raiz. Isto é cachoeira. Não apenas se nasce aqui. Cria um arquétipo que te marcarás por toda vida. Sempre serás o cachoeirense que se civilizou antes das outras cidades, que sentas na praça, caminhas pela Moron e pela Sete e tem fascinação pelo Chateau d'Eau, nem que seja como moldura para fotografias de filhos, de netos, guardadas no afeto e na mente. Agora todos estes ritos de ir embora, viver em outros lugares e continuar se sentindo e sonhando com as nossas estrelas desenvolveram uma nova forma de cidade. A descentralizada. Nestas margens do Jacuí temos o centro político cultural, o resto: habitacional, comercial, industrial, universitária, de serviços espalhamos por este Brasil afora. E hoje podemos dizer que Porto Alegre é a maior cidade cachoeirense do RS. Não nos esgotamos num mapa urbano com limites definidos. E talvez por sermos planície e pampa os horizontes são infinitos e as estradas também e daí fica tão fácil sair e procurar outros trabalhos e outros sonhos. Os que saíram de vez em quando voltam, fazem planos para o retorno definitivo e caminham pelas nossas ruas em busca de si mesmos. Os que resistiram carregam e mantêm o espírito da cidade e a sua preservação. E lançam um ultimato com prazos definidos. Ou retornam todos e começamos de novo ou então embrulharemos o Chateau d'Eau, as palmeiras, a Matriz, a Prefeitura e acabaremos de vez com inspirações, energias, plenitudes e forças interiores. E daí prá frente fica só a saudade. p.2

19/11/1994 Ruína do Coliseu encobre a glória do passado, As atuais gerações de Cachoeira do Sul só conhecem do Coliseu o que vêem ao passar pela Rua Sete de Setembro: uma ruína. Poucos, no entanto, puderam presenciar o tempo em que o prédio abrigou o cinema mais glamouroso da região. O Cine Theatro Coliseu foi inaugurado em 17 de fevereiro de 1938, com toda a pompa que merecia e então progressista cidade de Cachoeira do Sul. Situado num dos trechos mais movimentados e elegantes da cidade à época, as instalações foram benzidas pelo Monsenhor Armando Teixeira e, às 15 horas, com uma grande recepção, a casa foi oficialmente inaugurada pelo prefeito Reinaldo Resch. A primeira e a segunda sessões programadas pelos proprietários Henrique Comasseto e Algemiro Carvalho exigiu o longa "São Francisco, a cidade do pecado", com Clark Gable e Jeanette Mac Donald, e estavam completamente lotadas. A obra do Coliseu, considerado um dos mais belos e confortáveis cinemas do interior do estado, iniciou em 28 de maio de 1936. A casa de espetáculos era equipada com projetores, movietones, microfones, eletrola, quase tudo importado. Os jornais da época, inclusive o Jornal do Povo, noticiaram que o funcionamento dos equipamentos era todo elétrico "inclusive a enroladeira de filmes", algo moderníssimo para os anos 30. A sofisticação era tanta que, antes de cada sessão, um suave perfume era borrifado pelo auditório. Com poltronas de estilo moderníssimo, a sala de projeções oferecida ao público, pelas linhas de sua construção, todo o conforto indispensável. Guarnecidos por escadarias de mármore, lustres, espelhos, galerias e palco, o Cine Coliseu marcou a vida cultural e artística da cidade e foi palco de inúmeros

shows, apresentações de companhias de teatro, entre elas a do legendário Procópio Ferreira, corpos de balé e até comícios políticos. Entretanto, todo este investimento não resistiu à evolução dos costumes e a decadência econômica que atingiu Cachoeira do Sul. O Coliseu trocou de proprietário e foi, aos poucos, perdendo o encanto. Em 1978, a casa encerrou suas atividades como Coliseu e em janeiro de 79 passou a chamar-se Cine Vitória. A nova denominação não durou muito tempo porque em 1982 o cinema fez a sua última exibição. Desde então, o quadro só piorou. As instalações foram paulatinamente abandonadas pelo proprietário Aristides Kuccera, dos Cinemas Cupello, residente em Bagé. Em 1985, deteriorado pela ação do tempo e pela falta de manutenção, o teto do Coliseu desabou. Dali em diante pouco foi feito. Kuccera providenciou a limpeza do interior do prédio, em 1992, e a destruição de algumas partes da estrutura que ameaçavam ruir. Tentando pressionar o proprietário, o então prefeito em exercício Sérgio Ghignatti declarou o prédio de utilidade pública para fins de desapropriação, o que de fato nunca veio a acontecer, devido à falta de recursos do Executivo. A intenção de Ghignatti era destinar o imóvel às instalações da Biblioteca e Arquivo Municipal, tornando-a uma espécie de Centro Cultural. Em contrapartida, Kuccera anunciou, no mesmo ano, a sua intenção de construir no local um centro comercial para microempresas, comprometendo-se a preservar a fachada original do prédio. O projeto arquitetônico final nunca foi encaminhado por Aristides à Secretaria de Obras de Cachoeira e há cerca de dois anos ele não aparece na cidade, mas continua pagando em dia o IPTU do imóvel. Estudos realizados em 1988 pelo arquiteto Maximiano Tupinambá, de Porto Alegre, a pedido do proprietário, atestam que o prédio, apesar da aparência, não apresentava riscos estruturais significativos, mas aconselhava a sua reforma em um período de tempo razoável. Outro laudo de vistoria, encomendado pelo prefeito Sérgio Ghignatti e assinado pelo engenheiro Mauro Camillo, da Secretaria de Obras, concluía que parte frontal da estrutura não apresentava nenhum sintoma de desabamento iminente. p.8

10/6/1995 Segundo Caderno. Crônicas. Loucuras Futuras. Silvestre Silva Santos, Na Cachoeira do ano 2.050 não haverá pessimistas. Os cafés terão dispensados as garçonetes e os "habitués" - que hoje ensaiam os primeiros passos - acionarão as máquinas com seus cartões eletrônicos delas retirando o que querem. Ouvirão, então, de uma voz sintetizada, um frio agradecimento pela preferência. Com ou sem creme, os clientes sentarão em mochos sem pés e mantidos à altura ideal por um processo de pressurização, como se estivessem levitando, para sorverem o café da tardinha e rememorem os tempos passados. Como tudo se viabilizará a partir do pensamento captado por poderosos computadores, até o clima eles controlarão para não inviabilizar suas safras. Na Cachoeira do ano 2.050, de dentro de confortáveis salas, os produtores acionarão, pelo teclado, as plantadeiras, as ordenhadeiras, os distribuidores de ração, as colheitadeiras, os incineradores... Não serão pessimistas porque tudo estará ao alcance de suas vontades. Os preços de produção terão cotação ideal e os valores para comercializarem seus produtos serão regulados de modo uniforme, em todo o planeta. Bastará consultar a sucessora da Internet! Lhes restarão lembranças do tempo em que os computadores eram velhas engenhocas. Na Cachoeira do ano 2.050 nem mesmo os paralelepípedos das ruas da cidade provocarão os mesmos descontentamentos do hoje. Sofisticados aeromóveis que dispensarão os pneumáticos flutuarão em níveis diferenciados que estabelecerão o sentido do trânsito (até cinco metros, sentido norte/sul e, entre cinco e dez, sul/norte). Semáforos serão dispensáveis e irregularidades serão automaticamente detectadas por meio de um sensor que emitirá o débito da multa diretamente na conta bancária do proprietário do veículo. Na Cachoeira do ano 2.050 não faltarão escolas, como de resto em todo o país. Se não desejarem ir às aulas porque o dia é frio ou chuvoso, os alunos poderão consultar os temas do dia, do próprio quarto onde a temperatura será ambiente e constante, consequência de modernos e eficientes termostatos. A moda, ora bolas, se terá para a madame com uma rápida olhada no terminal. O que ela gostar poderá estar dentro de casa em fração de segundos. Bastará dar o comando à loja da preferência. Na Cachoeira do ano 2.050 se terá aproveitamento pleno de transporte hidroviário, inteligentemente interligado com a ferrovia e ambos dotados das mais modernas máquinas capazes de transportar tudo o que a população necessitar. O porto, que hoje se faz como se fosse um atracadouro, será grandioso e o Jacuí lhe oferecerá plena viabilidade, drenado, sem corredeiras. Nem sua água se precisará tratar para entregar à população, porque a conscientização das pessoas será grande o suficiente para ter acabado com a poluição. Na Cachoeira do ano 2.050, absolutamente industrializada e com exportações acertadas para os mais exigentes mercados da Europa, da América do Norte e até o Oriente, não faltarão empregos e os salários serão generosos, principalmente se comparados ao baixíssimo custo de vida que se terá então. Criminalidade será mera lembranças para aqueles que estarão nos cafés, pois a má intenção se detectará nas centrais de segurança por meio de um dispositivo que todo o cidadão terá que ter, como se fosse o seu relógio de pulso. Na Cachoeira do ano 2.050 não haverá déficit habitacional e muito menos quem vá residir sob a laje da ponte. Sequer ponte existirá porque o leito do rio terá sido preparado para viabilizar perfeita navegabilidade. Não se chagará ao extremo de serem moradias padronizadas de acordo com a renda familiar, mas as teremos sobrando para ofertar por preços justos aos que se candidatarem a possuí-las. Na Cachoeira do ano 2.050, sequer loucos existirão para produzir tão ilusório devaneios, sonhos irrealizáveis por escribas utópicos e mirabolantes pensadores. p.4

30/8/1995 Bom dia, leitor! Rainha do arroz, A nova condição de Cachoeira do Sul, como sede do concurso Rainha do Arroz do Rio Grande do Sul reanima outra vez num ano de realização de Fenarroz nossa situação de

Capital Nacional do Arroz. Mais do que um evento para movimentar a sociedade, o curso Rainha do Arroz ocorrente na Capital do Arquivo empresta também ao evento, organizado pelo Irga, uma conotação de importância maior que a esperada. A Fenarroz é o grande evento desta cidade, ligada às suas origens no setor primário e à busca de tecnologia para maior produtividade. A diminuição territorial pelos movimentos emancipacionistas do passado e a diversificação econômica acertada por outra parcela de produtos diminuíram a área de arroz e abalaram um pouco deste potencial. Porém a indústria em torno do arroz preservou o título de capital para Cachoeira. Deve ser saudada a obtenção do concurso. Deve se reconhecer o esforço da Fenarroz. A cidade precisa manter elevado o moral e esta notícia pode funcionar como impulso. Tomara que saibamos reconhecer a importância da promoção. p.2

4/1/1996 Bom dia, leitor! A Praia da Cidade, Cachoeira do Sul vive mais um intenso verão em 1996. A posição geográfica de uma cidade às margens de um rio, o Jacuí, facilitou que Cachoeira do Sul ganhasse um balneário. A natureza foi ajudada pela iniciativa do poder público nos últimos 15 anos que ajudarão na implantação da Praia Nova e de sua estruturação. A vida em comunidade também acelerou o crescimento da praia, com o surgimento da Associação de Campistas e toda a movimentação formalizou a economia de bares, restaurantes e outros serviços. A Praia Nova tornou-se quase que uma cidade dentro de Cachoeira do Sul, com seus problemas e mobilizações em torno de transporte, água, luz e telefone. O interessante de se observar nestas evoluções microcósmicas é a capacidade que o homem tem de se organizar, de se especializar. Assim como a economia informal da Rua Sete de Setembro ou o subprodutivo engorde de gado no lixão da Ferreira. Descartado se a Praia Nova é um acerto humano, e o lixo um erro, todos são exemplos de especialização humana e Cachoeira do Sul, pela antiguidade de sua existência e pelo subsídio deixado pelos antepassados de alguns séculos, situa-se entre os núcleos humanos capazes de liderar esta especialização. Por isso a liderança regional e sua importância estadual. p.2

18/1/1996 Bom dia, leitor! A estrada e o porto, A não inclusão da BR 481 no plano viário do estado neste primeiro momento é um duro golpe para a intenção da comunidade cachoeirense em fazer funcionar o porto do Jacuí. Durante 20 anos seu projeto de transformação de Cachoeira em um corredor da produção do norte/noroeste do estado até Porto Alegre ou até Rio Grande. Descendo por Cruz Alta em um delta que incluiria todo Planalto Médio, a produção chegaria até Cachoeira pela BR 481 que liga Cruz Alta e Novo Cabrais, via Salto do Jacuí, Arroio do Tigre, Sobradinho e Cerro Branco. Esta produção movimentaria a hidrovia do Jacuí e Cachoeira do Sul poderia diversificar a sua dependência quase total do setor primário. O esquecimento da BR 481 é um aglomeramento de erros e negligência do passado. Enquanto competentemente as forças municipais conseguiram em 10 anos a doação do terreno do porto sua estruturação e a construção do atracadouro, os gabinetes encerram tratos políticos. Talvez o mais nefasto dele tenha sido o desvio do asfaltamento Sobradinho/Cabrais para Sobradinho/Candelária transferindo o fluxo do delta do Planalto Médio para a região de Santa Cruz do Sul. A notícia pode ser preliminar e por não ser surpresa, não ira esmorecer a luta da comunidade, que acredita no Porto e nas pessoas que tentarão viabilizá-lo ainda este ano. p.2

3/2/1996 Opinião. Convivência e decadência. Telmo Padilha, Não é preciso ser sociólogo para conseguir entender o atraso de algumas cidades do interior, principalmente as mais antigas. Recentes fatos ocorridos aqui mesmo nos evidenciam circunstâncias profundamente esclarecedoras. Estamos vivendo o estertor de uma prolongada ditadura, de domínio político monopartidário e de um tempo em que a cidadania é cada vez mais plena e mais exercida. São muitos os que se beneficiaram de uma forma ou de outra com o período militarista, carregado de intervenções, de apadrinhamentos e conchavos políticos de pequenos grupos dominantes. Hoje a comunicação quase plena coloca todos no mesmo nível de informação, fato raro, há pouco tempo atrás. Hoje o cidadão pode e faz prevalecer os seus direitos. Tem direito a voz, tem direito a voto, tem direitos que muitos ainda se indignam, e pior, se arrepiam quando exigidos, requisitados e exercitados. Estes indignados são exatamente os que souberam aproveitar as benesses do período passado em que alei mandava calar ou proteger os apadrinhados, aconchavados e compadreados. Esta manto de silêncio bordado de favores e complacências resultou sempre em bons acordos e trocas de favores, também chamadas de reciprocidades. Aos poucos se verifica que o novo, o revolucionário, o audaz cansou de lutar, de perder espaço abafado pelo medo, pelo aconselhamento. E foi parando, porque não podia ocupar o espaço dos caciques, não podia invadir a área dos tradicionais, dos que um dia se intitularam, por posições oportunistas, os líderes, comandantes, chefes locais. O atraso veio de repente. Junto com ele começou a vir devagar, mas firme, a falta de emprego, de oportunidades. A população começou a ver que os castelos desmoronavam. Concordatas, falências, protestos e, acima de tudo, a inadimplência, a insolvência generalizada. Ninguém é mais culpado do que o apadrinhamento, o acompadramento e a convivência. São estes os geradores e mantenedores da incompetência. E incompetência é atraso. O fim deste período começa a aparecer. Não se leva incompetente para compadre. Não se toma incompetente para afilhado. Não se deve conviver com incompetente. Nem por favor, nem por reciprocidade. O preço é muito alto. O progresso pode vir mais rápido se você disser não ao incompetente. Esteja ele onde estiver. p.2

27/4/1996 Bom dia, leitor! A Cachoeira de dez anos na sala da aula, A Cachoeira de dez anos na sala da aula.

Reportagem publicada nesta edição do Jornal do Povo faz uma viagem estatística ao passado de Cachoeira do Sul, atrasando o calendário em dez anos e comparando o crescimento urbano e de riqueza, embora neste último aspecto em ritmo menor ao de outras regiões do estado, o que explica nossa queda em posições no ranking estadual. O estudo destas diferenças oferece a oportunidade de uma visão macro da história urbana e rural recente de Cachoeira do Sul, além de ser um ótimo subsídio para estudos na sala de aula. Chega-se ao segundo ponto deste Bom Dia. O projeto JP na Sala de Aula está se constituindo em mais uma parceria de sucesso entre o Jornal do Povo e a comunidade cachoeirense. O exemplar de jornal, que deveria ter vida até a chegada no próximo dia de um novo exemplar, ganha mais tempo de utilidade, sendo aproveitado em sala de aula. Os textos informativos reúnem dados, fatos, visões específicas que arroladas a outros dias e fatos históricos, oferecem a chance do próprio aluno traçar sua linha do tempo. E a parceria somente está tendo um fantástico êxito, com participação de 27 escolas, porque muitos professores, competentes e idealistas, estão utilizando o JP em sua sala de aula. Razões para um bom domingo. p.2

4/5/1996 Opinião. Jardins de Abril. Liberato Vieira da Cunha, Quando eu era guri, perguntava a meu pai se Cachoeira era maior do que Caxias. - Muito maior - me assegurava ele. - E do que Santa Cruz? - Cabem duas Santa Cruz em Cachoeira. Isso era um tônico para o meu bairrismo. Naturalmente eu não perguntava nada sobre Pelotas, Rio Grande ou Santa Maria. Pelotas e Rio Grande eram enormes, tinham até bondes. Quanto a Santa Maria, tinha três times de futebol, sinal evidente de que punha Cachoeira no bolso, pois lá só havia dois. Tantos anos depois, cultivo algum temor de Caxias e Santa Cruz há muito tempo tenham ultrapassado Cachoeira. Receio mesmo que Canoas, Viamão, quem sabe até Cachoeirinha, nos hajam rebaixados em definitivo ao ranking da segunda divisão. Mas são temores e receios de escasso fôlego. Pois aí me dou conta de que uma cidade só deve crescer até aquele sábio ponto de equilíbrio em que as pessoas conhecem umas às outras e se cumprimentam pelo nome. Uma cidade não deve superar o sóbrio limita dentro do qual ainda é possível, aos cavalheiros que se entregam ao hábito civilizado da conversação nas mesas de café, estar em dia com os pequenos escândalos municipais, sejam estes de ordem financeira, política ou romântica. Uma cidade não deve ir além da sensata fronteira depois da qual existir deixa de ser branda convivência para se transformar numa corrida ao trabalho, ao dinheiro, ao desamor, ao analista de plantão. Suponho que em Caxias haja quase tantos shoppings quanto em Porto Alegre. Não descreio que em Santa Cruz haja pelo menos uma grande universidade. E estou certo de que em Canoas, Viamão, Cachoeirinha, Passo Fundo, Uruguaiana há belas avenidas, imensos hipermercados, torres com 20 andares. É aliás o que de mais revolucionário temos em Cachoeira: prédios de apartamentos. Nada que se compare à Sears Tower, ao World Trade Center, ao Empire States Building, muito menos aos megatérios que, segundo li, andam construindo em Hong Kong, na Malásia, em Cingapura. Nossos edifícios não chegam a roubar a vista do Jacuí, que flui imerso em outono. Não ameaçam a majestade das torres da Matriz. E não envolvem de sombras a luz dos jardins que em abril denudam-se, dourados. Melhor assim. Desejo que Caxias se converta numa metrópole, que Pelotas seja a capital do Mercosul, que em Rio Grande confluam dois oceanos. Mas que todas essas Cachoeira trate apenas de se conservar como é, com seu encanto ancestral e suas lindas mulheres e minha secreta coleção de lembranças. p.2

6/9/1996 Bom dia, leitor! Energia e desenvolvimento, Os números apresentados pela gerência regional da CEEE nesta edição não são apenas indicadores da sobra de energia do município. Os dados retratam muito mais do que megawatts não consumidos. Na verdade, eles estampam uma cidade sem força econômica, lerda no crescimento, parada no tempo. Há 10 anos a CEEE projetava o futuro de Cachoeira do Sul ao elaborar a planta da segunda subestação de energia para o perímetro urbano, que atenderia a demanda dos novos bairros e do parque industrial. No entanto, o futuro não chegou. A cidade não cresceu, as indústrias não vieram e o projeto do subestação foi para a gaveta da estatal. Passaram-se 10 anos e em vez de esticar cabos e aumentar potência, a única preocupação que a CEEE de Cachoeira do Sul teve foi com a manutenção da rede e com a medição do consumo, que neste tempo todo permaneceu praticamente inalterado. Os investimentos, planejados no passado, tiveram que ser adiados, pois a demanda não cresceu. Se Cachoeira do Sul não colocar para fora a energia adormecida de grande município que é retomar o quanto antes o caminho do desenvolvimento, buscando diversificar sua economia dinamizar seu setor produtivo, uma coisa é certa: o projeto da segunda subestação urbana da CEEE não deverá sair tão cedo da gaveta. p.2

28/9/1996 Carlos Eduardo Florence. A cidade e o escritor, O Liberato Vieira da Cunha tornou Cachoeira um lugar do mundo. É o cachoeirense mais importante de toda uma geração, pois nos colocou no mapa da cultura e da literatura. Ela vem tecendo e desmanchando esta misteriosa cidade e mesmo quando viaja, vê e escreve sobre outros lugares, a realidade é que sempre aparece o caminho paradoxal da volta a Cachoeira. O resultado de todas essas crônicas termina no livro "Um visto para o Interior"- Viagens a Cachoeira e outros mundos. Interior de nós mesmos e do espaço geográfico. Dúbios e duplos, como a vida. E o livro está na praça para ser comprado e lido como um manual de sobrevivência, como uma recuperação de identidade cultural, como consciência para a nossa preservação e auto-estima. Deve ser presenteado a filhos próximos, filhos distantes, netos e amigos, pois não são apenas crônicas rotineiras de uma cidade do interior e sim de uma cidade que tem um rio, um espaço mágico que é o da catedral e um chamado Liberato. p.2

10/1/1997 Água de Melissa. Célia Maria Maciel, Venho a Cachoeira uma vez por mês, muito pouco para o meu gosto, ou melhor, muito pouco para pegar o gosto que tive nesta manhã calorenta, de final de ano. Cedo, saí pelas ruas mais conhecidas. Andei pelos lados da João Neves e, num segundo, me enxerguei mil naquelas escadas, janelas e portas. Porque fui mil horas, semanas e meses ali dentro. Minha alma começou a esboçar leves pinceladas de um sentimento confuso. Como sempre, veio um pouco de medo e a dúvida: prossigo ou não prossigo? No fundo eu sabia o que estava querendo. Alguma coisa que não tinha tido coragem, ainda. Continuei, olhando detalhadamente as casas e lembrando pessoas que já foram embora. Os lugares não são os mesmos porque são outros os habitantes, são outras ânsias, os cheiros, os ruídos. Dirige-me à praça onde a mãe observava os termômetros na estação meteorológica diariamente. Mas já não existia mais nada. Aquilo que não chegou a me perturbar porque a mãe continua, como nunca, na chuva, no vento, no frio e no calor. Eu a sinto, independente de qualquer previsão de temperatura. Na sede da Amicus, abracei as amigas que preservo com o querer mais profundo. Um dia antes, visitei um amiguinho especial, para fazer carinho nas suas mão na sua cabeça de bebê: Pedro Henrique, que não sabe nem chorar, de tanto conhecer a alegria do amor. Bem, mas prosseguindo o meu "visto" pelas ruas de Cachoeira, enchi os pulmões de todo o ar possível e tomei a direção da Rua General Osório, para passar em frente à casa onde vivi, vizinha da casa onde viveu a Vó Itália e toda sua família. Ali, naquela rua, naquela hora, reví o filme de tudo o que sonhamos, do que fomos uns para os outros. E, por nem um minuto, houve lugar para violência, para doenças incuráveis, para separações ou mortes. Cachoeira é uma água de melissa que preciso de gotas, quando em vez. Uma água adocicada que acalma um pouco o tremor das minhas mãos. Possivelmente por isso, talvez, eu esteja agora na redação do Jornal do Povo, conversando comigo mesma e repetindo "o passado ainda é um pássaro que pode ser acalmado. E o terei bonito, a cada vez que voltar à Cachoeira". p.2

8/2/1997 Bom dia, leitor! O momento e a oportunidade, Cachoeira vive um bom momento e possivelmente nem contava, há uma semana, com a possibilidade concreta de ver hoje um cachoeirense confirmado para manter-se como ministro dos Transportes e outro convidado para ser o secretário de Transportes do Estado. Em um passado recente, contávamos simultaneamente com um vice-governador do Rio Grande do Sul e um chefe da Casa Civil do Presidente da República, o que já serve de precedente para não se alimentar ilusões fantásticas. Porém, não é possível admitir que diante deste quadro absolutamente inesperado e altamente positivo para Cachoeira, que a comunidade - hoje tão acostumada a mobilizações - não vá levar um projeto para estas duas esferas. Temos um porto à espera de um plano de funcionamento, um aeródromo à espera de estrutura, uma malha viária à espera de complemento com o Norte do estado e uma malha interna necessitando urgentemente de asfalto. Temos, enfim, vocação ao entroncamento e poucos recursos para lançar mão de investimentos, o que força o contato clientelista, tudo bem, para com as autoridades afins com o Município. Se Santa Cruz do Sul muito bem se aproveitou da situação, o que impede que a comunidade de Cachoeira projete o mesmo agora? Basta ter projeto, reza e política moderna. p.2

28/2/1997 Artigo. Que encantos tem Cachoeira? Elizabeth Feijó Marcuschi, Há muitos anos (vinte e seis) eu não vivenciava Cachoeira. No começo, quando deixei a cidade em busca de outros horizontes, o afastamento soava algo irreversível e parecia até mesmo atender a um apelo naturalmente anunciado. A inquietude da juventude me fazia desejar e optar por correr riscos, me impulsionava a ir atrás do inesperado. Cada experiência era portadora de novos desafios. Não havia espaço para a mesmice. Depois de algumas andanças, aportei no Nordeste. Aos poucos, os laços pessoais, profissionais e afetivos plantados em terras pernambucanas foram se consolidando. Recife me deu as boas vindas, amigos me acolheram, essa poderosa cidade me encantou. Quando a vida parecia estar entrando nos eixos, iniciando uma possível rotina, Cachoeira resolveu mexer nas minhas lembranças de uma forma bastante engenhosa, povoando os meus sonhos. Chegou devagar, de mansinho mesmo, uma noite sim, duas não. Trazia consigo sobretudo a Escola João Neves da Fontoura, palco de mil alegrias, angústias, descobertas, temores, expectativas, frustrações vivenciados desde o jardim até o curso Normal. Sentia o entusiasmo de desfrutar de uma escola pública de qualidade, autêntico passaporte para a conquista da cidadania! Depois foi o Chateau d'Eau, onde mergulhei com roupa e sapato de domingo, aos oito anos, sob o olhar temeroso, mas complacente, da minha mãe. Com o tempo, os sonhos se tornaram quase diários e relembrou a Rua 7, percorrida exaustivamente nos horários de paquera (mas também quando havia procissão e desfiles cívicos), o deslumbramento da Fonte das Águas Dançantes, as matinês no Astral. Viajo a Porto Alegre e decido: quero visitar Cachoeira, conferir os limites entre o inventado e a realidade. Assim, no dia 23 de janeiro, uma quinta-feira de intenso calor, reencontro a casa onde morei na Conde de Porto Alegre esquina com a 7, revejo a Matriz, as jovens que incansavelmente despejam suas águas no Chateau d'Eau, o Netuno. A cidade se desvela em cada esquina. Nós nos reconhecemos e, num ímpeto de cumplicidade, segredamos vivências compartilhadas. Percorro as salas do colégio, esvaziadas pelas férias. O auditório e o pátio parecem tão abandonados! Será que a Escola João Neves ainda é sinônimo de ensino público de qualidade? Do Cinema Coliseu, me informara, só resta a fachada. Que pena! Na esquina do Café Frísia dois autênticos gaúchos, paramentados com suas roupas mais tradicionais, conversam animadamente. Talvez discutam sobre modernidade ou reeleição. Próximo, o Jornal do Povo segue registrando o cotidiano que se tornará história. Fazemos uma reunião regada a chimarrão, que

admiro um tanto inibida e desacostumada. Aos poucos, as amigas me colocam a par das atividades de cada uma, da vida cultural e política, das alegrias e das contradições vividas pela cidade. Um exemplo: Cachoeira não possui sala de cinema, mas tem seis lojas de R\$ 1,99. Em uníssono concordamos que a magia insubstituível do cinema precisa ser resgatada. Com certeza os cachoeirenses já começam a pensar alternativas. Saímos para visitar o belíssimo Parque Municipal da Cultura, motivo de orgulho para qualquer cidade. fico encantada com o que vejo. O tempo passa rápido. De noite embarco no ônibus (semidireto, frisa minha sobrinha Larissa) para a Capital. As amigas acenam. Quando voltarei? Breve. Por enquanto tenho material suficiente para redimensionar e repensar Cachoeira. No caminho me pergunto: que encantos tem Cachoeira? Para mim, todos, porque associados às peripécias, venturas e desventuras da infância e, já crescida, à utopia de poder contribuir para a construção de uma sociedade mais justa. Aqui me reconheci rebelde. E para ti, cachoeirense, que vives hoje o dia-a-dia dessa cidade, que encantos tem Cachoeira? p.2

5/3/1997 Bom dia, leitor! Transporte e iniciativa, Há uma semana o Jornal do Povo vem alertando seus leitores e os dirigentes do Município das imensas e latentes possibilidades de Cachoeira do Sul se configurar decisivamente como um pólo de transportes no Rio Grande do Sul. Nas últimas edições, o JP apresentou as implicações da Rota do Sol para o centro do estado, as alternativas oferecidas pelos investimentos da Malha Sul, a coincidência histórica dos cachoeirenses Alcides Saldanha em ocupar o Ministério dos Transportes do Estado e, ainda as reivindicações de asfaltamento e comunidade. Estas informações suscitaram mobilizações, com a que quer enraizar esta situação de pólo e a que pretende aproveitar todo o fluxo de turistas do Prata pelas BR 290 e RS 287. Ontem, para ampliar este clima de rumos certos e novos caminhos, o secretário José Otávio Germano abriu importantes licitações para a região e apresentou seu plano de concluir uma BR 481 alternativa. Em dias de otimismo fácil e de confiança absoluta, novas pitadas de luz colaboram para distanciar esta Cachoeira de uma de passado recente e derrotista. O realismo tem seu espaço, mas neste momento os sonhadores e esperançosos estão na ordem do dia. p.2

17/4/1997 Fórum JP. Carlos Eduardo Florence. A cidade e a Casa de Cultura, A cidade e a Casa da Cultura. Quando eu era pequeno, havia na minha casa um livro de 1922, que era fascinante pelas fotografias de prédios, ruas, pessoas e eventos de Cachoeira. Havia um texto histórico do Aurélio Porto e uma dignidade civilizada no ser e existir numa cidade do interior. Foi dali que tive a primeira imagem da casa do Dr. Balthazar de Bem. A entrada que todos conhecemos na Rua 7 e o saguão principal com a clarabóia móvel filtrando o sol, luz e ar. Não sei bem se foi dali ou da casa do João Neves que existe uma impressão do Olavo Bilac em campanha Nacional sobre o civismo. Naqueles dias se falava nisto. O poeta em Cachoeira rodeado de pessoas: graves como convinha a todas as fotos antigas. Cultura é única e substantiva. Ela existe como nosso reflexo ou de um tempo ou de uma geração que sonha em ter uma casa onde quem viva são os livros, idéias, patrimônio, documentos, músicas e a história de toda uma cidade. p.2

24/4/1997 Fórum JP. Carlos Eduardo Florence. A praça da cidade, A Praça José Bonifácio, que já foi do Pelourinho e a do Mercado, é o coração desta cidade. Já teve pérgulas, alamedas, recantos, jogos, fontes e era através destes tantos caminhos que Cachoeira se achava e se perdia. A praça existia para a vida com "todos" e com os "outros". Foi o nosso centro social e espacial e hoje o que ela significa é o monumento à transformação lenta da memória em escombros. A praça que tem uma fonte que não existe. Porque as coisas só existem quando executam suas funções. Assim elas se justificam - jorrar água para nossa sensibilidade. A praça na qual querem construir uma secretaria, como já fizeram na do Chateau d'Eau, ignorando que é ilegal pois não pertence a nenhum Executivo. A praça é um bem público. A praça, com sua inutilidade irresponsável, cercada pelo descuido, transformada em estacionamento, oculta pelo comércio informal e formal oficializado por alvarás, nada mais representa que a justifique. Nada é mais civilizado em Cachoeira que o túnel verde e a sombra das tipuanas da Andrade Neves e ali o que existe são apenas táxis e a dificuldade de transitar. Não se enxerga mais a praça, criaram um paredão de trailers. A praça tem que ser um lugar de encontros e deve levar a discussões sobre um encontro maior que será o de Cachoeira consigo mesma pois é e será a José Bonifácio a nossa melhor tradução. p.2

10/5/1997 Opinião. Ética. Paulo Sanmartin, Realmente somos uma cidade bem singular, atípica. Uma cidade que vem perdendo importância econômica, política, social e cultural nas últimas décadas. Enquanto outras comunidades cresciam, desenvolviam-se, geravam salários, lucros, aluguéis, enfim, renda para a satisfação das necessidades de seus habitantes, aqui nos perdemos, nem nós sabemos exatamente onde. Eu particularmente acho que em muitos e diferentes aspectos, pois creio que o sucesso ou fracasso depende de fatores diversos. Condenamos os que fazem. Parece que se fazem com sucesso merecem pena maior. Reflete melhor, Cachoeira. Abandona esses ranços do passado. Ama teus filhos. Incentiva quem está disposto a trabalhar e o faz com lisura e honestidade. Tu serás ainda melhor. p.2

15/5/1997 Fórum JP. Chulipa Möller. Bons tempos, Conquista da Ulbra, conclusão do porto, pavimentação da estrada da Ferreira e do aeroporto e perspectiva de duplicação da Marcelo Gama: estas manchetes vêm resgatando a auto-estima dos cachoeirenses. Indicam que novos ventos sopram na direção de Cachoeira,

afastando a poeira de pessimismo que insistia em permanecer por aqui. Mas não só estes novos investimentos que devem ser saudados. A resistência demonstrada por nossas tradicionais indústrias, especialmente as ligadas à agricultura, nesta verdadeira guerra econômica vivida nos últimos tempos, foram fundamentais para esta mudança de enfoque. Como exemplo eloquente desta luta, aparece a Cooperativa Agrícola. Depois de enfrentar sérias dificuldades, a ponto de ter sido questionado o seu futuro, resgatou a sua saúde financeira e administrativa, num autêntico processo de reengenharia. Entre as tantas decisões tomadas por sua diretoria, chamou a atenção a construção de um tanque para captação da cinza oriunda da queima da casca do arroz (geradora da energia propulsora do engenho). O tanque que retém as cinzas contidas na água efluente do processo industrial, antes do seu lançamento no Rio Jacuí. A eleição deste alto investimento (que não aumenta o desempenho produtivo) somente para proteção do meio-ambiente, demonstra a seriedade dos atuais dirigentes na condução dos destinos da Coriscal. Como corolário destes procedimentos, a Cooperativa recupera a confiança da comunidade e, em especial, de seus associados. A prova disto: nesta safra vai receber mais de um milhão de sacas de arroz, ou seja, cerca de um terço de toda a produção do município. Enfim, bons tempos. p.2

28/5/1997 Fórum JP. Telmo Padilha. Me engana que eu gosto!, Me engana que eu gosto! Não vamos levar a extremos, tampouco duvidar ou dar uma de "derrotista", mas que tem alguma coisa de errado, ah, isso tem! Uma cidade como a nossa que propõe a atrair indústrias e empresas para acabar com a sua crise de emprego e queda de arrecadação. Uma cidade como a nossa que quer alavancar o seu futuro e deixar para trás um passado de derrotas e crises, mesmo sem ter projeto e sem ter plano, precisa reconhecer outras necessidades vitais de infra-estrutura. Por exemplo, discute - se o estacionamento pago no centro e não se dá solução para o acesso e a saída da cidade ou se quer indústrias e não se tem regularidade de voltagem no fornecimento de energia elétrica, ou seja, quando solicitada, a energia disponível, a energia disponível apanha. p.2

29/5/1997 Fórum JP. Carlos Eduardo Florence. O *Chateau d'Eau*, Existe uma história de que tudo vai mal em Cachoeira, porque o Netuno, que é um Deus grego, está de costas para a Prefeitura e para o rio, que seriam as nossas únicas possibilidades de reversão para perspectivas de desenvolvimento. Lembrei disso a propósito do Chateau d'Eau, que nas poucas horas que permanece com suas fontes ligadas fica repleto de pessoas, crianças e noivos a sensibilizarem - se com as águas, luzes e magia que o lugar nos transmite. Qual a razão de existir de uma fonte, que não seja a de jorrar água e emoções? Porque elas não se mantêm ligadas como em qualquer lugar civilizado do mundo? Que custos econômicos ou mecânicos impedem sua função permanente? É o nosso ícone cultural mais importante e portanto merece atenções, iluminações e ajardinamento especiais. Luzes como as que fizeram a Igreja Luterana flutuar sobre a bruma noturna de Cachoeira. Iluminado, como a frente da Matriz, mas não servindo de suporte para holofotes; bem como poderia perder aquelas luzinhas de Natal que teimam em manterem - se por tempo indeterminado. Voltando ao Netuno, embora estejamos vivendo dias melhores, poderíamos experimentar virar a estátua, por seis meses, e ver se as forças do universo nos trazem montadoras, fábricas e prosperidade. Não creio em bruxas, porém... p.2

28/6/1997 Artigo. Eládio Vieira da Cunha. O nosso jornal, Para interpretar com exatidão o significado de um jornal atuante na comunidade é preciso ter presente algumas situações que ilustram essa condição. Durante muitos anos o JP pautou seu esforço e investimentos no sentido de provocar uma intimidade sempre crescente com o seu leitor, tal qual uma cumplicidade em tudo o que faz ou diz. Esta política continua e é hoje aperfeiçoada para assegurar garantias para os interesses do leitor e ampliar o espaço mercadológico do jornal. Uma estratégia transparente e proveitosa para ambos. Quando o leitor prefere um jornal, compra um jornal, ele passa a ser um parceiro desta publicação e isto transforma tudo num mecanismo de busca permanente de satisfação, informação e leitura. E o jornal, prestigiado, passa a ser um instrumento de amplificação das idéias defesa dos interesses e vigoroso incentivador de iniciativas. É assim que tem acontecido com o JP e seus milhares de leitores na região central do estado. O exercício desse dia-a-dia faz do jornal e das pessoas que nele trabalham verdadeiros estimuladores da cidadania e promotores de desenvolvimento. A cidade precisa disto e o jornal vive disto. Cachoeira tem hoje o 7º maior diário do interior do estado em número de exemplares e qualidade gráfica e editorial. Uma colocação que nos orgulha porque difere muito da real posição desta cidade no contexto estadual. A relevância e a reciprocidade que o JP alcança junto a seus leitores. Isto tem sido a verdadeira alavanca a impulsionar o crescimento do jornal e o atingimento de metas importantes nos últimos anos. A manutenção de um código de ética rigoroso e a conhecida e inarrável linha de independência desse jornal, sempre lembrada por todos, facilita tudo para o leitor. Quando o jornal tece comentários mais críticos, o leitor ligo entende que algo não está bem. Mas quando o jornal elogia ou salienta um acontecimento, o leitor, que acredita no jornal, assimila facilmente a mensagem e torna-se, muitas vezes, defensor do mesmo elogio. É a vitória da credibilidade, maior patrimônio desse veículo. Quando o jornal aciona seu poderio de encantamento e mobilização da comunidade em favor de uma iniciativa, as coisas se transformam ganhando dimensões muitas vezes inimagináveis. São muitos os exemplos que atestam essa força. Feliz do veículo com essa capacidade aglutinadora porque a ele são confiadas as melhores iniciativas que uma comunidade pode ter. Cachoeira elegeu o JP. Nosso esforço diário é corresponder a essa confiança. E penso que temos sido felizes nessa missão. p.2

10/7/1997 Carlos Eduardo Florence. Jornal do Povo, Do jornal tive a consciência e a certeza que sempre foi um espelho de Cachoeira, às vezes claro, às vezes embaçado, mas totalmente reflexivo da nossa vida e da nossa cultura. Atrás de uma cidade existe um jornal que se vincula com as famílias cachoeirenses, pois do meu avô a mim, caminhou-se décadas, histórias e edições, porém registrando ou esquecendo as alegrias, as anarquias e frustrações da própria cidade. E a história de Cachoeira se funde como Jornal do Povo, que unindo avô e neto, memória e futuro, questiona a cidade consigo mesma. E deve ser este seu objetivo, nos traduzir, nos explicar, nos refletir. p.2

12/7/1997 Segundo Caderno. Vera Beatriz. A caminho do Uruguai a memória de Cachoeira, Os campos ao meu lado pareciam agora mais tranqüilos e a percepção de um sentimento de amor à terra se fazia sutil ao meu íntimo e, nem senti quando cheguei à "pátria hermana", pois o passado de Cachoeira, os feitos de sua gente me enterneceram sobremaneira, agora como "cachoeirense honorária", cidadã dos arrozais. No Brasil, na Europa, no Chile, em Santana do Boa Vista, no Uruguai, na minha Cachoeira, estou sempre buscando a certeza de que, viver é colaborar para que o mundo em que vivemos, seja de fato, um lugar de mais paz e de mais amor (nem precisando ir a Marte), colocando Cachoeira e sua gente à frente desta busca permanente; Cachoeira com seu passado, seu presente, seu futuro. E isto, é assim, pois no "entreviro" de tantas gerações se planeja e se constrói um "habitat" de lutas, de crenças e de vida. A caminho do Uruguai - no toque da fita gravada - um salto de vibração, pois Cachoeira está viva e lutando do para vencer! p.7

7/8/1997 Chulipa Möller. Amigos velhos, E porque todos eles viveram no mesmo lugar, invariavelmente viajamos juntos para uma Cachoeira antiga, ainda muito viva na memória dos mais privilegiados, Lugares, acontecimentos e pessoas daquela época são descritos com tanta clareza e entusiasmo que, às vezes, é impossível evitar a comparação com a cidade de hoje. Incrivelmente, a cada encontro emergem novas lembranças da vida passada em Cachoeira, que se fossem catalogadas (após a devida censura) poderiam render um belo livro. p.2

22/10/1997 Paulo Sanmartin. Eu também lembro, Sob o título "Eu me lembro..." o Dr. Carlos Eduardo Florence publicou no JP interessante crônica em que relembra fatos e detalhes ocorridos há décadas, na cidade ou no país. Pois eu também me lembro. Eu lembro das comemorações do centenário de Cachoeira, em 1959, com desfile militar, de escolas, entidades, jogos esportivos, premiações, homenagens. Todos tínhamos orgulho de nossa cidade, ela era uma das melhores do estado. Voltaremos a ser. Eu lembro que Santa Maria era longe. Lembro que havia muita poeira na estrada para Porto Alegre. O Expressinho Cachoeirenses não chegava nunca... Lembro que uns engenheiros franceses construíram a Ponte do Fandango. Lembro das tias de todos os cachoeirenses, mas todos gostavam mesmo era das primas, que eram visitadas com frequência. Para ser discreto, nem que lembrasse não citaria seus nomes. Lembro que veio uma castelhana para a boate Mil e Uma Noites e que fez tremendo sucesso. p.2

28/10/1997 Bom dia, leitor! O porto e o Jacuí, A hidrovia do Rio Jacuí, da qual afirma-se poeticamente ter uma princesa chamada Cachoeira do Sul, vai ser oferecida de porta em porta pela Secretaria dos Transportes do estado, compromisso que foi assumido pelo deputado José Otávio Germano durante a campanha do primo a prefeito no ano passado. Não há outra alternativa. O fluxo natural de cargas é impossível, percebe-se agora, e José Otávio vai tomar para si a missão de encontrar empresários que percebam a vantagem de utilizar uma hidrovia, ao invés da rodovia. Ponto a favor será o elemento encarecedor do frete em que vai se constituir brevemente o pedágio pelas estradas do estado. Fala-se em envolver mais gente na discussão, tornando-a comunitária e até regional, com a convocação do Corede. Admitimos a força da união, mas reconhecemos o amadorismo desta estratégia. As propostas reuniões setoriais deverão mesmo ser o melhor opcional para fazer o porto funcionar. Trazer gente para ver o cais, propor sua utilização, mostrar a boa vontade da cidade. A princesa está transformando seu longo noivado em casamento com o rio e precisa de padrinhos ricos e fortes para ajudar na vida conjunta. A sabedoria popular já ensinou isto no passado. p.2

7/2/1998 Artigo. A casa desconstruída. Liberato Vieira do Cunha, Como é na infância que se inventa o mundo quando, quando me falam a palavra Igreja é a Matriz de Cachoeira que vem instantânea dos esconderijos da memória. Quando alguém fala em pensão, escapa na hora desses fundos labirintos a imagem de uma imensa, que havia no meu território de guri. Tinham me contado que ali pessoas perfeitamente estranhas umas às outras moravam cada qual em seu quarto e se reuniam ao redor de uma única mesa para o almoço e o jantar, como se pertencessem a uma mesma família, e num dia chegavam novos hóspedes e no seguinte partiam antigos, numa permanente operação de encontro e de diáspora. E é claro que quando me falam em casa é à casa da Rua Sete que volto, pois é a primeira que emerge das névoas de meu inconsciente. Só que agora incerto de que essa casa continue sendo a idéia inaugural de todas as casas, pois de repente virou uma síntese inconcreta. Estive em Cachoeira no último sábado. Meu compromisso era às duas da tarde, mas cheguei de manhã para rever paisagens que têm o hábito de envolver em calmaria meu coração inquieto. Lá estava a Matriz, em que não entro, pois assassinaram seu esplêndido interior barroco. Cruzei pela pensão, com a vaga suspeita de que é ainda esse o seu honesto ofício. Contemplei o rio e a ponte com que meu pai domou a fúria das águas, segundo uma receita de ousadia e sonho. Avistei de longe e Granja da Penha, encantado por notar que umas árvores que plantei são hoje

mais altas que a enorme figueira que já provia sombra quando o Continente de São Pedro era uma ficção geográfica. E então resolvi fazer uma breve escalada na Rua Sete. A Rua Sete ainda estava lá, mas no ponto da casa que foi minha havia um tapume branco. Em alguma imprevista data recente, pás, picaretas, talvez um desses gigantescos buldôzers haviam posto tudo abaixo. Te bate um sentido espanto quando tudo esbarra assim, sem aviso, com teu passado desconstruído. Quando dei conta de mim, tinha me tocado pela travessa vizinha, me refugiado num banco de praça, tentando rearmar minha casa intacta, com precário andaimes de lembranças. Não era nenhum palácio. Tinha à frente, do lado esquerdo, o escritório de advogado do meu pai. Um corredor conduzia à sala conjugada de estar e de jantar, que sempre me pareceu tão vasta. Vinham depois os quartos, um novo corredor, os banheiros, a copa, a ampla cozinha com vista para um quintal grande como uma estância. Escrevi os adjetivos vasta, ampla, grande. É como recordo aqueles lugares, mas talvez eu é fosse diminuto. Recordo também das reuniões dos amigos de meus pais, de milhares de livros, de uma agradável trilha sonora de risos e de vozes, em contraponto com os mistérios e silêncios de um infundável porão, domínio de arcas, fogos-fátuos, princesas acorrentadas à salamanca de minha fantasia. Nunca fui mais feliz em outra parte, nem mais seguro, quer nos lances claros e tranqüilos do andar de cima, quer na mágica obscuridade do subsolo. Tudo isso deixou. Minha casa ruiu, exilou-se, converteu-se num desgraçoso tapume branco. Não me atrevi a devassá-lo. Sei que oculta o nada absoluto. Mas se conseguir esquecê-lo pode ser que pouco a pouco redescubra em minha desmemória uns traços de momentos e de cenas e de faces, pois é com eles que vou conviver. É o que me resta, depois que me roubaram, com minha casa, o menino que habitava em mim. p.2

19/3/1998 Chulipa Möller. Hall do Esporte, Para diminuir esta lacuna, foi reservado no ginásio de esportes Chulipão, um espaço denominado "Hall do Esporte", onde serão reunidos os mais destacados esportistas vivos ou já falecidos que, com sua dedicação e talento, construíram a nossa história esportiva. Este local, singelo pelas suas características físicas, pretende ser uma espécie de pequeno museu esportivo, onde ficará registrada através de uma foto e de um currículo, a vida de cada um de nosso heróis, que por terem conquistado títulos importantes e divulgado o nome da cidade além de suas fronteiras, sejam merecedores de um destaque especial. Para tanto, pedimos aos nossos leitores que façam suas indicações, devidamente justificadas, dos esportistas que devam ser homenageados, através de cartas, fax ou telefone a este colunista. p.2

19/3/1998 Carlos Eduardo Florence. O Titanic e o Astral, E o Titanic chega em Cachoeira em abril. E a existência do filme entre nós, bem como dos próximos "Melhor é impossível", "Ou tudo ou nada", "Advogado do Diabo", "Central do Brasil", bem como todos os outros da safra Oscar, acontecerá exclusivamente porque existe o Clube do Cinema. E pessoas que resolveram manter o Cinema Astral. Mesmo com toda a discussão de que necessitamos de salas menores, com ar-condicionado e cadeiras mais confortáveis, é e foi através da manutenção do templo de filmes, que poderemos estar ligados e iguais a qualquer outra pessoa deste mundo. Nestes tempos globais, se o mundo vê e se emociona com o Titanic, o Astral nos permite uma igualdade cultural com todos os segmentos que estão plugados na comunicação. No entanto, o Clube do Cinema necessita continuar o projeto de ter na cidade um espaço para ver filmes. Até que surja a sala especial e ideal, e isto existe, teremos que, através de nossa subvenção, abrir passagem e continuar preservando esta parte cultural. Os associados estão diminuindo, mas o apelo é de que o grupo se mantenha e se amplie com novos sonhadores e lutadores, que acreditem que sempre existe tempo para transbordar cultura e emoção. Procurem o pessoal do Clube, bom espetáculo, lembrando que não poderemos nos permitir que o cinema naufrague, como o Titanic, e da nossa necessidade de oferecer botes culturais e democráticos para a maioria da população. S.O.S. p.2

18/4/1998 Vera Beatriz. Alguém chega no outono, Não há céu mais límpido e claro que o céu de outono, pelo menos aqui neste nosso Rio Grande do Sul. As manhãs se mostram translúcidas, convidando-nos às caminhadas, ao convívio com gente amiga, aos pensamentos mais aconchegantes. Outono traz também as recordações de uma cidade; de uma cidade forte e risonha que, às vezes, esquece seu passado... E, esquecer o passado, em algumas circunstâncias, não é muito correto. É preciso que lembremos os fatos, as pessoas, os pedaços de história que fazem o canto e encanto de uma terra dadivosa e terna, como a nossa Cachoeira... Alguém então, entra correndo em meus pensamentos, resolve meus anelos mais escondidos e revive situações marcadas em nossas vidas... Esse alguém bate de leve na vidraça, e a mim, acentua com seus lembranças ternura que foi Cachoeira, nos meus tempos de menina, quando aqui eu aportava, de tempos em tempos, acompanhando meus pais em suas férias regulares. Havia, por exemplo, a sedução do trem Maria-Fumaça que, com seu apito gritante e especial, nos dizia da hora da partida de Porto Alegre 5h 45 min, e da hora da chegada a Cachoeira 13h 16 minutos. Sempre me intrigava o porquê dos 16 minutos, mas era assim mesmo, e a festa dos que chegavam e dos que aguardavam os viajantes na velha e pitoresca Estação Férrea era um júbilo total. O trem sempre exercia um certo fascínio na mente das crianças e dos jovens, e hoje me pergunto: "Não haverá um certo vazio na alma dos jovens de hoje, por não terem convivido com o trem? A Rua 15 de Novembro e outras, eram sem calçamento e, pela manhã cedinho, éramos acordados pelo tó-c-tó das carroças dos padeiros deixando o pão quentinho na janela da venda de meu avô Taufik. Tudo tão simples, mas, tudo tão bonito para os meus sentidos de menina da capital, de certas sofisticadas para a época (na casa de meus pais já existiam o telefone e o automóvel), as quais eu trocava delicada pela simplicidade de estar convivendo alguns dias na casa de meus avós, entre as parreiras, pintos,

galinhas e, principalmente, com o vai e vem de meus tios, entrando e saindo da casa paterna. Tudo passou como todas as coisas passam na vida; o céu de abril com a intensa vontade de me fazer feliz, trouxe alguém muito especial para me visitar: a saudade de um tempo que passou... p.7

5/5/1998 Bom dia leitor! Os vices de Cachoeira, Cachoeira do Sul é uma cidade eminentemente política. Além de ser um município antigo, célula mater de praticamente toda a região central do Rio Grande do Sul, a força política do passado gerou efeitos digestivos como ser sede de repartições públicas, o que produz uma imensa população de servidores estaduais e federais, e gerar políticos de relevo. Fato incontestado desta realidade é a indicação de dois nomes importantes com história política ligada intimamente à cidade para ocupar a vaga de vice na chapa de dois partidos tradicionais que visam a eleição do Governador do Rio Grande do Sul. José Otávio Germano ajudará Antônio Britto na caminhada pela reeleição, enquanto que Matheus Schimidt entrará com sua experiência para compor na chapa de Emília Fernandes. Suas histórias políticas e pessoais foram construídas em Cachoeira do Sul, ambos foram secretários dos Transportes dos Governos Alceu Collares e Antônio Britto, ambos se lançaram a deputação federal e acabaram respondendo a um chamado de seus partidos para conduzir-se a candidaturas mais altas. Ganha Cachoeira com esta coincidência, pois afirma-se como terra de lideranças e aumentam-se as chances do município em continuar recebendo obras e investimentos públicos. p.2

16/7/1998 Carlos Eduardo Florence. Antropofagia cachoeirense, "É certo que a autofagia social é uma característica do ser humano, e tem nas suas raízes as frustrações, a mediocridade e os problemas psicológicos e de personalidade. O Tom Jobim, uma vez falou que o Brasil demonstra e comprova a tese de tentativa de destruição de tudo aquilo que faz sucesso em é efetivo. Adoramos e cultuamos os fracassados, os "outsiders" da história. Em Cachoeira isto se torna implícito não somente no nosso pessimismo crônico, mas também nas nossas contradições, inveja e nos nossos impedimentos e limites. É público e notório na cidade a má vontade e a falta de valorização e incentivo a tudo e a todos que possam ser uma lição de competência a nossa falta de criatividade. Ou seja, agredimos a nossa própria mediocridade. A inveja não está nas coisas e sim nos pensamentos, ações e nos discursos. Se eu não faço, que ninguém consiga, parece ser a máxima do dia-a-dia. Tudo isto é a propósito das duas instituições que são e estão nos dando lições de competitividade e eficiência. A Ulbra e o Tischler. A Ulbra, que dispensando a unanimidade, e afastando certa arrogância do grupo que a incentiva, ela encontra-se no centro da nossa vida de cachoeirenses a ampliar horizontes e perspectivas. Ela que criando cultura e trabalhando desenvolve um projeto de construção muito mais significativo que portos e indústrias e não consegue que o executivo defina como prioridade o asfaltamento e incentivos para sua expansão. As razões todos sabemos, mas no fundo fazem parte desta autofagia destrutiva. Em relação ao Tischler já ouvimos de tudo a começar por pessoas que decidiram fazer compras em Porto Alegre, Santa Maria ou Santa Cruz sendo que esta duas últimas são tão incompetentes que nem conseguiram manter uma cadeia de supermercados própria. O Tischler é o símbolo de que outras possibilidades de sucesso existem, apenas necessitam eficiência. Temos duas cidades dentro da mesma Cachoeira, ambas vão mudando com o tempo: a autodestrutiva e a que tenta fazer o seu caminho. A relação entre elas não tem mudado e a notícia que se espera é que a Segunda esteja por se libertar da primeira. Daí a cidade poderá se tornar mais verossímil e digna. p.2

30/7/1998 Carlos Eduardo Florence. A igreja que eu perdi, As refrações de memória me instigam sobre as impregnações atemporais, daqueles dias em que a Igreja Matriz centralizava a vida de Cachoeira, como um Requiem da nossa individualidade. Depois, a vida e o mundo ficaram mais pragmáticos e o que resta é a lembrança e as marcas de repressões e de uma cultura cristã. Me perdi dos santos e das promessas e me pergunto onde anda o padre Réus a quem tanta gente pedia graças? E o Menino Jesus de Praga, e as filhas de Maria e a novena do Perpétuo ainda existe? Onde andam os confessorários de madeira separados de nos por uma tela onde padres na penumbra, nos prescreviam penitências, culpas e rezas. E as pessoas ainda desmaiam na missa das dez devido ao jejum imposto para poder comungar? E a hóstia que se mastigadas sangrariam na boca até hoje me fascinam e aterrorizam. Era tempo das missas em latim com a magia teatral das fumaças de incenso, jogos de luzes de velas e as palavras divinas, ininteligíveis. Havia os adereços e todo o ritual sacro da espiritualidade, depois começaram a falar a nossa língua e a nossa realidade terrena, o mágico e os místicos se banalizaram e perdeu-se o mistério. E onde estávamos no dia em que destruíram o altar da Imaculada e o olho de Deus no teto. Desconfio que neste dia Cachoeira perdeu sua identidade! Sei apenas que um amigo comprou o lampanário que pendia no altar com uma luz vermelha a demonstrar a presença de Deus. Hoje ele é um lustre da sala de jantar. Houve um tempo em que li O Crime do Padre Amaro e que não pude entrar no Coliseu para ver o filme O padre e a moça. Onde andam os padres Cláudio Jerônimo, que vieram da Itália, muito tempo depois, mas trouxeram uma sensibilidade social que perdura em muitos de nós até hoje? Onde anda a procissão de Corpus Christi com tapetes de serragem e colchas e santos nas janelas. E aquela Sexta-feira Santa, noturna, que meu pai gostava de ir e nunca soube se por penitência ou se para ver o movimento da cidade. O tempo, e os dias que são assim tão rápidos, nos fazem trazer, de vez em quando na memória, fragmentos que perdemos, mas que deveríamos achar para nos preservar como homens múltiplos, fraternos e por consequência humanitários. Aí, talvez possamos achar a Igreja de novo. p.2

17/9/1998 Carlos Eduardo Florence. Os sons da cidade, Nossas nos as merecemos e a elas embora adormecidas não passam nunca. Escolhemos o que deve ser esquecido e em fragmentos ou por alguma marca retornam na forma de imagens, sons e cheiros. Como o Gonzaguinha que se lembrou da sonoridade da Usina, da qual apenas me vem na memória, como sendo o começo da Rua do Carvão e o lugar onde se reclamava da falta de luz. Os sons de Cachoeira, naqueles dias eram o do apito do Engenho Brasil. Ao meio dia acalmando e sinalizando a cidade. Ou eram de todos os engenhos, quando os tínhamos. E dos sinos das Igrejas, chorosos, tristes a demonstrar a morte de alguém. E quando tocava o sino da Igreja Luterana e gente sabia que havia morrido "um alemão". Mas havia o repicar festivo, solene dos domingos e das festas. A nos chamar e lembrar sobre a atemporalidade da vida. E do quartel, os tiros de canhões, em dias de geopolítica opressora. Como um aviso sobre os limites do pensamento e da liberdade que era assim muito estreita. Mas nada se iguala ao fascínio do som da madrugada, entre cinco e seis da manhã, quando carroças de padeiros entregavam o pão nas casas. O trotar das ferraduras dos cavalos sobre os paralelepípedos, acordava e desmanchava aquele silêncio e as brumas do amanhecer. E haviam os Minuanos. Os dois, assobiando pela General Portinho. E o trem que separando a cidade espantava os espíritos de Cachoeira e nos trazia pessoas e a ligação com o mundo. Havia o som do homem da encrenca nas tardes de Sábado. O som dos boleros antes da sessão do cine Coliseu, que se irradiava por toda a Sete. Sons de festas ou de tristezas, mas que nos fizeram e nos acompanharam e por isto guardamos em pedaços de memória, para a reelaboração de dias extintos, mas nem por isto menos real e presente. Pois a memória sempre é seletiva e recorda-se o agradável e um tempo que ainda tínhamos esperança na cidade e na sua sonoridade. p.2

19/9/1998 Vera Beatriz. Cidade sem memória, O pessoal da casa recebe a todos com calorosa acolhida, com júbilo, com simpatia. Um tempo depois, dá-se início à cerimônia de abertura do evento: "Artistas cachoeirenses em Santa Maria". Em pronunciamento oficial, expressam-se gente de lá e de cá, como o dinâmica Lúcia Fogliatto Homrich que, em nome de nosso Executivo Municipal agradece a honra de estarmos ali, levando nossa arte e, finalizando, ouve-se a palavra do Secretário de Cultura, Zanatta que, num improviso cultural, destacada pelos pontos e características de nossa Cachoeira. Cita vultos importantes da "Princesa do Jacuí" como, João Neves da Fontoura, Otávio Germano e o jovem José Otávio. Fala no nosso passado de grandeza, diz com humildade que, Santa Maria não tem o brilho artístico e cultural da nossa Cachoeira, cita coisas e interessantes, mas, num dado momento, quando quer dizer de nossa plêiade de artistas e professores de Arte, esquece (dito por ele, logo após) de reconhecer que, quase toda essa talentosa que hoje e, provavelmente amanhã, movimentará a arte no nosso torrão, é oriunda da extinta Esasc - Escola Superior de Artes "Santa Cecília" que, num esforço conjunto de tantas pessoas, chegou a ser, juntamente com a Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, as melhores do nosso estado. Oxalá, Cachoeira, esta nossa querida e charmosa terra, não se torne, no diluir silencioso do tempo, uma cidade sem memória... p.7

22/10/1998 Chulipa Möller. A feira, A vida cultural de Cachoeira foi, por muito tempo, contada por modelo para cidades do interior do estado. Para cá convergiam músicos, pintores, poetas e escritores, ancorados, provavelmente, nas riquezas oriundas da cultura do arroz e da então emergente industrialização. Com o fim do período áureo do arroz, no rastro das dificuldades econômicas, houve também o esvaziamento na área cultural da cidade. Por alguns anos as artes estiveram alicerçadas apenas no brilho pessoal e no esforço isolado dos artistas que permaneceram vivendo aqui. Ultimamente, no entanto, parece que as atividades culturais têm sido uma das principais responsáveis pelo resgate da auto-estima dos cachoeirenses. Com a criação da Amicus houve um crescimento significativo no número de eventos, em todas as artes. p.2

25/3/1999 Carlos Eduardo Florence. Outros tempos, outras pessoas, Mais de 30 barcos transportavam produtos e pessoas a caminho de suas casas e dos seus trabalhos. Naqueles dias, em todos aqueles homens havia a certeza da viabilidade do porto de Cachoeira e da fundamental importância do Jacuí no desenvolvimento e na conquista deste Estado. O que não sabiam era que passados 60 anos algum burocrata de plantão viesse a discutir valorização histórica e econômica das águas do nosso rio como caminho e solução. Eram outras as pessoas, num tempo de invejável coerência e principalmente de exemplar dignidade. p.2

8/4/1999 Carlos Eduardo Florence. O caminho dos trens, O caminho dos trens. Onde havia os trilhos, que separavam a cidade em norte e sul, formou-se um corredor, que a Prefeitura recebeu da Viação Férrea e que algumas vezes permutou com indústrias locais, noutras incorporou como ruas e praças, mas na maior parte se deixou ocupar ilegalmente, como prova de improbabilidade e descaso com o bem público. Onde passavam os trens, nos fundos do Rio Branco, existe um espaço, que foi determinado por lei, para uso de via de acesso ou para construção de uma perimetral. Que ligaria o Bairro Barcelos à Rua Júlio. p.2

12/4/1999 Luiz Antônio Caminha. Cachoeira do Sul tem coisas incompreensíveis, Com o perdão dos que não se enquadram no perfil descrito a seguir, reproduzimos aqui a velha história de quem come galinha e arrota peru. Em uma análise rigorosa alguém poderia argumentar, com correção, que sequer come galinha. Pois este é o sentimento que se enraizou no pior da mentalidade local e razão explícita de seu fracasso como comunidade. Em certas circunstâncias a cidade, que a bem da verdade morre à mingua, esquecida no universo, que produz riqueza

de todos os tipos no Rio Grande do Sul, transpira uma arrogância indevida e rançosa, provavelmente herança gasta de um passado de fausto que um dia viveu - e a mais concreta e fatal prova da decadência em que mergulhou há muito tempo. p.2

19/5/1999 Bom dia, leitor! O encontro de gerações, O Museu Municipal, cujo dia internacional em homenagem transcorreu ontem, organizou uma tarde de lembranças e resgates de uma sociedade cachoeirense que não existe mais. Algumas das memórias mais privilegiadas da cidade foram convidadas a contar histórias. Muitos nomes foram lembrados e algumas histórias recuperadas. O Jornal do Povo vai contar para seus leitores estas histórias dos anos dourados no final de semana. Este tem sido uma missão do jornal, trazer para o presente o que os mais antigos viveram, uma forma de encontrar gerações e formar um feed back comunitário viável de aproveitamento para o presente. Através das "Páginas do Passado" e de projetos editoriais como "Memória", "Grandes Temas" e "JP/Sesc na Sala de Aula", o jornal tem tentado cumprir com este papel, tem tentado cumprir com este papel, reportando fatos passados, recuperando o pensamento de época e das lideranças em cada década. Rever o passado, quase sempre, é a melhor maneira de começar a trabalhar os problemas mais presentes. O passado oferece referenciais e dados sobre os erros cometidos. São os históricos de erros que compõem a base para o acerto. Muito bom o Projeto do Museu Municipal. Aproveitar e registrar para a posteridade depoimentos preciosos sobre uma cidade que não conhecemos mais, mas que oferece, todos os dias, os mesmos desafios de urbanização e desenvolvimento ao longo do século 20. p.2

27/5/1999 Carlos Eduardo Florence. O bonde errado, Cachoeira continua sua longa jornada em busca da insensatez. Toda nossa história universitária, em termos de efetividade e de modificação comunitária, pode-se dizer foram nulas os inexistentes. Enquanto as cidades vizinhas formavam universidades competitivas, lastimávamos nossa incompetência e decadência. No dia que conquistamos ou fomos conquistados por uma poderosa estrutura de faculdades e conseqüente possível mudança de nosso perfil de cidade e da cidadania, viramos as costas e começamos a sonhar e discutir o impossível. Quando a discussão deveria ser como viabilizar e auxiliar e negociar vagas a todas as pessoas que não podem cursar uma universidade particular, optamos por querer imaginar que o estado; o que já definiu que não tem recursos financeiros para aumentos salariais nem investimentos na educação de 1 e 2 graus, devido a situação econômica do RS. Imaginamos que o governo vá criar e manter uma USP aqui em Cachoeira. Se algo ocorrer, o jogo é todo para Passo Fundo. Quem viver, verá. Lastimável é a perda da energia e de mobilização comunitária de pessoas capazes em torno do nada e da frustração. Triste é a desvalorização das coisas que são nossas de constatar, que depois de tudo, que vivemos, imaginar, que se um dia a GM vier para Cachoeira com emprego direto para 10 mil pessoas, construção de um porto, ligação Jacuí - Ibucuí, e instalação de um centro mundial tecnológico, imediatamente começaremos a nos mobilizar em busca da Ford, imaginando que a GM é opressora. p.2

18/9/1999 Crônica. Carlos Urbim. Doce Cachoeira, Por isso, adoro quando as crônicas de Liberato Vieira da Cunha me levam para Cachoeira, essa cidade em que mesmo as lembranças mais amargas têm gosto de arroz doce com canela em pó. (Publicada originalmente em Zero Hora de 13/9/1999) p.2

23/9/1999 Eduardo Florence. Dias melhores virão, Quem viver, verá. Alguma coisa boa deverá acontecer; descontando possíveis chuvas de fins de tarde, pois quando se reúnem em livros e em praças, pessoas com razão, memória e sentimento, uma certeza existe - dias melhores virão! Isto é tão previsível como a definição de felicidade, do verso de Keats, que a Bete Costa lembrou no livro. Tão certo, como a nossa exigência ao Tupinambá para fazer renascer o Corvo do Edgar Allan Poe, que um dia voou no colégio. A fênix ressurgindo das cinzas, como todos necessitamos pra Cachoeira e para o nosso futuro. p.2

6/11/1999 Cultura no Paredão, Uma boa idéia do vereador Nei Alves de Sena, do PT, está chegando à mesa do governador Olívio Dutra esta semana, transformar a área portuária, pronta há dois anos e ainda sem utilização, em um grande centro de lazer e cultura, aproveitando recursos internacionais que podem ser obtidos via secretarias estaduais de Turismo, Cultura, Agricultura, Indústria e Comércio e outros setores governamentais. O projeto transformaria a Charqueada do Paredão em uma espécie de Usina do Gasômetro, de Porto Alegre. A idéia é a ponta do iceberg. Há estudos para explorar turisticamente o Rio Jacuí, aproveitando a plataforma para esportes náuticos. Como o projeto visa também resgatar os prédios históricos da Charqueada, o Jornal do Povo retoma o passado para apresentar a história do Paredão para seus leitores. p.1

23/3/2000 Eduardo Florence. Asfalto na paisagem, Na primeira crônica que escrevi para o JP lembrei que o ato de escrever sobre Cachoeira seria usar os olhos, os sentimentos e a memória sobre Cachoeira seria usar os olhos, os sentimentos e a memória sobre a paisagem urbana. Discorri da força do João Neves sobre a vida dos três cronistas e da identidade de caminhar pela Ramiro Barcelos em direção ao colégio. Imutável paisagem: cresci, fui embora estudar, voltei e a cidade parada no tempo e no espaço com o calçamento terminando depois do Estádio Joaquim Vidal. A terra na subida para os bairros Barcelos e Carvalho e o barro na época de chuvas pareciam eternos. Nada se encaminhava para o leste, apenas fugíamos do rio nesta desigualdade e irregularidade, em que as ruas de Cachoeira não conseguem ser traçadas com nenhuma razão geométrica. As ruas dos anos 20 e

40 obedecem civilidade. São a 7, a Moron e a Saldanha. As ruas da zona norte são um verdadeiro labirinto de incrogruências. Sempre gostei da visão da Rua 7, feita a partir da Praça Honorato, nos sábados de manhã. A rua adquire um aspecto de cidade grande, de imponência e está praticamente inalterável nos últimos anos. Nada se construiu nela que modifique o seu contorno e sua visão. Ontem eu vinha do hospital, descí pela 15 e dobrei na Ramiro Barcelos. Levei um susto: asfalto onde durante décadas nada mudou na paisagem e no ir e vir das pessoas. Pensei que talvez, naquele momento, estivesse sendo antecipada a história e decida a próxima eleição. Não existe legislação obrigando a construção de calçadas niveladas em ruas pavimentadas? p.2

15/1/2000 Bom dia leitor. A rota e o Rota 21, p.2 e 11/4/2000 Bom dia, leitor!, Cachoeira precisa urgentemente traçar uma rota com objetivos que pretende atingir durante a próxima década. Precisa crescer. Para tanto, os empresários vão começar uma busca por idéias que deverá culminar no próximo dia 1º de julho com a apresentação do documento final rota 21, um planejamento estratégico a ser seguido, com conquistas planejadas e movimentos planejados, uma forma mais científica de conduzir as tradicionais mobilizações comunitárias de Cachoeira do Sul. Será uma espécie de teste de voluntariedade dos líderes setoriais da cidade, pois todo o trabalho será gracioso, pensando no futuro de Cachoeira do Sul. O texto de abertura do projeto relembra Shakespeare, quando Ricardo III, perdido em um campo de batalha, gritava: "Meu reino por um cavalo", abrindo mão de toda a riqueza e poder acumulado e troca de um modo prático para garantir sua sobrevivência. Com o Rota 21 o processo é parecido com o texto renascentista. Os cachoeirenses terão de decidir se querem ficar presos a esperanças do passado ou buscar novas soluções. p.2

11/4/2000 Cachoeira dá hoje passo decisivo para o futuro, Cachoeira do Sul dá hoje um seguro passo rumo ao desenvolvimento no século 21 ao firmar o engajamento comunitário ao Rota 21, projeto que vai estabelecer uma agenda de urgências para as futuras mobilizações da cidade e encaminhar a instalação na cidade de uma agência de desenvolvimento. Logo mais à noite, a partir das 20h, na Sociedade Rio Branco, a comunidade irá tomar conhecimento do que foi feito na primeira etapa do Rota 21, quando o trabalho foi realizado por comissões temáticas formadas anda em pleno verão. Acesso: Os convites ao jantar ainda podem ser adquiridos na recepção do Jornal do Povo, nas Secretarias da Cacisc, CDL e Sindilojas ou na hora do evento ao preço de R\$ 10,00. "Esperamos que a sociedade nos prestigie hoje e passe, a partir da segunda fase, a colaborar com suas idéias para o aperfeiçoamento do projeto", ressalta Tonet. Ele é quem vem coordenando as ações das coordenadorias e terá a apresentação do Rota 21 com as suas justificativas e objetivos. As cinco coordenadorias terminaram a sua parte com a elaboração de quase 50 propostas para o município e já estão com reuniões agendadas abertas à participação da comunidade. p.1

12/4/2000 Suplemento Especial Rota 21, As pessoas que já estão trabalhando no Rota 21. Coordenadoria de Motivação e Imagem: Rosinha Cunha, Augusto de Lima, Sheila Boustany e Eládio Vieira da Cunha. Coordenadoria de Economia: Homero Tatsch, Paulo Sanmartin, Antônio Trevisan. Coordenadoria de Infra-estrutura: Fábio Figueiredo, Cláudio Petrucci, George Schreiner e Glênio Altenbernd. Coordenadoria de Política: Hilton De Franceschi. Coordenadoria de Saúde e Educação: Erli Calvet, Marta Caminha, Gilvan Dockhorn, Angela Schuh, Nelson Schirmer, Samir Boustany, Lya Wilhelm, Rosita Bulsing e Milton Kelling. p.4

19/4/2000 Paulo Sanmartin. Empresas, Revendo minhas anotações e recortes antigos de jornais, deparei com a lista "Os 100 maiores empregadores de Cachoeira do Sul", publicada pela Jornal do Povo em 20 de maio de 1993, há sete anos, portanto. A lista é encabeçada pela Prefeitura, com 2.142 funcionários, e encerra com quatro empresas, com nove empregados cada uma. Nota-se que muitas empresas, principalmente as grandes e genuinamente cachoeirenses, ou já encerraram suas atividades por falência ou enfrentam concordatas e situações de risco de não sobreviverem. Diversas outras reduziram seus quadros funcionais. Algumas, bem poucas, cresceram. Algumas outras terão surgido e hoje poderiam fazer parte da lista, mas com certeza são em número e importância bem menor. p.2

24/6/2000 Paineis. Missão cumprida, Há oito anos, a palavra cultura equivalia a palavra circo em Cachoeira do Sul. circo é aquela coisa que vem de vez em quando, diverte uns, faz alguma agitação e vai embora. O "Doutor Cultura" e seus companheiros mudaram isto. Ou melhor, estão mudando. Com o médico Carlos Eduardo Florence na presidência da Associação dos Amigos da Cultura de Cachoeira do Sul a cidade passou a conviver com ela. Os eventos culturais perderam boa parte da pompa e circunstância que os afastavam da população. De repente, tinha música de qualidade aos domingos, a preços populares. Houve condições para que teimosos trouxessem peças de teatro. Eles conseguiram até uma sede definitiva para ela, a Casa de Cultura Paulo Salzano Vieira da Cunha, inaugurada no ano passado. Que o novo presidente da Amicus, Chulipa Möller, tenha a mesma persistência. p.4

13/7/2000 Eduardo Florence. O dia em que Érico Veríssimo visitou Cachoeira, O dia em que Érico Veríssimo esteve em Cachoeira, poderíamos dizer que tínhamos algumas certezas sobre a nossa importância no estado do Rio Grande e estas, infelizmente, se perderam com o tempo, apenas não entendo bem como o porquê. p.2

15/7/2000 Bom dia, leitor! Volta ao passado, Resgatar para o momento de hoje as imagens registradas há 100

anos foi uma das melhores experiências dos últimos tempos para os repórteres fotográficos do Jornal do Povo, em especial Giuliano Fernandes, a que coube a tarefa de estar no mesmo local, décadas depois, onde estiveram os grandes retratistas da virada do século em Cachoeira do Sul. As imagens antigas, que o leitor poderá conferir em suplemento circulante nesta edição, vão revelar nuances urbanas que nem fazem mais parte da paisagem de Cachoeira. O trabalho foi estimulado com as descobertas e surpresas de todos os instantes gravados através da lente, comparando cenários de Cachoeira do Sul com mais de 100 anos de evolução. A retomada das imagens foi realizada por vários ângulos para uma posterior seleção da melhor foto, já que a maioria das ruas e prédios mudaram completamente suas formas arquitetônicas. O grande objetivo, espera-se que tenha sido alcançado foi registrar a transformação do tempo. Como parte dos festejos dos 180 anos, que bom que este suplemento consiga do leitor emoções tão ternas como as causadas aos profissionais que executaram a tarefa. Boa leitura. p.2

21/7/2000 Crônica. Célia Maria Maciel. Maravilha, Voltava de Cachoeira de ônibus, num domingo chuvoso deste junho. O tempo não me deu chance para estar com quase ninguém, pensei. Através da janela, vi o campo encharcado. O verde brilhava de tão lavado. Algumas garças mais atrevidas encaravam a tarde de chuva. Fiquei encantada com a paisagem. Estava assim isenta de qualquer interferência. Não havia um disco voador pousado sobre a coxilha, a relva não era rocha, o gado não lambia sorvete. Não que causasse um estranhamento. Nada que me fizesse arregalar os olhos de susto ou espanto. Mas, por dentro, diante do silêncio, como eu estava espantada. Maravilha das maravilhas a minha terra natal. Às vezes, penso no fato de que ninguém me ensinou a gostar da terra, da cor e do cheiro da terra de Cachoeira. E dos campos escancarados para os horizontes. E dos caminhos desses campos, que, vistos assim de longe, acho que vão dar a lugar nenhum. Ser assim, sem hora marcada, porta sem chave, fontes, riachos, eucaliptos, do jeito que Mário Quintana diz, "conspirando de longe em longe", em total desobediência. Que tudo o que é certo é chato, e tudo que é chato dá tédio. A minha pátria é a cidade e o que está em volta e acima. É o rio tamanho do mar mais extenso. E os campos tamanho da dor mais intensa. No mapa do meu país, qualquer um pode ver tudo o que fiz em vão, que fazer, num instante, vira passado. Pode ver que todas as ruas desembocam no Jacuí. Ponto de fuga. Da minha, pois, é do rio que me vejo na estrada, em direção ao porto. Com os olhos abobalhados postos sobre os campos de arroz. Com as mãos levemente suadas e aflitas. Vejo que ela vai, sem nunca ter conseguido ir. É farsa ir desse jeito, pensando que espanta a garça escondida no peito. É falsa a idéia de querer ficar longe dos amigos, das praças e das crianças. Penso, assustada, que eu sou duas. A que vai, sob a chuva, e a inventada, que permanece. Uma feito plátano amarelecido, a outra, o clarão de um ipê florido. Cachoeira, às vezes, me deixa siderada. E transgrido o que queria que permanecer entre as cortinas, ou entre as páginas do livro que leio. p.2

7/10/2000 Segundo Caderno. A companhia da solidão, Um dos nomes mais importantes da literatura moderna do Rio Grande do Sul, o cachoeirense Liberato Vieira da Cunha, estará em Cachoeira do Sul neste sábado, lançando e autografando a obra "A companhia da solidão", às 18h, na Praça José Bonifácio, durante a XVI Feira do Livro. O escritor reuniu 60 crônicas entre as mais de 500 escritas ao longo dos últimos 10 anos na coletânea editada pela LePM. O autor revelou ontem, em entrevista ao Jornal do Povo, que considera esta a melhor de todas coletâneas de crônicas já produzidas por ele. O autor revelou que Cachoeira do Sul aparece com um papel importante no decorrer das 190 páginas do livro. Diversas dessas crônicas sobre a cidade foram publicadas no espaço diário de Liberato no Segundo Caderno do jornal de circulação estadual Zero Hora, "E, é claro, não falta a marca registrada de um estilo marcado por lirismo, humor, nostalgia, mais ou menos nessa ordem", completa ele. p.1

25/1/2001 Eduardo Florence. Manual para procurar responsabilidade, Se você é uma daquelas pessoas que ficam indignadas com o estado físico de nossas ruas e calçadas e consideram uma aventura surrealista ter que caminhar pela Rua 7, desviando de camelôs, cadeiras de sorveterias, árvores cortadas e cujo o tronco ainda apresenta uns 50 centímetros aflorando ao chão, buracos e a falta de lajotas, paralelepípedos empilhados nas esquinas e lixo acumulado nas esquinas, sem nenhum aviso de cuidado. Se além disto tudo, você nota a ausência da civilizada rampa de acesso para idosos e deficientes em cada esquina, em cada prédio público, ou então, quando passa por baixo da marquise do Coliseu, sente uma espécie de pânico, não te comova. Lute e faça tua voz se ouvir. Agora, se você cair nas ruas de Cachoeira, esqueça a vergonha e o azar. Te mantenha no chão, chame fotógrafo, anote o nome e o endereço de três testemunhas e só depois procure socorro médico. Guarde o boletim de atendimento. E depois um advogado, ou a assistência jurídica da Ulbra, e entre na justiça com a Prefeitura Municipal. Garanto que o bolo cresce e nunca mais nos culparemos por sermos azarados ou limitantes ou descuidados. Faça o mesmo se for com o teu carro. E por falar nisto, nas ruas de Cachoeira, depois que uma equipe da Corsan atua, a paisagem é de pós-bombardeio aéreo. p.2

8/2/2001 Eduardo Florence. Paisagem urbana. Houve um tempo que o verão em Cachoeira era compartilhado nas calçadas por vizinhos e cadeiras. Conversas na fresca da noite em que o assunto variava do Brizola ao escândalo municipal da vez. Incrível era que os homens chegavam ao trabalho e usavam pijamas e caminhavam pelas ruas com eles. A Globo nem imaginava existir e dormia-se de janelas abertas e o cheiro das casas e de nós próprios recendia ao vaporoso "boa noite". Comia-se picolés do Frísia e caminhava-se na Praça José Bonifácio,

quando ela ainda existia. A cidade era limpa e ainda vigorava na administração municipal um sentimento de varrer as ruas todas as manhãs, e nas pessoas, o de varrer as calçadas. A paisagem urbana obedecia planos diretores e regras mínimas de civilização. Cachoeira era bela e ajardinada, bem antes do amadorismo, mau-gosto e falta de planejamento urbanístico dominarem e transformá-la num lugar sofrível para viver. Tudo passa e não podemos querer viver eternamente no bucolismo do céu das cidades médias do interior. As soluções dos anos 60 não podem manter-se, mas deve-se preservar e acrescentar o belo à nossa paisagem. E, além de tudo, dignificar nossos caminhos, ruas e praças deve ser o mínimo que podemos esperar do lugar que escolhemos para viver. Todas as soluções urbanas efetivas e com beleza desta Cachoeira foram realizadas há muitos anos, depois disto o vazio é absoluto, e como já se disse, o resto é silêncio. Parece que no mar de mediocridade administrativa a gente se sente num naufrago. Chega de impávida mudez, tá na hora de brados retumbantes. E não queremos voltas às cadeiras nas calçadas nem no picolé do Frísia. Hoje, graças a Deus, temos a Kibon, ar-condicionado ou ventiladores. Mas a saudade é da praça que mataram, do despreparo que aceitamos e da paisagem urbana que destruíram. p.2

14/2/2001 Paulo Sanmartin. Êxodo de Cachoeira, Muito oportuna a reportagem do Jornal do Povo sobre os conterrâneos que deixam nossa terra nas últimas décadas em busca de trabalho, renda a realização profissional em outras paragens. Sem dúvida, o que Cachoeira mais tem exportado, infelizmente, são pessoas. E muitas vezes pessoas talentosas, que fazem falta à sua comunidade. É fácil comprovar isso, pois por onde tenho andado encontro cachoeirense, seja dentro, seja fora de nosso estado, e até mesmo fora do país. Lembro que certa vez, conversando com um grupo de brasileiros em Punta Del Leste, no Uruguai, uma moça identificou-se como minha conterrânea, apesar de estar morando em Caxias do Sul. Dia desses, em férias no Rio, tomávamos chimarrão na praia quando aproximou-se um vendedor ambulante de cerveja com seu isopor nas costas. p.2

II. Proprietários das primeiras casas de alvenaria no núcleo urbano de Cachoeira, no início do século XIX

Antônio Gomes Pereira, Benjamin Grearez, Cristiano Fioravante, Domingo José da Rosa, Francisca Laurinda da Cunha, Francisco Zenkner, Henrique Keil, Franklin da Silva Ferreira, Herminia Godoy Ilha, Jaques Bidone, João Nascimento da Silva, João T. Pohlmann, José Martins Beltrão Júnior, Juvêncio Inácio Soares, Max Lubke, Miguel Dias de Moura, Pedro Gasparly e Rita Joaquina de Alencastro.

Fonte: GUIDUGLI, Humberto Attilio. *Centenário de Cachoeira do Sul*, op.cit., 1959

III. Relação de compradores das terras da Quarta Colônia em 1880

Antônio Bandiera, Antônio Caprioli, Antônio Motter, Bortolo Marzutti, Bortolo Sichel, Constancio Pavanatto, Francisco Furlan, Francisco Wollmann Júnior, Henrique Ceschini, Henrique Lorenzatti, Jacob Tonello, Jacob Unfer Junior, João Arcari, João Fardin, João Luchese, João Pradella, João Sartori, Lourenço Caprioli, Moderat Biscaglia, Nicolau Furlan, Paschoal Zafanello, Patrício Unfer, Pedro Cimando, Pedro Negri, Poliferino Fuzer e Victorio Chiste.

Fonte: NEUMANN, Pedro Selvino. *O impacto da fragmentação e do formato das terras nos sistemas familiares de produção*. op.cit., 2003

IV. Relação das lavouras de arroz irrigado em 1911

Alberto Klatte, André Kochenborger, Arlindo Leal, Baptista, Oliveira & Cia., Barros & Filho, Benjamin Peixoto, Carlos Gehrke, Carlos Grahl, Carlos Karsburg, Carlos Pötter, Carlos Pötter & Filho, Carlos Raadatz, Danzmann & Lara, Dutra & Rocha, E. Mostardeiro, Eduardo Streck, Emilio Mückler, Ernesto Pertille, Fernando Borowsky, Fidelis Prates, Freytag & Cia., Germano Böck I, Germano Böck II, Germano Seehaber, Gustavo Bülow & Cia., H. Cesquini & Cia., H. Friedrich, J. Fortes & Cia., J. Weber & Filho, J.M. Carvalho Bernardes, Jacob Scheidt, João Hatschbach, João Sthal, Jorge Franke, José Maria de Almeida, Karsburg & Braatz, Leitão, Franke & Cia., Libindo Quoos, Loureiro & Cia., Luiz Finger, Luiz Köhler, Luiz Massierer, Manoel José de Moraes, Manoel José de Moraes, Max Lubke, Schaurich & Cia., Mostardeiro & Cia., Müller, Diefenbach & Wilhelm, Neves & Torres, Nunes & Preussler, Pedro Krüge, Pötter & Ferreira, Preussler & Pötter, Preussler & Schultz, Reinaldo Drews, Reys & Irmãos Moraes, Ricardo Müller, Roberto Danzmann, Silva & Gama, Stumpf & Rohde, Vargas & Lara, Vicente Pigatto, Virgílio Carvalho & Filho, Virgílio Carvalho & Irmão, Wollmann & Cia. e Xavier & Moura

Fonte: *Esboço de Geographia Agrícola e Industrial do Município de Cachoeira*, op.cit., 1911

V. Sobrenomes de lavoureiros, industriais, comerciantes e moradores de Cachoeira, da zona urbana, no centro e na zona alta, no final dos anos 20

Ache, Allagio, Alves, Bacchin, Barbosa, Barcelos, Bartmann, Barz, Batomé, Bauer, Beskow, Bidone, Böck, Bopp, Borowsky, Braatz, Braum, Breitmann, Breyer, Bülow, Burmeister, Calderaro, Camassetto, Carvalho da Fonseca, Castagnino, Cauduro, Cazarotto, Cesquini, Coelho Leal, Costa, Cruz Lima, Cunha, Cunha Carlos, Cury, Cutz, Danzmann, Dauzacher, De Franceschi, Decker, Dickow, Diefenbach, Drews, Eggers, Engel, Fabini, Falkenbach, Feldmann, Ferreira, Fialho, Figueiredo, Finger, Fischer, Flasch, Fontoura, Franke, Freytag, Friederich, Friedrich, Galiza, Gama de Bem, Gappmayer, Gaspary, Gazzaneo, Gehrke, Ghignatti, Goltz, Grahl, Gregory, Hatschbach, Hausen, Heinen, Homrich, Ilha, Jungbluth, Kämpf, Karsburg, Kern, Klatte, Kochenborger, Köhler, Krahe, Krieger, Kruge, Lara, Lauer, Lemos, Libonatti, Lima, Linn, Lisboa, Livi, Lopes, Lubke, Lucas, Luz de Carvalho, Massierer, Matte, Meneghello, Mernak, Minssen, Möller, Moraes, Motta, Moura, Mückler, Müller, Neves da Fontoura, Nogueira da Gama, Oliveira, Paschoal, Patta, Pereira da Silva, Pertille, Pertilli, Pigatto, Pohlmann, Port, Pötter, Preussler, Quambusch, Quoos, Raadatz, Ramos Chaves, Rangel, Ribeiro, Riccardi, Ritter, Rodrigues, Roesch, Rohde, Rosek, Rother, Rudolph, Sampaio, Santos, Saueressig, Scarparo, Schaurich, Scheidt, Schenkel, Schneider, Schott, Schroeder, Schultz, Schwab, Scopel, Seehaber, Seibel, Sesti, Simões, Skolaude, Smidt, Soares, Sperb, Sthal, Stracke, Strassburger, Streck, Stringhini, Stumpf, Tesch, Tischler, Traunföllner, Trommer, Valli, Valli, Vicco, Vieira, Weber, Werlang, Wiebbling, Wilhelm, Willig, Wolff, Wollmann, Zanetti e Zilberman.

Fonte: MÓR, João Carlos Alves. *A minha Cachoeira*. op.cit., 2001

VI. Relação nominal dos fundadores e presidentes do Clube Comercial, dos fundadores, das madrinhas no batismo dos barcos e tripulação do Grêmio Náutico Tamandaré

Fundadores do Clube Comercial: José Carlos Barbosa, Manoel Fialho de Vargas, Aracy Machado Alves, Nelson da Fonseca Vieira, José Gomes de Oliveira, Octacílio Ribas, Pedro Pinheiro, Mário Ilha, Waldemir Gama, Francisco Cintra, Jacinto Dias, Aldomiro Franco e João Minssen.

Presidentes do Clube Comercial, até 1945: José Carlos Barbosa, Aracy Machado Alves, Mário Godoy Ilha, Cyro da Cunha Carlos, Reinaldo Roesch, Ary Pillar Soares, Vicente Oscar Valli, Aristides Moreira, Pedro Emílio Breyer, Orlando da Cunha Carlos, Carlos Fonseca Ghignatti, João Santos, Rodrigo Martinez Filho e Fabrício Pillar Soares.

Fundadores do Grêmio Náutico Tamandaré: Adail Machado de Oliveira, Mário Ghignatti, Manoel Abreu, Decalssê Bastos, Mena Meirelles, Dante Machado de Oliveira, Rodolfo Gonçalves, Edgar Amaro, Jayme Porto e Sebastião Alario.

Madrinhas no batismo dos barcos, em 21/11/1937, do Grêmio Náutico Tamandaré: Ione Maria Becker (filha de Ivo Becker), Odyr Franco (filha de Aldomiro Franco) e Yone Roesch (filha de Reinaldo Roesch). Como madrinha do estandarte da associação, foi escolhida Irene Ilha (filha de Mário Ilha). A tripulação foi constituída por: Armindo Gerhardt, Sylvio Silva, Otelo Zinn, Victor Gremmich e Sigefredo Carvalho Ferreira.

Fonte: Jornal O Commercio, 9/7/1913 Festa Inaugural Italiana Príncipe Umberto. Diversas Notas, p.1, SCHUH, Ângela. CARLOS, Ione Sanmartin. *Cachoeira do Sul, Em busca de sua história*. op.cit., p. 155-173 e *100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996*, op.cit., 1996.

VII. Relação nominal de profissionais liberais cachoeirenses em 1940

Médicos: A. M. Albuquerque, Ângelo Carlos, Artur Decker, Emanuel Pedrosa, Ervin Wolfenbüttel, Erwin Hirtz, Guimarães Fernandes, Henrique Barros, Honorato de Souza Santos, Irineu Vasconcelos, J. Kovacs, José Félix Garcia, Milan Krás, Nelson Rocha, Rubem de Azevedo Costa e Menegotti, Sílvio Scopel e Tito Osório Torres.

Dentistas: Aluizio Becker, Carlos Noll, Carlos Pereira Krieger, Ernesto Matte, Ervino Leusin, Fernando Hügel, Guilherme Preuss, João Brandt, José M. de Fretas, Manoel Barcelos Gomes, Mário Barbosa, Pedro Paulo Fernandes Barbosa e Rodolfo Osvaldo Scheffel.

Parteiras: Ana Luiza Reichert, Alma Becke, Maria Basso e Verônica Preussler.

Engenheiros e construtores: A. A. Simões Pires Jr., Dahne, Conceição & Cia., Julio Rieth e R. Jagnow Filho.

Advogados: Antônio José Ribeiro da Silva, Ari Pilar Soares, Aristides Moreira, David Barcelos Neto, Fabrício Pilar Soares, Glicério Alves Vespasiano Pinheiro, Jaime Machado, José Lobato Figueiró, Mario Godoi Iha, Orlando Carlos, S. German e Sílvio Dutra de Albuquerque,

Fonte: PORTELA, Vitorino. PORTELA, Manoel de Carvalho. *Cachoeira Histórica e Informativa*. op.cit., 1940, p.152 e 266-274.

VIII. Relação nominal dos doadores para a construção da igreja São José, em 1915

Alvaro Xavier da Cunha, Ambrosino Cidade, Ambrosino Porto Monteiro, Anathaniel Gomes Lisboa, Antonio Manoel de Lima, Arnaldo Fischer Sobrinho, Arnaldo Tischler, Avelino Cavalheiro, Clarinda Dias Lopes, Clotilde Fonseca, Cyro C. Carlos, Dinarte Magalhães, Dioclecio Benvenuti, Emilio Pohlmann, Francisco Bifano, Francisco R. Pereira, Gasparina Oliveira de Loreto, Graciolina Alves, Hermínia F Porto, Iracema Lara, Irtília Vieira, João Antônio Möller, João Correia, João L Pinheiro, Joaquim F. Siqueira, José Herbstrith, José Oliveira, Julio Lindner, Juvenal Simões, Leopoldina Herbstrith, Leopoldo Souza, Luiza Nouals Machado, Manoel Prates, Marciano Bonifácio e Silva, Marfizia Amelia Pinheiro, Maria Aldina de Azambuja Figueiró, Maria Antonieta G.de Castro, Maria Arminda Motta Barreto, Maria Barreto Costa, Maria Candida Fialho de Castro, Maria Gabriela Barreto, Maria Piedade Leão, Miguel Ribeiro Freire, Miloca Albino, Octavio Simões, Orico B. Benvenuti, Otília Almeida, Pedro Cunha, Pedro Gaspar, Pedro P. Fortes, Perminia Barreto, Roberto Danzmann, Roberto Pohlmann e Thereza Araújo.

Fonte: Jornal O Comércio, 17/2/1915 Offertas para a Capella de São José, p.3 e 5/5/1915 Capella de São José, p.3

IX. Relação nominal dos doadores para reformas na igreja São José, entre 1938 e 1941

Nas reformas subseqüentes, constam: Acelino Marques Cunda, Achylles Figueiredo, Adalberto Sacarello Ferreira, Adelina Lindmeyer Barreto, Afonso Doebber, Albina Fontoura, Alvarino Cunha, Amalia B. Rosa, Antero Sarmiento, Antonio Bordignon, Antonio Cauduro, Antonio Larger, Aracy Alves, Arthur Moreira, Belizarda Jardim, Berta de Abreu Lima, Celina Gonçalves, Charbel Kemmel, Dinah Néri, Donatila Ilha Martins, Eduardina Quites Camboim, Einaldo Ernino, Eugenio Simões, Feliciano da Rosa, Fernando Nunes de Souza, Fioravanti Trevisan, Frontino Cunha, Georgina Antunes, Guilhermina Becker, Henrique Müller de Barros, Herminia Vieira da Cunha, Ignacia Amelia Oliveira, Ilza Lehmann Vasconcellos, Imerio Ceratti, Isoar Moreira, Jacob Casarotto, João Dinarte dos Santos, João Fontanari, João Francisco da Silveira Santos, João Thomaz Scott, José Curi, José Garibaldi E. Simões, José Trajano da Rosa, Julia Pessolano Pereira, Juvencio Soares, Lourival Andrade Leite, Luiz Botari, Luiz Scortegagna, Mafalda Cunha Schneider, Maria Isaltina Rebello, Maria Leonor Souza, Maria Pereira, Mathias Velho, Miloca Tischler, Notaridia Felix Salzano, Odemira Oliveira da Fontoura, Odino Bachin & Cia., Olimpia Borges Costa, Pedro Paulo Fernandes Barbosa, Prenda Freitas Araújo, Querida Pereira, Rosa Fogliatto, Ruth Py Bello, Salvador Figueiredo de Brum, Severino Fuentefria, Silvia Gama de Bem, Sinhá Herbstrith, Thereza da Rosa Springler, Virginia Cunha, Virginia Py Sarmiento e Waldemar Cunha.

Fonte: Jornal O Comercio, 17/8/1938 Ampliação e Reforma da Igreja de São José, p.1, 21/2/1940 Ampliação e Reforma da Igreja de São José, p.4, 6/4/1938 Igreja de São José, p.2, 28/2/1940 Igreja de São José, p.4, 27/3/1940 Obras da Igreja de São José, p.3, 6/3/1940 Pró-ampliação e reforma da Igreja de São José, p.1, 24/4/1940 Pró-ampliação e reforma de um templo, p.1, 8/5/1940 Mais contribuições em prol da Igreja de São José, p.1, 15/5/1940 Igreja de São José, p.1, 5/6/1940 Pró obras da Igreja de São José, p.2, 26/6/1940 Em prol do levantamento da Cumieira da Igreja de São José, p.1, 24/7/1940 Legionários de São José, p.1, 31/7/1940 Em prol da Igreja de São José, p.1, 14/8/1940 Para melhoramentos da Igreja de São José, p.2, 4/9/1940 Legionários de São José, p.2, 18/9/1940 Legionários de São José, p.1, 5/2/1941 Remodelação e ampliação da Igreja São José, p.1, 9/7/1941 Igreja de São José, p.2, 23/7/1941 Imagem de São José, p.1, 12/11/1941 Igreja de São José, p.3. Dados da exposição “Fundação da Capela de São José”, Arquivo Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

X. Relação nominal dos doadores do púlpito para a igreja de Santo Antonio, em 1940

De 100\$000 réis: Antonio Cauduro, Antonio Penna, Attilio Mainieri, Catharina Polito, Firma Trevisan, Henrique Comassetto, Irmãos Franceschi, João Fontanari, Maria Libonatti, Maximiliano De Franceschi, Nicolau Alaggio, Pedro Paulo Penna e Rosa Maria Calderaro,

De 50\$000 réis: Augusto Rosa, Ignez Bonugli, Nicolau Salzano, Odino Bachin & Cia. e Raphael Dini,

De 30\$000 réis: Aristides Germani Filhos e Marietta Ceschini;

De 20\$000 réis: Caetano Vidal, Darcy Paschoal, José Salerno, Lilha P. Pezzi, Maria Caronello Alaggio, Pasqual Gazzaneo, Santa Costa, Thereza Sorio, Vicentina Sorio e Vva. Raphael Cetrato;

De 10\$000 réis: A Alaggio, Braz Patta, Aldo Penna, Arthur Meneghello, Catharina De Franceschi, Dorvalino Fontanari, Etelvina Biffano, Herminia Carro Thomaz, Imerio Ceratti, Irine Livi, Alvarino Paschoal, Lia Livi Ilha, Luiza Alaggio Albuquerque, Marrone, Luiz Casarotto, Miguel Faccin, Norberto Penna, Pedro Stringuini, Raphael Naro, Theodoro Piccoli e Vva. Assumpta Guidugli,

De 5\$000 réis: Adelia Costa Serafim Riccardi, Albino De Santio, Amelio Riccardi, Angela M. Riccardi, Angelino Riccardi, Caetano Patta, Celeste Cantarelli, E. Gabriel, Elvira Pedreschi Elesbão, Ferrucio Livi, Hugo Stringuini, Ida Livi, João Darrol, José Bonugli, Aveno, Maria Fogliatto, Pedro Bordignon, Raul Comassetto e

Rosa Fogliatto;

De 2\$000 réis: José Ferrarri e Luiz Casarotto Sobrinho;

Fonte: Jornal O Commercio, 10/4/1940, Púlpito à Igreja de Santo Antonio, p.3. Dados da exposição “Fundação da Capela de São José”, Arquivo Histórico Municipal de Cachoeira do Sul.

XI. Relação nominal dos doadores para a construção da capela de Santa Terezinha, na vila Barcelos, em 1940

Aracy Alves, Aristides Moreira, Diamantino Carvalho, Herbert Port, Leão Silveira, Nicolau Allaggio, Odemira Fontoura, Sinhá Herbstrith e Theobaldo Bumeister.

Fonte: JP 10/7/1940 Capella de Santa Therezinha, p.1, 10/7/1940 Balancete da receita e despesa das obras de construção da Capella de Santa Theresinha na Villa Barcellos. Doações, p.2, Jornal O Commercio, 11/9/1940 Capella de Sta. Therezinha, p.4, 18/9/1940 Capella de S. Therezinha, p.1 e 16/10/1940 Capella de Santa Therezinha, p.4

XII. Relação nominal das eleitoras de Cachoeira, cartório eleitoral da 9ª zona, em 1933, com número do título

3420 - Rosa Grigoletto Trevisan, 3421 - Laurinda Ilha Diaz, 3424 - Vicencia Pedroso Pinheiro, 3425 - Maria Antônia C. Bernardes, 3427 - Margarida Gomes Bastos, 3432 - Luiza G. Schaurich Wilhelm, 3433 - Albina Gomes de Lima, 3435 - Izaltina Souza Oliveira, 3437 - Natale Olindo Unfer, 3440 - Lidia Fontoura Teixeira, 3442 - Lucy Tromer Krieger, 3443 - Rosa Barbosa Cavalheiro, 3444 - Fancisca de A. Lau, 3446 - Heloisa Rosa Cavalheiro, 3447 - Maria C. Campos Bastos, 3448 - Dora Moura Martins, 3453 - Herminia Porto da Fontoura, 3455 - Ranchel Pivetta Cantarelli, 3465 - Liticia Mozer, 3481 - Angela Bernardes, 3482 - Ana Maria D'anunciação, 3483 - Clementina P. Brandes, 3484 - Clarinda D'Araujo Porto, 3485 - Ema Camilo, 3482 - Luiza R. Werberich Ehle, 3493 - Luiza Stilla, 3514 - Natalia Simões de Bem, 3517 - Clarinda dos Santos Silva, 3526 - Carolina Ferreira da Cunha, 3528 - Ana Filomena Friedrich, 3530 - Selma Elise Knack Rother, 3536 - Dora Carvalho de Abreu, 3540 - Virginia de Lima Beresford, 3541 - Zilda dos Santos Celestino, 3544 - Judith dos Santos Gonçalves, 3554 - Octacilia Moura Voigt, 3555 - Geniy C. Pagano, 3556 - Elisabetha M. Tonelotto, 3557 - Antonia Thomaz da Silva Card., 3558 - Verginia da Silva Garcia, 3562 - Pulciana Felix Vieira, 3569 - Luiza Roos Teixeira, 3571 - Ottilia Zinn Fischer, 3572 - Ozelina Pertile Bopp, 3573 - Olinda Fontoura Motta, 3580 - Mercedes Carvalho de A. Leitão, 3587 - Maria de Araújo Santos, 3599 - Genezia Fernandes Corrêa, 3601 - Belmira L. Fontoura, 3603 - Mercedes Neves de Oliveira, 3604 - Julieta Carvalho, 3608 - Josepha dos Santos, 3511 - Maria da C.C. Luchese, 3612 - Heloisa Leal Gama de Bem, 3614 - Gabriella Xavier da Fontoura, 3625 - Nina Xavier Gaspary, 3639 - Olga Fontoura Motta, 3650 - Marietta Viela Santos, 3653 - Maria José S. Neves, 3660 - Helenita D'ávila Mahfuz, 3662 - Hermas Gonçalves, 3663 - Laura B. N. Fontoura, 3668 - Juventina Baptista, 3670 - Erna Maria Schultz, 3675 - Maria Carvalho e 3679 - Inocencia Fontoura Borges

Fonte: JP 30/3/1933 Edital de qualificação. Cartório eleitoral da 9ª zona, Cachoeira, p.3

XIII. Adeptos do tênis nos anos 1920-40

Carlos Noll, Danilo Wilhelm, Dolly Tesch, Edwino Rohde, Edwino Schneider, Elfriede Würdemann, Emílio Barz, Ernesto Petersen, Ernesto Strohschoen, Helma Zimmer, Hermínia Simon Muller (Nenê Muller), Júlio Petersen, Júlio Simon, Konrad Zimmer, Luiza Muller, Luiza Petersen, Lycério Ilha, Omar Bergmann, Osmar Tesch, Reinaldo Treptow e Rudolph Homrich.

Fonte: *100 anos de Concórdia: a história da Sociedade Rio Branco, 1896-1996*, op.cit., 1996, p.96-102